

DINASTIA DO GELO



AUTORA BEST SELLER DO NEW YORK TIMES

KRISTEN ASHLEY

Dea
editora



BEM-VINDOS À

FantasyLand

Copyright © KRISTEN ASHLEY
Copyright © 3DEA EDITORA

Título Original: Wildest Dreams
Fantasyland Novel
Book One

Publicado no Brasil pela 3DEA EDITORA

Edição: Patrícia K. Azevedo

Assist. Desenvolvimento: Jhenifer Barroca

Tradutor: Ana S. Oliveira

Revisor: Ana E. Soares

Copidesque: Bookmarks Serviços Editoriais

Adaptação da Capa Brasil: Murillo Magalhães – Fênix Produções Editoriais

Diagramação: Cris Spezzaferro

Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações sem o consentimento prévio por escrito da autora, exceto quando este estiver permitido por lei.

Os personagens e eventos descritos neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência e não proposital pela autora.

Todos os direitos estão reservados à 3DEA Editora.

www.3deaeditora.com.br
contato@3deaeditora.com.br

KRISTEN ASHLEY

DINASTIA DO GELO

Série Fantasyland
Livro I

The logo for Dea Editora features a stylized 'D' in a dark teal color, containing a red number '3'. To the right of the 'D' is the word 'ea' in a dark teal, cursive-style font. Below this, the word 'editora' is written in a small, dark teal, sans-serif font.
e d i t o r a

Sumário

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesesseis](#)

[Capítulo Dezesesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

Capítulo 01

O Amor é Tudo

— Tem certeza? — Valentine perguntou com a voz macia, gutural e aquele sotaque acentuado e cantado de Nova Orleans

Assenti. Eu tinha certeza. Droga, sim, eu tinha certeza. *Mal* podia esperar.

— Finnie — minha amiga, Claudia, sussurrou ao meu lado, e olhei de Valentine para Claudia, vendo-a pálida e assustada.

— Isso é loucura — ela prosseguiu, elaborando. — Mais louco do que quando você saltou de bungee jump, ou de um avião. Muito mais louco do que quando nadou com tubarões ou até mesmo...

Eu a interrompi, dizendo através de um sorriso:

— Eu não nadei com tubarões, eles só apareceram na festa.

Claudia me fulminou com o olhar.

— Você sabe o que eu quero dizer. E brincar de caça ao tesouro com aquele cara que se achava o Indiana Jones desta geração, mas que, vou te lembrar — ela se inclinou em minha direção — *não era*. E daquela vez que você quase foi pisoteada por elefantes quando estava no safari.

Olhei para Valentine.

— Aquilo foi uma infelicidade. E não foi culpa minha, não importa o que qualquer um diga.

Valentine fechou um pouco os olhos, como um gato que se aconchega para dormir. Sério, essa vadia era legal.

— Finnie! — Claudia exclamou, então olhei para minha amiga.

— Eu entendo, querida. Você acha que sou louca.

— Você é louca se... — Ela se inclinou para a frente mais uma vez, seus olhos dispararam com mais do que uma óbvia desconfiança para

Valentine antes de voltar a olhar para mim — Acha que está indo para um *universo paralelo*.

— Posso te assegurar, — Valentine falou suavemente — que ela *vai*.

Olhei para Valentine. Seu cabelo era escuro, um tom de castanho avermelhado, brilhante e verdadeiro, tanto quanto eu podia dizer. Sua pele parecia de porcelana. O corpo era longilíneo e muito magro. Dizia que era totalmente descendente de crioulos. Em outras palavras, os antepassados *dela* já estavam lá antes dos *nossos* (eram europeus e quando ela nos explicou isso durante nosso primeiro encontro alguns dias atrás, obviamente depois de nos correspondermos durante meses até nos conhecermos, foi *ela* que deu ênfase a essa questão). Ela tinha uma casa incrível no Bairro Francês. Ostentava classe, desde o cabelo perfeitamente penteado até os sapatos Jimmy Choo arrasadores. Exalava dinheiro, até mais do que *eu*, que já tinha muito.

Descobri, casualmente através de diversas fontes confiáveis, que era uma bruxa extremamente poderosa.

— Tudo bem — Claudia afirmou. —, digamos que você vá fazer isso. Digamos que você mande a Finnie para lá...

— O nome dela é Seoafin — Valentine a interrompeu com altivez, seus olhos verdes se voltando de forma elegante para mim. —, o que é muito mais elegante que... — Seus lábios se curvaram para baixo e uma narina tremeu delicadamente. — Finnie.

Achei que a narina tremendo foi um bom toque.

— Bem, *eu* e todos os amigos que a conhecem, a amam e não querem vê-la sendo enganada por alguém como *você*, a chamam de *Finnie* — Claudia rebateu.

Valentine forçou o olhar para Claudia (deixando claro que estava fazendo aquilo) e só disse uma coisa, totalmente fria, deixando transparecer um significado que a palavra, em si, não tinha, mas não podia ser descartado.

— *Certamente*. — Então olhou para mim e suas feições se enterneceram *de leve*. — Sjöfn é a deusa do amor. E o amor. — De repente, suas pálpebras tremeram com um ar sonhador. — *Amor*. — Suspirou e, em seguida, se concentrou em mim com uma intensidade esquisita, o que fez com que eu me encolhesse um pouco. — Amor é *tudo*.

Certo, essa vadia tinha estilo e classe, mas era *pirada*.

— Tudo bem — sussurrei.

— Ah, meu Deus! — Claudia exclamou. — Isso é loucura!

Os olhos de Valentine focaram em Claudia e ela lhe lançou um olhar afiado.

— Isso está longe de ser loucura. Magia é completamente *natural*. Não tem nada de *louco*. E vou te lembrar do que já disse várias vezes: isso não é algo que eu faria normalmente. É porque gosto da sua amiga, a admiro... — Seus olhos verdes pousaram em Claudia, sentada na cadeira. — apesar das escolhas dela com relação à amigos, para ser mais clara, e porque ela tem o nome de uma deusa, que é a deusa do amor, esse é o motivo pelo qual estou fazendo tudo isso. Ela deveria se sentir honrada.

— Eu me sinto muito honrada. — Assegurei a ela, e Valentine sorriu com bondade para mim.

— Sim, ela deve se sentir honrada — Claudia interrompeu, sarcástica. — *Finnie* está *te* dando um milhão de dólares, e *ela* deveria se sentir honrada. Certo.

Valentine fungou de forma delicada e tolerante, como qualquer vadia arrogante fazia quando o assunto dinheiro vinha à tona. Claudia parecia um cachorro com seu osso.

— Vamos dizer que você realmente consegue fazer essa bobagem. Para onde ela vai? O que vai fazer quando chegar lá? E você tem certeza de que pode trazê-la de volta?

— Ela vai para Lunwyn, um lindo país coberto de neve, bem no alto das Terras do Norte. Vai assumir o lugar de Seoafin, que vive lá e que, a propósito — Valentine olhou novamente para mim —, se soletra exatamente dessa forma — Virou-se mais uma vez para a Claudia. — e vai assumir a vida do seu outro eu. Vai ficar lá pelo tempo que combinamos, o que quer dizer um ano a partir de hoje, nesta hora, minuto e instante exatos. Depois disso, estará de volta nesse exato local. — Ela ergueu uma mão pálida e graciosa e apontou o dedo longo e fino com a unha muito pontuda, pintada de vermelho, para o tapete grosso que ficava no chão. — E então vou trocá-las de volta.

— Certo. — Claudia sussurrou, claramente pensando que Valentine era doida.

Agarrei sua mão e a puxei para mim.

— Querida, me escute. Valentine tem mantido contato com este, humm... outro eu. Ela aceitou e quer isso tanto quanto eu. Escrevi um relatório de vinte páginas sobre a minha vida e tudo o que ela precisa saber para tomar o meu lugar e ela terá você. — Apertei sua mão. — Ela vai me escrever sobre tudo que preciso saber a respeito da vida dela. Está tudo resolvido. Está tudo bem. Mas, se eu fizer isso, o que vou fazer, tem que ser logo. O portal está se fechando.

Claudia olhou nos meus olhos, e vi medo nos dela.

— Tudo bem, Finnie, entendo. Eu entendo. Há anos tenho entendido. Percebo o que você quer com isso. Entendo que seu pai e sua mãe...

Respirei fundo e minha coluna ficou ereta antes de exclamar:

— Não!

Ela apertou minha mão e continuou segurando.

— Eu não faria isso, mas você não está me deixando escolher. Está dando um milhão de dólares a esta mulher para algo... — ela balançou a cabeça — para o que quer que seja, e não tem ideia se vai funcionar, para

onde ela vai te mandar, se é que vai fazer, e o *que* vai acontecer quando você chegar lá.

Sorri e aponte o óbvio:

— Esse é o desafio.

— É por isso que eu gosto dela. — Valentine murmurou discretamente.

Claudia a olhou com o canto dos olhos, cheia de rancor, como se quisesse dizer *cale a boca*, mas quando me olhou de volta, aquele sentimento havia desaparecido— Seus pais...

Tentei puxar minha mão, exclamando novamente:

— Não!

Ela segurou firme, se inclinou para chegar mais perto e não desistiu.

— Finnie, sua mãe e seu pai *morreram* por causa dessa sede de aventura. Uma sede que eles te passaram, e que você nunca sacia, apesar de todas as suas andanças e peripécias. E, querida, tenho medo de que você nunca vá saciá-la até encontrar o mesmo fim que os dois.

Soltei a mão e lancei um olhar duro para ela.

— Eles morreram felizes — falei.

— Finnie, eles morreram *jovens* — Claudia disse gentilmente.

— E *felizes* — retruquei.

Ela fechou os olhos com força e, em seguida, explodiu:

— *Deus!* — Abriu-os novamente e contestou. — Você não tem como saber disso.

— Ela não tem, mas eu, sim. — Valentine se intrometeu neste momento.

As feições de Claudia endureceram, e nós duas olhamos para ela. Valentine estava olhando para mim.

— Eles morreram felizes, você está certa. — Valentine declarou.

Meu coração se apertou, e Claudia murmurou:

— Maravilha! Agora ela se comunica com os mortos.

Valentine prosseguiu, ignorando Claudia completamente.

— Entretanto, você precisa saber que a felicidade é uma linha que tem vários graus. Existe o êxtase em uma extremidade e o contentamento na outra. Eles não estavam exultantes como eu diria que você acha que estavam. Estarem apaixonados, juntos e morrerem fazendo algo que gostavam, é a pura satisfação da emoção e entusiasmo percorrendo suas veias, a vida tão grande quanto podia ser dentro deles. Eles *eram* felizes, mas essa felicidade carregava um fardo. E esse fardo era *você*.

Inspirei de leve e ouvi Claudia fazer o mesmo.

— Eles ficaram tristes por te deixar. — Valentine disse, com calma.
— Muito tristes. E você precisa saber que não há garantia nenhuma no que vamos fazer esta noite. Você *assume* os riscos desta aventura. Não sei muita coisa sobre esse mundo. Sei que ele existe. Recebo comunicações de lá, mas com pouca frequência. Dito isto, embora seja interessante, *eu* tenho pouco interesse nele. Estas comunicações são um incômodo. Há muita coisa acontecendo no meu mundo e não consigo encontrar motivação para aprender sobre os dois. Também não sou vidente. Então não sei o que vai acontecer lá, o que você pode esperar, nem se estará segura ou em perigo. Sei que há outra de você, e ela que quer ficar aqui por um ano. E gostaria de preveni-la e fazê-la entender que os motivos dela podem não ser os mesmos que os seus.

— Isso é verdade, Finnie — Claudia sussurrou, segurando a minha mão de novo. — Pense sobre isso.

— Mas você pode me trazer de volta? — perguntei para Valentine e a mão de Claudia apertou a minha.

— Sim, Seoafin, eu posso te trazer de volta — ela respondeu.

— Com certeza você pode me trazer de volta — eu disse, e ela inclinou a cabeça em um gesto grandioso. — Então o que me importa o que a outra quer aqui? — perguntei.

— Enquanto estiver aqui, *ma chérie*, ela vai ser você. — Valentine respondeu com um aceno fluido da mão.

— E eu serei ela quando estiver lá, conforme o código de honra —
retruquei.

— Existem tantas ideias sobre o que é honra quanto pessoas,
minha deusa do amor. — Valentine me advertiu em voz baixa.

Humm. Isso não soou bem.

— Entretanto, lhe oferecerei outro serviço. — Ela desviou o olhar
momentaneamente para Claudia e depois de volta para mim. — *De graça*,
porque gosto de você. Ficarei de olho nesta Sjöfn. Se tiver quaisquer
preocupações, mandarei uma mensagem para você.

Sorri, animada.

— Está ótimo para mim.

Os lábios da Valentine se curvaram de leve nas extremidades.

— Ah, droga. — Claudia murmurou, mas Valentine a ignorou mais
uma vez e continuou.

— Você entende o que *expliquei* sobre aquele mundo? Que é
paralelo ao nosso e que a maior parte das pessoas daqui também estão
lá...

Eu a interrompi:

— Sim, entendi. — E entendi mesmo. Entendi *completamente*. Era
por isso que estava investindo mais de um milhão de dólares naquilo.

Ela me observou e, em seguida, disse baixinho:

— E você entende que aquelas pessoas se parecem e agem
conosco, mas não são... — seus olhos semicerraram um pouco. — *nós*.

Assenti.

— Entendi.

— Finnie — Claudia sussurrou, e eu me virei em sua direção.

— Vai ficar tudo bem, Claudia — assegurei à minha amiga.

— Certo. — Como de costume, Claudia parecia longe de estar
segura.

— Vai ficar — apertei a mão dela — *tudo bem*.

Claudia me observou. Deixei que ela o fizesse. Então sorri, ampla e animadamente. Seu olhar deslizou por todo meu rosto, os olhos se tornando calorosos enquanto o fazia. Em seguida balançou a cabeça e sussurrou:

— Vou dizer algo só para deixar registrado: te acho completamente maluca.

— Eu sei — sussurrei de volta, ainda sorrindo.

— Mas eu te amo, principalmente, porque você é doida — ela disse outra coisa que eu já sabia, e meu sorriso ficou ainda maior.

— *Mes petites filles*, isso é tocante, mas já não tínhamos muito tempo quando você chegou, e nossa janela de oportunidade para quando Sjöfn pode fazer essa troca está acabando rapidamente — Valentine advertiu.

— Isso é outra coisa que não entendo — Claudia murmurou.

— Bem, você terá que perguntar a ela quando estiver aqui, em cinco minutos — Valentine respondeu friamente.

Claudia olhou para ela. Valentine a encarou de volta, completamente imperturbável. Minha amiga Claudia então desistiu, olhou para mim e revirou os olhos. Sorri diante do gesto, mas queria seguir adiante. Estava pronta para a minha próxima aventura. Em seguida, olhei para Valentine e declarei:

— Valentine, estou pronta.

Ela olhou para mim.

E sorriu. Foi um sorriso verdadeiro. E então, sussurrou:

— Que adorável. Vamos começar então?

Capítulo 02

O Reino Encantado do Inverno

Não fechei os olhos. Não queria perder nada.

Mantive-os abertos enquanto permanecia sentada na cadeira elegante da graciosa sala de estar de Valentine. Lancei outro sorriso tranquilizador para Claudia e soprei um beijo para ela, depois me virei novamente para Valentine.

Ela estava sentada na minha frente, os olhos fechados, o rosto tão relaxado que parecia estar dormindo, mas seus lábios estavam curvados para cima como se tivesse achado algo vagamente divertido. Suas mãos estavam levantadas, as palmas para cima, os dedos, com as unhas pintadas de vermelho, apontando na direção do teto. Então elas começaram a emitir um brilho esverdeado — um lindo e vibrante tom de esmeralda.

Aquilo foi *incrível*.

Logo depois, a sala inteira foi tomada por aquele tom de verde e, lentamente, vi o cômodo começar a desaparecer. Poucos segundos se passaram enquanto as paredes cor de salmão da elegante sala de estar de Valentine, com as molduras e o teto brancos intrincados ficavam cada vez mais verdes e, em seguida, escureceram até que tudo desapareceu na escuridão. De repente, um azul claríssimo brilhou à minha volta, e eu estava de pé em um cômodo, olhando através de uma janela.

— Ah, meu Deus — inspirei enquanto olhava para o vidro coberto com cristais de gelo que brilhavam como diamantes —, funcionou.

Funcionou!

Abri um sorriso enorme.

Observei a janela, analisei a tranca, girei-a e empurrei as duas janelas para abri-las. Uma rajada de ar congelado me atingiu, mas não foi

isso que me fez perder o fôlego.

— Ah, meu Deus! — Inspirei novamente enquanto a cena diante de mim atingia meus olhos com uma beleza surpreendente.

Incrível. Inacreditável. Absolutamente *demais*. Qualquer que fosse a construção na qual eu estava, ela ficava em uma pequena subida. Eu estava no segundo andar e diante de mim estava a Terra da Fantasia Invernal. Um vilarejo ou, talvez, uma pequena cidade, se esparramava por toda parte, aninhada no que parecia ser um vale, talvez não muito longe, nem perto demais das montanhas cobertas de neve que interrompiam o azul escuro cintilante do céu noturno até onde a vista podia alcançar.

Minha cabeça se movia para os lados, enquanto eu absorvia tudo.

A maioria das construções que conseguia ver de perto tinham apenas um andar, cobertas de neve, brancas e limpas como marshmallow. Todas as chaminés tinham fumaça sendo jogada direto para o ar. O vidro das janelas repleto de cristais de gelo lançava um brilho reluzente de velas no chão coberto de neve. Havia gelo pendurado nos telhados, cintilando sob a claridade das tochas. As casas eram feitas de algum material escuro, talvez madeira na parte inferior, chegando até a parte de baixo das janelas e, em seguida, algum material de cor clara, com vigas escuras cruzadas entre si. Os prédios pareciam ter sido plantados na neve, o que havia em abundância — tanto que um pouco dela se acumulava nas laterais.

Absorvendo tudo, vi claramente que não havia um planejamento urbano. Os edifícios pareciam ter sido construídos em qualquer lugar, espalhados aqui e ali. Havia caminhos sinuosos entre eles, nitidamente bem utilizados, se as pegadas na neve fossem alguma indicação. Algumas eram estreitas e outras, mais amplas. Todas eram iluminadas nas laterais por tochas presas ao chão, o fogo protegido pelo ferro e a pequena chama tremeluzindo pela gaiola. Uma neve fraca estava caindo, e eu não tinha ideia de como elas ficavam acesas, mas ficavam.

Também havia barris enormes espalhados em vários locais, mas em menos quantidade que as tochas, que também continham fogo. Eles também iluminavam o espaço e havia pessoas de pé em volta de alguns deles, estendendo as mãos para as chamas e conversando. Mas não havia muita gente, duas em torno de um barril, três em torno de outro um pouco mais adiante.

De repente, vi um cavalo galopando e não pude deixar de sorrir encantada enquanto a capa do cavaleiro flutuava atrás dele, sua cabeça coberta por um chapéu de pele.

— Isso é *muito legal* — sussurrei quando ele entrou em um caminho sinuoso e virou em uma curva na pequena cidade ou vilarejo, desaparecendo atrás de um prédio.

— A troca deu certo? — Ouvi alguém perguntar.

Pulei, surpresa e me virei.

De pé perto de mim, vi uma mulher com cabelos grisalhos presos. Ela vestia um manto de lã volumoso cor de cereja com uma gola feita de pele preta.

Suas sobrancelhas estavam arqueadas. Seu rosto possuía marcas de expressão que a faziam parecer interessante e eram um testemunho do fato de que ela riu muito durante a vida. Os olhos azuis, um tanto desbotados, estavam atentos e ela estava me examinando.

— Funcionou — sussurrei e pulei novamente quando uma batida forte veio do outro lado do cômodo.

Virei meu corpo naquela direção para descobrir que era alguém batendo em uma porta.

— *Sjofn!* — uma mulher gritou do outro lado da porta, parecendo desesperada. — Abra a porta! Precisamos falar com você agora! Sua mãe está vindo.

Olhei para a porta.

Minha mãe estava vindo.

Não consegui impedir meu sorriso.

— Tranque-a novamente — a mulher que estava no quarto comigo, pediu com urgência. Olhei para ela e, em seguida, seus olhos estudaram de cima a baixo antes que ela sorrisse e sussurrasse: — Aproveite bastante o Drakkar. Acho que você vai gostar, e mais ainda, acho que *e/le* desfrutará bastante de você.

Pisquei para ela.

O quê?

— *Sjofn!* — outro chamado e mais uma batida forte. Meu corpo pulou novamente, e olhei para a porta quando a mulher do outro lado gritou: — *Por Favor!*

Senti uma lufada de ar e me virei novamente para ver que a mulher que estava no quarto comigo tinha ido embora. Olhei em volta rapidamente enquanto mais batidas e mais súplicas vinham da porta, mas estava chocada ao ver que não tinha companhia.

Aonde ela foi?

Me virei para a janela, olhei para fora e, lá embaixo, vi um manto na cor cereja pairando perto do edifício mais próximo, depois o perdi de vista.

Droga, a vaca tinha pulado.

Olhei para baixo, para o primeiro andar e ouvi a súplica:

— *Seeeeeooohaaahfin!*

— Merda — sussurrei.

Segurei as janelas, puxei-as e girei a tranca. Aquilo interrompeu a rajada de ar gelado, mas o frio ainda as atravessava, então puxei as cortinas pesadas, fechando-as e obtendo sucesso no meu intento, principalmente porque elas eram feitas de um veludo volumoso e espesso. Nada ultrapassava aquele tecido.

Mais batidas que agora eram mais como murros e não paravam. Então me virei para a caminhar rapidamente até a porta, mas parei diante do que vi.

Madeira escura e lustrada por todos os lugares. Piso de tábuas escuras coberto por peles, lã e tapetes grossos estampados. Uma lareira

enorme e a cornija imensa esculpida em pedra cor de creme. Mais entalhes profundos nas molduras de madeira. Os entalhes, tanto na cornija quanto na moldura eram formados por peras, maçãs e laranjas com folhas e galhos, e eram tão intrincadas que mesmo de relance, vi que eram pura perfeição. Podia até ver as ondulações das cascas das laranjas. Esse tipo de artesanato, nessa quantidade em um aposento enorme como aquele, devia ter necessitado de uma centena de artesãos e cem anos para ser feito.

Havia uma cama grande com dossel e cabeceira esculpidas com o mesmo motivo, coberta por uma colcha azul gelo que tinha o brilho da seda, um cobertor branco macio dobrado na parte inferior e seis almofadas fofas empilhadas de duas em duas na cabeceira: duas cinzas, duas brancas, duas azul gelo. As cortinas pesadas ao redor da cama também eram no mesmo tom de azul.

Havia mobília escura, intensamente esculpida em todos os lugares: duas mesinhas de cabeceira, uma cômoda grande, um guarda-roupa comprido e alto, um conjunto de mesa e cadeira, um espelho oval no comprimento da parede com o tema de peras, maçãs, laranjas, folhas e galhos na parte superior que descia para as laterais, uma pequena mesa com uma poltrona enorme e confortável ao lado na qual queria desesperadamente me enrolar usando aquele cobertor macio que estava em cima da cama. Parecia bem confortável.

Lamparinas com globo perolado, iluminadas não com eletricidade, mas com chamas tremeluzindo dentro delas, descansavam nas mesinhas de cabeceira, sobre a mesa, na mesinha ao lado da poltrona e nas paredes.

O quarto todo era realmente *incrível*. Muito legal. Inacreditavelmente legal. Já tinha visto muitas coisas na vida e tinha bastante dinheiro para gastar com decoração, mas nunca havia visto nada tão espetacular quanto *isto*.

— *Sjofn! Por Favor!* — outra chamada e mais batidas na porta, então me fiz voltar à realidade e vi um pedaço de papel dobrado sobre a cama.

Aquelo devia ser o meu bilhete.

Olhei para o papel e um segundo pensamento me mostrou que não parecia haver muita coisa lá.

Me encaminhei para ele enquanto podia jurar que as batidas na porta se tornaram chutes. Olhei naquela direção, mas peguei o relance de alguma coisa em minha visão periférica, minha cabeça virou e estaquei por completo.

Então, me endireitei.

Virei para me olhar no espelho.

Caminhei lentamente até ele, as batidas e as súplicas do outro lado da porta silenciadas enquanto olhava com profundo fascínio para o meu reflexo.

Quando me aproximei, estendi a mão para tocar a superfície fria apenas para me certificar de que era real. No momento em que meus dedos roçaram o vidro, mudei de direção, pousando a mão na minha barriga plana, sentindo-a.

Era real.

Eu era real e estava vestida *assim*.

— Uau! — murmurei.

Eu estava usando azul gelo também.

Um vestido azul gelo de veludo que tinha um brilho matador na camada de cima que parecia refletir as cores do arco-iris, assim como o brilho no topo de uma camada de neve recente. O decote era quadrado e tinha um bordado grosso entrelaçado por toda a borda, elevando meus seios, o que me fazia ostentar uma junção muito boa entre eles.

As mangas abraçavam meu braço do ombro ao pulso, uma ponta afiada do tecido bordado descia pela minha mão que enganchava ao redor do dedo médio. A parte superior do vestido delineava meu corpo

com perfeição. A saia era levemente rodada e quando a testei, dando um pulinho para trás, ela flutuou também. A roupa não tinha costura na cintura, fluindo leve e elegantemente do corpete até a barra e ali havia fios de prata ou — olhei mais de perto — não, fios de *platina* entremeados com águas-marinhas e diamantes que pendiam abaixo dos meus quadris. Uma corrente única e longa pendia, cintilando pelas dobras das saias, terminando na bainha com uma enorme e brilhante água-marinha.

Estava usando uma gargantilha que combinava com o cinto e os brincos que pendiam das minhas orelhas. Meu cabelo, loiro platinado, era uma massa de cachos longos e grossos que foram afastados da minha testa, mas, de alguma forma, caíam pelas costas, peito e ombros. Minhas bochechas estavam em um tom rosado, os lábios com um brilho cor de rosa, azul furta-cor sobre as pálpebras, delineado azul escuro nos olhos e um brilho branco perolado ao redor das têmporas. Havia o mesmo pó, um pouco menos opaco, aplicado no colo.

Mas o melhor de tudo — indiscutivelmente o melhor — era a coroa.

Sim, eu disse... *a coroa!*

Eu estava usando uma coroa na testa e, apesar de pesada, era confortável, pois algo macio, talvez peludo, protegia minha pele do metal. Parecia que pingentes de gelo se lançavam para cima e levemente para fora, encrostados com diamantes se intercalando com águas-marinhas brilhantes.

Aquilo era muito *maneiro*.

Levantei a saia pesada e vi um par de botas de camurça branca, de salto baixo, que iam até a parte de cima dos meus joelhos. Acima delas, meias calças justas de inverno que também eram brancas e pareciam — e também davam essa sensação — que eram feitas de cashmere.

Até que levantei mais ainda a saia e vi a calcinha de cetim branco imaculado com singelas rendas nas barras e sobre elas, ligas de cetim que se prendiam às meias. Também vi a parte inferior de um espartilho de

cetim sobre o meu umbigo e observei atentamente que não conseguia ver a pele acima dos quadris. Era uma lingerie *espetacular*.

— Isto... é... tão... *legal!* — sussurrei enquanto me encarava no espelho.

— *Seeoohaahfiiiiiiin!* — Ouvi o grito frenético.

Pulei com o susto, soltei a saia e olhei para a porta.

Então corri até a cama, peguei o papel, dobrei-o duas vezes para que ficasse menor e o enfiei no decote.

Corri para a porta e estava com a mão sobre a chave na fechadura quando parei abruptamente.

— Sjofn, abra essa porta *imediatamente* — uma voz feminina fria, imperiosa e *dolorosamente familiar* ordenou do outro lado da porta.

Fechei os olhos quando o entusiasmo se espalhou através de mim.

— Mãe — sussurrei.

Abri os olhos, sorri abertamente e destranquei a fechadura. Agora, *eu* estava frenética para abrir a porta, mas quando a puxei ela não se moveu. Olhei fixamente para ela e vi três placas grossas de madeira, uma em cima, uma embaixo e outra no meio, todas com travas de ferro mantendo a porta fechada.

Que estranho.

Empurrei todas para o lado e abri a porta.

Então congelei novamente, o sorriso desaparecendo do meu rosto ao ver o movimento brusco da minha mãe. Ela piscou e olhou para mim.

Fiquei encarando-a.

Ah, Deus! Ah, Deus! Ah, Deus!

Lá estava ela.

Minha mãe.

Olhando para a mulher à minha frente, pensei: *com absoluta e definitiva certeza aquilo valia um milhão de dólares. Totalmente.*

Eu a absorvi, ela inteira, e senti meu interior se aquecer.

Herdei os olhos azuis claros dela, e estava olhando bem dentro deles. Olhando para eles de novo, pela primeira vez em quinze anos.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas. Eu! Seoafin Wilde estava prestes a chorar.

Impossível!

Mas lá estava.

Eu era uma aberração da natureza. De quem havia herdado o cabelo incomum, eu não sabia. Os cabelos dos meus pais eram escuros e meu pai tinha olhos castanhos escuros. Os dois eram altos, magros e esguios. Eu tinha estatura média (um pouco mais baixa que isso se tivesse que admitir, embora não fosse baixinha) e era curvilínea.

E agora, de pé na minha frente, usando um vestido muito parecido com o meu, só que vermelho escuro com uma gola de pele marrom brilhante em volta do pescoço, o cabelo, ainda escuro (havia apenas alguns fios com um lindo tom prateado), puxado para cima, cachos e tranças presos por minúsculas presilhas de ouro no formato de borboletas espalhadas por toda a cabeça. Usava uma coroa feita de ouro com diamantes e rubis, assim como colar, de ouro com rubis em formato de gotas cobrindo a pele que o decote deixava exposta e longos brincos do mesmo material pendurados em suas orelhas, roçando de leve a pele ao redor do pescoço.

Ali estava a minha... mãe... *maravilhosa*.

— Mãe — sussurrei enquanto enxugava as lágrimas e, mesmo fazendo isso, vi seus olhos semicerrarem em sinal de aborrecimento sob as sobancelhas escuras, elegantes e arqueadas que se uniram.

— Não vou tolerar nem um pouco deste absurdo, Sjofn — retrucou com uma irritação fria. — Já devíamos ter saído há quinze minutos. O Drakkar está esperando, e todos sabem que ele é impaciente e, na verdade, não quer estar onde está neste mesmo instante.

Ela se virou, ergueu a mão para quatro jovens que estavam perto, todas com vestidos feitos de lã macia, nem de longe tão bonitos quanto os

nossos, todos em cores escuras: azul marinho, bordô, verde musgo e cinza escuro — para ser mais precisa. E todas estranhamente estavam me olhando com atenção. Não tive a chance de pensar sobre isso porque minha mãe sacudiu o pulso e, em seguida, começou a percorrer um amplo corredor com painéis de madeira esculpidos, preenchido com mais peças de mobília escura e reluzentes.

Ela continuou falando enquanto caminhava pelo corredor, parecendo que flutuava. Só que fazia isso *rapidamente*. Corri atrás dela, as meninas se apressando atrás de mim.

— Demorou algum tempo para o seu pai convencer o Drakkar disso, como você bem sabe. Se você lhe der um motivo, ele vai embora. Só podemos esperar que ainda não tenha montado em seu cavalo e partido. *Se isso acontecer*, o que vamos fazer?

Ela fez uma curva e desceu os degraus com passos ligeiros, e eu a segui.

— Eu devia saber que você ia tentar alguma coisa assim. Seu pai *sabia*. Ele me avisou. Se você irritar o Drakkar... — ela parou, seu tom era urgente, chegando ao fim da escada que tinha um corrimão com uma cena inteira de caça esculpida.

Também cheguei ao final das escadas para ver minha mãe se virar para mim com um farfalhar da saia pesada, outra mulher já estava ao lado dela jogando um manto de pele marrom escuro longo e brilhante sobre seu ombro.

— Bem! — ela falou. — Se você irritar o Drakkar, quem sabe o que vai acontecer com o reino?

— Humm... — comecei.

— Não vou tolerar isso! — respondeu bruscamente. Parecendo ter um sapo entalado na garganta, arrancou um par de luvas da mão de uma mulher que estava perto, e se virou novamente, deslizando com rapidez para a porta enquanto as colocava. — Para o trenó! — ordenou.

Trenó?

Senti algo pesado sendo colocado sobre os meus ombros e olhei para baixo.

As quatro meninas estavam me envolvendo em um manto de pele branco deslumbrante, e era tão longo que a bainha, que parecia ser feita de caudas de pele acinzentada, roçava o chão. Uma das garotas parou na minha frente e empurrou a gola, tão alta que cobria até os lóbulos das minhas orelhas, até meu pescoço. Hábil e rapidamente, fechou os botões que iam desde o queixo até um pouco abaixo dos meus seios enquanto duas meninas de cada lado abriram algumas fendas no casaco e puxaram minhas mãos. Em seguida, enfiaram um par de luvas de inverno, forradas com uma pele macia, que parecia de coelho brancas sobre elas.

Então, começaram a me empurrar até a porta.

— Sjöfn — uma delas cochichou para mim enquanto caminhávamos —, se é você ou não, devo lhe dizer que os seus pertences foram embalados e colocados no seu trenó. Fizemos o melhor que podíamos. — Ela me parou por um momento, me olhou com o que pareceu ser tristeza, mas também um olhar penetrante e, em seguida, sussurrou: — Se você é a nossa Sjöfn, ou não, mas, principalmente se for a nossa, por favor, pelo menos *tente* ser feliz. E se não for, lhes desejamos toda a sorte em sua aventura.

Pisquei para ela e abri a boca para fazer uma pergunta, mas ela me empurrou porta afora, para o ar congelante. Vi um trenó vermelho escuro com um brasão pintado nas laterais e ornamentos em arabescos. Havia dois cavalos pretos na frente. Minha mãe estava sentada na parte de trás, recostada em um assento alto, feito em botonê coberto pelo que parecia ser camurça preta, e um homem com casaco e chapéu de pele estava sentado em um assento elevado na frente dela.

Antes que eu percebesse, alguém estava me apressando para descer os degraus da casa e a subir os do trenó. A pequena porta se fechou atrás de mim, e eu mal havia conseguido me orientar quando a

mão da minha mãe segurou a minha, me obrigou a sentar e atirou um cobertor de pele pesado sobre o nosso colo.

— Vá! — ela ordenou ao homem que guiava o trenó e, então, começamos a andar e não foi lentamente.

Olhei para ela, absorvendo seu amado perfil, segurando sua mão na minha e abrindo a boca para chamar seu nome quando ela puxou a mão e virou a cabeça para olhar para o lado.

— Atticus provavelmente deve estar lívido — ela observou. — Gostaria de ter dado um filho a ele.

Pisquei, olhando para sua nuca.

Humm... *uau*.

— Mãe — sussurrei.

— Quieta, Sjöfn, tenho que me preparar para o caso do Drakkar ter ido embora. Tenho que planejar o que vou fazer para impedir que seu pai te estrangule. — Ela virou a cabeça lentamente para mim e me fuzilou com os olhos azuis claros que estavam, mesmo sob a luz das tochas, *gelados*. — Ou, quem sabe, desta vez não me incomode — comentou com frieza.

Uau mais uma vez.

— Humm... — murmurei, e ela levantou uma mão enluvada.

— Silêncio! — ordenou e virou a cabeça. — A única vez que ela pode fazer algo para ajudar seus pais ou o seu *país*, minha Sjöfn cria um pesadelo *de novo*.

Ah, Deus... algo não estava certo. Eu realmente precisava ler aquele bilhete.

Cavalgamos com rapidez pelo vilarejo ou cidade e, em seguida, paramos bruscamente na frente de uma grande construção. Estava tão envolvida com o que estava acontecendo — e com o fato de que aquilo não parecia ser nada bom — que não prestei muita atenção, não que tivesse tido muito tempo para isso. Sem demora, minha mãe tirou o cobertor, pegou minha mão e me arrastou para fora do trenó. Estávamos

livres do frio, dentro de uma construção um pouco aquecida, iluminada suavemente por uma grande quantidade de velas.

Olhei em volta, para o que parecia ser algum tipo de vestíbulo, à medida que mais mulheres, diferentes desta vez, caminharam com rapidez em direção à minha mãe e eu.

Minha mãe perguntou bruscamente:

— O Drakkar?

— Ainda está aqui, Sua Graça — uma das mulheres, que pegou sua capa e as luvas, murmurou.

Sua Graça? *Sua Graça?*

Certo, devia ter percebido antes, com as coroas e tudo o mais, mas parecia que a minha mãe pertencia à realeza.

O que significava que eu também.

Putá merda!

Duas mulheres estavam tirando minhas luvas e a capa quando minha mãe anunciou:

— Vou me apressar para tomar o meu lugar. Ele vai saber que chegamos se eu o fizer. Prepare-a imediatamente.

Com isso, ela se foi.

Pisquei, olhando para as suas costas.

Pisquei novamente quando um maço de galhos longos e delicados foi empurrado nos meus braços. Olhei para eles. A maior parte era reto, com pequenos nós na madeira, mas as extremidades eram curvadas e torcidas. Aquilo era estranho, mas a casca era mais estranha ainda. Parecia que haviam sido pulverizados com glitter, mas, olhando mais de perto, não tinham. Eles brilhavam naturalmente.

Uau! Uau!

As pontas dos galhos foram amarradas com fitas brancas e azul gelo e não havia um grande laço para finalizar, mas as pontas foram escondidas com cuidado.

Ainda não havia entendido o arranjo em meus braços ou por que estava lá, quando fui gentilmente empurrada para ficar na frente de portas duplas e, quando cheguei lá, olhei para cima e ao meu redor.

— Boa sorte, minha Princesa do Inverno — uma das garotas sussurrou, dando um aperto reconfortante no meu braço e, em seguida, se retirou.

O quê? Princesa do Inverno?

Ah, meu Deus! Eu *era* da realeza e, aparentemente, minha mãe e meu pai eram a rainha e o rei.

Minha nossa!

Fiquei ali, sozinha e atordoada diante dessa notícia, quando percebi que estava só e, talvez, tivesse um segundo para descobrir o que estava acontecendo. Segurei os galhos na curva de um braço como uma concorrente de um concurso de beleza e puxei o papel para fora do meu decote com a outra mão. Meio sem jeito, mas o desdobrando rapidamente com uma mão, abri e vi, com algum choque, e não sem um pouco de alarme, que não havia muita coisa escrita nele.

Levei uns dois segundos para lê-lo:



Seoafin,

*Hoje à noite, você vai se casar com o Drakkar.
Na língua antiga, significa o Dragão.*

*Boa sorte,
Sjofn.*

Ah, merda!

Eu havia sido enganada.

Ah, Merda! Eu havia sido enganada!

Antes que pudesse surtar ou, não sei, talvez virar as costas e correr, as portas duplas se abriram e vi meu pai caminhando deliberadamente na minha direção. Ao mesmo tempo, uma orquestra começou a tocar, evidenciando a nota dramática da música enquanto, acima dele, vi o que parecia ser o enorme santuário de uma igreja cheio de pessoas, todas as quais estavam de pé e viradas para mim.

Não, não era um momento *ah, merda!*

Era um momento *ah, caralho!*

Papai me alcançou, arrancou o papel da minha mão, amassou-o rapidamente e o jogou longe. Ele segurou minha mão com força, a enfiou na curva do seu braço, ao mesmo tempo puxando o meu corpo para o seu lado e inclinando a cabeça para mim.

— Fico feliz por você conseguir chegar, Sjofn — grunhiu. Sem demora, começou a marchar comigo até o altar.

Capítulo 03

O Casamento

Tudo bem, tudo bem, tudo bem, aparentemente eu ia me casar.

Merda!

Com um homem conhecido como “O Dragão”.

Merda!

Pelo menos, tente ser feliz, a garota me disse. Não acho que era um bom presságio.

Aproveite bastante o Drakkar. Acho que você vai gostar e, mais ainda, acho que ele desfrutará bastante de você, a moça que podia pular de um prédio de dois andares falou.

Aquilo não antecipava nada muito bom, assim como *todo o resto*.

Agarrei o braço do meu pai enquanto caminhávamos por um corredor que parecia ser tão longo quanto um campo de futebol (mas não era, ainda que fosse incrivelmente comprido), e desejei poder me concentrar no fato de estar com ele pela primeira vez em quinze anos, mas não pude. Havia um mar de pessoas, todas de pé e sorrindo para mim ou me observando com interesse e felicidade.

Observei todas elas enquanto a música tomava conta de mim, e meu pai me guiava rapidamente para a frente. Merda, eu ia... *me casar*.

Muito bem, Finnie, disse a mim mesma, inspirando profundamente, *avaliar a situação*.

Papai estava ao meu lado, estava vivo e, exceto pela roupa um tanto quanto estranha que estava usando (calção de couro marrom escuro, botas de couro muito altas, um isso ela deveria, **absolutamente**, ter suéter grosso, mas em um lindo tom vermelho escuro de gola alta, uma faixa de couro atravessada em seu peito incrustada com ouro e rubis, um casaco de pele pendurado em suas costas e preso à faixa e uma grande coroa de

ouro com rubis e diamantes, assim como a da minha mãe, mas um modelo masculino na cabeça), me guiando até o altar.

Nunca imaginei ter isso, meu pai me levando para o altar, não desde que tinha quinze anos e o avião deles caiu. Se algum dia encontrasse alguém, sabia que não haveria um pai para cumprir esse papel.

Então, bem, isso era bom. Ou não, já que, na verdade, não tinha ideia de com quem estava me casando, mas decidi encará-lo como tal.

Olhei para a frente da igreja, que se aproximava cada vez mais e não vi nenhuma cruz ou qualquer outra coisa de igreja — como no meu mundo — mas, em vez disso, havia seis estátuas enormes que pareciam esculpidas em mármore cor de marfim, posicionadas em curva. Três eram de homens e três, de mulheres, começando com um homem com as pernas afastadas e as mãos nos quadris. A próxima era uma mulher olhando para a barriga, onde as duas mãos estavam descansando. A estátua seguinte era um homem que tinha um braço esticado, as pernas separadas, os joelhos levemente flexionados, o outro braço levantado, a mão parecendo estar pronta para puxar algo semelhante a uma espada das costas. A próxima, outra mulher, está com o braço a sua frente com a mão ligeiramente aberta sobre o púbis, o outro braço levantado e descansando ao lado do pescoço, um sorriso misterioso brincando em seus lábios, no rosto ligeiramente abaixado. O próximo, um homem com as pernas posicionadas e de braços cruzados. E a última, uma mulher de pé com as mãos em concha levemente unidas, as pontas dos dedos se tocando, a cabeça ligeiramente inclinada e os lábios nas mãos. Estranho.

Em frente a esta mostra estava um homem trajando roupas brancas com uma faixa de cetim longa e larga em volta do pescoço e caindo à sua frente. A faixa tinha listras começando com azul escuro, depois azul claro, vermelho, violeta profundo, dourado e verde brilhante.

Certo, interessante. Parecia que neste mundo eles tinham mais de um deus. Ia ser legal aprender mais sobre isso.

Respirei fundo para dizer algo para o meu pai, qualquer coisa, e fazer com que ele me respondesse. Mas as palavras ficaram presas na minha garganta conforme um homem se moveu para a frente, ficando ao lado do que estava vestido de branco.

Aquele cara olhou lá do altar para mim.

Meu passo vacilou quando o absorvi por completo — e havia muito para absorver.

— Sjöfn — papai resmungou com a mão sobre a minha na dobra do braço, enrijecendo. Ele sentiu o meu passo vacilar e pensou que eu ia fugir. Com esforço, me refiz e continuei andando.

Mas eu estava pensando, *ah não!*

E era um grande, ah não, não, não, *não...*

Não!

Era... isso? Era... ele?

Ah, merda! Era ele. Tinha que ser. Ele estava de pé em frente do altar. Era *O Dragão*. Era meu noivo. Entendi o porquê do seu nome. Entendi completamente pelo jeito que estava olhando para mim, com fúria, como se me assegurasse que *não* gostava de mim. Ele também *não* queria estar lá e, além disso, o que queria estar fazendo era dizimar aldeias inteiras com armas ou, talvez, cuspidando fogo e deixando-as em chamas.

Ele era enorme.

Eu tinha um metro e setenta. Ele devia ter cerca de um metro e noventa e cinco. Seu cabelo era muito escuro, bem grosso e ligeiramente ondulado perto da gola da blusa, que era marrom escuro, tão escuro que parecia quase preto. Não usava calças de couro esquisitas, mas calças de lã que se ajustavam confortavelmente e não chegavam a esconder o poder das enormes coxas musculosas. O mesmo podia ser dito do suéter, que não escondia a amplitude e a força dos ombros.

Usava botas que iam até um pouco abaixo dos joelhos e vi que não se preocupou em engraxá-las para o casamento. Estavam manchadas e

ainda tinha sujeira e lama sobre elas. Usava uma faixa de couro cruzada sobre o peito, sob as costelas de um lado, por cima do ombro do outro, mas não havia ouro, rubis ou qualquer outro ornamento. Vi um manto, não de pele brilhante como o do meu pai, mas simples.

Também pude ver o punho de uma espada sobre o seu ombro, na parte de trás da faixa, e facas embainhadas de cada lado do cinto de couro na cintura. Suas feições eram bronzeadas, afiadas, fortes e proeminentes. Testa larga, mandíbulas salientes, maçãs do rosto esculpidas, lábios cheios com toneladas de sulcos neles. Se o olhar não fosse tão sombrio e *extremamente* irritado, ele seria atraente.

Mas não era.

Ele era realmente assustador. A maior parte, a intensidade da energia raivosa que exalava, a qual eu podia sentir pressionando contra a minha pele, o olhar assassino em seus olhos.

Assustador.

Não, *aterrorizante*, de cima a baixo.

E isso era alguma coisa, vindo de mim, Seoafin Wilde, uma mulher que não se assustava facilmente.

Mas não importava o quão assustador ele era, não consegui desviar meu olhar dele quando chegamos na frente da igreja, simplesmente não consegui. E vi que os olhos dele eram de um tom estranho de verde oliva claro. Não verde ou marrom, ou cor de avelã, mas verde oliva claro, rodeado por uma massa de cílios escuros e curvados. Enquanto chegava mais perto e depois parava a alguns centímetros de distância, percebi imediatamente que ele me sobrepujava não só na altura, mas no físico. No mínimo, equivalia a duas de mim.

Ah, Deus! Isso não era bom.

O homem vestido de branco disse algo que não entendi, não porque estava pirando, mas porque estava em uma língua estranha. O Dragão desviou o olhar marrom esverdeado furioso de mim e olhou para ele, então ergueu o punho. Meu tronco oscilou para trás quando a coisa

enorme cortou o ar. Papai me segurou mais apertado e, em seguida, me empurrou para frente. Então estava de pé ao lado do Dragão quando ele tirou meus dedos do seu braço e levantou a minha mão, enrolando meus dedos frios sobre o punho do Dragão e os manteve lá.

Deus, meus dedos estavam longe de cobrir aquele punho poderoso.

A música parou.

Ah, merda!

O homem de branco disse alguma coisa e meu pai respondeu com um sonoro e autoritário:

— Sim! — Seus dedos apertaram os meus e depois ele se foi.

Se foi!

Exatamente desse jeito.

Ah, merda!

Sem demora, o homem com manto inclinou a cabeça para o teto e começou a balbuciar em uma língua estranha que não era parecida com nenhuma outra que já tinha ouvido antes. E já tinha ouvido um monte de línguas diferentes e sabia me virar com algumas delas. Porcaria. Aquilo continuou por algum tempo enquanto eu permanecia ao lado do meu noivo gigante e assustador. E então aquilo continuou por mais um tempo.

E continuou.

Durante todo o tempo que passou, fiquei com a mão no punho do Dragão e, bem... aquilo foi... estranho.

Tão estranho e demorou tanto tempo que comecei a relaxar. Fiquei tensa quando o cara com a roupa branca se virou abruptamente e caminhou até ficar na frente da estátua do homem com as mãos nos quadris, levantou os braços para a estátua e começou a murmurar novamente. E ficou ali, murmurando sem parar.

Cerca de quinze minutos depois, se moveu para a estátua da mulher com as mãos na barriga e começou a murmurar novamente.

Caramba, se ele orasse para todas elas por quinze minutos, ficaríamos ali de pé, com as mãos levantadas por mais de uma hora. A igreja lotada estava em silêncio e o cara vestido de branco parecia estar em um transe de êxtase, conversando em oração com a estátua da mulher. Percebi que talvez eu devesse aproveitar esse momento para conhecer o cara assustador cuja mão eu estava meio que segurando e que seria (talvez, se este casamento não durasse uma década) meu marido por um ano.

Merda. Olhei para ele com o canto do olho. Ok, um pouco menos assustador. Não parecia mais chateado. Ele estava observando o cara com o manto e parecia entediado até a morte. Eu podia sentir isso. Estava ficando entediada também. Talvez pudesse trabalhar com isso. Então, me refiz e me aproximei um pouco mais dele. Parei quando ele inclinou a cabeça para baixo, os olhos verde oliva capturaram os meus e passaram de entediados para levemente irritados, o que ainda era *assustador*.

Olhei para ele. Mas o que eu podia fazer? Realmente não tinha escolha. Então sussurrei:

— Humm... oi — Suas sobrancelhas escuras levantaram. Sim, isso era *assustador* também. Ah, inferno! Prossegui, ainda sussurrando: — Humm... nós temos que ficar com as mãos assim? — Sua expressão não mudou, e ele não respondeu. — Quer dizer... — continuei, apontando com a cabeça para o cara vestido de branco — Ele está distraído com o que está fazendo, então acho que não notaria se fizéssemos uma pausa. — Sem resposta, mas seus olhos não deixaram os meus. Prossegui: — Está tão absorvido nele mesmo que, provavelmente, poderíamos nos sentar ou até mesmo sair, tomar uma cerveja, voltar e ele ainda estaria fazendo a mesma coisa. — Tentei brincar e sorri para ele.

Seus olhos focaram na minha boca. Definitivamente, *muito assustador*.

Parei de sorrir e de falar. Seus olhos voltaram para os meus. Queria olhar para longe, mas, por alguma razão, não conseguia. Talvez fosse

porque após uma inspeção mais de perto, ele podia ser realmente gostoso, se não parecesse querer me quebrar em dois.

Eu realmente queria olhar para longe quando seus olhos começaram a percorrer meu rosto, meu cabelo, minha coroa e, em seguida, desceram, onde levaram algum tempo examinando o meu decote amplo. Ah, Deus!

No meio disto, por algum motivo, sua mandíbula enrijeceu (ou ficou *mais* rígida ainda), a carranca voltou e seus olhos voltaram para os meus por um momento, antes que voltassem para o cara de branco. Bem, minha tática não funcionou. O homem se moveu para a próxima estátua e começou a murmurar para ela.

Tentei descobrir o que fazer a seguir, mas não tinha ideia. Aparentemente, eu era uma princesa que estava se casando com um homem conhecido como O Dragão. Meus pais não pareciam gostar muito de mim. E eu estava de pé, na frente de uma igreja enorme com um monte de pessoas dentro dela, na cerimônia mais longa e mais chata de todos os tempos.

Nada daquilo era bom, nem mesmo a parte de ser princesa. Ok, isso não era verdade. A parte sobre ser princesa era boa. Assim como a coroa e as roupas de matar, sem esquecer de mencionar as botas e as roupas íntimas. E eu meio que gostei do trenó e desejei que houvesse tido um momento para desfrutar do passeio, porque estava imaginando que teria sido divertido.

Me ative a esses pensamentos enquanto mantive minha mão em volta do punho dele e o cara de branco se moveu para a estátua seguinte.

Então, sempre jogando (esta *era* a minha aventura, e eu tinha que tirar o melhor proveito dela, como sempre fiz, pois foi isso que meus pais me ensinaram), inspirei profundamente e dei mais um passo para perto do meu noivo assustador. Me aproximei mais, nossos braços roçaram e seu queixo abaixou para que ele pudesse olhar com cara feia para mim mais uma vez.

— Oi — sussurrei. — Sou eu, novamente. Sua futura esposa? — Fiz uma tentativa idiota de piada. Ele não riu. Sequer sorriu. Continuou de cara feia, mas não disse nada. Talvez não tivesse senso de humor. Talvez, no fundo não tivesse sentimentos além de estar aborrecido e irritado. — Humm... do que são feitas aquelas estátuas? Parece mármore. Nunca vi nada parecido. São lindas.

Ele inclinou ligeiramente a cabeça para o lado, mas seus olhos ficaram alertas.

Oh, oh! Estúpida!

Sjofn saberia exatamente do que essas estátuas eram feitas e, provavelmente, já as teria visto inúmeras vezes antes (a não ser, é claro, que não fosse religiosa). Merda!

— Humm... — Murmurei rapidamente. — Quer dizer, eu deveria saber, é claro. E eu, humm... eu já deveria ter visto isso antes, é óbvio. Quer dizer, já vi essas estátuas antes, simplesmente não humm... — Merda! — Em qualquer lugar, isso é mármore. Mas nunca pensei em perguntar e humm... bem, parece que temos tempo para conversar.

Ele olhou para mim. Depois balançou a cabeça e olhou para o homem de branco. Ok, isso não está funcionando. Suspirei com força. Então um pensamento me ocorreu. Apertei os dedos no punho dele para chamar sua atenção. Ele virou a cabeça e mergulhou o olhar em mim novamente. Lutei contra o medo daquele olhar ameaçador-assustador descendo pela minha barriga, fiquei na ponta dos pés e me inclinei ligeiramente, sussurrando:

— Você fala a minha língua?

Mais uma vez, com as sobrancelhas erguidas, ele estreitou os olhos. Então voltei à minha posição original e me afastei alguns centímetros. Sua voz calma, mas profunda e tão assustadora quanto o restante dele grunhiu:

— Você andou bebendo?

A má notícia era que ele pensava que eu estava bêbada. A boa era que ele falava a minha língua.

— Não, eu... acho que não — respondi, ainda sussurrando.

— Se você não sabe, então bebeu — e muito — ele rebateu, ainda grunhindo baixinho.

— Bem, não me sinto tonta ou enjoada e não estou dançando ou cantando, o que faço muito quando bebo demais. — Tentei outro sorriso. — As evidências sugerem que não estou embriagada.

Ele apontou a carranca de olhos estreitos e sobrancelhas levantadas para a minha boca mais uma vez e depois retornou aos meus olhos. Depois, grunhiu de novo, tranquilo e, dessa vez, de forma sinistra:

— Cale a boca... — inclinou o pescoço para que seu rosto furioso ficasse mais perto e concluiu — futura *esposa*.

Ele proferiu a última palavra como se tivesse um gosto ruim e, em seguida, se endireitou e voltou a olhar para o homem de branco. Felizmente, percebi que ele tinha se movido para a próxima estátua. Humm. Nada disso estava indo bem. Nem um pouco. Nem mesmo um pouquinho. E estava certa, desde quando o vi pela primeira vez, que ele não queria estar aqui, mas tinha a impressão de que isso era especialmente comigo.

Decidi tentar mais uma vez na festa. Quem sabe, depois que nós dois tivéssemos bebido um pouco, talvez ele se soltasse. E se continuasse a beber bastante, pudesse desmaiar e eu conseguisse evitar a noite de núpcias, humm... *festividades* até que pudesse descobrir como evitar a consumação marital no geral.

Em outras palavras, roubar um trenó e dar o fora daqui. Fiquei em silêncio enquanto o cara de branco continuava falando com as estátuas, então, finalmente se virou para ficar na nossa frente e disse mais um monte de coisas. Depois sorriu, colocou uma mão no meu ombro, teve que levantar a outra para colocá-la no ombro do meu marido e acenou com a cabeça para O Dragão, contente.

Ele baixou as mãos e me perguntei se tinha terminado ou se trocaríamos anéis ou votos. Esperei que não tivesse que dizer nada, mas não fiquei imaginando durante muito tempo. Isso porque O Dragão girou o punho e o abriu, seus longos dedos envolvendo a minha mão. Me dei conta que o seu corpo estava se virando em minha direção. Virei-me para ele, inclinei a cabeça para trás e, em seguida, senti o estômago afundar. Surpreendentemente, ele estava sorrindo, os belos dentes brancos reluzindo contra a pele bronzeada. E os olhos estavam brilhando com uma luz que parecia uma mistura bizarra e aterrorizante de crueldade, diversão, fatalidade e calor.

Ele soltou a minha mão e antes que eu soubesse o que estava acontecendo, seus braços longos e fortes estavam em volta de mim. Um apertando a minha cintura, levantando meus pés do chão e me puxando de encontro ao seu corpo e os dedos da outra mão se entrelaçando no meu cabelo, na parte de trás da minha cabeça. Deixei escapar um grito de surpresa enquanto minhas mãos automaticamente iam até os ombros dele para me segurar. Ouvi de forma vaga alguns gritos entusiasmados na igreja, mas logo depois, ele estava puxando minha cabeça para cima, inclinou a dele e... ah, Deus... ah, *Deus!* Ele ia me beijar!

Não, não ia. Ele beijou! E quando a minha boca tocou na dele, quando sua boca se abriu, sua língua forçou meus lábios a se abrirem e ele me *beijou*. Com profundidade, aspereza, força, e, ah, com muita fome. E por último, mas não menos importante, *com muita habilidade*. Não conhecia esse homem e ele me assustava horrores, mas isso não apagava o fato de que ele sabia *beijar*. Foi o melhor beijo que já recebi... *Uau!*

Sua cabeça se ergueu, afastando a boca da minha e olhei para ele, atordoada. Estava errada. Ele não era assustador. Era completa e maravilhosamente *delicioso*. Ouvi, mas ainda não tinha me dado conta dos gritos e palmas enquanto o torpor do seu beijo se dissipava. Vi que tinha envolvido meus braços ao redor do seu pescoço, e ele estava me

olhando novamente com aquele olhar assustador-irritado, mas agora, também estava cauteloso. O quê? Então me soltou com tanta pressa que tive que me equilibrar para que os meus joelhos não dobrassem. Mal tinha minhas pernas sob controle quando a mão dele segurou a minha e estava me arrastando pelo corredor.

Sim, *me arrastando*. Oh, oh.

Tive que correr para acompanhar seus passos largos quando ouvi o meu pai gritando atrás de mim:

— Drakkar! O que você está fazendo? Aonde você vai? A celebração!

O Dragão não diminuiu o ritmo, nem mesmo um pouco quando o meu pai o chamou e as pessoas pararam de gritar vivas e bater palmas e começaram a murmurar com surpresa, mas eu tinha que acompanhar seu passo ou ele me arrastaria junto.

Chegamos ao vestibulo, e ele arrancou meu manto das mãos de uma garota que estava esperando. Outra correu até mim, me empurrando as luvas. Peguei-as por reflexo e estávamos lá fora, no frio. Então meu foi corpo lançado, sim *lançado*, na parte de trás de um trenó. Meu manto foi jogado em cima de mim, pousando no meu peito e colo.

Pisquei para o meu marido, em choque e com o coração martelando. Ele pegou algumas tiras de couro, as empurrou nas minhas mãos e as agarrei automaticamente. Enquanto as pessoas saíam da igreja, ele não perdeu sequer um segundo para montar em um enorme e brilhante corcel, girando-o e, em seguida, se inclinou para o lado, bateu no traseiro de um dos quatro cavalos presos ao meu trenó e gritou:

— *Yah!*

Os quatro cavalos dispararam e as tiras em minhas mãos começaram a escorregar. As agarrei com força e, com meu marido ao lado, eu em um trenó, corremos pela da neve da cidade ou vilarejo, o que quer que fosse, e direto para fora dela, para uma floresta.

Ah... Merda!

Capítulo 04

Lar, Doce Lar

Desnecessário dizer que nunca havia dirigido um trenó e nem sabia como fazê-lo.

Também, não foi preciso dizer que meu marido franziu a testa para isto.

Depois que saímos da cidade em um galope rápido, continuamos seguindo como se o próprio diabo estivesse nos perseguindo. Meu trenó se inclinou algumas vezes e precisei que ele, com seu cavalo poderoso o circulasse de perto para corrigir o curso. Todas as vezes, mostrou uma carranca feroz para mim, o que fez meu coração acelerar, *não* de uma maneira boa, aprendi rápido.

Por fim, abrandamos para um trote rápido. Quando peguei o jeito, dei uma olhada ao redor.

Havia alguns ganchos no painel à minha frente. Amarrei as rédeas neles e rapidamente vesti o manto e enfiei as luvas, porque estava muito frio e eu estava congelando. Meu vestido era incrível e feito de veludo, mas nunca havia enfrentado um frio daqueles. Nunca pensei que diria isso ou, até mesmo, pensaria assim, mas precisava de uma pele.

Me recostei e vi um grande cobertor de pele no chão na minha frente, e também havia um chapéu branco de pele caído ali. Troquei a coroa pelo chapéu e puxei o cobertor para cima de mim, empurrando-o debaixo do traseiro para segurá-lo o mais alto que pude ao redor do corpo. Protegi a coroa no trenó aberto da melhor forma que consegui.

Melhorou muito.

Peguei as rédeas novamente e fiz uma avaliação:

Eu tinha quatro belos cavalos malhados acinzentados puxando o trenó. Atrás de mim, havia um pedaço de tecido preto e brilhante que

parecia ser um brasão dourado e vermelho bordado esticado sobre um monte de coisas e amarrado por um tipo de corda de seda, douradas e brilhantes, sob a luz do luar que se infiltrava na floresta silenciosa.

Aparentemente, era a minha bagagem.

Certo. Bem, lá vamos nós a caminho da lua de mel.

Ah, meu Deus!

Foi neste exato momento que pensei que eu *realmente* deveria ter escutado Claudia.

Mantivemos o trote pela neve e o Dragão não tentou iniciar nenhuma conversa enquanto prosseguíamos. Eu também não. Me concentrei em guiar os cavalos através das árvores e em não deixar minhas bochechas congelarem.

Trotamos em um silêncio entre recém-casados que era mais do que um pouco desconcertante, mas me conformei com isso, pois não tinha certeza se queria outra alternativa. A experiência anterior indicava que meu marido não era muito bom de papo e, considerando o fato de que pareceu não gostar muito de mim, não sabia se queria ouvir o que tinha a dizer.

Depois de algum tempo, saímos da floresta e entramos em uma vasta clareira coberta de gelo que era absolutamente linda, considerando a neve brilhante e a paisagem inteira coberta pelo céu iluminado com uma lua cintilante e três vezes mais estrelas do que qualquer céu noturno que já vi. Passamos por uma pequena aldeia onde gostaria de ter desacelerado, mesmo que fosse um pouquinho, para que pudesse ver, pois parecia ser muito legal.

Mas isso não aconteceu.

O Dragão nos guiou por mais clareiras e por florestas. Comecei a ficar preocupada com o estado dos nossos cavalos, mas ele continuou seguindo.

Sem parar.

Passamos por outra cidade maior, mas ainda sem desacelerar.

Foi quando percebi que estava ficando com fome e minhas mãos doíam por segurar as rédeas. Meu corpo estava abrigado nas peles. Estava realmente aquecida, apenas minhas bochechas estavam geladas. Tão geladas que doíam.

Decidi que, provavelmente, não seria inteligente compartilhar isso com meu marido nada falante. Era evidente que ele não gostava de mim. Imaginei que não gostaria de me ouvir reclamar (mesmo com motivo justo). Não falei nada. Só tentei ignorá-lo, e embora não tenha obtido sucesso, também não falhei.

Ele nos guiou por mais florestas e continuamos seguindo em frente. Já fazia bastante tempo que havíamos deixado a cidade para trás, e, junto com ela, meus pais, o que não achei nada bom.

Criei coragem, inspirei e comecei a dizer em voz alta:

— Humm...

— Quieta! — ele vociferou, sem sequer olhar para mim.

Merda.

Eu estava certa. Ele não era muito falante.

Tudo bem, lido com isso da próxima vez... ou na próxima... E assim por diante. Concentre-se no agora. Só no agora, disse a mim mesma.

E ao fazê-lo notei que estava certa, e que um passeio de trenó era divertido. Talvez não aquele que durasse horas na noite escura e fria, mas decidi não focar nisso e aproveitar a parte divertida.

Descobri que guiar o trenó era ainda mais divertido. Tentei algumas coisas, percebi que os cavalos eram altamente treinados, preparados para obedecer à menor mudança nas rédeas e isso era super legal.

Fiz isso por um tempo, mas me cansei. Foi divertido, mas fazia tanto tempo que estávamos viajando que tudo perdeu a graça. Inclusive dirigir um trenó.

Saímos da floresta densa e entramos em outra clareira, onde havia um rio cintilante, iluminado pela luz do luar, o que foi muito legal.

Passamos por outra cidade, que também era legal, mas nós não desaceleramos e não vi muito dela.

Isso durou bastante tempo e, definitivamente, estava com fome. Fiquei preocupada com o estado dos meus cavalos, porque estavam cavalgando muito rapidamente por horas. Quando o sol começou a nascer e entramos em outra floresta, fiquei mais chateada.

Não deixei de perceber que o ar estava ainda mais frio onde quer que estivéssemos. Principalmente em comparação com o clima ártico que deixamos (em outras palavras, agora estava *muito* frio em vez de só frio. Basta dizer que já tinha pensado que estava bem frio antes, mas agora sabia o verdadeiro significado disso). Perdi o fôlego quando vi os troncos das árvores cobertos de neve, mais pesada de um lado, onde o vento a levantava e salpicava o topo.

Era fabuloso!

Mais lindo ainda foi quando chegamos a uma vila silenciosa, com os telhados cobertos pela neve fofa como marshmallow, gotas de água congeladas, a fumaça das chaminés numa área um pouco desmatada.

As árvores, não tão densas quanto as da floresta, se espalhavam em uma área plana decorando a encosta da linda vila. Um riacho largo e reluzente que atravessava o local, com vários cursos de água cruzando o chão da floresta e descendo a colina, corria para se juntar ao rio (na verdade, os meus cavalos e o trenó cruzaram mais de dois desses cursos). Havia dois grandes fluxos de vapor de água que, com certeza, vinham de fontes termais que deslizavam por baixo da encosta e vertiam no riacho. E também havia duas rodas de água de madeira.

Definitivamente muito legal!

Eu queria muito explorar essa vila, porque era bem mais legal do que o resto, e tudo que já tinha visto era muito interessante. Mas também passamos direto por ela. Continuamos a atravessar a floresta por cerca de cinco minutos antes do Dragão virar sua montaria.

Também virei meus cavalos, acompanhando-o e tive que me concentrar, pois aquilo não era uma estrada. Estávamos atravessando a floresta e tinha que focar em guiar meus cavalos, bem como em não ser atingida por algum galho grande e baixo (os quais havia aos montes) ou chicoteada pelos menores (os quais havia em maior quantidade ainda).

Então, em uma subida cercada por árvores, vi a construção com algumas dependências externas. Ela parecia torta, porque de um lado havia um andar inteiro e do outro parecia haver metade de um andar no topo.

O Dragão desacelerou e eu o acompanhei. Fiquei bastante satisfeita enquanto guiava o trenó até a frente da casa e executava uma curva fechada na pequena área permitida (verdade seja dita, os cavalos sabiam muito bem o que estavam fazendo e, obviamente, fizeram todo o trabalho, mas não pude deixar de pensar que todos nós agimos com grande desenvoltura). E paramos.

No momento em que fiz isso, o Dragão já havia descido do seu cavalo e estava abrindo a porta da frente do lugar. O que ele não fazia era sorrir com orgulho para mim enquanto dizia:

— Muito bem, minha esposa em seu vestido de casamento, lindo e elegante de princesa!

Humm.

Aparentemente, ou este era o lar doce lar ou o lugar onde iríamos parar para descansar um pouco. Também parecia que o Dragão não era um cavalheiro e não ajudaria sua noiva a descer do trenó incrível.

Os próximos minutos seriam cruciais. Tinha que estar alerta, ser inteligente e tratá-lo direito. Não tinha noção do que estava acontecendo e não fazia ideia de como lidar com aquele homem assustador. Mas, de alguma forma, ia descobrir como resolver as duas coisas.

Meu corpo e minhas mãos doíam, as bochechas estavam dormentes por causa do frio. Eu poderia comer um buffet inteiro, poderia dormir por uma semana inteira. Mas, ainda assim, me levantei, encontrei o

trinco, abri a porta do meu trenó, saí na neve e segui meu marido para dentro da casa.

Ele estava de pé no meio dela, com as mãos nos quadris, os pés fixados separadamente, me observando com um olhar feroz e impaciente, como se eu o tivesse feito esperar por uma hora enquanto experimentava uma variedade de sapatos para ver qual combinava com a minha roupa, em vez de fazê-lo esperar por cerca de dois minutos.

Absorvi o máximo que pude do local, com um olhar rápido e abrangente. Vi uma cozinha na parte de trás e, em cima dela, um sótão com teto e grade baixos que você acessava através de uma escada. O telhado era inclinado, se abrindo na sala da frente, que era grande e onde não havia sótão. Havia lareiras de pedra em ambos os lados da sala. Pude ver outra lareira no sótão. E uma porta fechada em um espaço ao lado da cozinha.

Absolutamente tudo no lugar estava imundo. Havia muita poeira e teias de aranha sobre tudo (não que eu pudesse imaginar que aranhas sobrevivessem neste clima, mas, com certeza, sobreviviam em algum momento). Lençóis acinzentados cobriam a mobília. As janelas estavam tão cheias fuligem que você mal podia ver através delas. E cortinas pesadas que de tão empoeiradas, havia começado a pingar de sujeira delas.

Eca!

De repente, o Dragão falou, e eu pulei, desviando o olhar para ele.

— O estábulo está abastecido para os seus cavalos. A despensa, para você. Tem madeira, combustível e suprimentos lá atrás. E mais lenha no galpão. Você está bem abastecida.

Pisquei para ele, confusa diante das suas palavras enquanto ele seguia para um balcão que se projetava para fora, separando a área da cozinha da sala de estar. Em seguida, jogou uma bolsa de couro sobre ele, emitindo um som alto e se virou, andando em direção à porta conforme falava.

— Moedas para você usar em Houllebec para suas necessidades.

Pisquei de novo e me virei de frente para ele no momento em que ele se moveu, parou na porta e se me encarou.

— Quando eu decidir que está na hora, encontrarei uma mulher que se pareça um pouco com você, se é que isso é possível, e gerarei um filho nela. Vamos apresentar esta criança ao seu pai como seu herdeiro.

Uh... o quê?

— O quê? — sussurrei, e suas feições duras ficaram ainda mais severas diante da minha pergunta.

— Não vou me enfiar em uma mulher que prefere a boca de outra mulher lá, Sjofn.

O quê?

— O quê? — Inspirei profundamente, sabendo que meus olhos tinham se arregalado.

Ele levantou o queixo.

— Você estava bêbada e pode não se lembrar da nossa conversa, mas eu me lembro perfeitamente bem.

Ah, Deus! Ah, merda! Ah, Deus!

Agora sabia porque Sjofn me enganou. Ela era lésbica e não queria ter nada a ver com um homem que era mais macho do que qualquer outro nesse mundo ou até no meu.

Ah, merda! Ah, Deus! Ah, Merda!

— Humm... — Comecei, sem ter qualquer ideia do que dizer.

— Talvez — ele me interrompeu — Como recompensa por essa farsa ridícula que seu pai me obrigou a aceitar. Por alguma dessas razões, também concordei em assisti-la na cama com uma mulher.

Ah, meu Deus! Ah, Merda! *AhDeusAhmerdaAhDeus!*

Ele continuou.

— Os deuses sabem que um monte de diamantes de Sjofn e um baú de ouro *não* valem o fardo de tê-la como esposa a vida toda. Estou satisfeito com o que vou conseguir, e ver uma mulher tomar você vai ser...

— seus olhos me examinaram de cima a baixo antes de finalizar —
Interessante.

Ah, droga! Droga! Droga!

— Humm... — murmurei.

Ele me interrompeu mais uma vez dizendo:

— Estarei de volta em um mês. — Fiquei imóvel e pisquei, chocada com suas palavras enquanto ele saía pela porta, começando a fechá-la atrás de si, então parou e me olhou fixamente. — Talvez dois.

E então se foi.

Olhei para a porta sem realmente enxergá-la. Aos poucos fui olhando ao redor da casa imunda, que era apenas um pouco mais quente que o exterior e longe de ser tão grande quanto o lugar onde comecei esta aventura.

Me dei conta de que ele disse que estaria de volta em um mês... ou dois.

Ele estava me deixando aqui.

Me deixando aqui!

Despertei do transe em que me encontrava e corri para a porta.

Escancarei-a e vi meu trenó, os cavalos e nada do Dragão.

Olhei para o céu, que estava clareando.

Gritei com toda a força dos meus pulmões:

— Puta que pariu!

Meus cavalos trotaram um pouco, agitados.

Permaneci parada no frio, olhando para a floresta densa e lindamente congelada, pensando que não tinha lidado bem com essa situação e nem com ele.

Então caminhei para dentro da casa.



Estava com frio, exausta e faminta, mas eu era Seoafin Wilde e já havia enfrentado alguns revezes graves na vida e sempre consegui

sobreviver.

Devo dizer que tubarões infestando o mar enquanto fazia um mergulho e elefantes correndo desembestados eram muito mais preocupantes que uma casa suja e gelada no meio do nada. E Claudia nem havia mencionado a vez que os nativos ficaram *muito* inquietos.

Eu era Seoafin Wilde e nunca *algo* me derrubou.

A boa notícia é que eu era lésbica, portanto, o meu marido não queria nada comigo.

A ruim é que eu era lésbica e meu marido pensava que podia me assistir “me divertindo” com uma mulher.

Outra boa notícia é que ele tinha ido embora e, aparentemente, ficaria fora por algum tempo, então conseguiria descobrir o que fazer a esse respeito.

Mas a outra má notícia era que eu estava no meio de uma floresta congelada. Estava com frio, exausta, com fome e tinha quatro cavalos, além de mim mesma para cuidar.

Portanto, já que realmente não tinha escolha, cuidaria de todos nós.

A primeira coisa que precisava fazer, era me trocar. Muitas pessoas não achariam que isso era uma prioridade, mas, sério, esse vestido era *de arrasar* e não faria bem para ele ficar empoeirado ou ser rasgado.

Fui até o trenó, disse aos cavalos que ia deixá-los aquecidos e alimentados assim que possível. Eles relincharam como se soubessem do que eu estava falando. Desamarrei as cordas que prendiam o tecido que cobria minhas coisas e o atirei para o lado.

Oito baús enormes, mais quatro menores estavam na parte de trás do trenó.

Comecei pelos menores, porque conseguiria arrastá-los, um a um e abri-los. Olhares rápidos me mostraram que não havia nada que eu pudesse usar no momento. Voltei lá fora para pegar o primeiro baú, que

era tão grande e pesado que tive que arrastá-lo para fora do trenó. Ele caiu contra a neve, então o arrastei para dentro de casa.

Eu o abri.

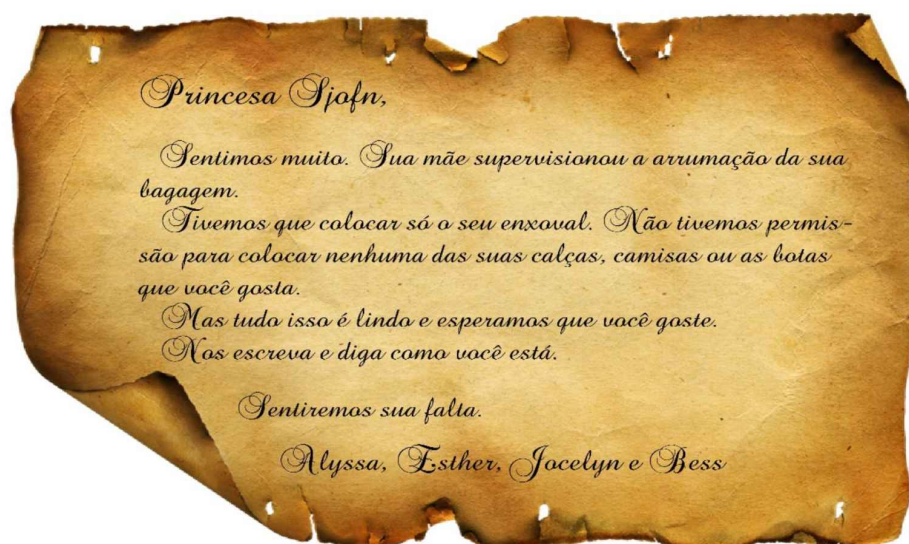
Lençóis e cobertores.

Merda!

Voltei e consegui trazer o segundo baú para dentro.

Em cima de alguns vestidos de lã macios dobrados, vi um bilhete.

Peguei-o e li:



Bem, aparentemente, a Sjöfn deste mundo se vestia como um rapaz.

Talvez não fosse uma surpresa.

Tinha que admitir que, embora, na maioria das vezes, eu evitasse me vestir como homem (a menos que estivesse escavando ou fazendo algo parecido), podia usar uma calça ou o que quer que fosse no momento presente. Mas se um vestido era tudo que eu tinha, era isso que iria usar.

Verifiquei todos ele e peguei o mais feio, mas também o mais quente, com uma espécie de capuz de lã, na parte inferior do baú e tirei

(com alguma dificuldade, pois era abotoado nas costas) o vestido de casamento.

Vendo minha roupa de baixo por completo, tive certeza de que era incrível: o espartilho, muito sensual, fazia com que meus seios quase se derramassem para fora dele. Era muito sexy e, por mais louco que esse pensamento fosse, não pude evitar de achar que meu marido estúpido, que não pôde esperar para dar uma olhada *nisto*, era um idiota. Mas não fiquei olhando por muito tempo, porque estava muito frio, e eu precisava me vestir.

Coloquei o vestido e comecei a trabalhar.

Acendi o fogo nas duas lareiras enormes da sala de estar. Felizmente, haviam galhos secos e lenha empilhados ao lado delas, e fósforos feitos de peças de madeira muito longas e finas, que eu tive que esfregar contra as pedras das lareiras.

As duas acenderam num piscar de olhos.

Depois voltei ao trenó para pegar os outros baús. Caminhei com um pouco de dificuldade sobre a neve até a construção maior. Quando entrei, vi que era exatamente o que tinha pensado: seis estábulos enormes, muito mais limpos do que a casa (meu marido não era só assustador, mas também um babaca que limpava o estábulo, mas deixava a casa imunda). Lá havia um barril cheio de água fresca, aveia e feno em abundância.

Com muita força, abri a porta de correr enorme e voltei, andando pela neve. Entrei no trenó e guiei os cavalos para dentro do estábulo. Fechei a porta e comecei a trabalhar.

Demorou uma eternidade para descobrir como soltá-los e tirar o aparato de cima deles. Mas fiz isso muito bem. Levei-os até as cocheiras, os alimentei e lhes dei água. Pendurei os aparatos nos ganchos do lado de fora das cocheiras e voltei para casa.

Quando já estava lá dentro, alimentei o fogo com mais lenha e, em seguida, fiz um inventário.

A cozinha era rústica: uma mesa de madeira grande e desgastada com duas cadeiras, uma bancada enorme de açougueiro usada no meio, um fogão grande de ferro preto, pia de madeira com (graças a Deus) uma bomba de água que, depois de ser testada, estava funcionando e jorrava água limpa e pura. Os armários, assim como meu marido idiota disse, estavam cheios, mas, à primeira vista, não sabia o que era a maior parte de toda aquela porcaria.

Decidi gastar mais tempo com isso depois.

Também havia outros suprimentos na variedade de armários: pratos, copos, talheres, colheres de pau, uma pilha de tigelas de madeira e outros utensílios para cozinhar, panelas de ferro fundido, frigideiras, castiçais, e algumas lamparinas.

Usando a pilha de lenha da cozinha, acendi o fogão e segui pela porta dos fundos. Havia uma área fechada, parecida com uma varanda, que percorria todo o comprimento da casa. Um lado dessa área estava coberto com pilhas de lenha tão altas que iam até o meu pescoço. Tinha alguns armários ali também. Abri um que estava cheio de velas altas, de todas as larguras. Outro estava abarrotado de jarros que, pelo cheiro, poderia conter algum tipo de combustível. Provavelmente para as lamparinas.

Tudo bem. Eu estava aquecida e tinha luz e, pelo que vi, em abundância.

Aproveitei para verificar as duas construções que faltavam.

Uma delas, para minha tristeza, era um banheiro externo.

A outra, muito maior, era um galpão que também estava cheio de lenha, um monte de gravetos, outro armário cheio de combustível, um machado grande, outro menor, vários baldes e outras quinquilharias.

De volta à casa, abri uma porta na sala e entrei em um aposento com uma mesa. Sobre ela, uma bacia de cerâmica com um jarro dentro e um espelho oval na parede acima dela. No meio do espaço, um barril feito

de algum tipo de metal. Era oval e suspeitei que fosse uma banheira. Havia também uma pequena lareira.

Bem, a hora do banho não ia ser relaxante. Mas, pelo menos, podia tomar banho.

Voltei para a sala de estar, onde comecei a percorrer o lugar, notando que havia muitos tapetes no chão, que não eram grossos, mas cobriam as tábuas de madeira para o frio não poder se infiltrar. Enquanto caminhava pelo cômodo, tirei os lençóis que cobriam os móveis com cuidado, dobrando-os rapidamente para poder reter o máximo de pó possível.

Agora estávamos começando a nos entender.

Finalmente alguma coisa decente.

Um sofá grande e macio e duas cadeiras largas com pufes, todos virados para a lareira maior. Uma mesa resistente, com uma cadeira, em um canto. Belas mesinhas aqui e ali, assim como alguns castiçais altos. Era toda rústica, uma cabana de caça elegante, mas parecia bem-feita e, definitivamente, confortável... se estivesse limpa.

Subi a escada e caminhando pelo sótão curvada, que era a única maneira de fazer isso, pois o teto era muito baixo, vi que havia três janelas. Uma de cada lado da pequena lareira de pedra, com uma grade de ferro na frente que impedia que faíscas voassem e uma na parte de trás, toda suja, as três com cortinas pesadas e curtas.

Ali também havia um colchão macio no chão, coberto com um lençol, que arranquei e vi quatro travesseiros fofos embaixo. Por último, uma cortina pesada que corria por todo o cômodo, na frente de uma grade baixa, capaz de afastar o frio do local e manter o calor do fogo.

Me curvando um pouco mais, olhei para a cama. Pensei em me arrastar sobre ela. Mas comecei a mer perguntar a respeito da luz, sobre o tempo que os dias costumam durar aqui e como eu *não* queria apagar, dormir o dia inteiro e acordar no sótão desta casa fedorenta, no escuro

sem sequer ter acendido as velas e, provavelmente, estar faminta em vez com fome, que era o que estava sentindo neste exato momento.

Sem mencionar que eu tinha duas lareiras acesas lá embaixo.

Prendi a respiração e murmurei:

— *Não* vou contar nada disso para a Claudia, *absolutamente nada* disso.

Fui até a escada e desci para ver se conseguia encontrar algum produto de limpeza.



De fato, havia material de limpeza na parte de trás de um armário da cozinha (se é que alguém podia chamá-lo assim). Tinha sabão, algo que eu presumi serem panos de prato e panos de chão do universo paralelo, o que não eram muito diferentes um do outro, mas os panos de prato eram feitos de um material um pouco mais fino e, definitivamente, mais limpos. Achei uma vassoura e um esfregão na varanda de trás.

Consequentemente, muitas horas mais tarde, o sol já havia se posto há bastante tempo (bem mais cedo, se minha estimativa estivesse correta), e eu havia acabado.

Os pisos estavam varridos (e orgulhosamente esfregados).

Os armários, esvaziados.

Levei os tapetes e almofadas para fora e bati a poeira com uma espécie de galho enorme, parecido com um mata-moscas que encontrei no celeiro.

Lavei todos os pratos, potes e panelas.

Limpei os armários (inclusive tirei os insetos mortos que estavam escondidos lá). Agora pratos, panelas e frigideiras poderiam ser colocados de volta.

As teias de aranha foram removidas das superfícies das mobílias polidas.

As janelas foram lavadas até brilharem para que eu pudesse realmente enxergar lá fora.

Retirei as cortinas com cuidado, as levei para fora até bati para tirar a poeira até quase a morte. Fiz o mesmo com os travesseiros da cama no andar de cima.

Peguei os castiçais e coloquei as velas. Enchi as lamparinas com combustível e as acendi também. Carreguei um monte de lenha e reabasteci todos os estoques. Encontrei uma engenhoca legal, com roldanas, que me ajudou a carregar uma pilha até o sótão (o que eu fiz e então acendi a lareira lá de cima também).

Encontrei um pedaço de carne, pão e uma enorme fatia de queijo. Fatiei um pouco de cada, fiz um sanduíche enorme e comi, acompanhado de um copo de água fresca, limpa e absolutamente deliciosa que peguei da bomba.

Dei uma olhada na cozinha e encontrei leite em um jarro dentro de um armário que se projetava para fora da casa (uma geladeira natural), uma grande quantidade de queijos, carne (algumas cozidas e outras cruas), algumas salsichas para fatiar (que tinham um cheiro incrível), um pedaço de bacon, uma tigela cheia de ovos e um pote enorme de manteiga.

Nos armários havia potes de geleia. Encontrei também uma jarra de café moído (oba!) e o que parecia ser um coador antigo para prepará-lo. Havia outros mantimentos como chá a granel, açúcar, farinha. Também havia um porco salgado (recheado) e um moedor de pimenta (também cheio). Encontrei frascos de especiarias que cheirei para descobrir o que eram (orégano, manjerição, folhas de louro, tomilho, salsa, pimenta caiena, canela e noz-moscada). E havia grandes sacos de batatas e cebolas, outros menores com aveia, arroz e uma réstia de alho.

Podia muito bem trabalhar com isso.

Estava abastecida.

Pelo menos, por algum tempo.

Comecei a examinar atentamente os baús e encontrei roupas, lingerie, botas, meias de lã e cashmere delicadas, sapatos e casacos, em uma variedade de tecidos e cores. Tudo lindo. Obviamente, tudo caro, feito sob medida e não destinados a serem usados em uma cabana no meio do nada, mas... em qualquer outro lugar. Também encontrei algumas camisolas muito sexys (mais uma vez, meu marido era um idiota, as camisolas, assim como cada peça de lingerie, eram *incríveis*).

Encontrei lençóis (muitos deles), colchas, mantas e cobertores (em grande quantidade também), então arrumei a cama. Também encontrei porcelana chinesa e prataria, incluindo um impressionante jogo de café, que coloquei na cozinha. Peças que imaginei serem toalhas de banho e de rosto, empilhei em algumas prateleiras que havia limpado naquele lugar parecido com um banheiro.

Havia coisas para o cabelo, joias e maquiagem, sabonete, pós perfumados, perfumes e loções. Transporteí também este baú pequeno para o que achei ser o banheiro.

Havia um outro baú cheio de livros encadernados em couro, alguns impressos, outros livros em branco (talvez diários?). Papel de carta azul gelo e envelopes elegantes, uma vela de cera e um intrincado selo de prata usado para lacrar os envelopes (*incríveis!*). Uma fina caneta tinteiro de prata e alguns potes com tinta. Abasteci a mesa com eles.

O outro estava cheio de peças de cristal: taças de vinho em três formatos (branco, champanhe e tinto, duas de cada), cálices para aperitivos (também dois de cada) e um supérfluo, mas, definitivamente, impressionante vaso de cristal.

Eu sabia perfeitamente para que o usaria.

Fui até o trenó, peguei o buquê de galhos no chão, onde havia caído (assim como a minha coroa esquecida, pensei em como eu poderia ter esquecido minha coroa... quem diria? Mas esqueci). Levei-os de volta

para a casa, arrumei os galhos no vaso e o coloquei sobre a mesinha em frente ao sofá.

Ficou muito bom lá. Um toque de brilho e de beleza. Perfeito.

Coloquei a coroa bem no centro da cornija da lareira maior, aquela para a qual a mobília estava virada.

Ficou muito bem ali. Mas ficaria bem em qualquer lugar.

Tudo o que não podia usar ou precisava ser armazenado, embalei cuidadosamente e alinhei os baús contra as paredes, onde ficaram bem. Transporte os baús vazios até a porta da frente para que pudesse arrastá-los para o celeiro no dia seguinte.

Coloquei mais lenha em todas as lareiras, acendi as velas e lamparinas. Encontrei e instalei algumas telas guardadas na varanda dos fundos, que eram feitas para serem colocadas na frente das lareiras para impedir que faíscas voassem.

Depois, jogada no sofá, exausta, com fome de novo e tentando contar quantas vezes fervei água naquela chaleira grande de ferro, percebi onde eu estava.

Sozinha, no meio do nada, longe dos meus pais (dos quais paguei um milhão de dólares para ver) e depois de encontrá-los, descobri que não gostavam de mim.

— Foda-se — murmurei, olhando para o fogo.

Bem, pelo menos aquele idiota não me bateu. Depois de largar uma princesa neste buraco sem ao menos cuidar dos seus animais, sabia que ele seria capaz disso.

Meus cavalos estavam alimentados e abrigados. A casa, limpa. Estava com fome de novo, mas não ia comer, não porque não conseguia cozinhar, mas porque estava exausta demais para me levantar e ir para a cozinha. Tinha verificado o estoque e estava muito bem. A casa estava quente, as lareiras, lamparinas e velas brilhavam e o sofá estava muito confortável.

Peguei uma manta de lã macia que achei em um dos baús e me joguei ali, puxando-a sobre o meu corpo. Estiquei os pés na minha frente e envolvi os dedos no salto da minha bota, puxando-o cada vez mais para baixo até conseguir tirá-la. Fiz o mesmo com botão outro pé.

Me enrolei e olhei para o fogo.

Respirei profundamente.

E sorri.

— Bem — sussurrei. —, pode-se dizer que isto é uma aventura.

Com certeza.

E então, caí em um sono profundo, sorrindo.



As duas figuras escuras se deslocaram em silêncio pela neve em direção à cabana. Quando chegaram lá, pararam em frente a uma janela e olharam para dentro.

Diante do que viu, Frey Drakkar piscou lentamente e mal conseguiu evitar resmungar um palavrão.

Em oito horas, a Princesa de Inverno havia transformado a cabana. O lugar tinha até um vaso de cristal com seu buquê de casamento sobre uma mesa. As lareiras tinham um fogo intenso, tudo parecia limpo, havia uma manta quente jogada sobre uma das cadeiras e... ele se moveu para outra janela a fim de ter um ângulo de visão diferente e Thaddeus o seguiu... *e/a* estava dormindo pacificamente com um sorriso atraente naquele rosto belo, o cabelo loiro platinado espalhado pelo braço do sofá e o corpo delicioso coberto com outra manta grossa.

Desviou o olhar para o vaso de cristal sobre a mesa e algo fez sua garganta se apertar, como havia acontecido várias vezes desde que aquela mãozinha envolveu seu punho na Morada dos Deuses.

A Princesa Sjöfn não era conhecida por gostar de coisas bonitas. Ela jogaria aquela tralha toda fora. Inclusive o buquê de casamento feito de galhos, independentemente de quanto fossem preciosos. A Princesa não os colocaria em um vaso brilhante de cristal os deixaria expostos.

E a Princesa Sjöfn, nem uma vez, nas três ocasiões desagradáveis em que passou algum tempo com ela, sorriu para ele. Ou brincou com ele. Nem mostrou o decote amplo e, infelizmente, espetacular. Não sabia que ela possuía essas características ou que podia até mesmo usar um vestido sem ficar parecendo que suas vestes tivessem sido cozidas em alcatrão e derramadas sobre sua pele.

Pelo menos, usá-las sem fazer caretas, mas com graça e flutuar pelo corredor em direção a ele com o mesmo comportamento da mãe — uma mulher conhecida em toda Lunwyn, droga, em todas as Terras do Norte pelas maneiras refinadas.

Ele está tão concentrado que, provavelmente, poderíamos nos sentar ou até mesmo sair, tomar uma cerveja e voltar, e ele ainda estaria assim.

Ele ouviu as palavras provocantes, viu o rosto sorridente e suspeitou que a Princesa de Inverno estivesse tramando algo.

Alguma coisa não estava certa.

Só não tinha ideia de quê. A única coisa que sabia era que, o que quer que a mulher estivesse tramando, não tinha a intenção de se prender a isso.

O pai dela era rei, independentemente do fato de que seu sangue não merecia o trono. E o rei Atticus havia oferecido um imenso dote. Frey havia recusado a união de ambos por três anos.

Mas o rei Atticus ansiava por um neto para que o reino estivesse seguro, sendo herdado pelo filho de Sjöfn em vez de seu irmão, Baldur, que governava Middleland, um país mais ao sul. Baldur era conhecido por ser um tirano e um idiota. Todo mundo e até mesmo Atticus o detestava.

Este último fato, mais do que os baús carregados com os diamantes de Sjöfn, o ouro e as terras que Atticus entregou para ele para que aceitasse se casar com sua filha que não gostava de homens, foi a razão pela qual Frey finalmente concordou.

Não havia nada que Frey não faria por Lunwyn, inclusive se casar com uma mulher de sangue ruim, ainda que fosse fortemente pressionado para não fazê-lo por poderes que não devia, ignorar.

Isso e o fato de que o sangue de Drakkar ia ocupar o trono.

Seu filho seria rei. E Frey não teria que travar uma guerra para destronar Baldur ou a própria mulher que não se sentia atraída por homens, aquela que devia suceder Atticus. Sem mencionar que Frey não precisaria lutar para estabelecer seu próprio lugar no trono de Lunwyn depois que derrotasse Baldur.

Isso seria muito chato. Definitivamente.

Thaddeus assobiou por entre os dentes, surpreso diante da bela visão que tinha à sua frente, tirando Frey dos seus pensamentos.

Ele escondeu a própria surpresa.

Se afastou da cabana, caminhando em silêncio até o bosque onde haviam deixado os cavalos, e Thaddeus o seguiu.

Sem dizer uma palavra, subiram em suas selas, mas Frey não se moveu. Continuou parado sobre sua montaria, pensativo, olhando para a cabana, a fumaça saindo de quatro chaminés, um brilho dourado reluzindo pelas janelas, sua *esposa* cruel dormindo e sonhando com deuses sabia-se lá de onde.

Frey olhou para a casa sentindo algo inquietante.

Depois, olhou para as janelas.

Elas estavam abertas, as cortinas não estavam fechadas para afastar o frio.

Suas sobrancelhas se ergueram.

A mulher tinha disposição para limpar e acender lareiras. Aquilo foi uma surpresa, porém uma surpresa angustiante. Mas Sjöfn, a Princesa do

Inverno, que tinha todos os seus caprichos atendidos, demonstrou claramente que sabia cuidar de si mesma, teria fechado as cortinas para afastar o frio. Mesmo que estivesse derrotada, repousando em sua cabana de caça imunda, sendo uma Lunwyniana, saberia que tinha que fechar as cortinas para que o frio não entrasse.

— Devo dizer, Frey, que apostaria com um deus qualquer que aquela ali prefere aventura. Se *fosse* minha esposa, estaria sentindo o gosto do meu pau direto na boca, porque eu o estaria empurrando tão fundo que ela ia saboreá-lo na garganta — Thaddeus falou calmamente, tirando Frey de seus pensamentos.

— Humm — Frey murmurou.

Ele sentiu os olhos do amigo sobre si.

— Você não concorda?

— Não faço a mínima ideia de por onde anda aquela boca. Ou aquela vagina — Frey respondeu.

— Falando a verdade, não me importo com isso também — Thaddeus retrucou.

Frey pensou no cabelo dela espalhado no sofá, no seu sorriso e no decote.

Então pensou na resposta fervorosa ao seu beijo depois que se casaram, uma resposta que fez seu sangue ferver e seu membro começar a ficar duro enquanto sua língua dançava com avidez de encontro à dela, e seus braços deslizaram em volta do pescoço dele, segurando-o com firmeza. Não foi um beijo razoável. Sequer foi bom.

Foi o melhor beijo que já tinha dado.

Outra coisa que não se encaixava em tudo mais que *não* era característico da Princesa Sjofn.

Anos atrás, ficou furioso diante da sua confissão enquanto estava bêbada, quando o rei Atticus começou a campanha para fazer de Frey Drakkar seu genro. Ficou furioso, porque ela era, sem dúvida, a mulher

mais bonita que já tinha visto e a desejou no mesmo instante em que a viu, talvez, *especialmente*, porque ela estava usando calças.

Sua esposa tinha uma bunda espetacular e pernas melhores ainda.

Mas então descobriu o que ela era.

Frey não tinha nenhum problema com mulheres que não gostavam de homens.

Mas não queria uma mulher que não o quisesse, não importava o quanto fosse bonita.

Mas depois daquele beijo, depois que ela demonstrou tão bem o quanto podia fingir, Frey teve que admitir que as palavras de Thaddeus tinham mérito.

— O navio está à espera, Thad — Frey murmurou, colocando um ponto final na curta conversa.

— Tem razão, Frey — Thad murmurou em resposta.

Eles viraram os cavalos, cutucaram os saltos nos flancos e foram embora.

Capítulo 05

Bem-Vindo ao Lar

Seis semanas mais tarde...

— Uhuu! — gritei, sentindo a onda de ar frio que veio por trás de mim quando alguém entrou no pub.

Ignorei o fato, cantando minha vitória com os braços esticados acima da cabeça e sorri para os homens que dividiam a mesa comigo, depois abaixei os braços e me incliei, puxando a pilha de moedas em minha direção.

— Tem certeza de que faz apenas duas semanas que ensinei este jogo a você, Princesa Finnie? — Laurel, que estava à minha direita, resmungou para mim, observando seu dinheiro se juntar à minha grande pilha.

— Aham. — Assenti, me virei, levantei a mão para colocá-la sobre o coração e dei a ele um enorme sorriso. — Dou a minha palavra.

— Certo — Ulysses murmurou à minha esquerda e abriu um sorriso para ele, vendo-o sorrir de volta e me mostrando que não tinha nenhum ressentimento.

Por outro lado, estávamos, basicamente, apostando moedas de um centavo, então não era como se eles me devessem as escrituras de suas casas.

Estendi a mão para as cartas, meus dedos embaralhando-as com habilidade quando declarei:

— Minha vez de dar as cartas.

— Certifique-se que ela não comece pela parte de baixo, Uly, ela pode ser a mãe do nosso futuro rei, mas não confio em nada que ela faça

— Frederick, que estava na minha frente, disse para Ulysses, embora eu soubesse que ele estava brincando.

Ele gostava de mim.

Na verdade, a maior parte dos moradores de Houllebec gostava. E as únicas pessoas da vila (que eu conhecia), não eram pessoas que já haviam me encontrado.

Minha aventura podia não ter começado de maneira maravilhosa, mas estava ficando muito melhor.

Primeiro, encontrei uma sela para montar de lado no estábulo (e também uma grande tina para lavar roupas, que tinha uma daquelas coisas que pareciam um moedor para torcê-las, dessa forma eu poderia lavar minhas roupas, e assim o fiz, usando aquela coisa, porém, é preciso dizer que não era o que eu mais gostava de fazer, principalmente porque era necessário pendurar tudo em volta da casa e levava *uma eternidade* para secar, além de mexer com o o clima rústico e acolhedor que eu tinha na cabana).

Eu sabia andar a cavalo, só não sabia como usar uma sela lateral. Coloquei-a em uma das minhas éguas malhadas e descobri como montá-la. No dia seguinte à minha chegada, segui nossos rastros até a aldeia e rapidamente descobri que se chamava Houllebec.

E desde então, ia todos os dias até lá.

A aldeia era *incrível*. Não só parecia legal, *era* legal.

Havia dois pubs, aquecidos, limpos e agradáveis. Os dois serviam comida excelente e possuíam estalagens, porque as pessoas viajavam até lá para usufruir das fontes termais que ficavam escondidas atrás das encostas — era uma fonte de rendimento para os habitantes do vilarejo, já que as fontes eram bem conhecidas e as pessoas que as procuravam traziam muitas “moedas”.

Havia uma padaria que fazia pães magníficos, tortas, bolos e até mesmo doces.

Também encontrei um açougue e um pequeno ateliê de costura. Um mercado que possuía produtos básicos (e não tão básicos), incluindo alguns legumes frescos da época, balas deliciosas com cores vivas e brilhantes, um chocolate suntuoso (com o estoque sendo reabastecido o tempo todo!) e um doce feito à base de chocolate que deixavam esfriar diretamente na janela.

Vi um ferreiro, uma serralheria, um estábulo, um moinho e outras coisas tão legais quanto uma *vila remota em um mundo paralelo e congelado* podia ter.

Caminhava pela cidade diariamente e, às vezes, ficava até a hora do jantar. Eu comia nos pubs e, além de tomar algumas cervejas, conversava e jogava cartas com meus novos amigos.

Fui simpática e expansiva e, de qualquer forma, já sabiam quem eu era, porque ouviram falar que o Dragão havia se casado comigo, e descobri que, na verdade, era *chamado* de Drakkar, por causa de *Frey Drakkar*.

Descobri isso por sorte, ou por coincidência, na quarta (mas não a última) parada para comprar croissants de chocolate da padaria.

Também me conheciam, pois, o meu cabelo era muito famoso e vários moradores disseram que podiam me identificar há quilômetros de distância com apenas um vislumbre das madeixas Lunwynianas, lindas, famosas, compridas e platinadas (achei isto muito fofo).

E eles estavam entusiasmados, não só porque a princesa do seu país estava no meio deles, mas era amigável e falante. Gostava dos seus produtos e gastava o dinheiro do marido livremente.

Eu estava encantada, porque Houllebec era incrível e não importava quantas vezes eu fosse até lá, sempre havia coisas novas para descobrir. Eles eram legais e quando comecei a conviver com eles, achei muito divertido.

Eu vivia muito por ali.

Mesmo quando estava em casa, nunca ficava entediada e encontrava várias maneiras de me divertir.

Experimentei todas as minhas roupas e as lingerie (todas *fabulosas*). Podia ter uma padaria fantástica há dez minutos de distância, indo a cavalo, mas também fiz amizade com Cedric e Audrey, o padeiro e a esposa. Eles me ensinaram a fazer pão, bolos e tortas no forno de casa.

Comprei o material no mercado da Maria e, devo admitir que os primeiros resultados não foram dignos de nota (isso incluía comida normal), mas peguei o jeito do fogão a lenha. Era uma chatice, mas os resultados valiam a pena.

Todos os dias antes de ir para a cidade, montava em uma das éguas malhadas (fiz um rodízio, assim todas podiam se exercitar). Comecei a circular as terras perto da cabana de Drakkar. Fazia isso só para checar as coisas lá fora e de maneira firme e inteligente, anotando os pontos de referência para não me perder. Minhas rondas foram aumentando, dia após dia e, no início, achei que não havia muita coisa. Mas a boa notícia é que era tudo muito bonito.

Isso é, não havia muito até que descobri que Drakkar tinha sua própria fonte termal.

Sim, sua própria fonte de água quente!

Era um oásis de pedra lisa e cinza no meio da floresta congelada, que, por causa da nascente, era quente ao toque, com vapor saindo da água, o que era sublime.

Também ia lá todos os dias, principalmente porque era onde eu tomava banho. Era *muito* melhor do que precisar acender o fogo horas antes para aquecer o banheiro, depois, ferver água no fogão e levá-la até a banheira. Em seguida, ir e voltar com baldes para esvaziá-la, até que, finalmente, podia virar aquela porcaria para derramar o que restava da água ao redor da casa, onde os respingos da água não deixariam as passarelas congeladas.

Caramba, depois que fazia tudo isso, já estava suando e precisando de outro banho.

A fonte de água quente era *muito* melhor por muitos motivos. Eu adorava ficar sentada admirando a beleza da floresta gelada enquanto me deleitava com a água quente. Era uma *viagem*.

Também tinha adotado uma gata enorme, ruiva e gorda, chamada Penelope.

Eu a consegui com Lindy, a atendente do pub, cujo marido era alérgico, e ela não encontrava nenhum lugar para sua gata ficar. Penelope havia sido relegada aos estábulos, algo que ela não gostava, até que a levei para casa. Minha égua não gostou muito dela ter ficado sobre suas costas, e Penelope não estava muito animada com o passeio, mas chegamos à cabana sem (maiores) incidentes, e Penelope *gostou* da casa nova. E gostou, especialmente, de ter uma *mãe* que a mimava e não se importava de levantar a cada dez minutos para deixá-la sair para explorar e, em seguida, dez minutos mais tarde, se levantar para deixá-la entrar, porque estava muito frio lá fora.

Ela devia estar sonhando, porque ronronava dormindo, e seu corpo grande e gordo estava quente sobre os meus pés.

Por último, havia cinco livros que foram embalados para mim, e descobri que Sjöfn não tinha me ferrado tanto quanto pensei (embora ainda tivesse me ferrado) quando os desembalei.

O primeiro falava sobre a história das Terras do Norte, incluindo Lunwyn, onde eu era princesa, meu pai era o rei e minha mãe, rainha. As Terras do Norte também incluíam Middleland (lugar no qual descobri que meu tio, Baldur, era rei, embora achasse isto estranho, já que eu não tinha um tio em casa e, de qualquer forma, nunca ouvi falar de um homem que se chamasse Baldur).

Também aprendi que a casa de Drakkar (o que me fez imaginar se meu marido fazia parte dela) costumava governar aquelas terras há tempos atrás. Embora eu não pudesse saber mais a esse respeito, porque

os livros falavam mais sobre a história recente do que sobre o passado. Ele não foi mencionado e imaginei que Sjofn o escolheu para que eu soubesse com o que estava lidando no presente.

Com esse livro, também fiquei sabendo que, Terras do Norte, havia o país de Hawkvale, uma pequena cidade-estado chamada Bellebryn e outro país na fronteira sul chamado Fleuridia.

Este livro era bem escrito e interessante e sabia que Sjofn o escolheu não apenas para fins informativos, mas também porque a informação era apresentada de uma forma divertida. Portanto, fiquei entretida.

O segundo era a história dos deuses e o terceiro, um relato leve das práticas religiosas em Lunwyn, que explicaram aquela coisa toda na igreja.

As seis estátuas na igreja, ou Morada dos Deuses, como chamavam aqui, eram seus seis deuses: Wohden, deus do poder (sua cor era o azul escuro e aqueles que oravam a ele ou enviavam oferendas, o faziam em santuários ou com presentes que levavam sua cor), Hermia, deusa da maternidade (sua cor, azul claro), Meer, deus da guerra (sua cor, vermelho), Adela, deusa da paixão (sua cor, lilás escuro), Keer, deus do destino, (sua cor, dourado) e Alabasta, deusa da sabedoria e responsável pela terra (sua cor, verde).

Os sacerdotes dedicados à essa religião, conhecidos como Vallees, eram homens e todas as cerimônias, incluindo os sermões de sexta-feira à noite, eram realizadas no que ficou conhecida como “língua antiga” ou o que as pessoas chamavam Lunwynian, séculos atrás. Era assim devido à tradição e, na minha opinião, parecia um pouco idiota já que só os Vallees falavam aquele idioma (mas, geralmente, eles não *sabiam* a língua, apenas alguns religiosos e estudiosos a conheciam, então eles apenas o *recitavam*, o que significava que aquele cara murmurando no nosso casamento havia decorado todas aquelas falas, o que, precisava admitir,

era notável), e todas as outras pessoas em Lunwyn sabiam apenas algumas palavras.

Meu buquê era um ramo tradicional usado pelas noivas. Eram retirados de árvores de adela. Havia uma crença religiosa sobre a árvore que dizia que Adela, a deusa da paixão, a fazia brilhar através da sua magia e, o chá de seus galhos funcionava como um afrodisíaco. Mas depois de ler no livro uma descrição do que podia causar, parecia mais como algo a ser usado para ter uma *viagem* poderosa.

Não entenderia o quarto e quinto livros até encontrar a carta *verdadeira* que Sjofn colocou dentro de um deles.

Eram volumes muito finos, mas relatavam os contos dos “Raiders” ou, o que outros chamavam de “Voyagers”. Eram os homens que navegaram os diversos mares deste mundo encontrando tesouros (ou saqueando-os). Eram meio parecidos com as lendas contadas sobre os antigos Vikings do meu mundo.

Só consegui entender a inclusão desses livros, porque a carta de Sjofn dizia o seguinte:

Seoafin,

Te apresento ao seu marido. Ele é o Raider mais conhecido em toda Lunwyn. Histórias sobre suas façanhas se espalharam pelas Terras do Norte e todos os lugares. Se você ler sobre isso nos livros, é provável que ele tenha feito. Ele vem de uma longa linhagem de Raiders, seus ancestrais receberam o nome Drakkar, o Dragão, porque antigamente eram tão ferozes, poderosos e inteligentes quanto os grandes animais que saqueavam a terra quando seu poder foi tomado por Wohden e usado para servir nosso reino gelado. Embora há muito tempo, sua família tenha abandonado essas atividades, o seu marido voltou a se aventurar em viagens, assim como seus antepassados fizeram.

No entanto, muito provável ela estava certa em seu palpite que você só veja essa carta depois que tiver sido entregue a ele. Saiba que sinto muito por isso. Acredito que a esta altura, você também já deve ter entendido o motivo por eu estar ansiosa para me afastar outro bom palpite e entender o momento que não pude evitar, pois nunca estava sozinha antes das minhas núpcias, já que meus pais temiam que eu fosse tentar escapar. As garotas que me servem conseguiram abrir uma janela para mim no momento em que a troca ocorreu. Foi curta e inoportuna para você, mas, infelizmente, foi o melhor que pude fazer.

Espero que Alyssa, Jocelyn, Esther ou Bess tenham conseguido tempo para explicar as coisas antes de você estar no trenó em direção à Morada dos Deuses para a cerimônia de casamento. Se não, peço desculpas por isso também, mas vou dizer agora que pode confiar em todas elas, já que sabem quem você é, e porque está aí. Elas não são apenas minhas criadas, mas também boas amigas e confio nelas com a minha vida. Me juraram que você pode fazer o mesmo.

Para deixar mais claro, o reino de meu pai não pode ser herdado por uma mulher, e ele não tem outros filhos, só eu. Portanto, se não tiver um herdeiro do sexo masculino, com a sua morte, Lunwyn será governada por seu irmão gêmeo, Baldur, que atualmente é o rei de Middleland, a nação ao sul.

Meu avô, o Rei Haldor, governou as duas regiões e as dividiu depois, embora meu pai tenha nascido primeiro, meu avô era um homem bom e justo, e achava que isso era o correto a se fazer. Não era.

Meu tio não é como o meu pai ou avô, e é imperativo que a nossa bela terra não passe para suas mãos, ou para seu filho. Meu primo, Broderick, é um homem adorável, mas não é um rei. Qualquer um desses governantes seria muito ruim para a minha gelada faiscante Lunwyn.

Antes que a Casa de Wilde assegurasse o trono, Lunwyn viveu séculos de tempos sombrios, décadas e mais décadas de turbulência. O reinado de Broderick ou do tio Baldur, provavelmente, seria disputado com violência e por muitas facções, e tudo deve ser feito para assegurar o trono, assim garantindo paz e prosperidade para Lunwyn.

Considerando como sou, obviamente, não quero um marido. Mas sabia que tinha que aceitar um pelo meu país, a fim de lhes proporcionar um governante que pudesse ser moldado por mim mesma, e um pai forte, para ser um bom rei. Infelizmente, não importa o quanto meus pais me incentivaram e depois me ordenaram a fazê-lo, eu posterguei este dever. Então meu se envolveu e encontrou o Drakkar, a quem admira muito e que, muitas vezes, executa com sucesso as tarefas difíceis ou perigosas que outros não conseguem, e faz isso pelo reino.

Se eu fosse escolher um homem, não seria alguém como o Drakkar, que me assusta, ao mesmo tempo que pensar em seus avanços me repele.

Mas devo fazê-lo pelo meu país. Eu só queria... esperar. Ter um tempo. Para explorar e ser capaz de ser eu mesma, algo que não pude fazer em casa, com medo de ser descoberta. E quando a bruxa veio com o seu comunicado, me dando informações desse outro mundo inteiro que eu não sabia que existia, acho que fiquei muito ansiosa por essa chance.

Estou certa de que, à esta altura, já terá descoberto que o que os outros dizem sobre o Drakkar é verdade (ou, pelo menos, assim espero). Dizem que ele é bastante viril, muito hábil nesta área, e muitas mulheres, não aquelas como eu, acham que ele é extremamente agradável aos olhos. Na verdade, ele é muito procurado e talvez considerado um excelente partido, embora eu não preste atenção a essas coisas, o melhor no reino.

Espero, com todo meu coração, que você se sinta dessa forma. Saber que não nos conhecemos muito bem, pode ajudá-la a lidar com ele. Nos encontramos apenas três vezes. Não conversamos muito além das formalidades, então, embora esteja certa que ele sabe muito a meu respeito, como todos no reino sabem, ele não me conhece. Assim, você pode não estar trabalhando com uma lousa totalmente limpa, mas acredito que seja limpa o suficiente para que possa construir o relacionamento que precisa para tornar sua convivência com ele agradável durante sua aventura.

Também espero que você tenha encontrado uma bruxa para ajudá-la a não conceber um filho dele ou que tenha coragem de discutir este assunto com o Drakkar, que pode usar um invólucro para impedir que isso aconteça. Este é o meu dever, e vou encará-lo quando voltar. Você só terá que encontrar uma maneira de impedir a concepção de uma criança até que eu possa prestar este serviço para o meu país.

Ou, talvez, daqui a um ano, o retorno para os nossos mundos possa ser reconsiderado. Partiria o meu coração de verdade deixar minha Linnyn mas, se você deseja permanecer com o Drakkar e qualquer descendência que possa proporcionar venha a servir minha nação gelada com justiça e decência, e ser feliz fazendo isso, eu faria esse sacrifício pelo bem do meu povo.

Mas vamos nos comunicar quando essa hora chegar.

Enquanto isso, lhe desejo grandes aventuras, Sjoafin. Pelas cartas que você me enviou, parece que vai se encaixar muito bem com o Drakkar.

Espero por isso de verdade.

Com carinho,
Sjoafin

Tudo bem, ela não queria me enganar *por completo*. Mas, ainda assim, me enganou. Eu havia sido muito clara com ela sobre o porquê queria a troca. Obviamente, ela agiu (meio que) como uma casamenteira, ao mesmo tempo em que se preocupou consigo mesma. Não foi tão verdadeira comigo, incluindo notícias sobre seu casamento, seus pais não serem seus maiores fãs e o dever que tinha com seu país.

Teria sido bom poder escolher e saber com o que eu estava lidando *antes* de chegar.

Mas tinha que admitir: ler sobre os Raiders/Voyagers e pensar que aquele homem era um deles era intrigante. Eu tinha a sensação de que os livros sobre seu estilo de vida foram bem romantizados (selecionados cuidadosamente por Sjöfn, sem dúvida, a fim de evocar o meu próprio espírito de aventura, algo que eu havia compartilhado com ela). Mas suas aventuras nos mares, as viagens longas, as pessoas que havia encontrado, as coisas que tinham visto — bem, olhe para *mim*, eu era filha de dois aventureiros.

Não podia dizer que Sjöfn estava errada a esse respeito.

Ainda assim, ela poderia ter me avisado, incluindo o que dissera sobre si mesma e que, claramente, ele não havia reagido bem a esta notícia. A menos que tivesse feito isso quando estava caindo de bêbada e não se lembrasse, o que parecia ser o caso.

No entanto, ele havia partido e eu estava aqui, na minha aventura e, como sempre fiz, estava absorvendo tudo o que podia dela. Tinha a minha cabaninha rústica, aconchegante e elegante. Podia assar uma torta de nozes incrível *com* uma fantástica massa folheada *em* um forno, à moda antiga (aposto que nenhuma das minhas amigas em casa podia fazer algo parecido, e Claudia havia provado que era capaz de cozinhar em qualquer coisa: fogueira, fogão de acampamento, pedras quentes subterrâneas, *qualquer coisa*). Tinha minha própria fonte termal. Era dona de uma gata linda e gorda (esperava que a Valentine me deixasse levá-la

para casa quando acontecesse a troca). E, quando estava cansada da minha própria companhia, podia escolher entre quatro cavalos para montar e uma cidade cheia de pessoas com as quais conversar.

Estava totalmente adaptada e tendo momentos fabulosos.

Mal podia esperar para contar à Claudia, embora dissesse a mim mesma que não esfregaria isso na cara dela. Com habilidade, embaralhei as cartas, olhando para elas, quando sugeri:

— Que tal ensinar pôquer a vocês, meninos?

Embora tivesse sugerido isso, não sabia como ia fazê-lo, considerando que não tínhamos as mesmas cartas. Eles tinham ouro, mas não possuíam copas, espadas ou paus. Em vez disso, tinham estrelas, luas e adagas. Mas o baralho começava com um traço ou “nada” e também tinha o número um, uma carta com a imagem de um fantasma e uma com a imagem de uma feiticeira, então imaginei que podíamos usar as cartas que não tinham nada como ases, o traço como coringa, o um, o fantasma e a feiticeira como valete, rei e dama.

Enquanto estava decidindo isso, percebi que nenhum dos rapazes disse nada, então olhei para cima.

Foi quando senti que o ar do pub estava carregado.

Notei, um pouco tarde demais, que Ulysses, Frederick e Laurel estavam olhando na direção da porta.

Senti uma energia estranha, pulsante e quente, mas muito assustadora, atingir minhas costas.

Merda, meu pai sempre me disse para não me sentar de costas para a porta. E lá estava eu, sentada exatamente de costas para a porta.

Me virei lentamente na cadeira. Tão devagar quanto, meus olhos deslizaram pela roupa marrom, quase preta, o cinturão de facas (com facas), a faixa de couro cruzada sobre o peito largo, o manto feito de peles e a espada nas costas do meu marido barbudo.

Que estava exibindo uma carranca para mim

E eu estava lutando para respirar.

Merda!

O que fiz agora?

Compreendi imediatamente o meu erro de, talvez, não interromper um pouco minha aventura no universo paralelo e, digamos, me preparar para o seu retorno, considerando que ele havia me dito que voltaria. Percebi isso quando meus olhos se desviaram dele e vi cerca de sete homens, todos mais baixos que ele (mas não muito), vestidos de maneira muito parecida, igualmente barbudos, com o cabelo (de várias cores) que precisavam de um corte, assustadores e olhando para mim.

Deviam ser alguns dos seus companheiros Raiders.

Ah, Deus!

Inspirei profundamente para encher meus pulmões. Então abri um enorme sorriso e falei:

— Olá, querido! Vejo que está em casa.

Houve algum movimento ao meu redor, mas não tanto quanto a energia pulsante, estranha, quente e muito assustadora que encheu o pub até que ficasse sufocante. Ele grunhiu para mim:

— Esposa, venha até aqui. Ande logo.

Humm. Não sei se gostei desse tom.

Não, eu estava errada. *Tinha* certeza de que não gostei desse tom.

No entanto, ele era duas vezes maior que eu e tinha sete homens, quase todos do seu tamanho, atrás de si. Eu estava com Frederick, Ulysses e Laurel. Claro, Ulysses era o ferreiro e seus antebraços pareciam bigornas (era provável que a consistência se assemelhasse também, embora eu não tivesse verificado), mas Frederick e Laurel eram leves em comparação à Facção Raider.

E eu gostava deles, sabia que gostavam de mim, que tivemos alguns bons momentos, mas não éramos exatamente melhores amigos (ainda), não tinha certeza de que entrariam em uma briga por mim.

Não com esses caras.

Era melhor que eu fosse até lá.

Assenti para Drakkar e me virei, colocando as cartas em cima da mesa.

— Obrigada, rapazes, vejo vocês mais tarde — murmurei e peguei minha bolsinha com cordão de cetim.

Decidi deixar meu dinheiro onde estava e, com certa pressa, me levantei, peguei meu manto nas costas da cadeira e me movi rapidamente, tentando fazer isso sem parecer que estava com pressa. Desta forma, caminhei pelo pub em silêncio, dando cada passo com todos me olhando.

Não tinha certeza do que aconteceria uma vez que me aproximasse dele, porque eu não conhecia meu marido. Mas não estava preparada para o que *realmente* aconteceu.

No minuto em que cheguei perto dele, Drakkar me agarrou.

Então, com um pequeno grito de surpresa, me encontrei em cima de seu ombro, com o traseiro para cima. Estava fora do pub, na noite fria. Depois fui jogada sobre o meu cavalo e, automaticamente, meus braços se ergueram com rapidez para pegar o casaco que eu havia deixado cair, e que meu marido estava jogando em mim.

Em seguida, grunhiu duas palavras.

— Para. Casa.

— Mas... — comecei, mas não terminei.

Ele levantou a mão grande e bateu na traseira da minha égua, gritando:

— *Yah!* — E a égua cinzenta partiu a galope.

Eu sequer estava com as rédeas na mão!

Que *imbecil!*

Coloquei a perna ao redor da sela com rapidez, me inclinei para frente e segurei em volta do pescoço da égua para não cair, pegando as rédeas. Depois me endireitei e, da melhor maneira que pude, segurando tudo ao mesmo tempo, atirei a capa forrada de pele nos meus ombros.

Cavalguei até chegar em casa bem rápido. Estava chateada e sabia que, se não fosse nessa direção, voltaria para o pub e, provavelmente, provocaria meu assassinato por um Viking gigante, um Raider do universo paralelo.

Assim que cheguei, fui direto para os estábulos, onde tirei a sela e cuidei da égua malhada. Fui para a casa, acendi as lareiras, as alimentei com lenha, acendi as velas e as lamparinas, subi e acendi a lareira no sótão e, em seguida, desci a escada e andei de um lado para o outro.

Mas não me acalmei.

Meu *marido* e eu tínhamos algumas questões para acertar.

Primeiro, ele não deveria fazer nada que ameaçasse quebrar meu pescoço, como atirar um cavalo a galope enquanto eu ainda não estivesse corretamente montada e não estivesse com as rédeas nas mãos.

Segundo, ele tinha que parar de me colocar sobre o ombro ou dentro de algum tipo de transporte sem eu estar protegida do frio congelante e ártico.

Em terceiro lugar, ele ouviria sobre como me sentia a respeito dele me humilhar na frente de pessoas que estavam se tornando minhas amigas.

Eu sabia que, provavelmente, havia um quarto motivo, até mesmo quinhentos deles, mas já estava bom para começar.

Estava fervilhando e vociferando comigo mesma enquanto andava de um lado para outro durante muito tempo. Então percebi o que estava fazendo. Me lembrei que tinha tomado cerveja, comido uma torta de carne fabulosa no pub e estava ficando cansada. Notei que isso estava acontecendo, porque era muito tarde, e eu já estava em casa pelo que pareciam horas, e ele não.

Então, decidi... mandá-lo se foder!

Estava indo para a cama.

Fui até os baús, peguei uma camisola, caminhei até o banheiro, me troquei, saí, joguei as roupas em outro baú, apaguei as velas e as lamparinas, coloquei mais lenha na lareira e subi a escada, onde Penelope já estava dormindo, enrolada.

Alimentei a lareira do sótão, fechei a cortina e então deslizei sob o lençol, a colcha e o cobertor de lã macio e, dentro de minutos, estava fora de órbita.



Meus olhos se abriram quando algo leve e delicado deslizou da parte de trás do meu joelho até a parte de trás da minha coxa.

Despertei, confusa, com a visão desfocada por causa da luz da lareira, observando uma calça de lã marrom, quase preta, cobrindo uma coxa musculosa apoiada na cama.

Pisquei.

— Que desperdício. — Ouvi um grunhido masculino e o dedo continuou empurrando minha camisola para cima, deslizando-a sobre o meu quadril e, em seguida, indo para baixo, em direção à minha bunda. — Desperdício — repetiu.

Palavras registradas, toque registrado e a direção que ele estava indo, registrada.

Caramba!

Dei um salto e me sentei, apoiando uma mão na cama, as cobertas caindo de cima de mim, o dedo se moveu para longe. Penelope se afastou, desajeitada pelo caminho mais curto até a corda da polia usando as unhas para rastejar.

Ah, merda.

Meu marido estava sentado na cama, de frente para mim. Eu estava meio recostada nela. Como de costume, havia chutado as cobertas

e estava com ela entre as pernas. A parte que cobria meu torso agora era um amontoado na minha cintura.

Mas não percebi o que havia acontecido. Estava concentrada em olhá-lo nos olhos, e ele retribuía o gesto.

Drakkar levantou a mão grande, e eu permaneci completamente imóvel enquanto ela se movia em minha direção, segurava meu queixo e suavemente a deslizou para meu pescoço. Ele a curvou nas minhas costas, os dedos se entrelaçando no meu cabelo e continuou se movendo para baixo.

— Humm... — comecei, mas não continuei, talvez porque estivesse sem palavras por causa do medo.

— Macio — murmurou, com os olhos fixos no meu pescoço, os dedos envolvendo meu cabelo. — Mais macio do que eu esperava. Tão suave quanto bonito. Um milagre — continuou resmungando. Sua cabeça estava em outro lugar, ao mesmo tempo que falava a meu respeito.

Eu estava completamente focada nele, que não estava invadindo por completo o meu espaço, mas não estava longe o suficiente para que eu não sentisse o cheiro do uísque.

Merda. Caras bêbados costumavam não se importar se você era lésbica.

Não, eu sabia pelo olhar caloroso naqueles olhos verde oliva que ele, com certeza, não se importava.

Merda!

— Frey — sussurrei e quando o fiz, seu olhar retornou imediatamente ao meu.

— Repita isso — ordenou.

Eu não repeti. Em vez disso, fiz o que achei ser uma pergunta muito mais pertinente.

— Humm, você está bêbado?

Diante das minhas palavras, sua mão girou e puxou meu cabelo. Não doeu, o puxão no meu couro cabeludo foi leve. Ele era um homem

grande com o punho enorme no meu cabelo. Assim, teve a minha atenção.

— Repita isso — disse novamente.

— Humm... Frey — sussurrei.

De repente, ele usou o meu cabelo para me puxar de encontro si enquanto se inclinava em minha direção e quando me tinha a um centímetro de distância, grunhiu:

— *Deuses*, foi o que falaram que você diria, *exatamente assim*, quando estivesse pronta para mim.

Diante das suas palavras, senti um certo formigamento em um lugar feliz.

Hum, o que foi *isso*?

Coloquei a mão na parede maciça do seu (muito duro, notei ao tocá-lo) peito, e apliquei uma pressão suave, começando a sugerir:

— Talvez devêssemos...

— Hoje à noite, nós vamos fingir — murmurou, me interrompendo.

Ah, caramba!

— Acho que...

Antes que pudesse terminar de contar a ele o que achava, ele me soltou. Então se virou, se inclinou e tirou as botas. Antes que eu percebesse, tirou o suéter e fui abençoada com visão de costas extremamente musculosas, poderosas e intensamente bronzeadas. Ainda estava piscando enquanto essa imagem queimava em meu cérebro (tive que admitir, foi agradável) quando, ainda sentado na cama comigo, tirou a calça.

Ah, *caramba*!

Agora frenética, embora, infeliz e tarde demais, comecei a recuar, dizendo:

— Humm... você se importaria se...? — Mas, novamente, não terminei.

Isso porque, sem nenhum movimento aparente, ele se reclinou na cama e eu me reclinei junto com ele. Frey nos cobriu e, em seguida, os braços poderosos me envolveram e me puxaram para o seu lado.

— Monte na minha coxa — ele murmurou, e pisquei para o seu peito, empurrando-o de leve, registrando que era tão musculoso quanto suas costas e tão grande que parecia se estender para todos os lugares.

— O-o q-quê?

— Como você fez com a colcha — afirmou, impaciente. Sua mão, que estava em meu quadril, se moveu rapidamente até a minha coxa. Seu peito (e eu devo acrescentar, uma vez que o outro braço ainda estava ao meu redor) se levantou, a fim de se esticar. Então seus dedos engancharam na parte de trás do meu joelho e puxaram minha perna para cima, até que eu estava fazendo o que pediu, meio que cobrindo sua coxa, como fiz com as cobertas.

Ele se acomodou na cama e continuou me segurando firme.

— Bem, humm... certo, humm... você acha? — comecei, mas ele me interrompeu novamente.

— Essa não é a recepção que eu gostaria, esposa, mas vai servir e você vai dormir aqui, desse jeito, até amanhã. Se não, vou tomar a recepção que eu gostaria que você me desse, e não vou esperar. Você me entendeu?

Havia entendido. Não me importei em dormir assim, porque tinha a sensação de que sabia que tipo de recepção ele gostaria.

Aliás, estava certa sobre caras bêbados não se importarem com lésbicas.

— Sim — sussurrei.

— Agora, cale a boca e durma.

Apertei os lábios com força, a fim de não informá-lo que ele não havia me deixado abrir a boca para dizer muita coisa. Não acho que ele apreciaria esse lembrete na atual conjuntura.

Não consegui dormir.

Mas ele apagou em segundos.

Eu ainda não consegui dormir. Penelope subiu de volta até a corda, se enrolou no meu pé livre e ronronou até cair no sono.

E eu, ainda assim, não dormi.

Sabia que já deveria estar amanhecendo (embora não pudesse ver com as cortinas fechadas) e, só então, caí no sono.

Infelizmente, durante o sono, me aninhei mais ao estranho grande e durão que dormia ao meu lado. Meu braço o envolveu e o segurou firme. Minha coxa se entrelaçou na dele. O joelho e a panturrilha se encaixaram entre suas pernas, assim como meus quadris aos dele, minha bochecha se apoiou em seu peito enorme e duro.

Era algo que eu fazia normalmente enquanto dormia, mas com cobertas e travesseiros.

Uma coisa que fiz naquela noite com algo muito mais quente, muito mais confortável e *muito* mais perigoso.

Enquanto estava enrolada firmemente em volta do meu sombrio e estranho marido, dormi *profundamente*.

Capítulo 06

Ufa!

Eu dormi, mas Penelope ainda estava comigo quando acordei.

E ela era minha única companheira na cama.

Ufa.

Me deitei no casulo quente de cobertores que me cobria até o pescoço e me perguntei se meu marido estranho e sombrio os havia puxado para cima depois que me deixou na cama, o que seria uma indicação surpreendente de que ele poderia ser atencioso.

Imaginei que ele fez isso, porque era provável que eu não havia feito.

Sem saber o que fazer com essa informação, coloquei as cobertas de lado e prestei atenção aos barulhos da casa.

Nada.

Não conseguia nem sentir a presença dele.

Ufa. Certo. Que bom.

Teria um tempo para organizar meus pensamentos.

Penelope sentiu que eu estava acordada e passeou sobre as curvas do meu corpo, pulou para se aninhar aquecida e aconchegada na minha barriga, coxas e colo e lá, começou a ronronar. Reparei que as janelas estavam cobertas pelas cortinas pesadas e a outra ainda estava puxada sob o corrimão, mas a luz solar estava vindo por lá (não das janelas, as cortinas em Lunwyn, permitem escuridão total, nada consegue passar por elas, e ainda tinham protetores para colocar na base das portas).

Isso significava que era final da manhã, pois os dias em Lunwyn eram muito curtos. Pela minha estimativa, começava em torno de nove ou

dez horas e terminava em às duas ou três. Depois era só luar o tempo todo.

Virei a cabeça e vi o fogo que ardia, aquecendo o pequeno quarto.

Definitivamente, o meu marido sombrio e estranho fez *isto* para mim, a menos que Lunwyn tivesse fadas do fogo, até então desconhecidas.

Outro ato surpreendente de consideração.

Humm.

Tirei somente um braço para fora das cobertas para acariciar Penelope enquanto considerava meu dilema.

Primeiro, estava casada, e meu marido estava em casa.

Segundo, eu não era lésbica como ele pensava.

Terceiro, o meu marido era um Raider renomado, conhecido por ser “qualificado nessa área”. Também, ficou claro que ele *era* bastante viril, a menos que você fosse cega, surda e tivesse perdido todos os sentidos de percepção.

Em quarto lugar, aquele único beijo que me deu, o leve toque com o qual tinha me acordado na noite passada e a forma suave com que tocou meu queixo e pescoço podiam confirmar os rumores sobre suas “habilidades”.

Em quinto lugar, ele gostava do meu cabelo.

Em sexto, ele queria dormir abraçado comigo ao seu lado.

Em sétimo, me deixou coberta e aconchegada, avivando o fogo para me manter quente.

Humm...

Por outro lado...

Primeiro, se casou comigo, me arrastou pelo país inteiro durante horas através do frio, da noite e me deixou em uma casa imunda, sozinha, por seis semanas (bem, a casa não ficou suja durante as seis semanas, mas ele me deixou lá sozinha todo esse tempo).

Em segundo lugar, quando me viu de novo, já foi me dando ordens na frente de todo mundo, sem sequer me dar um oi. Tudo bem, ele estava com os amigos. Talvez, os viris Vikings tipo Raiders, se comportassem dessa maneira na frente dos amigos. Mas, podia, pelo menos, ter dito olá.

Em terceiro, por razões desconhecidas, me carregou mais uma vez como um saco de farinha, na frente de todo mundo.

Em quarto, tinha me colocado no lombo de um cavalo em movimento quando ainda não estava segura.

Em quinto lugar, mal falou comigo e não me deixou falar enquanto ele estava falando. *E* a maioria das coisas que falou, eu não gostei muito.

Por último, ele era enorme, me assustava a maior parte do tempo e, humm... me assustava a maior parte do tempo (valia a pena repetir).

Deixei Penelope ronronando, coloquei o braço novamente sob as cobertas, rolei de costas para olhar para o teto e fiquei pensando.

Eu era dada a aventuras, mas não aventuras *sexuais*.

Existiam duas razões para isso.

Um, eu tinha muito dinheiro. Meu pai herdou muita grana do meu avô. E quando o avião que ele estava pilotando com a minha mãe caiu no Nilo, toda a fortuna ficou para mim.

Dinheiro levava pessoas a fazerem coisas estúpidas e nada agradáveis. Ser muito rico o tornava alvo de pessoas ruins que o enganavam a fim de tirar dinheiro de você. Aprendi isso muito cedo. Meu pai me ensinou a ter cuidado com o meu coração (e o dinheiro). Era o que estava fazendo.

Tinha bons, mas poucos amigos. Confiar era difícil quando você se tornava um alvo, como eu.

E tinha muito menos amantes.

Dois, estava simplesmente cuidando do meu coração. Havia perdido as duas pessoas que mais amava na vida quando tinha quinze anos. Isso dói. Muito mesmo. Não queria que acontecesse de novo e se fosse arriscar, queria ter certeza de que o faria com o cara certo.

E esse cara não havia aparecido até agora e ninguém tinha chegado nem perto.

Somando dois e dois, significava que eu não havia chegado aos finais. Não significava que eu era virgem, só que — quando você compartilha seu corpo, abre uma parte de si e se torna vulnerável. Então, a menos que eu tivesse certeza de que podia cortar os laços ou manter minha cabeça no lugar (o último, sendo uma coisa rara comigo), eu não ia correr esse risco. Vulnerabilidade não era algo que eu gostava de sentir.

Mas esta situação era algo mais.

Esta aventura tinha um tempo limitado. Em dez meses e meio, estaria voltando para casa, para os meus amigos, meu dinheiro e para novas aventuras. Eu não ia ficar aqui, de jeito nenhum. Eles não tinham aviões, celulares ou sushi.

Verdade seja dita, seria bom, depois do que li nos livros, especialmente sobre os Raiders, descobrir mais de Lunwyn. Hawkvale parecia ser linda, Bellebryn maravilhosa e Fleuridia era conhecida por ter boa comida e é preciso dizer, gosto de verdade de uma boa comida. Para explorar tudo isso, teria que ficar aqui por dois anos, talvez três.

Mas isso significaria deixar para trás os meus amigos, minha casa, meu dinheiro e o sushi por dois anos, talvez três.

Não ia fazer isso.

Eu tinha dinheiro, mas não podia gastar um milhão de dólares a cada viagem.

Este era um acordo único.

Lá estava eu, uma princesa em um mundo congelado com um marido muito assustador, mas muito gostoso, que beijava divinamente bem e gostava de abraçar.

Eu sabia que ia voltar para casa, por isso não havia risco, porque esses laços seriam cortados.

Sjofn teria que lidar com a situação, assim como ela me deixou para fazer o mesmo.

E Frey Drakkar... bem, íamos ver como eu conseguiria lidar com ele. A princípio, tinha que ver se ele podia se comunicar, no sentido de ouvir tanto quanto falava. E quando falasse, que não fossem só aquelas coisas assustadoras ou que me irritavam, mas... humm, algo mais.

Então eu decidiria.

Rolei para fora da cama, abafei o fogo, abri a cortina e descí. Encontrei o fogo intenso em ambas as lareiras, bem como no fogão (que por ser de ferro sempre emanava uma grande quantidade de calor, deixando a cozinha aquecida e aconchegante) e um café fresco — forte e bom.

Ele sabia fazer um ótimo café e podia acender lareiras, ou seja, eu não precisava fazer nada disso. Os prós estavam crescendo. Até agora, havia quatro coisas nessa coluna. Mas ontem não havia nenhuma, então ainda tinha esperanças.

Esquentei um pouco de água, me lavei na bacia do banheiro e vesti algumas roupas íntimas. Meias de cashmere presas às ligas rosa claro. Um vestido longo de lã macia que se agarrava ao meu corpo com um decote profundo (a propósito, todos os meus vestidos foram confeccionados com decotes profundos. A minha roupa de baixo também era assim. Quando a amarrava, aquela fenda entre os seios era natural) e mangas longas que caíam suavemente sobre os pulsos.

Afastei o cabelo do rosto com uma fita de cetim rosa. Amarrei o cinto longo combinando, de forma que caísse em meus quadris. Coloquei um pouco de perfume atrás das orelhas e nos pulsos e caminhei em direção da cozinha para preparar um café da manhã tardio para Penelope e almoço para mim.

Minha gata estava de quatro, a barriga encostada no chão. Seu focinho estava enfiado em uma tigela com restos de frango que eu havia aquecido. A porta se abriu e Frey Drakkar entrou. Mas parou quando me viu.

Eu o observei.

Sem facas ou espada, com o cabelo parcialmente molhado e de barba feita.

Alguém havia visitado a fonte termal.

Humm...

Tenho que dizer, eu até que gostava da barba.

Enquanto o observava, percebi que havia me esquecido de como ele era grande.

Estava acostumada a essa cozinha. Não era gigantesca, mas também não era pequena.

Com ele ali dentro, parecia minúscula.

Enquanto estava de pé, em frente à mesa de madeira, mexendo a massa de panqueca, seus olhos estavam em mim, descendo pelo comprimento do meu corpo e em seguida, subindo.

Engoli em seco.

Então disse:

— Oi.

Minha palavra o despertou. Ele virou o braço em torno de algo que não havia visto. Estava carregando uma vara grande por cima do ombro com uma carcaça de um pequeno cervo e o colocou na mesa da cozinha (parecia ser um *bebê*).

Pisquei.

Tive vontade de vomitar.

Controlei a ânsia de vômito inspirando profundamente e olhei do cervo morto para ele.

— Humm... eu tenho uma regra. Nada de coisas mortas na mesa da cozinha.

Seus olhos verde oliva encararam os meus. Ele não disse nada. Também não se mexeu.

Certo, ignore o animal morto e siga em frente, Finnie, disse a mim mesma.

Procurei uma boa estratégia. E esperei tê-la encontrado.

— Eu... bem, hum... só queria dizer... antes que eu me esqueça, obrigada por ter avivado o fogo lá em cima e ter me mantido aquecida enquanto dormia — disse, pensando que era educado reparar e comentar sobre algo que *e/le* fez e foi bom.

Ele cruzou os braços sobre o peito e me estudou. Tudo bem então.

— Você, humm, chegou em casa ontem à noite depois de beber um pouco — declarei, ainda sem obter resposta. Esperei, apenas no caso do cérebro dele não funcionar tão rápido quanto o meu. Nada ainda. Continuei. — Você parece estar bem. Espero que não esteja de ressaca.

Nada.

Muito bem. Certo.

— Gosta de panquecas? Estou preparando um café da manhã com panquecas e bacon. — Nada ainda. — Uh... se quiser comer, vai ter que tirar o animal morto daí.

Finalmente, uma meia resposta. Ele pegou o cervo, abriu a porta dos fundos e o arremessou na varanda de trás, onde o bicho aterrissou com um baque nauseante.

Estremeci.

Eca!

Ele fechou a porta.

— Obrigada — sussurrei.

Frey caminhou em minha direção e eu me endireitei, então passou por mim, agarrou o cabo de uma panela e saiu da cozinha.

Relaxe.

Decidi limpar a mesa (fiz isso, na maior parte do tempo, com os olhos fechados. Andando como uma múmia, com os braços pra frente por causa dos olhos fechados, movi as coisas e fui até a porta de trás para jogar a toalha para fora), depois coloquei as fatias de bacon que já havia cortado na frigideira aquecida.

Ele voltou quando eu estava preparando as panquecas em uma frigideira e virando o bacon em outra. Andou até mim, largou a panela no

fogão, pegou o coador, serviu-se de uma caneca de café e depois caminhou até a mesa, onde se sentou. Com um joelho dobrado e a outra perna esparramada, rei da sua cabana rústica e elegante, os olhos em mim.

Ah, droga.

Terminei a comida com ele silencioso, apenas me ouvindo. Servi e joguei uma lasca de manteiga sobre as panquecas quentes e ela começou a derreter. Me virei na direção da mesa. Coloquei um prato na frente dele, um no lugar onde eu ia me sentar e fui até os armários. Peguei o mel e os talheres, entreguei os dele, coloquei os meus na minha frente e coloquei o mel na mesa. Fui até o outro lado da cozinha para pegar café, me sentei, derramei mel em todas as minhas panquecas, coloquei-o em cima da mesa e o empurrei na sua direção.

Então, baixei os olhos.

Eu o vi pegar o mel e bater o jarro na mesa. Depois começou a comer. Olhei para ele.

Tentei novamente.

— Frey, acho que precisamos conversar.

Seus olhos verde oliva focaram em mim. Suas sobrancelhas se levantaram. Então, enfiou um pedaço gigantesco de panqueca na boca.

Interpretei o levantar de sobrancelha como “Sim, Seoafin? O que você gostaria de discutir?”

— Eu não sou lésbica — desembuchei e, por alguma razão *muito* louca, aquelas sobrancelhas levantadas se uniram de uma maneira assustadora.

Ele mastigou, engoliu em seco e grunhiu as primeiras palavras direcionadas a mim no dia.

— O quê?

— Eu não sou lésbica.

As palavras seguintes vieram em rápida sucessão.

— Não é o quê?

Ah. Talvez eles não usassem o termo lésbica aqui.

— Eu... uh... — Maldita seja, Sjöfn! — Eu não prefiro huum... pessoas do meu sexo.

Ele congelou. Completamente. Seu rosto. Seu corpo. Sua mão com a panqueca no garfo, suspensa no ar. Todo ele. Imóvel. Até mesmo o ar em torno dele parecia brilhar.

Certo, talvez devesse ter deixado isso para mais tarde, contar depois que descobrisse sua data de nascimento, cor favorita e como preferia cozinhar um cervo.

Me apressei em dizer:

— Olha só, eu estava... bem, não me lembro muito daquilo e quando você me falou no outro... bem... depois que nos casamos, fiquei surpresa. Quer dizer, nem me lembro que havia dito isso a você. É uma coisa louca para dizer e mais louca ainda para... *compartilhar*. Tentei descobrir por que eu diria algo desse tipo e acho que, talvez, estivesse bêbada e nervosa. Quero dizer... — hesitei. Droga. Pense, Finnie! — Você é um cara grande e tudo, e eu sou... bem, não sou tão grande e você meio que, huum, me apavorou... — Seus olhos semicerraram, me mostrando que, claramente, não entendia. — Quero dizer, você me assusta um pouco. Na verdade, você está fazendo isso... agora mesmo.

Ele largou o garfo no prato, se recostou, cruzou os braços e fez uma carranca para mim que me fez pensar que queria me partir ao meio. Continuei dizendo besteiras.

— E... bem *agora*... na verdade, *mais* agora. A parte de me assustar. Desde que eu contei.

Ele não disse nada.

Droga! Eu queria que ele falasse, não quando dizia coisas que me assustavam ou me irritavam, mas quando queria que ele falasse. Prossegui.

— Pensei que, nós dois estando em casa e sendo, bem, você sabe, ligados pelo sagrado matrimônio... — hesitei novamente, porque seus

olhos semicerraram, me dizendo que não tinha ideia sobre o que estava me referindo, então me corrigi. — pelos... hum, deuses. Que, talvez, devêssemos começar a nos conhecer e pensei que deveríamos começar com o pé direito. Sendo honestos.

— Sendo honestos — ele finalmente falou e fez isso em um tom de voz baixo.

Assenti.

— Sim, sendo honestos.

— Então, esta é você sendo honesta hoje, e aquela era você, não sendo honesta naquele dia? — Era uma boa pergunta.

— Eu posso ficar um pouco... louca quando bebo demais.

— Sim, a atendente do pub disse que você vai lá várias vezes, bebe muita cerveja e fala muito alto — observou. Não fiquei muito contente com isso, mas com certeza fiquei feliz pela Lindy ter corroborado com a minha história.

— Sim — concordei. — Essa sou eu. — E, na verdade, isso não era mentira.

Ele fez uma careta para mim.

Inspirei e disse com calma:

— Frey, realmente é uma porcaria admitir, mas o jeito com o qual você está me olhando agora, me assusta.

— Sjofn, a Princesa do Inverno da Casa de Wilde não se assusta facilmente — ele respondeu com calma, mas sua voz baixa era desconfiada, descrente e um pouco assustadora.

Balancei a cabeça.

— Não, não me assusto. Você está certo. Geralmente, eu consigo me segurar, mas estou sozinha em uma cabana na floresta, sem ninguém por perto e com um homem enorme que pode me quebrar em duas e que não parece gostar muito de mim. Não tem nenhum problema em ter intimidades, mas isso me assusta muito. Quando não está fazendo isso, me deixa irritada.

— Irritada?

— Me incomoda, me deixa com raiva — expliquei.

Ele ficou em silêncio novamente.

— Frey — disse suavemente, mas ele me cortou e, de uma maneira assustadora, mudou de assunto.

— Já que não prefere mulheres, não se importaria se eu a levasse para o sótão, a despir e fizesse o que quisesse com você?

Senti meu rosto ficar quente, meus seios incharem e meu coração começar a bater mais rápido.

— Na verdade, me importaria — sussurrei.

Ele começou a ficar carrancudo novamente.

— Certo — sussurrou em resposta.

Ele não acreditou nem um pouco em mim.

— Mas, só porque... bem, eu gostaria que começássemos a nos conhecer melhor. Queria que passássemos algum tempo juntos. Talvez avançar para o próximo nível.

Suas sobrancelhas se levantaram de novo, e ele perguntou:

— Próximo nível?

— Humm... a parte em que você me deixa nua e faz o que quiser — sussurrei. — Esse é o próximo nível.

Ele fez mais uma careta.

Esperei.

Outra careta.

Eu não sabia mais o que dizer.

Ele perguntou com voz baixa, surpresa e mais infeliz do que o normal.

— Pelos deuses, você está me pedindo para cortejá-la?

Aquilo pareceu loucura. A própria ideia de que um cara enorme, assustador, um Raider renomado, me cortejasse ou qualquer coisa do tipo, parecia completamente maluca.

E deve ter sido por isso que comecei a rir.

Ele não me acompanhou. Na verdade, não era uma coisa engraçada para ele e isso ficou óbvio. Lutei para controlar meu divertimento. Ganhei a luta e sugeri:

— Que tal isso? Vamos fazer um acordo. Você não vai me dar ordens, nem me jogar nos ombros ou me tirar de pubs ou outros locais, me atirar em trenós ou cavalos, me enviar em disparada pela floresta em um cavalo cujas rédeas eu não tenho nas mãos e, talvez, compartilharemos algumas refeições juntos. Eu cozinho. Depois veremos sobre o próximo nível. Temos um acordo?

— E quantas refeições iremos partilhar, Sjöfn?

Humm. Ele estava considerando o assunto.

Eu não tinha certeza se isso era bom ou ruim.

— Quinze? — Tentei.

— Que tal duas? — Ele respondeu.

Duas? Certo, talvez fosse ruim.

— Doze — sugeri.

— Duas — ele disparou de volta.

— Nove? — continuei tentando.

— Duas — ele declarou com firmeza.

Ah, caramba!

— Nessas duas, essa aqui contaria como a primeira? — perguntei, apontando com o garfo para o meu prato.

— Definitivamente — ele respondeu.

— Eu tenho que responder agora?

— Sim.

Merda!

Olhei para ele e tentei não demonstrar que estava respirando tão forte quanto estava.

Certo, isso era uma aventura, *minha* aventura. Eu tinha pago por ela e sabia que havia riscos. Sempre existe. E este era um risco que eu tinha que encarar.

Sério, devia haver coisas piores do que dormir com um cara gostoso que sabia beijar absurdamente bem e cujo o toque podia ser muito leve e suave.

Certo?

Endireitei os ombros e declarei:

— Tudo bem, duas, mas só se você concordar em não limpar aquele cervo dentro da casa. Não quero vê-lo ou até mesmo *ouvir* quando você for limpá-lo. Eu não quero limpar a bagunça depois.

Ele fez uma careta para mim de novo e, em seguida, observou:

— Você é a melhor caçadora do reino, Sjöfn, e é conhecida pela limpeza da sua própria caça.

Que nojo!

Droga, hora de disfarçar mais uma vez.

— Bem, eu tive um incidente que humm... me perturbou.... *mentalmente* e deu nisso. Eu não sou vegetariana. — Essa palavra me proporcionou olhos assustadoramente apertados, o que significava que Lunwynianos não usavam a palavra vegetariano, então expliquei. — Eu como carne, só não quero pensar de onde ela vem. Se você concordar em não limpar a carcaça ou carcaças de qualquer animal na casa, exceto, é claro, a que eu cozinhar quando estiver boa e cortada e não se assemelhar mais a um animal. — Deus! Dava para ser mais atrapalhada? Hora de resumir. — Temos um acordo ou não?

— Concordo — ele respondeu de imediato, e meu coração acelerou, o estômago contraiu e os meus seios incharam novamente.

— Só mais uma coisa — disse com pressa quando ele pegou o garfo para voltar a comer.

Ele ergueu a cabeça, que estava parcialmente inclinada sobre o prato para olhar para mim.

— Você já me colocou à prova, Sjöfn — alertou, em seguida, empurrou a panqueca que já estava no garfo para dentro da boca.

— Tudo bem — balancei a cabeça. — Entendo isso, mas... não quero que você me chame assim.

Ele piscou lentamente. Em seguida, engoliu. Prossegui.

— Eu... será que...? Na verdade, prefiro que você me chame de Finnie.

Ele se afastou alguns centímetros, sua mão descansou em cima da mesa e depois me estudou intensamente e por muito tempo. Demorou muito, mas fiquei parada lá e resisti ao escrutínio.

Finalmente, ele perguntou.

— Finnie? — E merda, *merda*, soou muito bem em sua voz profunda.

— Sim, Finnie — respondi baixinho.

Ele me observou. Então disse:

— Finnie.

Sim! Ah, sim! Soou tão agradável em sua voz profunda. Presumi que aquilo fosse um sim, então sorri para ele e sussurrei:

— Obrigada.

Frey continuou me observando. Em seguida, balançou a cabeça, espetou suas panquecas e, dando uma garfada enorme, as enfiou na boca.

Ok, bem, aquilo não correu às mil maravilhas. Melhor dizendo, depois do jantar eu ia fazer sexo com alguém que mal conhecia, mas não seria de todo ruim também.

Droga.

— Você é famosa por caçar e esfolar seus próprios animais, também por ser uma boa arqueira, mas ninguém sabia que você podia cozinhar bem — ele disse, olhando para o prato. Quase engasguei com as panquecas que tinha acabado de colocar na boca. Olhei para ele quando seus olhos se voltaram para mim. — Gostei de descobrir isso sobre você.

Lá estava. Um sinal, pequeno, mas algo que me manteve esperançosa, mostrando que, talvez, fosse um cara decente e ia tentar.

— Fico feliz — disse, com suavidade.

Ele olhou para o prato e enfiou mais panquecas na boca.

Ok.

Talvez tenha sido melhor do que eu suspeitava.

Ufa!

Capítulo 07

Senhor Falante

Enquanto a atenção de Frey estava no cervo, peguei minhas coisas e me mandei para fonte termal para tomar um banho rápido.

Podiam dizer que as fontes termais eram incríveis, mas *ninguém* diria que se secar depois era. No entanto, já tinha feito isso tantas vezes que já era uma arte. Saí da água, me sequei e vesti em tempo recorde. Envolvi o cabelo limpo e úmido na toalha de banho e voltei sem que ele me visse.

Já que eu tinha um dia para algo como namorar meu marido antes de chegarmos ao ápice do relacionamento marital, entrei em casa, passei hidratante, pó, me perfumei e passei um pouco de maquiagem leve. Quer dizer, eu *nunca* deixava as coisas irem muito longe no primeiro encontro, não sem fazer um esforço. Tinha, pelo menos, alguns encontros semanais (de acordo com a minha filosofia pessoal de quanto tempo era necessário antes de considerar dormir com alguém) para espremer em um dia. Sendo assim, fiz um esforço.

Planejei o jantar daquela noite e elaborei uma lista de supermercado na cabeça com o que precisava pegar nas lojas. Queria algo especial para que ele percebesse que eu estava me esforçando (talvez ele também fizesse isso). Também queria algo mais duro para mastigar, pois ele havia mastigado aquelas panquecas aproximadamente duas vezes antes de engoli-las, e eu esperava que o jantar durasse mais tempo que isso.

Estava tudo pronto na cozinha, mas o cabelo ainda molhado (embora afastado por uma fita) e estava pegando a cesta que costumava levar para a cidade para transportar as compras na volta quando Frey entrou.

Me virei para a porta e, assim como hoje de manhã, quando me viu, parou.

Era estranho como fazia isso.

— Oi — eu o cumprimentei. — Estou indo até a cidade para pegar algumas coisas para o jantar. Quer alguma coisa?

Ele me olhou por um momento, e eu esperava que ele não tivesse voltado a ficar no modo silencioso quando declarou:

— Eu te levo.

Jesus Cristo. Na verdade, queria um tempo sozinha para me preparar para o que aconteceria depois do jantar.

No entanto, um tempo sozinha não me ajudaria a conhecê-lo melhor, ou me acostumar a tê-lo por perto. Então, talvez, irmos juntos seria uma coisa boa.

Poderíamos conversar.

— Tudo bem — respondi.

Seus olhos se moveram para o meu cabelo, e ele caminhou na direção da sala de estar, murmurando:

— Vou selar o Tyr. Coloque um chapéu. Não quero que minha esposa pegue um resfriado.

Humm.

Isso foi bastante cuidadoso.

Tão cuidadoso que sorri enquanto o seguia e falei alto:

— Tyr?

Ele parou, se virou na porta da frente e respondeu:

— Meu cavalo. — Depois saiu.

Bem, lá vamos nós. Já sabia mais uma coisa sobre ele. Seu cavalo se chamava Tyr.

Isso era um começo.

Fui até os meus baús e peguei um manto de que gostava. Era de lã, cinza clara, com uma pele da mesma cor na gola alta. Tinha luvas e chapéu combinando. O chapéu era de malha de lã na parte superior, com

pele nas bordas e percebi que não deixava meu cabelo com seu formato depois. Não queria minha cabeça com forma de chapéu. Não hoje ou, talvez, *qualquer outro* dia quando Frey estivesse por perto.

Então, pronta para enfrentar o frio, peguei minha cesta e caminhei até os estábulos.

Quando cheguei lá, Frey estava com Tyr no meio do espaço, rédeas e sela colocadas (com uma coisa parecida com um cobertor, mais longa, de um marrom bem escuro, que pairava sobre sua garupa, provavelmente para ajudar a afastar o frio, algo que o cavalo não tinha usado na nossa viagem até lá). Notei que o cavalo se parecia com Frey, quer dizer, com o casaco marrom quase preto. Ele também era enorme. Além disso, tinha o pelo brilhante. E tinha olhos extremamente inteligentes.

Por fim, era muito bonito.

Caminhei até os ganchos na parede para pegar as rédeas e selar uma das minhas éguas. Já tinha levantado a mão para alcançá-lo quando Frey falou:

— O que você está fazendo?

Abaixei a mão, me virei para ele e respondi.

— Preparando uma égua para montar.

— Você vai cavalgar comigo.

Pisquei antes de perguntar:

— O quê?

Ele ficou parado ao lado do cavalo por cerca de meio segundo. Depois, caminhou até mim, se abaixou, envolveu minha mão com a dele e me levou até o seu cavalo. Antes mesmo de eu parar, ele já estava montado e se inclinando para me segurar pela cintura e me puxar.

Imediatamente depois disso, estalou os dentes e Tyr saiu do estábulo. Uma vez que estávamos fora da estrutura, Frey estalou os dentes novamente e se inclinou um pouco em minha direção, me puxando contra si, o peito para trás e, ao mesmo tempo, seu braço me puxando

enquanto apertava minha barriga e Tyr nos levava a galope, em uma velocidade que não era rápida e nem lenta demais.

Aparentemente, Frey Drakkar não parava para cheirar as rosas.

— Humm... — comecei, então apontei. — Você acabou de quebrar o nosso acordo.

— Como? — ele perguntou, a voz soando próxima ao meu ouvido.

— Você acabou de me colocar no seu cavalo — expliquei enquanto a floresta passava por nós, e notei que Frey conhecia um caminho melhor, que parecia ser mais direto, porque estava indo por ela.

— Sim, coloquei — concordou.

— Parte do nosso acordo era que você não faria isso.

— Não... *Finnie*, parte do nosso acordo era eu não *lançar* você sobre um cavalo. Não te joguei em cima de um cavalo. Eu te puxei para um cavalo.

— Essa é uma questão técnica — declarei.

— Uma o quê? — Perguntou.

Não expliquei. Em vez disso, declarei:

— Acho que você sabe o que eu quis dizer.

— E eu acho que quando você faz um acordo, tem que ser o mais clara possível em suas demandas e suas expectativas — retrucou.

Bem, podia dizer que ele não estava errado.

Fiz uma nota mental para fazer exatamente isso.

Cavalgamos pela floresta congelada e não demorei muito para entender que achava muito melhor cavalgar com Frey. Podia prestar mais atenção à beleza que havia ao redor (mesmo que fosse, principalmente, de passagem) e não onde eu estava indo. E ele era quente e sólido. Já havia aprendido que qualquer calor em Lunwyn, não só deve ser sentido, mas valorizado. Era um jeito preguiçoso de viajar, mas com certeza, era o melhor.

Humm.

Decidi não me concentrar nessas coisas e, em vez disso, preferi descobrir mais sobre o meu marido.

Sem demora, iniciei a conversa.

— Então — comecei —, hum... onde você esteve nas últimas seis semanas?

— No mar — respondeu prontamente.

Minhas sobrancelhas se ergueram, mas mantive os olhos na vista diante de mim.

— Esse tempo todo?

— Sim — ele respondeu e continuou: — Ou parte dele, quando não estava em Middleland.

Virei o pescoço para olhar para ele e consegui uma visão de sua mandíbula e da garganta, fortes e masculinas. Uma mandíbula atraente e ua garganta masculina muito interessante.

Foi quando olhei novamente para a frente.

— O que você estava fazendo em Middleland?

— Um dos meus homens tinha uma missão a ser executada. Interessante.

— Qual era a incumbência? — perguntei.

Frey não respondeu.

Humm. Interessante.

— Sua missão foi executada com êxito? — questionei.

— Sim.

Não era informativo, mas pelo menos era uma resposta.

— Humm... quantos homens você tem?

— Muitos.

Mais uma vez, nada revelador, mas pelo menos, uma resposta.

— Estamos falando de “muitos” como “mais de dez” ou “muitos” como em “mais de quinhentos”? — tentei esclarecer.

— Algum entre um e outro. — Ficou óbvio que Frey não sentia vontade em esclarecer.

Mas não fui dissuadida.

— Então você vai muitas vezes para o mar?

— Sim.

— Vai voltar em breve?

Perguntei, porque queria ir com ele quando voltasse, embora não fosse lhe dizer isso agora. Só queria saber quanto tempo teria para convencê-lo a me levar. Ele não sabia, portanto, interpretou a minha pergunta de forma errada. Soube disso não apenas pelas palavras seguintes, mas pelo braço que apertou um pouco mais a minha barriga.

— Acabei de chegar em casa, esposa, e você já deseja se livrar de mim?

— Não foi isso que quis dizer — retruquei.

Ele ouviu e seu braço relaxou.

— Se não foi isso, me diga o que você quis dizer — ordenou, e soube que não podia dizer que queria ir com ele, ainda não.

Então, disse baixinho:

— Só estou tentando te conhecer, Frey. Você não é uma boa fonte de informações, me contando sobre a sua cor favorita e dizendo seus desejos mais sinceros. Eu não quis dizer nada, só queria saber sobre você.

— Não tenho uma cor favorita — respondeu — e os meus desejos, no momento, embora não os descreva como de coração, mas de outro lugar, giram em torno do que farei quando estiver na cama pela primeira vez com minha esposa. Gostaria de falar sobre isso?

Ah, caramba!

— Huum... — Engoli em seco — Não.

Ele se mexeu, então murmurou sobre a minha cabeça.

— Achei que não.

Certo, então aquilo foi bem. Mais ou menos. Descobri algumas coisas sobre o meu marido. Já que o fiz, decidi que podia fazer uma pausa e parar de conversar com ele.

Chegamos na cidade, e me recusei a pensar sobre o fato de que, na última vez em que estive aqui, fui arrastada bruscamente para fora de um pub pelo *marido recém-chegado do mar*. Em vez disso, agi como sempre fiz, sorrindo, acenando e gritando saudações às pessoas que conhecia. Felizmente, fizeram o mesmo (lançando olhares para o Frey, é claro, que não retornava os cumprimentos, não acenava. Não podia vê-lo, mas tinha certeza de que não sorria) e parou do lado de fora do mercado.

Ele desmontou e, com as mãos na minha cintura, me tirou do cavalo também.

Depois ele fez algo doce e inesperado, algo que não achei haver dentro dele, mesmo após avivar o fogo e dizer que gostou das minhas panquecas.

Sua mão envolveu a minha, e ele caminhou comigo até o mercado, segurando a minha mão.

Merda. Gostei disso. Aquilo foi legal.

Humm.

Nós entramos, e chamei Maria:

— Oi, Maria, sou eu, a Finnie! Vim pegar alguns mantimentos!

Ela estava no depósito e gritou de volta:

— Saudações, Princesa Finnie! Estarei aí fora em alguns momentos. Chegaram feijões verdes!

Que bom!

Também havia aprendido em Lunwyn que vegetais frescos deviam ser valorizados.

Feijão verde havia acabado de entrar no menu.

— Quero um pouco! — gritei.

— São seus! — gritou de volta.

— Isso me deixa feliz — Frey murmurou. Parei de vagar pela loja enquanto gritava e olhei para ele.

— O quê?

Ele estava olhando para os fundos da loja, mas diante da minha pergunta, seu queixo abaixou e o olhar altivo, avaliador e, de fato, satisfeito se voltou para mim.

— Você tem a graça da sua mãe, algo que nunca tinha notado. Mas você não tem o jeito dela. Ela é refinada, mas é fria. Você... — Ele olhou para a sala e depois de volta para mim — não.

Não tinha certeza, mas *achei* que aquilo foi bom.

— Obrigada — sussurrei, meio envergonhada.

Ele me puxou pela loja e continuou a murmurar:

— Você pode ensinar isso para as nossas filhas, se nós as tivermos.

Ah, Merda!

Outro item para a lista de compras: ver se eles tinham uma seção de preservativos (embora não tivesse grandes esperanças sobre isso). E outro tópico para discussão no jantar: controle de natalidade (embora não tivesse esperanças sobre isso também).

Merda.

Frey soltou a minha mão e comecei a colocar coisas na cesta, fazendo uma nota mental do que precisávamos do açougueiro e do padeiro.

Infelizmente, enquanto fazia isso, Frey se tornou mais falante. Nesse momento, percebi que o preferia calado.

— Todo mundo sabe que o seu pai fez tudo que faria com um filho com você. Ele ensinou tiro com arco, esgrima e a levou para caçar com ele desde que era pequena. Nossas filhas não vão fazer essas coisas.

Cerrei os dentes depois da sua declaração, sem querer pensar nas “nossas filhas”, que era uma coisa que esperava que não criássemos enquanto estava desfrutando minha aventura.

Peguei um jarro de xarope dourado e decidi sussurrar:

— Tudo bem.

— Também sabemos que ele manteve sua mãe e você grudadas a ele em todas as suas viagens de negócios, por terra e mar. *Isto*, vou considerar fazer.

Olhei para ele e congelei.

Fiz isso porque, em primeiro lugar, o meu pai neste mundo se parecia muito com meu pai do meu mundo. Ele gostava de me ter por perto e nunca foi a qualquer lugar sem a minha mãe e, na maioria das vezes, eu. Eu tinha tutores quando era jovem. Só não estava com eles quando morreram porque já tínhamos viajado ao redor do mundo tantas vezes que decidiram que eu precisava de alguma normalidade na vida, fazer alguns amigos. Por isso, me matricularam em um internato. Em segundo lugar, porque fiquei feliz, pois já estava pensando em pedir para me levar com ele.

—Sério? — sussurrei, e seus olhos se moveram sobre o meu rosto antes de se cravarem nos meus.

— Vejo que essa ideia lhe agrada — observou.

Assenti.

— Bom — murmurou, e olhou para Maria, que entrou na loja, vindo do estoque.

Sorri ao ver as nozes.

Em seguida, olhei para ele e perguntei:

— Você gosta de nozes?

Frey olhou para mim e perguntou:

— O quê?

— Nozes. Sou boa em fazer torta de nozes e vou fazer uma para nós esta noite. Mas se você não gostar...

Ele me interrompeu.

— Gosto de nozes, Finnie.

Ah, eu gostava quando ele me chamava de Finnie.

Na verdade, gostava do fato de existirem coisas em Frey Drakkar que eu poderia gostar, e estava percebendo que havia uma série de

coisas para gostar.

Portanto, sorri para ele:

— Estamos começando a nos conhecer. Isso está funcionando muito bem.

Ele não respondeu verbalmente. Não, não respondeu.

Fez melhor do que isso.

Seus olhos desviaram para a minha boca, a mão enorme se levantou para segurar meu queixo e o polegar calejado deslizou de leve por toda a curvatura do meu lábio inferior.

Isto foi bom. Tão bom que minha barriga se contorceu e meus seios incharam novamente.

Sim, seu toque podia ser leve. Muito leve. E muito doce.

Ah, Deus!

Notei seu olhar voltando para os meus olhos. Soube que ele estava surpreso pelo toque surpreendentemente doce quando se inclinou para que o seu rosto ficasse perto do meu.

— Gosto muito da curva da sua boca, esposa — sussurrou. Meus mamilos endureceram e um formigamento começou a percorrer o meu corpo, que balançou ligeiramente para mais perto dele, como se estivesse sob alguma influência invisível e isso estava me desequilibrando. — Também gosto de vê-la se mover para ouvi-la falar palavras provocantes, divertidas ou apenas algumas palavras mesmo.

Ah, cara, aquilo foi doce demais.

Ele se aproximou ainda mais e continuou a sussurrar.

— Pergunto-me o que mais ela pode fazer que eu posso vir a gostar.

Isso não foi doce, foi sexy.

— Humm... — murmurei, sem motivo aparente e quando o fiz, vi seus olhos ficarem sexies de um jeito indolente, ao mesmo tempo que sorriu.

Foi um belo olhar. Não, foi o *melhor* olhar que já tinha visto. Dele ou de *qualquer* outro cara.

Uh...

Uau.

Estava prestes a fazer alguma coisa, não sabia o que, talvez me atirar em cima dele ou atirar a cesta de lado e exigir que me levasse para casa imediatamente, me deixasse nua e fizesse o que quisesse. Seu polegar deslizou novamente pelo meu lábio inferior, e ele se endireitou.

— Suas nozes, esposa. Minha torta — murmurou.

Pisquei, meu corpo estremeceu e me recompus.

— Certo, nozes, torta...uh... o jantar — murmurei e me virei para as nozes pensando que, talvez, esta aventura ia ser muito melhor do que eu imaginava.

Talvez até mesmo, além dos meus sonhos mais selvagens.



Passei a tarde cozinhando (e deixando Penelope entrar e sair um zilhão de vezes).

Frey passou a tarde toda carregando toras para reabastecer o estoque das lareiras, bem como reabastecendo a varanda dos fundos. Em seguida, começou a cortar mais madeira.

Estava vendo que era bom ter um marido por perto, porque nas minhas seis semanas lá, já tinha saído pela varanda de trás e gasto uma hora indo e voltando até o galpão para refazer o estoque. Isto significava que o suprimento do galpão já estava pela metade, e eu estava ficando preocupada. Para manter o calor e cozinhar, era preciso muita lenha. Não estava ansiosa para mais uma hora de idas e vindas com madeira, minha tarefa favorita não era arrastá-las para dentro de casa e estava muito satisfeita por ter feito isso muito bem, mas não estava com vontade de

aprimorar minha habilidade — atualmente inexistente — com um machado para derrubar árvores.

Com Frey lá, não precisava me preocupar com nada disso.

Um bônus.

O maior bônus era que, mesmo em temperaturas frias, cortar madeira era um trabalho duro. Frey tirou a camisa para fazê-lo e era visível das janelas da cozinha.

Observando a cena, pude ver porque meu marido era bem bronzeado.

Percebi que podia me distrair ao cozinhar (e o fiz).

Então, parei de observá-lo.

Coloquei tudo para fora, pegando a porcelana chinesa, a prataria e os cristais do meu baú pela primeira vez. Parecia meio bobo em uma cabana rústica, mas este era nosso primeiro jantar como marido e mulher. Este seria o nosso primeiro jantar (para mim) e era o nosso jantar pré-nupcial. Queria fazer disso um acontecimento e nada como uma porcelana chinesa delicada, talheres de prata pesados e taças de cristal elegantes para essa ocasião, mesmo em uma cabana rústica.

Então eu os usaria.

Assei um pedaço de carne, de algum modo fiz batatas Dauphine, feijões verdes cozidos que estava servindo com um pão fresco da padaria. Depois, minha torta de nozes caseira com creme para a sobremesa. Chamei Frey, que ainda estava trabalhando no cepo (à esta altura, o sol já havia se posto há muito tempo. Ele estava cortando lenha na noite gelada, totalmente escura, e o fazia à luz de tochas), vinte minutos antes do que calculei, ele havia terminado e dez minutos mais tarde veio à mesa de banho tomado.

Isso era bom.

Se sentou à mesa e serviu a comida no seu prato sem sequer perceber (e, definitivamente, sem comentar) o esforço óbvio que eu tinha feito.

Isso era ruim.

Quando estava prestes a começar a comer, perguntei em voz baixa:

— Você pode abrir o vinho?

Foi quando ele olhou para mim e para a mesa, a boca na metade do caminho de se abrir ficou estática por um milésimo de segundo. Em seguida, se levantou e abriu o vinho comprado na cidade. O serviu, se sentou e começou a comer.

O acompanhei e fiquei muito satisfeita com os resultados. As batatas ficaram um pouco queimadas na parte de cima, mas o assado foi preparado com perfeição: crocante na parte externa, e rosado no interior.

Frey mastigou lentamente e, mesmo depois de prová-lo, não disse uma palavra.

Isso também era ruim.

Ou, talvez, cortar madeira tivesse feito seu apetite se abrir.

Decidi pensar nisso dessa forma.

Ele tornou a encher a taça de vinho (e completou a minha) e depois de alguns segundos, decidi que estava na hora da nossa conversa.

Eu já havia decidido sobre o que falaríamos.

Também passei uma grande parte do tempo enquanto cozinhava, para decidir *como* ia falar sobre isso.

— Hum... Frey? — comecei.

Ele demonstrou que tinha ouvido e estava escutando ao olhar para mim.

— Podemos conversar sobre uma coisa importante? — perguntei.

Ele parou de cortar uma fatia de carne e me deu toda sua atenção.

— E o que é importante para você, esposa?

— Humm... — comecei e parei.

Frey colocou os talheres no prato e mostrou uma pequena carranca para mim. Não era terrível, mas também não era o seu melhor olhar.

— Tenho te tratado mal — ele fez esta surpreendente e, talvez, um pouco estranha admissão. Em seguida, passou a explicar porque fez isso —, mas nunca te machucaria. Esta... — fez uma pausa — *difficuldade* em falar comigo é infundada.

Bem, era interessante que ele pensasse isso, mas...

— E — ele continuou — estamos começando a tentar.

— Eu... — comecei, mas ele continuou falando.

— Na verdade, concordo com o que você disse esta manhã, pois é visivelmente óbvio. Eu *sou* um homem grande e você *não* é uma mulher grande. Mas nunca lhe dei motivos para pensar que iria te machucar.

Era interessante que pensasse isso também. E não era inteiramente verdade.

— Então — concluiu —, me agradaria muito se você parasse com seus “uhs” e “huums” e apenas dissesse o que está se passando pela sua cabeça.

— Tudo bem — respondi rápido, principalmente, porque depois de ter passado horas cozinhando, arrumando tudo e deliberando sobre como ia dizer o que precisava ser dito, ele monopolizou a conversa falando sobre isso como um idiota. Fiquei irritada.

— Estava pensando que eu queria dizer que gostava de você.

Frey piscou lentamente, mostrando surpresa, mas não me importei. Esse era o tanto que eu estava irritada.

— Agora — continuei —, estou achando que... não gosto tanto.

— Finnie — ele começou, mas desta vez, *eu* o interrompi. E fiz isso levantando a mão que segurava o garfo. Cortei a carne (como se a estivesse esfaqueando), o tempo todo falando.

— Você pode voltar a me chamar de Sjöfn. Agora estou achando que prefiro *isso* de você, um homem que me arrasta atrás de si, me larga em uma casa imunda depois de atravessar um país congelado de ponta a ponta — espetei a carne com o garfo, ao mesmo tempo que o espetei com o olhar — *por horas*. Depois vai embora sem nem me ajudar com as

minhas *quatro* — aponte o garfo com carne em sua direção — *égua*s muito *cansadas*. Um homem que deixou claro que não gostava muito de mim, considerando a nossa noite de núpcias, a qual passei *sozinha* enquanto meu marido estava fora, *no mar*, perdendo, devo acrescentar, algumas roupas íntimas fantásticas.

Ele piscou lentamente, mas continuei.

— Se me sinto um pouco hesitante em relação a esse homem, imploro seu perdão. Vou me esforçar para não ser assim no futuro.

Mordi a carne no meu garfo, puxei-a e comecei a mastigar.

Frey não respondeu, e olhei para qualquer lugar, menos para ele. Continuei a comer, a espetar minhas batatas com muito mais vigor do que o necessário e dar bons goles de vinho.

No instante em que limpei o prato (o que ocorreu cerca de três minutos mais tarde, considerando que devorei o resto da comida), levantei e o peguei da mesa enquanto perguntava:

— Terminou? Quer torta?

Não esperei pela sua resposta enquanto largava a minha (de valor inestimável, exorbitantemente cara) porcelana chinesa na pia de madeira e voltando para pegar as travessas.

— Finnie — Ele falou com suavidade.

Eu o encarei e ergui a travessa de feijões verdes.

— Gostaria de terminar estes ou quer passar para a torta?

— Solte a tigela — ordenou.

Fiz o que ele mandou, mas o fiz após voltar para a pia. Tinha tirado a carne e as batatas e estava voltando para pegar o prato dele quando, de repente, duas mãos grandes se fecharam em torno dos meus quadris e eu estava sentada no seu colo.

Coloquei minhas mãos em seu peito e tentei me levantar, ao mesmo tempo em que gritava:

— Ei! — Mas não fui a nenhum lugar, porque seus braços haviam se trancado em torno de mim.

Parei de lutar, pois era indigno e minha mãe me ensinou que não importava em que apuros estivesse, nunca perdesse a dignidade. Ao invés disso, levantei os olhos para encará-lo e exigir.

— Me solte.

— Não, minha esposa. Espere um momento, respire, se acalme e voltaremos para o que você queria discutir há dez minutos.

Balancei a cabeça.

— Eu não quero voltar a esse assunto — retruquei.

— Espere um momento, respire fundo, se acalme e talvez você queira — sugeri.

Balancei a cabeça mais uma vez.

— Não, eu me conheço muito bem e tenho certeza de que não quero.

Ele sorriu. Foi um sorriso bom, que raramente o vi demonstrar. Na verdade, não tinha certeza de que alguma vez havia visto esse sorriso tão aberto.

Não passou despercebido por mim que ficava muito bem nele. Mas ainda estava muito chateada para me importar, antes que ele falasse:

— Parece, Finnie, que você não tem problemas com “humms” e “uhs” quando está irritada.

— Sim, parece mesmo — concordei. Então perguntei: — Você quer torta?

— Sim, quero, mas não já. Agora quero que você se acalme e gostaria de ouvir o que você tem a dizer.

Olhei para ele por um momento antes de adivinhar.

— Você não vai me deixar levantar até ouvir o que eu tinha a dizer, não é?

Outro sorriso. Dos bons, mais uma vez. E, de novo, não deixei de reparar. Mas ainda estava muito chateada para me importar.

— Não, não vou — ele confirmou que meu palpite estava correto.

— Tudo bem — respondi, mudando minha posição para me acomodar no seu colo e, cruzando os braços sobre o peito, olhei diretamente nos seus olhos verde oliva e declarei: — Gostei de você quando acordei hoje de manhã. Para ser totalmente honesta, gostei de você na noite passada, *não* quando você estava sendo um *idiota* no *bar*, mas quando veio para *casa* e foi *doce*. Gostei mais ainda quando acordei e você tinha provado que podia ser cuidadoso. Gostei mais ainda durante o dia, porque você não é exatamente o *Senhor falante*, mas, pelo menos, podíamos conversar sem você me deixar louca ou me irritar. Foi um bônus, considerando que *estamos* casados e conversar coisas que não me assustam ou me irritam durante décadas e décadas podia *ser* uma coisa boa. Você também demonstrou, mais uma vez, que podia ser doce na cidade. Devo dizer que estou feliz por ter cortado a lenha, porque isso não é o que eu chamo de diversão e é bom compartilhar a carga. Levando em conta tudo isso e a maneira com a qual me beijou depois do casamento, beijo que eu gostei *muito* mesmo. O jeito que você agiu no mercado hoje me fez pensar que, talvez, esta noite podia ser boa. Estava pensando que queria falar com você sobre isso. Talvez, se eu continuasse a gostar de você, poderia gostar mais. E se eu *realmente* gostasse desta noite, seria bom que mantivéssemos assim por algum tempo. Apenas nós dois. Eu ia perguntar se você me ajudaria com isso.

Mexi em meu cabelo e continuei.

— Mas agora mudei de ideia. Eu *não* gosto de você, porque mais uma vez você foi um *idiota*. Estou cancelando o acordo e não haverá *sequer* uma noite. Você vai ter sua torta. Vou servir os pratos e se você não vai me deixar usar a cama, vou dormir no sofá.

Ele não respondeu, apenas olhou para mim.

Então, concluí:

— Era isso que eu ia dizer. Já disse. *Agora* você vai me deixar levantar?

— Não — ele respondeu, e eu revirei os olhos para o teto e murmurei:

— Ótimo.

— Finnie — ele me chamou.

Revirei os olhos para ele e o encarei. Ele apertou os lábios. Nunca o havia visto fazer isso, então não sabia o que significava, mas não me importava com o que quer que fosse.

Em seguida, falou:

— Você gostou do meu beijo na Morada dos Deuses?

— Uh... *sim* — pronunciei como se dissesse “uh... *dãã*”. — Frey, eu te abracei. Você é um idiota, mas sabe beijar.

Outra contração dos lábios, e então:

— Me explique o que quis dizer sobre te ajudar com o que faremos hoje à noite. Para que sejamos só nós dois por algum tempo. Pelo que eu entendo, a menos que você seja excepcionalmente liberal, o que eu planejei para hoje será *sempre* só entre você e eu.

Jesus. Homens. Suas cabeças, não importava em que mundo viviam, andavam sempre pelos mesmos caminhos.

— Não estou falando de uma terceira pessoa, *Frey*. Estou falando sobre *crianças*. Eu não *sei* você, mas estava pensando que estava gostando mesmo de te *conhecer*. E quando esse *componente extra fosse adicionado*, se realmente gostar de tudo isso, ficaríamos apenas nós dois por algum tempo antes de começar a pensar em filhas e filhos e quem vai ensinar esgrima a quem, e todas essas coisas.

Senti as pontas dos dedos apertarem meu quadril e notei que seus olhos tinham ficado estranhos, mas não prestei muita atenção nisso.

Então, ele perguntou:

— Você deseja atrasar a concepção de um herdeiro para o seu pai?

— Não *para sempre*. Nem mesmo por muito tempo. Só por poucos meses, tempo suficiente para que pudéssemos aprender mais sobre o

outro, poderíamos aprender sobre... uh... como é estarmos juntos e talvez eu pudesse pegar o seu navio.

Outra piscada lenta.

— Pegar o meu navio?

— Navegar nele ou seja lá como você chama isso. Quero dizer viajar com você. Isso pode não ser tão divertido estando grávida e se eu tiver uma criança, vou ter que ficar em casa enquanto você sai em suas aventuras e isso seria um saco. Estava pensando que, talvez, possamos nos espremer em uma aventura ou duas e, depois, podemos ter filhos e filhas e fornecer herdeiros para o reino e todas essas coisas. Não é como se eu fosse ter essa idade para sempre e não vai ser tão divertido quando estiver velha e decrépita e lutando com uma bengala, apenas para escorregar em um deck que um dos seus homens está limpando e quebrar o quadril.

Ele ainda deu *outra* piscada lenta.

Depois, jogou a cabeça para trás e começou a rir.

Eu olhei para ele porque, em primeiro lugar, não sabia que o homem *podia* rir. Em segundo lugar, estava olhando para aquela garganta na qual já tinha reparado e que fornecia uma bela visão. E, em terceiro, ele tinha uma risada contagiante.

No entanto, eu não ria com ele. Ainda estava muito chateada.

Por fim, ele parou de rir (embora, reparei, levou algum tempo para fazê-lo) e voltou sua atenção para mim.

E quando o fez, seus olhos percorreram meu rosto antes de dizer em voz baixa:

— Quando minha esposa fica contrariada, suas bochechas ficam rosadas.

Lutei contra a vontade de sair do seu colo e o desejo de cobrir meu rosto. Em vez disso, simplesmente continuei olhando para ele.

— Eu gosto — ele continuou a falar em voz baixa.

— Posso me levantar agora? — perguntei, irritada.

Ele não respondeu nem me liberou. Em vez disso, observou, ainda em voz baixa:

— Estou intrigado sobre essas roupas íntimas que deixei de ver.

— Desculpe, Frey, mas isso só acontece uma vez na vida. Estava toda enfeitada nos meus trajes para o casamento e você foi embora. Perdeu completamente esse barco.

Ele sorriu novamente, em seguida, sussurrou:

— Que tolo eu fui.

— Uh... olá? — chamei e perguntei: — Posso me levantar agora?

Uma das mãos grandes subiu pelas minhas costas, e ele disse em voz baixa:

— Preciso dizer que gosto de tê-la aqui. Você se encaixa muito bem no meu colo.

Uh, oh.

— Será que importa eu não gostar de estar aqui? — perguntei.

— Na verdade, sim, esposa, vamos levá-la para algum lugar onde você esteja mais confortável. Estou pensando no sótão.

Uh-oh, mais uma vez.

— Frey, acho que disse que o acordo foi desfeito.

Ele sorriu e balançou a cabeça.

— Você sabe, minha Princesa do Inverno, que nunca se deve renegar um acordo com um Raider.

Pisquei.

Ah, Merda! Eu tinha lido isso nos *dois* livros. Se você fez um acordo com um Raider e o desfaz, vai se arrepender.

Que grande negócio.

Merda! Agora sua mão estava curvada em volta do meu pescoço e ainda me segurava enquanto se inclinava em minha direção.

Uma vez que capturou meu olhar, disse com calma:

— Você tem dez minutos para se preparar e me encontrar lá em cima. Vamos ver o que vai acontecer, se proteger contra uma gravidez ou,

talvez, esquecer tudo isso.

Ah, caramba! Sabia o que aquilo significava, porque percebi que significava a mesma coisa nos dois mundos.

— Você não comeu a torta — aponteí, em uma tentativa de atrasá-lo.

— Vamos comê-la mais tarde... — ele fez uma pausa e sorriu. — Talvez. Podemos estar muito ocupados. Ou talvez a gente precise de sustento para continuar.

Ah, droga!

— Frey — sussurrei.

Ele me interrompeu.

— Agora você tem nove minutos, Finnie.

Droga! Droga! Droga!

— Não passou um minuto — argumentei.

Ele apertou os lábios, mas já sabia o que isso significava, porque seus olhos estavam tão perto, que os vi brilhar.

Então avisou baixinho e de forma eficaz com uma única palavra:

— Finnie.

Olhei em seus olhos.

Vi uma clara indicação de que não havia maneira nenhuma com a qual pudesse atrasá-lo.

Aquilo ia acontecer, e era a minha escolha se aconteceria no sótão ou na mesa de madeira. Era a única escolha e eu definitivamente precisava do sótão.

Foi por isso que murmurei.

— Ah, tudo bem.

O que fez com que ele me brindasse com outro sorriso. Frey também afrouxou os braços. E isso significou que pulei do seu colo e corri para fora da cozinha, tentando não deixar transparecer que estava correndo. Abri os baús, encontrei o que estava procurando e fui para o

banheiro sem me incomodar em trancar a porta, porque ele podia quebrá-la com facilidade, se realmente quisesse.

Só então comecei a hiperventilar.

Capítulo 08

Elfos

Estava no banheiro, pensando que realmente precisava de quinze refeições.

Talvez vinte e uma.

Ou até noventa.

Não estava *nem um pouco* preparada para isso.

E já estava ali há *bem* mais que nove minutos. Estava certa de que Frey ia derrubar a porta a qualquer momento.

Eu realmente não deveria ter perdido a calma no jantar e feito com que ele pulasse a torta.

Precisava daquela torta.

Precisava pensar como sair dessa.

Olhei para mim mesma no espelho.

Por razões desconhecidas, provavelmente nervosa, tinha decidido prender o cabelo no topo da cabeça com uma das várias fitas azuis gelo que haviam sido embaladas no meu baú de produtos de beleza. Não sabia para que lado estava indo, megera sedutora ou virgem inocente (provavelmente o último, na esperança de Frey ir com calma e ser gentil). E para obter este visual, mesmo que só um pouco, precisei de dezenove minutos, não nove.

Também coloquei a camisola que, com certeza, Sjöfn deveria usar na noite de núpcias. Isso porque não se dormia com isso. Era uma camisola para uma ocasião especial, foi concebida para ser vista e era muito delicada para se dormir.

Era linda, com um belo laço branco sobre o cetim azul gelo. As finas tiras eram de cetim azul também. Tinha cintura alta, no estilo imperial e mostrava um decote enorme e as pernas. Este último, porque o

comprimento da saia era suficiente para cobrir somente o meu traseiro. Era simples, mas isso a tornava elegante, o laço a deixava extraordinária e o cetim azul gelo a fazia bela (sem mencionar que a sensação contra a pele era muito boa).

Mas naquele momento pensei que era muito curta, muito sugestiva e realmente muito sexy.

Não que tivesse que sugerir alguma coisa e tudo era sexy quando algo já era certo.

Só que ela havia sido comprada para o Frey. E, por alguma razão louca e estúpida (mesmo que ele pudesse ser um grande *idiota*), quando estava considerando o que aconteceria naquela noite, decidi usá-la. E fiz isso porque achava que os homens deviam ter o que esperavam em sua noite de núpcias. Assim como as mulheres, eles só tinham uma e deveria ser boa.

Ele estragou a primeira noite. Mas antes que os meus nervos me dominassem, senti um impulso estranho de dar a ele a mesma sensação.

E, com certeza, ele não teria nada parecido quando Sjöfn voltasse.

Eu havia escolhido essa camisola.

Merda!

Olhei para o meu reflexo, minha mente girando.

Percebi que não tinha escolha. Fiz um acordo, tinha que cumpri-lo. Não podia sair correndo dali, Frey ia me encontrar e, de qualquer maneira, eu morreria congelada. Tinha que ir para o sótão e quando chegasse lá, talvez pudesse convencê-lo a ir devagar, de repente algo como experimentar um pouco hoje, pegando o jeito um do outro e, depois, ver o que o amanhã traria.

Podia fazer isso com ele. Já sabia que ele beijava bem. Isso seria bom, droga, seria *ótimo*.

Voltei à realidade com um *sem chance de convencê-lo a isso, Finnie*.

Olhei para o meu rosto no espelho.

Bem, quem não arrisca, não petisca. Isso foi o que meu pai (e várias outras pessoas) sempre disse.

Apaguei as velas do banheiro e saí para a sala de estar.

Tudo estava escuro, exceto pelas lareiras, que tinham sido avivadas e exibiam chamas grandes e brilhantes. Eu havia puxado as cortinas mais cedo para evitar o frio depois do sol se pôr. Aprendi isso logo que cheguei. Após a primeira noite em que dormi lá, quando acordei no sofá com um torcicolo.

A cortina na grade do sótão estava quase toda fechada, a luz estava vindo pela abertura no final.

Pela escada.

Eca!

Tentei me lembrar se Penelope estava dentro de casa ou lá fora. Quando a vi se levantar de onde estava, enrolada em uma das mantas fofas em uma poltrona. Ela esticou as costas, se sentou e piscou, através da luz do fogo, para mim. Olhou para o sótão como se soubesse o que estava prestes a acontecer lá. Olhou para mim e piscou. Pulou da poltrona, aterrissando com um baque de gatinha gorda e foi gingando para a cozinha.

Bem, acho que ela não ia até lá em cima comigo para me ajudar com Frey em uma sessão de amassos.

Sem escolha, fui até a escada e subi.

Quando cheguei lá em cima, não levantei o olhar. Entrei no espaço, curvada (porque tinha que fazê-lo, embora isto não fosse bom, considerando o enorme decote e que aquilo fazia com que a camisola subisse até a minha bunda) e me virei para fechar a cortina. Inspirei profundamente, disfarçando e soltei a respiração enquanto me virava.

Tinha colocado três castiçais em cada canto para iluminar o espaço. Como eu lia à noite, coloquei seis deles ao lado da cama, mas os mantive nos cantos para deixá-los longe dos lençóis.

Todos estavam acesos, o fogo na lareira estava forte, o espaço parecia aconchegante e confortável e Frey não usava nada além das calças, agachado diante do fogo.

Ele estava uma delícia. Os ombros musculosos eram amplos. Os músculos das costas, poderosos. E seus olhos estavam em mim. Ou, mais precisamente, na minha camisola.

Ah, Deus!

Devia ter agachado. No entanto, isso não teria sido muito melhor.

— Uh... oi — sussurrei.

Ao som da minha voz, Frey piscou. Então seu corpo enorme se moveu lentamente. Em seguida, se arrastou de quatro em cima da cama enquanto eu ainda estava de pé e o observava sem piscar.

Havia algo animalesco na maneira como se movia, a lentidão com que fazia isso, os músculos tensionados, o fato de que não tirava os olhos do meu rosto.

Aquilo *foi* selvagem, gracioso, predatório... *fascinante*.

Minha boca secou, e esqueci completamente que queria convencê-lo a dar apenas alguns amassos.

Ele se sentou e disse com gentileza:

— Venha aqui, Finnie.

Por alguma razão, fui até ele sem hesitar. Caindo de joelhos quando meus dedos do pé enroscaram na roupa de cama, me movi por todo o espaço, parei a alguns centímetros e sentei sobre minhas panturrilhas. Meu corpo ficou imóvel quando sua mão me alcançou. Foi até meu cabelo e com um puxão suave, a fita foi desamarrada e meu cabelo, solto.

Bem, tanto trabalho para isso.

Sua mão quente envolveu o meu pescoço.

— Gostaria de senti-lo esparramado em cima de mim, esposa — sussurrou.

Humm.

Gostei disso.

— Tudo bem — sussurrei em resposta.

Enquanto falava, seus olhos fizeram a mesma coisa daquele dia no mercado, ficaram preguiçosos, e ele sorriu.

Meu estômago se contraiu.

Uau.

A mão no meu pescoço segurou minha nuca e a outra foi até a minha cintura, apenas a ponta dos dedos deslizando sobre ela, indo até as minhas costas. Senti a mão inteira pressionando a parte inferior das minhas costas, me puxando de encontro a si, lentamente.

Mantive os olhos colados nos dele quando minha respiração começou a acelerar e meu corpo, a tremer — definitivamente de medo, pela ansiedade, podia apostar, e alguma outra coisa, com certeza.

Enquanto me puxava para mais perto, a mão na parte baixa das minhas costas envolveu minha cintura, me puxando gentilmente para que eu me apoiasse sobre o quadril e as coxas. Fui puxada para mais perto ainda... minha cabeça se inclinou para trás... mais perto... a cabeça dele também se inclinou... mais perto... então meus olhos se desviaram para sua boca exatamente quando ele diminui o espaço e encostou os lábios nos meus.

Foi assim. Um toque suave e, em seguida, usou as mãos e o tórax para me empurrar até que minhas costas estavam deitadas na cama, minha cabeça nos travesseiros e ele se acomodou ao meu lado, apoiado no antebraço, a mão que estava no meu pescoço deslizou para baixo, pelo meu ombro, meu braço, e estava sobre o laço, nas minhas costelas, deslizando-o para baixo, até a a barriga, contornando minha cintura, para baixo, por cima do meu quadril. Tudo isso lentamente. Tomando seu tempo. E enquanto me observava.

Isso era bom, até mesmo relaxante, mas eu não estava em condições de relaxar. O calor em seu olhar e a expressão no rosto, ambos se comunicavam comigo de uma maneira que fazia a minha pele ferver. E

seu peito estava bem ali, todo ele, grande, era fantástico, e eu queria tocá-lo.

Mas, ao mesmo tempo, estava apavorada.

Ainda assim, ele estava me tocando, e eu devia começar a tocá-lo. E queria isso. Levantei a minha mão e a movi com calma em direção ao peito dele enquanto sua mão deslizava de volta até a minha barriga. De repente, minha mão foi detida no ar, porque seus dedos tinham se enrolado em meu pulso.

Meus olhos foram até os dele, para vê-lo observando a minha mão.

Eles se desviaram para os meus quando levou minha mão até a pele quente e lisa do seu peito apertando-a e se inclinou em minha direção.

Com o rosto a poucos centímetros do meu e minha mão pressionada contra sua pele, perguntou em voz baixa:

— Por que você está tremendo, esposa?

Umedeci os lábios antes de admitir, sussurrando:

— Estou nervosa, Frey.

Seus olhos lânguidos e calorosos ficaram ainda mais lânguidos e mais calorosos ao deslizar minha mão em seu peito, sobre seu ombro pelo pescoço, puxando o meu tronco para cima, contra ele. Então deixou minha mão lá e seu braço se curvou em volta da minha cintura. Se deitou do seu lado da cama enquanto me girava e sua boca ficava a centímetros da minha.

— Serei gentil, Finnie — sussurrou.

— Promete? — perguntei.

Sua mão cálida deslizou pela minha coluna até segurar meu cabelo, me fazendo tremer de novo, mas não de nervoso. Continuou a percorrer seu curso, se pressionando contra mim.

— Não vou te machucar, minha esposa do inverno. — Deslizou o nariz ao longo do meu e gostei disso, foi doce, sexy, bom e meu corpo

relaxou sob o dele. — Nunca — grunhiu, terminando a frase e, finalmente, me beijou.

Lá estava ele. Sua língua na minha boca, aquela habilidade da qual me lembrava. Estava tudo lá, mas, desta vez estava entregando tudo para mim, não usando-a para arrancar alguma coisa de mim. Foi um beijo lento, sobre descoberta, exploração, demonstrando, dizendo, recompensando, e eu relaxei mais ainda, chegando mais perto enquanto sua mão se movia suavemente sobre a minha camisola, quente, nem um pouco invasiva, acalmando ao mesmo tempo que aquecia.

E eu estava ficando excitada, devagar, muito lentamente, porque era exatamente isso o que ele estava fazendo, dando vida ao fogo, atijando o calor. Tinha todo o tempo do mundo para aproveitar. E assim o fez.

Eu também. Hesitante, explorei seu cabelo grosso e macio, os músculos dos seus ombros e das costas. O tempo todo explorei sua boca, sua língua, provei seus lábios, e ele me explorou também. Gostei do que descobri. Ele era *fantástico*.

Sua mão, finalmente deslizou para a minha bunda e sentindo-o tão duro e quente, pressionado contra mim, a boca tão generosa, a pele macia como seda, um fogo disparou entre as minhas pernas, meus quadris pressionando os dele e emití um ruído suave dentro da sua boca.

Frey interrompeu nosso beijo, mas seus lábios ainda tocavam os meus e seus dedos seguravam a minha bunda.

— Minha esposa gosta disso — sussurrou.

— Sim — sussurrei de volta, porque era verdade.

Sem pressa, os dedos puxaram o tecido da minha camisola, e olhei nos olhos dele. Meu corpo estava quente e, ainda assim, minha mente se concentrou em tudo ao mesmo tempo. A sensação do corpo dele, seu cheiro, os lábios tão próximos, os olhos tão deslumbrantes, os cílios espessos, o quarto iluminado pelas velas, meus lábios parecendo doer, minha boca querendo a dele de volta, a sensação inebriante dos meus

seios pressionados contra o peito dele, a melhor sensação de todas, seu membro duro pressionado contra mim – e ele finalmente levantou o tecido e muito devagar, como se tivesse todo o tempo do mundo enquanto eu prendia a respiração, seus dedos deslizaram para baixo, dentro da minha calcinha.

Eu estava pegando fogo.

Ah, caramba!

Por que era assim tão *fenomenal*?

Não sabia. Não me importava. Eu só sabia que queria mais.

No instante em que senti pele contra pele, meus olhos se fecharam e outro ruído escapou da minha garganta. Me pressionei contra ele em todos os lugares que consegui e a lentidão virou passado.

A mão dele apertou minha bunda, seu peito empurrou minhas costas de volta na cama, sua boca desceu sobre a minha, quente, molhada, faminta e *chocante*.

Ele empurrou um joelho entre as minhas pernas, mas não houve necessidade. Eu as abri e dobrei meu joelho, pressionando o interior da minha coxa na lateral de seu quadril enquanto arqueava as costas para me conectar com ele, apertando meus braços para puxá-lo em minha direção e gemi em sua boca.

Ele me beijou, com força e profundamente. Sua boca deixou a minha, deslizou pela minha bochecha até o meu ouvido, e pressionei meu corpo contra ele. Minhas unhas arranhando a pele das suas costas, apoiando o pé na cama para que pudesse estreitar meu quadril contra o dele.

— Você me quer — ele grunhiu no meu ouvido.

Virei a cabeça para que eu pudesse tocar seu lóbulo da orelha com a ponta da língua, meu cérebro e outras partes de mim descobrindo que apreciava seu gosto, então sussurrei:

— Sim, Frey.

Sua mão deixou a minha bunda, deslizando com rapidez e, de repente, estava no meio das minhas pernas, sobre a calcinha, o toque leve, mas definitivamente lá e incrivelmente sedutor. Ele levantou a cabeça, seus olhos fixos nos meus.

— Pelos deuses, você me quer — repetiu, com voz rouca. Soube que ele sentiu a evidência úmida que provava isso entre as minhas pernas.

— Sim — suspirei, movendo o quadril para sua mão que, instantaneamente, envolveu meu sexo e capturou minha boca com outro beijo molhado e forte.

Choraminguei enquanto ele me beijava e sua mão deslizava para cima, os dedos me pressionando. Droga, era tão incrível! Logo depois, foi até a minha barriga, e pude sentir a ponta do dedo médio puxando a minha calcinha, se preparando para ficarmos pele contra pele, e *não* podia mais esperar.

Inspirei profundamente com uma antecipação deliciosa, sugando sua língua mais profundamente em minha boca e depois, seu corpo inteiro ficou imóvel.

Ele levantou a cabeça e pisquei enquanto o observava virá-la um pouco, como se estivesse tentando ouvir.

E ele rosnou baixo, profundamente e irritado.

— Maldição!

Pisquei de novo.

Ah, não.

O que eu havia feito?

— Frey? — chamei enquanto ele movia o corpo grande sobre o meu.

— Fique aqui — ordenou. — Já volto.

Me virei, acompanhando-o enquanto ele se movia rapidamente para o beiral do sótão, não para a escada. Ele não ia perder tempo, ia

pular lá para baixo, o que era louco, mas eu fiquei paralisada trinta segundo atrás.

— Mas ... — sussurrei, os olhos sobre ele, minha voz decepcionada — O que foi que fiz?

Seu corpo estacou ao ouvir o tom da minha voz, e seus olhos vieram até mim. Ele me absorveu rapidamente e estava bem ali, com a mão segurando a parte de trás da minha cabeça, tudo o que eu podia ver era seu rosto.

— Nada, Finnie, está tudo bem. Fique aqui. Não se mexa. Volto assim que puder. Prometo, esposa.

Olhei nos seus olhos. Ele deve ter visto o que precisava, porque se moveu para tocar sua boca na minha. Virou rapidamente e desapareceu sob a cortina, lançando o corpo grande na lateral do sótão.

Eu o ouvi aterrissar no chão e olhei para a vela perto da cortina. Ainda olhando para lá, ouvi a porta da frente abrir e fechar.

O que havia acabado de acontecer?

Será que o meu marido em um universo alternativo, que eu mal conhecia, e me deixava mais excitada do que já tinha ficado *na minha vida*, se afastava, sem nenhum motivo aparente, se jogando de cima do sótão?

Percebi que *e/le* estava excitado também. Pude ver isso nos olhos dele, inferno, pude *senti-lo* pressionado contra mim. Ele me queria. Muito.

Em seguida, ele se foi.

Ele tinha ouvido alguma coisa.

Ah, Deus.

Ele tinha ouvido alguma coisa.

Será que os Raiders tinham inimigos?

Ah, Deus!

Claro que sim! Eu li as histórias. Talvez elas *não fossem* romantizadas. Talvez o mar estivesse cheio de perigos. Talvez tivesse saqueado algum barco e agora, era hora da vingança.

E ele estava lá fora só de calça! Me apressei a sair da cama, joguei a cortina para o lado e desci a escada do sótão. Pé ante pé, mão por mão, rapidamente desci os degraus, corri para a cozinha escura e fui direto para as facas. Pegando a maior, mais assustadora e mais afiada, corri para a porta da frente.

Ouvi a voz dele, não o que ele estava dizendo, mas parecia irritado.
Merda!

Não podia correr lá para fora de camisola, sem saber para o que estava correndo e o que Frey estava enfrentando.

Droga.

Fui até a janela, empurrei a cortina pesada para o lado e olhei para fora.

Congelei.

Olhei melhor e lutei para não desmaiar.

Um homem minúsculo com orelhas pontudas e um nariz arrebitado, vestindo um estranho chapéu azul escuro parecido com um capuz com uma pena branca espetada na lateral e cujo corpo inteiro era azul gelo brilhante se virou para olhar para mim.

Então o ouvi dizer para o Frey:

— Sua Noiva do Inverno está nos observando, Frey Drakkar.

Meus olhos giraram para Frey, parado lá fora no frio congelante usando só uma calça, mas o homenzinho minúsculo não precisava apontar isso para ele. Frey estava olhando para mim e balançando a cabeça.

Ele se moveu para a porta.

Pulei de trás das cortinas e hiperventilei.

A porta se abriu e me virei para olhar para o meu marido.

Me encarando, ele disse com suavidade:

— Eu te pedi para ficar no sótão, Finnie.

— Tem pequenas fadas lá fora — expirei, forçando as palavras através das respirações rápidas.

Suas sobrancelhas se levantaram, não de uma maneira assustadora, mas, em vez disso, com surpresa, e ele respondeu:

— Aquilo não são fadas, esposa, são elfos.

Elfos?

Elfos.

Puta que pariu!

Minha cabeça virou lentamente para a janela fechada pela cortina, e eu já não podia ver lá fora, mas minha mente evocou a visão do nosso jardim da frente cheio com cerca de uma dúzia, talvez mais, homens e mulheres minúsculos de um azul gelo brilhante.

Elfos!

Ah, meu Deus!

Que jeito! Este mundo tinha elfos!

Olhei de volta para Frey e sussurrei:

— Que *legal!*

Ele manteve o foco nos meus olhos e algo me disse que sua mente não estava nos elfos quando perguntou em voz baixa:

— Você pode explicar por que está segurando uma faca?

— Você é um Raider — disse, sem hesitação, querendo terminar minha explicação sobre aquilo para que pudéssemos conversar sobre os Elfos — Provavelmente tem inimigos. Pensei que da maneira como saiu, poderiam ter encontrado você, que era hora da vingança, você estava desarmado, então queria ver se podia ajudar. — Seu rosto registrou surpresa por um instante novamente, antes de suavizar, mas eu não tinha realmente notado, principalmente porque minha mente estava nos elfos lá fora, então perguntei: — São *elfos* de verdade?

Ele se moveu até mim e minha cabeça se inclinou para trás quando o fez. Quando chegou perto, sua mão veio cuidadosamente até a minha, assumiu o controle da faca e, quando a pegou, seu tronco girou um pouco e ele a atirou para que caísse com um ruído abafado no sofá.

Com as mãos livres, levantei-as e coloquei meus dedos em seus ombros sacudindo-o um pouco para chamar sua atenção.

Quando se virou para mim, me inclinei para perto, fiquei na ponta dos pés e sussurrei, animada:

— Frey! Sério? São *elfos*?

Suas mãos se apoiaram nos meus quadris, e ele olhou para o meu rosto, um lado da sua boca se erguendo antes de dizer:

— Sim, Finnie, já faz séculos, mas eles voltaram.

Imediatamente, me aproximei mais, peito com peito, os dedos cravados nos seus ombros enquanto sentia meus olhos se arregalando, um grande sorriso aparecer no meu rosto e gritei:

— Que *legal*!

Ele sorriu, em seguida disse:

— Tenho que ir com eles.

Pisquei enquanto perguntava:

— O quê? Por quê?

— Eles vieram até mim com uma mensagem. É importante. Devo ir até a árvore de adela.

Uau. Maneiro!

Eu *realmente* queria ver uma árvore de adela. Isso sem falar em viajar com os elfos.

Cheguei mais perto e perguntei com meu sorriso ainda brilhante.

— Posso ir?

Ele continuou sorrindo para mim, mas balançou a cabeça enquanto seus dedos pressionavam os meus.

— Não, esposa.

Senti meu sorriso desaparecer e perguntei:

— Por quê?

— Eles têm uma mensagem para mim, não para você ou para nós. E só esperam a mim na árvore.

— Mas...

— Por isso, vou sozinho.

Humm. Idiota. Como era típico do meu comportamento diante de uma aventura, eu não desistia.

— Você podia ir até lá e talvez... *perguntar* se seria legal que eu fosse junto? Eu posso ficar longe — sugeri, e ele deu uma risada breve, mas balançou a cabeça.

— Deve ser somente eu.

— Mas você é grande e assustador, e eles são pequeninos e fofos. Você pode pisar em cima deles se quiser. Talvez você possa apenas lhes *dizer* que estou indo.

Suas sobrancelhas se ergueram ligeiramente e suas mãos deslizaram dos meus quadris para a parte inferior das minhas costas quando sua cabeça se inclinou para a minha e ele disse em voz baixa.

— Finnie, é verdade, sou o senhor deles, mas esta não é a única forma que eles usam. Eles têm um poder incrível, e eu os comando, mas apenas porque voltaram para a superfície. Eles podem recuar e não quero que façam isso. Se eles querem só a mim, como seu senhor, eu deveria ouvir o que eles têm a dizer e decidir, durante as reuniões que se seguirão, se vou levar a minha esposa do gelo.

Eu estava olhando para cima, o encarando com o que eu sabia ser olhos arregalados quando inspirei.

—Você é o *senhor* deles?

Ele me observou e, em seguida, disse:

— Finnie, você sabe disso, todo mundo sabe. O Frey da linhagem dos Drakkar sempre comanda os elfos.

Ah, Jesus! Eu *não sabia* disso, e Sjöfn não tinha se preocupado em adicionar aquela informação importante na sua carta.

— Eles me aguardam, esposa. — Me puxou com um leve deslizar dos seus braços.

— Certo. — Assenti — É claro.

Comecei a me afastar e percebi que onde minhas mãos pressionavam seus ombros e meu corpo pressionava o seu, não estava frio. Ele já estava lá dentro há algum tempo, mas não era como se tivéssemos aquecimento central. Era sempre um pouquinho fresco, mesmo com as lareiras acesas.

E a pele dele não estava fria. Nem mesmo um pouco.

Abaixei minha cabeça para olhar seu peito. Levantei a cabeça e olhei novamente para seu rosto.

— Por que não está com frio? — sussurrei.

Sua cabeça inclinou ligeiramente para o lado por um segundo antes de endireitá-la e responder:

— Eu não sinto frio, Finnie, e você já sabe disso, porque todo mundo sabe. Não sinto calor também.

Uh.

Uau!

E.

O quê?

Infelizmente, não podia perguntar por que. Era óbvio que eu já devia saber. Infelizmente tinha que disfarçar.

— Certo — disse rapidamente. — Me esqueci.

Ele examinou o meu rosto enquanto repetia.

— Você se esqueceu. — De um jeito que demonstrou que ele não acreditou em mim e que mostrou ou pensou que eu estava um pouco desequilibrada ou que era altamente indigna de confiança (talvez ambos).

— Uh... — Comecei a cobrir meus rastros: — Estou meio confusa sobre os elfos estarem de volta depois de séculos, Frey. Isto me escapou completamente.

Ele me olhou. E sussurrou:

— Certo.

Não acreditou nem um pouco em mim.

Disfarcei, sorrindo amplamente para ele. Isso funcionou. Seus olhos foram para a minha boca, os braços relaxaram e a tensão saiu do seu corpo enorme.

Dei-lhe um empurrão de leve com as minhas mãos e disse:

— É melhor você ir. Os elfos estão à sua espera.

Isso me valeu outro meio sorriso e, em seguida, balançou a cabeça e me soltou.

Quando ele o fez, me virei, olhei ao redor da sala, vi suas coisas jogadas em um baú e corri até ele.

Ele me seguiu e lhe entreguei o suéter. Ele o pegou e vestiu enquanto eu tagarelava.

— Quando você voltar quero saber tudo. Isto é *tão* legal. *Amo* tudo isso. Mal posso esperar para ouvir o que eles têm a dizer.

— Finnie...

Eu lhe entreguei as meias e o interrompi.

— Não. Não diga que não pode me contar. Se você ouvir o que eles falarem e não puder me dizer, tudo bem. Mas talvez possa. Não estoure a minha bolha agora. Você pode explodi-la mais tarde, se for preciso.

Pegou as meias, mas não as colocou. Só olhou para mim.

Colocou o braço em volta da minha cintura e me puxou. De repente, estava grudada ao seu corpo e sua boca havia esmagado a minha. Ele me deu um beijo curto e quente (de língua). Depois me soltou. E ordenou:

— Sótão, esposa. Estarei de volta em breve.

Sorri para ele e concordei.

— Tudo bem.

Corri para a escada e subi. Uma vez lá dentro, coloquei a cabeça para fora e chamei meu marido enquanto ele calçava as botas.

— Divirta-se com os elfos.

Sua cabeça se inclinou para trás e seus olhos encontraram os meus. Balançou a cabeça e sorriu.

Sorri de volta e fechei as cortinas. Corri para a cama, me sentei com as pernas cruzadas no meio dela e escutei a porta abrir e fechar.

Então eu ri.

Putá que pariu, *uau!* Este mundo tinha elfos e eu estava casada com o senhor deles, um homem que, por algum motivo (magia?), não sentia frio ou calor.

Que... loucura!

Esta aventura *realmente* valia um milhão de dólares.

Capítulo 09

A Mensagem

Os cascos de Tyr batiam na neve, levande Frey Drakkar para a colina atrás da sua cabana de caça e mais além, pelas árvores que cresciam cada vez mais densas, até o coração da floresta, uma parte tão fechada que mesmo Tyr e Drakkar tiveram que abrandar a cavalgada.

Então entraram em uma névoa branca, opaca, à deriva, que só o Drakkar e seu cavalo conseguiam penetrar, qualquer outro ser humano que tentasse fazê-lo seria lançado de volta.

Os elfos estavam presentes.

Tyr e o Drakkar se moveram pelo conjunto espesso de árvores e do vapor pesado. Viram a luz da árvore de adela perfurando a névoa e brilhando ao redor dos troncos escuros da floresta. Bem antes de chegarem à clareira que abrigava a grande, alta e brilhante adela, com seus vários ramos estreitos subindo em linha reta a partir do tronco, sua casca reluzente, seus galhos retorcidos apontando para os lados e em linha reta para o ar.

O Drakkar puxou as rédeas de Tyr assim que chegou à clareira circular, há pouco mais de um metro distante da árvore e desmontou. Os elfos já estavam lá, movendo-se para a adela, tocando sua casca na base, onde a árvore se erguia da terra, transformando-se instantaneamente do seu tamanho diminuto para o tamanho humano — não ficando tão altos quando o Drakkar, mas do mesmo tamanho de sua esposa de inverno.

Drakkar se aproximou com a mandíbula de Tyr próxima ao seu ombro e parou no meio do caminho para a árvore mágica e brilhante.

Nillen, Orador dos Elfos, se virou imediatamente para ele, parando bem próximo de seu senhor.

Em seguida, abaixou a cabeça, quase encostando o queixo no pescoço antes dos olhos azuis gelo, da mesma cor dos olhos da noiva do Drakkar, se voltarem para o seu senhor.

— Obrigado por ter vindo, meu senhor Frey Drakkar.

— É melhor que isso seja bom, Nillen, eu estava há dez minutos de consumir meu casamento quando seus elfos chegaram.

As extremidades dos lábios de Nillen se inclinaram para cima e seus olhos brilharam como pingentes de gelo.

— Chegamos em uma hora inoportuna — murmurou.

— Imensamente inoportuna — Drakkar concordou com um grunhido impaciente. Os lábios do Nillen se ergueram mais ainda, mas o Drakkar não estava com vontade de compartilhar sua diversão. — A mensagem? — perguntou.

Nillen sustentou seu olhar.

Em seguida, sussurrou:

— Você sabe qual é a nossa mensagem.

Isto era verdade. Drakkar sabia do que se tratava.

Estavam lá para falar sobre sua esposa.

Uma esposa que sorria para ele, ria e brincava.

Uma esposa que estava enrolada em seu corpo quando acordou.

Uma esposa que se acovardou diante da visão de um cervo morto em sua mesa quando ela não só tinha abatido vários deles como também estava habituada a limoá-los e tirar suas peles.

Uma esposa que cozinhou como se fizesse isso a vida toda, em vez de tê-lo servido refeições já preparadas a partir do momento que parou de mamar no peito da ama de leite.

Uma esposa que disse palavras estranhas e bizarras, proferidas em termos como, “me tirando do sério”, “me jogando”, “me irritando”, bem como “tecnologia”, “Ah, Jesus”, “idiota” e “próximo nível”.

Uma esposa que usava vestidos, perfumes e se maquiava, fazendo os dois primeiros com facilidade natural e este último com uma prática óbvia quando todos no reino sabiam que ela não fazia nada disso.

Esposa que tinha uma influência graciosa, mas de forma incondicional e amigável, mais uma vez, algo que ela nunca havia feito antes.

Esposa que não sabia a diferença entre elfos e fadas, nem sabia que o marido possuía magia dos elfos e era imune ao calor e ao frio, embora isto fosse conhecido durante séculos, quando nascia um Frey na Casa de Drakkar.

Alguém que correspondia seus beijos com exuberância, se derretia nos seus braços e ficava imensamente excitada apenas com a mão dele se movendo sobre seu traseiro arredondado.

E uma esposa que se voltou quase que imediatamente para ajudá-lo a se defender quando temeu que ele estivesse em perigo, em seguida, se comportou com alegria desenfreada quando falou dos elfos.

Alguém que, definitivamente *não* era a Princesa do Inverno, Sjöfn, da Casa de Wilde.

— Minha esposa — Drakkar resmungou. Nillen inclinou a cabeça.

— Suponho — Nillen começou — Considerando sua recente... — fez uma pausa — *atividade* antes dos meus irmãos e irmãs chegarem, que ela tocou em você?

— Sim. — Drakkar confirmou.

— Posso ver? — Nillen perguntou, e Drakkar abaixou o queixo em uma afirmação.

Nillen não chegou mais perto, simplesmente levantou a mão, colocou-a no peito do Drakkar por um mero momento e, em seguida, a afastou um pouco. A marca da mão vaporosa, azul gelo permaneceu no peito do Drakkar mesmo após a mão do elfo haver se afastado. Tendões na cor azul gelo brilhante se estenderam entre o Drakkar e a mão de Nillen quando ele a ergueu.

Drakkar viu que os olhos de Nillen estavam fechados enquanto fazia sua leitura. A ligação foi interrompida e a impressão no seu peito desapareceu quando a mão do elfo abaixou e seus olhos se abriram.

Ele sorriu.

— De fato, ela é a Noiva do Inverno — sussurrou, e os elfos na clareira se agitaram, enchendo o ar com antecipação.

— Explique — Drakkar ordenou bruscamente.

— Ela não é deste mundo — Nillen afirmou.

Tyr se moveu e bateu no ombro do seu mestre com a mandíbula, pois seu cavalo há muito tempo havia comunicado esta mesma impressão. Na noite do seu casamento, quando ela, de maneira inexperiente (no início), dirigiu o trenó ao seu lado.

Os elfos de pé na clareira continuaram a se agitar, mas Drakkar não disse nada.

Nillen continuou.

— Os elfos souberam da existência de um outro mundo, diferente do nosso. Em alguns aspectos mais avançados, de outras maneiras, com visão muito acanhada, há muitos milênios. Esse mundo detém uma magia muito limitada.

Drakkar permaneceu em silêncio.

Nillen passou a explicar.

— Os seres humanos têm gêmeos que vivem em cada mundo. Na verdade, quase todos os seres humanos têm um irmão gêmeo, exceto, felizmente para ambos os mundos, aqueles que carregam o mal. Aqueles com extrema malícia em seu coração, o suficiente para agir com essa maldade livremente e sem escrúpulos, só tem uma existência em um mundo. Há outros que não têm gêmeos, mas estes também não nascem unicamente devido a circunstâncias extremas. Aqueles que não possuem malícia ou suas mães não sofreram circunstâncias extremas em um dos dois mundos têm dois. Embora o gêmeo seja parecido com o outro, fale como o outro, eles *não* são o outro, mas dois seres diferentes.

Nillen fez uma pausa, Drakkar assentiu uma vez e Nillen continuou falando:

— Você tem um irmão gêmeo nesse mundo, e Sjöfn, da Casa de Wilde tem um. E ela conspirou para trocar de lugar com sua gêmea na noite do casamento.

A mandíbula de Drakkar se apertou, mas não disse nada.

Nillen continuou.

— A Sjöfn deste mundo desejava escapar de você. A Seoafin do mundo paralelo veio para cá por razões muito diferentes.

— E quais são elas? — Drakkar perguntou.

— A principal... tristeza. — Nillen respondeu, e Drakkar piscou quando seu estômago se contraiu.

— Tristeza?

Nillen assentiu.

— Há muitos anos, ela perdeu os pais. Eles eram amados por ela, que não se recuperou da perda, tal foi o peso que se estabeleceu em sua alma. Tomou conhecimento do nosso mundo e do entendimento que havia gêmeos para aqueles que vivem em seu mundo. — Ele fez uma pausa e seus olhos se focaram, inabaláveis, sobre o seu senhor. — Ela queria ver os pais novamente e assumiu um grande risco, pagando um grande tesouro a fim de fazê-lo.

Drakkar sentiu o estômago apertar ainda mais quando murmurou:

— Maldição dos infernos!

Nillen ergueu o queixo.

— Receio que apesar da sua esposa do gelo ter sido clara sobre suas razões para viajar para este mundo, a Sjöfn daqui não foi franca com ela e compartilhou informações muito limitadas antes da viagem, bem como deixou de dar informações para que ela entendesse tudo depois. A troca foi realizada apenas dez minutos antes de ser forçada a entrar no trenó que a levaria para a Morada dos Deuses. Entre outras coisas, ela não fazia ideia que seus pais deste mundo estavam impacientes e até

mesmo zangados com ela e não tinha ideia de que estava diante de um casamento iminente com você. Na verdade, mesmo agora depois de ler a carta da Sjöfn da Casa de Wilde, ela tem informações incompletas a seu respeito.

Drakkar olhou para o elfo enquanto sentia os músculos do pescoço se contraírem antes que pedisse com voz firme.

— Vá em frente.

A cabeça de Nillen se inclinou para o lado antes de se endireitar.

— Sua esposa é... — Outra pausa — *incomum* para uma mulher neste mundo e até mesmo, é nosso entendimento, no mundo dela. Embora tenha sido confrontada quase que imediatamente com estas circunstâncias desfavoráveis, se mobilizou e enquanto tinha a intenção de passar o tempo com seus pais, ela tem desfrutado da sua aventura neste mundo. Muito até agora.

Isso não surpreendeu o Drakkar. Não depois de vê-la saudar o povo da cidade naquele mesmo dia ou adentrando o pub ontem à noite, quando gritou com os braços levantados no ar, um sorriso radiante enquanto se envolvia (com sucesso) em apostas em um jogo de azar.

Nillen continuou falando, apesar da sua voz ter ficado suave.

— Você se lembra, meu senhor, que embora nós entendamos suas razões para aceitar o pedido do rei, os elfos o advertiram fortemente contra se vincular a Sjöfn da Casa de Wilde?

Drakkar manteve o olhar voltado para o elfo, mas sentiu todo seu corpo se retesar.

Ele se lembrava. Os elfos foram além de adverti-lo. Suas preocupações diante desta aliança com a princesa Sjöfn foram comunicadas em um tom quase desesperado. Suas advertências foram horrendas, que tal união iria enraivecer Keer, o deus do Destino que havia predito que o Senhor dos Elfos casaria com sua noiva do gelo, uma mulher que compartilhava, como o Frey Drakkar, a magia duende por suas veias onde corriam vestígios de sangue elfo.

Uma mulher que Keer, com o auxílio de *todos* os deuses, Wohden, Adela, Hermia, Meer e Alabasta tinham procurado e escolhido a fim de unir o elfo e o dragão para criar uma criança que fosse um verdadeiro e legítimo herdeiro do trono de Lunwyn, algo que os deuses garantiram ser fundamental e que não tinham explicado o porquê, nem através da oração, ou de Vallee ou dos elfos.

Mas, para Drakkar, foi anunciada uma mulher especial, destinada para ele e escolhida pelos deuses como uma bela recompensa por seus esforços e pela pesada responsabilidade dos comandos dos quais se ocupava, e por ela também compartilhar o desejo do Drakkar por viagens e sua sede de busca sem fim.

Tudo o que seria impossível para Finnie ser, se o mundo da noiva do inverno esperando por ele em sua cabana tivesse pouca magia, assim como ela, claramente, não teria.

Depois de peneirar esse conhecimento em seu cérebro, finalmente, o Drakkar ergueu o queixo.

O sorriso de Nillen sumiu do rosto antes de anunciar:

— O Grande Keer e o Destino prevaleceram.

Drakkar piscou, e os elfos ao redor da clareira murmuraram.

— Explique — ordenou.

— Porque, meu senhor, você se casou com sua noiva de inverno legítima.

Os olhos do Drakkar se estreitaram.

— Pensei que você havia dito que o mundo dela tem pouca magia.

— E tem, mas isso não significa que não tenha *nenhuma*. Ela é dos elfos, embora uma elfa do mundo *dela*, mas ainda é dos elfos. Nossa espécie há muito tempo já tinha ido para seu reino nas profundezas da terra, para nunca mais voltar. A Princesa Sjofn traz sua coloração de traços passados naturalmente através dos seus pais, embora latente em cada um dos pais, vieram a aparecer nela por puro acaso. Sua Seoafin possui essa coloração porque carrega o sangue dos elfos.

Drakkar estudou o rosto feliz de Nillen e observou:

— Eu vejo que isso lhe agrada.

Nillen ergueu o queixo e respondeu:

— Na verdade sim, meu senhor.

Drakkar pensou em Finnie, mas não tinha necessidade de fazê-lo. Ele já sabia que ela lhe agradava e foi por isso que, apesar de ter procedido com cautela com uma mulher desconhecida para ele, continuou a avançar. Até agora, não sabia se ela era uma Sjöfn da Casa de Wilde enfeitiçada (provavelmente, ele pensou, por sua mãe) para agradá-lo, se os deuses fizeram o trabalho ou se uma cópia tinha sido criada por razões diabólicas. O que sabia era que estava gostando de testar todas essas teorias, portanto, com cautela, começou a testá-las.

Agora, sabia que tinha a beleza da Sjöfn em sua cama, mas com a graça de Finnie, o humor de Finnie e o fogo de Finnie.

Sim, isto lhe agradou muito.

O que não lhe agradou foi que, embora fosse uma boa notícia, a mensagem de hoje à noite não era urgente e os elfos que se aproximaram de sua cabana haviam lhe dito que era de grande importância.

Esta notícia, tal como se apresentava, podia esperar para ser transmitida.

No mínimo, podiam ter esperado por uma meia hora, droga.

— Estou incerto, Nillen — Drakkar rosnou — Do porquê fui tirado da minha cama, e da *minha esposa* para ouvir esta notícia. É boa, não é? E isso não vai mudar.

O sorriso de Nillen morreu e ele balançou a cabeça, mas disse:

— Sim, meu senhor, é bom. Mas receio que isso vá mudar no futuro.

Drakkar cruzou os braços sobre o peito.

— Como?

— Sua noiva do gelo não ficará em nosso mundo para sempre, Frey Drakkar. Ela retornará ao seu mundo em dez meses e duas

semanas, trocando de volta com Sjöfn.

O corpo do Drakkar enrijeceu novamente, com tanta força que virou uma estátua e parecia que a área em torno do seu coração se apertava. Intensamente.

— Ela vai voltar? — perguntou com suavidade, a voz baixa.

— Sim, um acordo para permanecerem trocadas durante um ano foi firmado. Em seguida, cada uma retorna ao seu mundo. Sjöfn a alertou sobre você e explicou suas razões para sua união. Também a avisou para não engravidar, porque ela vai cumprir esse dever quando retornar.

Dever.

Drakkar não gostava da Sjöfn da Casa de Wilde e gostava dela cada vez menos quanto mais sabia a seu respeito, incluindo colocar sua Finnie em uma situação que deve tê-la aterrorizado quando ela só queria viajar para um mundo desconhecido a fim de passar algum tempo com seus pais.

Esta, em particular, era uma circunstância na qual estava tentando não pensar, pois este tipo de viagem era muito perigoso, como evidenciado por ela ao se encontrar na situação que enfrentou praticamente na hora da sua chegada.

Como homem, sempre procurava tais empreendimentos. Como um homem poderoso, experiente e habilidoso, superou muitas situações perigosas.

Sua Finnie não era um homem poderoso, experiente e habilidoso.

Caramba, sua pequena esposa podia ter se machucado.

E isso não englobava tudo. Ainda, não. Nem suas ações depois que se casou com ela, pensando bem. Ia pensar nisso mais tarde.

E muito, mas muito mais tarde, ia discutir seu comportamento com ela e o fato de que ela desistiria disso tudo imediatamente. Drakkar se desviou desses pensamentos e focou em Nillen.

— Então não vou retornar deixar que ela volte — Drakkar decidiu, e Nillen balançou a cabeça.

— A bruxa do mundo dela, a que fez a troca, é extremamente poderosa. Ela possui mais mágica do que a maioria das bruxas *deste* mundo, bruxas capazes de praticar feitiços abertamente e compartilhar e instruir uns aos outros. A verdadeira magia está escondida naquele mundo por razões que não entendo. Mas *esta* bruxa, a bruxa da sua noiva de gelo, detém a magia de cinquenta das *nossas* bruxas mais poderosas. Este alternar entre os mundos não ocorre com muita frequência, é *extremamente* raro, e a razão para isso é que demanda uma enorme quantidade de magia para realizá-lo. Assim, qualquer bruxa que tentar, se esgotará de todo o seu poder uma vez que a troca seja feita, colocando-se em grave risco. Se uma bruxa daquele mundo ou deste, reúne magia o suficiente para realizar a troca, serão drenadas e seriam necessárias *décadas* para que recuperassem seu poder.

Nillen fez uma pausa, como se estivesse esperando que o Drakkar reconhecesse que compreendia, e quando ele ergueu o queixo, o elfo continuou:

— A bruxa que trocou sua noiva de gelo com Sjöfn da Casa de Wilde não vai enfrentar este mesmo enfraquecimento. Ela tem magia o suficiente para fazer a troca e destrocá-las novamente com apenas uma pequena diminuição do seu poder, e estará com força total novamente no período de um ano, a fim de executar novamente a troca. Você pode consultar uma bruxa, meu senhor, mas é improvável que qualquer uma em nosso mundo possa vincular sua esposa aqui com potência suficiente para subverter os esforços da bruxa da sua noiva para realizar a troca.

— Tudo bem — Drakkar concordou. — Entendo isso, mas nenhuma bruxa, não importa quão poderosa ela for, tem magia suficiente para rivalizar com os elfos.

E isso era verdade. Um único elfo carregava mais magia do que a maléfica deusa Minerva de Hawkvale e a benevolente Lavinia de Lunwyn, a bruxa serva de Alabasta, deusa da sabedoria e superintendente da terra

combinados. A magia dos elfos só era rivalizada pelos deuses... e os dragões.

Lentamente, Nillen sorriu. Em seguida, sussurrou:

— Você deseja que vinculemos sua Noiva de Gelo a este mundo?

— Imediatamente — Drakkar respondeu, sem hesitação.

O sorriso do Nillen aumentou.

Em seguida, vacilou.

— Você deve saber que neste momento, sua noiva não deseja permanecer neste mundo. Se nós a vincularmos, nunca vai voltar ao seu mundo e você sabe que um feitiço lançado por elfos não pode ser retirado sem sacrifício. Ela tem laços lá, conhecidos com quem se importa muito, sonhos que quer concretizar, coisas que são importantes para ela. Pode não querer estar vinculada a este mundo, um lugar onde não tem laços e um mundo que é *muito* diferente do dela.

— Deixe isso comigo — Drakkar afirmou.

Nillen estudou Frey Drakkar.

Depois, o advertiu:

— Este é o seu destino, e você sabe que é nosso dever cumprir o seu comando, mas também deve estar ciente que se você vincular sua Noiva de Gelo a este mundo para que ela possa tomar seu lugar permanentemente, você também vai relegar Sjofn, da Casa de Wilde para viver seus dias no outro.

— E eu deveria me importar com isso? — Drakkar perguntou.

— Meu senhor, é seu direito nos comandar e é seu dever tomar tais decisões sobre o seu destino, e isso é conhecido por todos os elfos de Keer, que os destinos de Frey Drakkar, Senhor dos Elfos e sua Noiva de Gelo se entrelaçam com os de qualquer cidadão de Lunwyn e cada elfo que reside nas profundezas da terra, sob o nosso país gelado. Dito isto, estes não são assuntos de peso que você decida em um piscar de olhos.

— A única princesa desta nação fugiu do seu país por razões egoístas, sem pensar, ao lançar uma inocente em uma situação

desconhecida e colocá-la em risco. Já a minha noiva lança uma luz sobre o seu povo, diferente da sua gêmea e, pelo que tenho visto, eles aquecem sob seu brilho. Não tomei essa decisão importante sem considerá-la, Nillen, e você sabe que nunca faço isso.

— Não — Nillen respondeu com calma. — Sei que você nunca o faz. Estou simplesmente advertindo que você pode querer esperar, sua união é nova e pode haver consequências para suas ações.

— Deixe isso comigo também — Drakkar respondeu.

Nillen estudou seu senhor. Então, inclinou a cabeça e sorriu novamente.

— Como você ordenar — murmurou.

Drakkar inclinou a cabeça por um breve momento e afirmou:

— Espero que a minha ordem seja executada no momento em que me juntar à minha esposa em nossa cama.

— É claro — Nillen murmurou.

— Meus agradecimentos — Drakkar murmurou de volta e perguntou: — Mais alguma coisa?

— Não, meu senhor, Frey Drakkar.

Sem hesitar, Drakkar se virou para Tyr.

— Bom. Me despeço, desejando que faça uma viagem segura de volta ao seu reino.

Nillen ergueu o queixo para o seu senhor depois que montou em seu cavalo. E todos os elfos observaram quando virou o animal e apertou os calcanhares nos seus flancos, batendo os dentes. A poderosa besta disparou pelas árvores, e os elfos não tardaram em se mover para circundar a árvore de adela.

Eles lançaram imediatamente o feitiço que ligava a Noiva de Gelo ao seu senhor e ao seu mundo, ao mesmo tempo que entregavam Sjöfn da Casa de Wilde eternamente para o outro.

Uma vez que isso foi feito, se moveram para a base da adela e se curvaram para tocar a casca quando a árvore se ergueu da terra. Com um

clarão azul gelo que culminou com a explosão de uma faísca branca, desapareceram para seu reino.



Frey se despiu antes de subir a escada.

Quando abriu a cortina e olhou para o sótão, viu as velas ainda acesas, mas o fogo precisando ser alimentado. Também viu sua esposa dormindo, a massa longa e espessa de ondas de cabelo loiro platinados espalhada no travesseiro, pelos ombros, costas e até mesmo sobre o seu rosto.

Assim como na noite anterior, ela havia afastado as cobertas, algo que agitou o sangue em suas veias. Provavelmente, isso tinha muito a ver com a visão da perna bem torneada exposta. E provavelmente tinha ainda mais a ver com a visão da curva de seu traseiro arredondado e generoso, exposto pela camisola curta que havia subido, revelando uma roupa de baixo minúscula. Roupa essa que sentiu encharcada com sua excitação, causada pelo mero duelo da língua em sua boca doce e pelas carícias leves que mal tocaram sua pele.

Isso o fez imaginar o que causaria à sua Finnie um jogo mais profundo de língua e carícias mais íntimas.

Mas mesmo com ela dormindo em sua cama e tão atraentes quanto dispersos seus pensamentos fossem, Frey determinou que ele e sua esposa teriam uma conversa muito mais cedo do que a outra que pretendia ter com ela e esta seria a respeito de deixar as velas acesas enquanto dormia.

Ele se moveu com facilidade pelo sótão, apagando-as e alimentando o fogo.

Se virou para a esposa.

Desenganchou as roupas de cama das suas pernas, ajeitou-as sobre seus corpos e a si mesmo de costas, ao mesmo tempo puxando-a para o seu lado quando sua cabeça se ergueu.

Ela piscou para ele, sonolenta, à luz do fogo.

— Finnie — ele ia começar a dizer para ela voltar a dormir, mas, em um piscar de olhos, seu rosto se iluminou, seus olhos brilharam com entusiasmo, e ela exclamou:

— Você voltou!

— Aqui estou eu — Frey concordou com o óbvio.

Ela se sentou abruptamente, e ele mal teve tempo para contrair os músculos e se preparar quando ela pulou no seu peito e se inclinou sobre ele. Colocou mão no seu peito, o cabelo emoldurando seu rosto, os olhos brilhando, as bochechas rosadas pela emoção e a voz ofegante de entusiasmo, quando exigiu:

— Me conte tudo o que aconteceu!

Frey olhou para seu rosto animado enquanto o atingia profundamente que esta magnífica criatura na sua cama havia viajado corajosamente de um outro mundo, por razões próprias, motivos que pesavam em seu estômago, mas também porque seus destinos os uniram. E lá estava ela, depois que a abandonou na cabana imunda e a deixou por semanas, com raiva da sua gêmea por sua inclinação e frustrado por estar muito atraído por sua beleza, independentemente disso, pensando, mas não se importando muito, que ela ia desistir.

Mas não o fez.

Não a sua Finnie.

Ela se alimentou do desafio, o superou e acabou se divertindo.

Alguma coisa a esse respeito fez com que se sentisse humilhado enquanto seus olhos se moviam sobre o rosto dela.

— Frey! — gritou, pressionando a mão no peito dele para conseguir sua atenção, e ele ergueu a mão, puxando para trás a espessa cortina, incrivelmente suave de cabelo e colocando-os atrás da sua orelha.

Quando o fez, seu corpo estremeceu de leve e seus lábios e olhos se suavizaram, ficando calorosos daquela forma que estava se acostumando e gostando muito.

— Eles precisavam explicar uma situação para mim e solicitar minhas ordens. Explicaram, dei as ordens e, espero... — ele levantou a mão mais uma vez e puxou as pontas do cabelo dela — Que já tenham executado o meu comando.

— Que situação? — perguntou, em seguida, não esperou pela resposta antes de fazer outra pergunta: — E qual foi a sua ordem?

— Não posso te dizer, minha esposa, não agora — disse com suavidade e viu seu rosto ficar triste.

Então, como ele já estava se acostumando, ela não desistiu.

— Por que precisavam do seu comando?

— Eles precisavam saber como proceder.

— E como eles procedem?

— Com magia.

Seus olhos se arregalaram, assim como o seu sorriso.

— Não brinca? — ela sussurrou, e o corpo dele tremeu um pouco com sua risada.

— Não estou brincando, Finnie.

Seu rosto ficou sonhador, o olhar quase tão cativante quanto encantadoramente surpreso quando ela sussurrou:

— Isso é *muito maneiro*. — Se concentrou nele novamente e perguntou, ansiosa: — Você tem que assistir?

— Se eu quiser.

Os olhos dela se arregalaram novamente.

— Você assistiu?

— Não, e nunca vi.

O rosto dela mostrou decepção novamente antes de se iluminar em seguida.

— Você perguntou se eu podia ir na próxima vez?

— Não, mas não preciso. Eles estão sob o meu comando. Em algum momento, no futuro, quando for necessário, vou te levar para conhecer os elfos.

Seu sorriso ficou tão grande que pareceu iluminar o espaço inteiro quando ela gritou.

— Incrível! — E quase que imediatamente, perguntou: — Estaria tudo bem se eu falasse com eles?

— Estou certo de que gostariam disso.

Ela sorriu para ele antes de sussurrar:

— Obrigada, Frey.

— De nada, esposa.

Ela continuou sorrindo, e ele ergueu a mão, enganchando-a atrás do seu pescoço e a trouxe para mais perto. Quando fez isso, seu sorriso vacilou, mas seus olhos baixaram, suas bochechas começaram a ficar rosadas por um motivo diferente, e ele ouviu sua respiração ansiosa.

Ele gostava disso, de tudo isso, muito mesmo, mas ela confundiu sua intenção.

Ele a trouxe para perto, mas parou quando seu rosto estava a um centímetro de distância e sussurrou sua ordem em uma tentativa de acalmá-la.

— Não é sábio, minha esposa, dormir com as velas acesas. Não faça isso de novo.

Ela olhou nos seus olhos e sussurrou de volta.

— Estava tentando esperar por você. Estava tão animada sobre o... uh, o retorno dos elfos. Não achei que fosse dormir.

— Bem, você dormiu — ele afirmou, e ela mordeu o lábio. — Elas são facilmente inflamáveis, Finnie. Apague-as da próxima vez. Eu gosto de você como é, ou seja, viva e respirando, não transformada em cinzas.

Os olhos dela encararam os dele, esperança surgindo antes que a escondesse, em seguida, sussurrou sem fôlego:

—Você gosta de mim como eu sou?

Pelos deuses, tinha sido um cretino. Mais uma vez, em sua defesa, não sabia quem ela era e *tudo* o mais.

— Sim, Finnie — respondeu com suavidade.

Ela inspirou, e ele sentiu o peito dela pressionando o seu.

Então, ela disse:

— Bem, concordo com você. Gosto de mim viva, respirando e não transformada em cinzas, assim, prometo apagar as velas da próxima vez.

Ele a puxou perto o suficiente para encostar a boca na sua, afrouxou o aperto para permitir que ela se movesse um pouco para trás.

E murmurou:

— Bom.

Ele usou a mão em seu pescoço e o outro braço em volta dela para colocá-la ao seu lado, o rosto encostado nos seus ombros e ordenou:

— Monte na minha coxa.

Sentiu o corpo dela ficar estático enquanto a mão dela descansava no seu peito.

— O quê? — Perguntou.

— Quero dormir e fazer isso com você enrolada em mim como fizemos na noite passada. Monte na minha coxa.

Ela hesitou. Em seguida, sussurrou:

— Dormir?

Frey sentiu a boca se contorcer enquanto olhava para a luz do fogo no teto. Ao mesmo tempo, deu à sua noiva um apertão.

Ela apreciou o que compartilharam anteriormente, muito, e desejava ter sua boca e mãos e provavelmente muito mais de volta.

Gostava que ela o desejasse e daria tudo isso a ela.

Mas depois que compartilhassem mais algumas refeições, a fim de que estivesse confortável com seu marido.

— Sim, esposa, dormir. — Ele lhe deu outro apertão. — Seu marido está cansado — mentiu, pois estaria morto antes de estar cansado,

deitado com ela ao seu lado sem tomá-la pelo menos uma vez. — Agora faça o que eu disse e monte minha coxa.

Ela hesitou novamente. Mas, levantou a coxa e a descansou nele, seu peso se acomodando ao seu lado.

No entanto, fez isso resmungando.

— Aparentemente, os Raiders são mandões.

Isso fez com que Finnie ganhasse um outro aperto.

— Mandão?

— Dominador. Ditatorial. Imperioso. Autoritário. *Mandão*. — A risada que provocou era audível e física e Frey soube que ela ouviu quando murmurou: — Eu não estava sendo engraçada.

— Não — Frey respondeu depois que conteve o riso — Mas você *continua* falando, e eu lhe disse para dormir.

Seu corpo retesou e relaxou com um suspiro. Em seguida, murmurou:

— Tanto faz.

— Você ainda está falando, Finnie — observou.

Seu corpo deu uma pequena sacudida, mas sua boca não emitiu nenhum um som.

Frey sorriu, olhando para o teto novamente.

Em seguida, relaxou na cama com sua esposa e fez isso decidindo que a levaria para casa, para que ela pudesse ver os pais em breve.

Depois de compartilhar mais algumas refeições com ela, se asseguraria de fazer isso.

Ele soube que ela dormiu quando seu peso se acomodou contra ele, relaxando profundamente, o braço envolvido ao redor dele, abraçando-o por um momento, como se ela se aconchegasse em seu corpo antes de relaxar e largar seu peso sobre ele.

Então, Frey Drakkar adormeceu.

Capítulo 10

Saltando da Primeira para a Terceira Base

Três dias depois...

Estava na cozinha, paralisada, olhando para Penelope sentada no chão da cozinha ao lado da porta.

Ela repetiu o que tinha feito momentos antes, abriu a boca e miou, mas na minha cabeça, ouvi:

— Me deixe sair.

Claro como o dia. Ouvi as palavras:

— Me deixe sair.

Mas, por fora, ouvi:

— Miau.

Em todo o tempo que a tinha, ela nunca miou. Só ronronou.

Agora, tinha miado duas vezes, e duas vezes a ouvi como se também entendesse seu significado.

Permaneci imóvel e a encarando, e ela fez aquilo de novo.

— Miiii... *auuuu*. — Que ouvi como um assustador, louco, o-gato-pode-falar-com-você, ficando *realmente* impaciente. — Me deixe sair!

Soltei o pano de prato e corri para a porta dos fundos, por onde Frey tinha saído há menos de cinco minutos.

Continuei correndo direto para a fonte termal, onde me disse que estava indo se banhar. E continuei andando, tão rápido quanto meus pés calçados com botas podiam me levar, completamente apavorada. A fonte de água quente não estava longe, mas não era uma caminhada de dois segundos ao redor da casa.

Por isso corri como se o diabo estivesse atrás de mim.

Frey me ouviu tropeçando pelas árvores em direção a ele, sabia disso, porque colocou o suéter, a calça e estava *enfiando* as botas, o que significava que já tinha tirado a roupa.

Corri direto para seus braços sem desacelerar e seu corpo balançou para trás com o impacto, mas seu abraço se fechou em volta de mim enquanto perguntava com urgência:

— O que te assustou, Finnie?

Estava respirando com dificuldade e me afastei um pouco, bufando, pressionando a mão no peito (como se ajudasse) e então, forcei as palavras a saírem.

— Penelo... Pen... a gata... a minha gata... — Inspirei profundamente, depois expirei com força. — Eu sei... isso vai parecer... louco... mas acho que... que a minha gata... está *possuída*.

Olhei para ele a fim de avaliar sua reação a esta notícia terrível enquanto ele olhava para mim com a testa.

— Possuída? — perguntou.

— *Possuída!* — gritei. — Por Satanás, pelos demônios, pelo mal, não sei! Ela disse, “miau”, mas na minha cabeça ouvi “me deixe sair” e eu sei — balancei a cabeça e acenei a mão entre nós —, eu sei, Frey, que soa totalmente *desequilibrado*, mas não estou brincando, foi *exatamente* isso, e não ouvi uma ou duas vezes, mas — me inclinei para ele, agarrei seus braços e fiquei na ponta dos pés — *três vezes*. Eu tenho essa gata há quase um mês e ela não deu nem um pio, sequer um *miado* e agora *isto!* Talvez haja alguma coisa do mal neste mundo... — Ah, merda! — Quero dizer, uh... nesta floresta. Talvez as pessoas venham até aqui para adorar o diabo ou homens com machado vivem lá fora! — Apontei um braço para as árvores. Voltei a bater a mão no seu peito. — Ou, talvez, o *fantasma* de um assassino do machado que matou dezenas de moradores antes que o pegassem e o enforcassem, e ele está chateado e está possuindo *minha gata!*

O rosto de Frey tinha esse olhar do qual já estava me acostumando, como uma espécie estranha de entendimento (do que, eu *não* sabia — e nunca realmente saberia, mas naquele momento eu *não* me importava, porque minha gata gorda e ruiva estava possuída pelo fantasma de um assassino do machado), e ele disse com suavidade:

— Finnie, respire fundo e se acalme.

— *Eu não posso me acalmar quando minha gata está possuída por um assassino!* — gritei e juro, juro *por Deus*, Frey parecia que estava realmente se esforçando bastante para não rir antes de falar mais uma vez, e eu *soube* que estava se esforçando para reprimir o riso quando sua voz tremeu.

— Esposa, *como você sabe* — seu rosto ficou mais perto do meu —, as mulheres podem entender a língua dos gatos, veados, coelhos, ratos, pequenos pássaros e outros animais.

Pisquei para ele quando meu corpo paralisou, em estado de choque.

Frey continuou:

— E os homens podem compreender cavalos, cobras, gaviões, falcões, outras aves de rapina e predatórias, ou animais utilizados no trabalho ou na guerra, por exemplo, lobos e bois.

Pisquei novamente.

— Considerando que você salta diante de qualquer indicação das necessidades de Penelope, aparentemente você não foi rápida o suficiente e ela sentiu a necessidade de lhe dizer que desejava sair. Já que, na verdade, ela nunca teve que dizer a você para encher sua tigela de frango e peixe antes que ela chegasse a sentir fome ou precisar de carinho antes mesmo de saber que ela queria um abraço e se apressa para deixá-la sair, antes mesmo de ela mover seu corpo grande em direção à porta, ela nunca precisou compartilhar seus desejos. Se você estivesse ocupada ou não estivesse prestando atenção, ela ia fazer isso.

Tenho certeza que você já ouviu o chamado de uma variedade de animais.

Continuava piscando.

Então, Frey terminou.

— Talvez, aqui na floresta onde os animais não ficam perto da casa, devido à nossa atividade, você tenha esquecido, já que não deve ouvir esses sons há algum tempo.

— Certo — sussurrei. — Tinha me esquecido disso.

Sua boca se contorceu, em seguida, murmurou.

— Foi o que pensei.

Meu olhar em sua boca desfocou quando essa notícia me atingiu.

Putá que pariu! Eles tinham *elfos* e animais *falavam* com você neste mundo.

Isso era... legal... demais!

— Você está bem ou deseja que eu encontre uma bruxa para vasculhar a floresta em busca de traços de fantasmas para expurgá-los?

— Frey perguntou e agora estava sorrindo. Então eu *soube* que ele achava que eu era muito engraçada.

Foi quando *meu* cenho franziu (embora, meio que quisesse ouvir sobre bruxas que conseguiam expurgar fantasmas).

— Estou contente em ver que a minha gata me assustando muito, provoca-lhe tal alegria, marido — rebati.

Seus braços me apertaram e sua boca se moveu para beijar minha testa.

Uma vez que tinha feito isso, os lábios ainda contra a minha pele, murmurou:

— Você me dá muitas alegrias e com frequência, esposa.

Pisquei, olhando para sua garganta enquanto suas palavras faziam meu coração vibrar.

Ele me soltou e se afastou.

E assim, o que disse em seguida fez meu estômago dar piruetas e meu coração acelerar.

— Já que está aqui, dispa-se e se junte a mim na fonte termal.

Olhei para ele enquanto tirava as botas e tentei fazer meu coração bater normalmente e, devo acrescentar, meus pulmões funcionarem, porque o pânico tinha me dominado.

Os últimos três dias com o Frey tinham sido bons. Tão bons, que tinha adicionado várias coisas na minha lista do porquê gostava dele, e parei de me preocupar em adicionar coisas a ela.

Eu simplesmente gostava dele.

Primeiro, ele ria das minhas piadas. Segundo, tinha uma risada realmente fantástica.

Terceiro, sorria ou ria muito para mim. Era como se ele fosse uma pessoa totalmente diferente. Ainda não era exatamente o sr. Falante, mas nos últimos três dias não disse uma coisa que me deixasse irritada ou me assustasse.

Quarto, era o tipo de cara que era muito ocupado, tinha suas próprias coisas para fazer e as fazia. Estava no estábulo ou plantava algumas coisas quando não estávamos na cidade.

Mas, mesmo assim, quando estava com você, ele *estava* com você. Ele te dava toda sua atenção e concentração e o fazia de uma forma agradável.

Ele não mentiu quando disse que gostava de ver a minha boca em movimento, me ouvia falar e, embora não derramasse informações em abundância. Respondeu perguntas sobre os elfos, sobre ele mesmo, suas viagens e todo tipo de coisa. Era um cara realmente interessante.

Na verdade, era *muito* mais informativo do que qualquer um dos livros que Sjofn tinha deixado para mim, me dizendo coisas sobre meus pais (deste mundo) de uma forma agradável, como se estivesse compartilhando memórias comigo. Embora não pudesse saber que essas não eram minhas memórias e que estava me dando uma visão sobre eles.

E foi legal saber que, embora eles parecessem chateados comigo, eram bem-amados por seu povo e conhecidos por serem um casal apaixonado. Mesmo que seu casamento tenha sido arranjado como o nosso, ambos eram respeitados, não só pelos cidadãos, mas por governantes de outras terras, e Frey tinha muita consideração por meu pai, levando em conta que achava que ele era inteligente e um monarca justo e equitativo.

Em quinto lugar, ele não beijava bem, *beijava maravilhosamente* bem e sabia disso, porque me beijava muito. Durante o dia (de todas as formas, desde selinhos rápidos até profundas sessões-de-amassos) e nós, *definitivamente*, nos beijávamos na cama todas as noites. Ele nunca deixava ficar quente e pesado (ok, por isso ficava excitada e o carinho era relativamente pesado e *muito* bom, mas não fora de controle). Depois, parava, me abraçava, me acariciava e conversava comigo baixinho por algum tempo até que eu estivesse relaxada e sonolenta. Me pedia para me entrelaçar em sua coxa e ir dormir.

Em outras palavras, se estivéssemos no meu mundo, Frey já teria chegado lá. Eu não o faria esperar por semanas de encontros ditado pela minha filosofia pessoal antes da agitação que envolvia a troca de fluidos corporais.

Novamente, quando começava a ver um cara eu não caía no sono na cama com ele todas as noites e fazia café da manhã, almoço e jantar quando não estávamos na cidade para jantar em um pub, onde Frey tinha me levado ontem à noite, assim eu poderia ter um descanso do fogão, não mesmo.

Descobri isso no segundo dia e o que descobri me fez gostar ainda mais dele (e, aliás, foi quando parei de fazer a minha lista mental).

O que aconteceu foi que ele viu que eu estava nervosa na primeira noite. Eu disse diretamente a ele que seu tamanho me assustava. Estava sendo legal sobre me dar algum tempo para me deixar conhecê-lo e me

acostumar com ele antes de chegarmos ápice da questão nesse negócio de casamento.

E, a propósito, além de tudo isso, parecia gostar de mim também. E já que decidi que gostava dele, eu *realmente* gostava disso.

Tinha que admitir, estava atordoada que ele quisesse que eu ficasse nua e entrasse em uma fonte quente com ele. Isso era como saltar da primeira para a terceira base, mesmo sem a coisa de levar para jantar fora.

Quer dizer, eu podia pensar que ele já estava lá quando estava com ele na nossa cama, à luz do fogo da lareira, mas lá fora, em uma floresta congelada, em uma fonte termal quando tinha os pratos do café da manhã para lavar e estava com medo de que me visse nua, uh... nem tanto.

— Humm... — murmurei quando ele tirou a última meia, se endireitou e suas mãos foram para o cós da calça.

— Finnie — chamou suavemente e meus olhos focaram nos dele. — Você se esgueira para a fonte todos os dias depois que volto do meu banho para tomar o seu. Já está aqui, por isso, podíamos muito bem tomar banho juntos. Tire a roupa e se junte a mim.

Pisquei.

Então protestei:

— Mas não tenho sabão nem uma toalha de banho...

— Use o meu. — Sua cabeça indicou uma barra de sabão e uma toalha grande apoiados em uma pedra.

Olhei para aquilo e olhei para ele, franzindo o nariz.

— Mas o seu sabonete tem cheiro de homem.

Não que esse cheiro fosse ruim, o cheiro era ótimo, especialmente nele. Era um cheiro fresco, limpo, não muito forte, exceto que, de alguma forma, era inteiramente masculino e, provavelmente, era por isso que não cheirava a flores ou frutas como a maioria das minhas coisas.

Diante das minhas palavras, ou talvez pela expressão no meu rosto, Frey começou a rir e suas mãos dispararam para mim, me segurando pela cintura e me puxando para ele.

Abaixou o rosto ainda sorridente para ficar perto do meu.

— Mesmo que cheirasse como um homem, é impossível você não ser atraente. — Pisquei quando suas palavras fizeram meu coração vibrar mais uma vez. Ele se endireitou e beijou minha testa antes de olhar nos meus olhos. — Vou virar de costas e lhe dar vinte segundos para se despir e se juntar a mim na fonte. Não demore — advertiu, me soltando — Estou começando a contar agora.

Virou de costas para mim e suas mãos foram para a calça.

Merda!

Olhei para a água para ver o que sempre vi, vapor subindo, onde o calor da primavera batia no ar gelado. Isso era bom. Havia também um borbulhar constante enquanto a fonte renovava a piscina, agitando a água. Isso era muito bom.

Ouvi respingos e notei com o canto do olho que Frey havia entrado na piscina.

Isso era ruim.

Bem, eu era Seoafin Wilde e esta era a minha aventura, sendo assim... por que não?

Desamarrei o cinto com rapidez, arranquei o vestido, as botas, as roupas íntimas e os deixei sobre as rochas na beira da piscina. Puxando a fita que segurava o meu cabelo, levantei as mãos para segurar todo ele enquanto entrava e me acomodava em um assento natural nas rochas, a água na altura do peito. Uma vez lá, comecei a amarrar a fita, segurando o cabelo no topo da cabeça para mantê-lo fora da água.

Como prometido, as costas de Frey estavam viradas para mim, e ele esperou a água se acomodar depois que entrei para se deslocar. Em seguida, se sentou à minha frente na piscina e podia ver a água na altura das suas costelas.

Amarrei a fita no cabelo, abaixei as mãos e tentei deixar a água me relaxar.

Não funcionou nem parcialmente, porque estava nua pela primeira vez com o meu marido, mas principalmente porque ele gritou:

— Venha aqui, esposa.

Droga! *Definitivamente*, *ele* queria chegar aos finais, correndo direto para lá e esquecendo tudo sobre me dar um tempo.

— Uh... — hesitei e, em seguida, a água espirrou, os dedos de Frey me envolveram de súbito, o meu pulso e a água estava fluindo à minha volta enquanto me puxava para ele.

Uma vez que me tinha perto o suficiente, seus braços fortes envolveram minha cintura e me puxaram ainda mais perto. *Muito* mais perto. Tão mais perto que minhas panturrilhas acertaram a rocha, e eu não tive outra escolha a não ser dobrar meus joelhos e me sentar em seu colo.

Ah, droga!

— Frey — sussurrei, minhas mãos indo até o peito dele enquanto suas mãos se moviam pelas minhas costas, me puxando para mais perto, prendendo meus braços entre nós, e comecei a respirar fundo.

Um de seus braços parou no meio das minhas costas, a outra mão segurando o meu pescoço, os dedos deslizando no meu cabelo enquanto puxava meu rosto para mais perto do dele.

— Relaxe, minha pequena Finnie — murmurou e, apenas para sua informação, começou a me chamar de sua “pequena Finnie” logo após os elfos terem vindo chamá-lo e isso estava na minha longa lista de coisas que gostava nele também, porque achei realmente fofo. — Você sabe que vou ser gentil — completou, falando tão suavemente quanto eu sabia ser possível.

— Sim — sussurrei enquanto meus olhos baixavam para a sua boca que estava se aproximando.

— E você sabe que vai gostar — ele continuou murmurando e não estava errado sobre isso também.

Então suspirei.

— Sim — disse, logo antes da sua boca tocar a minha e ele me beijar.

Sim, ele não estava errado. Eu gostei. Foi doce, lento, profundo, mas suave. Suas mãos se moveram sobre mim pela água, lisa, leve e o único movimento um pouco invasivo foi quando seu polegar deslizou até a lateral do meu peito de um jeito tentador, me fazendo querer algo não tão lento, leve ou não invasivo, mas o *oposto* de tudo aquilo.

Minhas mãos deslizaram para cima, enlaçaram seus ombros, os dedos de uma mão deslizaram por seu cabelo, o outro braço o envolveu apertado enquanto pressionava meu peito no seu e correspondia o seu beijo.

Sim, ah, sim. Definitivamente, eu gostava disso.

Ele interrompeu o nosso beijo, mas não afastou os lábios de mim, deslizando-os pela minha bochecha, pelo meu pescoço e orelha, fazendo a pele formigar, me deixando muito consciente do poder do seu corpo no meu, o calor da água, a maciez da nossa pele, tudo isso era bom, *muito* bom.

Tudo bem, deixaria que ele *chegasse nos finalmente*. Droga, podia até *fazer um gol* e sabia que ia adorar cada minuto disso.

E foi exatamente por isso que virei minha boca para sua orelha e sussurrei:

— Eu gosto de estar aqui com você, Frey.

Seus braços se apertaram em torno de mim, me pressionando profundamente no seu corpo duro, mas sua cabeça se ergueu e seus olhos, indolentes e calorosos, encontraram os meus.

— Isso me agrada, Finnie — respondeu calmamente e sorri para ele, aproximando minha cabeça. Ele deslizou seu nariz ao longo do meu, outra coisa que fazia com frequência que coloquei na minha lista do

porquê gosto dele antes de parar de fazer isso. Mais uma vez, levantou a cabeça, e eu levantei a minha também. Uma das suas mãos começou a vagar pelas minhas costas enquanto a outra deslizou pelo meu pescoço, segurou meu queixo e continuou — Me agrada muito, mas você não sente falta do seu Palácio de Inverno em Fyngaard?

Não. Eu não sentia falta do meu Palácio de Inverno em Fyngaard. Principalmente, porque não tinha ideia de como o meu Palácio de Inverno era, ou o que Fyngaard era. De qualquer modo, embora, verdade seja dita, tivesse ficado intrigada, nenhum lugar da terra dele *ou* da minha, naquele momento, seria melhor do que aquela fonte termal na floresta congelada com ele.

— Eu...

Seu polegar acariciou minha bochecha.

— E os seus pais?

Fiquei olhando para meu marido enquanto meu coração acelerava.

— Sinto falta dos meus pais — sussurrei a verdade e vi seu olhar se enternecer.

— Como você sabe, o Bitter Gales é dentro de duas semanas. O que você não sabe é que tenho negócios dos quais preciso cuidar depois disso. Hoje, você vai arrumar as malas, vou carregá-las e amanhã de manhã, na primeira hora, partiremos. Você pode passar duas semanas no Palácio de Inverno com os seus pais. Vamos assistir ao Gales e então vou lhe mostrar o meu navio.

Meu coração se apertou e depois começou a acelerar.

O Palácio de Inverno, Bitter Gales (seja lá o que fosse isso, mas o que quer que fosse parecia legal), meus pais e o seu navio.

Eu havia acabado de atingir meu objetivo principal!

Ou, mais precisamente, meu marido acabara de oferecê-lo para mim.

— Sério? — perguntei.

— Sério, minha pequena Finnie — sussurrou, seu braço me envolvendo por inteiro e me apertando.

Em seguida, algo que ele disse me atingiu e senti o entusiasmo começar a desaparecer.

— Você disse que eu podia passar duas semanas com os meus pais. Você vai viajar de novo antes de Gales?

Ele olhou nos meus olhos, os dele suaves e quentes, e seu polegar deslizou sobre o meu lábio inferior.

— Não, pequena, vou ficar com você no seu palácio.

Meu coração começou a acelerar de novo. Definitivamente, isso não era ir com calma. Como poderia *levar* isso com calma? Independentemente de sua capacidade de levar as coisas. Nua, montada em um homem nu em uma fonte termal. Era bom. Não pude conter meu sorriso.

Meu marido sorriu de volta, e isso era tão bom que decidi que ir com calma era para idiotas.

Me ocorreu que ele estava falando sobre onde quer que fosse havíamos nos casado, o que significava que provavelmente eu voltaria para aquela habitação incrível, com todas aquelas belas esculturas e aquela poltrona que eu quis experimentar. E se fosse um palácio, *tinha* que ter uma biblioteca, o que significava mais livros e mais aprendizado sobre esse mundo. Sem mencionar, uma nova cidade (definitivamente maior) para explorar.

E, por último, ver meus pais novamente.

E tudo isso me fez derreter pelo meu grande, bonito, não-tão-assustador-mas-não-tão-engraçado marido e sussurrar:

— Obrigada, Frey.

A mão no meu queixo deslizou para trás e para cima, até o meu cabelo. Ele puxou minha boca até a sua para um beijo forte, doce, profundo, porém curto.

Só quando me soltou, ele sussurrou de volta.

— De nada, Finnie.

Ah, sim, era oficial. Eu gostava dele. Muito.

— Agora saia de cima de mim, esposa, se ensaboe e se seque para que eu possa fazer o mesmo, assim nós poderemos voltar e você poder embalar suas coisas. Quanto mais cedo você começar a fazer isso, mais cedo poderemos chegar à cidade para que você possa se despedir dos seus amigos.

Certo, uma coisa que eu podia dizer, mesmo relaxada, feliz, nua, pressionada contra o meu marido nu, não estava nem um pouco preparada para me “ensaboar” na frente dele.

Mas, na hora que deslizei do seu colo, sussurrando:

— Tudo bem então. — Seu corpo deslizou mais profundamente na água e ele se recostou contra as rochas, ao mesmo tempo puxando a toalha de banho para cobrir seu rosto.

Ele parecia um homem relaxando em uma fonte termal. Ou, para ser mais precisa, um cara lindo de morrer relaxando em uma fonte termal.

Mas o que ele realmente era: um homem gentil me dando privacidade para tomar banho quando sabia que iria me sentir envergonhada ao vê-lo me assistindo.

Sim, com certeza, *sim, realmente* gostava do meu marido.

Me ensaboei e mostrei que havia terminado pressionando o sabão no seu peito. Ele o pegou, a cabeça aparecendo enquanto puxava a toalha de banho. Em seguida, virou as costas e se ensaboou enquanto eu corria para fora da água, me secava rapidamente e me vestia.

Ouvi o barulho da água quando ele saiu enquanto estava puxando minhas meias de lã até as coxas. Tinha terminado de calçar as botas e estava me virando para ele quando ele jogou a toalha molhada sobre o ombro coberto pela camisa e vi que já estava completamente vestido.

Ele me deu um sorriso doce, enlaçou o meu pescoço e me puxou para o seu lado. Então deslizei o braço em volta da cintura dele e me movi, pressionada a ele.

E foi assim que caminhamos para casa, pela floresta cintilante e congelada.

Não dissemos nada, não precisávamos, nosso silêncio era o conteúdo.

Mas eu não estava apenas satisfeita.

Não, eu estava feliz com a minha aventura na minha ilha da fantasia invernal, onde você conseguia entender os animais, e tinha elfos e caras sexies que eram incríveis, e eu estava no caminho de volta para o meu Palácio de Inverno, Fyngaard e, melhor de tudo, para os meus pais. Depois seguiríamos para o seu navio com mais aventuras.

E o meu marido excitante era o responsável por me dar tudo isso.

Ah, sim, na linha de felicidade da Valentine, do êxtase ao contentamento, eu não estava nem perto do lado do contentamento.

Eu estava bem no meio do êxtase.

Capítulo 11

A Medida de um Homem

Me inclinei para a frente, sorrindo e puxei a pilha de moedas para mim. Então, me acomodei no colo do meu marido, agarrei a caneca de cerveja e tomei um grande gole.

— Estou certo de que a nossa Princesa do Inverno compra do fundo do baralho — Laurel resmungou, seus olhos dispararam de mim para Frey, que estava entregando as cartas. Com longos dedos habilmente arranjando-as em uma pilha enquanto o outro braço estava à minha volta. E Laurel esclareceu apressadamente. — Sem ofensa, Drakkar.

— Por que eu ficaria ofendido quando é evidente que a minha noiva rouba? — Frey observou, e virei a cabeça para encará-lo.

Nós estávamos no pub. Viemos para a cidade para Frey enviar um mensageiro aos meus pais para avisar que estaríamos de volta a Fyngaard em menos de três dias.

Ele também tinha me levado junto para que eu pudesse visitar as pessoas que havia conhecido e dizer a elas que estávamos partindo. Aproveitei para me despedir. Isto era uma chatice, porque despedidas sempre eram uma droga. Além disso, já que eu gostava deles e eles gostavam de mim, foram surpreendidos, por estarmos partindo. Decepcionados por eu ir embora, me disseram que ficariam felizes quando voltássemos. Isso me chateou mais ainda, porque não sabia se voltaria.

Tínhamos ido para o pub, comido o jantar servido em tigelas. Um rico, espesso e saboroso estrogonofe que tinha uma abundância de sabor e, cogumelos suculentos, acompanhado por uma travessa de macarrão com ervas que estava delicioso. Fiquei feliz de não ser eu a estar na

frente de um fogão de ferro à lenha, a fim de colocar esse prato na nossa frente.

E agora estávamos bebendo cerveja com Laurel, Ulysses, Frederick e dois dos homens enormes e bem constituídos de Frey, Thaddeus e Ruben. Todos eles tinham entrado enquanto Frey e eu estávamos desfrutando de uma cerveja depois do jantar. Tinham sido convidados para se juntar a nós.

Achava que Thaddeus era mais jovem que Frey pelo menos uns cinco anos, talvez mais (não que eu soubesse quantos anos Frey tinha, percebi que era algo que a outra Sjöfn sabia e não tinha descoberto uma forma de verificar essa informação de um jeito inteligente sem sair perguntando por ali).

Thaddeus era um pouco mais baixo que Frey e Ruben, era muito bem constituído, porém, não tinha o corpo enorme dos outros. Era loiro, tinha olhos azuis e era muito bonito, com um jeito de menino, num estilo *bad boy*.

Ruben tinha a idade de Frey, talvez fosse um pouco mais jovem, ou um pouco mais velho, não podia realmente dizer (o ar natural de autoridade de Frey estava me confundindo. Às vezes ele parecia mais velho em outras, parecia mais jovem). Era uma montanha de músculos de chocolate com amigáveis olhos pretos e sorriso fácil.

Para cabermos todos em volta da mesa, considerando que Frey, Thaddeus e Ruben teriam problemas para encaixar as pernas longas em torno de uma mesa, foi preciso que eu me sentasse no colo do meu marido.

Ou, pelo menos, foi isso que Frey me disse.

Não reclamei, porque não me importava. Estava na minha quarta caneca de cerveja que era forte e saborosa naquele mundo., Frey estava certo quando disse que eu me encaixava no seu colo (me encaixava, *perfeitamente*), estava confortável, o corpo quente contra o meu e eu

estava me divertindo como nunca, jogando cartas, tagarelando e brincando com os meus amigos e meu marido.

Até então.

— Eu não roubo! — rebati.

— Esposa, você ganhou as últimas três mãos, perdeu uma e levou as duas anteriores — Frey disse a verdade. Tive uma sorte incrível durante toda a noite. — Gostaria de salientar, minha pequena, que se você quiser roubar, não deve deixar isso tão óbvio ao ganhar todas as mãos. As pessoas vão suspeitar — completou, solícito.

— Eu *não* estou roubando — voltei a falar, de forma acalorada.

Realmente, não estava! Nem sabia como roubar.

Frey sorriu, obviamente, não apenas alheio ao frio e calor, mas também ao calor que *eu* dirigia a ele.

— Também estou certo de que ela compra do fundo do baralho. — Thaddeus usou seu tom de provocação. Vi quando me virei para ele, sorrindo. — Eu não vi, mas perdi moedas o suficiente para saber que é verdade.

— Bem, eu não *dei* as cartas todas as vezes, dei, Thaddeus? — perguntei.

— Talvez ela esconda cartas no decote — Ruben sugeriu, as sobrancelhas levantadas e os olhos brilhando.

Era isso.

Claramente, eu estava sendo encurralada.

Dei um olhar fulminante para Ruben e chamei em voz alta.

— Lindy! — E estiquei o pescoço para procurar minha amiga.

— Sim, Princesa Finnie? — Lindy gritou em algum lugar atrás de Frey.

Girei o corpo para ele, olhei por cima de seu ombro e gritei para ela.

— Seis canecas de cerveja aqui, cheias até a borda. Vou provar meu ponto ao despejá-las sobre a cabeça de algumas pessoas quando

chegarem aqui. Quero ter certeza de deixar meu ponto bem claro!

Gritei isto para o outro lado da sala, e Lindy sorriu para mim enquanto balançava a cabeça e colocava algumas canecas em cima da mesa aparentando que pensava que eu estava brincando, quando eu *não* estava.

— Eu não disse que você estava trapaceando, sua Alteza — Frederick falou e me virei.

— Nem eu — Ulysses afirmou, sorrindo para mim.

— Certo, é verdade. Então vocês podem beber suas canecas quando elas chegarem — permiti.

— Obrigado — Frederick murmurou, sorrindo para Frey.

Então senti os lábios de meu marido no meu ouvido e o ouvi sussurrar:

— Derrame uma caneca de cerveja sobre a minha cabeça, pequena esposa, e vou ser forçado a voltar para as fontes e não serei *eu* a me ensaboar.

Quando terminou, virei a cabeça, chamei sua atenção e perguntei:

— Você está tentando me convencer a *não* derramar cerveja em você, marido? — Me inclinei mais perto e compartilhei um sorriso. — Porque se estiver, você *não está* conseguindo.

Ele sorriu. Um sorriso meio indolente e caloroso. O senti em uma variedade de lugares, todos eles bons.

Sorri de volta.

Notando que minha irritação de curta duração havia *sumido*, Frey retirou o braço que estava à minha volta e se inclinou na direção da mesa para embaralhar as cartas. Tomei um gole de cerveja e peguei os olhos do Thaddeus em mim, o que parecia, em mim e no Frey. Quando percebeu o meu olhar, sorri para ele, mesmo que parecesse pensativo em seu estudo sobre nós. Quando viu o meu sorriso, o olhar pensativo desapareceu, retomou seu jeito alegre de costume e ergueu ligeiramente o queixo para mim e piscou.

Há muito tempo já tinha decidido que Thaddeus era um bom rapaz. Assim como Ruben. Eram engraçados e suas provocações gentis eram fofas, de modo fraternal. Nunca tive um irmão, então gostei. Na verdade, gostei *deles*. Estava contente de conhecê-los antes de entrar em um navio com os dois. Seria bom saber mais sobre Frey quando começasse essa parte da minha aventura.

Assim que deu as cartas, Frey se recostou com uma nova mão. Coloquei a caneca em cima da mesa e estendi a mão para pegar a minha.

Torci meu corpo para que nem Frey, nem Ruben, que estava sentado do meu outro lado, pudessem ver minhas cartas enquanto as virava para mim. Segurei-as com uma mão e as levantei com a outra, para organizá-las como precisava. Tinha movido duas cartas antes de registrar o que tinha na mão.

Encarei as cartas.

Nós estávamos jogando tuble e tinha um dois de ouros, um três de estrelas, um quatro de lua, um cinco de adagas, uma carta de feiticeira e uma de fantasma. A mão mais alta que você podia ter. Era semelhante a um royal flush e, como um royal flush, praticamente impossível de ser vencida na primeira rodada de cartas.

Olhei para a minha mão, então olhei para o perfil do meu marido para ver se sua atenção parecia dedicada à sua própria mão. Sabia que ele estava completamente cheio delas.

Também sabia que ele era um trapaceiro do caramba.

Por isso, comecei a rir, bati as cartas na mesa e caí para a frente, de modo que minha testa estava sobre as minhas cartas. Estava rindo tanto que o meu corpo tremia e adicionei meu punho batendo na mesa para enfatizar.

— Quanta cerveja ela já tomou? — Ouvi Thaddeus murmurar e me endireitei, virando a mão para que todos pudessem ver. Em seguida, me virei para o meu marido.

— Você — cutuquei-o no peito — é o *trapaceiro!* — declarei, ainda rindo para o rosto sorridente de Frey.

Ele me informou:

— Provavelmente você deve saber, minha pequena Finnie, que Ruben, Thaddeus, Frederick e Ulysses têm dado a você mãos excessivamente boas de propósito. O único que *não fez* isso foi o Laurel.

Meus olhos se arregalaram e me virei para olhar para os homens na mesa.

— Não — sussurrei. Thaddeus piscou para mim de novo, Ruben sorriu lentamente e Frederick e Ulisses sorriam abertamente.

— Por que ninguém me disse? — Laurel perguntou, se recostando na sua cadeira e olhando em volta para os homens, sua expressão descontente por ter sido deixado de fora.

— Porque você não é hábil em trapacear, Laurel — Ulysses apontou. — A última vez que tentou, Gerard quebrou seu braço.

— Sim, bem, *aquilo* foi trapacear para ganhar moedas. *Para mim*, isso é diferente e a nossa Princesa do Inverno, obviamente, nunca notaria — Laurel retrucou.

— Ela perceberia quando você deixasse as cartas caírem no chão ou as tirasse do seu punho, assim como *todos* percebem quando você faz isso — Frederick afirmou, em seguida, olhou para mim. — Ele é muito ruim de trapaça, sua graça.

O corpo do Laurel se virou, em clara afronta, sua boca se abriu para entregar sua réplica, mas cheguei lá antes dele.

— Espero que sim, e todos vocês deviam se envergonhar — declarei, só para ver piscadas lentas e sobrancelhas erguidas por todos os lados, todos exibindo um choque suave, até mesmo Laurel.

Pensei que isto era estranho até que a boca de Frey encostou na minha orelha, onde disse calmamente:

— É a medida do homem, Finnie, quão bem ele trapaceia. Nenhum jogo é jogado sem artifícios. É o homem que melhor consegue enganar

quem ganha, não só o jogo, mas o respeito dos seus adversários. Muitos se queixam durante o jogo de serem enganados quando eles mesmos estão fazendo isso. Outros se mantêm distantes e deixam as cartas falarem por si só. E se você é ruim o suficiente e é pego, pode ganhar algo mais, como a ira de um desafiante. Tudo isso faz parte do jogo. — Então, fez uma pausa antes de dizer: — Tenho certeza de que você sabe disso.

Meu corpo tremeu um pouco e sussurrei minha mentira.

— Claro, estava apenas tentando ser engraçada.

— É claro — Frey murmurou, soando como se estivesse sufocando uma risada e sua boca se afastou da minha orelha.

Observei a mesa para ver todos os homens ainda olhando para mim e mexi meu traseiro no colo de Frey enquanto me apressava para disfarçar minha gafe.

— Obviamente, vocês não sabem que princesas, por serem princesas e, portanto, da realeza, são ensinadas a serem justas e confiáveis em *tudo* — menti por entre os dentes. — Portanto, fui ensinada a nunca trapacear. Iria refletir negativamente sobre a Casa de Wilde. — Sorri para o grupo, assim como senti e ouvi o Frey perder a luta contra a risada, algo que escolhi ignorar. — Agora, vocês precisam me ensinar.

— Excelente — Ruben murmurou, sorrindo para Frey.

— Basta olhar para o homem que está atrás de você, minha princesa — Thaddeus declarou e meus olhos foram para ele. — Frey tem os dedos mais rápidos que já vi. Você se casou com o mestre das cartas. Já joguei muitas partidas de *tuble* ou *meerkin* com ele e nunca ganhei uma única mão que ele distribuiu. Nem consigo descobrir como faz isso, se é pegando do fundo, embaralhando, cortando as cartas...

Ruben o interrompeu para dizer:

— Que tal tudo isso e adicionar escolher da primeira ou da segunda mão e ter uma mão ligeira?

— O Drakkar não pode fazer tudo isso — Laurel sussurrou, os olhos enormes. — Não sem ser pego. Ninguém pode.

— Pelos deuses, *ele* pode — Ruben disse a Laurel, inclinando a cabeça para Frey. — Embora nunca tenha visto isso, sei que é verdade.

— Se você nunca viu, como sabe que é verdade? — Thaddeus perguntou a Ruben.

— Porque *eu* nunca ganhei uma mão dele e *eu* sou um trapaceiro muito melhor do que *você* — Ruben respondeu, se vangloriando descaradamente sobre ser trapaceiro.

— Então, por que eu fui embora com todo o conteúdo da sua bolsa, há duas noites? — Thaddeus atirou de volta.

— Porque quando você toma muita cerveja, você não desiste, continua, não importa quanto dinheiro já tenha perdido, você não deixa um homem sair de uma mesa até arrancar o dinheiro dele ou perder todo o seu, e eu tinha uma moça me esperando. Preferi a companhia dela à sua. Era arriscar ficar de pé e você puxar sua adaga – e não me senti empolgado para tirar seu sangue e arrastar sua carcaça para casa e cuidar da sua ferida – ou deixá-lo ficar com todo o meu dinheiro para que eu pudesse chegar à minha cama quente e macia e a moça mais gata e mais macia ainda — Ruben respondeu.

Ah, Deus, não tinha certeza, mas aquelas pareciam palavras desafiadoras para mim.

Os olhos de Thaddeus semicerraram e seu corpo ficou visivelmente tenso.

— Isso simplesmente não é verdade.

Ah, caramba. Lá estava. Eles estavam discutindo.

— Se não é, então por que ganhei *de volta* todo o meu dinheiro e *metade do seu* ontem à noite? — Ruben devolveu o que pensei que era um ponto justo.

A boca de Thaddeus se apertou e ele cedeu, mas mudou a direção do argumento.

— Mesmo completamente bêbado, você jamais conseguiria arrancar uma gota do meu sangue.

Ruben se recostou, um sorriso branco e brilhante no rosto, encarou o olhar do amigo e o desafiou:

— Se importa em consumir uma garrafa de uísque e testar essa teoria?

— Mulher! Uísque! — Thaddeus aceitou o desafio imediatamente, gritando sem tirar os olhos do Ruben.

Laurel, Frederick e Ulysses empurraram suas cadeiras para trás.

Não movi um músculo e os observei com fascinação.

Frey jogou suas cartas com a face para baixo sobre a mesa e murmurou.

— Acho que essa é minha deixa para levar minha esposa para casa.

Ele se levantou, me erguendo junto com ele e me colocando de pé. Quando me soltou, virei para ele e coloquei minha mão de leve sobre o seu abdômen, o pescoço inclinado para conseguir olhar em seus olhos.

Diante do meu toque, ele abaixou a cabeça e me endereçou seu olhar, então sussurrei:

— Você não devia fazer algo sobre isso? — Apontei com a cabeça para os Raiders, ainda se encarando um de cada lado da mesa.

Frey respondeu de imediato.

— Thad pode beber duas garrafas de uísque misturado com cerveja sem ficar completamente bêbado. Se o Ruben espera que o Thad seja estúpido, será uma noite longa. E se Ruben tiver paciência para esperar o Thad cair completamente bêbado e Thad for tolo o suficiente para desafiá-lo, seu trabalho com a adaga será realmente de má qualidade e Ruben arrancará o sangue dele.

Meus olhos arregalaram e Frey continuou falando.

— Não se preocupe, pequena, Ruben está determinado a espetá-lo para provar que tem razão, mas não causará dano, pois sabe que

partiremos em duas semanas e não almeja uma luta de faca *comigo*, que é o que vai ter, se ferir um dos meus homens com gravidade suficiente para deixá-lo acamado antes de uma viagem.

Pisquei para ele, mas não disse nada.

Frey se inclinou até o seu rosto estar perto do meu.

— Isso não vai acontecer, Finnie. E não vai acontecer, porque aquela mulher quente e macia *ainda* está na cama do Ruben esperando por ele. Não há nenhuma chance de ele ficar sentado aqui, esperando o Thad ficar bêbado. Nós não estaremos nem na metade do caminho de casa, antes que ele esteja no seu chalé, no fim da rua, desfrutando da sua mulher.

Sabia que isso era verdade, principalmente por causa da maneira confiante com a qual Frey transmitiu essa informação. Estava claro que conhecia seus homens, compreendia a situação e não via motivo para alarme.

— Tudo bem então — sussurrei, e ele sorriu.

Ergueu a mão até a lateral do meu pescoço e me deu um aperto antes de pedir suavemente:

— Se despeça dos seus amigos e vamos voltar para casa.

Assenti, gostando muito da ideia de “voltar para casa” com o meu marido. Isso significava trocar uns amassos (ou mais do que isso). Ajeitei o manto que Frey jogou por cima dos meus ombros e fechei o botão na altura do pescoço enquanto me virava para Ulysses, Frederick e Laurel para lhes dar abraços e beijos na bochecha, agradecendo-lhes por me ensinar *tuble* e passar o tempo comigo.

— Até a volta, Sua Graça — disse Frederick com um aperto durante nosso abraço.

— Foi um prazer, Princesa do Inverno — Laurel murmurou, segurando meus braços e sorrindo para mim.

— Foi uma honra fazer isso e será uma honra quando o fizermos novamente, Princesa Finnie — Ulysses murmurou no meu ouvido

enquanto provava que seus braços eram, de fato, muito fortes e tiraram meu fôlego.

Quando me afastei, sorri para ele e imaginei se estaria de volta a este lugar antes de voltar para casa. Olhei para os três e esperei que pudesse. Não os conhecia bem, assim como a todos de quem me despedi neste dia na aldeia. Tudo o que sabia era que eu gostava muito deles e que seria legal conhecê-los melhor.

Frey deu a volta na mesa e me puxou. Terminei minhas despedidas e dei até logo para Thaddeus e Ruben enquanto colocava as luvas. Thaddeus grunhiu sua despedida, ainda claramente irritado. Ruben sorriu para mim e deu um aceno de despedida com a mão, nem um pouco irritado.

Envolvi os dedos de ambas mãos ao redor do bíceps de Frey (ou meio que tentei, pois não chegaram nem perto de contorná-los). Me inclinei contra ele enquanto nos levava para fora do pub e pela terra coberta de neve até onde Tyr estava esperando.

— Então — comecei — você realmente sabe como puxar cartas de baixo, empilhar o baralho, fingir que embaralha e tudo isso?

— Sim — Frey respondeu e me virei para olhá-lo.

— Sério? — perguntei.

Ele olhou em minha direção e sorriu.

— Sim.

— Você vai me ensinar?

Sem hesitar, ele repetiu:

— Sim.

— Maravilha — gritei, e seu riso se transformou em um sorriso aberto, até que gargalhou. Desengatou minhas mãos do seu braço enquanto deslizava a sua em torno dos meus ombros e me puxava contra o seu corpo.

Deslizei os dois braços ao redor da cintura dele e caminhei meio inclinada enquanto pressionava meu rosto no seu peito.

Tinha sido um dia bom, uma noite excelente e vinham sendo seis semanas muito boas (na maior parte).

E estavam ficando cada vez melhores.

Suspirei quando Tyr apareceu, imaginando quanto a noite podia melhorar (esperando que ficasse tipo *tudo de bom*). Meu passo vacilou quando, de repente, senti o corpo de Frey enrijecer ao meu lado.

Em um piscar de olhos, me jogou para longe dele. Saí voando e pousei contra Tyr, que tinha se deslocado rapidamente para o lado, de uma maneira que parecia estar amparando minha queda. Mas, mesmo enquanto caía, eu vi.

Eu vi.

Eu *vi*.

Rápida como um relâmpago, a mão de Frey foi até a faca em seu cinto, seus joelhos dobraram e o braço se levantou acima da cabeça, lançando a faca pela trilha.

Vi que a faca foi direto na garganta de um homem.

Olhei para ele quando caiu de costas, com as mãos no pescoço, o sangue jorrando da faca e correndo até manchar sua camisa, mas senti mais movimentação. Olhei para trás e vi Frey com outra faca e um homem se aproximando dele com uma adaga na mão. A mão de meu marido serpenteou e envolveu o pulso do homem. Frey girou e o puxou de encontro a seu corpo e, sem hesitação, em outro jorro medonho de sangue, Frey cortou sua garganta.

Minha boca se encheu de saliva enquanto o ar escapava dos meus pulmões e me encostei com força em Tyr.

Ouvi passos e vi outra faca voar quando Thad se ajoelhou e a lançou no que parecia ser minha direção. Virei o rosto para ver um homem que rodeava Tyr e estava se aproximando, cair de joelhos, a faca de Thad na lateral de seu pescoço.

Me virei imediatamente para o outro lado quando ouvi o som de pés se arrastando e vi o Ruben segurando outro homem, um braço em volta

de seu peito, imobilizando-o, Ruben segurando a própria faca perto da garganta dele. O cara estava pressionando de volta para ficar longe da faca e grunhindo com o esforço. Seus pés embaralhavam-se debaixo dele e as pontas tocavam a neve, porque Ruben o havia erguido do chão.

Eu estava paralisada, cada centímetro meu, inclusive minha mente e os meus pulmões, mas não o meu coração.

Meu coração estava batendo dolorosamente no peito.

Tyr estava pressionando seu corpo contra as minhas costas, o que foi bom, porque se não o fizesse, havia uma boa chance de eu desmaiar.

— Nós os vimos seguindo-o para fora do pub — Thad explicou, caminhando para a frente e curvando-se para arrancar a faca do homem, ainda vivo, deitado na neve, há alguns centímetros de distância de mim. E quando o fez, o corpo sacudiu enquanto emitia um barulho horrível de gorgolejar e um novo dilúvio de sangue derramou para fora da ferida.

Outra onda de saliva encheu minha boca diante da visão, mas Thad o ignorou completamente enquanto se endireitava e se virava para Frey.

— Estavam de olho em você e na Princesa Finnie a noite toda — Ruben falou.

— Eu senti, os vi sem qualificação, imprudentes, mas interessantes — Frey murmurou distraidamente, em seguida, se virou para Ruben. — Descubra o que ele sabe e vou querer saber tudo o que disse no minuto em que tiver acabado com ele.

Ruben sorriu de uma maneira aterrorizante, o que mostrou de maneira assustadora o que pensava sobre as atividades nas quais estaria envolvido nessa noite, atividades que parecia estar antecipando com grande prazer. Frey já estava olhando para Thad.

—Vá até as autoridades e conte o que aconteceu. Reúna os homens, quero quatro patrulhando a cabana. A noite toda. Faça isso agora mesmo, mas não nessa ordem. Finnie e eu estamos indo para

casa. Diga aos homens que deixaremos Fyngaard ao amanhecer e vamos precisar de uma escolta. E envie alguém para avisar o rei.

Thad assentiu, se virou e desapareceu nas sombras.

Ruben já estava puxando o homem que ainda estava lutando e também desapareceu nas sombras.

Eu ainda estava paralisada, mas minha cabeça girou levemente para o lado enquanto Frey andava calmamente até o homem morto para recolher a faca, colocando sua bota na base do pescoço dele para arrancá-la.

Embainhou-a depois de limpar o sangue, enfiando-a duas vezes na neve.

Engoli diante do aumento repentino da vontade de vomitar e minha cabeça ficou leve.

Tyr relinchou e, de repente, eu estava presa nos braços fortes de Frey. Ele montou em seu cavalo, ao mesmo tempo me puxando com ele. Eu estava olhando fixamente para a frente quando Frey tocou os calcanhares nos flancos de Tyr e partimos a galope.

Frey me segurou junto dele, com o braço em volta de mim, seu torso pressionado em minhas costas, pois nós dois estávamos inclinados sobre o cavalo enquanto saíamos da cidade e a escuridão da floresta banhada pelo cinza brilhante do luar na neve nos cercava.

Meu marido acabou de matar dois homens.

Bem na minha frente.

E um de seus homens matou outro.

Bem ao meu lado.

E eles não fizeram uma pausa, verificaram se estavam vivos, chamaram a polícia ou o que quer que fosse.

Eles eram bons em matar. Muito bons. Eram especialistas. Não perderam tempo, não hesitaram, não piscaram e sequer ficaram sem fôlego ou ensopados de suor.

Eles já haviam feito isso antes. Com frequência.

Comecei a tremer, mas não com o frio que açoitava meu rosto e minhas orelhas.

De medo. Puro terror, que nunca tinha sentido na vida.

Fechei os olhos com força e meu tremor ficou mais profundo, virando trepidação.

Frey sentiu.

— Pequena Finnie, está tudo bem — Frey sussurrou no meu ouvido — você está segura, minha esposa do inverno.

Abri os olhos por duas razões. Uma, porque revi a cena que, provavelmente, nunca seria esquecida, do corpo do homem convulsionando e o sangue quando Thad, sem a menor cerimônia, puxou a faca do seu pescoço. E dois, porque não me sentia segura.

De jeito algum.

Do que eu tinha certeza era que Frey, definitivamente, tinha inimigos. Quatro homens tinham ido até ele.

Quatro.

E ele os despachou sem hesitar, e os deixou mortos ou morrendo, na neve de um vilarejo tranquilo, doce e invernal que tinha duas rodas de água impressionantes, e fez isso sem um segundo olhar.

Ah, Deus!

A galope e utilizando o atalho de Frey, estávamos em casa em cinco minutos. Meu marido levou Tyr direto até a porta, desmontou no minuto que o cavalo parou e me desmontou. Segurou minha mão enquanto me guiava pela porta da frente, mas usou minha mão para posicionar minhas costas contra a parede, bem ao seu lado.

— Fique aqui, pequena — murmurou.

Eu o observei fixamente enquanto se movia pela sala, banheiro, subiu até o sótão e, em seguida, desceu novamente, indo até a cozinha, pela porta dos fundos e caminhou de volta pela cozinha.

Veio até mim.

Automaticamente, inclinei a cabeça para trás quando ele me alcançou e fiquei ali parada quando a mão grande segurou o meu pescoço e sua boca veio até a minha testa para um beijo leve. Seus olhos encontraram os meus.

— Preciso levar o Tyr até o estábulo, e meus homens estarão aqui em breve. Vou precisar falar com eles quando chegarem. Alimente o fogo, pequena. Te encontro na nossa cama.

Antes que eu pudesse abrir a boca para emitir um único ruído, ele se foi.

Estava encostada na parede, olhando para a sala. Levantei minhas mãos e vi que elas estavam tremendo. Mesmo sob a luz fraca das lareiras quase apagadas, consegui vê-las tremendo.

Tanto que estavam fora de controle.

Fechei os olhos com força por um momento, antes de abri-los e me dirigi à lareira, pegando lenha e alimentando-a. Em seguida, colocando a grelha na frente e me virando para a outra. Uma vez que tinha terminado com a segunda, coloquei algumas toras no fogão da cozinha, tirei as botas e, ainda vestida, subi para o sótão e alimentei o fogo lá em cima também. Me deitei na cama, sobre as cobertas virada para o corrimão da escada e puxei um travesseiro para o meu peito, segurando-o apertado.

Mais rápido do que esperava, ouvi a porta da frente se abrir e fechar, o que significava que Frey tinha voltado e meu corpo ficou tenso.

Não sabia o que fazer nem o que pensar.

Este mundo podia ter elfos, animais que podiam falar com você e árvores que tinham brilho na casca, mas também tinha homens que podiam acabar com uma vida sem hesitar e sem sequer uma simples sugestão de remorso.

E o meu marido era um deles.

Pensando no Frey que tinha sido meu nos últimos três dias, meu único pensamento foi, como era possível?

Pensando no Frey que conheci quando cheguei neste mundo, soube a resposta.

Senti sua presença no sótão e o senti se aproximar da cama.

Ouvi sua voz vir até mim suavemente:

— Finnie, você não se trocou.

Foi quando senti o leve toque ao afastar o cabelo do meu ombro. Me virei, rapidamente, rolando para longe dele e ficando de joelhos ao pé da cama, o travesseiro ainda firmemente apertado no meu peito.

— Eu não... não... — Balancei a cabeça. — Não acho que quero que você me toque, Frey.

Ele estava de joelhos também, mas se acomodou sobre os calcanhares, os olhos focados em mim.

Ele me observou por um momento antes de, ainda falando em voz baixa, perguntar:

— Por que isso, pequena?

Não demorei a responder.

— Você matou dois homens esta noite.

Ele se moveu, como se viesse em minha direção, e eu recuei mais um pouco. Meus pés tocavam a beira da cama. Ele parou e assim também parei.

— Finnie...

— Você não hesitou — eu o interrompi. — Você não... não... — Balancei a cabeça e minha garganta travou. Engoli e sussurrei: — Você nem mesmo *piscou*.

— Esposa...

— Não — balancei a cabeça novamente. Fechei os olhos com força e olhei para longe antes de abri-los e olhar para ele novamente. — Não. Eu... eu não sei o que você fez para conseguir inimigos assim, mas acho que posso imaginar, considerando que os matou sem hesitar. Depois, se afastou enquanto o sangue quente ainda derretia na neve e nem consigo

dizer... não pude sequer pensar... eu não sei... não sei, mas acho que não quero ter nada a ver com uma vida assim.

— Finnie, venha cá — ordenou, estendendo o braço para mim.

— Não — balancei a cabeça —, de jeito nenhum, Frey. Sinto muito, mas de maneira nenhuma...

— Finnie, venha cá — repetiu, e balancei a cabeça. Ele baixou a mão, mas olhou nos meus olhos e disse gentilmente: — Minha esposa do inverno, eles não eram meus inimigos.

— E de quem eram? — Disparei de volta. — Do Thad?

— Não — respondeu com cuidado. — *Seus*.

Minha boca se abriu, e senti meus olhos se arregalarem.

Respirei fundo.

— O quê?

— Venha cá — ele ordenou em voz baixa.

Permaneci imóvel.

— Amor, venha cá.

— Eles são... eles são... — encarei seu rosto — são *meus* inimigos?

Ah, Deus. Se isso fosse verdade, Sjöfn *realmente* tinha deixado muita coisa de fora da sua carta. *Muita*.

— Fin... — Ele começou, mas não percebi.

Não percebi porque larguei o travesseiro, gritando:

— *O que eu fiz para ter inimigos vindo até mim com facas?*

Mal tinha deixado sair a última palavra quando Frey se moveu, esticando o braço, seus dedos envolvendo o meu pulso, me puxando para que caísse para a frente. Girou, lançando um braço em volta da minha cintura, outro por baixo das minhas pernas para erguê-las. Me levantou e pousei no colo dele, então seus braços estavam em volta de mim antes que eu pudesse me virar.

Me retorci para encará-lo, minha cabeça inclinada para trás e sussurrei:

— Frey, eu...

— Você tem dividido a cama comigo há cinco noites. Isso é o que você tem feito, minha Princesa do Inverno. — Frey terminou para mim e pisquei para ele. — E o seu tio e, talvez, os espiões de dezenas de diferentes Casas já saibam disso.

Pisquei novamente e sussurrei, confusa.

— Meu tio?

— Até onde ele sabe, e agora sei que ele está nos observando, embora nem ele, nem nenhum dos outros tenha se aproximado da cabana, disso tenho certeza. Mesmo que tivessem se aproximado, não podem ver através das paredes. E não sabem sobre o que temos feito nesta cama e que já poderíamos ter concebido uma criança. Nem ele, nem qualquer um deles, deseja que tenhamos filhos. Estava com receio que alguém tentaria algo assim. E se foi ele, como eu suspeito, seu tio agiu como de costume, iniciando o jogo e mostrando a mão sem demora.

Olhei para Frey.

Entendi tudo.

Meu tio Baldur, que seria o herdeiro de Lunwyn após a morte do meu pai, me queria morta antes que eu pudesse conceber um filho para herdar o trono.

Ah, meu Deus.

— Ah, meu Deus — sussurrei.

— Vejo que você sabe alguma coisa sobre isso — Frey murmurou e me concentrei no seu rosto para ver seus olhos alertas e *muito* focados nos meus.

— Ele não é um bom homem — chutei.

— Não, Finnie, você fala com gentileza, mas não fala a verdade. Ele é o *pior* tipo de homem. Sem honra e cheio de cobiça. É egoísta, ganancioso, avarento e dissimulado.

Sjofn havia escrito: *Meu tio não é como o meu pai ou o meu avô e é imperativo que a nossa bela terra não passe para suas mãos...*

Virei o rosto e sussurrei:

— Ah, meu Deus.

— Olhe para mim, minha pequena — Frey exigiu com suavidade, e meus olhos retornaram aos seus. — Aqueles homens eram assassinos. Não eram bons. Meu palpite é que o seu tio deseja vê-la morta e esta noite declarou sua intenção. Mesmo que não seja ele, é óbvio que alguém deseja isso também.

— Ah, Deus — eu ainda estava sussurrando e tremendo violentamente e, por mais que tentasse, (e estava tentando) não conseguia parar.

Frey abraçou mais apertado e quando conseguiu que os tremores abrandassem, me apertou mais ainda.

— Me ouça, Finnie, concentre-se em mim — insistiu, e balancei a cabeça, olhando nos seus olhos enquanto ele continuava me segurando com firmeza. — Não vou permitir que você seja ferida, os meus homens também não, e nem os homens do seu pai. — Seus braços me deram um aperto forte. — Você *não* vai ser ferida, amor. Não vou permitir isso. Se foi o seu tio, não sei por que anunciou suas intenções desta forma, com aqueles homens que nem eram qualificados. Mas vou descobrir tudo e vamos lidar com isso, seu pai e eu. Nesse meio tempo, nada vai te acontecer. Ninguém vai sequer te tocar. Prometo. — Continuei olhando para ele e não disse nada, então ele sussurrou: — Você acredita em mim?

— Eu nunca vi um homem morrer, Frey — sussurrei de volta, e ele fechou os olhos.

Então os abriu e disse baixinho:

— Sim, você já viu, Finnie. Lembra quando o nosso noivado foi anunciado? Foi feita uma tentativa contra a sua vida na época. Você despachou o assassino, você mesma, nos degraus do Palácio de Inverno. — Seus braços me deram um aperto. — Se lembra?

Olhei em seus olhos verde oliva, chocada com esta notícia. Mais uma coisa que Sjöfn devia ter compartilhado comigo, *tudo* sobre isso ela

deveria, *absolutamente*, ter *compartilhado* comigo, toda essa merda, antes mesmo de fazermos o nosso acordo. Mas, mesmo com isto me assustando, me matando de medo e me irritando muito, encontrei dentro de mim mesma, forças para responder com calma:

— Ah, sim, certo. Foi tão desagradável que devo ter bloqueado na minha mente.

Ele assentiu antes de dizer:

— Por causa disso, minha pequena, sinto muito o que você viu hoje à noite. Se vier a acontecer novamente, meus homens e eu vamos nos esforçar para protegê-la e impedi-la de ver qualquer coisa, assim você não precisará testemunhar mais nada... — seus olhos focaram em mim antes de terminar — desagradável.

— Isso seria bom — respondi baixinho.

Seus lábios se curvaram um pouco antes de beijar a minha testa.

Quando ele recuou, perguntei:

— Foi assim que você soube que isso ia acontecer, quero dizer, já que haviam tentado antes?

Ele balançou a cabeça, mas disse:

— Não sei como a mente do seu tio trabalha e não desejo saber. O que sei é que ele não deixaria nada atravessar o seu caminho. Embora, que seja dito, admito que vou ficar surpreso se não tiver sido ele que tomou essa decisão, e quem fez isso não foi o Baldur. Quando o último assassino foi despachado, um assassino que nem os meus homens, nem seu pai puderam rastrear com sucesso até o seu tio, ou a qualquer um dos seus, ele declarou indignação com esta ação e tivemos que fingir que acreditávamos em sua revolta em nome da sua sobrinha. Mas tanto o seu pai quanto eu, prometemos retaliação publicamente se uma nova tentativa fosse feita e ambos prometemos entrar em guerra contra qualquer um, se seus motivos fossem políticos e eles tivessem sucesso.

Senti meu corpo enrijecer e respirei fundo.

— Ter sucesso?

Seus braços me apertaram.

— Isso não vai acontecer, Finnie.

— Mas e se ele...

Outro aperto.

— Isso não vai acontecer, meu amor.

— Eu sei, mas o que...

Seu rosto se inclinou até o meu e sua voz era calma, mas baixa e feroz quando disse:

— Isso não vai acontecer, pois você não vai sair do meu lado. É a medida de um homem, minha esposa, como ele trapaceia nas cartas. E é a medida de um homem, qualquer homem, seja ele casado com a atendente de um pub ou uma princesa, como ele cuida da sua esposa. Eu sou um Drakkar e minha medida é diferente de qualquer homem e há muitas facetas para definir isso. Uma delas explica porque me afasto, sem pestanejar, daqueles cujo sangue se infiltra na neve, daqueles que se movem com a intenção de prejudicar a minha esposa e não vou pensar neles, nunca. Só vou ocupar a minha mente em como posso atender a minha esposa e que, agora, inclui exterminar qualquer ameaça que possa pairar sobre você. Eu me comprometo com você, minha princesa, se isso significar a minha própria vida, isto *não* vai acontecer.

Olhei em seus olhos. Então, sussurrei.

— Certo. — Porque, o que mais eu podia fazer? Ele parecia estar falando muito sério.

Sua expressão passou de séria para suave e ele sorriu.

Em seguida, repetiu:

— Certo.

Inspirei de maneira instável. Então, disse:

— Apesar de, humm... só dizer isso se você estiver se comprometendo a me manter a salvo, você deve fazer um voto para manter você seguro também. — Seus olhos suaves começaram a ficar ardentes, então me apressei. — Você sabe, porque... bem, quem vai

cortar a madeira e trazê-la para casa se você for assassinado ou algo assim?

O calor suave dos seus olhos fez surgir outro sorriso e murmurou:

— Minha esposa não gosta de carregar madeira.

— Não é a minha tarefa favorita — admiti. — Meu tempo é melhor gasto assando tortas.

O sorriso alcançou sua boca antes de murmurar:

— Então é melhor eu ficar por perto para carregá-la.

— Agradeço por isso.

Ele moveu a cabeça e roçou o nariz contra o meu.

Se mantendo perto, sussurrou.

— Prometo me manter seguro também... — ele fez uma pausa — para que eu possa estar presente para cortar lenha.

— E trazê-la para casa — acrescentei.

— E trazê-la para casa — ele concordou.

Olhei nos seus olhos, tão bonitos, tão próximos e senti seus braços, tão fortes, tão apertados. Senti seu corpo, grande e poderoso, tudo isso me fez sentir tão... *segura* que o tremor parou completamente.

Deslizei meu rosto para o lado e o apoiei no pescoço dele enquanto deslizava meus braços ao redor do seu corpo e o abraçava apertado.

Senti Frey inclinar a cabeça para que seus lábios fossem até a minha orelha enquanto perguntava:

— Você está bem agora, minha pequena Finnie?

— Não, não de verdade, mas me dê um minuto e vou chegar lá.

Ele beijou meu pescoço.

Isso me fez sentir melhor.

Depois, nos abraçamos até que me senti completamente melhor. Ou, pelo menos, melhor o suficiente para trocar de roupa.

Sussurrei:

— Estou bem agora, Frey. Preciso me trocar para ir para a cama.

— Tudo bem, Finnie — ele concordou, afrouxando o abraço —, se apresse.

Me afastei, olhei para ele, dei um pequeno sorriso e me inclinei para lhe dar um beijo rápido nos lábios.

Então, me apressei.

Estava de volta na cama, segurando firme a lateral do meu marido, nossas coxas entrelaçadas em menos de cinco minutos.

Levei muito mais tempo para encontrar o sono.

Mas por fim o encontrei.



— Frey? — chamei.

— Estou aqui — sussurrou, o braço em volta das minhas costas, me apertando. — Você está tremendo de novo, esposa.

— Tive um pesadelo.

Ele se virou para mim e me abraçou.

— Agente firme — ordenou com suavidade e meu braço, que já estava em volta dele o segurou mais forte.

Ele me segurou e tentei encontrar o sono.

Não consegui, assim, o chamei.

— Frey?

— Estou aqui.

Hesitei.

Disse tão baixinho que me perguntei se ele tinha me ouvido:

— Você foi tão *bom* naquilo.

Ele me ouviu, seus braços enrijeceram, mas não disse nada.

— Você tem muita prática, não é? — perguntei.

— Durma, esposa — disse, com um apertão.

Sim, tinha muita prática em matar pessoas.

Ah, Deus.

— Me diga só uma coisa — pedi, suavemente. — Eles eram bandidos?

Ele não disse nada por um momento, então senti sua cabeça mexer no travesseiro e, com os lábios contra a parte superior do meu cabelo, sussurrou:

— A maioria.

Ah, Deus.

— Nenhum inimigo é de todo ruim, Finnie — disse. — Eles são apenas inimigos.

Assenti, com a cabeça no travesseiro, pois isso era, sem dúvida, verdade.

Frey continuou falando:

— Mas aqueles homens foram pagos para matar um homem recém-casado e sua esposa. — Seus braços me apertaram. — Não perco o sono por eles e você também não deveria.

— Mas você estava acordado — apontei.

— Estava sim, porque minha pequena esposa tremia enquanto dormia — me informou.

Deus, isso foi fofo.

— Desculpe, Frey — sussurrei.

— Não se desculpe, durma — ordenou.

Sorri e me aconcheguei mais ao meu marido.

— Obrigada por salvar a minha vida — sussurrei.

Ele não respondeu.

Só me deu outro abraço bem forte.

Capítulo 12

Retornando para Fyngaard

Não partimos ao amanhecer. Saímos três horas antes. Mas considerando que o sol nasceu por volta das nove da manhã, não era *tão* cedo. No entanto, depois de uma noite de sono inquieto, que incluiu vários despertares, estava exausta.

Felizmente, havia arrumado os baús, e Frey tinha carregado o trenó no dia anterior. No entanto, mesmo se não tivéssemos feito isso, teria sido um trabalho leve para os homens altos e corpulentos que estavam viajando com a gente.

Antes de sair, fui apresentada rapidamente a eles. Thad e Ruben estavam junto. Somaram-se ao grupo Annar, Orion, Stephan (que pronunciaram como Steh-fawn), Gunner, Maximilian (mas me disse que todos o chamavam de Max e me convidou a fazê-lo também), Lund e Oleg.

Quando Frey me puxou para montar com ele em Tyr, descobri que Oleg ia dirigir o meu trenó, que já estava com os cavalos atrelados pronto para partir no momento em que vaguei, sonolenta para fora, vestindo um manto que Frey escolheu para mim (devido ao calor que proporcionava), feito de peles brancas mescladas com peles pretas e cinzas, luvas e um chapéu de pele combinando.

Falando nisso, essa vestimenta fabulosa estava sobre um vestido que escolhi com a finalidade de encontrar meus pais, do mais macio cashmere branco, que tinha uma trama intrincada, um decote baixo e quadrado. Um cinto combinando, tão comprido que suas pontas caíam ao longo da barra da minha saia. Tinha calçado um par de botas de salto baixo fabulosas, forradas de pele que batiam acima do joelho, feitas de

camurça cinza carvão, e selecionado peças de joias muito elegantes, mas discretas.

Sim, foi nas primeiras horas da manhã que Frey me acordou e me disse para ficar pronta. E sim, nossa viagem duraria o dia todo no lombo de um cavalo. Mas também veria meus pais no final da nossa jornada, eles não pareciam gostar muito da Sjöfn e eu queria causar uma boa impressão.

Então lá fomos nós, o trenó liderado por um grande cavalo preto, junto das minhas malhadas (montado por Oleg).

No dia anterior, tinha pedido e Frey concordou em viajar mais devagar para que pudéssemos parar em algumas das vilas no caminho porque eu queria poder olhar mais atentamente e para que pudéssemos ter uma pausa (e os cavalos também) e comer alguma coisa. Íamos passar a noite em uma delas para que eu pudesse estar descansada e ter um tempo para ficar apresentável para encontrar meus pais.

Este plano voou pela janela com a tentativa de assassinato (era compreensível) e estávamos viajando rapidamente para chegar a Fyngaard sem demora.

E foi isso que fizemos.

Surpreendentemente, nas primeiras horas, me virei e me enrolei o melhor que pude no corpo grande e quente do meu marido e, de alguma forma, consegui adormecer em seus braços.

Quando acordei, Frey ordenou uma pausa e todos nós paramos para comer sanduíches que a mulher de Ruben havia feito para nós, recheados de carne magra e fria assada, fatiada e pão branco. Também tinha um molho cremoso de raiz-forte que estava delicioso, mas tão forte, que fez meus olhos lacrimejarem, embora nenhum dos homens tenha feito careta enquanto os devorava.

Foram acompanhados por odres (feitos com o couro do porco, carneiro ou outro animal, confeccionadas na forma de um saco para armazenar líquidos) preenchidos com uísque e não importava o quanto

fosse bom, ainda fazia meus olhos se arregalarem. Mas Frey me pediu gentilmente para bebê-lo, assim “me manteria quente por dentro”. Assim, uma vez que estava sendo gentil e Deus sabia que eu precisava utilizar todas as táticas para me manter aquecida, tomei três goles grandes.

Ele estava certo, funcionou. Depois disso, devinitivamente, fiquei aquecida.

Enquanto seguíamos (e Oleg conduzia o trenó com Penelope enrolada no tapete de pele no chão, alheia ao passeio, à paisagem e tudo mais, no paraíso quentinho dos gatos e com certeza gostando muito mais do trenó do que de andar a cavalo. Sabia disso porque ela... *me disse*), os homens não falavam nada.

Estavam alertas e cuidadosos. Com frequência, Thad e Stephan galopavam para longe do grupo, desaparecendo na nossa frente para avaliar se o caminho estava livre. Lund e Annar muitas vezes ficavam para trás, claramente avaliando se estávamos sendo seguidos. E Orion quase nunca andava com a gente, evidentemente, ficava lá fora no campo, em algum lugar, prestando atenção se estávamos a salvo.

Mas Ruben, Gunner e Max ficaram a postos, Gunner cavalcando à nossa esquerda e Max nos acompanhando à direita de Oleg, Ruben na frente, em guarda constante.

Enquanto seguíamos pela floresta e ao longo da planície, Frey conversava comigo. Na maioria das vezes, me falava sobre a terra na qual estávamos, como era chamada, o nome do rio que tinha visto no meio do caminho, o nome das aldeias e algumas informações sobre elas, tais como os deuses e/ou deusas que adoravam.

Novidades: algumas aldeias escolhiam deuses ou deusas específicas para reverenciar acima dos outros, às vezes um, mas parecia ser, em média, três e suas preferências eram conhecidas facilmente, pois exibiam as cores do deus ou deusa na cidade ou nos lugares comuns da cidade onde tinham estátuas, bustos ou rostos esculpidos em edifícios (Frey assinalou para mim e isto, por sinal, era legal e decidi que gostava,

porque havia muito azul claro e verde em Houllebec, estava claro que oravam para Hermia e Alabasta).

Embora Frey me dissesse isso, não explicou o porquê. Ele simplesmente parecia estar falando para afastar minha mente de outras coisas.

E consegui, incluindo o fato de que estava me dando informações que provavelmente, como princesa deste país, já deveria saber.

Não me ocorreu nenhuma vez que isto era estranho.

Nem uma vez.

Na verdade, isso não passou pela minha cabeça.

A noite caiu como normalmente caía nesse mundo, no início da tarde, e nós já estávamos cavalgando por outra floresta quando anoiteceu. Estávamos cavalgando há *muito* tempo e tanto quanto gostava de Tyr, queria estar *fora* daquele cavalo e *em* um lugar quente, pois aquela viagem parecia não acabar nunca. De repente, saímos da floresta e a cidade de Fyngaard, iluminada por tochas, surgiu no vale à nossa frente, cercada por montanhas altas, seus cumes cheios de neve perfurando o céu noturno.

Onde eu havia entrado neste mundo.

Onde meus pais estavam.

Voltei a reparar na sua beleza, mas no mesmo instante fiquei ansiosa e devo ter enrijecido ou suspirado, pois o braço de Frey em torno de mim ficou mais apertado, porém ele não disse uma palavra.

Para me fazer parar de pensar no encontro iminente enquanto cavalgávamos pela vila, olhei em volta e vi que parecia que a maior parte dela, que havia assistido ao nosso casamento na noite em que entrei nesse mundo, estava quase deserta.

Mas agora havia pessoas fora de casa, um bom número delas. Alguns caminhando, outros andando ou parados ao redor dos grandes tambores de fogo, aproximando as mãos deles e batendo papo.

Também havia alguns trenós, nenhum tão grande quanto o meu, de um lugar ou dois lugares, alguns com uma área na parte traseira onde você podia colocar coisas, alguns sem nada, outros sendo puxados por dois cavalos ou por apenas um.

Todo mundo estava vestido de forma diferente do que em Houllebec, as roupas mais refinadas, alguns dos homens e mulheres aqui tinham enfeites de pele em seus casacos e não havia nada disso lá. A maioria das mulheres em Fyngaard usava chapéus de pele elegantes e luvas de couro fino ou de camurça, enquanto na aldeia as mulheres usavam toucas e luvas de lã.

Havia também várias linhas longas de construções de dois andares que possuíam lojas no primeiro andar, com pessoas dentro delas ou do lado de fora olhando para as mercadorias. Definitivamente, tinham mais variedade que a nossa pequena Houllebec, incluindo lojas de fios, inúmeros ateliês de costureira, modistas, tabacarias, lojas de vinhos, destilados, livrarias, papelarias e lojas que pareciam vender couro e peles.

Passamos por duas lojas, cujas vitrines eram decoradas com um tipo de esculturas de vidro colorido, de todas as formas — de borboletas até beija-flores, falcões, cavalos, lobos, trenós e navios. Uma delas tinha um dragão enorme, elaborado e muito maneiro na vitrine.

Era tudo tão fascinante. Virei a cabeça muitas vezes e retrocedi o corpo para continuar olhando algo que havíamos passado. Quando passamos pelas lojas de vidro, decidi que definitivamente, viria vê-las assim que pudesse.

Havia uma série de restaurantes, pubs e até mesmo o que pareciam ser cafés. Alguns com mobiliário de madeira resistente, cercados por tochas e tambores com fogo ardendo onde as pessoas se sentavam para tomar café, chocolate quente e alguns dos homens fumando charutos finos enrolados com papel marrom.

Percebi que era uma cidade que parecia ser cosmopolita.

Nossa comitiva, agora incluindo todos os nossos cavaleiros, não passou despercebida pela cidade. Na verdade, causou uma grande agitação. Quando me olhavam, os homens se curvavam ligeiramente e as mulheres faziam uma reverência graciosa. Mas se olhassem para Frey, os homens levantavam a mão fechada em punho e tocavam o queixo e as mulheres inclinavam o queixo para o lado e para baixo.

Isso era estranho, mas legal, e por ambas as razões, desejei que pudesse perguntar ao Frey sobre isso, mas, infelizmente, já devia saber que não podia.

Alcançamos a área fora do comércio e percorremos um sinuoso caminho através do que parecia ser uma área residencial quando nossa caravana fez uma curva em torno de uma casa, e eu o vi.

O Palácio de Inverno.

Tinha que ser, pois era enorme e lindo.

Esparramado ao longo de uma colina na base de uma enorme montanha e enfeitado do lado de fora com as mais belas esculturas em madeira, assim como todas aquelas que eu tinha reparado no lado de dentro. Os cantos numerosos, de alturas variadas e curvas estreitas eram todas decoradas com intrincadas esculturas na madeira escura, misturadas com longos pingentes de gelo brilhantes. A maioria das vidraças cristalinas brilhava com a luz das velas. Nas pontas, a luz brilhava através da madeira esculpida, adornando-a e o resto da fachada era feita de enormes pranchas de madeira escura.

E eu conseguia ver tudo isso mesmo no meio da noite. Na parte da frente do Palácio havia grandes tambores com fogo aceso, provavelmente, a cada dois metros. Mais perto do prédio, uma fileira de tochas altas com uns trinta centímetros de distância umas das outras. Um grande número de tochas afixadas em ângulo no próprio Palácio, todas portando grades ao redor do fogo e todas acesas.

Ele era *magnífico*. Cada centímetro dele e eram muitos. O lugar era enorme.

Eu estava paralisada, em êxtase. Meu encantamento voou para longe quando vi, nos largos degraus de pedra que corriam para baixo e se ampliavam com graça, de cima para baixo, onde um grupo de pessoas esperavam em pé.

Por nós.

Duas pessoas no topo, em frente às portas duplas de madeira enormes em arco, com lanças nos painéis quadrados eram os meus pais.

Caramba!

Olhei para eles e inspirei profundamente, me perguntando por que estava tão assustada.

Não sei o porquê e não tinha tempo para descobrir. Oleg dirigiu o trenó para uma entrada lateral e os outros homens se mantiveram atrás de nós. Frey conduziu Tyr direto para o pé da escada e parou. Não demorou a desmontar, se aproximar, agarrar minha cintura e me tirar do cavalo. Além disso, não tardou em envolver minha mão enluvada na imensidão da sua e me guiar para subir os degraus.

Nervosa, meus olhos captaram as pessoas de pé nas escadas. Percebi que havia pelo menos trinta delas e nenhuma vestia o mesmo tipo de roupa elegante que meus pais. Estas incluíam as quatro garotas que estavam lá na primeira noite. Todas com os mantos exibindo as mesmas cores que os vestidos que haviam usado no meu casamento. Todos os olhos estavam em mim.

Frey parou dois degraus abaixo dos meus pais e bem na frente deles. Parei de olhar para as criadas e foquei nos rostos neutros dos meus pais (minha mãe parecia um pouco irritada por algum motivo. Novamente, minha mãe deste mundo havia demonstrando irritação ao me olhar). Quando examinei suas expressões, vi meu pai levantar um punho fechado até o queixo e, ao mesmo tempo, o queixo da minha mãe inclinar para o lado e abaixar.

Ambos os gestos foram para Frey.

Que estranho!

Sério, me perguntava o que significava e tinha que encontrar alguma maneira de descobrir.

Quando meu pai abaixou a mão e minha mãe endireitou a postura, Frey se curvou ao meu lado. Olhei para ele e vi que sua reverência não era profunda, apenas uma ligeira inclinação da cintura e a cabeça estava inclinada para trás. Seus olhos nos meus pais, mas sua mão ainda segurando firmemente a minha. Ele me deu um aperto suave.

Ah, merda! Era para eu fazer uma reverência.

Droga.

Me abaixei em uma reverência desajeitada, vendo que estava fazendo isso em um degrau que era largo, mas o suficiente para executá-la. Algo que nunca tinha feito antes. Felizmente, fiz tudo sem cair ou me constranger. Abaixei a cabeça.

— Levante, minha filha e meu novo filho — meu pai murmurou. Frey endireitou o corpo e segurou a minha mão com firmeza para que pudesse usar a força do seu braço para me levantar.

Levantei a cabeça para olhar para os meus pais. Meus nervos ainda estavam abalados. E antes que alguém pudesse dizer uma palavra, Frey falou:

— Minha Noiva do Inverno está viajando há muito tempo e está com frio. Devemos levá-la para dentro.

Sem mais espera, nos levou degrau acima, vi meus pais com cara de idiotas, com alguma surpresa. Frey continuou seguindo em frente, e estava prestes a passar por eles. Os dois se viraram para as portas. Uma das pessoas que estavam ao redor correu até elas, as empurrou e abriu para meus pais atravessarem. Frey e eu os seguimos de perto, e algumas das pessoas que estavam lá fora nos acompanharam enquanto outras desapareceram para lugares desconhecidos.

As portas mal se fecharam atrás de nós quando Frey soltou a minha mão e se virou para meu pai.

— Atticus, temos que conversar. Agora.

Meu pai piscou para ele, então me virei, piscando também. Sua voz soava firme, feroz e talvez um pouco incomodada. Não percebi. Ele não parecia incomodado enquanto cavalgávamos.

Papai se refez e respondeu:

— Claro, Drakkar. Vamos ao meu escritório.

Frey se virou para minha mãe e ordenou:

— A princesa não deixa o Palácio, a menos que tenha a minha permissão.

Pisquei novamente.

Uh... o quê?

Minha mãe olhou para ele e assentiu.

Frey não havia terminado.

— Você vai participar da minha conversa com o meu rei.

Os olhos de minha mãe piscaram para mim, em seguida, para Frey, e ela assentiu novamente.

Frey se virou para as quatro meninas que estavam por perto.

— Cuidem da sua princesa.

Então, sem olhar para mim, se afastou.

Olhei para as costas dele, atordoada com aquele tom e o comportamento mais mandão do que o normal.

Meu pai seguiu Frey.

Minha mãe veio direto até mim, os dedos se enroscando em volta do meu braço, apertando-o, e se inclinando no meu ouvido, sussurrou:

— O que você fez *agora*?

Não consegui dizer uma palavra antes que ela me soltasse e corresse na direção em que Frey e meu pai haviam desaparecido.

O que havia acontecido?

Antes que eu pudesse perguntar, as quatro garotas me cercaram e começaram a me levar em direção às escadas esculpidas.

Aquela que estava ao meu lado e tinha a mão estendida para mim, me encarou e sussurrou:

— Sjöfn?

Olhei para ela, abalada com aquela cena estranha, atordoante e preocupante e sussurrei de volta:

— Não. Finnie.

Ela piscou, sorriu um pouco e me guiou para cima enquanto se apresentava:

— Eu sou Alyssa.

A garota que caminhava do meu outro lado segurou a minha mão e a apertou.

— Jocelyn — ela sussurrou.

— Esther — uma das garotas atrás de nós disse e, ainda subindo a escada, me virei para sorrir para ela.

— Bess — a última sussurrou e sorri para ela também.

— Deuses! — Jocelyn suspirou, dando à minha mão outro aperto. Me virei para olhar para a frente, porque mesmo que estivessem me guiando, eu *estava* subindo escadas e não queria cair de cara no chão. — Ficamos *tão* felizes por você ter voltado.

Terminamos de subir as escadas, e elas começaram a me conduzir rapidamente pelo corredor.

Alyssa se aproximou ainda mais e sussurrou:

— Estávamos tão preocupadas.

— Sim, não tivemos tempo para lhe dizer *nada* — Bess disse com calma na parte de trás e outra olhada me mostrou que ela e Esther estavam bem perto de nós.

— Sentimos *tanto* por isso — Alyssa afirmou. — Mas a troca era para ter acontecido dez minutos antes. Não sei o que causou o atraso, mas o que quer que tenha sido, nos fez perder a oportunidade de avisá-la do que estava por vir.

Humm. Parece que não foi tão bom que a Claudia e eu ficássemos tagarelando quando eu devia ter feito a troca. Parece que se não

tivéssemos feito isso, as coisas poderiam ter acontecido um pouco melhor para mim.

Droga.

Paramos diante de uma porta por tempo suficiente apenas para que fosse aberta, a atravessamos, e eu estava de volta ao quarto onde comecei minha aventura. Novamente iluminado, agora tinha uma lareira acesa e ainda era muito lindo.

Mal tive a chance de observá-lo, não tive a chance de abrir a boca antes do meu chapéu e do manto irem embora, assim como as minhas luvas.

Enquanto faziam isso com a facilidade da prática e uma rapidez inquietante, continuaram conversando.

— Queríamos enviar um mensageiro, mas ninguém sabia para onde você tinha ido — esta foi Esther.

— Todos ficaram alvoroçados, porque o Drakkar sumiu na noite com você logo após a cerimônia. Ainda estão falando sobre isso. Quer dizer, obviamente, você é linda e ele é o Drakkar. Por isso, achei que mal podia esperar para colocar as mãos em você, especialmente depois do beijo que deram no casamento, sobre o qual todos também ainda estão falando — esta foi Alyssa e continuou a falar. — Mas sua mãe ficou lívida. Passou meses planejando a festa que estava para acontecer após a cerimônia de casamento. Não superou o fato do Drakkar levá-la para longe por *semanas*.

— Ela ainda não superou — Esther resmungou.

— Sim, estava gelado no Palácio de Inverno, acredite em mim — esta foi Bess, seus olhos se movendo em torno do grupo enquanto terminava. — E ainda está.

Enquanto conversavam, me levaram até a cama e me empurraram sobre ela e *sobre ela*. Em seguida, subiram e me rodearam.

Jocelyn falou antes que eu pudesse dizer uma palavra.

— Aonde é que ele a levou afinal? — Jocelyn perguntou. — Disseram que ele estava em seu navio na noite seguinte, em uma viagem de negócios crucial.

— Ah, deuses, espero que não a tenha tomado em um dos seus navios — Bess murmurou.

Meus olhos arregalados se moveram para ela.

Um deles? Finalmente, elas fizeram uma pausa por tempo suficiente para eu dizer.

— Uh... ele foi. Porém, antes de sair, me levou para uma cabana de caça, eu acho.

Jocelyn olhou para Alyssa.

— Sua cabana de caça. Eu te disse.

— Eu não posso acreditar nisso — Esther resmungou. — Sua *cabana de caça*?

— Eu sei! — Bess exclamou (mas a exclamação foi sussurrada, como se não quisesse que mais ninguém ouvisse). — Sua moradia em Kellshorn está apta para uma princesa, caramba, ouvi dizer que é tão grande que está apta para *uma rainha*. Mesmo o chalé em Skarnwyld seria melhor do que a cabana de caça! — Ela olhou para Jocelyn e disse: — Ouvi dizer que é adorável.

— Teve sorte dele não tê-la levado para a casa de pesca no Tylgould. O cheiro... — O nariz bonito e pequeno de Alyssa franziu.

Caramba, quantas casas Frey possuía?

— Tylgould é adorável — Esther afirmou. — Meus pais me levaram lá quando era criança. E ouvi dizer que a casa dele é bem em frente ao Mar do Inverno. As propriedades de frente para o mar são muito antigas, mas muito singulares e *muito* exclusivas.

— Sim, mas mesmo assim... o cheiro — Alyssa repetiu enquanto balançava a cabeça.

— Uh... — tentei interromper e toda a atenção se voltou para mim, incluindo a mão de Jocelyn, que passava de leve sobre a minha coxa.

— Por favor, diga que ele tem sido gentil com você — ela sussurrou.

— Bem... — comecei, mas claramente não falei de forma suficientemente rápida, pois Esther falou.

— Que droga, ele não tem sido.

— Bem... — tentei de novo.

— *Eu sabia* — Alyssa sussurrou e olhou para Bess. — Se partiu para o navio tão rápido, significa que todos estavam errados. O Drakkar jamais deixaria uma mulher em sua cama com a qual ele quisesse estar, dane-se esse negócio importante dele. Nós deveríamos ter *feito* alguma coisa.

— O que podíamos ter feito? A rainha estava naquele estado. E quando a rainha Aurora fica daquele jeito... — Bess interrompeu, dizendo tudo sem dizer nada, então terminou. — Nós não tivemos *tempo*.

Alyssa ergueu a mão, apertou meu braço e, assim que virei a cabeça para ela, disse baixinho:

— Sinto muito... ahh, outra Sjöfn.

— Finnie — pedi a ela para me chamar assim, com um sorriso. — Por favor, me chame de Finnie.

— Finnie. — Ela sorriu de volta.

Certo. Bem, definitivamente, estava gostando dessas garotas. Isso eu soube logo de cara, mas queria que elas me deixassem falar.

— Finnie — Jocelyn chamou e me virei para ela. — É tão doce!

— Temos muito o que conversar! — Bess exclamou isso de maneira contida, mais uma vez.

— Sim, incluindo o fato de que a bruxa da Sjöfn veio aqui *três vezes* — Esther afirmou.

Fiquei tensa com esta notícia inesperada e pisquei para ela, mas antes que pudesse perguntar alguma coisa, Alyssa falou.

— Essa Agnes, ela tem algo de grande importância para lhe dizer — Alyssa compartilhou e virei minha cabeça para olhar para ela.

Ótimo. Simplesmente ótimo. Me perguntava o que era, mas estava pensando que talvez não quisesse saber. Quem sabia o que Sjöfn estava aprontando no meu mundo?

— Mas ela só vai dizer a você — Bess afirmou, e meus olhos foram para ela. — Ainda assim, parece bastante urgente.

Ah, caramba.

— Bem! Basta! — Jocelyn finalmente anunciou. — É claro que o Drakkar está de mau humor e que ele e seus homens percorreram um longo caminho. Precisamos preparar a Finnie para o jantar sem demora.

— Mas... — comecei enquanto elas se moviam para fora da cama, me puxando junto com elas.

— Banho primeiro — Alyssa murmurou. — Bess, precisamos dos baús dela. Precisamos desfazer suas malas imediatamente.

Bess saiu correndo, sem um pio.

— O de cetim azul céu, eu acho — Jocelyn murmurou enquanto elas me levavam até uma parede, onde vi uma porta escondida, a maçaneta da porta quase imperceptível na madeira.

— Azul gelo — Alyssa discordou. — Ele a chamou de sua Noiva do Inverno.

Esther abriu a porta à nossa frente. Entramos em outro quarto, este claramente um banheiro, com uma espreguiçadeira fabulosa coberta com camurça azul clara. Em um canto, um biombo composto por três painéis de tela que tinham uma tapeçaria lindamente bordada, descrevendo uma paisagem com uma montanha coberta de neve em um céu sem nuvens.

Havia também três armários de madeira escura entalhada em três paredes diferentes. Uma mesa com uma bacia de porcelana linda, decorada com flores azuis delicadas, um jarro harmonizando com tudo em uma prateleira debaixo dela.

O fogo ardia em outra lareira com a cornija lindamente esculpida, um espelho oval comprido, totalmente entalhado e uma grande banheira de cobre oval no meio do aposento. Uma almofada azul gelo pendurada

de um lado, coberta de algodão macio, amarrada a buracos feitos no cobre, onde você podia apoiar a cabeça quando recostasse.

Olhei de boca aberta, sem palavras por causa do aposento, não pela conversa das meninas.

Apenas duas sílabas descreviam este quarto: *de-mais*.

— Ele deve ser cego ou apenas louco, não posso entender por que não veria, humm... encantos na nossa princesa — Jocelyn murmurou e minha atenção voltou para a conversa.

— Bem, é difícil permanecer bonita em uma cabana de caça, não importa quão bonita você realmente é — Esther afirmou em uma voz que continha uma ponta de ira. — Especialmente quando você não tem suas criadas para ajudá-la. Não posso *acreditar* que ele partiu sem nos levar com ela... *aonde* quer que ele estivesse indo.

— Hum... senhoras... — tentei.

— Bem, ele vai enxergá-la, *agora*. Vamos nos assegurar disso e ele não vai permanecer cego por muito mais tempo — Alyssa disse, com firmeza. — E, definitivamente, ela vai usar azul gelo — ela disse a Jocelyn. — *Não* azul céu.

— O azul céu fica adorável com os seus olhos, nada melhor — Jocelyn atirou de volta.

— Nenhum dos dois, acho melhor o branco neve com o bordado Valerian — Esther declarou.

Tudo bem. Eu precisava acabar com aquilo.

— Meninas! — falei em voz alta quando Jocelyn e Alyssa abriram a boca para responder para Ester e todos os olhos se voltaram para mim. — Vocês não precisam bancar as casamenteiras — disse a elas. — Frey gosta de mim exatamente do meu jeito.

Elas olharam para mim, Jocelyn até piscou. Então, Alyssa suspirou.

— O quê?

— Ele saiu de barco, mas quando voltou fizemos um acordo e desde então, tem sido adorável. Nos damos muito bem, eu gosto dele, ele

gosta de mim e, humm... as coisas estão progredindo muito bem — assegurei a elas.

Então, *todas* elas piscaram e me preparei porque, de repente, se aproximaram de mim ao mesmo tempo.

— Ah, Finnie — Jocelyn suspirou, segurando meu braço com força. — Vocês têm compartilhado a cama?

— Pelos deuses — Alyssa inspirou e antes que eu pudesse proferir um único som, estava segurando o meu outro braço, seus olhos sobre Jocelyn —, não posso acreditar nisso. Isto é *maravilhoso*. — Seus olhos azuis, profundos e ansiosos vieram até mim. — Ele é tão hábil como dizem?

— Sei que é — Esther falou, de pé na minha frente, os olhos castanhos dançando. — Ele tomou Viola na sua cama. Você se lembra. — Os olhos dela se moveram de Jocelyn para Alyssa. — Aquela criada, a mais bonita, que serve a mesa da princesa? Ela disse que ele a manteve lá *três dias*, e quando a soltou, ela *não* desejava ir embora.

Meu Deus. Eu estava entendendo direito?

Meu coração começou a acelerar dentro do peito enquanto meu estômago se retorcia.

— Eu sei — Jocelyn sussurrou. — *Todos* sabem. Suas histórias sobre seu variado e *vigoroso* talento me mantiveram aquecida muitas noites depois que as ouvi.

Todo mundo sabe?

— Não esqueça da sua resistência — Alyssa adicionou com um sorriso malicioso.

Resistência?

As três riram.

Tentei bravamente me recuperar do que senti como se fosse um soco no estômago.

Frey tinha transado com uma criada?

Uma criada da *minha casa*?

Durante três dias seguidos?

Mais uma vez, uma criada que trabalhava na *minha casa*?

Quer dizer, que merda era aquela?

— Deuses! — Jocelyn gritou, de repente, e eu pulei. — Água! Óleos! — Ela sorriu para mim e deu um aperto no meu braço. — Mesmo que ele — ela se inclinou, seu sorriso cada vez mais amplo — tenha *gostado* da nossa princesa... esta noite nós vamos lhe mostrar a plenitude da sua beleza.

— Vou providenciar a água — Esther afirmou, saindo.

— Verei onde a Bess está, com o assunto dos baús — Jocelyn murmurou, também saindo.

— Vou passar o vestido azul gelo — Alyssa murmurou, apressando-se para um dos armários.

— Deite-se e relaxe, Finnie — Jocelyn falou, da porta. — Nós vamos cuidar de você. — Ela sorriu abertamente. — É o que fazemos.

Acenei, distraída para ela e, em seguida, me dirigi até a espreguiçadeira. Estava exausta, e não de uma boa maneira.

Isso porque, em primeiro lugar, Frey tinha me deixado em uma cabana de caça quando tinha uma mansão, aparentemente, fabulosa e um chalé um pouco menos fabuloso, mas ainda adorável aonde poderia ter me levado. Sem mencionar uma típica casa no Mar do Inverno, o que quer que isso fosse.

Em segundo lugar, podia entender isso (um pouco), considerando que ele odiava Sjofn, mas não odiava a *mim* e ainda me manteve em sua cabana de caça, onde eu cozinhava para ele, mantinha o lugar limpo e, um dia, lavei suas roupas ensanguentadas, outra das minhas atividades *não* muito favoritas.

Em terceiro lugar, tinha me esmerado nas minhas vestimentas para agradar aos meus pais, e eles sequer tinham me visto sem o manto. Não tive tempo para causar uma boa impressão ou *qualquer* impressão antes de Frey exigir a presença deles (*ele* deu ordens a um *Rei e uma Rainha*, e

eles fizeram a sua vontade, seja lá sobre o que *isto* fosse) e saiu, com eles correndo para acompanhá-lo.

E, agora, estávamos de volta ao meu palácio, mas Frey estava longe, com o meu pai e a minha mãe, sem nenhum toque gentil, uma palavra ou até mesmo um olhar. Minhas criadas eram doces, mas estavam me preparando para um jantar com a minha mãe, meu pai e meu marido em uma mesa que, provavelmente, seria servida por uma garota com quem meu marido havia transado com talentos variados por *três* vigorosos dias.

Senti uma dor de cabeça chegando, não uma de verdade, mas daquelas violentas. Tão violenta que ia me manter de cama por cerca de três semanas.

Talvez quatro.

Infelizmente, esse tipo de coisa provavelmente deixaria minha mãe mais furiosa ainda, já que, claramente, ela não gostava de mim. E o meu pai, igualmente. Mal me disse uma palavra. As poucas das quais ele falou eram agradáveis, mas, mal havia me olhado.

Eu desabei para, em seguida, me enrolar na espreguiçadeira enquanto todas estas coisas passavam pela minha cabeça.

Merda.

Coloquei minhas mãos sob a bochecha, apoiadas no braço da espreguiçadeira, e vi Alyssa desaparecer da sala carregando um lampejo de um cetim azul gelo extraordinário, o qual não pude ver completamente.

Mas era um cetim azul gelo extraordinário que, provavelmente, fazia parte de um vestido fabuloso que, normalmente, estaria ansiosa para ver.

Mas, naquele momento, não estava.

Fechei os olhos, decidindo que precisava de Penelope.

Também precisava descobrir o que a bruxa chamada Agnes queria me dizer com tanta urgência e precisava descobrir por que só de pensar no Frey dormindo com uma das minhas criadas doía muito.

Merda.

Decidi não pensar em por que as façanhas sexuais de Frey me machucavam. Com certeza, seria melhor não pensar nele.

Em vez disso, decidi pensar em um bom banho quente, usar um vestido maravilhoso e, em seguida, colocar um pé na frente do outro até que pudesse realmente fugir com uma pretensa dor de cabeça que me acometeria perto da hora em que estivesse novamente sozinha com meu marido. E essa dor de cabeça seria tão intensa, que ele precisaria me deixar sozinha na minha cama e ir para bem longe, até que tivesse tempo para resolver todas essas merdas.

Capítulo 13

O Drakkar em Ascensão

— Eu não acredito nisso — o rei Atticus sussurrou para a janela preenchida com a noite, e Frey Drakkar tirou seus olhos da expressão abertamente devastada do seu rei para olhar para sua rainha.

A rainha Aurora desviou o olhar de Drakkar, sua expressão oculta, mas o que ele conseguiu ver do seu rosto estava cuidadosamente neutro.

Nem a reação às ações sérias da sua filha foram uma surpresa.

O rei Atticus, muitas vezes, não escondia suas emoções. Ele não precisava. Era o rei e aqueles ao seu redor serviam aos seus caprichos.

A rainha Aurora era outra história.

Atticus se afastou da janela, seus olhos claramente magoados encontrando os de Drakkar e sussurrou:

— Isso é... isso é... esta viagem para outro mundo... é... é semelhante a...

— Traição — Aurora finalizou pelo marido, sua voz fria, sem emoção, e Atticus se virou para a esposa.

— Aurora, meu amor...

Ela o cortou.

— Eu disse a você várias vezes, Atticus, eu *disse* para você não criar nossa menina como — ela se inclinou para o marido — *um menino*.

A mandíbula de Atticus se contraiu.

— Eu *não* a criei como um menino. Ela simplesmente gosta dessas coisas, é a natureza dela, e gosta de estar com o pai ao fazê-las. Mas, mesmo assim, não tem nada a ver com isso e você sabe.

— Não? — Aurora rebateu e cruzou os braços, virando totalmente para enfrentar o marido. — Você sempre quis ter um filho. Sempre. E não tendo um, durante toda a vida, ela foi ensinada por você, como se

estivesse ensinando a um filho, um futuro rei. E isto a ensinou a ser teimosa e a fazer tudo para ter suas vontades realizadas. Ela não espera ter as coisas naturalmente. Estas, meu amor, não são características de uma menina. Seguramente, são características de um menino.

— Aurora — Atticus começou, a cor aumentando em seu rosto, assim como a raiva, mas Drakkar já estava farto.

— Neste momento, essa conversa tem algum propósito? — ele perguntou, e seu rei e rainha olharam para ele. — A princesa Sjöfn fez o que fez e, assim, ela traiu os pais, o que significa que traiu seu rei, sua rainha, seu país, a Casa de Wilde e traiu a *mim*. Tenho certeza de que estamos todos de acordo que esta ação é imperdoável.

Drakkar ficou surpreso ao ver lampejos de dor nos olhos de ambos, embora escondido muito mais rapidamente nos olhos da rainha.

Eles amavam a filha. Mesmo que todo mundo soubesse que isso era verdade no caso de Atticus, aquele lampejo nos olhos de Aurora mostrava que ela se importava profundamente com sua menina, apesar de tentar esconder este fato.

O rei ergueu o queixo para Drakkar em concordância. Os olhos de Aurora desviaram para o chão, sua maneira de mostrar que também concordava.

Drakkar continuou.

— Há mais.

Os olhos da Aurora se moveram de volta para ele. Atticus se aproximou da sua esposa e parou ao lado dela na frente de sua mesa. Uma vez lá, se apoiou com uma das mãos.

— Mais? — Atticus perguntou.

Drakkar assentiu.

— Recebi uma mensagem dos elfos.

Os olhos do casal se arregalaram nitidamente. A tensão que havia na sala, já intensa, aumentou.

— Presumo que estão ainda menos felizes por você ter casado com uma Sjofn de outro mundo — Atticus presumiu erroneamente e Drakkar sabia que o seu rei estava preocupado com os elfos se sentirem incomodados ou, pior, irritados com esta ocorrência. Isto podia significar mais um século de retiro.

E eles, definitivamente, não queriam que os elfos se afastassem novamente.

Não agora.

Não com um Frey e o Drakkar ambos encarnados em um mesmo homem e o que isso podia significar para Lunwyn.

Atticus sabia, pois Drakkar havia usado esse argumento em diversas ocasiões para recusar o casamento arranjado com a filha de Atticus. Ele dizia que os elfos eram contra o arranjo. E ele não estava errado ao supor que seriam violentamente contrários à sua união com uma alma de outro mundo.

— Pelo contrário — Drakkar afirmou. — Eles estão bem satisfeitos.

Atticus piscou. Os olhos de Aurora ficaram ainda maiores e mais intensos.

— Bem satisfeitos? — ela perguntou em voz baixa.

— Os elfos me disseram que a Sjofn que está no andar de cima é a minha verdadeira Noiva de Gelo. Eles eram contra o casamento com a sua filha, mas estão muito contentes que esteja casado com a sua gêmea. Aparentemente, os desejos do Keer se tornaram realidade através da minha Finnie. *Ela* é o meu destino.

— Pelos deuses, homem, como pode ser isso? — Atticus perguntou, incrédulo. — Ela sequer é do nosso mundo.

— Ela carrega o sangue dos elfos, assim como eu — Drakkar o informou. — Dos elfos do mundo dela, mas herdou os olhos e os cabelos dos elfos daquele reino. Por causa disso, vamos consumir o casamento, gerar uma criança e cumprir as exigências do Keer, que o sangue dos

elfos e o sangue do dragão se unam e se sentem, mais uma vez, no trono de Lunwyn por toda a eternidade.

— Isso é... isso é... *chocante* — Atticus ofegou.

— É o destino — Drakkar rebateu.

— Então, claramente, era o destino da nossa Sjöfn tomar sua decisão e, em seguida, colocá-la em ação — Aurora falou suavemente, como fazia com frequência, em uma tentativa de suavizar as circunstâncias das ações que a filha causou, e Drakkar olhou para ela.

— Ela não tinha ideia que a sua partida seria a vontade dos deuses — Drakkar retrucou. — Ela não pensou em ninguém, apenas em si mesma. Também não explicou para a minha Finnie porque estava partindo ou o que ela iria enfrentar no momento da sua chegada. Como lhe disse, a troca foi realizada momentos antes dela deixar este palácio para ir à Morada dos Deuses, para ser vinculada a mim. Sjöfn orquestrou tudo dessa maneira, jogando a minha Finnie em uma situação assustadora para, sem eu saber quem ela era, me comportar de forma a aterrorizá-la. Sjöfn encararia como uma questão de disciplina. Sei porque a Finnie admitiu isso para mim.

Aurora apertou os lábios, e Atticus foi inteligente o suficiente para não falar nada.

— A vontade dos deuses foi feita, mas não foi a Sjöfn da Casa de Wilde que a ajudou ser cumprida — Drakkar declarou com firmeza, e Aurora inspirou delicadamente. Drakkar continuou: — E foi, em parte por essa razão, que ordenei aos elfos para vincularem a minha Finnie neste mundo, o que, por sua vez, liga a sua Sjöfn ao outro. Nenhuma das duas vai voltar para a sua terra natal, nunca mais. E essa ordem é eterna.

Aurora se moveu, descruzando os braços para que pudesse colocar a palma da mão sobre a mesa, uma postura casual que muitos assim entenderiam, mas Drakkar, não. Não havia nada de casual naquilo.

Ela o fez para se segurar diante da súbita dor de perder a filha.

Atticus não escondeu sua reação. Ele se encolheu e seu rosto empalideceu.

Drakkar sentia por eles, mas não sentia muito. Isso aconteceu, porque as ações da Sjofn foram, de fato, repreensíveis, como a traição sempre é. Também porque Sjofn era o que eles criaram como uma eterna criança. E, por fim, porque ele ainda estava furioso com o que a filha deles tinha feito com a Finnie.

— Eternamente? — Atticus sussurrou.

— Os elfos explicaram que, para vincular a Finnie a este mundo, Sjofn teria de permanecer lá, sem nunca poder retornar, e a Finnie nunca mais poderia voltar para casa. Esta é a minha decisão. Foi tomada para cumprir o meu destino e o de Lunwyn. Também decidi isso para punir Sjofn por sua traição — Drakkar confirmou.

— Não vamos vê-la novamente? — Atticus perguntou em voz baixa.

— Nunca mais — Drakkar confirmou.

Marido e mulher se entreolharam, em seguida, olharam para o Drakkar. Desta vez, ambos foram espertos o suficiente para ficarem em silêncio sobre o assunto, pois a decisão de um Frey que comandava os elfos não era questionada.

Mas Aurora falou.

— A sua Finnie — ela disse suavemente —, ela lhe agrada?

— Com certeza — Drakkar confirmou novamente.

Atticus olhou para o teto, em seguida, para o Drakkar antes de perguntar em voz baixa:

— Como é... — Ele hesitou — a sua Finnie?

— Nem um pouco parecida com a sua filha — Drakkar respondeu, Atticus estremeceu e Aurora apertou os lábios. Drakkar continuou. — Ela é frágil. Doce. Sorri bastante, fala demais e nunca tem nada para dizer que não seja interessante. Ela provoca e graceja, e é boa em ambos. É uma excelente cozinheira e tem espírito forte. As pessoas entram

facilmente na sua vida e gostam de estar nela. E ela gosta de viver intensamente, e não esconde isso.

— Você já sente carinho por ela — Atticus observou.

— Seria difícil não sentir, mas nem saberia, porque não tentei — Drakkar respondeu.

Os lábios de Atticus se contraíram e seus olhos brilharam, mas a expressão de Aurora permaneceu fechada.

— Eu sou o Drakkar, e vocês dois sabem o que isso significa — ele disse calmo. — Mas não posso comandar suas emoções. No entanto, lhes peço para conhecê-la com seus corações abertos, mesmo que se angustiem pelos feitos e pela perda da sua filha. Abram-se para a Finnie. Sjofn fugiu deste mundo por razões egoístas. Finnie o procurou por razões totalmente diferentes.

— E você vai compartilhar isso conosco? — Aurora perguntou no mesmo instante.

Drakkar também respondeu no mesmo minuto.

— Os pais dela, seus gêmeos em seu mundo, morreram quando ela era jovem.

— Deuses — Atticus suspirou, o tronco balançando para frente e para trás e até mesmo Aurora endireitou ligeiramente as costas.

Drakkar assentiu.

— Ela ainda chora a perda deles. Sente falta dos dois. Os elfos me disseram que pagou um grande tesouro, e todos nós sabemos que ela assumiu sérios riscos para poder vê-los ou... — fez uma pausa, em seguida, salientou — ver vocês novamente.

Isso mexeu com os dois. Drakkar soube, porque Aurora virou o rosto para esconder sua expressão e Atticus baixou os olhos para as botas, em um esforço para fazer o mesmo.

Drakkar continuou falando.

— Ela desfrutou o seu tempo comigo na minha cabana de caça e teria ficado feliz em permanecer lá, isso eu sei. Mas, uma vez que ofereci

a oportunidade de passar algum tempo com vocês, já estava pronta para sair de um lugar que gostava e uma aldeia onde tinha feito amigos. No entanto, ela carrega grande ansiedade em ver vocês. Só posso supor, não sabendo que ela era quem é, e estando impacientes com a sua filha, vocês devem ter agido assim com a Finnie, no breve tempo que ela ficou na companhia de vocês. Isso que a deixa desconfortável. Mas se não puderem abrir seus corações para deixá-la entrar, então peço que, pelo menos, abram seus corações, para que ela possa mostrar sua bondade. Ela pagou caro e se arriscou muito, simplesmente para passar um tempo com vocês. Desejo que ela tenha e desfrute isso, e olharia com simpatia se o fizessem.

Atticus imediatamente inclinou a cabeça. Aurora se virou lentamente para encará-lo, e regamente ergueu o queixo.

— Vou partilhar mais uma coisa que sei que é verdade. Se vocês abrirem seus corações, ela irá recompensá-los — Drakkar afirmou em tom de voz baixo e viu a mandíbula de Atticus contrair antes de inclinar novamente a cabeça. Aurora acenou mais uma vez. Drakkar acenou de volta e, em seguida, continuou: — Há mais uma coisa que vocês precisam saber.

Atticus inspirou profundamente. Aurora esperou com paciência.

Drakkar falou.

— Ela não sabe que eu já sei de tudo isso. E não vai saber até que eu diga a ela. Vocês vão manter este segredo e se comportarão como se ela fosse a Sjöfn da Casa de Wilde. No entanto, é óbvio que vocês irão adaptar seu comportamento para ela enquanto ganha o seu respeito.

Drakkar encarou os olhares perspicazes do seu rei e da sua rainha quando sua mente retornou para o seu pedido, pois era algo que tinha começado a preocupá-lo.

A princípio, não partilhou o conhecimento dela ter vindo de outro mundo com a Finnie, porque ainda estava se adaptando a isso também. Então, descobriu que seus erros repetidos eram cativantes, sua forma de

disfarçar mais ainda e suas reações às coisas que a surpreendiam, profundamente divertida. Gostava de tudo isso... muito.

Muito mesmo.

O tempo tinha passado, não muito, mas o suficiente para ter ido além do momento em que devia ter compartilhado que sabia de tudo. Agora, se sentia desconfortável, como se estivesse escondendo alguma coisa dela, um segredo importante, tão importante, que manter isso escondido dela se assemelhava a uma mentira.

No entanto, ela havia acabado de testemunhar, na noite anterior, ele e o Thad tirarem vidas. Ela não tinha reagido a isso muito bem e recebeu a notícia da sua vida estar em perigo de maneira ainda pior. Com a ansiedade adicional que estava carregando, de novamente poder passar um tempo com seus pais, agora não era o momento para discutir que sabia sobre ela.

Mas sabia que devia encontrar o momento certo para conversar sobre isso e as palavras para explicar por que não fez isso antes.

E devia fazê-lo em breve.

— Eu não entendo — Atticus chamou a atenção de Drakkar para ele. — Por quê?

— Atentaram contra a vida dela, Atticus — Drakkar explicou. — Ela não é, pelo que eu saiba, uma princesa no seu mundo e, observando-a de perto, vendo seu comportamento imensamente amigável com os outros, isso é verdade, a menos que seja muito diferente no seu mundo. Ela nunca teve nenhuma tentativa de assassinato na sua vida, nem mesmo uma frustrada. Não viu uma vida sequer ser tirada e, em uma noite, viu três. Ela reagiu a isto de maneira negativa e esta reação foi feroz. Ela não é sua filha, não caça, não foi treinada em lutas de espadas, facas ou tiro com arco. Pelo que entendi do seu discurso, comportamento e reações às coisas, seu mundo é infinitamente diferente do nosso. Por exemplo, os animais não falam com os seres humanos.

Os olhos do casal se arregalaram de surpresa com esta notícia incomum, mas Drakkar continuou.

— Ela está lidando muito bem com a frequência que as coisas a surpreendem. Parece que quase tudo ao seu redor é novo ou incomum. Depois que ela se instalar, e espero, depois que descobrirmos quem está por trás da tentativa de tirar sua vida e, ao que parece, a minha, pois os dois primeiros assassinos me tinham como alvo, vou falar com ela sobre sabermos de onde ela vem e vou explicar a ela que vai ficar neste mundo conosco sem possibilidade de retorno.

O rei assentiu e afirmou:

— Foi bom você ter mencionado a conspiração, Drakkar, porque precisamos falar sobre isso. Sua... — ele hesitou antes de tentar falar novamente o nome — *Finnie* pode ser de outro mundo, mas neste mundo ela é minha filha. E a sua vida sofreu um atentado duas vezes.

— Sim — Drakkar concordou, desnecessária e impacientemente com a declaração que já conhecia muito bem.

— Obviamente, não gosto disso, não importa quem ela seja. Meu reino está na balança — Atticus apontou.

— E a vida da minha esposa, Atticus. — Drakkar rebateu, Atticus olhou para sua rainha, mas ela não retornou o olhar do seu marido. O olhar da Aurora permaneceu fixo no Drakkar.

— Verdade — Atticus concordou após olhar para Drakkar. — Então, o que você descobriu e o que foi feito?

Drakkar respondeu rapidamente.

— Ruben interrogou o homem que capturou na noite passada. A pessoa que o contratou é Lunwyniano. — Drakkar observou os rostos do rei e da rainha ficarem tensos diante da notícia que o conspirador não era um estrangeiro, mas continuou falando. — Enviei Quincy e Balthazar para procurá-lo. Eles vão fazer um trabalho rápido, como você sabe. Uma vez encontrado, será trazido até nós.

Atticus assentiu e Drakkar continuou falando.

— Enquanto isso, os homens que não têm que ficar nos navios, virão para Fyngaard. Suponho que você aumentou a guarda no Palácio como pedi?

— É claro. — Atticus cruzou os braços e se apoiou contra a mesa. — Foi redobrada.

— Excelente — Drakkar murmurou, em seguida, prosseguiu. — Meus homens vão ficar em Fyngaard para aumentar a vigilância sobre a Finnie. Ela não pode deixar este Palácio, nem mesmo para ir aos jardins a menos que esteja na minha presença ou que tenha, pelo menos, quatro dos seus guardas e quatro dos meus homens com ela direto, assim como verificando o perigo que possa se aproximar.

— Isso parece excessivo — Aurora pontulou em seguida. Apontou uma mão graciosa de uma forma estranha, assim como Finnie fazia. — Esta é Fyngaard.

— E foi sobre os degraus desse Palácio que um assassino foi derrubado por uma adaga da sua filha, não foi? — Drakkar respondeu e viu os dentes de Aurora apertarem.

Atticus se intrometeu.

— Isso é verdade, Drakkar, mas os Fyngaardianos são sofisticados e cultos. A duplicação da guarda do rei e os homens do Drakkar vagando pela cidade irão causar desconforto. Eles não estão acostumados a isso. Especialmente se a sua Princesa do Gelo vagar pela própria cidade sob forte vigilância. Normalmente, ela anda livremente e sua guarda, quando não tinha necessidade de ter uma — afirmou, desta vez, incapaz de esconder o orgulho —, nunca foi excessiva.

— Eles podem ter a guarda, meus homens e uma princesa segura ou podem ter as regras de Baldur — Drakkar cortou. — Qual você acha que eles iriam escolher?

Atticus fechou a boca.

Drakkar prosseguiu e, quando o fez, sua voz era baixa.

— Vou lembrá-lo, para ter certeza de que você nunca vai esquecer. Finnie não é a Sjofn. Ela nunca participou de caçadas. Não derrubou inúmeros cervos e outros animais selvagens. Na verdade, a visão de um cervo morto quase a fez vomitar. Não carrega uma adaga com ela em todos os momentos e se o fizesse, não teria ideia de como usá-la. Sua filha provou que podia se defender e a sua guarda entendeu isso antes mesmo dela provar que, em tal caso, podia cuidar de si mesma. — Ele fez uma pausa para retornar ao seu argumento. — Minha Finnie *não pode*.

— Nós entendemos, Drakkar — Atticus respondeu, sua voz baixa, mas, também, apaziguadora.

Drakkar olhou para Aurora antes de voltar a se concentrar no seu rei.

Em seguida, disse o que tinha chamado os dois para ouvir, o que ambos precisavam entender e o que precisavam repetir nas orelhas certas até que as palavras varressem Lunwyn e, de fato, a totalidade dos seus habitantes.

— Na verdade, acredito em você, mas você deve entender uma coisa. Jurei à minha Finnie que nada vai machucá-la, nada sequer vai tocá-la, e que vou me manter a salvo. — Ele se inclinou, aproximando-se alguns centímetros do seu rei, quando concluiu. — Se ela vier a sofrer algum dano, até mesmo se ela for *tocada*, vou me impor instantaneamente e o dragão vai se levantar.

Até mesmo Aurora inspirou ruidosamente enquanto os olhos de Atticus se arregalavam e seu rosto empalidecia.

— Drakkar — Atticus iniciou, seu tom agora francamente conciliatório, mas Drakkar balançou a cabeça.

— Vou chamar o dragão, Atticus, prometo a você, vou convocar todos eles. Vão varrer esta terra ao meu comando e eu vou ter o seu trono. Você sabe que não desejo isso, mas vou fazê-lo e o fogo dos meus dragões vai derreter cada floco de neve e cada camada de gelo em toda esta terra e, com isso, tudo em seu caminho. Vão fazer isso como

vingança por qualquer dano causado à Finnie. Se você não fizer tudo em seu poder para se assegurar que a minha esposa esteja segura, independentemente de não ser mais a filha que tem o seu sangue nas veias, o que significa que uma criança sem o seu sangue acabará por se sentar no seu trono, vou convocar o dragão. Não vou hesitar. Juro para você.

— Você foi ouvido, Drakkar — Atticus sussurrou.

— Se assegure de que as pessoas certas ouçam também — Drakkar respondeu.

Atticus assentiu.

Os olhos de Drakkar se moveram para Aurora, e ela o observava de perto, mas não demonstrava nada.

Mas sabia que ela o ouviu também. Aurora sempre ouvia. Havia transformado o ato de ouvir em uma arte.

Ele se endireitou e acenou para os seus soberanos por nome, mas não por direito, em seguida, se virou para sair, murmurando:

— Terminamos. Estou saindo para tomar banho e, em seguida, ver a minha esposa.

Tinha quase alcançado a porta quando Aurora chamou seu nome.

Ele se virou e olhou para ela.

— Sua... — ela também hesitou antes de dizer suavemente — *Finnie*. Como foi que os pais dela morreram?

— Eu não sei — Drakkar respondeu. — Os elfos não me disseram.

Ela assentiu, e ele começou a se virar novamente quando ela o chamou mais uma vez, então ele parou e levantou as sobancelhas em um sinal claro de impaciência.

— Ela veio para... — outra pausa, em seguida, falou com uma voz muito suave — um outro mundo só para... — ela inspirou ligeiramente — vê-los?

— Com certeza — Drakkar respondeu. — E, fazendo isso, ver vocês — ele esclareceu.

Aurora sustentou seu olhar. Em seguida, observou com calma:

— Ela deve tê-los amado muito.

— Não — afirmou Drakkar. — Nos últimos dias, quando conversei com ela sobre vocês, qualquer menção, mesmo de passagem, aos seus nomes, seus olhos se iluminaram, as bochechas ficaram rosadas com entusiasmo, sua atenção, sempre ávida, ficava mais intensa. Ela não amava muito os pais dela, minha rainha. Eles eram o seu mundo. E ela partiu daquele mundo para vê-los de novo. Isso é algo além do amor, mas não sei o que é. O que eu sei é que eles devem ter sido notáveis para merecer essa devoção.

Aurora continuou olhando para ele e quando o fez, lhe mostrou algo que nunca havia mostrado para ninguém, nem mesmo seu marido.

Mostrou vulnerabilidade.

Drakkar observou a rainha Aurora morder os lábios enquanto seus olhos ficaram cheios de lágrimas não derramadas. Em seguida, relaxou os lábios e engoliu, piscando, e o brilho nos seus olhos desapareceu.

Então, disse baixinho:

— Estou ansiosa para conhecer a sua Finnie, Drakkar.

— Posso garantir a você, vai conhecê-la — Drakkar respondeu calmamente, abaixou a cabeça para ela e para o seu rei, em seguida, saiu da sala.



Banhado e vestido para o jantar, Frey andou pelo corredor até a porta dos aposentos que ia compartilhar com sua esposa, a fim de ter um breve momento com Finnie antes de acompanhá-la para o jantar.

Estava contemplando agradavelmente em como passaria aquele breve momento, quando virou a maçaneta e entrou em seus aposentos.

Deu dois passos, viu a esposa e parou.

Finnie estava sentada em uma poltrona do outro lado quarto enorme, com os joelhos apertados contra o peito, um cobertor branco enrolado em volta dela e sua gata Penelope enrolada em uma bola na poltrona, perto do seu quadril. Sua cabeça estava inclinada sobre um livro, o cabelo loiro platinado tinha sido enrolado em um monte de ondas e cachos que caíam sobre as suas costas, mas tinha sido puxado para cima, dos lados, por presilhas de joias. Seu rosto estava maquiado de uma forma que conseguiu ter sucesso no que, olhando para ela, Frey teria pensado que fosse uma tarefa impossível, melhorar sua beleza já significativa e pôde vê-la usando um decote ainda mais generoso que o normal, vindo de um vestido azul gelo cintilante que enfatizava sua tez e sua coloração.

Tudo isso era tão extremo que teve que parar, sem ar, para dar a si mesmo a chance de observá-la.

Sua cabeça se ergueu e seus olhos, lentamente, se viraram para ele e quando a plenitude da sua beleza o acertou, Frey considerou ignorar o jantar por completo. Enquanto considerava isso, decidiu que, mais tarde, muito mais tarde, eles podiam pedir para enviarem alguma comida para o quarto.

Esta ideia fugiu da sua mente quando ela disse suavemente, ainda que, com indiferença:

— Ei. Você voltou.

Então, voltou para o livro.

Essas ações deixaram Frey congelado por um motivo completamente diferente quando estudou sua esposa e seu comportamento e registrou um tom que ela nunca havia usado e que não se parecia com o jeito dela.

Fechou a porta e entrou no quarto, dizendo:

— Seus pais gostariam que nós os encontrássemos para uma bebida antes de nos sentarmos para jantar.

Ela levantou a cabeça e o olhou por um breve momento, sem indicar nem mesmo um toque de emoção diante da ideia, antes que desviasse os olhos, assentisse e, em seguida, estendesse a mão para pegar uma fita para colocar no livro. Ela fez isso, o fechou, o colocou na mesa ao lado da cadeira e, em seguida, cutucou Penelope gentilmente, que deu um sonolento e perturbado “miau”, antes de saltar para o chão.

Frey parou a poucos centímetros dela enquanto ela jogava o cobertor de lado e ficava de pé, evitando contato visual. Em seguida, tentou escapar, se desviando e passando por ele.

Ele esticou o braço no mesmo instante para segurá-la pela cintura e puxá-la para a frente, o outro braço se erguendo para mantê-la ali.

Sua cabeça inclinou para trás, para olhar para ele, que sentiu o estômago contrair quando viu um vazio que combinava muito mais com sua mãe deste mundo do que com a sua Finnie.

— Há algo errado, pequena? — perguntou, e ela balançou a cabeça.

— Só estou cansada e com fome — ela mentiu, novamente olhando para longe e se retorcendo para sair dos braços dele.

Eles a apertaram e os olhos dela voltaram para ele.

— Perguntei o que estava errado, Finnie — ele falou em voz baixa.

— E eu disse a você. Estou cansada e com fome — mentiu mais uma vez. — Podemos jantar?

— Em um minuto — Frey declarou, ela respirou fundo e soltou o ar. Mantendo o seu olhar, esperando. Então ele perguntou: — Qual é o problema?

O corpo dela ficou tenso em seus braços e suas sobrancelhas se ergueram com irritação.

— Frey, já *disse* a você. Estou cansada e com fome.

— Não é isso — ele respondeu.

— Sim, é — ela retrucou.

— Você está mentindo, esposa — declarou, e ela piscou e suas bochechas coraram e seus olhos brilharam.

— Você acabou de dizer que eu estou mentindo? — ela sussurrou.

— Disse, porque está — afirmou.

Seu cenho franziu e a irritação cresceu visivelmente.

— Não estou e, de qualquer maneira, se estivesse, você não me conhece o suficiente para saber.

— Você está escondendo alguma coisa — Frey disse a ela —, e gostaria de saber o que é.

Ela se debateu contra os braços dele, mas não estava nem perto o suficiente de se libertar. Foi inteligente o suficiente para desistir antes de retrucar:

— Não estou escondendo nada.

— Esposa — ele lhe deu um aperto suave —, vi você cansada, com fome, cansada e com fome. Você não perde a luz nos olhos ou a alegria que mantém no rosto mesmo quando está com um, outro *ou* ambos. Você está escondendo alguma coisa e gostaria de saber o que é.

Ela olhou para ele, mas não falou.

Ele adivinhou.

— Você está nervosa por causa do jantar com os seus pais?

Ela semicerrou os olhos e perguntou:

— Por que eu estaria nervosa? Eles são meus pais. Nós já tivemos milhares de jantares.

Esta era uma mentira enorme, embora ele deixasse essa, em particular, passar.

— Tudo bem, se você não está nervosa sobre os seus pais, o que não está me contando?

Foi então que declarou, não com uma pequena quantidade de raiva.

— Tudo, Frey, na verdade, *estou* escondendo alguma coisa, e é uma coisa *minha* para esconder, e você pode ser um cara grande e forte,

mas se eu tiver algo na minha cabeça que não desejo compartilhar, não tenho que compartilhar. Então, engula isso, porque *não* vou compartilhar. Tudo bem?

— Engula isso? — ele perguntou com a voz baixa.

— Aceite isso ou... — Ela balançou a cabeça em sinal de frustração enquanto procurava palavras de ambos os mundos que ele pudesse entender. — Eu não sei. Você vai ter que lidar com isso.

Ele aproximou o rosto mais ainda do dela e disse com cuidado:

— Minha pequena Finnie, não gosto que você esconda nada de mim.

— Caramba — ela respondeu de imediato e a cabeça dele recuou quando viu novamente aquele lampejo em seus olhos. E, de repente, entendeu o que significava aquilo.

— Você está com raiva de mim? — Frey perguntou.

— Não — ela mentiu novamente.

— Deuses — ele olhou fixamente nos seus olhos irados, mas ainda belos —, está. Você está com raiva de mim.

— Já disse que não estou, Frey.

— Você está mentindo novamente, Finnie. Posso ver nos seus olhos, sua raiva é muito clara e você não consegue escondê-la. O que, pelos deuses, eu gostaria de saber foi o que fiz para merecer isso. Não estive fora nem por duas horas.

Ela olhou para ele e manteve a boca fechada.

— Finnie, não vamos descer até que você me diga. Vamos nos atrasar para nos encontrar com seus pais.

Foi quando as faces dela coraram, seus olhos brilharam e o queixo contraiu. Antes que pudesse controlar as palavras, despejou:

— Por mim, tudo bem. Basta chamar minhas criadas e solicitar que me tragam a refeição. Talvez, se você tiver sorte, *Viola* vai trazê-las.

Putá merda.

A droga das criadas tinham falado.

— Finnie...

— Me solte, Frey — ela exigiu, empurrando os braços dele com as mãos.

— Esposa, olhe para mim — ordenou, ela o fez e ficou calada.

De repente, perdeu o controle e gritou:

— *Eu disse para me soltar!*

Diante da sua explosão, Frey sentiu seu temperamento aflorar e, em seguida, grunhiu.

— Calma, esposa.

Ela parou de empurrá-lo e olhou para ele.

— Sei o que você fez com ela. Três dias, não foi? Isso é bastante tempo. Sei que você o faria. Talvez devesse falar com meus pais sobre mandá-la embora. Isso seria bom para você?

Droga!

Aquelas *abomináveis*, fofoqueiras e malditas *criadas*.

— Finnie...

— E então? — ela o interrompeu com a pergunta.

Foi então que ele respondeu, talvez, não de forma inteligente.

— *Como você sabe*, esposa, o Palácio de Inverno é *seu*. Você vive em Fyngaard. Os seus pais residem em seu castelo em Snowdon e voltam aqui para se preparar para o Gales. A adorável Viola é *sua* empregada e se é seu desejo mandá-la embora, então, você tem todo o direito de fazê-lo.

— Vou providenciar isso sem demora — ela respondeu com veemência.

— É um direito seu — ele atirou de volta e continuou, mas, definitivamente, sem inteligência alguma — apesar de que seria uma pena perder seu charme servindo a mesa.

Ela ficou completamente imóvel nos seus braços, mas a cor fugiu das suas bochechas enquanto a dor brilhava em seus olhos.

Deuses, que droga!

— Você não acabou de dizer isso — ela sussurrou.

Ele tentou se aproximar, mas as mãos dela foram instantaneamente para o seu peito para mantê-lo afastado.

— Finnie, meu amor, esta discussão é ridícula. Isso foi há anos. Ela é uma criada. Apenas uma criada. Não significou droga nenhuma. Elas nunca significam.

Embora não tivesse certeza, uma mulher do seu mundo, uma princesa e especialmente Sjöfn da Casa de Wilde, entenderia que um homem como ele faria sexo livremente com uma garota como Viola, sem hesitação ou vergonha, mas, aparentemente, as mulheres do mundo de Finnie não achavam a mesma coisa e ele compreendeu que era claramente a coisa *errada* a dizer. E descobriu isso porque ela baixou os belos olhos, ignorando-o, e respondeu calmamente:

— Me deixe ensinar uma coisa para você, Frey. Se foi há anos ou ontem. Se foi com uma criada ou uma duquesa, para a sua esposa não importa o que você pensa dela ou o que você acha que ela pensa de você. Isso significa tudo. Agora, me solte, porra. Me solte para poder ir jantar com os meus pais.

A palavra feia que ele não entendeu, mas que enfatizou tão sucintamente o levou a soltar seus braços, e ela imediatamente se afastou, em seguida, não tardou a caminhar diretamente para a porta. A abriu, parou diante dela, se virou para ele e falou:

— Você vem?

Ela precisava dele para guiá-la até a sala de jantar pois não tinha a mínima ideia de onde estava indo e não queria que ele soubesse disso.

E, de repente, seu jogo o irritou, mas Frey atravessou o aposento até sua esposa. No entanto, quando chegou lá, fechou a porta silenciosamente.

Ela se virou para ele, então inclinou a cabeça para trás para olhar nos olhos dele.

Ele ergueu a mão para segurar o seu pescoço e se inclinou, até seu rosto ficar perto do dela.

— Nós vamos terminar essa discussão depois do jantar — ele disse, suavemente.

— Não, não vamos — Finnie retrucou imediatamente, a voz estalando e chicoteando o seu temperamento já desgastado num piscar de olhos, fazendo-o perder o controle, apertar o seu pescoço e se aproximar ainda mais.

— Sim, esposa, vamos. — Os dedos novamente apertaram o pescoço dela, ele ficou ainda mais próximo e sua voz era um grunhido baixo quando decretou: — Vamos terminar uma série de coisas inacabadas entre nós depois do jantar.

Os olhos dela se arregalaram, seu rosto empalideceu e seus lábios entreabriram.

Ela o entendeu.

Ele a soltou, abriu a porta, pegou a mão da sua mulher e a puxou para o corredor. Depois, ele a arrastou para baixo, os passos largos e com raiva. Enquanto fazia isso, pensou que o jantar com os pais dela ia ser interessante.

E ia ser longo.

Muito longo.

la fazer com que terminasse o mais rapidamente possível.

Ele e sua esposa tinham coisas muito mais importantes para fazer.

Capítulo 14

Durma Bem, Esposa

— Tive uma ideia maravilhosa — meu pai anunciou enquanto deixávamos a sala de jantar, após terminarmos um suntuoso jantar composto por cinco pratos que estava pesando no meu estômago. — Vou pedir para trazerem um trenó e vamos até o Esmeralda's tomar uma caneca de chocolate quente, a bebida que a minha Sjofn tanto ama.

Achei que era uma *ótima* ideia, principalmente porque tanto a minha mãe quanto o meu pai estavam agindo com muito mais paciência e até mesmo sendo gentis comigo, embora estranhamente cuidadosos. Acho que os fiz pensar como as coisas iam comigo e com Frey.

E eles deveriam imaginar, já que não falei com ele (absolutamente nada) e mal olhei para ele durante todo o jantar, exceto para fuzilá-lo com os olhos quando ele pediu especificamente para a Viola servi-lo.

Sim, ah, sim, ele fez exatamente isso.

O idiota filho da mãe!

E, a propósito, Viola era *muito* bonita e não se parecia *nada* comigo.

Argh!

Também achei que era uma ótima ideia, porque isso significava que demoraria mais a ficar a sós com Frey, algo que eu *não* queria, porque estava certa que não poderia estrangulá-lo até a morte, mas se tivesse sorte, poderia dar um chute certo, e se eu o chutasse tão forte quanto queria, poderia significar o fim das esperanças de todos que ele proporcionasse um futuro rei.

Também achei que era uma ótima ideia, porque uma caneca de chocolate quente ia cair muito bem, independentemente de o jantar ainda pesar no meu estômago (como todos já sabem, chocolate, de qualquer

forma parece bom, não importa de que jeito) e um lugar chamado Esmeralda's soava digno de exploração.

Abri a boca para concordar com esta ideia, mas o meu marido idiota filho da mãe falou antes de mim.

— Receio que não, Atticus. Finnie explicou que estava cansada ao se juntar a nós para o jantar. Agora, acho que é melhor eu e a minha esposa nos retirarmos.

Me virei para ele, tensa, e inclinei a cabeça para trás, fuzilando-o novamente com os olhos.

Ele olhou para mim, completamente insensível ao meu ataque mental, em seguida, cruzou os braços.

— Compreensível, Drakkar — meu pai murmurou. Senti ele se aproximar de mim enquanto continuava a murmurar. — Foi um longo dia para vocês dois.

Eliminei os vestígios de emoção do rosto, me virei para ele e dei um sorriso, que esperava fosse parecido com um sorriso de verdade quando ele se inclinou e beijou meu rosto distraidamente.

Mas quando seus lábios roçaram a minha pele, senti o seu toque como se fossem lasers. Fechei os olhos diante da aflição deliciosa e os mantive fechados enquanto a memorizava.

Ele se afastou e abri os olhos, vendo a minha mãe olhando para mim, a pele ao redor dos olhos e da boca suave, sua expressão, entretanto, estava neutra, mas podia afirmar que ela estava pensando, só não sabia o quê.

Ela se virou e me preparei porque, embora ela tivesse sido agradável durante o jantar, não sabia o que esperar. Mas nunca esperei que ela fosse me dar um caloroso, embora muito curto, abraço e dissesse para mim:

— É tão maravilhoso ter você de volta, minha querida.

Sem mais delongas, enquanto minha mente se segurava à sensação dos seus braços em volta de mim, deram ao Frey um boa noite

muito menos familiar, mas ainda relativamente amigável, porém, cautelosos (viu? Muito estranho) e saíram.

Eu os observei partir.

Maravilha.

Frey segurou a minha mão e começou a me arrastar para as escadas.

Maravilha de novo!

Eu permiti, porque não ia lutar com ele onde criados, como *Viola*, podiam ver. Permitted porque era indigno brigar e minha mãe havia me ensinado a nunca perder a dignidade e essas coisas todas. Mas eu *era* uma princesa neste mundo, *então* era imperiosamente necessário manter a postura, já que todos sabiam que princesas deviam se esforçar para manter a dignidade. E, por fim, permiti, porque era um pé no saco, mas sabia que se lutasse, eu *perderia*.

Ele me arrastou até as escadas, direto para os meus aposentos, atravessamos a porta e ele a fechou atrás de nós, em seguida, inclinou-se contra ela, os braços cruzados.

Já tinha dado vários passos quando me virei para ele e, vendo-o acomodado, cruzei *meus* braços.

E falei:

— Receio que depois de viver uma vida simples por quase dois meses, toda essa comida requintada e o vinho tenham me feito mal, marido — informei a ele, o queixo erguido e os ombros retos. — Apesar de ter sido *servida* com grande habilidade — vi seus olhos incendiarem quando captou seu significado, ainda que fosse difícil não captar —, não está assentando bem no meu estômago. Agradeço por me deixar dormir e ir para os seus próprios aposentos... — fiz uma pausa, em seguida, finalizei — *imediatamente*.

Um músculo pulsou em sua mandíbula de forma assustadora antes que ele respondesse com uma voz baixa e mortal:

— Você é minha esposa, Finnie. O que é seu é meu, e isso inclui a sua cama.

— Tudo bem — retruquei imediatamente —, no entanto, hoje à noite, considerando que me sinto mal e este lugar é gigantesco e *densamente* povoado, tenho certeza de que, por minha causa, você vai conseguir encontrar um outro lugar para dormir. Ou talvez *não* dormir, dependendo da cama de quem você caia.

Aquele músculo tremeu de novo, o que me assustou muito, principalmente porque a atmosfera no quarto estava sufocante pelo calor da ira de Frey, mas a ignorei e encarei seus olhos.

Demorou bastante tempo, e eu estava prestes a desistir e desviar o olhar quando ele falou de novo com aquele tom baixo e letal.

— Vou levar algum tempo para explicar algumas coisas para você, esposa. E vou aproveitar esse tempo para tirar esse vestido elegante que você está vestindo e *finalmente* descobrir o que você usa debaixo dele. Depois vou tirar o que você usa debaixo do vestido para *finalmente* ver a totalidade dos seus encantos. E depois, posso ou não demorar para, finalmente, *apreciar* na íntegra esses encantos.

Senti meu peito inchar com o pânico, mas mantive a minha posição, sustentei o olhar dele e mantive minha boca fechada.

— Eu sou Frey Drakkar — anunciou ele, de forma estranha, mas sua voz era pesada. — E você sabe disso, Finnie, *você sabe* — ele ressaltou, os olhos faiscando de raiva, sua voz retumbando —, mas vou explicar o que isso significa.

Ah, Deus!

Tive o pressentimento que isto não ia ser bom.

Ele continuou falando:

— Não existe um Frey de Drakkar há séculos. Nos tempos antigos, a cada geração, nascia um Frey. Até que um Frey traiu os elfos, traiu sua linhagem e traiu seu país. Os elfos se retiraram para seu reino subterrâneo, sem serem vistos por séculos. Isso permaneceu assim até o

meu nascimento, na Casa de Drakkar e as declarações dos Vallees que eu era, de fato, o primeiro Frey em setecentos e cinquenta anos.

Eu não tinha ideia do que ele estava falando, mas ainda estava chocada porque, obviamente, isso parecia importante, sem mencionar, interessante.

— Mas os Vallees não se limitaram a me declarar o Frey. Eles também me declararam o Drakkar.

Mantive o olhar preso ao dele e a boca fechada, esperando que, a despeito de mim mesma, ele continuasse, porque *ainda* não tinha ideia do que ele estava falando.

Felizmente (ou infelizmente, dependendo de como você olhava para isso). Frey continuou:

— Esta terra e a Casa de Drakkar não tiveram um Drakkar por mais de mil e quinhentos anos.

Humm...

Isso, obviamente era importante e interessante também.

Frey continuou falando:

— E o Frey e o Drakkar não são incorporados no mesmo homem desde *antes* dos tempos antigos. Os deuses... eles aprenderam a não fazer isso. Tornaria um homem muito poderoso. Mesmo se esse homem usasse bem o seu poder, seria mais poderoso do que eles.

Foi então que inspirei e segurei a respiração.

Meu Deus.

Não sabia o que aquilo significava exatamente, só sabia que era grande.

— Como você sabe, o Frey comanda os elfos, mas o Drakkar, minha pequena esposa, é quem comanda os dragões.

Soltei a respiração, mas não conseguia parar de arregalar os olhos.

Dragões?

Frey continuou:

— Há mais de mil e quinhentos anos, após o último Drakkar morrer, os dragões entraram em suas cavernas no alto das montanhas, que ninguém consegue escalar. Eles entraram, dormiram e aguardaram a chamada do seu Drakkar. Essa chamada não veio, pois não houve um Drakkar nascido na minha casa. Não até eu nascer.

Agora eu estava respirando com dificuldade e olhando para ele, porque não conseguia afastar meus olhos.

— A magia dos elfos é poderosa, muito poderosa, mais do que qualquer bruxa em qualquer terra. Mais do que os poderes combinados das bruxas mais talentosas de todas as terras. Mas os dragões... o seu poder é imensurável. Eles são imortais. Suas escamas não podem ser perfuradas. Suas garras são mais afiadas do que navalhas e não podem ser quebradas. Seus dentes, chifres e as pontas em suas caudas contêm veneno, que podem liberar ao seu comando, um veneno tão forte que uma gota derrubaria um elefante em segundos. E sua cauda carrega tanta força que uma pancada cortaria o seu palácio em dois, deixando estilhaços em seu rastro. Eles são maiores do que uma casa, e atravessam os ares. E eu sei, minha Finnie, sei que você sabe sobre as lendas do calor do fogo que exalam.

Continuei respirando com dificuldade, não era fogo, mas meus pulmões queimavam, e continuei olhando para ele, sem mover um músculo.

Mesmo que dissesse que eu sabia, ele explicou de qualquer maneira.

— Esse calor incineraria um homem em menos de um segundo. Ele derrete ferro como cera de vela. Pode remodelar montanhas.

Ah.

Meu.

Deus!

— E tudo isso, minha pequena esposa, *tudo* está sob o meu comando.

Ah.

Meu.

Deus!

— O Frey que traiu os elfos também traiu seu trono, outra coisa que você sabe. Ele traiu seu trono, e Lunwyn virou uma confusão. Guerras foram travadas. Inúmeros homens, mulheres e crianças morreram. Nossa bela Lunwyn caiu no caos por séculos enquanto o trono passava de casa em casa, até que, finalmente, a Casa de Wilde o assegurou, há dois séculos. Mas o direito a esse trono, em todas as terras conhecidas, é de um — ele se inclinou ligeiramente para a frente — *Drakkar*.

Certo, podia-se dizer que isto não estava ficando melhor.

Frey continuou:

— E o Drakkar sentado nesse trono seria o Frey, *mas* definitivamente o Drakkar. Isso significa, esposa, que seu pai é rei e você é princesa pelo *meu* desejo. Se eu tomar o trono do seu pai, a grande maioria do próprio exército do seu pai ou baixaria as suas espadas ou as levantariam para lutar por *mim*.

Sim, definitivamente não estava ficando melhor.

Ele se inclinou para trás e continuou:

— No entanto, eu não desejo essas obrigações. Mas eu sou Frey, eu sou o Drakkar, mas mesmo que eu não fosse, eu sou da Casa de Drakkar, uma linhagem aristocrática que remonta a tempos mais antigos do que qualquer outra. Mas, mesmo que não fosse assim, somos *aristocratas*. Eu não sou apenas um homem nobre, eu sou o homem nobre, Finnie. E nesta terra ou em qualquer outra, um nobre faz o que ele deseja *com quem* ele deseja, sem remorso, sem vergonha e sem nenhuma *pergunta*.

Foi então que *eu* me inclinei para trás, mas fiz isso violentamente, como se ele tivesse me atingido.

Ele notou, seus olhos semicerraram, mas não cedeu.

Eu soube disso quando ele falou em voz baixa:

— Mesmo que essa pergunta venha da *sua esposa*.

Permaneci imóvel e olhando para ele.

Sua voz ficou mais calma quando declarou:

— Mas você não era minha esposa naquela época, Finnie. Eu mal conhecia você, mas o que eu sabia sobre você... — ele hesitou, em seguida, disse. — Nós não nos dávamos bem. Aquela mulher é uma criada e posso ver que você tem sua maneira de tratar as pessoas com igualdade, mas ela *não* é uma igual. Ela é uma criada, sou um aristocrata, ela sabe o lugar dela, e eu nasci para o meu.

Engoli em seco.

Frey continuou falando:

— Nenhum nobre tomaria qualquer mulher contra sua vontade. Se ele o faz, não é nobre e será despojado da sua bandeira e da proteção da sua casa. Mas eu não a tomei contra sua vontade. Eu me diverti com ela, e ela comigo...

Foi quando levantei a minha mão e sussurrei:

— Pare de falar.

Ele assentiu e se afastou da porta, dizendo:

— Você deve entender isso, esposa.

— Eu entendo. — Dei um passo para trás quando ele começou a avançar. — Entendo perfeitamente. Você pode parar de falar.

Frey continuou a avançar enquanto continuou falando:

— Há homens que se comprometem em honrar suas esposas, e eles o fazem, porque suas esposas lhes dão uma razão para isso. — Me movi para trás enquanto ele continuava vindo até mim. — Pode ser que você me dê essa razão, e nós avançaremos para este tipo de casamento — afirmou, e continuei recuando enquanto ele continuava se movendo na minha direção.

E fiz isso olhando para ele em choque e, tenho que admitir, não sem uma pequena quantidade de desespero.

Avançar em que tipo de casamento?

— Mas o que eu faço, Finnie, e com quem eu faço, não é da sua conta, seja ela criada ou duquesa. Estou explicando isso pacientemente para que, da próxima vez que você ouvir algo assim, não me mostre o mesmo desrespeito que mostrou à mesa com os seus pais, não dirigindo uma palavra para mim e desviando os olhos dos meus.

Da próxima vez?

Encostei na parede, e Frey se chocou comigo, seu corpo invadindo o meu espaço, as mãos grandes envolvendo minha cintura, a cabeça inclinada para baixo para que os seus olhos continuassem mantendo os meus aprisionados.

— Você... — comecei, pigarreando para tirar o nó que de repente ficou entalado na minha garganta e continuei —, na noite passada, você me disse que a medida de um homem é o modo como ele cuida da sua esposa.

Sua sobrancelha se ergueu, e ele concordou.

— Falei.

— Então — sussurrei —, o que se pode dizer sobre um homem que leva a sua noiva para uma cabana imunda, a larga lá sozinha para cuidar de si mesma, retorna e mostra para ela sua gentileza e bondade, pelas quais, aliás, ela praticamente teve que implorar, para, em seguida, trazê-la para casa só para fazê-la se sentar à mesa e observar enquanto sua ex-amante lhe serve comida? Me diga, Frey, qual é a medida desse homem?

Seus dedos apertaram minha cintura, e ele sussurrou de volta:

— Pensei que íamos chegar a um entendimento, você e eu, sobre o que estava no passado e que íamos nos mover em direção ao nosso futuro.

— Eu também — respondi. — Mas, aparentemente, eu estava errada.

Realmente errada.

Dolorosamente errada.

Suas mãos deslizaram até descansar sobre as minhas costelas e novamente ficaram tensas quando ele começou:

— Finnie...

Mas eu o cortei.

— Você deixou a Finnie para trás, na sua cabana de caça, Frey. Aqui, sou a princesa Sjöfn para você. Mas não se engane, marido, você a deixou lá. Eu estava disposta a trazê-la conosco, mas agora ela se *foi*.

Seus olhos brilharam e suas mãos deslizaram, apertando as minhas costelas, quando ele grunhiu.

— Esposa.

— Cuidado com as mãos, Frey — sussurrei. — Um nobre não toma uma mulher contra a vontade dela.

Isso fez com que eu ganhasse outro aperto antes que ele declarasse:

— Vejo que você está tendo um acesso de raiva por eu me deitar com uma criada, ao mesmo tempo que ameaça ficar longe de mim. Isso faz sentido para você?

— Absolutamente — respondi. — Porque mais cedo, você veio até mim, maculou o que eu tinha aprendido sobre você e me mostrou que era o tipo de homem que se sentia livre para me humilhar na minha própria casa. *Então*, nem uma hora mais tarde, você *mais* que me humilhou, ao mesmo tempo que esfregou no meu nariz exatamente o que estava me magoando. Durante cinco dias, você se preocupou, do nada, em me convencer que é um homem bom, um homem prestativo e gentil, mas sei que nunca se deve esquecer o que o meu pai enfiou na minha cabeça por anos, que as primeiras impressões nunca mentem e você pode comandar o poder dos elfos e dragões, mas você não é nem um pouco esse tipo de homem.

Seus olhos brilharam de novo e, se os li bem, ele parecia ainda mais irritado do que antes.

Na verdade, enfurecido.

— Me diga que você estava brincando — ele respondeu, então as *minhas* sobrancelhas se ergueram.

— Por que eu ia brincar com isso?

Seus dedos cravaram nas minhas costelas e seu rosto chegou tão perto que era a única coisa que eu conseguia ver.

— Foi *você* que eu humilhei, Finnie? Fui tratado com esse comportamento por você hoje à noite devido à *sua* mágoa?

Prendi a respiração e olhei nos olhos dele.

Bom Deus! Ele sabia que eu não era Sjofn?

Ele não podia saber. Não era possível.

Era?

Enfrentei seus olhos, e ele encarou os meus sem piscar, mas parecia que ele estava esperando que eu dissesse alguma coisa.

Quando não o fiz, de repente, Frey me soltou, se virou e caminhou até a porta, dizendo:

— Antes de me juntar à Viola, que sei que me dará o prazer que eu deveria estar recebendo da minha esposa, vou mandá-la trazer algo para o seu estômago.

Esse estômago se contraiu fisicamente, pressionando minhas costas contra a parede, como se eu tivesse sofrido um golpe físico.

Ele abriu a porta e deu um passo para fora, mas parou, se virou e me queimou com uma daquelas carrancas ferozes que eu tinha esquecido que podiam ser tão aterrorizantes.

— Durma bem, esposa — falou.

E, em seguida, se foi.

Capítulo 15

Nós, Mulheres, Carregamos Muitos Fardos

Uma semana e meia depois...

Observei minha flecha voar sobre o grande alvo e ficar presa nas árvores ao lado do palácio.

Mordi o lábio e virei lentamente os olhos para o meu pai para ver que seus olhos estavam apontados na direção de onde minha flecha caiu e seus ombros estavam caídos.

Eu o havia decepcionado.

Mais uma vez.

Porcaria.

— Me parece que... — hesitei quando seu olhar veio até mim e fez isso antes que pudesse esconder totalmente a decepção e meu coração se partiu — puxei para cima logo antes de soltá-la — terminei.

Sim, puxei para cima e para o lado, e uma vez para baixo, de modo que a flecha lançada estava há cinco metros na frente do alvo.

— De fato, filha — murmurou, suspirou e disse: — Por que não encerramos por hoje?

Ele apontou o queixo na direção de um menino que estava próximo e que veio para frente às pressas para pegar o meu arco e empurrei a aljava que estava atravessada em meu peito sobre a cabeça e a entreguei para ele com um sorriso.

Olhei para o alvo, que tinha três das minhas flechas, nenhuma delas em qualquer uma das linhas e outro menino foi correndo coletar as flechas, mas estava correndo ao redor e *atrás* do alvo.

Eu mandava muito mal no tiro com arco e flecha. Completamente. Jogá-lo no Wii *não* fazia com que eu fosse boa na coisa de verdade.

E, obviamente, Sjöfn não errava e meu pai tinha muito orgulho da sua habilidade.

— Parece que perdi meu toque — murmurei para meu pai.

Ele colocou uma mão no meu cotovelo e começou a me guiar pela neve até a porta lateral do Palácio.

— Sim, é o que parece — murmurou de volta.

— Que tal voltarmos amanhã? — perguntei, forçando vivacidade no meu tom e o observei virar a cabeça para mim.

Foi quando vi o que já havia visto mais de uma vez quando estava com ele — um tipo estranho de tristeza que machucava ver. Eu não entendia o porquê, mas, definitivamente, estava lá. Talvez fosse a reação natural de um pai enquanto estava se acostumando ao fato da sua filha ter se casado e passado a ter outro homem em sua vida. Mas não parecia ser isso. E ficava mais forte cada vez que saíamos e tentávamos treinar este negócio de tiro ao alvo com arco e flecha. Já estávamos há quatro dias direto nisso.

Fiquei super animada quando ele se aproximou de mim e perguntou se eu gostaria de sair e atirar umas flechas. Em primeiro lugar, queria atirar flechas, nunca tinha feito isso antes, exceto em um jogo de videogame (o que, obviamente, não contava). Depois, queria passar mais tempo com ele, que na última semana parecia hesitante e distante comigo, então agarrei a chance.

Contraditoriamente, minha mãe estava mais calorosa comigo.

Bem, tão calorosa quanto a minha mãe deste mundo podia ser, o que não era muita coisa.

Minha mãe era risonha e fofinha, sempre brincando, fazendo cócegas e abraçando, tanto ela quanto o meu pai haviam me passado essas características.

A rainha Aurora não era nada disso.

Ainda assim, já não parecia enfurecida ou impaciente comigo e, muitas vezes procurava minha companhia, embora passássemos algum tempo juntas enquanto ela bordava, o que eu achava mortalmente entediante (o bordado).

Ela, no entanto, *não* era entediante. Embora reservada e não muito falante, tinha habilidade em descrever as pessoas, não muitas vezes, mas em momentos que surpreendiam você, o que tornava isso ainda melhor, e demonstrava uma ironia muito sagaz.

E já tinha me levado em Fyngaard várias vezes, quando nós nos divertimos (de maneira limitada) juntas.

Estava claro que ela gostava de fazer compras. Definitivamente, eu gostei disso. E pode-se dizer que o chocolate quente da Esmeralda's era *brilhante* (não era o chocolate quente que eu esperava que fosse, era realmente *chocolate derretido*, um chocolate escuro e denso que você podia comer de colher ou enterrar os biscoitos de amêndoa em uma espécie de bolinho frito envolto em glacê e biscoitos que serviram com ele, e estava maravilhosamente *divino*).

E Fyngaard era com certeza uma cidade cosmopolita no que se referia à alta costura, o que significava que as pessoas mais simples ficavam fora de vista, e cafés sofisticados e elegantes restaurantes serviam comidas fabulosas.

Eu amei a cidade e gostei da minha mãe. Era estranho que ela fosse tão diferente, às vezes isso me assustava, mas, mesmo assim, era maravilhoso passar algum tempo com ela, ouvir sua voz e, às vezes, vê-la com um pequeno sorriso ou seus olhos brilhando e, raramente, mas muito apreciado, sentir seu toque no meu braço ou na minha mão.

Meu pai era mais fácil de gostar, era muito parecido com o meu pai em maneiras que faziam meu coração acelerar e parar ao mesmo tempo. Ele era sociável e tinha um senso de humor aberto. Ouvi seu riso muitas vezes no Palácio, e muitas vezes sorrindo para as pessoas.

Só não para mim.

Outro menino correu para abrir a porta para nós (tinha aprendido que a realeza não fazia coisas como abrir portas ou, bem, praticamente, qualquer coisa, mas apenas chegar a pé em lugares, comer a comida servida por outras pessoas e respirar por conta própria) e meu pai respondeu distraidamente enquanto entrávamos no palácio:

— Sim, Sjöfn, vou esperar por isso. Amanhã, à mesma hora.

Então começou a se virar para um corredor, e eu o chamei.

— Pap... Quer dizer, pai.

Merda! Minhas criadas me disseram para não chamá-los de mamãe e papai, mas de pai e mãe.

Ele se virou e olhou para mim, visivelmente forçando um sorriso.

Meu coração apertou novamente quando vi aquilo.

— Eu vou voltar a lançar flechas como antes — prometi baixinho, ainda que fervorosamente. — Tanta coisa aconteceu e eu só... perdi o foco. Com a prática, vou encontrá-lo novamente, mesmo se tiver que ir lá fora todos os dias, vou fazê-lo e, prometo, vou encontrá-lo.

Ele me estudou, alguma coisa brilhando em seus olhos, em seguida, recuou alguns passos até mim, levantou a mão e tocou a lateral do meu cabelo enquanto seu olhar se fixava ao meu.

Em seguida, disse suavemente, como resposta:

— Obrigado, Sjöfn, mas, talvez, agora que está casada, você tenha outro foco. Talvez possamos passar algum tempo tentando encontrar algo novo que gostaremos de compartilhar juntos. O que você acha disso?

Meu coração se animou e sorri para ele. Então, admiti:

— Bem, eu meio que, *gosto* de arco e flecha. — Seus olhos brilharam com essa notícia, tomei coragem e continuei. — Só que, por alguma razão, perdi o jeito. Quero continuar a praticar e ficar cada vez melhor de novo, se você ficar feliz em me ajudar.

Seus olhos brilharam quando respondeu calmamente:

— Estou mais do que feliz em ajudá-la, minha filha.

Meu sorriso aumentou. Ele sorriu de volta e, finalmente, não foi um sorriso falso.

— Até amanhã — murmurou.

— Legal — murmurei de volta.

Sua cabeça balançou um pouco diante da minha palavra (e lembrei a mim mesma que tinha que falar como eles falavam neste mundo), mas ele ficou olhando para mim, sorrindo. Em seguida, se inclinou e encostou os lábios na minha bochecha, virou e foi embora.

Fiquei parada no corredor observando-o ir embora e sorrindo para mim mesma.

Bem, isso foi bom. Finalmente. Graças a Deus.

Então me virei e comecei a caminhar para o meu quarto, porque sabia que, em breve, as costureiras estariam lá para fazer um ajuste no meu vestido para o Bitter Gales.

Tinha descoberto, pelas minhas criadas, que o Gales era um grande e resplandecente baile, precedido por uma enorme caçada — uma das duas caçadas e bailes que o Rei e a Rainha de Lunwyn ofereciam todos os anos. O Bitter Gales era realizado no dia mais curto e mais frio do ano, a caçada na floresta ao redor de Fyngaard e o baile no Palácio de Inverno, e o Solar Gales era realizado no dia mais longo e mais quente do ano, no castelo do rei e da rainha, Rimée Keep, em uma cidade chamada Snowdon.

Podia-se dizer que eu estava ansiosa para o Bitter Gales como estava ansiosa para ter palitos de bambu enfiados sob as minhas unhas. Já era estressante *comparecer* a ele, sem falar em me vestir para ele, já que o meu vestido era de arrasar.

Isto era porque eu ia acompanhada do meu marido.

Na última semana e meia, mal tinha visto Frey e não tinha falado com ele nenhuma vez e, obviamente, ele não tinha falado comigo. Só o vi três vezes, todas a uma certa distância, todas as vezes apenas de passagem e, quando sua cabeça se virou para mim e seus olhos

encontraram os meus, ele só me deu um aceno com a cabeça, em seguida, olhou instantaneamente para outro lado.

Isso doía. Muito. Pra caramba. Mais do que devia.

Mas doía.

E o fato de se manter afastado não só da minha pessoa, mas da minha cama também doía.

Muito. Pra caramba. Mais do que devia.

Eu já tinha quatro criadas para guiar o meu caminho e me ajudar a compreender esse mundo melhor, e levaram este trabalho a sério, eram muito informativas, o que tornou divertido era que elas gostavam de aprender sobre o meu mundo também. Assim, na última semana e meia, aprendi muito sobre Lunwyn, sobre este mundo e principalmente sobre Frey.

A boa notícia era que minhas criadas tinham perguntado por aí, e ele não estava dormindo com a Viola, como tinha ameaçado, ou com *qualquer* uma das minhas outras criadas (as garotas verificavam, e elas o faziam, eu estava descobrindo, minunciosamente).

A má notícia era que elas não tinham ideia de onde ele estava dormindo, mas não era no palácio.

A boa (maravilhosa) foi aprender mais coisas sobre o meu marido, e descobri porque minhas criadas estavam tão ansiosas para me ligar a ele.

Isto era porque o sexo não era, de todo, um tabu em Lunwyn. Não se esperava que as noivas fossem virgens e a descoberta sexual de meninos e meninas começava cedo, em torno de quatorze ou quinze anos. Na verdade, ela era incentivada, a fim de prepará-los para uma vida sexual satisfatória durante o casamento.

“Flertes” (como as minhas criadas chamavam) entre pessoas solteiras eram frequentes, muitas vezes de curta duração e não provocavam qualquer vergonha. “Romances” ou relacionamentos entre pessoas solteiras duravam mais tempo e também eram frequentes.

E, como uma questão de disciplina em sua cultura, com um homem como o Drakkar atado a mim, com sua aparência, riqueza (e ele era rico, descobri isso também), linhagem aristocrática e o poder absoluto que tinha. Minhas criadas esperavam que eu quisesse tudo isso e quisesse muito me esforçar para ter isso.

Além de qualquer coisa, elas estavam lá, já tinham deixado claro, para me ajudar de qualquer maneira que pudessem.

E quando se tornou dolorosamente óbvio que eu não estava entendendo, elas não se intrometeram, mas de forma exuberante andaram me tentando para descongelar o meu comportamento em relação ao “Drakkar” (como Frey era conhecido e sempre se referiam a ele) e fizeram isso compartilhando muita coisa a seu respeito.

Tinha descoberto que ele tinha trinta e seis anos (chocante, ele tinha as maneiras de um homem mais velho, ainda que não parecesse).

Descobri que ele comandava uma frota de cinco navios (cinco!), e todos os homens que se faziam necessários nos navios, além do seu próprio grupo altamente treinado, faziam parte do que Thad, Ruben e os outros homens que conheci, já eram membros.

Descobri tudo isso e, juntamente com sua mansão, sua casa, a cabana de caça, sua casa de pesca e seus navios, ele também era dono de um castelo no país de Hawkvale e apartamentos em uma cidade de Fleuridia (o que tornava mais uma chatice o fato que nós não estávamos nos falando e parecia que nunca iríamos falar novamente, porque, era obrigada a dizer, eu teria gostado de ver *todos* estes lugares).

Curiosamente, aprendi que, embora Frey fosse um Raider, ele não era como os outros, que viajaram longas distâncias para roubar estrangeiros, muitas vezes terras mais primitivas, terras que não tinham recursos para buscar vingança contra os Raiders, ou mesmo contra a sua Lunwyn.

Não, as invasões de Frey tinham um propósito. Elas eram, como as garotas me informaram com firmeza, *justas*.

Isso porque o Frey que tinha traído o seu trono e lançado o país no caos, também tinha vendido ou perdido muitos tesouros e relíquias sagradas de Lunwyn, e aqueles que não foram vendidos ou perdidos, desapareceram em uma variedade de maneiras nos séculos de turbulência que se seguiram.

E muitas vezes, quando não estava navegando em alguma missão secreta para o seu reino (as garotas e todo mundo sabiam disso, mas não sabiam detalhes, porque, obviamente eram secretas), estava navegando para recuperar as riquezas perdidas de Lunwyn. Estas incluíam inestimáveis cetros, cálices, coroas, esferas e objetos que continham magia Lunwyniana, dos dragões ou dos elfos.

Frey tinha sido muito bem-sucedido com estes esforços e, além das coisas extraordinárias que compartilhou sobre si mesmo, o que exigia claramente o respeito de todos Lunwynianos, por razões óbvias, ele realmente *ganhou* seu respeito, devolvendo estes tesouros nacionais importantes à sua terra natal depois de estarem perdidos há séculos.

Tinha que admitir, o respeitava por estes esforços também. Sem mencionar que ir atrás deles e protegê-los era legal, *muito* legal, como um filme de ação muito maneiro.

Também tinha descoberto com as garotas que a Casa de Drakkar era a Casa nobre mais antiga de Lunwyn e foram os primeiros governantes conhecidos da terra (que, na época, incluía Middleland, onde meu tio Baldur agora governava). Era atualmente o menos respeitado e, definitivamente, o menos apreciado.

Isso porque, quando o Frey que se extraviou cometeu seus atos terríveis, a Casa de Drakkar, como Lunwyn em geral, caiu no caos. Sem um Frey ou um Drakkar nascido na linhagem, os machos da Casa pararam de invadir outros territórios e os tumultos e as brigas internas prevaleceram. As histórias que as garotas me contaram estavam *longe* de serem bonitas. Irmãos matando irmãos. Esposas envenenando maridos (no dia seguinte ao casamento, em uma ocasião), se casando com

cunhados, tios, primos, que tinham conspirado para assumir a Casa. Filhos conspirando contra os pais. E irmãos competindo amargamente para fazer o melhor casamento para reforçar a linhagem de Drakkar.

Embora a Casa de Drakkar tivesse vasta riqueza e propriedades por toda Lunwyn, seus membros eram conhecidos por serem implacáveis nos negócios, com mais frequência do que indignos de confiança e autocráticos com os seus servos e com aqueles que trabalhavam em suas terras. Também eram conhecidos por serem superiores, condescendentes e dedicados à ordem das coisas.

Isso serviu para mostrar que eram nobres e todos os outros eram pessoas de menor importância e todos sabiam o seu lugar, se mantinham assim e serviam aos seus propósitos.

Claramente, tinham ensinado isso ao Frey.

Mas foi tudo o que incutiram no Frey. Pela primeira vez, depois de setecentos anos, seu nascimento anunciou um verdadeiro líder na Casa de Drakkar e foi amplamente conhecido que seu pai e sua mãe ficaram muito felizes, sem mencionar, cheios de vaidade, pois tinham concebido o chefe indiscutível da sua Casa.

Mas, para a minha surpresa, as garotas me disseram que, aos treze anos, Frey tinha fugido de tudo isso. Se afastou da sua família, da sua casa e da Casa de Drakkar, embarcou em um navio, falou com o capitão para contratá-lo e virou as costas para sua vida e sua casa.

E nunca mais voltou. Na verdade, até hoje, tinha muito pouco a ver com a sua casa, exceto levar seu nome.

Embora passasse a possuir muitas propriedades, acumular uma grande riqueza (pois, ao navegar, Frey não só atacou, também carregou seus navios com bens e os trouxe de volta para Lunwyn para vendê-los), comandar sua própria frota e os homens que navegavam nela, não tinha nada a ver com sua Casa, exceto o fato de que tinha o seu nome, o carimbo da aristocracia que doutrinaram nele ao crescer e o comando dos elfos e dragões que tinha, de alguma forma, herdado através do sangue.

Isso, tinha que admitir, considerando as histórias sobre a sua família, eu respeitava muito.

E, tinha que admitir, enquanto caminhava através do Palácio até meus aposentos, se tornava claro para mim que eu podia ter exagerado um *pouquinho* sobre Frey e seu flerte com a Viola.

Ele não podia saber disso (embora não conseguisse afastar a sensação desconfortável que ele sabia, mesmo que fosse impossível), não foi a *mim* que ele havia humilhado, mas à outra Sjofn. E ele achava que ela era lésbica ou, como as garotas me disseram, as chamavam aqui de guenipes (mulheres sem moral).

E as garotas sabiam tudo sobre as tendências da Sjofn, o que, considerando a abertura sexual, não eram malvistas em ambos os sexos, a não ser, é claro, que a guenipe fosse uma princesa e fosse necessário conceber um futuro rei. Portanto, Sjofn não só tinha escondido suas preferências pelo seu país e pelo seu pai, o rei, nunca se permitiu ser ela mesma e prometeu às garotas que, neste mundo, pelo seu país e seu rei, ela nunca o faria (o que era extremamente triste).

Por causa disso (e Frey sabia), era duvidoso que Sjofn se preocupasse com ele ficando com a Viola, independentemente de ela ser sua criada ou não. E, definitivamente, à Sjofn não era realmente permitido se importar, mesmo que o fizesse, porque o que Frey falou era verdade, segundo as criadas. Ele era homem, um aristocrata e podia fazer o que quisesse, quando quisesse e com quem quisesse.

Apesar dos flertes e relacionamentos antes do casamento serem comuns, depois do casamento (sim, você adivinhou), a esposa renunciava a estas condutas, mas não era esperado que o marido fizesse o mesmo. Era comum os maridos honrarem suas esposas e apenas suas esposas, mais especificamente, entre aqueles das classes mais baixas, mas também alguns aristocratas. Mas não era inédito para um marido fazer o que quisesse, e da esposa era esperado dar a outra face.

Isto não combinava muito comigo, mas tinha que me lembrar que não estava no meu mundo. Estava aqui. E Frey não podia ter a mínima ideia que eu era de outro mundo, como esse mundo era e o que eu achava a respeito dessas coisas. Infelizmente, ficou claro que eu tinha uma expectativa que qualquer mulher Lunwyniana e, especialmente, uma esposa, não devia ter.

Era uma merda. Também significava que, mesmo que me irritasse bastante, eu estava errada.

Só não sabia o que fazer sobre isso.

Porque, embora ele estivesse dentro dos seus direitos de fazer o que quisesse, especialmente porque não éramos casados na época em que levou Viola para a cama, ele *teve* que pedir a ela para servi-lo à mesa bem na minha frente.

Havia, é claro, o pequeno fato de que, de volta à época que o acordo foi feito, eu não tinha ideia de que ele ou o seu mundo ainda existiam. Ele ainda não tinha conhecimento do meu mundo. Então estava certo em seu questionamento estranho, se tinha realmente ferido a *mim*. Ele não fazia ideia que eu tinha acabado de descobrir meu lugar neste mundo e esqueci que realmente *não era* meu lugar.

Mas, ainda assim, Frey esfregou seu flerte na minha cara, e a maneira mesquinha com que fez isso, bem... *isto não* foi bom.

E *isto* era o que estava me impedindo de fazer alguma coisa.

Porque doía. Muito.

Demais.

Tinha subido as escadas e estava caminhando pelo corredor em direção ao meu quarto, pensando que o que mais incomodava era que eu sentia falta dele.

Muito.

Demais.

Logicamente, lá no fundo da minha, reconhecia que essa distância provavelmente era boa. Embora gostasse de passar o tempo com o Frey

que vim a conhecer, e teria gostado de passar mais tempo com ele, de fazer mais coisas com ele, especificamente algumas coisas que podíamos ter feito, a única coisa inteligente a fazer era manter distância.

E eu estava conseguindo isso.

Ilogicamente, e na frente dos meus pensamentos, queria o que tínhamos de volta.

E isso, também era muito.

Demais.

Minhas criadas eram divertidas, riam e, muitas vezes, Sjöfn estava certa, ficou muito claro que eram confiáveis e imensamente úteis. Tive ótimos momentos com elas. Estava gostando de passar um tempo com minha mãe e descobrir mais sobre Fyngaard. Definitivamente, gostei de aprender mais sobre este mundo, porque era tudo muito estranho, mas *muito* legal. Descobri que ser uma princesa em um palácio era *da hora*. E eu estava fazendo incursões com o meu pai, o que me agradava muito.

Mas na linha da felicidade dos enamorados, eu já não estava em qualquer lugar perto da bem-aventurança. Já não estava a meio caminho da felicidade também.

Definitivamente, estava na extremidade inferior, oscilando em torno do contentamento.

E estava lá, sabia, porque não tinha o Frey.

Abri a porta e parei antes de entrar quando vi minha mãe na espreguiçadeira do outro lado da sala, as pernas cruzadas, as longas unhas acariciando o pelo da Penelope. Minha gata estava deitada sobre a perna da minha mãe com os olhos fechados, ronronando.

Humm. Isto era incomum. Se a Rainha Aurora queria passar mais tempo comigo, enviava um criado para me dizer que queria minha presença.

Me perguntei por que ela estava lá e me preocupei com o fato da razão não ser boa.

Os olhos dela vieram até mim, e ela me cumprimentou:

— Olá, minha Sjöfn.

Observei-a. Seu rosto não exibia nenhuma emoção, assim, não me deu pista nenhuma.

Droga! Pela minha experiência anterior, não sabia se isso era bom ou ruim. Ela vinha sendo mais calorosa comigo, mas também descobri com as meninas que a rainha Aurora podia ser mal-humorada, suas expectativas eram altas e essas expectativas eram significativamente elevadas quando se tratava da sua filha. Quem sabia o que eu podia fazer para que aquele mínimo de calor desaparecesse e a geada voltasse? Qualquer coisa.

Por isso, decidi ir com cautela.

Fechei a porta e entrei no quarto, respondendo:

— Olá, mãe.

Ela parou de acariciar Penelope e acenou com um gesto gracioso da mão para a cama.

— Sente-se, minha filha.

Assenti e fui até a cama, me sentando na beirada. Penelope abriu os olhos lentamente, me observou, em seguida, pulou, gingando pelo chão, se agachando em preparação para mover a enorme massa de pelos para a cama. Em seguida, pulou sobre a cama onde rebolou até mim e acomodou o corpanzil no edredom, as patas e o peito sobre a minha coxa. Comecei a acariciar seu pelo.

Penelope sabia quem era sua mãe, e eu sabia disso porque ela ronronou.

— Rrrrr, olá, mamãe.

— Oi, baby — sussurrei para minha gata, ela ronronou mais alto, em seguida olhei para a Rainha Aurora.

Ela olhou para Penelope e, depois, para mim. Seus lábios caíram ligeiramente. Não era a primeira vez que achava que ela era muito parecida com Valentine, exceto pela parte assustadora e estranha.

— As costureiras já chegaram com o seu vestido, mas lhes pedi para esperar alguns minutos para que eu pudesse conversar com você — minha mãe anunciou.

Inspirei rapidamente, me preparando, e assenti. Mas não disse nada. Queria ver o que ela tinha a dizer.

Ela não demorou e quando falou foi suave e quase gentil.

— Eu precisava discutir com você algo que vem me incomodando.

Inclinei a cabeça para o lado para incentivá-la a continuar, mas não falei nada.

Ela só me observou e continuou.

— Eu não consigo imaginar, Sjöfn, que você acharia que eu ou o seu pai não notaríamos que parece haver ... — ela hesitou, me estudando com atenção — um *distanciamento* entre você e o Drakkar.

Ah, droga.

Tinha receio de que fosse algo sobre isto. Estava com medo de uma coisa assim anunciar o retorno da geada.

Mordi o lábio e acenei com a cabeça, para concordar com sua observação, sem dizer nada e não demonstrando nada por fora.

Ela observou o meu aceno e inspirou, ligeira e delicadamente. Então disse:

— Isto me preocupa pois parece muito... — hesitou — *ímpar*. Especialmente, logo após o seu retorno, sobre o qual, imediatamente, o Drakkar exigiu a presença do seu pai e a minha para nos informar que estava infinitamente preocupado com o atentado contra sua vida e que devíamos fazer tudo ao nosso alcance para mantê-la segura. Uma coisa que... — ela se apressou um pouco a dizer — nós faríamos, obviamente, já que você é a nossa amada Sjöfn.

Mantive os olhos firmes sobre ela e não falei nada, principalmente porque não sabia o que dizer nem sabia o que sentir sobre o que ela tinha dito sobre o Frey.

Não precisei dizer nada. Rainha Aurora não estava nem perto de terminar.

— Isso o perturbou, estou supondo pelo desprendimento com seu marido que você possa não entender, porque, apesar do curto espaço de tempo que vocês estiveram juntos, ele deixou muito claro que começou a se importar muito com você.

Senti meu coração apertar ao mesmo tempo que a minha respiração começou a se intensificar.

Ela continuou falando:

— Pareceu, do jeito com o qual ele falou sobre você, que veio a se importar profundamente. Talvez... — fez uma pausa e continuou a me estudar: — ainda mais profundamente do que ele percebe. Definitivamente, mais profundamente do que você parece compreender.

Me mantive calada, principalmente porque tinha começado a ficar meio ofegante e estava pensando que podia estar nos estágios iniciais de uma parada cardíaca.

— Ele nos disse que você é doce — ela sussurrou, o olhar intenso no meu rosto, que eu sabia que tinha ficado pálido ao ouvir essas palavras, palavras que eu gostei, palavras que significaram o mundo para mim. — Ele disse que você tinha um espírito forte. Que tudo que você diz, ele acha interessante. Nos disse que gosta do seu humor e dos seus sorrisos.

Engoli em seco, chocada pelo fato dessas palavras, até mesmo, saírem da boca de Frey, mesmo que ele *realmente* se sentisse assim. Atordoada e experimentando a sensação estranha de estar tanto com o coração partido quanto imensamente satisfeita por ele realmente ter feito isso, quando tudo isso me atingiu, apertei os lábios e minha garganta começou a fechar.

Minha mãe continuou.

— E compartilhou conosco que havia te prometido mantê-la a salvo de danos e ao fazer isso, nos disse que se algo viesse a acontecer com

você, ele libertaria os dragões como vingança.

Pisquei, não em confusão, mas em estado de choque total.

A rainha Aurora não perdeu isso, como já tinha percebido que ela não deixava muita coisa passar, e balançou a cabeça.

— Sim, minha querida, isso foi o que ele disse. O Drakkar prometeu libertar os dragões, animais que não voam sobre toda esta terra por mais de um milênio. Bestas que podem causar danos e estragos que não podem ser suportados. Animais que não são chamados a não ser para defender nossa terra coberta de gelo ou para utilizar o seu poder impressionante a serviço do nosso povo. Seu marido deixou claro que *nós* devíamos deixar evidente para quem quisesse ouvir que, se algo acontecer a você, ele vai invocar os seus animais para se vingar. E isso, minha filha, não é uma ameaça em vão. Isto, Sjöfn, é extraordinário.

Meu Deus.

Ah, meu *Deus!*

Eu não disse nada, e ela se moveu, descruzando as pernas, se deslocando até a borda do seu assento e se inclinando para frente, com os cotovelos sobre os joelhos em uma pose ocasional como nunca a tinha visto adotar.

E então continuou.

— É meu dever, como rainha desta terra, estar a serviço do meu marido, que a governa, mas também, ser uma boa esposa, ficar quieta, ouvir e *observar* — ela disse suavemente, em seguida, ainda mais suavemente, chegou ao cerne do assunto, dizendo: — Eu sei sobre a Viola.

Inspirei ruidosamente e ela balançou a cabeça.

— Eu sei sobre ela, Sjöfn, e vi seu rosto quando o Drakkar ordenou que ela servisse a mesa.

Não consegui evitar fechar meus olhos, depois que desviei o olhar em um esforço para esconder o que suas palavras estavam me fazendo sentir e a intensidade delas.

Abri os olhos e a observei. A ouvi se mexer e, em seguida, caminhar até ficar na minha frente, olhando para baixo.

— Minha querida Sjöfn — sussurrou — nós, mulheres, carregamos muitos fardos. Receio que este seja um deles.

Prendi a respiração quando ela levantou a mão e carinhosamente segurou meu rosto antes de continuar.

— Eu também tive um casamento arranjado e lutei, no início, para construir o meu relacionamento e ganhar o amor do seu pai. Fiquei encantada com ele à primeira vista, era o homem mais bonito que já tinha visto, mas também era tão cheio de vida, tão cheio de humor que era imensamente atraente.

Ela raramente compartilhava estes pedaços interessantes e senti meus olhos arderem com lágrimas quando ela continuou.

— Mas ele era o rei e podia fazer o que quisesse. Dito isto, embora eu entendesse, seus flertes me feriam, e feriam muito profundamente.

Ela se inclinou um pouco mais e continuou sussurrando.

— E assim, minha Princesa do Inverno, aprendi a fazer tudo o que pudesse fazer para que ele não precisasse de tais encontros. Fiz isso em vez de deixar bem claro que me ofendia, algo que seu pai não gostava. — Ela se inclinou para trás e sorriu, um sorriso que quase, mas não completamente, atingiu seus olhos. — No entanto, ele *não* desgostou dos meus esforços para não deixá-lo precisar desses encontros e... — fez uma pausa, a mão se movendo para o meu queixo, em seguida, seu polegar acariciando a maçã do meu rosto, seu sorriso, finalmente, chegando aos olhos — ele *ainda* não desgosta.

Olhei para ela em silêncio, mas senti meus lábios se curvarem.

Aparentemente, meu pai demonstrava isto regularmente.

— Você entendeu, minha querida menina? — ela perguntou em voz baixa.

Assenti. Entendi.

Suas feições ficaram mais suaves e ela murmurou:

— Bom.

Em seguida, abaixou a mão e caminhou para a porta enquanto me virava para olhar para ela. Seu toque, doce e suave, ainda formigando na minha pele. Os olhos sorridentes gravados no meu cérebro.

Ela parou na frente da porta e olhou para mim.

— As costureiras deixaram as roupas que fizeram para você usar sob o vestido para o Gales no seu quarto de vestir. Você pode vesti-las agora, para se preparar para a prova. Vou chamar uma das suas criadas para trazer as costureiras. Assim você pode terminar esta tarefa e continuar com qualquer outro... — fez uma pausa significativa — *assunto urgente* que pretenda resolver hoje.

Não foi, exatamente, uma dica sutil, portanto não perdi o seu significado.

Estava na hora de procurar o Drakkar.

Merda.

Ela esperou e fez isso com expectativa óbvia.

Dei a ela o que esperava.

— Tudo bem, mãe — sussurrei.

Ela ergueu o queixo de forma magistral e decidi que tinha que praticar isso. O jeito com o qual ela fazia isso era muito *descolado*.

Em seguida, se moveu com graça pela porta enquanto flutuava no ar em vez de caminhar na madeira coberta por tapetes e se foi.

Capítulo 16

Ela Sentiu sua Falta

Eu estava no banheiro, colocando uma delicada calcinha de seda preta entremeada com renda requintada na parte de trás, um espartilho de cetim preto, amarrado na frente com uma fita vermelho sangue que empurrava meus seios para cima e um tipo de camisola de seda vermelha por cima, que tinha uma fita estreita, apertada e plissada em torno do decote, uma fita preta que a deixava firme contra a minha pele e mostrava um senhor decote.

Tinha um pé sobre a espreguiçadeira, porque estava prendendo o segundo pé das mais macias, mais frágeis, mais *divinas* meias de seda preta à liga, que descia o espartilho por cima da minha bunda até as meias.

E estava pensando que a lingerie deste mundo abalava em grande estilo, não só porque era sexy, mas também incrivelmente confortável e aquelas meias de seda, mesmo em um universo paralelo longe de ser tão avançado quanto o meu, eram as mais extraordinárias peças que já tinha tocado.

E também estava pensando que qualquer homem, especialmente um que comandava dragões, amaria esta roupa íntima.

Imensamente.

Sim, era exatamente isso que eu estava pensando. Ao mesmo tempo me perguntando como encontraria aquele homem e, em seguida, encontraria as palavras para me desculpar com ele, a fim de resolver nossos problemas (e estava achando que a lingerie podia ser útil), quando a porta se abriu.

— Oi — comecei a dizer, virando a cabeça para o que esperava ser uma das garotas com as duas costureiras.

Mas em vez disso, vi Frey parado como uma estátua, a mão ainda na maçaneta, com os olhos fixos na minha bunda.

Fiquei parada como estátua também e o observei.

Certo, era seguro dizer, pelo olhar no seu rosto, que ele realmente havia gostado da lingerie.

E também era seguro dizer, pelo pânico que me dominou, que eu *definitivamente*, não estava pronta para que ele me visse nela.

Foi por isso que coloquei meu pé no chão, virei e corri pelo quarto até o biombo sobre o qual o meu roupão estava jogado.

Cheguei até ele. Coloquei a mão sobre a peça. Mas a seda logo foi tirada da minha mão, porque Frey chegou até lá junto comigo e o jogou para longe do meu alcance.

Ah, caramba.

Me virei para encará-lo, os olhos arregalados, a respiração ofegante como se tivesse corrido duzentos metros e não pelo quarto. Minha mente cambaleando com as palavras certas a dizer para resolver nossa briga. Mas bastou olhar nos seus olhos, tão ardentes quanto enfurecidos, para minha mente ficar em branco.

— Eu acho — ele grunhiu — que pelo menos tenho o direito de ver a mulher que, supostamente, é a minha esposa sem que ela se cubra.

Eu o encarei de perto, ofegante.

Sim, definitivamente furioso.

Foi quando fiz a coisa mais inteligente que podia.

Recuei.

Rapidamente.

E Frey avançou na mesma velocidade, invadindo meu espaço a cada passo que eu dava para trás, até que bati contra a parede, e ele se empurrou contra mim, os quadris pressionados na minha barriga, me prendendo contra a parede.

Ah, merda!

Havia arqueado as costas para levantar a cabeça e poder olhar para ele, o que pressionou mais ainda minha barriga contra os quadris dele.

Merda!

— Frey — comecei a dizer e seu nome saiu em um sussurro, mas interrompi o que quer que fosse sair da minha boca quando ouvi suspiros pela sala.

E eu soube que as costureiras haviam chegado e soube que Frey as tinha ouvido também, mas não largou os meus olhos e não consegui desviar o olhar quando ele gritou impaciente e igualmente furioso:

— *Fora!*

Meu corpo estremeceu diante do som.

Oh, merda, merda, *merda!*

A porta se fechou.

Merda.

— Frey...

Ele me interrompeu, desta vez, dizendo:

— Vim informá-la — ele fez uma pausa, os olhos se movendo para o meu peito, subindo e descendo, em seguida, voltaram para o meu rosto —, *esposa* — ele vociferou e meu estômago se contraiu. —, que partirei em uma hora. Tenho negócios a resolver. Ficarei fora por, pelo menos um mês, provavelmente mais tempo.

Foi quando meu estômago se retorceu com uma dor lancinante que se espalhou até os meus pulmões e, até mesmo, à minha garganta. E, por causa disso, tudo o que consegui foi sussurrar.

— O quê?

— Partirei em uma hora — Frey repetiu.

Ele partiria em uma hora.

Em uma hora, ele iria embora.

Sem mim.

— Mas..., mas o Bitter Gales... — comecei.

Ele me interrompeu para falar:

— Há alguma razão para acompanhá-la até o Gales?

— Uh... — Ah, merda. Pense, Finnie! — Sim, você... você é... humm... o meu marido. Um marido...

— Não sou, Sjöfn, há muitas coisas que eu sou, mas uma coisa que sei que não sou é seu marido.

Aquilo doía, meu Deus, doía tanto que tive que fechar os olhos e virar o rosto para não ver a raiva que havia em seu olhar.

E não foi por ele dizer que não era meu marido.

Foi por ele ter me chamado de Sjöfn.

Eu não era Sjöfn. Eu era Finnie. Sua pequena Finnie. Eu não era a Sjöfn que ele conhecia e odiava.

Não era.

Mas eu pedi por isso.

Merda. Eu pedi por isso.

Senti minha garganta fechar enquanto minha respiração continuava ofegante, meus seios roçando no peito dele enquanto respirava.

Então senti a ponta do dedo dele deslizar de leve ao longo do plissado no decote da camisola, contra a minha pele. Suave, doce e incrivelmente sexy.

Fechei os olhos com força e minha respiração ficou mais rápida enquanto a esperança brotava com o seu toque.

Em seguida, ele afastou os dedos.

Senti sua falta quando ele se foi e cerrei os olhos com mais força enquanto as lágrimas fechavam minha garganta.

— Desfrute do seu Gales, Sjöfn — ele disse suavemente, mas seu tom não era gentil, era distante, e isso machucava também. — Te vejo na volta.

Ele começou a se afastar, mas olhei para ele, e então sabia, droga, sabia que quando abrisse meus olhos haveriam lágrimas neles.

Lágrimas!

Minhas!

Mas estavam lá e não conseguia contê-las.

Isso porque eu *realmente* não queria que *ele* fosse embora.

Meu peito ainda se movia rapidamente, subindo e descendo enquanto minha mente não pensava em mais nada, só no fato de que ele estava partindo. Mas ele parou de se afastar e ficou completamente imóvel enquanto seus olhos se fixavam nos meus e não houve como impedir a lágrima que caiu e deslizou pela minha bochecha. Ele a observou enquanto percorria todo o caminho até o meu queixo e desembarcava no meu peito.

Em seguida, seu olhar voltou para o meu quando decidi que precisava falar.

E quando o fiz, sussurrei:

— Mudei de ideia, Frey. Eu realmente não gosto quando você me chama de Sjöfn. Por favor, não me chame mais assim.

Mal a última palavra saiu, e ele estava perto de mim novamente, um dos seus braços envolvendo a parte inferior das minhas costas, o outro mergulhando no meu cabelo, agarrando-o e puxando-o para trás, bem como inclinando minha cabeça para o lado.

Em seguida, sua boca acertou a minha com força.

Instantaneamente, a dele se abriu, a minha correspondeu e lá estava.

Eu estava de volta. Ele estava de volta. E, ao recebê-lo, saí em disparada na linha de felicidade, em direção à bem-aventurança.

Mas este não era um beijo suave ou doce, este era ousado, ganancioso e era assim da parte dos dois. Eu o beijei, ele me beijou e, pela maneira com a qual nos beijamos, soube que aquilo nunca ia ser suficiente.

Meus braços tinham envolvido o seu pescoço e me pressionei profundamente contra ele. Quando o fiz, Frey não interrompeu a ligação das nossas bocas enquanto se inclinava contra mim, me puxando para ele

enquanto seu braço deslizava sob a minha bunda e eu soube o que ele queria.

Eu o ajudei pulando para cima e circulando seus quadris com as pernas. Mesmo antes de tê-las em volta dele, meu marido já estava se virando, caminhando, ainda me beijando sem parar enquanto se dirigia para o meu quarto.

Então, eu estava com as costas na suavidade da minha cama, o peso dele sobre mim, arqueada em sua direção, apertando as pernas em volta dele para senti-lo com toda profundidade como eu queria que ele me absorvesse.

Foi então que ele afastou a boca da minha, os olhos ardentes grudados nos meus.

— Não deixe que o seu corpo peça aquilo para o qual você não está pronta, minha pequena — ele grunhiu a advertência.

E fez isso me chamando de sua pequena.

Deus, senti falta disso.

— Sei o que eu quero, querido — sussurrei, vi seus olhos incendiarem, então seus braços me envolveram. Senti os dedos nas laterais da minha calcinha e então ouvi o tecido rasgar.

Sim.

Ah, sim. Mil vezes, sim.

Minhas mãos foram para a parte de trás do seu suéter, apertando, puxando para cima enquanto seus dedos iam até o elástico da minha calcinha, arrancando-a.

— Depressa — sussurrei.

— Paciência — ele murmurou, em seguida, levantou os braços para mim, tirei o suéter, expondo seu peito fantástico. Sua mão foi direto para a calça.

— Depressa, baby — implorei, empurrando-o com meus quadris e abraçando-o novamente, para segurá-lo firme nos meus braços, amando a sensação da pele macia e dos músculos firmes contra as minhas mãos.

— Deuses — ele murmurou, os olhos nos meus, e eu sabia que meu olhar estava dominado pela fome que estava sentindo por ele. Depois abaixou a cabeça, sua boca capturou a minha e sua língua invadiu minha boca ao mesmo tempo que empurrou seu pau dentro de mim.

Minhas costas arquearam e gemi baixo contra sua garganta.

Ah, sim. Sim. Sim, *sim. Sim!*

Droga, ele era tão gostoso.

Em seguida, empurrou para dentro de mim, com força, rápido, profundo, nada perto de ser gentil, e levantei os quadris para tomá-lo mais profundamente, incentivá-lo a ir mais rápido, ajudá-lo a me tomar com força.

Afastei a boca da dele quando gozei, e não demorou muito. Caramba, foi muito rápido, e delicioso. O calor ia me reduzir a cinzas e, por causa disso, não podia mais aguentar sua língua.

Enfiei meu rosto no pescoço dele, me segurei e vibrei com os solavancos ferozes das suas estocadas profundas marcando meu corpo enquanto implorava contra o seu pescoço.

— Mais forte.

Mal a palavra saiu da minha boca e minha cabeça caiu para trás novamente, sobre a cama, meu pescoço e minhas costas arqueando, meus membros apertando e gritei enquanto ele me empurrava, queimando ardentemente.

— Deuses — o ouvi grunhir enquanto continuava me penetrando.

— Deuses, você é linda, minha pequena Finnie.

Abri meus olhos para ver os dele em mim, me queimando de novo e mantive o seu olhar enquanto ele continuava empurrando dentro de mim, uma e outra vez, até que empurrou com mais força, meu corpo estremeceu poderosamente com ele, mas Frey ficou imóvel, só levantando, as veias do pescoço se destacaram e seu gemido de prazer encheu a sala.

Sim. Ah, *merda*, sim.

Quando ele terminou, desabou sobre mim e meus pulmões se comprimiram sob seu peso imenso, mas não precisei aguentar um segundo antes dele rolar. Então eu estava por cima, e ele ainda estava dentro de mim.

Meu rosto estava no seu peito, e isso era tudo o que podia ver, mas podia senti-lo dentro de mim, a dor das suas estocadas, definitivamente, doces. Uma das suas mãos estavam no meu cabelo, o outro braço enrolado em mim.

E, desse jeito cheguei no topo da escala da felicidade e acertei a bem-aventurança.

Então pisquei.

Pensei, *tudo bem, merda, agora, o que foi que eu fiz?*

Antes da minha mente poder resolver o problema, minha boca decidiu.

— Humm... acho que não preciso dizer que não quero você me chamando mais de Sjofn.

Seu corpo ficou imóvel sob o meu por um bom tempo, então começou a balançar, como se estivesse rindo. Seus dedos agarraram suavemente o meu cabelo e o puxaram, com ainda mais suavidade, mas sabia o que ele queria. Prendi a respiração e, com isso, tomei coragem, levantei a cabeça para olhar para ele e seus belos olhos quentes estavam em mim.

Sim.

Ah, caramba, sim!

— Isso significa que a minha Finnie está de volta? — ele perguntou em voz baixa.

— Sim — respondi calmamente, então minha boca continuou falando — E ela sentiu sua falta.

Diante das minhas palavras, seus olhos imediatamente se fecharam, e ele me virou, nos desconectando (infelizmente). Me colocou

de costas, mas seu corpo grande e quente ficou pressionado ao meu e vi seus olhos abertos.

Deus, tinha sentido falta dos belos olhos verde oliva com aqueles cílios escuros e espessos, especialmente quando estavam olhando para mim como agora. Não que eu já tivesse visto aquele olhar em particular. Estava mais aquecido, doce, e definitivamente, melhor, uma vez que mostrava que gostou de conhecer minha parte mais íntima e, obviamente havia gostado mesmo.

— Humm... só para sua informação — minha boca, claramente separada do meu cérebro, continuou — não estou nessa empolgação toda com este negócio do Gales. Sabe, se você quiser companhia nesta viagem de negócios que tem que ir, humm... estou disponível.

Frey sorriu.

Então ele disse, com a voz baixa e rouca:

— Esposa, se você acha que vou descobrir ainda mais os seus encantos significativos na minha cabine fria, em um navio cheio de homens, devo informá-la que você está muito errada.

Senti meus olhos arregalarem e meu coração inchar.

— Você não vai? — sussurrei.

— Deuses, não — respondeu instantaneamente. Ele não ia!

E ele não ia, porque queria ficar comigo.

Uhuuuu!

Sorri antes de admitir.

— Uh... isso é bom, já que eu realmente *me interessei* nesse negócio todo de Gales, principalmente porque tenho um vestido fabuloso.

Foi quando o sorriso de Frey virou um sorriso fantástico.

Então, pensando no que ele fazia nos seus navios, inclinei minha cabeça para o lado e perguntei:

— Mas seu negócio não é importante?

— Era — afirmou. — Não é mais. — Meu coração inchou tanto que parecia que ia explodir, sua cabeça abaixou e sua boca tocou a minha,

antes dele se afastar um pouco e murmurar: — Ruben pode lidar com isso.

Assenti, concordando ansiosa.

— Pode. Eu não o conheço muito bem, mas ele parece bem competente para mim. — E isso não era mentira.

Seu olhar sustentou o meu e senti seu corpo balançar a cama com sua risada e em seguida, cair de costas, me levando com ele, e eu estava de novo por cima. Levantei a cabeça para olhar para ele e sua mão voltou para o meu cabelo enquanto a outra deslizava pela minha espinha.

Então me disse:

— Receio, minha pequena Finnie, que suas costureiras vão ter uma longa espera.

Com certeza.

— Talvez elas possam voltar amanhã — sugeri.

Sua mão deslizou sobre a minha bunda e meus olhos fecharam no mesmo instante quando senti seu toque causar um espasmo entre as minhas pernas e ele murmurou:

— Não acredito que haja qualquer “talvez” sobre isso, pequena.

Me obriguei a me concentrar no seu rosto para ver que o seu foco estava totalmente em mim.

Humm. Gostei disso, também. *De verdade.*

Seus dedos agarraram a minha bunda e ele grunhiu:

— Me beije, esposa.

Tinha ficado atordoada de novo, mas isso não significava que não tenha sussurrado:

— Tudo bem — e, em seguida, fiz o que me foi dito.



Eu estava entre a porta e o batente, escondendo o quarto da vista, mas de maneira nenhuma escondendo o fato de que estava vestindo nada além do enorme suéter de Frey da Alyssa, de pé no corredor e olhando para mim com os olhos brilhando.

— Uh... — murmurei, lutando contra o rubor que estava no meu rosto — você podia fazer o favor de trazer um pouco de comida?

— Claro, minha princesa — ela disse com entusiasmo.

— Obrigada — sussurrei.

Ela piscou, deu um sorriso brilhante e saiu correndo.

Nossa!

Fechei a porta e me virei para o quarto.

Isso foi horas (e horas) depois. Frey estava dormindo na cama. Depois que eu tinha deixado seus braços com cuidado para puxar o sino e pedir algum sustento muito necessário. Ele rolou para o lado, puxou um travesseiro e seus braços estavam em torno dele. Seu cabelo estava caído sobre a testa e as cobertas iam até sua cintura.

Ele estava muito sensual. Mais sensual do que nunca. Era uma maravilha a cama não entrar em combustão espontânea, de tão sensual que ele estava.

Continuei olhando para ele enquanto atravessava a sala e só tirei os olhos de toda a glória que era o meu marido quando cheguei na espreguiçadeira. Peguei Penelope, que me deu um:

— Rrrrr, mamãe, eu estava, rrrrrr, dormindo.

— Quieta, baby — murmurei.

Penelope se acalmou, mas só depois que comecei a acariciar seu pelo.

Embalando-a apertado, andei até a janela e, lenta e silenciosamente, abri a cortina. A rajada de ar frio atingiu minhas pernas nuas e se alastrou para cima, mas, embora tenha percebido, na verdade, não a senti.

Tinha outras coisas em mente.

Observei Fyngaard.

A noite já tinha caído. Tochas foram acesas e haviam pessoas lá fora.

A vida estava seguindo neste mundo, como estava seguindo, sem dúvida, no meu.

Finalmente, havia consumado meu casamento em outro mundo. Não havia dúvida agora. Tive cinco orgasmos como prova (o primeiro, mais dois com o Frey dentro de mim, um com os seus dedos — fabuloso — e um com a sua boca, tão bom que pensei que podia ser sobrenatural e havia a possibilidade de não estar errada, considerando que ele comandava elfos e dragões).

E agora que ele estava dormindo, as luzes emanavam um brilho no quarto, o enorme fogo crepitante na lareira bania o frio, mas não completamente a friagem. Percebi que estava ferrada e não apenas de uma maneira, mas de *todas*.

Em nosso amor extremo, controle de natalidade não só não foi mencionado, nem sequer pensei nisso.

Algo nada inteligente.

Na verdade, queria saber se *qualquer* parte disso era inteligente.

Não podia negar que era bom, o melhor, por bastante tempo. Eu não conseguia ter o suficiente de Frey, quanto mais tinha, mais eu queria e o que era quase melhor, ele também não conseguia ter o suficiente de mim. Meu marido *realmente* gostava do meu corpo e não escondia isso, também *realmente* gostava do meu toque (de qualquer forma que viesse) e não escondia isso também. Nem um pouco. E descobrir essas coisas me fazia sentir incrivelmente maravilhosa.

Todos os boatos eram mais que verdadeiros. Suas habilidades eram variadas, vigorosas e o homem era *poderoso*.

E valeu a pena, sim, valeu a pena até mesmo correr o risco de uma gravidez. Não só porque foi incrivelmente fantástico, mas porque foi com Frey.

E, a propósito, naquele momento, eu não estava indo por este caminho. Não, mesmo. Não até mais tarde.

Provavelmente, muito mais tarde. Definitivamente, mais tarde.

Mas quando olhei pela janela, sem enxergar Fyngaard, pensei no que meus pais haviam me ensinado, a jogar a precaução ao vento. A vida foi feita para ser vivida, cada respiração era um presente, cada risco valia a pena correr.

Mas eu tinha a sensação de que eles não estavam pensando em algo como isto.

— Finnie. — Ouvi e, saindo do meu devaneio, meu corpo deu uma pequena estremeçada.

Me virei para ver meu marido acordado, virado para mim. O cabelo escuro ainda sobre a testa, o peito enorme em exposição, os olhos verde oliva sensualmente sonolentos, apoiado sobre um antebraço na cama.

— Venha aqui — ordenou.

Meus pés se moveram antes mesmo da minha mente tomar a decisão e isso não foi nenhuma surpresa. Um homem sexy como aquele, olhando para você como Frey estava olhando para mim e lhe dizendo para ir até lá, você simplesmente ia.

Deixei Penelope na espreguiçadeira quando ela instantaneamente se sentou, irada, e começou a lamber a pata.

Não prestei atenção. Meu foco estava em outro lugar. Quando cheguei perto, o vi levantar, girar e estender a mão para mim. Ele segurou meus quadris e me guiou para a cama. Subi nela de joelhos, ele me puxou para cima dele e caiu de costas. Em seguida, as mãos grandes entraram por debaixo do suéter e deslizaram de leve e suavemente sobre os meus quadris e, em seguida, em torno da minha bunda.

Meus olhos fecharam e passei a língua nos lábios.

— Minha esposa gosta das minhas mãos em sua bunda — Frey murmurou, as pontas dos dedos me acariciando.

Eu gostei, você pode apostar, que eu gostei muito.

— Humm — foi tudo que consegui murmurar.

Frey sorriu e suas mãos se moveram para cima.

— Vem cá, amor.

Me inclinei para ele e cheguei mais perto, descansando os braços sobre seu peito enquanto ele puxava o suéter para cima com as mãos. Elas deslizaram preguiçosamente ao longo da pele das minhas costas.

— O que tirou você da nossa cama? — ele perguntou em voz baixa.

— Pedi um pouco de comida — respondi baixinho, olhando em seus sonolentos olhos verde oliva.

— Isso é bom — ele murmurou, os lábios carnudos ligeiramente curvados e gostei tanto que levantei minha mão e a coloquei em volta do seu rosto, meu polegar se movendo para tocar seu lábio inferior.

Mal o toquei antes que ele me virasse de costas, abaixasse os dois braços para que a parte de trás dos meus joelhos ficassem enganchadas na curva dos seus braços, minhas pernas abertas, as mãos na cama. Ele pairou sobre mim e inspirei profundamente enquanto meus olhos tomavam todo o poder e a beleza dele entre as minhas pernas, enquanto sentia meu sexo exposto estremecer.

Ele capturou meu olhar e o manteve cativo enquanto minha respiração começava a acelerar e minhas pernas ficavam tensas contra os seus braços, em antecipação. Então seus olhos baixaram para olhar para mim, e eu preendi a respiração reagindo à sua beleza enquanto a fome consumia seu rosto, ele movia os quadris e, em seguida, estava dentro de mim.

Ah, caramba.

— Frey. — Suspirei, levantei a cabeça e o seu olhar me queimava enquanto ele se movia devagar, de modo lento e suave, incrivelmente suave e profundo.

Firmei as pernas e apertei meu sexo em torno do seu pênis.

Ele soltou um grunhido baixo, que vinha do fundo da sua garganta, o rosto enrijecendo, então ele retumbou.

— Eu gosto do carinho da minha esposa.

Levantei as duas mãos para passar os dedos sobre o peito dele.

— Bom — sussurrei em seguida, pedi — mais rápido, querido.

Ele continuou empurrando, suave e lentamente, e sussurrou:

— Não, pequena.

— Por favor.

Para dentro e para fora, tomando seu tempo, suave e lento.

— Não.

Ele sustentou meu olhar e se moveu dentro de mim, meus dedos apalpando onde quer que pudessem chegar sobre o seu peito maciço e os abdominais rígidos e fiz isso por algum tempo. Seus olhos fixos nos meus enquanto ele me penetrava lentamente, em seguida, deslizava para longe e de novo, e de novo, até que começou a crescer, sem pressa, suave, em seguida, mais e mais, até que eu não podia mais aguentar. Era tão bom, ele era tão bom, eu precisava de mais e não ter isso era uma tortura. Meus dedos desceram do seu abdômen para agarrar suas laterais e segurá-lo enquanto ele continuava a penetrar devagar, com suavidade e gentileza.

Ele era maravilhoso. Maravilhoso.

— Por favor, Frey, mais rápido. — Suspirei, minhas pernas começam a empurrar seus braços, meu sexo apertando seu pênis.

— Não, Finnie.

Prazer rolou através de mim, trilhando um caminho tão profundo, que meu pescoço e minhas costas se arquearam em sua direção.

Com esforço, me endireitei, olhei nos seus olhos, agora mais famintos, e sussurrei:

— Você está me matando, baby.

— Não, não estou, pequena — ele sussurrou de volta. — Só me sinta.

— Eu sinto você — proferi e sentia, ah sim, eu sentia.

— Me observe tomá-la — ele ordenou calmamente, ainda lento, profundo e muito suave.

— Estou vendo, Frey — sussurrei e quando o fiz, foi espetacular.

Seus olhos se moveram do meu rosto para baixo do meu corpo, até onde estávamos ligados. Subiram lentamente, mais uma vez e durante o tempo que demoraram a voltar para o meu rosto, minhas costas arquearam, minhas pernas engancharam, apertadas, em torno dos seus braços e meu sexo começou a ter espasmos.

Eu estava gozando. Apenas com isso. Eu estava gozando. Ah, nossa, tão perto.

— Você é linda, Finnie, mas, pelos deuses, nunca esteve mais bonita do que agora, espalhada diante de mim, envolta no meu pau e preenchida por mim — ele murmurou e foi isso, meus quadris sacudiram com violência, meu pescoço arqueou e um gemido baixo, lento e suave, escapou de mim enquanto um orgasmo profundo, e incrivelmente doce me atravessava.

Não tinha terminado antes dele me mover em seus braços, soltando as minhas pernas e caindo sobre um antebraço ao meu lado, o outro braço envolvendo minhas costas e me puxando enquanto finalmente me penetrava mais rápido, com mais força, movendo os quadris para frente e para trás enquanto marcava cada centímetro da minha alma e fazia isso enquanto o observava com fascinação profunda, segurando-o com firmeza até sua mandíbula apertar e um grunhido lento e baixo irromper do seu peito e ele gozava dentro de mim.

Eu adorei cada segundo, do início ao fim.

Viu? Completamente ferrada.

Mais uma vez. Sexo. Mais uma vez. Sem controle de natalidade.

Tudo bem, nada disso. Mais uma vez, sexo fantástico. Mas, novamente. Sem controle de natalidade!

Ele permaneceu dentro de mim e tomou minha boca em um beijo tão lento, doce, profundo e molhado da forma como fez amor comigo. Então soltou minha boca, mas continuou próximo e deslizou seu nariz ao longo do meu.

Caramba, senti falta disso também.

Então, sua cabeça se moveu para trás alguns centímetros, ele capturou o meu olhar e o seu era lânguido, mas também sério. Humm... Vendo aquele olhar, estava achando que tinha chegado a hora.

— Estou muito satisfeito em tê-la de volta, minha Finnie — disse com suavidade. — *Mais que* satisfeito — ele repetiu e o apertei com mais força, em seguida, ainda mais quando ele sussurrou. — Também senti sua falta, pequena.

— Frey — sussurrei, mas ele me cortou.

— Mas, marque isto, não vou tolerar que você vá embora de novo. É importante que você me entenda. Somos recém-casados, você precisava de tempo para chegar a um acordo com tudo o que havia descoberto, tempo, vou acrescentar, que eu te dei e tempo que você tomou, mas vou lhe dizer, você tomou muito dele.

Humm. Eu não podia dizer que ele estava errado sobre isso.

Em seguida, ele terminou com:

— Mas não vou permitir isso novamente. Está entendido?

Olhei para ele.

Ele disse que não iria tolerar que eu fosse embora novamente.

Ele não iria tolerar que eu fosse embora.

E, em cerca de dez meses, eu iria embora em definitivo.

Merda, eu tinha que dizer a ele.

Merda. De alguma forma, de alguma maneira, tinha que descobrir como explicar o que tinha acontecido, quem eu era, de onde eu era e fazê-lo acreditar em mim. Em seguida, explicar a ele que poderíamos ter tudo isso e poderíamos apreciá-lo, teríamos tempo, um monte dele.

Mas, então, o tempo acabaria e eu teria que ir para casa.

Encarei seus olhos enquanto o medo começava a aumentar dentro de mim, pânico, ansiedade e algo mais, algo muito mais doloroso, algo que recusei, nesse ponto, enquanto estava pendurada na bem-aventurança, a entender. Então, comecei.

— Frey...

— Não — ele grunhiu de forma áspera e pisquei diante do seu tom feroz e súbito.

Então, tive que sussurrar:

— Mas você tem que saber algo sobre...

— Eu sei, Finnie.

Pisquei novamente quando meu coração acelerou.

Frey continuou falando.

— Sei como você veio até mim.

Senti meus lábios se abrindo em estado de choque, seus olhos foram até eles, então voltaram aos meus, calorosos e doces.

— Sei quem você é, meu amor. E sei como você veio até mim. Eu sei que você é *Finnie*.

Ah. Meu. *Deus!*

Ele sabia que eu era Finnie!

— Como?

— Isso não importa, só que eu sei e não precisamos falar sobre isso. Nós nunca precisaremos falar sobre isso. Estamos no presente e você não tem escolha, a não ser viver no agora. Você nunca terá uma escolha, apenas viver no agora. E aqui, minha pequena Finnie, *aqui* é onde vamos viver. Nós sempre viveremos no nosso agora.

Senti meus olhos começarem a se encher de lágrimas (Sim! De novo!), porque ele sabia e entendia, e senti como se um peso fosse tirado de mim. Ele sabia sobre mim, quem eu era e como eu vim até ele. Aparentemente, entendia o que havia entre nós e que acabaria, portanto, teríamos que viver o agora.

Mas, mesmo enquanto esse peso era retirado e eu começava a sentir a luz, imediatamente outra coisa começou a me arrastar para baixo e sussurrei:

— Frey...

Ele me interrompeu, tocando sua boca com a minha.

Quando levantou a cabeça, seus olhos encararam os meus e ele sussurrou:

— Você não está no agora, Finnie.

Eu não estava. Estava pensando sobre o futuro, em deixá-lo.

Merda.

— Venha para o agora, pequena — ele insistiu, e eu assenti.

O agora. Isso soou como algo que meu pai diria. Viver o agora.

E eu gostaria de viver o agora com Frey. E gostaria de aproveitar cada segundo dele enquanto pudesse.

Em seguida, bateram na porta.

Olhei nos olhos dele.

Então, me forçando a voltar para o agora, brinquei.

— Aparentemente, o agora, significa comida.

Ele sorriu. Então disse:

— Isso é bom, já que estou morrendo de fome. Minha esposa sugou toda a minha energia.

— Não finja que você não gosta disso — provoqueei.

— Não vou fingir — ele afirmou com toda a seriedade e o peso dessas três palavras me fez querer continuar sob ele, quando continuou. — Isso foi além de qualquer coisa que eu poderia ter desejado que fosse. Minha pequena Finnie, você está além dos meus sonhos mais selvagens.

Caramba! Ele acabou de dizer isso?

Olhei para ele e me atingiu não só o que ele havia acabado de dizer, mas que ele falou a sério.

Meus olhos se inundaram de lágrimas e sussurrei:

— Ah, merda. — Levantei o rosto e o enfiei no seu pescoço quando comecei a chorar e fiz isso *alto*.

Outra batida soou na porta.

Frey me afastou suavemente, virou de costas, me acomodou ao seu lado, puxou as cobertas e me segurou bem perto enquanto gritava:

— Entre!

Fiquei tensa, mas isso não me impediu de continuar a soluçar contra sua pele.

A porta se abriu. Me aproximei mais de Frey e o abracei mais apertado.

Assim como ele.

Então, o ouvi ordenar.

— Deixe a comida e nos deixe a sós. Rápido.

Senti o cheiro de comida, ouvi alguma coisa tilintar. Logo em seguida, o som parou e a porta se fechou.

Frey continuou me segurando com força muito depois da porta se fechar e eu continuei soluçando, sem perceber o quanto precisava fazer isso. Mas, aparentemente, havia me reprimido muito porque havia um monte de soluços saindo e, na segurança dos seus braços fortes, me deixei levar.

Uma vez que os soluços começaram a diminuir, uma das mãos de Frey se moveu sob o suéter até acariciar a pele das minhas costas enquanto eu fungava e levantava uma mão para limpar o rosto.

— Tudo certo, pequena? — ele perguntou.

— Uhum. — Murmurei, balançando a cabeça, descansando minha bochecha no seu ombro e colocando meu braço em volta dele novamente.

Frey continuou acariciando minhas costas.

Me senti muito bem.

E foi então que pensei em quando estávamos cavalgando para Fyngaard e Frey me contava sobre as aldeias, os seus nomes e os seus

deuses, e como os rios e as florestas eram chamados.

Ele já sabia. Ele sabia.

Tudo veio até mim rapidamente, suas explicações gentis, sua paciência, aqueles momentos estranhos quando eu o via me observar com aquele olhar compreensivo, momentos que, agora, não eram tão estranhos.

Ele *sabia*. E já tinha esse conhecimento há algum tempo.

— Quando você soube? — sussurrei sobre o peito dele.

— Finnie...

Eu lhe dei um apertão e repeti:

— Diga-me, quando você soube?

Frey ficou quieto por um segundo. Depois, suspirou. Então, disse:

— Nas minhas entranhas, quando você correspondeu ao meu beijo na Morada dos Deuses, depois que nos casamos. E cada segundo que passei com você depois que voltei para a cabana, sabia que você não era o que parecia ser. Você não é nem um pouco parecida com ela, ainda que sua aparência seja exatamente a mesma. Eu sabia que algo não estava certo com você. Os elfos verificaram isso e me contaram que você não era deste mundo.

Suspirei, tranquila.

— A mensagem — imaginei.

— Sim — Frey confirmou.

Balancei a cabeça e achei legal que eles soubessem. E esperava que, da próxima vez que Frey fosse falar com eles, me levasse junto. Eu poderia lhes perguntar como eles souberam.

Então voltei para a nossa conversa.

— Por que você não me contou? — perguntei em voz baixa.

Sua mão parou nas minhas costas por um segundo. Em seguida, começou a acariciá-las novamente quando respondeu:

— Em parte, porque havia muitas coisas com as quais você estava lidando e estava preocupado com você. Mas vou admitir, minha pequena,

na maior parte foi porque gostei da sua resposta ao meu mundo, seus erros, seus fingimentos. Eles me divertiam. — Levantei minha cabeça, e ele olhou bem nos meus olhos. — *Muito*. — Ele ressaltou, em seguida, sorriu, antes que falasse: — Foi muito cativante.

Eu sorri de volta, em seguida, disse:

— Você sabe, eu devia estar com raiva de você por não ter me contado.

Seu sorriso se transformou em um sorriso enorme.

Seu braço estava curvado em volta de mim me segurando firmemente e afirmou:

— Eu sei.

Comecei a rir baixinho e o informei:

— É bom que você seja gostoso, Frey Drakkar, bom de cama e que comande elfos e dragões ou você estaria em sérios apuros.

Ele continuou sorrindo, mas suas sobrancelhas se juntaram.

— Gostoso?

Assenti.

— Sexy. Bonito, com boa aparência, agradável aos olhos — me inclinei para ele —. *gostoso*.

Ele inclinou a cabeça para trás e riu. Ainda rindo, me virou de costas, o braço em volta da minha barriga virando minha lateral para sua frente. Ele olhou para mim e parou de rir.

— E é bom que seja linda, Finnie Drakkar, ou você teria uma bunda muito vermelha por arriscar tal empreendimento.

Pisquei para ele.

Finnie Drakkar.

Merda, aquilo soava bem.

Em seguida, todas as suas palavras me acertaram e senti *minhas* sobrancelhas se ergueram.

— Uma bunda muito vermelha por arriscar tal empreendimento?

Ele balançou a cabeça e seu rosto ficou sério.

— Isso... — ele hesitou — viajar para outro mundo. Foi imprudente. O quê?

— O quê? — Perguntei.

— Você não tinha ideia do que poderia encontrar, e eu sei sobre quando você chegou, esposa. Sei que encontrou uma situação que estava além dos seus meios para controlar. Como você sabe, não me importo com a sua gêmea.

Cara, *isto* eu sabia.

Frey continuou falando.

— Não gosto de me lembrar de como me comportei com você pensando que fosse ela. — Seu rosto ficou sombrio quando declarou: — E eu não gosto de pensar no que poderia dar errado com essa magia, para onde você poderia ter sido enviada, o que poderia ter acontecido com você. Foi imprudente, minha pequena, e você não deveria ter feito isso.

Olhei para ele.

Ele estava preocupado comigo.

Isso era doce e sensual. Eu não falei essa parte.

Em vez disso, apontei.

— Frey, querido, eu sou uma princesa, vivo em um *palácio* assombroso, minha mãe e meu pai são o rei e a rainha e eu sou casada com um cara gostoso que é o regente dessa terra e comanda elfos e dragões. Eu fiz tudo certo, *totalmente*.

— Isso foi puro acaso — declarou com firmeza, e eu sorri.

— Uma aventura sempre é. — Me empurrei contra ele, forçando-o a ficar de costas, descansei meu tronco no dele. Inclinei o meu rosto bem perto do seu enquanto passava meus dedos em volta do seu pescoço. E disse baixinho: — Essa é a melhor parte, baby.

— Fin... — Ele começou, mas levantei a mão, toquei sua boca com meus dedos e fiquei séria.

— Minha mãe e meu pai, os de verdade, lá em casa — vi seus olhos se arregalarem, o que achei estranho, mas continuei falando —, viviam cada minuto como se fosse o último. — Deslizei meus dedos da bochecha até sua mandíbula antes de sussurrar: — E isso foi bom, pois suas vidas não duraram muito tempo. Eles me deixaram para trás, Frey, e sinto falta deles. Mas gosto de saber que eles aproveitaram tanto quanto podiam antes que me deixassem. E, antes disso acontecer, me ensinaram não só a existir, não apenas inspirar e expirar, mas a *viver*. E gosto de saber que estão sorrindo, onde quer que estejam, sabendo que ouvi e aprendi. Estou vivendo minha vida como me ensinaram. Fazendo cada respiração valer a pena.

Ele segurou meu olhar, mesmo quando levantou uma mão, prendendo o cabelo atrás da minha orelha, a deslizou pelo meu cabelo para segurá-lo, agrupado, na lateral do meu pescoço.

— Gostaria de saber mais sobre eles, Finnie — disse em voz baixa.

— Vou adorar falar sobre eles a você, Frey — respondi baixinho.

Seu polegar acariciou minha garganta, o olhar ainda no meu e murmurou:

— Pelos deuses, você combina comigo, este desejo de viver, a sua sede de aventura.

Sorri para ele, porque gostava que ele pensasse isso, gostava muito.

— Posso dizer uma coisa? — perguntei.

— Qualquer coisa, minha pequena — respondeu.

Cheguei mais perto e não tinha ideia que meus olhos ficaram brilhantes e minhas bochechas ficaram rosadas por causa do entusiasmo antes de sussurrar, sem fôlego.

— Mal posso *esperar* para entrar no seu navio.

Ele manteve o meu olhar por um segundo antes de percorrer o meu rosto. Em seguida, ambos os braços se fecharam em torno de mim e me abraçou forte quando começou a rir.

Eu o observei rir e gostei disso também.

Gostei muito disso.

Quando ele parou, inclinei a cabeça para o lado e, novamente, não tinha ideia que meus olhos estavam brilhantes e minhas bochechas estavam rosadas pelo entusiasmo quando perguntei:

— Quer ouvir sobre o meu mundo?

Sua grande mão segurou o meu queixo e respondeu.

— Claro. Mas vá, esposa e pegue nossa comida. Você pode falar enquanto comemos.

Sorri para ele e sussurrei:

— Certo.

Baixei minha boca sobre a dele, dei um beijo rápido e corri para fora da cama. Fechei a cortina, corri pela sala, peguei a bandeja que havia sido deixada em uma cômoda e a levei para a cama.

Subi na cama com o meu marido, comemos o jantar e compartilhei meu mundo com ele.



— Finnie? — Frey chamou na escuridão.

— Humm? — murmurei, sonolenta, cerca de cinco segundos de distância da *Terra dos sonhos*.

— Você está muito tensa com o arco.

Meus olhos se abriram.

— O quê? — Sussurrei.

— Você está muito tensa com o arco — repetiu. — Você está se concentrando demais. Está deixando seu cérebro atrapalhar seu objetivo. Você deseja tanto atirar bem que todo o seu corpo está travando exatamente antes do arremesso e isto a afasta do seu objetivo.

Meu Deus. Ele estava me observando treinar com o arco e a flecha. Quando achei que estava mantendo distância, Frey estava me observando, aparentemente, de perto.

Não disse nada, mas meu coração inchou de novo.

Frey falou novamente.

— Se você relaxar, se concentrar no alvo, no que seus braços estão fazendo, seus dedos, seus ombros, sua coluna, se concentrar no seu corpo, no seu arco, na flecha, no alvo, e não no que Atticus vai pensar, você vai ver melhorias.

Ah, meu *Deus*.

Ele sabia o que eu estava pensando, o que eu queria, porque ia lá fora com meu pai.

Ele sabia o que estava no meu coração.

Fiquei quieta.

Seu braço me deu um apertão.

— Não se preocupe, pequena — sussurrou. — Atticus vai gostar de você, sua flecha encontrando o alvo ou não. Ele não será capaz de evitar.

Fechei os olhos enquanto suas palavras me percorriam e, com elas e as da minha mãe mais cedo, não só o que ela falou, mas como falou, o que isso dizia sobre ela, como se sentia sobre mim e, por último, mas não menos importante, o que disse sobre como Frey se sentia sobre mim.

A tensão, que não sabia que estava carregando nos meus ombros e no meu pescoço, sumiu. Me aconcheguei mais perto de Frey e estiquei meu braço em torno dele.

Sussurrei.

— Certo.

Seus dedos deslizaram até minha lateral e me envolveram.

— Certo — ele sussurrou de volta.

Meu corpo derreteu na dureza quente do corpo do meu marido e, segundos depois, eu estava dormindo.

Capítulo 17

Algo Requintado

Quatro dias mais tarde...

Irrompi para fora da casa e descí correndo os degraus de pedra enquanto o grupo de cavaleiros, liderados por Frey e o Rei Atticus invadiam a clareira em frente ao Palácio.

Frey trotou com Tyr e o parou assim que cheguei perto. Coloquei minhas mãos na sua coxa, inclinando a cabeça para trás para olhá-lo.

— Você ganhou? — perguntei com um sorriso, e ele sorriu de volta para mim.

Ele se inclinou tanto para baixo quanto para o lado na sela e sua mão agarrou a parte de trás do meu pescoço me puxando até ficar na ponta dos pés para que nossos rostos ficassem próximos.

— Não se ganha uma caçada, esposa — ele disse, calmamente. — A única maneira de perder é se você não pegar um cervo ou, pelo menos, uma lebre.

— Certo, então — respondi — Você pegou pelo menos uma lebre?

— Quatro — afirmou — e três cervos.

Franzi o nariz.

Frey observou meu rosto e seu sorriso ficou maior antes de perguntar:

— Por que é que você irrompeu do Palácio agitada com as notícias sobre a caçada e agora me olha como se eu tivesse dito que marcheí através de uma vila cortando todos os seres que respiram com a minha espada?

Eu não “irrompi do Palácio” porque queria notícias da caçada. Saí correndo do Palácio porque o meu marido lindo galopou até lá em seu

belo cavalo parecendo... bem, *sexy*. E ele saiu nas primeiras horas da manhã. E, portanto, eu “irrompi do Palácio” porque estava animada para vê-lo.

Mas não lhe disse isso.

Em vez disso, expliquei.

— Porque pensei que era uma competição que você podia ganhar. E, agora, descobri que é apenas um bando de caras que saem e matam coisas. A competição é emocionante. Matar apenas por matar... — balancei a cabeça e terminei — nem tanto.

Frey continuou sorrindo enquanto se inclinava ainda mais. Logo encostou sua boca na minha antes de ordenar suavemente:

— Chegue para trás para que eu possa desmontar, pequena esposa,

Ele me soltou e dei um passo para trás para ver meu pai se movendo na nossa direção, então me virei para ele e sorri.

— Como você foi? — perguntei.

— Não tão bem quanto o Drakkar, uma lebre e dois cervos — ele respondeu, se aproximando de mim enquanto devolvia meu sorriso e se inclinava para beijar a minha bochecha depois de falar. Quando se endireitou, Frey já estava ao meu lado e Atticus olhou para o meu marido. — Como de costume, ninguém foi tão bem quanto o Drakkar.

Me virei para olhar para Frey.

— Então, você *ganhou*.

Frey olhou para mim, os olhos sorridentes.

— Se lhe agrada, minha princesa, pode pensar nisso desta maneira.

— Certo, vou pensar assim — decidi.

A boca de Frey se curvou e seus olhos foram para Atticus, que estava observando.

— Há abundância de carne fresca para a noite da festa.

Fiz uma cara engraçada. E soube disso, porque Frey começou a rir. Também colocou o braço em volta dos meus ombros e me puxou para o seu lado. E, por último e melhor, beijou o topo da minha cabeça depois que parou.

Quando terminou, inclinei a cabeça para trás e vi que estava olhando para mim.

Ao encontrar meus olhos, disse:

— Você come carne de porco?

Tive o pressentimento que sabia onde isso ia acabar.

— Sim, — confirmei — mas...

Frey me interrompeu.

— E filé?

— Sim, marido, mas...

— E galinha, faisão e cordeiro? — continuou.

— Não como cordeiro — protestei.

— É claro, me esqueci — Frey olhou para o meu pai e informou a ele. — Finnie não come filhotes. É uma regra.

Esta *era* uma regra e esta regra Frey aprendeu quando nossas bandejas foram entregues há duas noites para que pudéssemos (novamente) comer na cama. Cordeiro foi servido e fiz um miniescândalo e, como era uma princesa, enviei a comida de volta. Frey achou que era hilário durante o meu chique e depois, quando expliquei minhas razões para ter aquela crise. Sabia que ele achava engraçado, porque, em primeiro lugar, riu muito sobre isso na hora. Segundo, riu muito sobre isso mais tarde, sempre que se lembrava. E último, porque brincava comigo a esse respeito com frequência.

Ele podia pensar que era cômico e me provocava. Ainda assim, não ia comer filhotes. De jeito nenhum.

Olhei para o meu pai, acenei com a cabeça e afirmei:

— Absolutamente.

Papai sorriu para mim e Frey me olhou de novo.

— Você *sabe* de onde tudo isso vem, Finnie.

— Claro, só não quero discutir sobre isso ou pensar no meu marido e no meu pai cavalgando para dentro da floresta e caçando. — Me virei e continuei: — E, por acaso, juntamente com os filhotes, não como lebre, nem carne de cervo.

Na verdade, para ser honesta, não sabia exatamente o que era uma lebre, exceto que parecia um coelho e de maneira nenhuma, eu ia comer um coelho.

Eu era aventureira, mas tinha que traçar um limite em algum lugar.

— Você vai comer hoje à noite — meu pai falou —, pois vai haver muita carne deles e prometo a você, filha, vai achar delicioso.

— Acho que vou ficar com os canapés — respondi, a cabeça do meu pai se inclinou para o lado, em confusão, e Frey me deu um aperto que significava que ele não tinha ideia do que eu estava falando. — *Hors d'oeuvres*? — tentei, meu pai franziu a testa e Frey começou a rir. — Comida que pode ser comida com a mão. Como *vol-au-vents*, quiches em miniatura, almôndegas no palito e tal — expliquei.

Meu pai se aproximou e disse calmamente:

— Minha filha do outro mundo, acho que não temos os mesmos alimentos.

Por falar nisso, já sabia que meus pais tinham sido informados pelo Frey sobre quem eu era e de onde viera. Isto tinha tornado as coisas melhores, pois significava que podia ser eu mesma perto dos dois. Obviamente, era muito melhor para mim e parecia funcionar, especialmente, com meu pai.

Ainda assim, saía com ele todos os dias (exceto hoje, uma vez que estava na caçada) e praticava com o meu arco e a flecha.

E Frey estava certo, estava muito preocupada sobre decepcionar o Atticus. Uma vez que comecei a focar no que estava fazendo, e não em fazê-lo feliz (sem mencionar que, ao fazer isso todos os dias, meus braços e ombros estavam ficando mais fortes e, portanto, ganhei mais controle),

fui bem melhor. Não estava acertando o centro do alvo, mas nos últimos dois dias que treinei, nenhuma flecha se desviou e algumas delas realmente acertaram os círculos no alvo.

Meu pai estava satisfeito com o meu progresso, e eu também.

— Vamos ver — sussurrei de volta. — Provavelmente, só não as chamamos pelos mesmos nomes.

— Provavelmente, não — Meu pai declarou, em seguida, olhou além de mim e sorriu. Me virei para ver minha mãe se aproximando, também com um leve (como era o seu jeito) sorriso.

— E como você foi, meu marido? — perguntou na chegada e depois se inclinou para lhe dar um beijo.

Quando o fez, suspirei e me aproximei de Frey enquanto seu braço me apertava, me envolvendo.

— Uma lebre e dois cervos — Atticus respondeu.

— É bom saber que, mesmo que não tenhamos caçadores reais, meu marido pode fornecer carne para a nossa mesa — ela respondeu suavemente.

Meu pai sorriu com orgulho, e ela se virou para mim, seu rosto ficando sério.

— Estou quase certa, minha Finnie, que você já deveria estar no banho — afirmou de um jeito bizarro e eu pisquei para ela.

— Deveria? — perguntei.

— O baile do Gales começa daqui a quatro horas — ela me informou algo que eu já sabia.

Apesar disso, falei a ela que eu já sabia.

— Eu sei, mas não vou demorar quatro horas para ficar pronta.

Seus lábios se curvaram para cima antes que ela retrucasse.

— Querida, confie em mim, suas criadas estão frenéticas no andar de cima, porque você passou a última meia hora andando para lá e para cá, verificando as janelas, antecipando o retorno do seu marido. E depois do retorno seguro dele, você continua aqui e ainda não se retirou para os

seus aposentos para iniciar os preparativos, onde suas criadas esperavam que você estivesse há, pelo menos, uma hora atrás.

Senti o braço de Frey enrijecer em volta dos meus ombros, indicando que agora ele sabia a razão do meu “irromper do palácio”, mas ignorei isso porque estava ocupada piscando novamente.

— Sério? — perguntei.

Ela assentiu com firmeza.

— Sério, minha filha.

Uau. Cinco horas para se preparar para uma festa? Nossa, eu me perguntava o que poderia demorar tanto.

Olhando para minha mãe, decidi que seria melhor sair e, provavelmente, não perder tempo com perguntas.

— Vou subir imediatamente — disse a ela.

— Isso seria sábio — ela respondeu, com os olhos ficando doces, como reparei que estavam ficando com muito mais frequência nestes últimos quatro dias.

Tinha que dizer, gostava disso.

Pensei na nossa manhã na cidade, porque lhe pedi para ir comigo e buscar o que estava no andar de cima. Em seguida, apertei os lábios e arregalei meus olhos para ela. Ela assentiu com a cabeça em direção à casa. Logo depois, virou o queixo na mesma direção, no caso de eu não ter pego o primeiro sinal. Mordi o lábio com nervosismo. Seus olhos semicerraram ao olhar para a minha boca, e novamente, virou o queixo para o Palácio e piscou de maneira significativa.

Entendi o sinal. Inclinei a cabeça para trás para olhar para Frey.

— Você pode vir comigo? Só por um minuto? — perguntei, timidamente.

Não sabia por que estava sendo tímida. Era uma bobagem. Ele era meu marido. Eu o conhecia no sentido bíblico. Havia conhecido muito, *muito* bem nesse sentido nos últimos cinco dias. Isso, além do arco e flecha, comer, dormir, fazer aulas de dança todas as tardes com as

garotas (pois havia uma série de danças que dançavam no Gales e a Princesa Sjofn sabia todas e eu, é claro, não. Então eu tinha que aprendê-las, de qualquer maneira), e era praticamente *tudo* o que eu estava fazendo. Eu passava uma grande parte do tempo com ele. Não fazia ideia do porquê estava tímida.

Mas estava.

E Frey, sendo Frey, e deixando passar menos que a minha mãe deixava (o que precisava ser dito, não era muito), captou.

Sendo meu marido quem era, me deu um aperto e murmurou suavemente:

— Claro, minha pequena Finnie.

Sorri para ele, trocamos despedidas com os meus pais, e ele me levou até os degraus do Palácio.

Estávamos lá dentro e caminhando para as escadas quando seu braço, ainda sobre os meus ombros, me puxou para mais perto dele.

— Está tudo bem, pequena? — perguntou.

Assenti, olhando para os meus pés.

— Suas criadas já arrumaram os seus baús? — ele continuou, e eu assenti novamente.

Nós íamos partir amanhã para o navio dele.

Estava ansiosa para usar o meu vestido fabuloso naquela noite. Estava ansiosa para ver o que todo mundo estaria usando. Estava ansiosa para descobrir o que ia comer (embora, se tivesse apenas lebre e cervo, estava planejando um outro mini chique de princesa). E estava ansiosa para testar meus passos de dança recém aprendidos.

Mas, acima de tudo, estava ansiosa para partir com ele amanhã e, finalmente, ver o seu navio, em seguida, entrar nele e, depois, estar com ele e no mar.

E eu estava *muito* ansiosa por isso.

— Estão arrumados, foram colocados no trenó há duas horas e estão a caminho de Sudvic — disse a ele.

— Excelente — ele murmurou, me guiando escada acima.

— Humm... se chegar nos nossos aposentos e as garotas estiverem lá, só para te dar uma atualização — avisei, olhando para o seu perfil — elas não estão realmente felizes por você não ter deixado que eu levasse, pelo menos, uma delas quando partirmos.

Frey olhou para mim.

— Entendo que você ficou próxima a elas, Finnie, e estou contente por isso, mas um navio não é lugar para uma mulher.

— Eu estarei lá — ressaltei.

— E *você estará* aquecendo a *minha* cama, *minha* cabine e meus homens sabem disso e vão saber que vão ganhar o meu desagrado e como esse desagrado será comunicado se não voltarem sua atenção para outras coisas quando você estiver entre eles. Suas criadas seriam uma distração e, quando estamos navegando, meus homens não precisam de distrações.

— Na verdade — sussurrei, me inclinando ainda mais para perto dele enquanto caminhávamos —, acho que é por isso que estão todas de bico, porque nenhuma delas conseguiu ir. Os seus homens têm estado por perto tempo suficiente, e as meninas repararam isso... — hesitei quando Frey parou do lado de fora da porta dos nossos aposentos, me puxou para a sua frente e enfatizei isso. — Acho que estavam esperando ter sorte.

Os lábios de Frey se curvaram e ele perguntou:

— Ter sorte?

Assenti.

— Transar. Ficar marcada. Dar uma. Ter suas saias levantadas. — Coloquei minhas mãos no seu peito, fiquei na ponta dos pés e terminei. — *Ter sorte.*

Frey jogou a cabeça para trás e começou a rir enquanto seus braços me envolviam e me dava um grande abraço.

Em seguida, ele inclinou a cabeça para olhar para mim.

— Mesmo assim, minha pequena, meus navios não são tripulados por poucos homens. Eles podem não querer ter *esta* sorte e, em um mês ou mais de viagem, a maioria desse tempo no mar, eles vão procurar essa possibilidade.

Balancei a cabeça e respondi:

— Não sei. Todos os dias, cada uma tem um novo favorito. Ontem, Max era o da Bess, mas ela mudou para o Lund hoje. Orion era o favorito da Alyssa ontem, mas ela jura que está apaixonada pelo Annar hoje. Tivemos uma situação ontem com a Jocelyn e a Esther levantando o troféu para o Thad, mas felizmente, hoje, Esther mudou para o Stephan. Jocelyn ainda está viciada no Thad. Na verdade, se a memória não me falha, ela era viciada no Thad no dia anterior a isso também.

Humm, e ela era viciada no Thad no dia anterior a *este* também.

Interessante.

Me obriguei a me concentrar na nossa conversa e não nos meus possíveis esforços futuros como casamenteira e finalizei:

— Não tenho certeza de que eles se importariam com uma miscelânea.

Frey sorriu, mas perguntou:

— Jocelyn é a morena de olhos verdes e extremamente grandes...

— Sim — o cortei antes que ele pudesse terminar dizendo que Jocelyn era peituda, o que era um eufemismo sério, e dizer que ela não se importava em exibir esses atributos era outro eufemismo.

Assisti, por sua vez, ele esboçar um sorriso malicioso.

— Então, vamos informar ao Thad sobre isto depois que voltarmos para que ele possa manter esse assunto em mente. É seguro dizer que ele reparou bastante nos... — fez uma pausa, em seguida, continuou — *significativos* atributos da sua criada e não se importaria em fazê-la se sentir com sorte.

Me inclinei mais ainda para perto dele e sussurrei:

— Excelente — em seguida, passei a aconselhar —, embora, quando ele fizer o seu movimento, deve dizer que ele pode comentar sobre seus olhos, e não sobre seus... — fiz uma pausa — atributos *significativos*.

Frey riu, assentiu, me deu outro abraço, e em seguida, me soltou, se virou e abriu a porta.

Mal colocamos os dois pés dentro do quarto antes das minhas quatro garotas caírem sobre mim.

— Finnie! — Alyssa gritou. — Onde, na face da terra, você estava?

— Não vamos ter tempo para o seu cabelo secar, para podermos fazer um penteado — Bess afirmou em um tom lúgubre como se isso fosse uma ocorrência que marcaria o fim do mundo como o conhecíamos. — *Nunca*. — Ela finalizou em um lamento baixo e desesperado.

— Dispa-se! Banho! Imediatamente! — Esther rebateu. — Antes que a água fique fria.

— Ela já deve estar fria — Jocelyn previu. — O banho já está pronto há meia hora. Vamos ter que pedir para trazerem mais água quente.

— Vou fazer isso! — Bess gritou e saiu *correndo* do quarto.

— Uh... vocês podem me dar dez minutos com Frey? — perguntei, hesitante, pois estava claro que este pedido não ia ser muito bem aceito, e eu estava certa. Esther, Alyssa e Jocelyn se viraram para mim com horror.

— Dez minutos? — Jocelyn perguntou, em um sussurro consternado.

— Eu sei o que “dez minutos com Frey” significam. — Esther murmurou baixinho para a Alyssa — Significa outra tarde *inteira* de jogos na cama e nós nem vamos ter tempo para fazer seu cabelo secar para penteá-lo para o Gales.

Não consegui segurar o riso rápido e chocado, nem o calor que atingiu meu rosto.

— Esther! — repreendi, provocando, ainda sentindo o rubor.

— Bem, ele é o Drakkar e mal a deixou sair durante *cinco dias!* — Esther respondeu e senti meu rosto ficar mais quente ainda.

— Com certeza. — Alyssa murmurou para Jocelyn e ouvi Frey começar a rir.

Muito bem, hora de colocar um fim *nisto*.

— Certo, não é sobre isso, é sobre outra coisa e preciso de dez minutos — disse quando as três abriram a boca para falar, prometi — apenas dez minutos. — Levantei a mão, a palma virada para elas. — Vocês têm a minha palavra.

Todas olharam para mim, então para Frey e, novamente, para mim.

Jocelyn começou a puxar as outras duas para fora, dizendo:

— Dez minutos, Finnie.

— Use-os muito bem — Alyssa falou enquanto Jocelyn a empurrou para fora da porta. — Vai ter que ser suficiente para vocês, até depois do Gales.

Frey riu novamente, e eu olhei para a porta, balançando a cabeça.

Então ela se fechou e éramos só eu e ele.

Foi quando fiquei tímida novamente, por algum motivo e permaneci olhando para a porta.

— Finnie, amor, o que quer que seja, você tem dez minutos — Frey me lembrou, meu corpo estremeceu e virei para ele.

Seus braços estavam cruzados e seus olhos estavam em mim. Seus belos e gentis olhos verde oliva.

Merda.

Prendi a respiração. Tudo bem, já tinha feito, e o que fiz não foi uma coisa ruim, sem forçar a imaginação, que superar essa timidez ridícula e apenas ir em frente.

Então, disse:

— Enquanto vocês estavam caçando, minha mãe e eu fomos à Fyngaard. Fazer compras.

Frey não falou nada, mas eu podia dizer pelo olhar no seu rosto que estava imaginando por que eu transmitiria esta notícia não muito interessante para ele, pois era um homem, sem mencionar que era um Raider, um super-herói descolado que comandava dragões, e sua expressão deixava claro que ambos os tipos de homens, não importava em que mundo viviam (não que tivéssemos Raiders no meu mundo), não se preocupavam com compras.

Mordi o lábio, tomei fôlego novamente e, em seguida, me movi até o guarda-roupa. Abrindo uma porta, desapareci atrás dela e tirei a grande caixa de madeira que tinha colocado lá algumas horas atrás.

Fiz malabarismos enquanto me virava para ele e fechava a porta. Ele estava parado no mesmo lugar de antes e ainda estava me observando. Continuou a me olhar, seus olhos desviando para a caixa duas vezes enquanto caminhava até a cama, colocava a caixa sobre ela e abria a tampa.

Estendi a mão e sussurrei:

— Enquanto estávamos lá, comprei uma coisa para você.

Com cuidado, segurei o dragão, grande e bonito feito de vidro, pintado delicadamente com cores brilhantes: dourado (pescoço e pés), vermelho (cabeça e corpo), violeta e um profundo azul safira que tinha dourado salpicado (ambas as cores revestindo as asas), as pontas das garras, dos chifres, das asas, da cauda e os olhos, todos, pintados de um ônix brilhante.

Me virei para encará-lo.

Frey tinha virado o corpo para mim enquanto eu caminhava pela sala, mas agora ele não se movia, não falava e seus olhos não deixavam a peça delicada estendida nas minhas mãos para ele ver.

Enquanto continuava a olhar para ele, seu rosto inexpressivo, o corpo imóvel, me apressei a explicar.

— Eu, uh... o vi quando passeávamos em Fyngaard, humm... quando voltamos. Estava na vitrine de uma das lojas. Achei bonito e

queria voltar e dar uma olhada, mas, uh... quando você, humm... explicou quem você é e que você pode, uh... fazer, bem...

Seus olhos vieram até os meus e parei de falar quando não vi nada, nem felicidade, nem confusão, nenhuma indicação de que ele estava achando sua esposa idiota, nada.

Então, sussurrei:

— Acho que pensei, que por você ser quem é, seria um presente legal.

Achei muito mais do que isso. Era um dragão, era belo, majestoso, mesmo em sua delicadeza, retratava o poder feroz das bestas por ele controladas. E achei que ele precisava tê-lo, porque, sua beleza e poder ferozes, o personificavam.

Mas era mais do que isso. Quando fosse embora, queria que ele tivesse alguma coisa minha, algo requintado, bonito, algo para recordar os momentos que compartilhamos, mesmo que tivesse ficado com ele pouco tempo. Era por ambas as coisas. Com certeza.

E agora estava vendo que essa ideia foi completamente idiota.

— É... sinto muito Frey — sussurrei. — Pensando nisso, agora, foi muito estúpido. Você caça, monta cavalos e comanda navios. Um dragão de vidro, delicado...

Ele me cortou laconicamente.

— Coloque-o na caixa.

Pisquei diante do tom da sua voz e no olhar duro em seu rosto.

Não foi completamente idiota. Ele odiou.

Ele odiou!

Deus.

— Certo — ainda estava sussurrando, mas tinha que ser dito, meu coração estava magoado. Quer dizer, Frey podia ser duro e até mesmo insensível, mas na maioria das vezes ele era gentil. Era um presente. Mesmo que odiasse, fiquei surpresa que nem mesmo *tentasse* ser gentil.

Coloquei-o na caixa, mas mal o havia depositado na cama de seda vermelha, e Frey já estava ao meu lado, fechando a tampa. Ele odiou *por completo*. Vi quando pegou a caixa da cama, caminhou até a cômoda e a colocou ali, para o meu profundo desânimo. Não percebi o cuidado que tomou. Observei, com uma leve confusão mesclada com decepção enquanto ele caminhava até a porta e não só virava a chave na fechadura, mas também deslizava uma das pranchas de madeira, trancando-a.

Então o observei com confusão nítida, alguma surpresa e ainda com decepção enquanto ele se virava para mim.

Certo, humm... ele estava chateado?

Foi apenas um presente. Um presente idiota, claro, mas não era para estar tão zangado.

Não era?

— Frey — disse suavemente, levantando a mão como se para afastá-lo e recuei até encostar na cama.

Mal tinha acabado de encostar nela quando o corpo de Frey atingiu o meu.

Em seguida, caímos na cama, ele em cima de mim, as mãos no meu vestido, puxando-o para cima.

Ah, caramba.

Talvez eu tenha entendido errado.

— Se for preciso — ele grunhiu — você vai para o Gales com o cabelo molhado.

Minha nossa!

Ele levantou os quadris para tirar seu peso de cima de mim, ergueu meu vestido até a cintura, em seguida, arqueei as costas e ele arrancou o vestido, puxando meus braços para cima junto com ele.

Caramba!

— Frey — sussurrei enquanto uma das mãos percorriam a minha lateral e rapidamente deslizaram sobre o meu peito, até o meu pescoço e

a minha mandíbula.

E agora, seus olhos não estavam neutros. Eram ferozes e isso não era nem um pouco ruim.

Certo, entendi tudo errado. Ele, *definitivamente*, gostou.

— Ninguém — ele ainda estava grunhindo, o peito retumbando junto com ele, um estrondo tão profundo, que reverberava no meu peito e havia uma expressão feroz no seu rosto, que estava a um centímetro do meu —, *ninguém*, desde que a minha avó morreu, quando eu tinha treze anos, comprou um presente para mim. Absolutamente ninguém, desde que ela morreu, me deu nada.

Meu Deus.

Aquilo não podia ser verdade. Por favor, Deus, não deixe que isso seja verdade.

— Querido — suspirei, envolvendo meu braço em torno dele enquanto levantava a outra mão para segurá-lo firmemente pelo pescoço e pensei que, realmente precisava parar de fazer sexo (fabuloso) e começar a conversar, ou, mais especificamente, ele precisava parar de me ouvir tagarelar sobre tudo que há sob o sol quando não estávamos fazendo sexo, e eu precisava começar a extrair algumas coisas do meu marido.

— Nunca ganhei nada tão bonito — ele continuou — exceto aquele beijo, logo após o casamento, que você me deu.

Ah, meu *Deus*.

Ele falou isso. Não entendi mal. Ele realmente *disse* isso.

Merda, ele ia me fazer chorar novamente.

— Frey — sussurrei, lutando contra as lágrimas.

Sua mão deslizou do meu queixo até as minhas costas e deslizou mais para baixo, até a minha bunda quando a puxou para cima, assim meus quadris macios foram encaixados nos dele, rígidos.

Em seguida, declarou com voz rouca:

— Vou demorar agradecendo à minha esposa. E que se dane!
Suas criadas terão que esperar.

Sim, ele gostou.

— Tudo bem — murmurei.

Ele me estudou, o olhar intenso, como se estivesse memorizando cada centímetro do meu rosto.

Depois, inclinou a cabeça e me beijou.

E, demorou bastante tempo agradecendo à sua esposa.

E quando Frey Drakkar se dedicava a alguma coisa, ele o fazia muito bem feito.



— Vou te dar um presente todos os dias — murmurei para o colchão, ouvi a risada do meu marido e senti sua mão deslizar levemente sobre a curva da minha bunda.

Senti seus lábios roçarem a pele do meu quadril, desaparecerem, os senti tocar o meu pescoço, em seguida, a minha orelha e ele sussurrou:

— Obrigada, minha pequena Finnie, vou guardá-lo como um tesouro.

Ele amou o dragão.

Fechei os olhos, senti a felicidade me inundar. Virei a cabeça, abri os olhos e sorri para o meu marido.

— De nada, meu belo marido — sussurrei de volta.

Seus olhos suavizaram, ele me deu um sorriso doce e gentil, se inclinou, beijou a minha testa e, saiu da cama, jogando as cobertas sobre mim.

Ele já estava vestido e voltou a me beijar antes de ir para o seu próprio quarto de vestir. Eu o observei caminhar até porta. Destrancou-a,

abriu-a e a deixou aberta enquanto eu suspirava contente.

As quatro garotas estavam do lado de fora.

— Providenciem um mensageiro para levar a caixa que está sobre a cômoda ao meu navio em Sudvic, sem demora. Seu conteúdo é frágil, diga a ele que se eu vir alguma rachadura mínima que seja no vidro, vai responder a mim. Também diga para instruir o Skylar que o quero na minha cabine antes da Finnie chegar amanhã — Frey ordenou.

As quatro olharam para ele com as bocas abertas, em seguida, Esther finalmente assentiu, correu e desapareceu.

Sorri mais uma vez.

Ele *realmente* adorou o dragão.

Frey se virou para mim.

— Voltarei para buscá-la e acompanhá-la até o Gales, esposa — avisou.

Me apoiei lentamente sobre os cotovelos e respondi.

— Maravilha, marido.

Ele balançou a cabeça, sorriu e desapareceu.

Minhas criadas se apressaram a entrar, e Bess fechou a porta.

Todas pararam aos pés da cama e olharam para mim.

— Oi, garotas — eu as cumprimentei, sem me importar nem um pouco por estar nua, na cama onde estive deitada com meu marido sexy e viril, que, *sério*, adorou o meu presente.

Elas ficaram me olhando até finalmente, Jocelyn declarar:

— Merda de dez minutos.

Ela estava certa. Dez minutos se passaram há mais de uma hora.

Comecei a dar gargalhadas.

Como eu já sabia que elas fariam, se juntaram a mim. Alyssa correu até o banheiro e voltou com o meu roupão. Me esforcei para vesti-lo debaixo das cobertas enquanto ouvia a água esguichar no aposento ao lado.

Hora do banho.

Em seguida, o Gales.

Então, amanhã, aventura.

Capítulo 18

Bitter Gales

— Depressa, Esther, o Drakkar está esperando no quarto há vinte minutos — Bess sussurrou com urgência para Esther, que estava retorcendo, cacheando e prendendo o meu cabelo. — Eu só dei uma olhada e não há dúvidas de que ele está ficando impaciente.

Provavelmente, isso não era bom.

— De quanto tempo você ainda precisa, Esther? — perguntei.

— Dez minutos para terminar o cabelo e dez para terminar de vesti-la — respondeu.

— Podemos cortar pela metade? — pedi, pensando que um que não estava escondendo a impaciência podia significar coisas ruins.

— Vamos nos esforçar — Jocelyn decidiu. — Aqui, levante o pé. Vamos colocar seus sapatos e as joias, em seguida. Quando a Esther terminar, podemos colocar o vestido.

Assenti para Jocelyn e levantei o pé quando ela se ajoelhou no chão, à minha frente.

— Diga a ele que são só mais dez minutos — pedi a Bess.

Parecia que ela queria dizer ao Frey que ele teria que esperar mais dez minutos, assim como queria ter as unhas arrancadas pela raiz.

Então, falei suavemente:

— Diga a ele que *eu* disse isso, querida.

Ela assentiu e correu, Jocelyn enfiou o outro sapato enquanto Alyssa se aproximava com o meu colar.

Foi uma loucura e, a princípio, achei que era demais, mas, honestamente, sendo uma princesa, você realmente precisava de quatro criadas.

— Mal posso *esperar* para ver a expressão do Drakkar quando der uma olhada em você. — Alyssa suspirou enquanto desviava cuidadosamente de Esther e colocava meu colar.

— Nem eu — Esther resmungou.

— Quando ele vir você, espero que realmente a leve para o Gales e não de volta para a cama, como fez quando viu sua roupa de baixo — Jocelyn comentou, se afastando para pegar os meus brincos. — Isso seria uma pena, pois passamos todo aquele tempo te ensinando para você nem chegar a dançar.

Isso era verdade. As danças eram divertidas. Embora dançar com Frey fosse muito mais divertido.

Bess voltou apressada para o quarto, os olhos arregalados, as feições um pouco pálidas.

— Ele disse que nós temos cinco minutos — anunciou.

Comecei a rir baixinho, porque reconheci isso como meu marido sendo generoso. Ele não me parecia um homem que gostava de esperar.

Poucos minutos mais tarde, quando estava perfumada, com as luvas colocadas e os toques finais de joias acrescentados, ouvi Esther anunciar:

— Terminei. — Senti suas mãos se afastando de mim.

— Vou pegar o vestido — Bess declarou e correu para o fulgor cintilante do cetim vermelho sangue, salpicado com pedras brilhantes que estava colocado sobre a espreguiçadeira.

— Levante-se, minha princesa — Alyssa pediu. Então me levantei e caminhei até o espelho.

Em pouco tempo, tinham o meu traje pronto e ficou tão impressionante que, mesmo com o Frey esperando, demorei um momento examinando a mim mesma no espelho e checando tudo enquanto Bess fazia alguns arranjos finais, como borrifar perfume atrás das minhas orelhas e no meu decote (sim, a realeza sequer borrifava perfume).

As garotas haviam me dito que qualquer membro da aristocracia vestia as cores da sua Casa. E foi ideia da minha mãe que eu não usasse o vinho da Casa de Wilde, ou o dourado que simbolizava a coroa de Lunwyn ou a minha própria cor (como Princesa do Inverno), azul gelo.

Em vez disso, eu usaria a cor da Casa de Drakkar.

Vermelho sangue.

E era como eu estava. Um vestido de cetim vermelho sangue, que abraçava meu corpo com firmeza no decote e se abria nos quadris, descendo até os meus pés com uma pequena cauda na parte de trás. Estava decorado com milhares de pequenas pedras de âmbar negro, em sua maioria em torno do corpete, ficando mais espaçadas à medida que descia pelo meu corpo até virar uma pequena fileira na bainha.

O vestido não tinha mangas, e deixava os ombros de fora, com alças finas que saíam do corpete e atravessavam os ombros expostos.

Usava longas luvas de seda preta que subiam até antebraço e, sobre as luvas, em cada pulso, diversas pulseiras de âmbar negro. No pescoço, uma gargantilha com fileiras das mesmas pedras, as mesmas joias pendendo das minhas orelhas. A maquiagem foi feita em tons escuros, cinza chumbo e preto nos olhos, e framboesa nos lábios. Meu cabelo estava preso de maneira elegante, mas caía suavemente em ondas e cachos.

Mas o melhor de tudo era a peça que estava sobre a minha cabeça.

Minha mãe me disse que quando uma rainha Drakkar sentava no trono, não usava uma coroa. Ela usava alguma coisa parecida com a que eu estava usando.

Uma peça feita com pedras negras entrelaçadas que cobria minha testa, do cabelo até as sobrancelhas, quase mergulhando sobre a ponte do meu nariz e ia até as minhas têmporas. Desaparecia nas laterais do meu cabelo, mas continuava entremeada nas ondas e nos cachos.

Era... *impressionante*.

O conjunto todo era.

Porém, tinha que ser dito, o vestido era super apertado e pesava uma tonelada, e aquela coisa na cabeça, embora muito legal, era meio que irritante. No entanto, percebi que ia ter que usá-la, e esperava me divertir muito e sequer ia percebê-la.

— Finnie, você está *belíssima* — Bess suspirou.

Sorri, porque silenciosamente concordei.

Normalmente, eu conseguia cuidar da minha aparência ou deixá-las fazer isso. Minha mãe tinha me ensinado a enfatizar meus pontos fortes, os cabelos grossos, os olhos incomuns, as curvas que começavam a desabrochar (antes que ela me deixasse, elas tinham florescido) e fazia isso sem pensar.

Sinceramente, nunca teria imaginado que o vermelho ficaria bem em mim, mas com a maquiagem escura e as joias negras, meu cabelo brilhante parecia branco e o azul dos meus olhos era gritante.

Pensei que parecia *fabulosa*.

Demorei outro momento pra me juntar ao Frey e abracei cada uma das garotas e dizer rápidas palavras sinceras de agradecimento antes de correr (tentando não parecer que estava correndo) para fora do banheiro até o quarto enquanto inspirava profundamente. Estava ansiosa para ver a reação de Frey, porque era seguro afirmar que o meu marido me achava bonita (já que havia me dito isso mais de uma vez) e mal podia esperar para ver o que ele ia achar *disto*.

Dei três passos para dentro do quarto e parei. Notei vagamente seus olhos voarem até mim, e ele fez o que sempre fazia quando me via, seu corpo ficava imóvel e seus olhos se fixavam em mim.

Mas eu estava muito ocupada observando-o para notar a sua reação.

Caramba!

Nunca o tinha visto em qualquer outra coisa, apenas em suas roupas marrom escuras.

Mas agora ele usava preto dos pés à cabeça. Calças pretas, botas pretas polidas, uma camisa preta com mangas bufantes e gola alta, que cobria seu pescoço quase até os lóbulos das orelhas, amarrados com uma gravata.

Este traje à moda antiga podia parecer ridículo em qualquer outro homem, mas, definitivamente, *não* nele. Tinha uma faixa de couro preta e brilhante atravessada no seu peito, na qual estava preso um manto de lã preta de alta qualidade que estava pendurado nas suas costas e, onde terminava, nas suas panturrilhas, havia uma pele preta e brilhante.

Seu cabelo espesso e escuro tinha sido penteado para trás, a mandíbula forte foi raspada e estava tão bonito que, por um segundo, eu não consegui respirar.

Quando consegui, sussurrei:

— Oi. — E ele piscou.

Em seguida, veio até mim, se inclinou, pegou a minha mão, colocou-a no seu cotovelo e murmurou:

— Estamos atrasados, não podemos nos atrasar.

Senti o ar no quarto se alterar e quase podia jurar que ouvi o barulho de cinco balões cheios de emoção se esvaziando, zunindo ao redor da sala como se tivessem acabado de ser atingidos por um alfinete.

— Certo — sussurrei enquanto Frey me levava rapidamente até a porta, virei a cabeça e abri um sorriso para as garotas. — Obrigada, garotas, as verei na parte da manhã antes de partir.

— Certo, Finnie, até lá — Alyssa falou, parecendo quase, mas não completamente, tão desapontada quanto eu me sentia.

— Divirta-se — Esther falou.

— Pode deixar — assegurei a ela.

Jocelyn e Bess acenaram, os olhos decepcionados da Jocelyn em mim, os da Bess sobre Frey.

Saímos pela porta, e Frey se moveu rapidamente pelo corredor em direção à escada.

Nos dirigimos para o terceiro andar.

O palácio era enorme, o primeiro andar era cheio de salas para eventos oficiais em uma ala, tais como salas de estar, sala de estudos, de jantar formal, sala de café da manhã formal e mais algumas outras semelhantes.

Em outra ala, lugares onde a família se reunia, como uma sala de jantar menos formal, sala de bilhar, biblioteca e um jardim de inverno.

No primeiro andar também ficavam as cozinhas e a lavanderia. O segundo andar era preenchido com aposentos para a família e os hóspedes: quartos, banheiros, salas de estar pessoais, salas de costura e outros. O quarto andar continha os quartos dos empregados.

Mas era no terceiro andar que ficavam os salões de festas e havia apenas três.

O central, onde as escadas levavam. Era um salão enorme e no meio havia cinco mesas, enormes e brilhantes em madeira escura, que, para a festa, ostentariam enormes arranjos de flores das estufas do Palácio.

E lá havia quatro estufas gigantescas onde os jardineiros do Palácio cultivavam de tudo, desde flores e plantas para enfeitar a casa, até legumes e frutas plantados fora de época, a fim de alimentar seus ocupantes e convidados. Ainda havia macieiras, pereiras, ameixeiras, pessegueiros, limoeiros, toranjeiras e laranjeiras em meio a emaranhados de galhos de amoras, framboesas e outras videiras.

Fora do salão principal, de um lado, estava o salão de baile que era um amplo espaço aberto rodeado por cadeiras intercaladas com mesinhas e um palco para uma orquestra em uma extremidade.

No salão do outro lado, uma longa galeria aberta que tinha as paredes cobertas com retratos de antigos reis e rainhas de Lunwyn, principalmente, de Príncipes e Princesas do Gelo. Em outras palavras, aqueles que habitaram o Palácio antes de assumirem o trono e suas esposas, ou maridos e filhos.

Este era o lugar onde estávamos indo agora.

Vi dois criados uniformizados vestindo blusas vermelho escuro, calções de couro marrom escuro, botas de cano alto, mantos marrons caindo sobre suas costas e luvas de couro marrons que estavam no patamar do segundo ao terceiro andar orientando as pessoas para cima e para baixo e impedindo o acesso aos alojamentos.

Enquanto observava os trajes brilhantes e coloridos e os olhares curiosos que os lacaios enviavam em direção ao Frey e a mim, desviei o olhar para o meu marido, e vi que sua mandíbula estava contraída.

Olhei para ela, percebendo que algo o havia chateado.

Merda. Estava irritado por causa da espera.

Não queria ir para o Gales com um Frey puto. Não queria ir a nenhum lugar com ele irritado.

Antes de alcançarmos os lacaios, dei um pequeno puxão em seu cotovelo e diminuí o passo. Ele olhou para mim, ergueu as sobrancelhas e vi, na escala de Frey, de um a dez, de quanto ele poderia estar irritado. Meu palpite era, por volta de dois.

— Posso ter um segundo antes de entrarmos? — perguntei em voz baixa. Ele parou, olhou para as escadas, em seguida, olhou novamente para mim antes de se virar.

— Finnie, o Gales começou há quase duas horas — ele me lembrou.

— Eu sei, mas... — Me aproximei dele e inclinei ainda mais a cabeça para trás. — Só queria pedir desculpas por estar atrasada e por te fazer esperar antes de chegarmos lá.

Parei de falar quando ele ergueu a mão, a colocou em volta do meu pescoço e sua expressão mudou instantaneamente para mostrar que o meu pedido de desculpas o fez cair totalmente na escala da raiva.

Ufa. Isto também era bom.

— Pequena, foi por *minha* causa que nos atrasamos. Por que você está se desculpando?

— Você parece irritado — disse a ele.

— Não estou irritado com a espera — ele me disse.

— Mas está irritado? — perguntei.

— Não — Frey respondeu, olhei mais de perto e vi que isso era verdade.

Ainda assim, podia jurar que o vi assim antes.

Portanto, o informei:

— Você parecia irritado um segundo atrás.

— Eu não estava irritado — respondeu.

Bem, ele tinha alguma coisa e, a propósito, não havia comentado sobre o meu vestido fabuloso e esse *não* era Frey. Três dias atrás, quando fui até ele, que falava com Thad e Oleg, usando um vestido de lã branco prateado, que era doce, mas longe de ser um dos melhores, ele disse bem na frente dos seus homens que eu estava linda, então terminou a conversa com os caras rapidamente e me levou para os nossos aposentos e o tirou de mim.

Por isso, disse:

— Você estava *alguma coisa*.

Ele suspirou e disse:

— Finnie, devemos...

Meus olhos semicerraram sobre os dele, o que eu pude ver, apenas um pouco, mas pude ver sua tentativa de esconder alguma coisa e me inclinei para mais perto, interrompendo-o quando aquilo me atingiu.

— Você está escondendo alguma coisa.

— Finnie...

— O quê?

— Fin...

Coloquei a mão em seu peito, fiquei na ponta dos pés, calçados com sapatos de cetim vermelho, com fivelas cravejadas de âmbar negro e perguntei:

— Com o que você está chateado, Frey?

Ele manteve o olhar fixo no meu. Em seguida, aproximou o rosto.

Então, disse:

— Você usa as cores de Drakkar.

Pisquei e perguntei:

— O quê?

Ele não repetiu.

Em vez disso, falou:

— Estava errado quando disse que não tinha uma cor favorita.

Minhas cores favoritas são as *suas* cores. — Pisquei quando meu coração acelerou, e ele continuou. — Eu a prefiro nos seus brancos, prateados, cinzas e, definitivamente, nos seus azuis.

Encarei-o, pensando que ele realmente prestou atenção, ao mesmo tempo que meu estômago aquecia com as suas palavras. Ele continuou falando:

— Mas não gosto de vê-la no vermelho de Drakkar.

Meu estômago gelou no mesmo instante, desceu para as solas dos pés, surpresa e, tinha que admitir, desanimada.

— Eu a estou usando para você — sussurrei. — Minha mãe disse...

Sua mão apertou meu pescoço de leve e sussurrou em resposta:

— Eu sei, pequena e aprecio o seu gesto. Mas isso não muda o fato de que não gosto de você com a cor da minha Casa.

Ah, Deus.

Claro que não. Por que eu fui tão estúpida? Eu sabia que ele não tinha nada a ver com a sua Casa. Nunca deveria ter escutado a minha mãe.

Revirei os olhos e murmurei.

— Droga, eu ferrei tudo.

— Finnie, olhe para mim, amor — falou com outro aperto de sua mão e meus olhos foram até os dele. — Eu não faço parte da minha Casa.

Assenti e admiti:

— Eu sei. Ouvi sobre isso. Estraguei tudo. — Me inclinei para ele.
— Sinto muito, Frey.

Ele balançou a cabeça.

— Não se desculpe. Seu gesto é tocante, e sua mãe sabe o que está fazendo. Isso não significa que eu goste.

Pisquei e perguntei:

— Minha mãe sabe o que está fazendo?

Ele assentiu e, em seguida, repartiu informações comigo que fizeram meus pulmões inflarem.

— Haverá membros da minha Casa lá em cima. Meus pais, com certeza. Minha prima, Franka, considerando o nível e a natureza da sua curiosidade, quase que definitivamente. Talvez até mesmo os meus irmãos, apesar de não ter ouvido uma palavra sobre comparecerem.

A informação sobre a sua prima era alarmante, a informação sobre os seus irmãos também.

Mas fiquei congelada com ao saber sobre seus pais.

— Seus pais estão lá em cima? — perguntei em um murmúrio.

— Sem dúvida — confirmou.

— Seus pais estão lá em cima — repeti em um sussurro.

— Finnie...

Afastei sua mão do meu pescoço, agarrei-a e o puxei uns dois metros para trás, no corredor. Estava de costas para a saída e sussurrei:

— Por que você não me contou?

Deus. Os pais dele. Em breve, ia conhecer os pais de Frey!

Deus!

Eu estava espetacular, mas não estava pronta para *isto*.

— Finnie...

Eu o interrompi.

— Você não pode... não pode simplesmente... apenas... *jogar* isso em uma garota cinco minutos antes que ela conheça seus pais!

As duas mãos dele envolveram o meu pescoço e Frey se inclinou para que seu rosto ficasse próximo quando falou gentilmente:

— Minha pequena, acalme-se.

— Me acalmar não é uma opção, Frey — disse a ele, o pânico claro em minha voz. — Seus pais estão lá em cima!

— Estão — confirmou novamente.

— E a sua prima! — prossegui.

— Finnie, meu amor...

— Provavelmente os *seus irmãos!* — Agora eu estava conseguindo ficar em um estado pior.

— Fin...

— Por que você não me contou? — eu meio que gritei, as palavras saindo um pouco estridentes, um pouco altas e, definitivamente, estava entrando em pânico.

Então, Frey me soltou, mas agarrou a minha mão e me puxou pelo corredor por mais uns dois metros.

Ele parou e mudou as nossas posições, desta vez me virando, ficando, assim de costas para a escada.

— Eu não disse a você, minha pequena Finnie, por esta razão. Sabia que você ia reagir desta maneira. Você se importa, quer causar boa impressão, você faz de tudo para deixar seu pai orgulhoso, se senta com a sua mãe enquanto ela borda quando sei que preferiria estar em qualquer lugar, menos lá, fazendo qualquer outra coisa, conhecendo pessoas, jogando, fazendo compras, comendo, conversando. Agora você está ansiosa e prefiro que você fique ansiosa pelo segundo que levar para controlar suas emoções e ir em frente e ser charmosa no momento que conhecê-los em vez de lhe contar dias atrás para que você ficasse nervosa e passasse os dias inteiros neste estado.

Olhei para ele quando percebi que isso foi tão doce e, definitivamente, atencioso de sua parte.

— Sabe, é irritante quando você é atencioso e estou preparada para ficar chateada com você — rebati.

O olhar inquieto deixou seus olhos e ele sorriu.

Meu marido se inclinou, tocou os lábios no meu nariz e se virou.

Isso também foi bem planejado, porque era calmante e doce.

Droga de homem.

— Já que agora você sabe, vou te manter informada — ele ofereceu.

— Isso seria bom, Frey — falei com um suspiro, tentando manter o olhar e falhando.

Ele sorriu de novo, vendo que eu estava falhando totalmente em meus esforços de permanecer chateada e suas mãos saíram do meu pescoço para descansar na minha cintura.

Seu rosto ficou sério e me preparei.

— Se você sabe que eu não tenho nada a ver com a minha Casa, então provavelmente sabe que eu não ligo para os meus pais. Portanto, não ligo para o que eles pensam de você. Sei o que *eu* penso e os pensamentos deles não importam para mim.

Bem, isso era bom.

— Tudo bem — respondi.

Ele me deu um apertão e continuou.

— Mas a Casa de Drakkar detém riqueza e isso significa poder. A sua influência diminuiu ao longo dos anos, mas o dinheiro pode comprar quase qualquer coisa. Sua mãe fez os arranjos para que você usasse suas cores como uma declaração que diz que o nosso casamento não foi simplesmente me aceitar na Casa de Wilde, mas você também entrou na Casa de Drakkar. Ela está dizendo que você é um deles. Está tentando deixar esse ponto bem claro.

Senti minhas sobrancelhas levantarem e perguntei:

— Por que ela faria isso?

— Porque ela pretende construir uma aliança. Poder é poder, não importa quem o detenha. Os membros da Casa de Drakkar gastam uma grande quantidade de tempo e esforço lutando entre si, mas do jeito que são, isso não significa que eles não tenham tempo de sobra para se dedicar a se engajar em hostilidades para com outras Casas. Vestir as cores da minha Casa não é apenas uma homenagem a ela, também está declarando publicamente à *todas* as casas que você agora é uma Drakkar. É uma jogada inteligente. Ela está lembrando a eles que os Drakkars têm um membro na sua Casa, não importa o quão distante ele esteja dos seus irmãos, que acabará por ser pai do próximo rei de Lunwyn. Com você vestindo suas cores, sua mãe também está lembrando a eles que sua noiva, uma Wilde e agora uma Drakkar, será a mãe do nosso futuro rei e deve ser tratada com o respeito que ela merece por *todas* essas razões.

Olhei para ele com leve surpresa e perguntei:

— Eles não me tratariam com respeito?

— Minha pequena — Frey disse gentilmente —, com a minha família, não há como dizer o que eles vão fazer.

Bem, a boa notícia era que minha mãe não era estúpida, o que eu já tinha percebido.

— Mesmo sendo tão inteligente quanto foi a sua mãe e mesmo tão incrível este vestido esteja em você, ainda não gosto de te ver usando o vermelho dos Drakkar — ele murmurou, seus olhos se movendo para a minha cintura.

— Frey, querido — falei e seu olhar voltou para o meu. — Sinto muito por isso incomodá-lo. Então sugiro que você não pense em me ver usando esta cor e ao invés disso — me inclinei para ele, sorri e sussurrei —, pense em tirar o meu vestido mais tarde.

Os braços de Frey me envolveram, e ele inclinou o pescoço para responder em voz baixa, sorrindo.

— Esta é uma excelente ideia.

Me pressionei contra seu corpo. Ele pegou a minha dica e tocou sua boca na minha. Embora, não tenha lido a dica corretamente, porque foi apenas um toque e nada mais.

Quando levantou a cabeça, suspirou e murmurou:

— Vamos enfrentar o Gales.

— Tudo bem — murmurei a resposta.

Ele sorriu de novo, me soltou, pegou minha mão e me levou de volta para a escada.

Subimos os degraus e enquanto o fazíamos, retribuía olhares e dava sorrisos. Quando encontravam os olhos de Frey, ele acenava com a cabeça.

As pessoas tinham chegado para o Gales há dias e, normalmente, Sjofn estaria entre eles, já que um bom número deles era convidado do palácio. Nos últimos três dias, meus pais haviam frequentado grandes cafés da manhã, almoços e jantares, com meu pai tendo reuniões entre eles.

Mas para me proteger, Frey decidiu que eu não participaria destes eventos e, além disso, ficaria rigorosamente separada dos convidados, principalmente porque não conhecia a maioria das pessoas que devia conhecer. Ele não queria estar longe de mim quando isto acontecesse e não tinha intenção de participar de compromisso após compromisso. E, já que a atenção do meu pai e da minha mãe estariam direcionadas para receber seus hóspedes, sem dúvida, iria me atrapalhar repetidamente o tempo inteiro.

Portanto, os convidados foram informados (não era uma mentira) que Frey e eu estávamos ocupados com outras coisas (a sugestão não foi perdida por ninguém, eu tinha certeza) e, portanto, não participaríamos desses eventos, mas que iríamos comparecer ao Gales.

Não era a coisa mais confortável do mundo, ter sorrisos e olhares cúmplices vindo na minha direção enquanto meu marido e eu caminhávamos para o salão no terceiro andar. Especialmente com duas

horas de atraso, algo que gritava, mas... que seja. Teria sido pior ter que fingir que eu conhecia as pessoas e ser desastrada ao conversar com velhos amigos e conhecidos que não eram nada do tipo.

A medida que subíamos as escadas, vi que não estava errada sobre as mesas no salão.

Vasos enormes, redondos, cheios de maços de gladiólos brancos enfeitavam o centro de cada mesa, as quais estavam servidas com bandejas de prata cobertas de alimentos.

Eles não tinham *vol-au-vents*, mini quiches e almôndegas no palito.

Tinham (entre muitas outras coisas) o que parecia ser uma massa folhada recheada com queijo derretido, camarão com tiras de prosciutto enroladas, triângulos de torradas finas cobertas com patê e pepinos fatiados, biscoitos finos cobertos com o que parecia ser cream cheese, caviar, pedaços de carne e peixe em pequenas taças de cristal cheios de pequenos talheres de prata, garfos de dois dentes, situados ao lado deles. E isso sem nem falar nas bandejas de docinhos e bolos fatiados.

Atticus tinha razão, os mesmos alimentos, mas os deles eram mais luxuosos.

Tudo parecia tão delicioso, que ao vê-los, de repente, fiquei faminta.

Frey, no entanto, deve ter feito um lanche, pois não parou em nenhuma mesa, nem mesmo olhou.

Ele caminhou direto para a mãe e o pai.

Enquanto nos aproximávamos, vi que meu pai estava usando uma roupa muito parecida com a que usou no meu casamento, mas sem o suéter. Em vez disso, usava uma camisa cor de vinho com uma gravata, assim como Frey. Minha mãe estava usando um vestido longo vinho, mas o vermelho do tecido se misturava ao dourado na bainha. Seus pulsos, pescoço, dedos e orelhas estavam ornamentados com ouro e rubis, sem

mentonar as fivelas de ouro incrustadas de rubis em forma de libélulas que sustentavam seu penteado elegante.

Observando-os, altos, magros e régios, não foi a primeira vez que notei que ambos ainda se amavam, e eu sabia, sem dúvida nenhuma, que se os meus pais tivessem vivido até a idade deles, seriam assim também.

Isso era bom.

Quando Frey e eu chegamos perto deles, nos cumprimentamos e, antes que eu percebesse, minha mãe me colocou firmemente ao seu lado, o que significava dizer *bem perto* dela.

Frey tomou seu lugar perto do meu pai.

No início, me surpreendeu que não ficasse ao lado do meu marido. No entanto, durante a próxima hora, entendi.

Isto porque, quase imediatamente, uma multidão de pessoas se aproximou de nós. E essas pessoas chegavam, conversavam e depois saíam. Minha mãe monopolizava qualquer conversa que me envolvia. Se a pergunta fosse dirigida a mim, ela respondia. Se um comentário era exigido de mim, ela o fornecia. Intercalava os nomes deliberadamente enquanto falava, acrescentava partes pessoais de informação ou coisas como: “Ah, Sjöfn, você se lembra quando...” E, a qualquer hora que tínhamos uma pausa na ação, ela sussurrava no meu ouvido, me contando fatos sobre as pessoas que iam e vinham, por isso, se eu falasse, não abriria a boca e cometeria gafes.

Sério, ela era boa.

E me sentia bem em saber que ela e Frey (e talvez meu pai) arranjaram isto para cuidar de mim.

Depois de algum tempo, comecei a me divertir. Uma criada nos trouxe taças com um delicioso champanhe gelado, seco, refrescante e outros vinham até nós oferecendo bandejas com comida.

Me servi de ambos livremente (evitando a carne não identificada, é claro) e comecei a prestar atenção à cor dos vestidos e mantos, e relacionando-os com as Casas. As roupas eram opulentas, as joias mais

ainda, penteados e maquiagem elaborados, os mantos dos homens eram de couro com pele, ou alguns completamente de pele, e o Gales obviamente era um lugar para ver, ser visto e se exibir exageradamente.

Era incrível.

Minha mãe, meu pai, Frey e eu não nos mexemos por uma hora e, à esta altura, eu já havia tomado duas taças de champanhe, estava cheia com toda comida que tinham trazido para mim e achava que estava na hora de dançar quando aconteceu.

E felizmente, eu tive chance de me preparar quando os dedos de Aurora ficaram tensos no interior do meu cotovelo.

Olhei para seu rosto e depois para onde ela estava olhando e vi uma mulher de cabelos escuros usando um vestido vermelho sangue fenomenal com um corpo lindo, os olhos de um verde oliva familiar e ao seu lado, um homem alto, com cabelos escuros que provavelmente já havia sido muito bonito, mas que agora, tinha um aspecto sombrio e a pele do seu rosto mostrava que bebia muito, fumava demais, não comia os bem ou tudo isso junto... em abundância.

Os pais de Frey.

Merda.

— Eirik e Valeria Drakkar, os pais de Frey — Aurora sussurrou rapidamente no meu ouvido, confirmando o meu palpite. — Você se encontrou com eles várias vezes na vida, incluindo duas enquanto estava prometida em casamento ao Drakkar, outras vezes no Bitter ou no Solar Gales. Eles foram ao seu casamento, mas vocês não chegaram a se falar antes do Drakkar levá-la embora.

— Bem! — Valeria Drakkar exclamou ao chegar, que foi cerca de um milésimo de segundo mais tarde, sem hesitar um segundo a mais para segurar os meus braços e me afastar de Aurora e me puxar para me cumprimentar. Então se afastou, me empurrando para trás e me observou, sem tirar as mãos de mim. — Ela usa a cor de Drakkar! Excelente!

— Afaste-se, afaste-se. — Eirik Drakkar a empurrou e fez o mesmo, exceto (eca!) que beijou o meu *pescoço* e em seguida, me empurrou para trás e me observou. A forma com que fez isso revirou o meu estômago. Olhei para o lado para ver que Frey tinha se movido, ficando de frente para a confusão, em vez de ao lado do meu pai, e não só tinha apertado a mandíbula, mas seus olhos também, e se isso não bastasse, um músculo pulsava em sua bochecha.

Ah, meu Deus.

Parecia que Frey além de não se importar com os pais também não gostava deles.

Também parecia que os dois não se interessavam pelo filho, uma vez que nem Eirik, nem Valeria o haviam cumprimentado, ou sequer olhado para ele.

— Olhe para a minha nova filha! — Eirik declarou em voz alta, levando minha atenção de volta para ele.

O homem se inclinou para mim e provou que, em primeiro lugar, tinha comido muito e tudo que comeu tinha bastante cebola ou, o que era mais provável, tinha comido algo com cebola em grande quantidade. Em segundo lugar, isto estava misturado com um cheiro de álcool que *não* era champanhe. E em terceiro, essa mistura de odores era muito desagradável.

— Devo lhe dizer, minha linda menina, não culpo meu filho por arrastar alguém como você rapidamente da Morada dos Deuses e sumir na noite. Comemorei com o resto das pessoas quando o vi, pois se eu fosse vinte anos mais novo, faria o mesmo ou, melhor ainda, a levaria para o escritório da Vallee e a tomaria em cima da mesa

Argh... ele havia acabado de dizer aquilo?

Um enorme *eca!*

Sem mencionar a *grosseria* gigantesca.

Antes que eu pudesse dizer uma palavra, não que tivesse uma palavra a dizer sobre *isto*, Frey falou.

— Agradeceria se soltasse a minha esposa. — Sua voz era baixa e pesarosa, mas não esperou seu pai obedecer. Se moveu para a frente da sua mãe, Atticus e Aurora e, colocando um braço em volta da minha cintura, me puxou firmemente para fora do alcance do pai.

Graças a Deus.

— Ah, meu Frey — Valeria disse suavemente —, sempre tão espinhoso, especialmente quando se trata dos seus pertences. — Ela se inclinou para mim e balançou um dedo na minha direção. — Nunca compartilhou nada com seus irmãos, o nosso Frey. Sempre tão possessivo.

Vou anotar que, até este ponto, ela *ainda* não havia cumprimentado seu filho.

— É repulsivo que você insinue que eu deveria compartilhar *minha* esposa com meu pai, Valeria — Frey observou, ainda em voz baixa e pesarosa.

— Está tudo em família — ela respondeu, com um sorriso que não só não alcançou seus olhos, mas era frio como o gelo.

Uh... eca novamente.

Nesse momento, já *não* gostava dessas pessoas assim como suspeitava, sabendo o que Frey sentia por eles e o fato significativo que nunca tinham lhe dado um presente.

Infelizmente, Eirik se intrometeu, indicando que tinha em mente um único caminho e não era bom.

— Ao arrastá-la para fora da Morada, você me roubou o direito de todo sogro dançar com sua nora na celebração que, devo acrescentar, inclui um beijo no final. Este — ele olhou de soslaio para mim — vou tomar hoje à noite na primeira oportunidade.

Certo, era seguro dizer que não estava esperando ansiosamente por *isto*.

— Você não vai dançar com a minha princesa e já encostou sua boca nela duas vezes mais do que eu acho confortável — Frey afirmou,

encarando seu pai.

Me inclinei para ele, satisfeita além da razão, por ele ter me ajudado a desviar *desta* bala.

— Desmancha prazeres — Eirik murmurou, em seguida, se concentrou novamente em mim, a fim de comentar. — Fiquei surpreso por você não estar conosco hoje, Sjofn. No passado, você adorava participar das caçadas reais.

— Bem — comecei, mas minha mãe respondeu antes de mim.

— Sjofn e eu tínhamos uma missão importante para executar na cidade, já que ela e Frey vão viajar. Ela estava ocupada se preparando para partir amanhã — Aurora entrou ordenadamente na conversa para explicar.

— Humm — Valeria murmurou, e me lançou seu olhar familiar, mas nada caloroso —, ouvi rumores que ela perdeu a habilidade no arco. — Com essas palavras, meu corpo ficou tenso. Frey, Atticus e Aurora também ficaram tensos perto de mim. — Pensei que podia ser isso — ela terminou, me observando tão de perto que comecei a me contorcer.

Em seguida, Eirik, disse de maneira bizarra:

— É o assunto do Gales, todos sabem que ele não vem fazendo muito mais do que se enfiar entre as pernas dela por dias, esposa, e isto, sem dúvida, significa que *meu* filho vem gozando dentro dela *há semanas*. A semente Drakkar, sempre poderosa, faz com que, até mesmo a nossa princesa, uma caçadora qualificada, perca o seu toque com o arco.

Diante destas palavras, que não deviam ser ditas em um baile elegante, ou, talvez, *em lugar nenhum*, engoli em seco. E sabia que meu palpite estava correto, pois a minha mãe também ofegou. Meu pai, com a mandíbula cerrada e os olhos duros, avançou, mas Frey já estava farto.

Soube disso quando sua mão levantou, o punho apertando firmemente a gravata do pai e, em seguida, o puxou em direção a ele, até ficar na ponta dos pés, dobrando só um pouco o pescoço para ficar cara a cara com ele.

Em seguida, ele grunhiu.

— A reunião de família acaba aqui.

Ele soltou seu pai, agora com o rosto vermelho, com um empurrão tão forte que Eirik cambaleou para trás se segurando em uma jovem mulher com um lindo vestido verde antes de se endireitar.

Mas tive pouca oportunidade para observar. Frey colocou a mão no meu cotovelo e afastando-me afastou dali.

E fez isso enquanto murmurava para sua mãe:

— Como sempre, um prazer único.

Sem olhar para o pai, mas com uma inclinação da cabeça para Aurora e Atticus, me levou com firmeza para o salão de baile onde havia um pequeno espaço livre. Lá, ele parou, me puxou para perto e olhou para mim.

Olhei para ele e vi, na escala de quão zangado Frey do Frey podia estar, e parecia estar em torno de doze.

— Você está bem? — perguntou.

Abalada pelo que havia acontecido, respondi honestamente, e sem me conter.

— Seu pai é um babaca.

— E “babaca” seria? — Frey consultou laconicamente.

— Um idiota. Um otário. Um enorme pé no saco — expliquei e Frey fez uma careta com uma carranca feroz que eu podia aguentar, porque não era dirigida a mim.

Em seguida, declarou:

— Você sabe que não sei o que qualquer um deles significa, a não ser o primeiro.

— Nenhum deles é bom — esclareci, em seguida salientei — *Em absoluto*.

Frey manteve a cara feia para mim e foi então que percebi que devia fazer alguma coisa para que ele se sentisse melhor ao invés do que eu estava fazendo ao alimentar o fogo. Então me aproximei e envolvi sua

cintura com os meus braços. Me inclinei para trás enquanto os braços dele se curvavam ao meu redor e olhei para ele.

— Dito isso, estou bem — sussurrei.

Vi sua raiva baixar para o cinco na escala antes de ele sussurrar de volta.

— Bom.

— Embora — falei, partilhando com cautela —, sua mãe meio que me assuste.

Os olhos de Frey não deixaram os meus quando respondeu:

— Deveria. Ao invés da sua mãe, que age primeiro em prol do marido e depois da família e seu reino. Minha mãe age primeiro em prol de si mesma. Em seguida, comporta-se com malícia ou crueldade em todas as oportunidades apresentadas. Depois, se serve aos seus propósitos, para a Casa de Drakkar. Mas nunca pratica ações voltadas para o bem dos seus filhos, seu marido ou Lunwyn.

Sim, eu não gostava de nenhum deles e, especialmente, de Valeria Drakkar.

— Malícia e crueldade? — perguntei, ainda sondando com cautela.

Ele suspirou, olhou por cima da minha cabeça, então olhou de volta para mim.

— Malícia e crueldade — afirmou.

Me ergui na ponta dos pés.

Frey se aproximou mais e quando o fez, sussurrei:

— Ela sabe sobre eu praticar arco e flecha.

Ele assentiu.

— Isto não é uma surpresa. Ela tem espiões e é isso que ela quer que você saiba. Isso, minha pequena Finnie, é o que ela faz. É duvidoso que seja generosa suficiente com qualquer um deles para pagar por qualquer coisa que possa usar, porque é tão mesquinha quanto cruel, a não ser, é claro, se a moeda for usada para outro vestido ou joia para si mesma. No entanto, ela queria que você soubesse disso na esperança de

que se preocupasse com as informações que ela tinha, plantá-la na sua mente, para que pudesse envenená-la enquanto você imaginava a intenção dela e a medida do seu conhecimento.

Uau.

Uau. Odiei isso, muito mesmo. Tanto, que parecia que tinha ácido no fundo da minha garganta. E não odiei por mim. Odiei pelo Frey. E odiava tanto que não conseguia parar de puxá-lo mais para perto, levantando a mão para segurar a lateral de seu pescoço e perguntar em voz baixa:

— De onde você veio, meu lindo?

As sobrancelhas de Frey se juntaram, e ele perguntou suavemente de volta.

— Perdão?

Meu polegar acariciou sua mandíbula antes de sussurrar:

— Meu lindo marido é gentil, atencioso e cuidadoso. Ele ri e sorri com facilidade e me faz sentir segura. Ficou com seus pais por cerca de cinco minutos e estava tão longe disso, que não foi engraçado. Então — apertei seu pescoço —, de onde você veio?

Notei que o meu gentil, atencioso e cuidadoso marido estava olhando para mim com aquele olhar caloroso. O mesmo olhar que tinha depois que lhe dei o dragão de vidro. E olhando para ele, aquele fogo derreteu meu coração, um coração que já estava longe de ser congelado.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, não que já não tivesse falado demais, apertou os braços à minha volta e abaixou o rosto, ficando muito próximo ao meu, quando disse com calma:

— Não sei, de onde vim minha pequena Finnie, mas estou começando a descobrir porque estou aqui.

E foi então que, muito estúpida, perguntei:

— E por que você está aqui, querido?

— Não preciso dizer em voz alta o que sei que você também está começando a entender, pequena — respondeu, e apertei os lábios,

porque ele não estava errado e eu ainda não estava pronta para aquilo. Seus olhos seguraram os meus enquanto sua boca murmurava: — Ela espera por mim na janela e me compra dragões. Há razões para estarmos nesta terra, estou começando a descobrir a minha.

— Frey — sussurrei e não disse mais nada. Não consegui. Estava muito comovida e senti como se estivesse sobre areia movediça, afundando rápido.

O problema era que não tinha vontade alguma de encontrar um galho e me puxar para fora.

Sua cabeça se inclinou ainda mais e ele me beijou com força.

Ele interrompeu o suave toque e se afastou um centímetro para dizer:

— Minha avó.

Minha cabeça inclinou para o lado.

— Sua avó?

— Se existe alguma coisa de gentil e amável em mim, meu amor, ela colocou lá. Minha avó, mãe do meu pai tinha uma luz que brilhava na alma. — Seus lábios se curvaram para cima, e ele continuou. — Por causa disso, você me faz lembrar dela em alguns aspectos. Mas ela vivia em um antro de víboras e sabia como cuidar de si mesma, movendo-se cautelosamente à frente, mantendo um olho em suas costas para alguém que se preparasse para enterrar um punhal nelas. Mesmo assim, com aqueles que importava, demonstrava grande humor, generosidade e consideração.

Eu o estudei e me dei conta que disseram que ela morreu quando ele tinha treze anos.

Portanto, perguntei:

— Foi quando ela faleceu que você deixou sua família e não voltou mais?

Seus lábios se curvaram mais ainda, em um sorriso.

— Alguém andou falando — adivinhou.

Sorri em resposta e relaxei mais ainda contra ele, minha mão deslizando para baixo, para descansar no seu peito.

— Quatro alguéns para ser mais precisa, e elas tinham uma ouvinte ávida.

Ele riu e, em seguida, confirmou:

— Sim, minha pequena. Quando ela morreu, viver entre eles se tornou demais para suportar. Então fui embora e nunca mais voltei.

— Qual era o nome dela? — perguntei.

— Eugenie — respondeu.

— Queria tê-la conhecido — sussurrei.

— Eu também — Frey concordou.

Continuei.

— Sinto muito que a sua família seja uma merda, querido.

Ele riu novamente, mas concordou com isso também.

— Estou bem, minha pequena Finnie.

Olhei para um homem magnífico que se tornou maravilhoso contra algumas grandes probabilidades.

E quando o fiz, sabia que tinha duas escolhas, lutar contra a areia movediça apenas para tê-la me absorvendo até o pescoço ou seguir em frente e me divertir um pouco, divertimento, que, sem dúvida, me afundaria ainda mais, mas mesmo assim, não estava completamente empolgada para me salvar.

Escolhi a opção número dois.

E ao fazer isso, inclinei a cabeça para o lado e abri um grande sorriso para o meu marido antes perguntar:

— Quer dançar?

Seus olhos percorreram o meu antes de se fixarem na minha boca. Ainda olhando para ela, respondeu.

— Com certeza.

Ele se inclinou e beijou a ponta do meu nariz mais uma vez, antes de me soltar e me guiar até a pista de dança.

Fez isso segurando a minha mão.
Deixei que o fizesse e o segui, sorrindo.



Quase todos os olhos na sala observaram o Drakkar levar sua princesa para dançar.

Assim como estavam observando o Drakkar e sua Princesa do Inverno em seu abraço íntimo e aconchegante desde o momento em que entraram no salão de baile.

E, como muitos tinham observado de cima dos cavalos, das janelas ou junto aos tambores de fogo naquela tarde, a Princesa do Inverno irrompendo do seu palácio para encontrar seu marido imponente com um sorriso brilhante e seu marido lhe retribuindo com um sorriso, um toque delicado, palavras suaves e, por fim, um leve beijo.

E enquanto o Drakkar girava, girava e conduzia sua noiva pelas próximas quatro danças, o tempo todo sorrindo calorosamente para ela ou rindo alto de algo que ela dizia, ou de um tropeço inexperiente, incomum em seus pés (que sempre a fazia rir também, pelos sorrisos que estava retribuindo ao seu marido, é claro), continuaram observando.



— Por favor, minha princesa, me conceda a próxima dança — o jovem implorou.

Sorri e balancei a cabeça, tentando lembrar o nome que ele me falou, mas incapaz de lembrar, já que havia muitos na minha cabeça.

Fui convidada a dançar diversas vezes, depois do que pareceram horas e adorei fazer isso. Era uma festa muito animada. Mas as danças em Lunwyn eram especialmente enérgicas (havia algumas lentas e todas

elas dancei com Frey) e complicadas, com várias elevações que incluíam o homem levantar a dama ou girá-la ao seu lado enquanto você mantinha as pernas para fora como uma bailarina pulando pelo palco, sem mencionar o sapateado, giros, balanços e agachamentos.

Eram animadas, cansativas e eu precisava de uma bebida.

Quando processei seu olhar desiludido, cedi.

— Só preciso de uma pausa. Podemos dançar a próxima. Prometo.

Ele sorriu e se curvou, sorridente antes de se endireitar e dizer:

— Estarei lá para segurar sua mão no momento em que a orquestra tocar a primeira nota.

— Maravilhoso — murmurei com um pequeno sorriso, e ele se afastou.

Também me afastei, e fiz isso analisando o salão. Achei Frey pela vasta extensão, parado junto com os outros que estavam vestidos formalmente (e gostosos) Thad e Max.

Seus olhos estavam em mim e sorri, vi sua boca suavizar e, em seguida, voltou sua atenção para os seus homens.

Continuei verificando a sala e vi Aurora dançando com um homem muito gordo que estava tendo problemas para erguê-la, mas ela não dava a menor indicação que temia que ele fosse deixá-la cair no chão.

Mantive a verificação e vi Atticus rindo com dois homens, um com uma camisa azul royal, outro com uma camisa verde musgo, uma mulher com um vestido do mesmo tom ao seu lado. Dancei duas vezes com o meu pai deste mundo e podia dizer duas coisas: uma, ele era um grande dançarino e dois, nunca me esqueceria disso.

Também reparei, como fiz desde que deixei Houllebec, que os homens de Frey estavam muito visíveis e muito próximos. Orion, Gunner e Lund não estavam nem a dois metros de mim, em diferentes grupos de pessoas, e Annar e Stephan não estavam muito mais distantes.

Encontrei um espaço vazio em um canto e me arrastei até ele enquanto parava de procurar as pessoas conhecidas que me faziam sentir

enraizada e segura, e iniciei uma busca por uma criada que pudesse me conseguir um pouco de champanhe.

Portanto, tinha a cabeça virada quando ouvi um ronronar feminino ao meu lado.

— Ela usa vermelho sangue. — Virei a cabeça para ver uma mulher excepcionalmente bonita, com cabelos escuros e olhos azuis, de pé ao meu lado. Era mais alta que eu pelo menos alguns centímetros e estava usando um vestido vermelho sangue com um decote que fazia o meu parecer recatado (e o meu não estava nem perto de ser recatado, mas, juro por Deus, vi as margens das auréolas dos mamilos aparecendo sobre ele). — Isso me agrada — finalizou, e meus olhos foram do seu decote chocante para o seu rosto.

Ah, merda.

Claramente era da Casa de Drakkar e vi meu erro imediatamente. Devia ter ido até Frey ou meu pai. A Princesa Sjöfn provavelmente a conhecia, e ela era uma Drakkar. Isto significava que eu tinha que andar com cuidado, porque o campo habitual de minas terrestres em torno de mim havia triplicado.

Me controlei para não enviar um olhar de pânico para Frey ou meu pai, que me exporia demais e me recompus rapidamente.

— Olá — achei que fosse seguro dizer.

Ela se virou para mim e inclinou o pescoço longo e elegante para encostar sua bochecha na minha antes de se endireitar.

— Nós não nos conhecemos — ela ronronou e senti o alívio me inundar com essa notícia. — Sou a prima de Frey, Franka.

— É um prazer conhecê-la, Franka — falei suavemente.

Ela abriu um sorriso preguiçoso e senti o alívio desaparecer à medida que vi que o seu sorriso não só era preguiçoso, mas estranhamente sexual.

Ah, merda.

— *Prazer* em conhecer você também, minha Princesa do Gelo — ela manteve o ronronar e, em seguida, seus olhos caíram para o meu decote e seu olhar era *muito* diferente da forma como olhei para o dela.

Ah, *merda!*

Certo, eu tinha que ser educada, ter uma breve conversa, não dizer nada estúpido e, em seguida, dar o fora de lá.

Deus, esperava que aquela música não demorasse muito tempo, assim o meu parceiro de dança ansioso apareceria rapidamente.

— Está gostando do Gales? — perguntei e vi seu lábio curvar ligeiramente enquanto seus olhos se moviam do meu peito para o meu rosto.

— Passo tanto tempo quanto possível em Fleuridia — me informou — onde eles entendem os padrões exigentes de elegância e glamour então... — ela hesitou, em seguida, concluiu com desdém — não.

Decidi não responder, principalmente porque ela estava sendo rude, e eu era uma princesa, então não acho que corresponder à sua falta de educação, que era o que eu queria fazer, fosse apropriado.

— No entanto, visto que o meu querido primo Frey se uniu à nossa linda princesa, não poderia ficar de fora. — Se inclinou ligeiramente para perto de mim e me informou: — Os rumores sobre a sua beleza correm amplamente, Princesa Sjöfn, até mesmo em Fleuridia falam sobre ela.

— Isso é bom — murmurei, me inclinando ligeiramente para trás para mostrar minha posição. Ela entendeu e se afastou.

— Embora seu interesse por esgrima e caça e a propensão para usar calças também seja bastante comentado. — Seus olhos me analisaram lentamente antes de concluir. — Vejo que Frey colocou um fim a isso.

— Não exatamente. — Olhei para longe. — Embora eu possa dizer que ele está me apresentando a passatempos mais agradáveis.

Olhei para ela quando riu com prazer óbvio, o belo som, mesmo apaixonante, era estranhamente aterrorizante.

Em seguida, murmurou, olhando para mim.

— Ela gosta do êxtase conjugal.

Estudei-a e soube, sem nenhuma dúvida, que estava brincando comigo.

E foi quando decidi que ser princesa, às vezes, podia ser deixado de lado. Especialmente com pessoas que sabia que meu marido não ligava (a mínima) e duvidava que meus pais o fizessem também.

Então disse:

— Na verdade, o que *ela* gosta é de manter os assuntos pessoais, *pessoais*.

— Você os trouxe à tona — ela me informou, com suavidade.

— Na verdade, não, você compreendeu mal o que eu disse — respondi.

— Entendi errado? — ela perguntou.

Não, não entendeu. Ela havia errado quando continuou a falar sobre isso no momento em que pedi a ela para não fazê-lo. E, depois da forma com a qual Valeria e Eirik haviam tratado Frey, de repente, estava farta dos Drakkars.

Então, virei para ela e disse:

— Se você está curiosa sobre o seu primo, o que seria repugnante, mas... — hesitei — cada um na sua, então, sim, eu desfruto *bastante* do êxtase conjugal, com frequência e *vigorosamente*.

Soube do meu erro ao cair ao nível dela quando ela sorriu com puro prazer.

Droga, tinha dado a ela exatamente o que queria.

Ela virou a cabeça, os olhos se movendo como se estivesse à procura de algo, encontrou e levantou o queixo.

— Champanhe — murmurou. Os olhos ainda virados para outro lugar, olhei para onde estavam direcionados. Meu estômago se contraiu quando vi Viola balançando a cabeça, em seguida, movendo-se

rapidamente na nossa direção com uma bandeja com duas taças de champanhe. — Vamos brindar ao seu casamento — Franka sugeriu.

Eu não queria brindar ao meu casamento com Franka Drakkar e não queria ser confrontada com Viola, que não serviu mais, desde aquela primeira noite, a nossa mesa. O que ela fazia, eu não sabia. Não a demiti porque não foi sua culpa Frey ter gostado dela. Ao contrário de mim (em ambos os mundos), ela tinha que ganhar seu sustento. Mas tive uma conversa tranquila com Jocelyn, que teve uma conversa com a governanta, e não a vi mais.

Até agora.

Tentei não olhar para ela enquanto se aproximava, mas não consegui desviar os olhos, pois ela estava lançando um olhar de puro veneno para mim, um ódio claro e aberto em seus olhos.

Foi quando decidi que, talvez quando voltasse, teria uma conversa, eu mesma, com a governanta para providenciar que Viola passasse para outro emprego ou, talvez, fosse transferida para a lavagem das roupas.

Ela fez uma reverência e estendeu a bandeja.

Precisava do champanhe e foi a única razão pela qual peguei a taça depois de Franka pegar a dela e, sem olhar para trás, Viola, hábil e rapidamente, se misturou à multidão.

— Ao casamento. — Franka ergueu a taça e, com os olhos em mim tomou um gole.

Eu queria um gole, na verdade, queria tomar a taça toda, mas, em vez disso, a observei e não bebi. Então, perguntei:

— Me diga, Franka, você está realmente satisfeita que seu primo tenha encontrado alguém que o faz feliz ou está apenas se divertindo um pouco?

Ela inclinou a cabeça para o lado e respondeu com outra pergunta.

— Meu belo primo *encontrou* alguém que o faz feliz?

Na verdade, me dei conta ali mesmo, que ele havia encontrado.

E não escondia que esse alguém era eu.

Diante desse pensamento, aquela areia movediça engoliu um pé.

— Sim — sussurrei. — Nós dois estamos muito felizes — disse a ela, honestamente e *lá se foi* o outro pé.

Franka não falou. Inspeccionou meu rosto e fez isso de perto.

— Deuses, você não está brincando — ela sussurrou de volta.

— E por que eu iria brincar? — rebati.

Ela tomou outro gole de champanhe. Em seguida, se moveu um pouco mais para perto. Enrijei, mas me mantive firme. E falou:

— Não tenho essa inclinação, minha princesa, embora deva admitir que tenha experimentado e, desde então, gostei. Você deve saber que existem aqueles que têm *essa inclinação*, e estou bastante certa que você também compartilha. Devo dizer, a minha curiosidade para ter vindo até aqui foi contemplar sua beleza e, talvez, ver se como você diz, *arranjava alguma diversão*.

Olhei para ela por um segundo antes de me dar conta. Ela achava que eu fosse lésbica.

Merda!

— Claro — disse ela em voz baixa, os olhos calorosos e o rosto mostrando fome —, se o Frey está mergulhando nesse mel, o conheço o suficiente para saber que não vai compartilhar, infelizmente, e embora você seja tudo que dizem que é, vou me retirar.

Sério, esses Drakkar. Nunca tinha, em todas as minhas viagens, conhecido pessoas como eles. Nem mesmo perto disso. Não é de admirar que Frey deu o fora de lá o mais rápido que pôde.

— Isso me agradaria — disse a ela com firmeza, em seguida, salientei — *tremendamente*. Mas vou dizer que é lamentável para aqueles que têm *essa inclinação*, como você diz, que joguem suas iscas como você faz. Não quero ser ofensiva, mas você deve saber, é deselegante e carece de estilo.

Ela piscou para mim, empurrando o queixo para trás quando meu comentário a acertou e ouvi a orquestra parar de tocar. Com o canto do

olho, como prometido, vi o meu parceiro de dança ansioso se aproximando.

Me virei para uma mesa e deixei minha taça ao lado de outra que já estava lá e me virei para Franka.

— Um prazer único — murmurei para ela de forma ácida, usando as palavras de Frey quando inclinei a cabeça.

Depois, a virei e sorri para o meu parceiro, que já tinha a mão estendida para mim.

Eu a segurei. Também dei mais uma olhada para Frey e não olhei para trás.

Por sorte, esse encontro desagradável foi arrancado do meu cérebro, já que eu tinha que me concentrar na dança, que era uma das mais complicadas.

Já que eu estava concentrada, só quando uma mulher esbarrou em mim e meu parceiro agarrou minha mão, parou de dançar e me puxou para perto que prestei atenção ao redor. Olhei para ele e vi seu rosto pálido, os olhos arregalados e notei que estava olhando para o canto de onde eu havia fugido não tinha muito tempo.

Me virei e quando o fiz, vi que todas as pessoas na pista de dança também tinham os olhos cravados naquela direção também. Também ouvi a tosse, que era incontrolável, meus olhos se moveram para o canto onde eu estive e vi uma mulher idosa em um vestido roxo escuro começar a vomitar violentamente.

Mas havia sangue saindo dos seus lábios.

Ela tinha uma mão na garganta, seus olhos estavam arregalados de terror, a outra mão segurava uma taça de champanhe e o conteúdo espirrou para fora quando ela tossiu tão profundamente que doeu só de ouvir.

Havia um murmúrio baixo correndo pela multidão enquanto ela sufocava e um homem com uma camisa roxo escuro colocava a mão nas

suas costas e parecia estar tentando levá-la até uma cadeira quando aconteceu.

Uma profusão de sangue jorrou da sua boca.

Dei um passo para trás, horrorizada, e inspirei chocada quando pequenos gritos e suspiros foram ouvidos. Ainda mais sangue brotou da garganta da pobre mulher enquanto sua pele ficava lívida, seus olhos se arregalaram e, em seguida, ela caiu no chão.

Foi nesse exato momento que uma mão cobriu meus olhos e fui virada até que me senti pressionada contra Frey.

— Encontre a Franka e aquela *maldita* criada. E coloque suas mãos naquela maldita taça — ele grunhiu, sua voz um estrondo terrível. Inclinei a cabeça para trás e sua mão deslizou para longe. Olhei para seu rosto, duro como granito que as escalas da raiva estavam na zona de perigo.

Olhei por cima do ombro e vi Max começar a afastar a multidão que tinha se juntado em torno da mulher com urgência, mas Orion, Gunner e Lund já estavam lá.

Antes que pudesse dizer alguma coisa, Frey me colocou nos braços de Thad que já estava à espera, e resmungou.

— Para o quarto dela. Agora. Ninguém entra. *Ninguém*.

Frey se virou na direção oposta e se moveu pelo salão de baile na direção que o levava até Franka e o seu vestido vermelho sangue, mas Thad estava me puxando pela agitada, um pouco assustada e um pouco curiosa multidão, e o perdi de vista.

Vi Atticus abrir caminho vindo na minha direção, com o rosto pálido, os olhos assustados cravados em mim.

— Finnie — ele disse quando chegou perto, mas Thad se posicionou entre mim e meu pai e continuou me puxando em direção ao corredor.

— Se mantenha afastado, sua graça — Thad advertiu quando meu pai continuou se movendo na nossa direção.

Os olhos do Atticus se viraram para Thad e o medo foi substituído pela raiva, o choque e a afronta real os preencheram.

— O quê? — cortou.

— Ordens do Drakkar — Thad afirmou, a boca de Atticus se abriu e Thad me puxou através de um grupo de pessoas que estava se dirigindo para o salão para ver sobre o que era toda aquela comoção e, em seguida, estávamos no corredor.

Ele não perdeu tempo em me puxar pelo corredor, descer as escadas e ir para os meus aposentos. Também não perdeu tempo em averiguar se estavam vazios.

Segurou meus braços e se curvou para que seu rosto ficasse mais próximo do meu.

— Tranque a porta. Preciso ver o que está acontecendo. Eu ou outro dos homens de Frey, estaremos de volta para proteger a sua porta. Não a abra para ninguém, Princesa Finnie, não me importa quem seja e não me importa se você confia. Abra a porta apenas para o Frey e eu. Frey e eu. Entendido? — perguntou.

— O que está acontecendo? — sussurrei.

— Entendido, Finnie? — repetiu.

— Thad, o que está acontecendo? — repeti também, mas mais alto.

Thad olhou para mim por um segundo, como se estivesse tentando decidir alguma coisa.

Então, decidiu.

— Aquela taça foi servida a você por uma criada conhecida de Frey. Ele a marcou quando você a colocou na mesa e viu quando aquela mulher a pegou por acidente. Hoje à noite, minha princesa, alguém tentou envenená-la.

Minha mente foi preenchida pela imagem daquela mulher vomitando sangue e minha cabeça ficou leve.

— Deuses, não desmaie, não tenho tempo para reanimar você —
Thad murmurou, me dando uma leve sacudida.

— Não vou desmaiar — sussurrei.

— Seus olhos, princesa, se concentre em mim — insistiu.

Me concentrei nele.

Em seguida, perguntei:

— Mas, meu p-pai...

Ele se aproximou mais e seus dedos me deram um leve aperto antes de me lembrar suavemente, me deixando saber que tinha informações que fiquei surpresa que tivesse.

— Finnie, seu pai não é o seu pai. Qualquer criança que você colocar no trono não terá o sangue dele. Sinto muito, sua graça, mas nesta terra e em todas as outras, você tem apenas um aliado, que é o Drakkar.

Pisquei para ele com o coração apertado. Se contraiu tão rapidamente que doeu muito e foi uma maravilha eu não desmaiar.

— Feche a porta. Um homem no qual você pode confiar estará aqui em breve — murmurou.

Assenti. Ele deu outro aperto nos meus braços e partiu.

Depois que ele saiu, fui direto para a porta, tranquei-a e deslizei as três travas de madeira, travando-a.

Virei as costas para ela, cobri a boca com a mão e olhei para o meu belo quarto.

Inspirei profundamente, me afastei, andei até a cama onde Penelope tinha levantado a cabeça por causa da comoção e estava bocejando. Eu a peguei, ela protestou, a acalmei e a segurei firmemente enquanto esperava o retorno do Drakkar.

Capítulo 19

Falta de Vigilância

— Pelos deuses! — Frey Drakkar ouviu um murmúrio de horror atrás dele.

Ele se afastou da mulher sangrando, caída aos seus pés e viu o rei Atticus e a rainha Aurora entrarem no aposento.

Atticus foi quem murmurou, e ele parecia horrorizado enquanto seus olhos permaneciam colados à mulher no chão. Aurora estava pálida, mas seus olhos, também na mulher sangrando e enrolada em si mesma, estavam encobertos.

— Sua filha tem uma traidora na sua equipe — Drakkar grunhiu, o estômago e a mandíbula apertados a bile na garganta ao pensar que ele havia se envolvido com a vadia que havia conspirado para assassinar sua Finnie, ela mesma entregando o veneno. — Ela confessou. Um médico vai atendê-la, assim que os meus homens a transferirem para a cadeia.

Os olhos do casal viraram para ele e tiraram Drakkar dos seus pensamentos, a fim de permanecer focado e observar cada minúscula nuance do rei e da rainha.

— Essa criada envenenou a Finnie? — Atticus sussurrou, ainda horrorizado e isso foi tudo que Drakkar leu no rosto do rei.

Leu alguma coisa mais no rosto de Aurora. Um flash de raiva misturada com mais do que um pouco de acusação.

Uma reação interessante e incômoda.

Drakkar ergueu o queixo para, Oleg que foi até Viola, colocando-a nos ombros com total indiferença aos seus gemidos e gritos enquanto a levava para fora, exatamente como havia sido indiferente enquanto extraía sua confissão.

Os olhos do Drakkar deslizaram para sua prima, que estava de pé contra a parede, os braços cruzados sobre o peito, os olhos agitados.

Ela gostou de assistir Oleg extrair informações de Viola.

Um erro. Pensou que ficaria com medo.

Mas ela era uma Drakkar. Ele já devia saber disso.

Olhou para Aurora e declarou:

— Sim. Viola aceitou dinheiro para preparar e entregar uma taça com bebida envenenada para a Finnie. — Atticus e Aurora olharam para ele, enquanto continuava. — Ela também nos deu outro nome para adicionar aos Berg Enger. Hernod Grieg, eles estão associados.

Continuou a observar o rei e a rainha de perto. Atticus já sabia que Berg Enger era o Lunwyniano que tinha pago pela tentativa de assassinato frustrada em Houllebec. Enger havia sido encontrado pelo homem do Drakkar, Quincy, e ainda não havia fornecido mais informações e considerando suas táticas, era altamente provável que soubesse muito mais do que já havia dito a eles.

O que eles sabiam era que Enger era um descontente, isto começou com seu desagrado em perder algumas terras como penitência do seu suserano por uma série de pequenos delitos. Isto foi objeto de um recurso ao rei, e ele estendeu a decisão do seu senhor feudal. Devido a isso, Enger não tinha amor pela coroa, mas também não tinha dinheiro.

Se associou a uma rede de homens que achavam que tinham sido injustiçados por Atticus de alguma forma.

O que não sabiam era quem estavam financiando Enger. Até agora.

Hernod Grieg era um comerciante que havia começado em Sudvic, assim como Drakkar. Frey já tinha ouvido sobre ele, eles haviam se encontrado, mas Frey não tinha simpatizado com o homem. Grieg não se considerava prejudicado pela coroa, não tanto quanto não gostava de pagar impostos para ela, pois preferia dinheiro em seus cofres.

Porque iria participar de uma trama de traição, Drakkar não sabia. Mas Quincy e Balthazar, já estavam indo para Sudvic para descobrir.

Com Viola fora da sala, Atticus se recompôs e, não pela primeira vez, Drakkar pensou em uma característica que todo rei deveria ter que Atticus, da Casa de Wilde, não tinha.

Ele não tinha estômago para o trabalho sujo da política.

Era uma fraqueza.

— Ouvi falar desse Grieg — Atticus afirmou.

— E o que você sabe? — Perguntou Drakkar.

— Não muito. — Atticus balançou a cabeça. — Ele é um comerciante em Sudvic. Participou da Caçada do Solar do ano passado a convite de um membro de uma Casa, mas não foi para o Gales. Eu o encontrei muito brevemente. Não posso nem mesmo dizer, com certeza, que me lembro como era — respondeu.

— Qual Casa? — Drakkar exigiu.

Atticus balançou a cabeça novamente.

— Não consigo me recordar.

Drakkar observou seu rei, então sussurrou:

— Tente.

Atticus olhou nos seus olhos, em seguida, respondeu:

— Ravenscroft ou Lazarus, talvez Sinclair ou Njord. Mas afirmar algo neste momento é uma calúnia, pois, de fato, Drakkar, esta reunião foi insignificante, e eu realmente não me lembro.

Os olhos Frey foram para Annar, que estava de pé com as mãos nos quadris em um canto.

— Tragam Ravenscroft, Lazarus, Njord e Sinclair. Estão todos aqui. Vou precisar falar com eles antes de partirem.

Annar balançou o queixo e saiu da sala. Drakkar olhou para Aurora.

— E você? — perguntou.

— Nunca tinha ouvido falar dele antes — ela respondeu imediata, com os olhos neutros, mas altivos, embora sem tentar esconder algo.

Drakkar virou a cabeça para Franka.

— E você?

Ela levantou a mão até o decote extenso e berrante.

— Eu? — ela perguntou lentamente.

Drakkar virou todo o corpo para enfrentar sua prima.

Encarando-a, disse com suavidade:

— Sei que você pensa em si mesma como um gato descontente, a menos que tenha um rato para brincar, mas não me confunda com esse tipo de animal, Franka. Um rato não pode arrancar a garganta de um gato com o punho.

Ele sabia que ela havia percebido que sua ameaça não foi em vão quando perdeu um pouco da cor em seu rosto.

— O que você sabe sobre Hernod Grieg? — Drakkar pressionou.

— Eu moro em Fleuridia, Frey. E mesmo assim, não me associo a *comerciantes* — ela disse essa última palavra com desdém e não sem uma pequena quantidade de loucura, porque acreditava estar falando com um.

Drakkar se moveu para ficar meio metro na frente dela.

— Você chamou a empregada até vocês, Franka, notei isso. Havia duas taças de champanhe naquela bandeja, isso também não me passou despercebido. Você pegou a taça primeiro — Drakkar observou.

— É comovente ver quanta atenção você dispensa à sua esposa, Drakkar — ela ronronou.

Frey não permitiu que sua expressão mudasse, mas levantou a mão e tocou o dedo indicador de leve na sua garganta, observando o corpo enrijecer quando ela prendeu a respiração.

— Você não deve se esquecer que, há meros segundos, Franka, eu disse que não era um rato — ele sussurrou.

Ela olhou profundamente nos seus olhos, leu-os corretamente e engoliu em seco.

Drakkar abaixou a mão.

Franka falou:

— Não posso dizer que me lembro quando a bandeja foi oferecida, simplesmente peguei o copo mais próximo de mim. E sua infeliz meretriz — ela acenou com a mão para baixo, onde Viola estivera caída — saiu muito rápido, portanto, não esperou para ver se seus esforços foram bem-sucedidos. O que posso dizer é que a garota estava por perto, e a vi pouco antes da sua princesa chegar. Mas isso é tudo que posso dizer.

— É possível você me assegurar de uma maneira que iria realmente me convencer que não teve participação nos eventos desta noite? — Drakkar perguntou, e os olhos de Franka semicerraram.

— Por que meu forte e belo primo, eu, Franka Drakkar da Casa de Drakkar, envenenaria nossa bela Princesa do Gelo, quando ela havia acabado de me dizer como estava feliz com você, e todas as suas atividades nupciais, atividades essas que colocarão um Drakkar no trono de Lunwyn pela primeira vez em setecentos e cinquenta anos? — Franka perguntou em vez de responder.

— Por que um Drakkar faria alguma coisa? — Drakkar retornou.

— Na verdade, — ela respondeu, inclinando ligeiramente a cabeça para reforçar sua ideia — *esta* Drakkar gosta muito da ideia de ter sua Casa sendo restaurada à antiga glória. Assim, *esta* Drakkar não faria nada para impedir que isso acontecesse. Mas *esta* Drakkar não seria tão estúpida a ponto de ficar ao lado da sua vítima enquanto estava sendo envenenada. E, por último, *esta* Drakkar, infelizmente, tem que confiar na sua Casa para se manter nos seus apartamentos em Fleuridia, lugar que ela gosta muito, com seus vestidos Fleuridianos, dos quais também gosta muito. E se ela participasse de tal temeridade, outros Drakkars que são numerosos, incluindo você, meu primo, que desejam ver a nossa Casa novamente governando Lunwyn, não ficariam muito felizes se ela participasse do esquema contra esse evento futuro. Portanto, *esta* Drakkar não é suscetível a fazer algo tão imprudente a ponto de perder o estilo de vida de que tanto gosta, sem mencionar — fez uma pausa e

encarou seus olhos — uma garganta que ela gosta bastante e quer deixá-la onde está.

Drakkar estudou seu olhar e também sentiu que ela não estava escondendo nada.

— Isso é bom — Drakkar disse baixinho. — Mas sugiro que você cuide dessa garganta, Franka.

— Eu sempre cuido — ela respondeu suavemente.

Drakkar não tinha terminado.

— E se você gosta do seu estilo de vida, como explicou, enquanto avança, em Lunwyn ou Fleuridia, nos seus jogos constantes, tenha a certeza de me informar se ouvir qualquer coisa que eu queira saber.

Seu rosto ficou presunçoso antes de perguntar:

— Você está sugerindo que influenciaria o meu irmão a cortar meus subsídios?

Quando os deuses dispensaram atributos entre Franka e seu irmão Kristian, infelizmente, Franka recebeu mais do que o seu quinhão, incluindo aparência e inteligência. Dito isto, Kristian, sendo a criança do sexo masculino, herdou a fortuna do seu falecido pai e controlava o dinheiro da família.

No entanto, Kristian era o rato favorito de Franka, e ela brincava com ele muitas vezes.

— Não estou sugerindo nada, Franka. Se eu descobrir que você sabe algo que não compartilhou, darei ao Kristian a opção de escolha de cuidar garganta dele. Ele pode ser um fantoche em suas cordas, prima, mas uma coisa com a qual estou certo que ele nasceu é senso de autopreservação.

A boca da mulher se contraiu, mas Drakkar não havia terminado.

— E outra coisa que ele tem, um filho que herdará seu dinheiro se algo acontecer a ele e cuja idade significa que sua mãe controlará seus fundos por alguns anos. Em seu jogo vicioso, você tem sido inteligente o suficiente para poupar a esposa dele?

Ele já sabia a resposta para isso, mas ela também a forneceu, porque perdeu a pose e olhou para o primo.

Em vez de responder à pergunta, ela questionou abruptamente:

— Sou livre para sair ou vou ser tratada da mesma forma que testemunhei seu homem tratar aquela pobre mulher?

— Aquela pobre mulher era uma traidora e quase matou a minha esposa, Franka. Ela tem sorte de sair daqui respirando, apesar de não totalmente intacta. Mas você não seria tratada da mesma forma, porque você ia gostar — Drakkar respondeu.

Seu olhar se derreteu, os olhos aqueceram e ela sorriu languidamente diante do pensamento.

— Isso é verdade — ela murmurou.

Drakkar olhou para sua prima com desgosto, se perguntando se ele realmente *tinha* sangue Drakkar nas veias ou se era um mutante.

— Você pode sair — murmurou, dispensando-a, e se virando para Atticus e Aurora que tinham assistido a tudo.

Mais uma vez, Atticus não escondeu sua reação à Franka e ficou olhando para ela com desgosto enquanto saía. Aurora não tirou os olhos de Drakkar.

Max entrou e Drakkar olhou para o homem.

— A princesa — disse Max, e Drakkar ergueu o queixo.

— Encontre o Thad, mande-o até ela. Diga a ele para falar que ela precisa se trocar. Em seguida, traga o Tyr. Finnie e eu partiremos para Sudvic esta noite. — Drakkar ordenou.

Max assentiu e saiu.

— Hoje à noite? — Aurora perguntou, e Drakkar olhou para ela.

— Imediatamente após eu falar com Ravenscroft, Njord, Sinclair e Lazarus — Drakkar respondeu.

— Mas está tarde. Já é noite... — Aurora começou.

— Ela já dormiu em cima do Tyr comigo. Pode fazê-lo novamente — Drakkar respondeu.

— Ela deve estar agitada — Atticus falou e se virou para Aurora. — Vamos vê-la agora, ver se ela está bem e...

— Vocês não vão a nenhum lugar. Não o quero perto da minha esposa — Drakkar interrompeu, e os dois olharam para ele.

— Perdão? — Atticus perguntou suavemente.

— Estou certo de que você me ouviu — Drakkar respondeu.

— Mas... — Atticus começou, mas vacilou, seu olhar como de alguém não entendia, então terminou, incrédulo —, pelos deuses, por quê?

— Porque Finnie quase foi envenenada esta noite — Drakkar explicou rapidamente.

— Nós sabemos, nós dois estávamos lá. — Atticus atirou de volta. — Nossa filha estava lá também. Ela viu que a mulher teve um colapso, vi seu rosto logo depois que aconteceu. Estava tensa. Você não pode atirá-la em um cavalo e...

Drakkar o cortou.

— Posso, e é o que farei, Atticus.

Atticus abriu a boca para protestar, mas Aurora falou antes dele.

— Drakkar, entendo o seu desejo de estar longe, mas o meu marido e eu gostaríamos de um momento com nossa filha para verificar se ela está bem depois dos acontecimentos de hoje à noite.

— Sua filha está em outro mundo e não tem ideia de que suas ações egoístas colocaram a minha Finnie em tal perigo — Drakkar respondeu e ficou um tanto surpreso ao ver Aurora se afastar ligeiramente.

Em seguida, ele ficou muito mais do que um pouco surpreso ao ouvir seu sussurro:

— Esse perigo, Drakkar, chegou pelas mãos de uma mulher que você jogou de lado.

Ele não precisava disso e estava exatamente tentando não pensar no que ela havia dito.

Frey cerrou os dentes antes de responder.

— Uma mulher que foi paga por um conspirador.

— Uma mulher que estava disponível para ser paga, porque esteve na cama com você, gostou, queria repetir quando voltou e você deu esperança a ela, solicitando que servisse a mesa onde a sua esposa estava sentada. Você frustrou suas esperanças, porque estava se divertindo em outros lugares — Aurora atirou de volta. — Conheço as mulheres, Drakkar, e aquela mulher agiu por ciúmes.

Drakkar sentiu seu temperamento se agitar quando as palavras dela fizeram a culpa que ele estava tentando controlar crescer, e se inclinou ligeiramente para sua rainha antes de responder:

— Pode até ser, mas ela também atuou a pedido de um conspirador com quem posso assegurar que *não* se deitou.

— Acho que você entendeu o meu ponto — ela disse baixinho.

— Não, na verdade, acho que gostaria que você o deixasse mais claro — respondeu Drakkar, também baixinho, mas seu tom era mortal.

Aurora cruzou os braços sobre o peito e corajosamente ignorou aquilo.

— Atticus me disse que o seu homem o impediu de ver nossa filha.

— Mais uma vez, ela não é sua filha. — Drakkar rangeu entre dentes e as costas de Aurora ficaram eretas.

— Não, você está certo. E, talvez, não estando na minha cabeça, ou na do Atticus, você não poderia saber que nós descobrimos que estava certo sobre algo mais. Enquanto você fica aí, sem ter certeza de nada além do fato de que ninguém é confiável, vou explicar algo importante para você. Antes de levar *nossa filha* noite adentro — Aurora afirmou.

Drakkar cruzou os braços sobre o peito e mostrou uma carranca para ela.

Ela ergueu o queixo e continuou:

— Você estava certo, lamentamos a perda da nossa Sjöfn, mas ambos viemos a perceber por que *você* se preocupa tanto com a Finnie

em tão pouco tempo.

O corpo do Drakkar ficou tenso, mas ela não havia terminado.

— Quanto a mim — disse calmamente. — Eu daria a minha coroa para ver a minha filha novamente. Ela me aborreceu, todo mundo sabe, mas eu a amava do fundo da minha alma e entregaria a minha coroa, sem nenhuma hesitação, pela chance de vê-la novamente. O que eu *não faria* é prejudicar a Finnie.

Ela inspirou e manteve os olhos no Drakkar, provavelmente para não ver a resposta do seu marido às suas próximas palavras.

— Me dói dizer, mas Finnie é a filha que eu não tive. O meu marido, tenho o prazer de reconhecer, teve a filha que queria, alguém que gostava das suas atividades. Não tive isso durante trinta anos, mas nas duas últimas semanas, eu tive.

Com anos de prática, Drakkar conseguiu manter sua reação em cheque e não mostrou sua surpresa.

A rainha Aurora provavelmente não a teria visto. Estava focada na sua mensagem e continuou falando.

— Como você disse, a minha Sjöfn não está aqui e não passo um dia sem pensar dezenas de vezes no que ela fez. Penso no que ela fez com o meu rei e o meu país, mas também penso no que fez para mim. Ela *me* deixou para trás, Drakkar, e ao seu pai. E não escapou a qualquer um de nós que a sua Finnie, a *nossa* Finnie, fez exatamente o oposto. Ela não escapou dos pais dela. Ela se arriscou, e muito, para *encontrá-los* novamente. E você não é pai ainda, assim, pode não saber, mas vou lhe dizer, saber a diferença dos motivos delas, torce uma faca já cravada profundamente em meu peito. Ao mesmo tempo, conhecer a Finnie e ver a sua alegria de estar com aqueles que a lembram dos pais que ela amava é um bálsamo considerável sobre essa ferida.

Drakkar encarou seus olhos, ouviu suas palavras e sabia que não eram falsas, mas percebeu que ela não havia terminado ainda.

Não estava errado.

Aurora continuou:

— Eu não posso dizer, neste momento, que beberia o veneno por ela ou que daria a minha coroa pelo seu retorno, como faria pela minha própria filha. Posso dizer que não faria nada para machucá-la e, para aqueles que já tentaram, não vou recuar até que encontrem a justiça.

Ela inclinou a cabeça para onde Viola tinha ficado, para reforçar sua opinião, mas não tirou os olhos do Drakkar.

E também não parou de falar.

Mas disse as próximas palavras tranquilamente, com uma emoção surpreendente tremulando em sua voz e seus olhos não estavam neutros, ao contrário, se iluminaram com fervor.

— Em breve, falará com os chefes das duas Casas cujo sangue corre em minhas veias. Eu sou uma Ravenscroft, sou uma Lazarus e essas Casas, se são alguma coisa, são *Lunwynianas*. Eles não trairiam seu rei, o país ou sua sobrinha — ela se inclinou para frente — *ou a mim*, da mesma forma que não voariam para a caverna de um dragão para atizar seu fogo.

Ela se endireitou novamente e continuou falando baixinho.

— Você é o Drakkar, o Frey, e Finnie é o seu destino. A lenda conta que todas as Casas que foram tocadas pelos elfos, que revestiram nosso país com tal beleza e ainda nos proveram com abundância, o fizeram para que as Casas levassem Lunwyn a prosperar. O Frey e o Drakkar nasceram em um só homem, o que significa que os deuses o chamaram e os nossos queridos elfos deixaram o seu reino depois de muito tempo para atendê-lo.

Ela respirou suavemente, de forma quase imperceptível, e continuou falando.

— Embora os chefes dessas Casas não saibam que a Finnie é o seu destino. Eles, assim como eu, não fariam nada para ficar no caminho das decisões que você toma, as ordens que você dá ou as ações que executa por Lunwyn, porque você foi escolhido pelos deuses, e Finnie foi

escolhida por eles para você. E, com todo respeito, peço para lembrar isso, Drakkar, em seu ardor para vingar o que aconteceu esta noite bem debaixo do seu nariz, uma taça entregue à sua nova noiva pela mão de uma mulher que aqueceu sua cama enquanto você confabulava com eles.

— Aurora, minha amada — Atticus sussurrou, estendendo a mão e segurando a mão da sua esposa com preocupação diante do seu show de insolência.

Mas Aurora sustentou o olhar dele, não olhou para o marido, e Drakkar observou seu peito subindo e descendo diante da emoção. Já tinha visto isso antes, mais de uma vez.

— Tenho reparado — Drakkar disse suavemente — em muitas ocasiões, que Finnie me lembra você. Ela tem a sua graça e o seu porte e, não sabia disso até agora, mas também tem a sua paixão emotiva. — Atticus inspirou, esperançoso enquanto sua esposa se esforçava para se acalmar. — Os elfos me disseram que os gêmeos dos dois mundos são pessoas diferentes e isso é verdade, com relação a sua filha e Finnie. É estranho e fantástico que você compartilhe esses atributos com a Finnie, como se você os tivesse passado através do seu útero, mas não deixa de ser verdade.

O rei e a rainha permaneceram em silêncio.

Drakkar terminou.

— Me agrada saber, enquanto esta trama se desenrola e descubro os Lunwynianos por trás disso, que Finnie possa confiar nos seus pais.

Os ombros de Atticus relaxaram, com alívio visível.

Aurora ergueu o queixo e perguntou de imediato:

— Isso significa que podemos vê-la antes de vocês estarem longe, na noite fria e sombria?

Drakkar quase sorriu dos seus dramas maternos.

Ela ia perder sua Finnie e estava preocupada com ela.

No entanto, ele não sorriu.

Em vez disso, olhou para Lund, que estava de pé, tranquilo, o ombro apoiado na parede e ordenou:

— Leve-os até a Finnie. — Lund assentiu e se moveu, mas quando estavam na porta, Drakkar gritou:

— Uma coisa. — Eles pararam e olharam para ele. — Devo lembrá-los de que estamos rodeados por Lunwynianos.

— Vou providenciar meus melhores homens... — Atticus começou, mas Drakkar o interrompeu.

— É exatamente o que você não vai fazer. Escolhi os homens que confio e, agora, Finnie tem a eles, a mim, vocês dois e, se meus instintos estão corretos, suas criadas. Você, assim como eu, tratará qualquer outra pessoa como suspeita — seus olhos se moveram para Aurora —, até mesmo os chefes das Casas que estavam, até então, acima de qualquer suspeita. Você vai fazer isso até que eu esteja certo da lealdade e tenha a minha permissão para confiar neles. Entendido?

— Entendido, Drakkar — Atticus murmurou.

Aurora parou apenas um momento, antes de erguer o queixo.

— Se despeçam da sua filha — Drakkar murmurou, e eles se moveram sem hesitação atrás de Lund.

Drakkar olhou para a porta, uma vez que se fechou atrás deles, deixando-o sozinho no cômodo.

Uma imagem da mulher vomitando sangue se projetou sobre a madeira, e esta se transformou em uma imagem da Finnie fazendo o mesmo. Era uma imagem tão hedionda que fechou os olhos para tirá-la da cabeça.

Não podia culpar a si mesmo pela paixão absurda de uma mulher ou pelas ações que isto causou.

Ele *podia* culpar a si mesmo pela falta de vigilância.

Aurora tinha dito, *em seu ardor para vingar o que aconteceu esta noite, bem debaixo do seu nariz...*

E ela não estava errada.

Droga! Ela não estava errada.

Drakkar colocou uma mão no quadril, a outra na nuca, baixou a cabeça e estudou suas botas.

Devia ter antecipado aquilo, e era dolorosamente verdadeiro.

Mas não cometeria o mesmo erro novamente.

A porta se abriu, Drakkar levantou a cabeça e viu que Annar estava no batente.

— Estou com os chefes. Você quer que os traga aqui?

Drakkar olhou para além dele, para o sangue no chão de pedra da despensa.

Em seguida olhou para o homem.

— Não. Leve Ravenscroft para a biblioteca, Lazarus para o escritório, Njord para a sala de estar e Sinclair, falarei com ele na sala privada. Em seguida, chame uma criada para buscar minhas roupas. Vou querer a guarda preparada para sair dentro de uma hora.

Annar levantou o queixo e fechou a porta ao sair.

Drakkar levou alguns momentos para tirar a tensão do seu pescoço.

Depois, abaixou a mão e caminhou até a biblioteca.

Capítulo 20

A Finnie

Os cavaleiros em suas montarias se moviam pela floresta congelada rapidamente e durante toda a viagem não cederam o ritmo das suas montarias.

Antes de sairmos, Frey havia sugerido que eu tentasse dormir, mas estávamos seguindo em um galope rápido e o ritmo dissonante, por si só, já me manteria acordada.

Mas foram os acontecimentos daquela noite que realmente me tiraram o sono.

Ao contrário da última, nesta viagem Frey não falava. Não compartilhava informações detalhadas. Simplesmente, me segurava contra ele e se inclinava para mim enquanto Tyr nos levava pela floresta enluarada.

Me deixando com meus pensamentos.

E tomei o seu silêncio como indicação de que queria ser deixado com os dele.

Me disseram que Sudvic ficava a seis horas de viagem em um trenó, se as condições estivessem boas e, considerando a companhia não tão boa dos meus pensamentos, ficaria feliz se fôssemos mais rápido. Não tinha ideia de quanto tempo realmente levaria, mas não estávamos em uma estrada. Estávamos fora da trilha, na floresta propriamente dita, provavelmente tomando uma rota mais direta.

O tempo todo em que cavalgamos, minha mente era inundada com imagens e lembranças daquela noite, das duas últimas semanas e todas as pessoas no Palácio e no Gales com as quais tive contato. Nenhuma delas se pareciam com assassinos para mim, mas eu não sabia muito

sobre elas e sobre assassinos. Não existem características que os identifiquem. Ou, pelo menos, nenhuma das boas.

Meus pais vieram me visitar antes de Frey e eu saímos e imaginei que isso significava que meu marido confiava neles o suficiente para permitir isso. Como pareciam meus pais verdadeiros e tinha começado a conhecê-los, sem mencionar o fato de que ambos estavam abertamente preocupados comigo (sim, até mesmo a minha mãe), não podia acreditar que tinham algo a ver com um plano para me matar. E no final, não tinha escolha a não ser agir exatamente como estava, e isso significava apavorada. Então recebi bem a presença tranquilizadora dos dois.

Partimos na calada da noite fria, Frey, eu, minha guarda, e não havia mais nada além do luar, da neve, das árvores e dos meus pensamentos para me ocupar por horas.

Portanto, fiquei extremamente aliviada quando, de repente, saímos da floresta que nunca terminava.

Quando o que estava à minha frente afastou os pensamentos sombrios e foi registrado pelo meu cérebro, preendi a respiração.

Emergimos em uma colina elevada e estendida. Diante de nós havia uma cidade, e não era pequena, pois se alongava.

Mas não foi isto que me fez prender a respiração.

As luzes cintilantes da cidade cobriam o vale e, à esquerda refletiam parcialmente em uma elevação que não era uma montanha se fosse comparada com aquelas em torno de Fyngaard. Na verdade, era um monte muito alto.

Contudo, à direita havia uma baía, a água escura tão calma que estava vítrea e sua superfície pontilhada com enormes e imponentes navios de três e quatro mastros ancorados. Mais alguns estavam no cais. Considerando a hora, estavam iluminados por poucos lampiões (embora aqueles mais próximos do cais estivessem com mais luzes acesas) e todos emitiam longos reflexos sobre a baía.

Era *espetacular*.

Embora tivessem galopado durante horas, era como se os cavalos sentissem que a viagem estava chegando ao fim, queriam terminá-la e seu ritmo acelerou quando os cavaleiros à nossa frente marcavam a neve em direção a uma estrada bem assentada. Em seguida, percorreram o caminho para o vale e para a cidade.

Quando a alcançamos, olhei ao redor e examinei tudo, vendo imediatamente que Sudvic não podia ser mais diferente de Fyngaard.

As ruas eram pavimentadas, não vielas e trilhas lotadas de neve. A neve tinha sido retirada e empilhada em lotes entre edifícios que pareciam estar lá só para esse fim. E o som dos cascos dos cavalos batendo contra a pedra, algo que nunca tinha ouvido na vida real, era *muito* maneiro.

As construções não eram pitorescas e rudimentares. Mesmo assim, eram legais, de uma forma desregrada à moda antiga, estreitos e altos, construídos, um após o outro, com as estradas sinuosas entre eles, mostrando que não houve nenhum planejamento urbano.

Algumas das construções tinham quatro andares de altura, outros, dois ou três. Alguns possuíam telhados pontiagudos, outros inclinados ou com sótãos. Todos tinham janelas quadradas envidraçadas e havia um bom número de janelas já fechadas por conta do frio da noite.

Ficou claro que esta cidade era amplamente povoada, não só pelo conjunto denso de prédios, mas também porque ainda estávamos nas primeiras horas da manhã e já havia pessoas na rua, se movimentando ao longo das calçadas de madeira, livres da neve ou paradas diante do fogo nos tambores que estavam acesos nas esquinas.

Outra diferença é que eles não tinham tochas, mas postes de luz, pretos e altos, que pareciam ser abastecidos com algum combustível. Suas luzes brilhavam pelas caixas com laterais de vidro que pendiam de ganchos que, alternadamente, se curvavam sobre as ruas ou calçadas, cortando a noite e lançando iluminação sobre ambos.

Também constatei que Sudvic não parecia refinada e cosmopolita, com um vasto número de comércio e lojas. Não havia cafés com mesas

na calçada, restaurantes elegantes e, pelo que pude ver nas vitrines das lojas, as mercadorias eram práticas, não elegantes, caras ou sofisticadas. Definitivamente, não se encontrava lojas de peles ou vidros moldados aqui. As placas suspensas sobre as portas anunciavam um departamento governamental, contadores, comerciantes e até mesmo corretores de seguros.

E mais, as poucas mulheres que vi se vestiam de forma diferente. Elas não usavam os vestidos de lã fluidos e macios ou os mantos longos que vi em Fyngaard e Houllebec. Usavam vestidos com saias rodadas com uma profusão de anáguas e mantos mais curtos que desciam apenas até a cintura.

Olhando em volta, parecia que tínhamos cavalgado apenas três ou quatro horas de Fyngaard e ido para um outro mundo.

Nosso grupo virou à direita e foi em frente. Quando fizemos a curva, pude ver a baía vindo em nossa direção e esqueci tudo sobre quase ser envenenada e as pessoas à minha volta querendo me ver morta.

Tudo em que conseguia pensar era que mal podia esperar para chegar lá.

Mas quando chegasse, sabia que a viagem podia ter demorado um ano e que, ainda assim, teria valido a pena.

Quando atingimos o final da rua, Frey e seus homens viraram os cavalos para a esquerda e lá estávamos nós, no cais, os navios se erguendo majestosos no céu à nossa direita, a doca ladeada por edifícios à esquerda.

Enormes pilares de madeira que saíam da água com grossas cordas entrelaçadas à sua volta para fixar os navios no cais e cordas mais finas que seguravam navios menores nos pilares ou ganchos aparafusados na madeira. Ao longo de todo o porto, havia pilhas e pilhas de barris de madeira e engradados, pilhas de redes emaranhadas, armadilhas para peixes jogadas e enormes rolos de corda grossa.

E a doca estava acordando. Ou, talvez, nunca dormiu. Homens estavam trabalhando, arrastando, puxando, empurrando, rolando, levantando e gritando.

E à esquerda, um grande número de bares, todos iluminados, que nunca fechavam e, por último todos muito populares.

Do lado de fora, havia vários homens se servindo ou bebendo em chifres ou canecas de estanho e fumando charutos grossos (não os finos de Fyngaard).

Eles também estavam conversando, dando uns amassos ou acariciando abertamente as mulheres com cabelos volumosos, maquiagens pesadas e decotes que rivalizavam com o de Franka, mas estes mostrando os mamilos de forma frívola em (às vezes não tão limpos) tops que eram amarrados (ou não) no decote com cordões, seus seios mais proeminentes por largos cintos apertados, que cobriam as barrigas e se entrelaçavam na cintura. As saias não alcançavam o chão, mas a bainha caía vários centímetros acima do tornozelo. E aparentemente eram imunes ao frio ou haviam bebido muito, porque nenhuma delas estava usando manto (embora algumas usassem luvas sem dedos).

Prostitutas. Tinham que ser.

Incrível!

Os sons dos homens trabalhando, o grito das gaivotas, o ranger dos navios e o cheiro de sal e peixe encheram o ar. Era fabuloso, cada centímetro daquilo tudo. E, à medida que cavalgávamos rapidamente, vi olhos ávidos se voltarem na nossa direção, mas não notei, de verdade. Estava ocupada tentando absorver tudo.

Então Frey puxou as rédeas de Tyr, virando-o para a direita. O cavalo seguiu naquela direção e paramos diante de um navio no cais.

Frey se endireitou, e eu segui junto com ele, olhando para a esquerda e depois para a direita. Em seguida, para cima, até onde a vista alcançava.

Era, de longe, o maior navio que já tinha visto e era, absolutamente, o mais maneiro.

Foi tudo que fui capaz de processar quando ouvi pés correndo, e Frey desmontando, atingindo instantaneamente o chão e me puxando com ele baixo.

Estava no chão e vi um jovem, talvez doze ou treze anos, que pegou as rédeas de Tyr. Era loiro, muito magro e vestia calções, botas até o tornozelo, meias grossas de lã e um grosso suéter marrom. Sua cabeça estava inclinada para trás, os olhos focados em Frey.

— Cuide de Tyr e depois atenda a sua senhora na minha cabine — Frey ordenou brevemente enquanto segurava minha mão. Depois, começamos a caminhar.

Fomos direto para uma prancha íngreme que tinha ripas pregadas em toda extensão como pontos de apoio e um trilho de corda áspera que conectava a parte superior do navio e um timão de madeira com um aro de ferro na parte inferior. Já tinha enfrentado subidas mais assustadoras, mas não em um vestido longo e um casaco de pele pesado.

Antes que pudesse me dar conta e me concentrar em como escalar o corredor sem tombar na água, Frey usou a mão para me manobrar na frente dele, e com uma mão na parte inferior das minhas costas, a outra firmando na minha cintura, me empurrou para cima. Arrastei minha mão enluvada ao longo da corda com o grande tronco de Frey logo atrás de mim, me impulsionando para cima, pela passagem estreito, dois passos para baixo e, então, eu estava dentro do navio dele.

No navio dele!

U-huuu!

Demorei menos de dois segundos para olhar em volta e ver que ele não estava mentindo. Havia homens por todos os lugares. Muitos deles, todos ocupados.

Vi que ele estava correto sobre minhas criadas estarem lá. Elas podiam gostar de um banquete. No entanto, apesar de todos os homens

parecessem estar em forma e cheios de músculos e serem todos bonitos, elas poderiam achar isso um pouco demais, mesmo com as suas histórias de desfrutes de flertes intensos, provavelmente verdadeiras.

Encontrei o olhar (muito breve) de um homem que tinha um cabelo branco chocante que estava penteado em um estilo experimental e parecia não ser o que ele tinha esperado e não tinha dado certo. Também tinha uma barba branca cheia e espessa, rugas profundas nos cantos dos olhos, mais rugas espalhadas em um rosto extremamente bronzeado. Ele estava vestindo camisa, calções de couro e botas de cano alto que já tinham visto em dias melhores. Esses dias foram há cerca de duas décadas. Ele era a versão deste mundo do velho marinheiro, nenhuma dúvida sobre isso. Estava olhando de soslaio para mim com uma expressão que dizia que queria me agarrar e lançar ao mar.

Não teve essa chance.

Frey pegou minha mão e me levou até um corredor estreito na lateral do navio, e eu estava olhando para onde meus pés pisavam no deck de madeira. Foi por isso que, apenas no último minuto, quando levantei a cabeça, vi que os passos me levaram à plataforma elevada e que bem no meio dela tinha um enorme leme de madeira circular. Suas alças eram espetadas para fora. E era tão grande que devia ser do meu tamanho.

Incrível!

Esperava que estivéssemos indo para lá (queria dar uma olhada mais atenta no leme), mas não fomos.

Frey virou à direita e me guiou por outro corredor por mais alguns metros. Depois virou à esquerda em direção a alguns degraus que desciam. Não tinha escolha, apenas o segui (principalmente porque Frey não estava me dando uma). Ele soltou a minha mão, me empurrou naquela direção e colocou a mão na minha cabeça, pressionando-a para baixo, para que eu não a batesse na entrada baixa. Três degraus para

baixo. Depois, sob o beiral, mais cinco passos e estava diante de uma porta aberta. Dei alguns passos para dentro do aposento e parei.

A cabine de Frey.

Diante do que vi, meus olhos se arregalaram, meu coração começou a acelerar e estava tão animada que mal podia respirar. Queria pular ou, pelo menos, bater palmas e gritar “uhuu!”, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa dessas, Frey se aproximou de mim e inclinou minha cabeça para cima com uma mão embaixo do meu queixo.

— Tenho que ver algumas coisas, minha Finnie — murmurou. — Se Skylar chegar antes de mim, peça um pouco de água para se lavar, se você desejar e o avise se precisar de comida ou vinho.

Depois de falar isso, ele se inclinou, tocou os lábios na minha testa e, sem outra palavra ou olhar, se foi.

Olhei para as costas dele por alguns segundos, me virei lentamente e examinei o lugar.

— Puta merda — sussurrei.

Era *tudo* o que pensei que seria e *muito mais*.

Bem à frente estava a popa do navio, sabia disso porque quase toda a extensão do local era um quadrado com painéis de vidro onde eu podia ver um pouco da baía e do navio ancorado atrás de nós. De baixo da janela havia um banco baixo sobre o qual havia um assento de couro marrom escuro surrado com várias almofadas marrom escuro, verde escuro e cor de vinho jogadas ao acaso.

Suspenso no meio da janela, como eu não sabia, pois parecia estar flutuando no ar, estava o dragão de vidro que tinha dado ao Frey.

Tinha ficado fantástico lá. Tão fantástico que era como se tivesse sido *feito* para estar lá.

Desviei os olhos do dragão e vi, colocada um pouco à frente da janela, uma mesa maciça e bem utilizada. Estava coberta de papéis, alguns abertos, outros enrolados, bem como objetos fascinantes que mal podia esperar para examinar. Alguns deles eram instrumentos e outros,

certamente, pesos para segurar as coisas no lugar. Atrás dela havia uma cadeira esculpida e pesada.

A esquerda, outra mesa com grandes cartas de papel e mapas, novamente alguns abertos, outros enrolados, alguns parcialmente enrolados e mais instrumentos e pesos de papel.

No final daquele lado da cabine, próximo à porta, havia uma pequena mesa que sustentava uma bacia de cobre e em uma prateleira embaixo tinha um jarro também de cobre. Sobre ela, um espelho oval emoldurado em madeira entalhada.

No meio da cabine, uma mesa oval entalhada cercada por oito cadeiras.

À direita da mesa, havia uma área de estar, uma cadeira grande e confortável com uma almofada, uma mesa pesada ao seu lado, um lampião preso na parede, usado para ler. Próxima a ela, uma cama em estilo divã, que tinha o dobro da largura de uma cama de casal, mas muito mais comprida (ou seja, com o corpo grande de Frey e o meu, dormir seria aconchegante). Não estava coberta com lençóis, mas com uma pilha de peles, bem como uma profusão de cobertores de lã e veludo e uma abundância de almofadas quadradas cobertas com veludo e pendentes de franjas pendurados em volta. Todos os tecidos tinham cores opulentas, como vinho, marrom chocolate, azul escuro e verde musgo.

Havia vigias em toda a volta, intercaladas com alguns instrumentos e mostradores cercados de bronze, algumas armas montadas em prateleiras, lampiões suspensos (todos acesos) e algumas pequenas pinturas de paisagens marítimas.

No chão havia também dois aquecedores, que pareciam ser portáteis. Pareciam ser feitos de ferro e com fogueiras acesas dentro deles em um esforço para afastar o frio, o que, em parte, conseguia sucesso e em outra parte, falhava.

Também vi baús, a maioria deles reconheci como sendo meus, que revestiam a cabine atrás da mesa com os gráficos.

Na parte de trás da mesa, no lado oposto da área de estar, havia um globo enorme e, por algum motivo, foi para onde me dirigi primeiro.

Quando cheguei lá, virei lentamente o globo com pintura intrincada com as pontas dos dedos. Fascinada, vi o mapa ilustrado nele, mostrando que este mundo não era idêntico ao meu. Nem mesmo chegava perto. Não havia América, Europa, Ásia, África ou Austrália. A única coisa igual eram os polos na parte superior e inferior.

Girei o globo para encontrar Lunwyn e observei, não com surpresa, que ele estava no topo, quase no Polo. O enorme Mar do Inverno era ao norte dela, o Polo gelado, mais além. O Mar Verde, pintado de verde esmeralda no mapa, estava a oeste de Lunwyn e era mais como um oceano incrivelmente vasto. Vi Middleland pintada em verdes escuros e preto e Hawkvale e Fleuridia, ambas representadas com verdes profundos, com Fleuridia tendo alguns tons de verde claros. Abaixo do equador, havia mais países, todos pintados de marrom e bege, chamados Korwahk, Keenhak e Maroo.

Estava girando o globo para ver o que mais havia quando ouvi:

— Milady?

Ergui a cabeça.

O menino estava em pé, na porta.

Parecia desconfortável e incerto, assim como impaciente. Imaginei que tinha coisas para fazer que não incluíam ficar a serviço de uma mulher nos aposentos do seu capitão.

Me afastei do globo e me virei para o menino, dizendo:

— Olá. Você é o Skylar?

Ele assentiu, observando enquanto me aproximava dele e deslocando o corpo de uma maneira que fazia parecer como se quisesse se virar e correr.

— Sou Finnie. — Me apresentei antes de parar há vários metros de distância.

Ele assentiu, mas não falou.

— E o que você faz aqui, Skylar? — perguntei.

— Sou criado do capitão, milady — respondeu.

Assenti, pensando que era meio jovem, mas pelo que eu sabia, era o único criado de um capitão que já havia conhecido.

Ele me perguntou de supetão:

— Há algo que possa trazer para você, milady?

Sorri.

— Duas coisas. Um pouco de água, de modo que Frey e eu possamos nos lavar depois da cavalgada e também não me chamar de milady. Em vez disso, gostaria que me chamasse de Finnie.

Ele olhou para mim e depois engoliu, o que parecia ter feito de um jeito nervoso. Então assentiu novamente.

Ficou parado, olhando para mim.

Quando ele não disse nada, perguntei:

— Há algo que você gostaria de dizer?

Ele balançou a cabeça e seu corpo balançou de novo antes, de declarar:

— Você não me dispensou.

Ah. Certo.

Sorri novamente antes de dizer a ele:

— Você pode providenciar a água agora, Skylar.

Ele acenou de novo, uma vez e bem rápido. Em seguida, correu para fora.

Bem, isso foi um pouco estranho, mas... tudo bem.

Determinada a perguntar a Frey mais tarde, comecei a dar uma boa olhada em volta.

Aproveitei a oportunidade para tirar o manto, o gorro e as luvas e xeretar nas coisas de Frey sobre a mesa e me lavar quando Skylar trouxe um pouco de água morna para derramar no jarro de cobre. Eu tinha uma luneta de bronze em um olho e estava de joelhos no banco na parte de trás. Estava olhando para fora, para praticamente nada (porque ainda

estava escuro e havia a traseira de um navio enorme que estava no meu caminho) quando Frey voltou.

Virei a cabeça para vê-lo entrar e o vi parar e olhar para mim com espanto indisfarçável.

— Para o quê você está olhando, esposa?

Sorri para ele, saí de cima do banco e coloquei a luneta na sua mesa enquanto caminhava para ele e respondia:

— Vendo como um monte de nada à noite. Ainda assim, a luneta é maneira, o banco é maneiro, essa janela é maneira e essa cabine inteira — parei na frente dele e bati levemente minhas mãos sobre o seu peito, inclinando minha cabeça para olhar para ele — *é maneira*.

Seus olhos se moveram sobre o meu rosto, e ele levantou a mão para segurar minha bochecha, o polegar deslizando para acariciá-la.

O que não fez foi sorrir de volta e vi que parecia distraído.

Cheguei mais perto e perguntei:

— Está tudo bem?

Ele não respondeu. Em vez disso, informou:

— Partiremos em breve.

Sorri novamente e sussurrei:

— Maravilha. — Então, perguntei: — Posso ir para o convés e assistir enquanto zarpamos?

Ele balançou a cabeça.

— Você precisa dormir, pequena.

Balancei a cabeça também.

— Frey, não estou cansada. — E era verdade, estava agitada e não cansada.

— Tudo bem — ele respondeu. — Preciso me concentrar em navegar meu navio para fora da baía, meus homens precisam se concentrar em ajeitar as velas e, enquanto isso, nenhum de nós vai se concentrar na minha esposa curiosa encontrando problemas enquanto

vagueia por lá, explorando. Vou lhe pedir para ficar na nossa cabine e olhar pela vigia para um monte de nada.

Que chatice!

Embora conseguisse entender porque tinha pedido isso, também podia fazer isso por ele.

— Tudo bem — cedi. — Mas posso dar um passeio mais tarde? — insisti e ele balançou a cabeça novamente, não negando, mas como uma indicação de que estava acostumado a me ver não desistir. Soube que isso não o irritou quando vi seus olhos amorosos, mas sua boca ainda não se curvou em um sorriso.

— Skylar irá acompanhá-la, uma vez que estivermos longe.

— Legal — eu disse baixinho, estudando-o e sentindo que seus pensamentos estavam em outro lugar.

Mas não tinha certeza de que estavam sobre a navegação da baía.

Ele balançou a cabeça e tirou a mão do meu rosto, mas a segurei antes que se afastasse.

— Frey — falei, ele parou e suas sobrancelhas se ergueram. — Está tudo bem? — repeti a pergunta anterior.

Desta vez, ele respondeu de imediato:

— Tudo ficará bem quando estivermos no mar e você estiver cercada por homens em quem confio para não te envenenar ou afundar um punhal em seu peito.

Minha nossa.

Claramente, alguém não tinha deixado de pensar nos acontecimentos da noite mesmo com uma nova cidade impressionante, prostitutas, navios e uma cabine de capitão muito legal, tudo isso parecendo ter saído de um filme.

Portanto, me aproximei dele e o abracei.

Puxando-o para perto e inclinando a cabeça para trás, sussurrei:

— Querido, estou bem.

— De fato — respondeu, passando os braços ao meu redor.

Inclinei a cabeça para o lado e dei um grande sorriso para ele.

— E nós estamos partindo em uma aventura.

Seus olhos percorreram meu rosto novamente antes de murmurar:

— Estamos, minha Finnie.

— Então está tudo bem — concluí e assisti a escuridão se estabelecer em seus olhos.

Humm. Talvez nem tudo estivesse bem.

Dei-lhe um aperto e o chamei.

— Frey?

— Eu me deitei com ela — disse, com calma.

Franzi o cenho enquanto meu corpo ficava tenso ao ouvir suas palavras.

— O quê? — perguntei.

— Eu me deitei com ela — repetiu, levantando uma das mãos para o meu pescoço, e se inclinando um pouco para que seu rosto ficasse mais próximo do meu. — Eu me deitei com ela — disse mais uma vez e prosseguiu. — E pedi a ela para servir a mesa na primeira noite quando voltei com a minha esposa. Sua mãe disse que ao fazer isso dei esperanças de que ela aqueceria novamente a minha cama. Finnie, juro a você agora, não importa o que eu disse quando estava com raiva, ela não o fez.

Ele estava falando sobre Viola.

Acenei diante desta notícia, que não era nenhuma novidade, e Frey continuou falando.

— Eu não fazia ideia de que ela tinha um caráter fraco. Não fazia ideia de que o tempo que passou comigo a levou a uma paixão que não era saudável. Nem que ela estaria propensa, não só a conspirar para prejudicá-la, mas, na verdade, a agir pessoalmente para levar em frente um complô para assassinar minha esposa.

Ah, Deus.

— Frey — tentei interrompê-lo com outro aperto dos meus braços, mas ele se inclinou mais ainda, ficando mais próximo e continuou falando.

— Mas ela o fez, e eu tinha conhecimento dos perigos que você enfrentava e não foi a minha mão que derrubou o frasco de veneno na taça entregue a você, mas foram as minhas ações que desencadearam as ações *dela*. Isso significa que no desenrolar dos acontecimentos, uma mulher perdeu a vida e outra, por pouco, não perdeu a dela. Essa mulher era minha esposa. Então, não, pequena, *não* está tudo bem.

Certo, esta era uma conclusão que ele estava determinado a tirar, algo que realmente não fazia sentido, mas era fundamentado em profundos sentimentos de culpa que nunca fizeram qualquer sentido.

E, por último, era uma conclusão da qual tinha que convencê-lo do contrário.

Em um esforço para fazer isso, ambas as minhas mãos deslizaram pelo seu peito e foram as laterais do seu pescoço enquanto sussurrava:

— O que aconteceu não foi culpa sua.

— Eu discordo, Finnie.

Eu lhe dei um aperto e uma chacoalhada suave.

— Frey, você está errado.

— Troque de lugar comigo, meu amor, e me diga... — sua mão me deu um aperto e ele continuou —, mesmo que não fosse ninguém, mas especialmente essa mulher, uma mulher sobre a qual discutimos, uma discussão que me levou a fazer algo imprudente que causou uma rachadura entre nós, uma mulher sobre a qual você só pode ser sensível e talvez não agora, mas, possivelmente, mais tarde, pensar sobre ela, pensar sobre as minhas ações impensadas e ao que elas levaram e, então, deixar isso te contaminar. Sabendo o que já aconteceu e o que podia ter acontecido enquanto sua mente, invariavelmente, repassa os acontecimentos de ontem à noite, como você se sente agora?

Certo, ele tinha razão.

— Tudo bem — eu disse suavemente —, você tem um bom argumento aí, mas pense nisso. Em primeiro lugar, se tivéssemos que mudar de lugar e eu estivesse nos seus braços, me sentindo uma merda por tudo o que aconteceu, em um esforço para me fazer sentir melhor e compreender que realmente *não* foi minha culpa, você não explicaria que as ações dos outros são as ações *dos outros*? Tivemos uma discussão e as pessoas fazem coisas loucas quando estão irritadas. Você estava irritado e agiu de acordo com isso. Todo mundo faz coisas assim. Você pediu a ela para servir a mesa, só isso. Não fez promessas. *Ela* distorceu isso na cabeça *dela* e fez o que fez, mas *ela* fez isso. Você não pode fazer nada por ser ótimo na cama.

Ele piscou lentamente diante das minhas palavras, mas continuei falando.

— Bem, acho que pode. Se quiser ser ruim na cama, pode fazer isso, suponho. Embora eu lhe peça que não comece a fazer isso *agora*.

— Finnie...

— Porque isso seria péssimo *para mim*.

— Finnie...

— E *eu* não tentei envenenar alguém e não acho que *eu* deva ser punida.

A mão dele no meu pescoço me deu outro aperto. Cheguei mais perto dele e vi que seus lábios estavam curvados para cima.

— Você já terminou? — perguntou.

— Você se sente melhor? — perguntei de volta.

— Sim — Frey respondeu e me pressionei mais ainda contra ele.

— Então sim, terminei — disse suavemente.

Finalmente, ele sorriu para mim, abertamente. Em seguida, uma das suas mãos deslizou para baixo a fim de me abraçar enquanto a outra deslizou para cima, para a parte de trás do meu cabelo para poder virar minha cabeça e pressionar o meu rosto contra o seu peito.

E nesse ponto, *eu* me senti melhor. Senti seu peito se expandir e contrair quando exalou um grande suspiro antes de sussurrar:

— Obrigado, esposa.

Com os braços em volta dele, lhe dei um aperto e sussurrei de volta.

— De nada, marido.

Ele me segurou apertado por alguns segundos, devolvi o gesto e quando seu abraço afrouxou um pouco, inclinei a cabeça para trás e vi que estava olhando para mim.

— Enquanto você examina a minha cabine, tente não tirar qualquer coisa do lugar, senão não conseguirei encontrá-las.

Estranho. Ele *realmente* me conhecia.

Ri baixinho e assenti.

— Tudo bem, vou tentar.

Ele sorriu para mim antes de abaixar a cabeça e tocar a boca na minha. Em seguida, disse calmamente:

— Precisamos nos afastar.

Olhei nos seus belos olhos e assenti.

Ele sustentou o meu olhar por um segundo, em seguida, me soltou.

Estava quase na porta quando chamei o seu nome. Ele se virou e olhou para mim, esperando.

— Qual é o nome do seu navio? — perguntei.

— *Finnie* — respondeu de forma casual e senti cada centímetro do meu corpo travar.

Então, minha mandíbula se mexeu para que eu pudesse perguntar em um só fôlego:

— O quê?

Sem hesitar, Frey respondeu:

— Quando decidi que ia viajar comigo, e você demonstrou muito entusiasmo diante desta possibilidade, mudei os registros, mandei apagar o nome antigo, pintar o novo sobre ele e o rebatizei de *Finnie*.

Ah.

Meu.

Deus!

Ele *não* fez isso.

Olhei para o meu marido que esperava com paciência, mas, obviamente, desejando estar longe quando me atingiu a descoberta de que ele realmente *fez* isso. Fiquei espantada, todo o meu corpo aquecido, meu coração leve e soube que a areia movediça estava chegando na altura do meu queixo.

E não tinha absolutamente nenhuma intenção de fazer o menor esforço para sair dela.

— Qual era o nome anterior? — sussurrei.

— Skadi — respondeu, em seguida, mesmo pronto para sair, parou para explicar. — Uma lenda antiga conta que Skadi era corajosa, mas também dizia que preferia as montanhas. Houve um tempo em que ele precisava ser chamado de Skadi. Esse tempo está no passado, pois a minha Finnie aproveita ao máximo todos os lugares pelos quais passa, inclusive, tenho certeza que vai aproveitar o mar.

Sim, ele realmente me conhecia.

— Vou aproveitar ao máximo — prometi, tranquilamente.

— Sei que vai, amor — Frey respondeu com calma, em seguida, continuou ainda tranquilamente, mas também com cuidado —, embora, se você continuar falando, não haverá nada a fazer.

Sorri para ele.

— Podíamos nos atrasar um pouco, ir até um daqueles bares no cais, tomar uma bebida e eu podia conversar com algumas prostitutas.

Ele começou a rir e balançou a cabeça.

— Vejo que isso intriga você, minha pequena, mas devo informá-la de que, quando voltarmos, você não vai sentir essa vontade, não vai *nem* querer chegar perto daqueles bares, tomar uma bebida e conversar com prostitutas.

Sorri para ele.

Veremos.

Decidi não dizer isso e, em vez disso, ordenei:

— Vá navegar o seu navio, meu belo marido. Tenho um monte de coisas a fazer, como remexer nas coisas e bagunçar documentos e instrumentos importantes.

Ele sorriu enquanto caminhava de volta para mim, segurava meu queixo com a mão e tocou novamente seus lábios nos meus, desta vez mais e mais, mas não com força ou demorado o suficiente para mim.

Seus dedos acariciaram suavemente o meu queixo enquanto me soltava. Frey sorriu, olhando nos meus olhos, se virou e saiu da cabine.

Fiquei olhando para a porta por algum tempo depois dele ter saído, pensando que eu estava de pé, em um belo navio, de um belo homem, com o meu nome.

Sim, eu estava de pé em um belo navio, de um belo homem *com o meu nome*.

Mordi o lábio, mas, mesmo assim, estava sorrindo.

Depois, me dediquei a fuçar suas coisas e mexer nos seus papéis e instrumentos.

Capítulo 21

Chá de Adela

Uma semana e meia depois...

Meus olhos se abriram e senti a maciez do veludo, senti seu peso e seu calor, exceto pela perna que estava parcialmente exposta e enrolada em um emaranhado de peles e cobertores.

Estava na cama da cabine de Frey e estava sozinha.

Ouvi papéis farfalhando, suspirei suavemente e me apoiei em um cotovelo para olhar para a mesa.

Meu belo marido, com uma semana e meia sem fazer a barba (deixando-o, sem dúvida, mais belo) estava folheando papéis na sua mesa.

— Ei — chamei.

Sua cabeça virou e seus olhos verde oliva se voltaram para mim.

Suas feições ficaram indolentes. Essa indolência se comunicou com uma variedade de lugares no meu corpo e ele não disse uma palavra, mas se endireitou na cadeira e se virou ligeiramente para o lado.

Ele não precisou dizer uma palavra. Eu soube o que aquilo significava.

Me desembaracei dos lençóis, agarrei meu longo robe de lã macia que estava nos pés da cama e meus pés calçados com meias de cashmere bateram no assoalho de madeira. Vesti o manto sobre a camisola de cetim enquanto atravessava a cabine até ele, amarrando o cinto bem apertado. Assim que cheguei na sua cadeira, seu braço me enganchou ao redor da cintura e, gentilmente, me guiou para o seu colo.

Quando me acomodei, ambos os seus braços estavam à minha volta, a cabeça inclinada para a minha e ele murmurou:

— Vou pegar o meu beijo da manhã agora, pequena Finnie.

Sorri para ele, coloquei minhas mãos na parede dura que era o seu peito e me inclinei, jogando a cabeça para trás, oferecendo a boca para ele. Então, pegou seu beijo de bom dia. Não era a primeira vez que fazia isso, me colocando no colo dele, na cadeira atrás da sua mesa, na cabine. Outras vezes, ele o pegava quando eu acordava em sua cama, quando ele ainda estava nela. Outras vezes, quando me acordava ao voltar para a cabine, ao terminar de fazer alguma coisa. Vinha até mim ou estava comigo, todas as manhãs.

Cada uma delas.

Estava segurando o seu suéter e um pouco mais do que levemente aquecida pelo seu abraço quando ele levantou a cabeça e murmurou:

— Será que algum dia vou cansar do seu gosto?

Deus, esperava que não. Claro que não disse isso. Em vez disso, sorri para ele e disse:

— De jeito nenhum. Eu sou gostosa.

Ele sorriu de volta e seus braços me puxaram para mais perto quando perguntou:

— Gostosa?

— Eu sou uma delícia — expliquei.

Seu sorriso se transformou em um amplo sorriso antes de concordar.

— Isso você é, minha pequena.

Me inclinei mais, levantei a mão para acariciar o queixo forte e meus olhos pararam na sua boca, antes de sussurrar:

— Você é gostoso também.

Vi sua boca murmurar “Deuses” antes de cair sobre a minha e me dar outro beijo de bom dia, este mais longo, mais profundo, mais úmido e muito melhor.

Humm. Definitivamente gostoso.

Estava agarrada a ele, um braço ao redor dos seus ombros, a outra mão no cabelo espesso, quando afastou a boca da minha e deslizou os lábios pelo meu rosto até o meu ouvido, onde falou em voz baixa.

— Infelizmente, não tenho tempo para brincar esta manhã, esposa. Vou me reunir com o Thad e o Kell em cinco minutos. Vamos atracar depois de amanhã e, de lá, devemos nos apressar. Esta manhã, vamos finalizar os planos — levantou a cabeça e seus olhos encontraram os meus —, mas, depois disso, estou livre. Vou entregar o leme para o Thad, encontrá-la aqui e vamos trancar a porta.

Eu sabia o que significava trancar a porta. Assim como os seus homens.

Impressionante. Algo pelo qual esperar.

— Mas, agora, tenho que sair — Frey continuou. — Você gostaria que eu pedisse ao Skylar para lhe trazer o café da manhã?

À menção do Skylar, meu bom humor matinal experimentou um sobressalto.

Durante o tempo em que eu estava no navio, Skylar não tinha se acostumado a mim. Frey havia explicado que era porque ele era filho de um dos seus homens, um que tinha, infelizmente, morrido durante uma missão (isto, Frey me assegurou, provavelmente, porque suguei cada molécula de oxigênio na cabine e realmente senti meu rosto ficar pálido, o que era uma casualidade *muito* rara) o que significava que Skylar estava sendo criado exclusivamente pela esposa do homem.

Ela não era uma mulher boa, gentil, justa, paciente ou, através de algumas das histórias que retransmitiu para mim (histórias que fizeram meu coração partir), consciente. Frey havia descoberto que as coisas estavam indo mal para o menino e o tinha levado (sim, levado, não dando nenhuma escolha à sua mãe e, honestamente, estava feliz com isso), e agora Skylar servia a Frey e o serviria até que fosse velho o suficiente para tomar suas próprias decisões.

Portanto, Skylar era um rapaz tímido com as mulheres e não era nenhuma surpresa. Além disso, significava que Frey costumava pedir as coisas por mim, para Skylar. Isto, a meu pedido, principalmente porque Skylar não estava se acostumando a mim, não importava quão doce ou tranquila fosse com ele, podia afirmar que lhe causava desconforto. Então decidi não fazer isso, evitando-o, e Frey tinha concordado com o meu pedido.

Não tinha certeza se um menino que foi abusado devia servir em um navio com um grupo de homens machistas que, tinha notado, o tratavam como, bem, um monte de homens machistas e sem a bondade de uma mulher.

O que tinha certeza era que, se até mesmo metade das histórias fossem verdadeiras, ele estava melhor no navio de Frey com um grupo de homens rudes do que se estivesse com a sua mãe.

Também tive certeza de que gostava de Frey ainda mais, porque saiu do seu caminho para cuidar do menino. Seu cuidado podia não ser carinhoso, mas não podia negar que estava sendo cuidado.

— Sim. — Assenti, respondendo sua pergunta. — E água para me lavar.

— Tudo bem — Frey murmurou, inclinou-se para tocar seus lábios na minha testa, em seguida, se levantou, levando-me com ele e me colocando de pé. Olhou para mim. — Seus planos para o dia?

— Praticar arco e flecha com o Annar e treino com faca com o Lund.

Ele balançou a cabeça e começou a rir.

Tinha descoberto que minhas criadas tinham colocado algumas camisas, blusas e calças da princesa Sjöfn e, sendo eu, experimentei-as. A primeira vez que tinha aparecido nestas peças de vestuário, causei uma grande confusão. Esta agitação causada por Frey, que estava no leme, a olhar para o céu como se buscasse a absolvição dos seus deuses. Mas não disse uma palavra (isto, eu também gostei).

Também soube por Annar que tinham enviado meu arco e fizeram isso, entregando-o a ele para embalar com o seu próprio, uma vez que não cabia nos meus baús. Ele se ofereceu para treinar comigo e cobrei a oferta.

Enquanto praticava com o arco, um dia, Lund apareceu e se ofereceu para me ensinar como lidar com uma faca. Aceitei, também. Achei que era importante saber manusear os dois, considerando que Sjöfn sabia e, mesmo que provavelmente nunca fosse tão boa quanto ela, considerando o tempo de prática que tinha, pelo menos, isso ia fornecer alguma cobertura para eu não parecer uma amadora completa se espiões estivessem prestando atenção (e, obviamente, estavam).

Sem falar que eu queria aprender.

Orion se ofereceu para me ensinar esgrima e aceitei, também, mas descobri que mal conseguia levantar uma espada, elas eram estupidamente pesadas. Ninguém tinha a bordo uma que eu pudesse utilizar. Por isso, decidimos ficar apenas com o treino de faca, até que pudessem encontrar uma espada que eu pudesse usar.

Assim, enquanto Frey passava os dias comandando o seu navio, planejando ataques e se reunindo com os seus irmãos (quando não estava trancado na cabine comigo), passava o meu tempo disparando flechas, dançando em volta do convés enquanto Lund tentava me esfaquear e jogando várias partidas de *tuble* e *meerkin* enquanto todos os homens me ensinavam como trapacear (quando não estava trancada na cabine de Frey com ele, onde, se Frey e eu não estivéssemos fazendo outras coisas altamente agradáveis, Frey também passava um tempo me ensinando a trapacear).

Em outras palavras, estava me divertindo pra valer.

— Certo, pequena — Frey falou, com diversão na voz leve e profunda, trazendo minha atenção de volta para ele —, depois de terminar de pular no convés exibindo sua linda bunda nas calças apertadas, assegurando que cada um dos meus homens esteja deitado em suas

redes, à noite, com as mãos ao redor dos seus paus e os pensamentos na sua bunda, então, vamos nos encontrar aqui de novo, hoje à tarde.

Pisquei para ele e sussurrei:

— Eles não estão fazendo isso.

— Estão — Frey rebateu.

— Não, não estão — ainda estava sussurrando.

— Finnie, eu sou um homem? — Frey perguntou.

— Sim — dei a resposta óbvia.

— Então, eu sei que eles estão fazendo isso.

— Mas — protestei —, sou sua esposa e você disse que eles não iam...

Frey me interrompeu.

— Eles não vão ficar encarando e não vão deixar seu interesse óbvio, pois isso me desagradaria. Mas eu não controlo os seus pensamentos. Eles olham e o que eles enxergam é uma imagem agradável que fica gravada na mente deles, então eles não esquecem.

Ah, Deus.

— Talvez eu devesse parar de usar calças — sugeri, mas Frey sorriu maliciosamente e baixou seu rosto na direção do meu.

— Faça isso, meu amor, então, *eu* não vou precisar assistir você pulando em torno do deck exibindo sua linda bunda e, felizmente, quando estou na cama, à noite, *eu* tenho uma esposa que, de bom grado, envolve uma série de coisas ao redor do meu pau que são muito muito melhores do que a minha mão.

Humm.... isto era verdade.

Também explicava porque Frey não disse uma palavra contra eu usar calças. E, por último, me deixou quente em uma variedade de lugares.

— Isso é verdade — murmurei e Frey jogou a cabeça para trás e riu.

Quando se inclinou para baixo, ergueu a mão, deslizou atrás da minha cabeça e me puxou para junto dele e para cima, para dar outro beijo na minha testa.

Quando me soltou, segurou meu olhar e disse baixinho:

— Até mais tarde, meu amor.

— Até mais tarde, baby — respondi suavemente.

Ele sorriu para mim e o observei sair da cabine.

Então, fui até meus baús, fiquei de joelhos na frente de um, o abri e comecei a triagem, a fim de decidir o que ia vestir naquele dia.

Enquanto estava examinando o baú, minha mente viajou ao longo da última semana e meia e sobre as coisas que eu tinha descoberto.

Uma delas foi a história de Kell, aquele velho marinheiro que eu tinha visto na minha primeira noite no navio. De volta aquele dia, Kell tinha sido o primeiro companheiro de viagem no primeiro navio no qual Frey trabalhou. Frey tinha acompanhado Kell quando ele foi, por um breve tempo, capitão de um navio para um comerciante. Em seguida, Kell tinha acompanhado o Frey quando ele usou a herança que sua avó Eugenie deixou para ele, para encomendar a construção do seu primeiro galeão e foi colocado no mar.

E Kell tinha estado com o Frey, desde então.

Os dois eram próximos, podia afirmar (embora Frey também tivesse me dito). Não que ficassem trocando tapinhas nos ombros ou batendo os punhos o tempo todo, mas não havia nenhuma dúvida sobre isso; aquela proximidade estava lá. Corria profundamente e Frey tinha explicado que Kell lhe ensinou tudo o que sabia. E logo após, quando Frey saiu para trabalhar por conta própria, havia ganhado o respeito de Kell porque vivia a sua vida de uma forma que continuava aprendendo.

Felizmente, Frey me disse que Kell não tinha estado olhando para mim como se quisesse me jogar ao mar na primeira noite porque estava planejando mentalmente meu assassinato. Infelizmente, Frey me disse que ele estava olhando para mim como se quisesse me jogar ao mar,

porque ele não gostava (de modo algum) de mulheres a bordo de navios e ainda achava que elas serviam a um só propósito e uma só finalidade e, portanto, embora ele conhecesse seu quinhão delas, todas praticavam a mesma profissão.

A propósito, mesmo que a maioria das pessoas gostasse de mim logo de cara por ser aberta, calorosa e amigável, ou poder chegar a ser aberta, acolhedora e simpática, Kell não tinha amaciado, nem mesmo um pouco.

Outra coisa que descobri foi que o objetivo desta missão era recuperar uma relíquia dos elfos, de grande importância. Muitos Lunwynianos tinham procurado por ela, literalmente, durante séculos. Muitos rumores sobre ela, o que significava que numerosas operações foram lançadas, mas no final, foram infrutíferas. O próprio Frey havia planejado e executado três manobras desde que começou a fazer incursões, todas terminando em decepção.

Ele me disse que não tinha grandes esperanças desta vez, também. Dito isso, também me contou que seu informante, desta vez, era muito mais confiável do que os últimos três.

Independentemente da relíquia, um ramo petrificado da árvore adela, ou melhor, *da* árvore Adela, a primeira que a deusa Adele criou, era importante o suficiente para fazer uma tentativa. E era o que estava fazendo.

Estávamos, agora, fora das águas de Lunwynian e nas de Middleland. A relíquia, o informante de Frey contou, estava na posse de Phobin que, por acaso, vinha a ser o amante do primo da Princesa Sjöfn, Broderick, que era filho do rei Baldur.

Frey não falou muito sobre Broderick mas, lendo nas entrelinhas, tive a sensação de que não gostava muito dele. Falou menos ainda sobre Phobin, mas o que disse, não precisei adivinhar. Ele não gostava de Phobin e ponto. E, tenho a sensação que, provavelmente, gostaria mais do Broderick se ele não tivesse escolhido Phobin como parceiro.

Frey também tinha me informado com cautela que esta missão era complicada. E era complicada porque Frey tinha estado em Middleland recentemente e sua última missão tinha sido perigosa. Também tinha sido secreta. Além disso, tinha sido politicamente delicada. E, por último, meu pai não sabia sobre isso, nem, aliás, Frey estava planejando contar.

Isso porque ele tendia a contar sobre estas missões para Atticus *depois* que eram bem-sucedidas, pois se as coisas dessem errado, o rei podia afirmar, honestamente, não ter nenhum conhecimento delas. A menos, claro, que meu pai houvesse pedido a Frey para realizá-las.

Embora, que seja dito, a última missão foi *tão* delicada, que papai ainda não sabia sobre ela.

O Rei Baldur também não sabia sobre a missão anterior de Frey, que não estava ansioso para que qualquer irmão soubesse e tinha a intenção, ao entrar em Middleland, de recuperar a relíquia e sair, sem que ninguém mais soubesse sobre esta missão e, com alguma sorte, ninguém mais saberia sobre a última também.

Continuando a história, Thad recebeu uma comunicação de uma mulher com a qual teve um caso um pouco longo e ainda a tinha em alta conta. Esta comunicação era um pedido urgente para ajudar na fuga de outra mulher que, como ela, estava desesperada para fugir do seu captor.

Thad, que ainda nutria sentimentos por sua ex-amante, confiava nela e concordou em ajudá-la sem, realmente, obter todas as informações. Frey não tinha a intenção de ir, pois ia se casar, embora tenha oferecido a Thad um dos seus navios. Mas, uma vez casado, decidiu que preferia estar no mar executando missões perigosas com seus homens, do que amarrado a uma lésbica (com toda a justiça, podia ver isso) em sua festa de casamento. Depois, mudou de ideia, me levando para a sua cabana de caça e partindo em seguida.

Quando chegaram, descobriram que a amiga do Thad era, na verdade, a criada da feiticeira pessoal do rei Baldur, uma mulher com grande poder, mas, mesmo assim, controlada por ele.

Era uma história triste, na verdade, porque Frey e Thad tinham descoberto que a criada desta feiticeira, que tinha o nome de Circe (nome totalmente irado, a propósito) tinha mostrado que possuía magia, praticamente, desde o seu nascimento. A fim de controlar seu poder, Baldur a havia sequestrado quando era muito jovem. E, para se assegurar que não houvessem tentativas de resgatá-la, tinha executado os seus pais.

Sim, executou duas pessoas para roubar sua filha.

Parecia que meu tio era um verdadeiro transgressor.

Infelizmente para ela, não só possuía uma grande quantidade de magia, mas também, uma grande beleza. Então, meu adorável tio (só que não), havia começado a se deitar com ela quando tinha quatorze anos, e ainda era conhecida por ser sua amante, mesmo que tivesse mais do que o dobro dessa idade agora.

Quer dizer que Circe era sua amante *de má vontade*.

No entanto, ela era um prêmio que o rei Baldur possuía por mais de uma razão e ajudá-la a escapar era, como Frey expressou, “politicamente sensível” (mas o que queria realmente dizer era politicamente explosivo, ainda que papai não fosse mais sensato).

No entanto, duas coisas aconteceram. Uma, Frey era o Frey e Thad me disse que, ao saber sobre a sua história, não hesitou em concordar em ajudá-la a escapar. Duas, a criada da feiticeira Circe havia repassado que ela tinha informações sobre a relíquia dos elfos que todos estavam procurando, e ela pagaria por seus esforços, fornecendo essas informações para Frey.

Portanto, Circe era a fonte de Frey e, apesar de séculos de experiência com decepção isso o fez manter suas expectativas em cheque. Enquanto os dias passavam e o início da operação ficava mais próximo, eu podia sentir a inquietação dos homens.

As expectativas podiam estar em cheque, mas ainda havia esperança.

Sim, isto era tão importante quanto a relíquia.

Pensando em tudo isso, vasculhei mais profundamente o meu baú, para encontrar uma calça limpa para vestir, puxei algumas para fora, uma pequena bolsa caiu de uma dobra e, com isso, um pedaço de papel caiu.

Olhei para a pequena bolsa de cetim roxo no chão, ao lado do meu joelho. Estendi a mão para pegar o pedaço de papel dobrado.

Abri e o li:

Querida Finnie,

Esperamos que você ache isso mais cedo ou mais tarde.

Embalamos um pouco de chá adela para você usar com o seu marido.

Não sabemos se você já leu sobre isso nos seus livros, mas no caso de não ter lido, explicaremos:

Colher qualquer coisa das árvores adela, que crescem muito lentamente e são muito suscetíveis à doença, é rigorosamente controlado. Qualquer árvore de adela é sagrada, pois foram criadas pela deusa e são o ponto de entrada dos elfos, do seu reino para o nosso. Se alguma coisa acontecesse com elas, os elfos ficariam presos sob a terra pela eternidade, e ninguém quer isso, de forma que são manuseadas com cuidado.

Os galhos das árvores de adela podem ser extraídos somente para buquês de casamento e sua casca é colhida e utilizada com muita cautela para fazer um chá especial. Chá de casca de adela é muito caro, muito raro e não é usado amplamente.

Não conseguimos comprar mais do que o suficiente para você fazer uma xícara, mas apenas uma, compartilhada pelos amantes, é suficiente.

Vêja bem, o chá serve para potencializar os seus sentidos, tato, paladar, olfato, visão, audição e também aumenta, significativamente, a excitação. Alissa tem um flerte em andamento com o chefe da Casa Ulfr, ela é a favorita dele e o visita toda vez que ele vem para Tyngaard. Uma vez, ele conseguiu um pouco de chá, que compartilhou com ela, e ela disse que foi maravilhoso.

Por favor, não se preocupe, os efeitos não são debilitantes nem duradouros. Alissa diz que metade de uma xícara para ela e o seu cavaleiro durou várias horas, eles dormiram bem e acordaram reavigorados.

Com o seu espírito, achamos que essa é uma aventura que você tem que vivenciar.

Portanto, este é o nosso presente para você e o Drakkar.

Aproveite, doce Finnie. Estamos ansiosas para vê-la no seu retorno e saber tudo sobre isso.

Com amor,

Jocelyn, Alissa, Esther e Bess

Peguei a bolsa e apertei a parte macia.

Então sorri.

Minhas criadas eram... absolutamente... *as melhores*.

E essa era uma das muitas razões, incluindo o fato de que tinham comprado e me fornecido um pó que prometeram (porque todas utilizavam) que eu podia polvilhar apenas um pouco na água ou café e ele impediria que eu engravidasse. Tinha que fazer isso todos os dias e, felizmente, tinha um gosto bom, embora estranho, como uma laranja mentolada. Embora não tivesse durado muito tempo, por enquanto estava tudo bem (uma vez que, infelizmente, e, felizmente, considerando que era estranho menstruar neste mundo e sabia disso porque já tinha experimentado duas vezes - sem mencionar acontecer em um navio com um bando de homens, mas dois dias na viagem, o tomei e, felizmente, quatro dias depois, estava pronta e isso significava que estava livre e limpa... por enquanto).

A porta se abriu, pulei e olhei naquela direção para ver Skylar de pé, mantendo-se bem afastado de mim.

— Ovos, bacon e torradas, milady? — perguntou da mesma forma que fazia todas as manhãs, por razões que eu não sabia, porque tinha descoberto com Frey que, a menos que escolhesse apenas ovos e torradas ou apenas bacon e torradas. Essa era a minha única escolha para o cozinheiro do navio, que era quase tão ranzinza quanto Kell, não era caloroso com ordens pessoais e não fazia nada “feminino” como panquecas.

Sorri suavemente para o menino e disse baixinho:

— Sim, Skylar, isso seria adorável. Obrigada.

Ele acenou com a cabeça uma vez e se moveu rapidamente para fora do quarto.

Olhei para a porta fechada perguntando o que, se houvesse alguma coisa, eu poderia fazer sobre isso.

Decidi falar com Frey sobre isso, mais tarde.

Meus olhos pousaram na bolsa na minha mão e, novamente, minha boca se curvou em um sorriso.

Sim, ia falar com ele sobre isso.

Muito mais tarde.



Vi minha adaga deslizar através do deque e parar contra uma corda.

Mordi o lábio e ignorei Stephan, Max e Gunner, que sabia estarem sorrindo achando isso hilariante e Kell, que estaria de cara feia achando que eu deveria estar escondida na cabine de Frey a viagem inteira, repetindo para mim mesma que nunca mais colocaria os pés no navio que foi batizado com o meu nome ... ou qualquer navio, se fosse o caso.

Olhei para Lund enquanto se endireitava do movimento de estocada que eu tinha feito, para desviar do meu punhal e lançar o seu próprio. Em seguida, plantou as mãos nos quadris e me encarou.

— Finnie, já lhe disse, você tem inexperiência e falta de força como pontos fracos formidáveis, mas a rapidez, a surpresa e... — fez uma pausa e se inclinou ligeiramente para mim — *concentração* podem ser usadas como seus pontos fortes. Para ter rapidez e surpreender, você precisa... — parou de novo, se endireitou e cruzou os braços sobre o peito — *concentrar*.

Ele não estava errado. Minha cabeça não estava em aprender a empunhar um punhal. Já era de tarde. Minha cabeça estava na cabine, onde estavam a bolsa de chá de adela e a chaleira de água fervida, que Skylar tinha deixado para mim (uma vez que estava pensando em surpreender Frey).

— Sinto muito, Lund, minha mente está em outro lugar — admiti.

— Se é assim, então você não devia estar praticando com uma adaga. O que acabou de acontecer, aconteceu porque sou bom e não queria o seu mal. Em uma luta de verdade, um homem podia segurar sua mão com essa manobra e ter a força e a agudeza da lâmina. No mínimo, poderia cortar seu pulso, onde o sangue flui livremente. Você ficaria significativamente enfraquecida e até mesmo, enfrentaria a morte.

Caramba. A morte nunca era uma coisa boa.

— Certo — disse suavemente.

Ele descruzou os braços e se aproximou de mim. Olhei nos seus olhos cinzentos e notei que se mostravam menos irritados, estavam mais calorosos. Também havia notado que este era o jeito de Lund. Ele podia perder a paciência enquanto praticávamos, mas apenas quando eu fazia alguma coisa realmente estúpida, algo que ele já havia dito para não fazer, mas não ficava bravo por muito tempo.

— Gosto dos nossos treinos, minha princesa, mas também gosto de te ensinar como roubar no corte das cartas. Se quiser pular a aula, podemos nos sentar com as cartas. Tudo que você precisa fazer é dizer.

Deus, sério, ele era um cara legal e, ao passar mais tempo com todos os homens de Frey, tinha percebido que todos eles eram.

Exceto Kell, que me detestava e Oleg, que era meio monossilábico e um pouco assustador, mas na maioria do tempo era legal, também.

— Obrigada — respondi calmamente, e Lund sorriu para mim.

— Esposa. — Ouvi, já que era a voz de Frey, só podia ser eu. Me virei para vê-lo caminhando na minha direção.

Meus joelhos vacilaram e não foi só porque ele, como sempre, estava uma delícia.

— Melhor deixarmos isso para outro dia — Lund murmurou.

Olhei de Frey para ele, acenei, sorri e me afastei para pegar meu punhal perdido.

Me virei para meu marido, que agora estava muito perto. Ele não tocou em mim, mas estava bem dentro do meu espaço.

Humm... Eu sabia o que aquilo significava e significava, em primeiro lugar, que ele não queria que nos ouvissem e, em segundo lugar, na verdade, ele *queria* me tocar, mas era algo que evitava fazer na frente dos seus homens. Havia momentos em que o fazia, é claro, mas, em plena luz do dia, no meio do convés, tendo um grande público, não era um desses momentos.

— Temos planos, pequena — me lembrou de algo que, *absolutamente*, não precisava me lembrar. — Preciso dar uma palavra com o Kell. Vi que sua lição terminou?

Assenti.

— Bom — murmurou. — Vou te encontrar na nossa cabine.

Meus joelhos vacilaram de novo e meus mamilos formigaram, mas acenei com a cabeça.

Ele sorriu, como se soubesse o que estava passando pela minha cabeça e sob a minha camisa. Aquele sorriso foi tão bom que meus mamilos ficaram duros e estremeci.

— Vejo você lá, querido — sussurrei.

Seus olhos flamejaram e ele sussurrou de volta:

— Com certeza.

Decidi ir para a cabine, em primeiro lugar para fazer o chá e, em segundo lugar, antes de me derreter em uma poça de água no convés, na frente de todos, só em pensar sobre o que aconteceria depois que eu fizesse o chá.

Então fiz isso, sorrindo para Frey, em seguida, virei a cabeça enquanto caminhava em direção ao deque da ponte e gritei:

— Até mais tarde, rapazes!

Alguns acenaram com o queixo e Max respondeu.

— Até mais tarde, Finnie.

Saí rapidamente de lá.

Quando cheguei à cabine, vi que a boa notícia era que Skylar era realmente um bom aprendiz. Ele não fez a cama porque não havia,

praticamente, nenhum sentido, mas trouxe água para me lavar, trocou-a, limpou a bacia, trouxe comida, levou os pratos, roupas limpas e não gastou uma pequena quantidade de tempo lustrando o bronze.

Também providenciou uma chaleira de água fervente, uma xícara e um infusor.

A má notícia era que, nesse tempo que estava na cabine, comecei a ficar nervosa. E se não funcionasse ou fosse pouco seguro? E se o Frey não topasse esse tipo de coisa? E se nós tivéssemos um momento ruim e coisas não tão boas acontecessem?

Estava junto à chaleira fervente que, nem mesmo chegava perto de aquecer a cabine, pelo contrário estava esfriando rápido e mordi o lábio. Ouvi um barulho do lado de fora e pulei, pensando que era o Frey. Olhei para a porta fechada; não se abriu. Então olhei de volta para a chaleira.

Não vou usar drogas, esta era uma aventura que minha mãe e meu pai me advertiram (repetidamente) que não valia a pena arriscar.

Mas era a casca de uma árvore bonita. Era natural. Não era uma droga... *exatamente*.

Merda!

Houve outro baque e pulei mais uma vez, olhando para a porta. Depois de vários momentos e nada de Frey, decidi prosseguir.

Era agora ou nunca.

E eu vivia no agora... com Frey.

Agarrei o infusor, derramei os minúsculos, brilhantes, deslumbrantes pedaços de casca nele, sacudindo a bolsa para me certificar que caíram todos. Então, fechei o infusor, o coloquei na xícara e derramei sobre ele a água fumegante. Esperei, olhando para ele, imaginando quanto tempo deveria deixar em infusão. Em seguida, imaginando se devia esperar pelo Frey antes de experimentar.

Peguei a pequena corrente, mergulhei e levantei o infusor várias vezes e assisti, com fascínio, enquanto o brilho fluía para fora do infusor, permeando o líquido e fazendo a água no copo realmente brilhar.

Sim ... *brilhar*.

Loucamente maneiro!

Puxei o infusor, o coloquei de lado e, depois de inspirar profundamente, antes de ficar louca, levei a xícara até os lábios e tomei um gole.

Putá merda!

Olhei para o líquido brilhante dentro da xícara.

O paraíso. Absolutamente divino.

Tomei outro gole degustando o alcaçuz e a menta, com toques de baunilha.

Deus, era celestial.

Tomando outro gole decidi que os deuses deste mundo *deviam* existir. Nenhum outro ser poderia criar algo tão celestial.

No gole quarto, senti que começava a fazer efeito e no quinto, ficou mais forte. Sabia disso porque não estava mais *degustando* o chá, estava *sentindo-o*. O sabor tinha se intensificado a tal ponto que era uma emoção simplesmente experimentá-lo.

Saboreei o sexto gole, o frescor do ar na cabine começou a arrepiar minha pele, as correntes de ar deslizando na minha frente eram quase físicas. O brilho do bronze dos instrumentos nas paredes havia ficado tão brilhante, que quase me cegava. Podia sentir cada centímetro do aperto na xícara que pesava nos meus dedos. Podia ouvir os homens que se deslocavam no convés, acima de mim.

Uau. Esta coisa funcionava rápido e era *impressionante*.

Saboreei o sétimo e já tinha tomado a metade da xícara. Queria mais, era delicioso, divino, uma felicidade enlouquecedora em forma líquida, mas me forcei a largar a xícara para guardar a metade de Frey.

O calor deslizou através de mim, começando bem no meu sexo e se esgueirando para baixo e para fora até que me aqueceu desde a cabeça até a ponta do pé, cada centímetro da minha pele, cada centímetro das minhas entranhas. O calor era tão intenso que tive que

colocar a mão na mesa para me segurar firme porque pensei que minhas pernas podiam dobrar debaixo de mim.

Não me assustou porque a sensação não era, nem de longe, assustadora.

Era linda.

Tão linda, tão intensa, tão penetrante, que parecia que ia entrar em combustão.

Se Frey não chegasse à cabine em breve, ia ter que cuidar de mim mesma.

E sabia que ia desfrutar de todos os... *incríveis*... segundos.

Ouvi suas botas nos degraus da entrada e os meus pés me levaram diretamente para a porta. Fizeram isso porque, de repente, minhas mãos coçavam para tocá-lo, minha língua estava seca com a necessidade de prová-lo, meu estômago estava oco com fome dele e meu sexo doía pelo dele, para preenchê-lo.

E, por causa disso, mal fechou a porta e eu já estava em cima dele, puxando-o para perto, minhas mãos deslizando sobre o seu peito para envolver o seu pescoço. Em posição, insistentemente, puxei sua boca para a minha.

— Fin — ele disse o que foi bom, perfeito, porque sua boca se abriu e, já que meus lábios já estavam lá, minha língua deslizou para dentro dela.

Ah, sim... Ah, caramba... *Sim!*

Tive a minha resposta. Nunca me cansaria do gosto dele, *nunca*.

Senti suas mãos nos meus quadris e o toque era leve, mas queimou dentro de mim e me senti tão bem que gemi em sua boca.

Essa boca que se afastou da minha enquanto me empurrava um pouco e eu puxava o seu pescoço para trazê-lo de volta.

— Pequena, o que...? — perguntou, mas algo chamou sua atenção, olhou além de mim brevemente. Em seguida, olhou novamente,

sua cabeça se levantando para olhar para a mesa.

Olhou para mim, os olhos focados nos meus e me estudou intensamente enquanto seus braços deslizavam à minha volta, me puxando para perto.

Mordi o lábio diante do toque do seu corpo duro contra o meu e me perguntei se ele ia demorar a começar a arrancar as minhas roupas (e as dele) quando sua cabeça inclinou e seu rosto ficou próximo.

Sua voz era um grunhido baixo que reverberou através de mim, fazendo com que meus joelhos ficassem fracos (e uma variedade de outras coisas, tudo tão fabuloso que era quase torturante), quando perguntou:

— Aquela xícara, Finnie, ela brilha. Você bebeu adela?

Me empurrei mais ainda contra ele, minhas pálpebras baixando, tentando me concentrar em não pressionar a minha boca na dele (ou pressioná-la em outros lugares), mas, em vez de responder sua pergunta e também avaliar sua reação diante desta ideia, sussurrei:

— As garotas me deram. Uh... para nós.

Ele me encarou por um segundo, que pareceu durar cinco horas, em seguida, ambas as suas mãos estavam, de repente, nos lados da minha cabeça, inclinando-a novamente e, graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus, Deus, *Deus*, estava me beijando, forte, profundo e com *muita* língua.

Estremeci contra ele e segurei firme.

Ah, caramba. Ia gozar só com beijos.

Sua boca se afastou da minha, o calor do meu corpo se comunicando com o calor dos seus olhos e ele grunhiu.

— Pelos deuses, esposa, você responde a mim completamente.

Então, me pegou nos braços, me levou até a mesa, apoiou minha bunda sobre ela e, colocou uma mão em volta do meu pescoço enquanto curvava os dedos da outra através da alça da xícara. Pegou-a e prendi a respiração enquanto ele segurava meu olhar e a levava aos lábios. Perdi

seus olhos enquanto seu pescoço se inclinava para trás e bebia tudo em um só gole.

Ok, a evidência sugeria claramente que o Frey realmente, *realmente*, estava dentro.

Endireitou a cabeça, deixou a caneca de lado, agarrou minhas pernas por trás dos joelhos, as abriu e se posicionou entre elas.

Ah, sim. Agora, estávamos nos comunicando.

Minhas mãos deslizaram pelo seu peito para segurar seu pescoço e levantei as pernas, os joelhos dobrados, para puxar seus quadris contra mim, enquanto ele se inclinava.

— Elas explicaram o que o chá da adela faz? — ele perguntou, enquanto apoiava uma mão sobre a mesa, o outro braço me envolvendo.

—Uh-humm — murmurei, olhando para a sua boca e desejando que não estivesse tão longe.

— E você quer isso, Finnie?

Forcei meus olhos a irem até os dele, e minha mente a se concentrar.

— É ruim?

— Não — respondeu, seu braço me levantando da mesa e pressionando meu corpo contra o dele enquanto eu observava os olhos aquecidos começarem a queimar. — Mas é poderoso, pequena. Você não compartilha uma xícara de chá de adela com alguém em quem não confia, com cada centímetro seu.

Ah, sim. Cada centímetro meu.

Gostava disso. Queria que ele alcançasse cada centímetro de mim.

— Mas você o bebeu — sussurrei em vez de gemer porque ele *ainda* não estava me beijando, mas se inclinou mais para baixo, o braço contornando e se aconchegando em volta do meu pescoço, seu corpo se inclinando sobre o meu, pressionando-o contra a mesa, mesmo quando me puxou para cima e para ele.

Ele sorriu e seu sorriso era tão malicioso que foi físico.

Eu estremeci de um jeito muito, *muito* bom, e ele sussurrou:

— Você não está em condições de mudar de ideia.

Ele estava certo sobre isso.

— E, minha Finnie, eu confio em você com cada centímetro meu — prosseguiu, e senti isso também me atravessar, e foi de um jeito muito, *muito* bom, também.

Tão bom que minhas pálpebras baixaram e pressionei meus quadris contra os dele.

— Finnie, amor, olhe para mim — ele grunhiu, abri meus olhos e vi que os dele estavam tão quentes, que estavam febris.

Era um olhar *seriamente* bom, o melhor, desde *sempre*.

— Isso é forte, mas vou sair por aquela porta, Finnie, olhe nos meus olhos, se concentre e me diga, você está pronta para isso?

Olhei nos seus olhos. Me concentrei por um nano segundo. E disse a ele a verdade, que seria verdade mesmo se tivesse bebendo de uma xícara brilhante, acabado de acordar de manhã, estivesse almoçando ou estivesse prestes a adormecer, à noite.

— Frey Drakkar, confio em você com cada centímetro meu.

Eu mal falei o “u” do “meu” quando sua boca desceu sobre minha, empurrou os quadris contra mim, ao mesmo tempo que seu braço me puxou na direção dos seus quadris e gemi profundamente em sua garganta.

Ah, Deus, era muito, era demais. Afastei minha boca, empurrei meu rosto no seu pescoço ao mesmo tempo que minhas mãos, agindo por conta própria, puxaram seu suéter para cima, para que pudessem tocar o elegante, musculoso e incrivelmente brilhante peito, e toda sua pele.

— É demais, Frey. — Solucei contra o pescoço dele enquanto sentia seus lábios e a língua nos meus, e seus quadris continuavam a me montar. — Deus, baby — minha cabeça arqueou para trás — vou gozar só com isso.

Seu braço se moveu do meu pescoço para a minha cabeça e a posicionou de frente para ele, enquanto continuava empurrando os quadris, profundamente, contra os meus.

— Ah, sim, meu amor, se prepare — advertiu com um grunhido baixo. — Você vai gozar muito mais do que “só com isso”.

Sua boca tomou a minha, sua língua a invadiu, faminta, devorando. Seus quadris empurrando com força e gozei, rápido, profundo e *quente*.

Foi excruciantemente bonito.

Ainda estava gozando quando ele arrancou minha camisola, minhas botas, minhas meias e a calça, arrancando minha calcinha com ela. Meus olhos estavam lânguidos e sem foco e o observei tirar a camisa.

Diante da simples visão do seu peito, um tremor percorreu meu corpo inteiro.

Então, desapareceu quando ele caiu de joelhos entre as minhas pernas, suspirei com antecipação, jogou as minhas pernas sobre os ombros, em seguida, sua boca estava em mim.

Caramba. Ele era bom nisso, *realmente* bom.

Famintos e febris, ele e eu, não tinha comparação.

Não, não havia nenhum parâmetro. Era indescritível.

Meus calcanhares cravaram nas costas dele, meus quadris se ergueram para eu me esfregar contra sua boca, enquanto suas mãos grandes estavam em concha na minha bunda, para me puxar para ele. E tomou e levou, e levou, e gozei de novo, e de novo, e de novo, gritando no início, gemendo, meus dedos nos seus cabelos, segurando-o com força contra mim.

— Frey... — ofeguei, de repente, precisando dele — é minha vez, querido.

Não precisei pedir duas vezes, ele lambeu mais uma última e maravilhosa vez. Sua boca se foi, eu me sentei, pulei da mesa e estava de joelhos na frente dele antes dele alcançar o primeiro botão e abrir as calças.

Me encarreguei de desabotoar a braguilha e, então, me *encarreguei* de tomá-lo na minha boca.

Isso era algo que eu gostava de fazer, mas, agora, era algo que *adorava*. Os ruídos que o Frey estava fazendo, ruídos provenientes do fundo do seu peito. Suas mãos grandes segurando cada lado da minha cabeça levemente, os quadris empurrando suavemente na minha boca, era *fantástico*.

Ah, sim, estava perto de gozar novamente.

Antes que pudesse me deixar levar, ele se afastou e suas mãos estavam sob as minhas axilas, me puxando para cima. Meus braços envolveram os seus ombros, as pernas, os seus quadris; ele caminhou rapidamente para a cama. No momento em que chegamos lá, já tinha abaixado um braço, minha mão em torno do seu pênis, guiando-o para mim. E quando me deixou de costas na cama, com ele em cima de mim, já o tinha em posição.

Estava dentro de mim.

Meu corpo arqueou e gozei imediatamente. Frey demorou cerca de pouco mais de meio minuto.

E assim começou. Era sobre tato, paladar, cheiro, visão, audição... e confiança.

Cada grunhido, gemido, choramingo era uma carícia, cada centímetro da sua pele que captava meu olhar era um afago eficazmente preguiçoso. O cheiro do seu cabelo era um abraço apertado e os toques de verdade e o sabor dele me levavam, quase que instantaneamente, para o orgasmo.

Pensei que já tinha memorizado o Frey completamente. Mas, naquela tarde, todas as nuances dele estavam queimando tão profundamente em meu cérebro que nunca iria esquecê-lo, nem um segundo, nenhum toque, nenhum gosto, nenhuma visão, nenhum aroma, nem o mais leve sussurro.

Foi a mais intensa, profunda e dolorosamente bela coisa que já experimentei.

Cada segundo, perfeição pura.

E, depois de horas, quando desabamos, quando os golpes se tornaram mais lânguidos, os gemidos mais moderados, os gemidos viraram grunhidos e nossos olhos se tornaram menos febris, soube que estava apaixonada.

Não pelo homem que compartilhou isso comigo e me deu orgasmos múltiplos várias vezes, mas pelo homem que escolhi para compartilhar isso comigo, confiando nele o suficiente para me abrir completamente. Estava totalmente exposta e, em vez de tomar tudo, me entregou o mundo.

Ele me entregou o mundo.

E eu ia tomá-lo.

Eu não ia a lugar nenhum. Eu não ia voltar para casa, exceto para encerrar minha vida, explicar tudo e dizer adeus às pessoas que eu amava.

Eu ia embarcar na aventura final.

De alguma forma, de alguma maneira, tinha que descobrir como falar para o meu marido (e ao rei e à rainha) para me aceitar como substituta para sempre e comunicar à Sjöfn que suas esperanças para Lunwyn tinham se tornado realidade.

Eu ia ficar com o homem que amava, neste mundo fabuloso que tinha elfos e dragões (e as pessoas que queriam me matar, mas decidi não pensar nisso).

E ia fazê-lo para sempre.



— Você não acha que devemos comer, pequena? — Frey murmurou.

Ele estava deitado de costas, o braço em volta de mim, seus dedos traçando, preguiçosamente, desenhos no meu quadril. Estava pressionada no lado dele, o rosto no seu ombro, minha perna sobre a dele, meus dedos flutuando distraidamente sobre a pele do peito largo. Mas, diante da pergunta, deixei minha mão cair sobre o seu peito, apertando e enrolando meu corpo mais forte contra ele.

Verdade seja dita, estava absolutamente faminta. Descobri que horas de sexo muito enérgico e incontáveis orgasmos faziam isso com você.

Mas naquele momento éramos apenas Frey e eu, enrolados um no outro e nos cobertores macios, em uma cama na cabine de um navio fabuloso com mais nada além da escuridão cortada minimamente pelo luar que entrava pelas vigias e o fato de que eu tinha acabado de chegar à conclusão que estava apaixonada pela primeira vez na minha vida. E gostava de tudo isso, desse jeito mesmo e não queria perder nada disso.

E para comunicar tudo isso, murmurei.

— Humm.

Seu corpo tremeu com uma risada inaudível e ele virou para mim, nos deixando, ambos de lado, cara a cara.

Mal podia enxergá-lo sob o luar, mas não precisava. Me lembrava do seu rosto e cada centímetro da sua pele até meu último suspiro.

Suas mãos subiram pelas minhas costas e sua voz era suave quando perguntou:

— Você quer cochilar um pouco enquanto eu encontro comida?

Meu braço em volta dele ficou mais apertado e falei:

— Não quero que você vá a qualquer lugar.

Suas mãos pararam de deslizar e ele me segurou firme antes de sussurrar:

— Tudo bem, minha Finnie, não vou a qualquer lugar.

Assenti e abaixei o queixo, pressionando meu rosto no seu peito e suas mãos começaram novamente a deslizar, brincando com o meu cabelo.

Não estremeci, mas me segurei. E nós dois fizemos isso por algum tempo.

Finalmente, quebrei o silêncio para perguntar baixinho:

— Como as pessoas voltam para o sexo normal depois disso?

Frey respondeu bem baixinho:

— Se fazem isso com o seu parceiro, não voltam.

Pisquei para o seu peito, em seguida, inclinei a cabeça para trás, ouvi o movimento dele no travesseiro e soube que estava olhando para mim.

— Não voltam? — perguntei.

— Nunca.

Caramba.

— Frey — sussurrei — isso foi... foi... bom, *muito bom*, mas não podemos fazer assim *toda vez*. Iria nos matar.

Sua risada foi audível neste momento e ele me deu um leve aperto antes de explicar:

— Não, meu amor, o chá da adela não é feito para ser usado todas as vezes, nem mesmo às vezes. Ele foi criado para ser usado com cuidado e se destina a ser usado como um meio para aprofundar algo que já é profundo, para aumentar a consciência das coisas que já estão lá. Há aqueles que o usam simplesmente por prazer, mas, quando um marido e uma mulher que se preocupam com o outro o usam, a intenção da deusa Adele pelo seu dom é muito mais significativa.

Seus braços se apertaram em volta de mim e ele, gentilmente, me puxou para cima, assim minha cabeça estava descansando em um travesseiro junto ao seu.

Em seguida, falou suavemente.

— Sei coisas sobre você agora, coisas que você gosta, sons que você emite, expressões no seu rosto que talvez não teria entendido ou teria perdido, antes. Diria que você, agora, tem o mesmo conhecimento sobre mim.

Ele assumiu corretamente, muito *acertadamente*.

— Sim — sussurrei.

Sua cabeça se inclinou para que sua testa tocasse a minha e estava sussurrando, também, quando respondeu:

— Nunca vai ser igual entre nós, porque temos esse conhecimento. Estamos mais em sintonia, compreendemos melhor não só o que dá prazer ao outro, mas também a nós mesmos. Não vamos perder essas coisas, como poderíamos ter feito antes, pequena. Nós vamos saber como tirar proveito delas. Não vai ser igual ao que nós tivemos, mas não precisará ser e vai tornar algo que já era esplêndido em algo *muito* melhor.

Uau. Isso foi realmente muito bonito.

— Cara — suspirei —, essa Adele sabe o que está fazendo.

Frey me segurou mais perto e inclinou a boca para que seus lábios tocassem os meus.

Senti que estava sorrindo.

— Ela é uma deusa, Finnie — ele disse com suavidade.

— Certo — sussurrei.

Ele riu e moveu a cabeça ligeiramente para trás.

Então fiz a pergunta que nenhuma garota devia perguntar, em momento nenhum, lugar nenhum, por nenhuma razão, não importa o quê.

Mas perguntei:

— Você já fez isso com outras mulheres?

Seu grande corpo relaxado enrijeceu e fechei os olhos com força, os abri e tentei reparar o dano.

— Sinto muito, Frey, sinto muito. Não é da minha...

Ele me interrompeu para dizer:

— Duas.

Pisquei para ele no escuro, em seguida, perguntei:

— O quê?

— Duas — ele repetiu, então continuou. — Uma cortesã em Fleuridia que na época não teve um significado mais profundo, apenas uma experiência intensa. Não teve qualquer significado. Eu nem lembro o nome dela.

Humm.

— E uma mulher em Sudvic — continuou. — Uma viúva que visitava frequentemente quando estava na cidade, e este relacionamento durou algum tempo. Ela introduziu isto em uma tentativa de me fazer sentir mais sobre o que nós compartilhamos, do que estava lá. Mas, se não estiver lá, você não pode fazê-lo estar lá. Sua tentativa saiu pela culatra, pois ela expôs como se sentia sobre mim, sentimentos que sabia que não podia retribuir. Vim a entender que era injusto dar-lhe a esperança de continuar a nossa ligação e pouco depois, parei de visitá-la. — Seus braços me deram outro aperto e ele explicou. — Adele governa a paixão, mas não possui nenhuma influência sobre o amor.

Fiquei contente por ser honesto e confiar em mim sem hesitação, sobre as histórias do seu passado. Isso era bom e dizia um monte de coisas boas sobre ele.

Mas diante da sua menção ao amor, preendi a respiração esperando que não notasse que estava segurando minha respiração e, também, na esperança que talvez ele estivesse prestes a compartilhar algo e que eu pudesse compartilhar algo, ambos crucialmente importantes.

Calmamente, soltei a respiração quando ele não o fez. Escondi o meu desapontamento com outra pergunta.

— Então os Lunwynianos realmente não têm uma deusa do amor, só da paixão e da maternidade?

— Para os antigos, quando os dragões voavam livremente, tinham. — Frey respondeu, me deu outro aperto e sussurrou: — O nome dela era Sjofn.

Prendi a respiração de novo e depois de algum tempo soltei-a, quando ele não disse mais nada. Então compartilhei com ele.

— Meus pais me deram esse nome por causa de uma deusa nórdica do amor. Ela era uma antiga deusa, também. Fizeram isso porque nasci com essa cor de cabelo. Acharam que parecia neve. Há um monte de neve na Escandinávia, por isso que decidiram por ele. Iam me dar o nome de Tabitha.

Seu corpo tremeu com uma breve risada, antes de declarar:

— Você não é uma Tabitha.

Não, isso era verdade.

— É escrito de forma diferente — informei a ele. — Ninguém iria entender do jeito que era escrito e eles não queriam as pessoas bagunçando, então soletraram S-E-O-A-F-I-N.

Chegou mais perto de mim, indicando, como sempre fazia, de uma forma doce, gentil quando compartilhava algo que gostava de aprender, que gostou de aprender a ortografia do meu nome, antes de murmurar:

— Isto foi, provavelmente, sábio.

— Eles foram muito sábios — concordei, em seguida disse, como se para mim mesma: — Me pergunto se é a mesma deusa em ambos os mundos.

— Isso, minha pequena, nós provavelmente nunca saberemos.

Provavelmente não.

— Embora — Frey continuou —, acho que, se você prestar atenção, há links curiosos entre o seu mundo e o meu. Por exemplo, a Aurora deste mundo poderia ser claramente sua mãe em ambos.

Isto também era verdade, tinha notado isso também.

Suspirei e murmurei:

— Me pergunto como o seu gêmeo do meu mundo é.

Seus braços ficaram rígidos e ele disse gentilmente, mas com firmeza:

— Isso, minha Finnie, você *definitivamente* nunca vai saber.

Eu tinha que admitir, sua resposta firme foi um pouco surpreendente, mas as palavras que ele disse foram, sem dúvida, verdadeiras.

Levei a conversa de volta ao início e disse baixinho:

— Você está com fome.

Seus braços relaxaram e ele murmurou:

— De fato.

— Um de nós deve buscar um pouco de comida e, já que não descobri como deixar o Skylar perder o medo de mim, essa pessoa deve ser você.

— De fato — repetiu, novamente em um murmúrio, mas desta vez segurando o humor.

— Nós precisamos comer e, em seguida, precisamos conversar sobre o Skylar — falei suavemente.

Frey suspirou antes de murmurar.

— Me perguntei quando chegaria a isso.

Minha cabeça levantou do travesseiro.

— Chegar a quê?

— Você tem sido muito paciente, esposa. Mas eu sabia que, eventualmente, faria o seu jogo para conquistar o Skylar. Vejo seu rosto quando você nota que alguém está com problemas. Atticus é um exemplo, você sentiu de forma precisa sua decepção. Determinou-se a fazer algo sobre isso, permitindo-lhe se estabelecer no seu coração. É quase como se você sentisse o desconforto do outro como o seu próprio e não pudesse suportar. Naturalmente, você traz a luz em todas as situações com um sorriso, um olhar de compreensão ou um riso, ajudando os outros a ficarem instantaneamente confortáveis quando estão na sua presença e, se não encontra essa reação, começa a fazer algo sobre isso.

Deus, essa foi uma coisa agradável para dizer.

E, aliás, sim, eu estava *totalmente* apaixonada por este homem..

— Mas temo que Skylar será um desafio, mesmo para você — ele concluiu.

— Você vai me ajudar — imaginei.

— Vou, minha noiva do inverno, mas ele foi gravemente maltratado e do jeito que estava, essas feridas são profundas em lugares muito sombrios, onde até mesmo sua luz pode não penetrar.

— Vai doer tentar? — perguntei.

— Absolutamente não — respondeu.

Ah, sim. Eu amava o meu marido.

Portanto, relaxei contra ele e declarei:

— Então, amanhã, a Operação Skylar começa.

Seus braços convulsionaram e ele riu abertamente. Ele se curvou para beijar minha testa.

Deixou seus lábios lá enquanto murmurava.

— Vou ver a comida.

Me beijou novamente, deslizou para longe, mas puxou os cobertores e as peles sobre mim, até que estivesse encapsulada com calor. No escuro, o ouvi se vestir e acender a lamparina diante da porta, antes de observá-lo passar por ela.

E pareceu errado deixar a cama depois do que nós tínhamos compartilhado e eu não sussurrar “eu te amo” e Frey não retornar o sentimento.

Puxei um travesseiro para a minha frente e o segurei firme. Inclinei a cabeça para olhar para fora da janela na parte de trás do navio.

Suspirei profundamente.

Desviei meus pensamentos para a comida e para o Skylar.

Haveria um tempo para discutir o que queria discutir, mas esse tempo não havia chegado, não antes de Frey se destinar a entrar em um país em segredo, entrar na casa do amante do príncipe e roubar uma relíquia antiga, de valor inestimável.

Mas haveria um tempo e seria o momento certo.

E eu iria encontrá-lo.

Capítulo 22

Rei para Princesa

Cinco dias mais tarde...

Sentei curvada no canto do banco na frente da janela e estudei Skylar, que parecia muito pequeno sentado atrás da mesa de Frey.

A ponta da língua dele estava cutucando para fora, do lado da sua boca enquanto se concentrava em algumas questões de adição e subtração que eu tinha escrito em um pedaço de papel.

Ele era bonito, muito infantil e ainda mais jovem do que os seus onze (tinha descoberto) anos.

Estava lhe dando distância e tempo para que pudesse se concentrar.

Também estava tentando não pensar no meu marido e nos seus homens lá fora em sua aventura. Algo que nem sequer tentei falar com o Frey para me permitir participar. Ficava bem em um cavalo e, agora, não era uma amadora total com um arco e uma faca, mas ainda não tive aquela primeira lição para aprender a ser furtiva ou participar de um ataque e não era experiente o suficiente com as habilidades limitadas que tinha, para experimentá-las em uma missão tão importante quanto esta.

Há três noites, baixaram a âncora, sem demora, sob o luar, os homens baixaram um barco na água e remaram para terra.

Frey disse que a operação, se tudo corresse bem, levaria cinco ou seis dias. Um seria gasto na viagem, três ou quatro seriam gastos em recolher informações atualizadas e reconhecimento. Depois, realizariam a missão (espero) e seria necessário um dia para voltar.

Em seguida, iríamos embora novamente, de volta para Lunwyn, para que Frey pudesse se reunir com Ruben para ouvir o seu relatório

sobre como os negócios estavam. Depois disso, Frey me deu a escolha de conhecer a sua casa na montanha, seu chalé, sua casa de pesca, viajar para uma das suas propriedades em outro país ou retornar à cabana de caça.

Ainda estava considerando essa escolha e, a cada minuto, escolhia um local diferente.

Mas eu tinha tempo para pensar sobre isso.

E esperava que tivesse uma vida inteira para conhecer todas elas.

Antes de sair, Frey tinha decidido como eu trabalharia com o desconforto do Skylar e achei sua decisão excelente.

E era ensinar a ele leitura e matemática.

Kell tinha se interessado a ensinar o menino, mas Kell, sendo Kell, não tinha dedicado seus dias a esses empreendimentos. Portanto, sempre que a vontade vinha, ele trabalharia com Skylar.

Tinha descoberto, pouco tempo após Frey chamar Skylar à sua cabine e dizer que começaria as aulas comigo, que a vontade não tinha atingido Kell muitas vezes.

Também descobri que, se Skylar ficava desconfortável perto de mim, normalmente, o pensamento de lhe ensinar qualquer coisa o aterrorizava. E, embora lutasse para escondê-lo, especialmente na frente de Frey, não teve êxito.

Por último, após instigar suavemente alguns exercícios simples, achei suas habilidades rudimentares, na melhor das hipóteses. Mas, pelo menos, não estávamos começando do zero.

As duas primeiras aulas começaram com Frey acompanhando, mas não ficou muito tempo, deixando o menino comigo depois da atenção de Skylar se mudar do seu medo para sua lição. Os dias que se seguiram sem Frey me custaram mais tempo para deixá-lo confortável. Mas, hoje, ele estava resolvido, e eu estava lhe dando espaço para trabalhar as questões, sem ficar muito próxima.

E estava pensando em Frey, onde estava, o que estava fazendo, se estava seguro e, por último, os dois dias que compartilhamos antes que ele e os seus homens remassem para longe.

Dizer que o chá da adela aumentou nossa consciência de nós mesmos era um grande eufemismo.

E não teve sucesso somente na sexualidade, mas em todos os sentidos.

Em nosso pouco tempo juntos, estava sintonizada com o humor de Frey e entendi suas expressões. Agora, eu o lia facilmente, apenas com um olhar para a linha do seu rosto, o posicionamento da sua mandíbula ou o olhar nos seus olhos.

E havia algo tão íntimo nisso que era difícil absorver a imensa beleza da coisa, o intenso sentimento de conexão com o homem que amava. Não só por estar tão em sintonia com ele, mas saber que ele também estava dessa forma comigo. Não me fazia sentir exposta, me fazia sentir segura e protegida, como se pertencesse a algum lugar e alguém. Uma vez que meus pais morreram, ao longo de todo o meu caminho, não tinha me sentido mal.

Era uma coisa bonita de se ter em retribuição, um tesouro, o melhor presente que já recebi.

Para Frey, o depois do chá de adela significava algo mais. Era o tipo de homem que não tinha medo de mostrar gentileza e carinho, mas também era o tipo de homem que tinha coisas para fazer e as fazia. Mas, após a nossa tarde na cabine, com mais frequência do que não, queria fazer essas coisas comigo perto.

Portanto, no seu último dia a bordo, enquanto estávamos atrás do leme no deque da ponte, as mãos cravadas sobre as alças, eu na sua frente, cruzando as águas cor de esmeralda do mar verde, nossos olhos estavam no horizonte. Enquanto fazíamos isso, Frey muitas vezes se inclinou para falar comigo, com a boca perto do meu ouvido, ou, se eu

tivesse algo para dizer, me virava para ele, minha boca na sua e nós sussurrávamos um para o outro, por horas.

Foi magnífico, não tanto o que nós dissemos, mas como o fizemos.

Descobri por que recebia as saudações dos homens que levavam o punho até o queixo, e das mulheres, o queixo abaixado até o pescoço. O punho levado ao queixo era a saudação para o Drakkar, uma saudação viril. O queixo no pescoço era a saudação para o Frey, considerada uma saudação feminina. Estas lhe eram devidas, como se ele fosse o rei, e se alguém fosse alvo da sua atenção, eram obrigados a saudá-lo.

Também descobri que ele não recebia estas saudações do povo de Houllebec, porque a primeira árvore da adela, a mais sagrada de todas em Lunwyn, ficava na floresta perto da vila e, portanto, ele tinha sua cabana de caça lá e, muitas vezes, era onde se reunia com os elfos. Estava lá regularmente, se não na maioria do tempo. Devido a isso, a maioria dos seus homens tinham casas lá. E ele há muito tinha comunicado aos moradores que não teriam que saudá-lo. Era algo que achava tedioso, pois se o saudassem, ele teria que retribuir com um aceno de cabeça e não gostava de caminhar pela aldeia ou ter uma caneca de cerveja em um pub e, constantemente ter a necessidade de encontrar os olhos de alguém e inclinar o queixo.

Eu o entendia totalmente. No Palácio de Inverno, praticamente todo mundo fazia uma reverência para mim. Eu achava legal sorrir e dizer “oi”. Mas, essas reverências eram estranhas, visto que não nasci uma princesa e não cresci tendo direito a elas. Reconhecia ser necessário mais esforço do que um sorriso ou um “olá” de passagem. Não chegava a ser obrigatório, parecia e eu achava (e compartilhei isto com Frey, que concordou) que era o lembrete constante das minhas responsabilidades como princesa e do fato que sua demonstração de respeito era necessária, não conquistada. E era exatamente isso.

Durante a nossa conversa, Frey tinha perguntado (e eu tinha respondido) sobre o que a princesa Sjofn tinha compartilhado comigo na

sua carta. Também debatemos por que ela não relacionou a informação de que ele era o Frey ou o Drakkar, ou várias outras dicas que teriam sido extremamente úteis como, digamos, saber que alguém tinha tentado assassiná-la.

Embora tivéssemos discutido isso (longamente) nenhum de nós chegou a ter uma resposta e, eventualmente, gentilmente encerrei a conversa. Isso porque estava claro que Sjöfn não era a pessoa favorita de Frey. Não que ele não estivesse satisfeito com o resultado da sua trama, mas porque estava seriamente descontente que, ao fazer isso, ela cometeu o que era considerado um ato de traição contra o reino e ele não era um grande fã de como e quando ela manobrou minha entrada em seu mundo.

Apesar de não ser bom para Sjöfn, encarei isso como uma boa notícia, que Frey, Atticus e Aurora, todos eles, consideraram as ações de Sjöfn como um ato de traição.

Em primeiro lugar, sabendo disso, ela não iria querer voltar (pois a punição por traição era o enforcamento o que, obviamente, todos iriam querer evitar).

Segundo, por esta razão, Atticus e Aurora não iriam querer seu retorno.

E se ela encarasse isso, o que significaria para Lunwyn como um todo, pois sendo pendurada pelo pescoço até a morte, obviamente, não poderia dar à luz uma criança que iria se sentar no trono e assegurar a paz para a terra, mas, em vez disso, seria politicamente manobrada (o que já era desagradável, para dizer o mínimo, o que envolvia punhais e veneno) e as coisas ficariam rapidamente fora de controle.

Por isso, encarei como uma boa notícia (para mim) porque, diante de tudo isso, todos estariam menos propensos a querer que eu voltasse para casa e mais propensos a desejar que eu ficasse.

Conversar sobre Sjöfn me levou a pensar (e partilhar com Frey) que havia uma série de questões e contradições sobre o seu

comportamento. Havia coisas que ela fez que eram impensadas e egoístas e outras que não eram.

Não podia evitar, mas achava que Frey estava errado sobre ela e isso porque tinha a devoção de todas as suas servas. Ficou claro que Sjöfn não pensava como Frey sobre as diferentes classes. Elas não eram suas servas, eram suas amigas, suas confidentes e ela era a delas, também. E não conseguia imaginar minhas criadas cuidando de uma mulher que não merecesse a sua devoção.

Também não conseguia imaginar o que era carregar o fardo da responsabilidade da Sjöfn com seu país, o que a obrigou a esconder sua sexualidade, algo inato e tão crucial, não só para quem ela era, mas para sua felicidade.

Não podia dizer que concordava com tudo o que ela fez, mas eu não era ela. Nunca tive que esconder quem eu era, portanto não compreendia esses sentimentos e como ela deve ter ficado dividida entre a felicidade e o dever. E, sem saber, não podia fazer um julgamento.

Quando, calmamente, compartilhei isso com Frey, ele discordou. Era claro que se sentia bastante confortável fazendo um julgamento e ele o fez. Deixei-o com seus pensamentos pois, obviamente, tinha direito a eles.

Não podia evitar, mas esperava que, no final, tanto Sjöfn quanto eu, nos encontrássemos no ponto mais alto da linha da felicidade dos enamorados em nossas diferentes aventuras.

— Estou acabando, milady — Skylar falou.

Meus pensamentos se voltaram para a sala e virei a cabeça na direção dele.

Sorri, me levantei do meu canto e caminhei lentamente até ele.

Quando o fiz, Skylar encolheu ligeiramente para trás na cadeira grande e não chegou a encontrar meus olhos. Isso era algo que fazia normalmente, algo que notei que havia se intensificado quando terminou seu trabalho e estava na hora de corrigi-lo. Portanto, quando me

aproximei, o fiz cuidadosamente, peguei o canto do papel e me afastei lentamente, novamente lhe dando espaço.

Meus olhos percorreram o papel. Das vinte questões, ele tinha errado duas respostas, mas no final, as resolveu direito. Na verdade, ele tinha todas as respostas certas.

Dei outro pequeno passo para trás porque pretendia falar com ele e ele parecia mais confortável com a distância quando o fazia.

— Nem um único erro, Skylar — disse suavemente — você está aprendendo de forma extremamente rápida. Amanhã, vou ter que fazer umas questões um pouco mais difíceis.

Esperava que ele fosse florescer sob o elogio tranquilo, mas diante da menção das questões cada vez mais difíceis, um flash de medo iluminou seus olhos.

Por isso, me apressei a assegurar.

— Não muito mais difíceis, querido. Vamos devagar. Não se preocupe.

Ele mordeu o lábio e assentiu, não parecendo menos preocupado.

Suspirei. Frey tinha me aconselhado a não liberar o meu instinto de protegê-lo, respondendo à sua inquietação e seu medo, liberando-o da tarefa, ou seja, de mim. Frey disse que Skylar não conseguiria se acostumar comigo se eu o deixasse se afastar, apressado, mas que teria que ficar por perto para ele realmente se acostumar comigo.

Isto foi, naturalmente, sábio.

Também era muito difícil.

Em vez de ver o medo nos seus olhos, os dentes afundando no lábio ansiosamente e liberar o meu instinto de encurtar nossa lição e deixá-lo sair, decidi seguir em frente e trabalhar com ele na sua escrita.

— Tudo bem, Skylar — falei suavemente, dando um passo em direção a ele —, vamos seguir em frente. Você já tem o alfabeto bem decorado. Então, agora, vamos trabalhar em colocá-lo em conjunto para fazer algum...

Parei de falar quando a porta se abriu de repente.

Os olhos do Skylar voaram para ela e, por isso, fiz o mesmo. E, quando o fiz, vi o Kell entrar.

Olhou para o Skylar sentado na mesa de Frey, então para mim, e em seguida, anunciou com voz rouca:

— Nós temos um problema — meu coração pulou.

Ele não parecia feliz, como sempre, mas estava muito mais infeliz do que o de hábito enquanto olhava para mim. Então, estava achando que esse problema, era um *problema*.

— Fora, menino! — Kell falou para o Skylar.

Skylar se levantou e foi embora.

Fechou a porta atrás dele e o olhar do Kell veio até mim.

Meus olhos não tinham deixado os dele e meus dedos estavam sobre a mesa, pressionando, em busca de apoio, esperançosamente sem deixar transparecer como eu estava.

— Frey? — perguntei em voz baixa e as grossas sobrancelhas brancas do Kell levantaram juntas.

— O quê? — ele vociferou.

— Frey — repeti, virando mais plenamente para ele e endireitando a coluna. — Você já teve alguma notícia? Frey e todos os outros homens estão bem?

— Deuses, mulher! Claro que estão. Roubar um ramo de árvore de um afeminado? Maldição — respondeu e decidi que não compartilharia meus pensamentos sobre ele chamar homossexuais de “afeminados”, mas mesmo que quisesse fazer isso, não tive chance porque Kell continuou falando. — Temos cavaleiros na costa. Eles carregam as bandeiras de Baldur.

Ah, merda!

Kell continuou.

— Eles estão enviando uma mensagem de sol. O maldito Baldur sabe que você está aqui, está acampado aqui perto e quer que você e o

Frey vão ao seu encontro.

Ah, merda!

— Uma mensagem de sol? — perguntei.

— Sol — ele resmungou. — Espelho. Mensagem.

Isso foi tudo o que disse, mas juntei dois mais dois e percebi que os cavaleiros estavam movendo um espelho sob o sol, de uma forma que os homens a bordo do navio podiam entender.

E essa mensagem era, meu tio... que não era meu tio... eu e meu marido... que não estava aqui, mas em vez disso numa missão clandestina para roubar um artefato nas terras de Middleland algumas semanas depois, é claro, que ele e os seus homens tinham ajudado a feiticeira cativa do rei (e amante forçada) a escapar... para ir vê-lo.

Isso não era bom.

— Estou achando, pela sua expressão, que você está lendo esta situação como *não boa* — Kell deduziu com precisão. Em seguida, sem um intervalo, continuou. — Nós estamos expostos. Até o anoitecer, sem eles verem, não vamos conseguir enviar um homem à terra para mandar uma mensagem para o Frey. Temos uma ordem do rei em nossas mãos, que não podemos desafiar sem uma boa razão, e temos várias delas, mas nenhuma delas podem ser compartilhadas. Baldur não é o tipo de rei que aceita ser desafiado. Sem mencionar, que não podemos enviar você, que não tem a mínima ideia do traste que ele é.

Por falar nisso, Kell, como todos os homens mais próximos de Frey, sabia quem eu era e de onde viera.

— Obrigada pelo resumo, Kell — disse suavemente e seus olhos se estreitaram.

Em seguida, declarou:

— Não estou aqui para resumir, princesa, estou aqui porque estou completamente sem ideias e me perguntava se você tinha alguma. Os homens do rei não podem embarcar neste navio.

— Por quê? — perguntei e ele me deu um olhar que não consegui decifrar, porque não conhecia o Kell muito bem, mas tinha a sensação de que havia algo no navio que os homens do rei não podiam ver.

Merda!

Pensando rápido, sugeri:

— Você pode enviar uma mensagem dizendo que estou indisposta, humm... não estou bem e pedir ao rei para esperar até amanhã, quando acredito estar me sentindo melhor. Dessa forma, teremos tempo para inventar uma história e formar um plano.

Ele cruzou os braços sobre o peito e seu olhar impaciente e irritado ficou ainda mais irritado e impaciente.

— Já tentei isso. Eles nos disseram para enviar um barco para terra de qualquer maneira pois, o rei se preocupa com sua sobrinha e quer mandar os seus homens a bordo, a fim de verificar se ela está bem.

Pisquei, em seguida, perguntei:

— Há quanto tempo eles estão lá fora?

— Há mais de uma hora.

Pisquei novamente e perguntei:

— Por que você não me disse isso antes?

Ele descruzou os braços e plantou os punhos nos quadris e perguntou de volta:

— E por que eu faria isso?

Coloquei as mãos nos quadris também, e rebati:

— Ah, eu não sei, Kell. Provavelmente, então, eu teria mais tempo para analisar este dilema e talvez chegar a uma resposta, em vez de receber a notícia que *havia* um dilema no último momento possível. Agora minha única opção é surtar e tomar uma decisão precipitada sobre o que vamos fazer. Jesus, duas cabeças pensam melhor que uma — terminei com um piscar de olhos irritados.

— Não quando uma das cabeças pertence a uma mulher — Kell disparou de volta.

Ah, não, ele *não* disse isso.

Olhei para ele.

Então, ordenei:

— Prepare um barco e escolha homens da sua confiança para me acompanhar, mas o grupo deve incluir Gunner e Stephan.

Foi a sua vez de piscar. Então ele soltou um “o quê?”, que claramente mostrou que achava que eu era louca.

— Prepare um barco e escolha homens da sua confiança para me acompanhar — repeti.

— Mulher... — Kell começou, mas o interrompi.

— Kell, temos uma ordem de um rei. Estamos em suas águas e meu marido está no país dele fazendo algo que ele, provavelmente, não vai gostar. Frey não está nem perto de retornar hoje. — Me inclinei para a frente e o lembrei: — Precisamos *ganhar tempo* e a única pessoa que pode fazer isso sou *eu*.

— Princesa, esse homem conhece a outra você desde que era um bebê e *você* nunca o viu em sua vida — me lembrou novamente.

Acenei com a mão e declarei:

— Vou improvisar.

Suas sobrancelhas se ergueram novamente e ele grunhiu.

— Improvisar?

— Me acompanhe, improvisar. Agora, envie uma mensagem que estou me preparando para a viagem, prepare um barco e selecione os homens da sua confiança para me acompanhar.

Ele não se moveu. Fez uma careta.

Em seguida, anunciou:

— Drakkar *não* vai gostar disso, mulher.

Não imaginei que gostaria. Então, novamente, percebi que ele compreenderia que eu não tive escolha.

Com alguma sorte.

— Vou lidar com isso mais tarde.

— Esperemos que não seja *muito* mais tarde, digamos, que Baldur já sabe o que está acontecendo, está fazendo o seu jogo e que esse jogo é sequestrar você, encarcerar sua bunda arredondada em um dos seus castelos e mandar uma mensagem ao seu pai que realmente não está feliz por sua sobrinha e sobrinho-genro estarem andando pelo seu reino. Algo, a propósito, sobre o qual seu pai não saberá nada.

Humm.

— Vamos atravessar essa ponte quando chegarmos nela — decidi.

Kell mostrou uma carranca um pouco maior, mas ainda não se moveu.

— Kell, o tempo está correndo — lembrei.

Ele me ignorou e continuou mostrando a cara feia para mim. Então, alguma coisa mudou em seu rosto, a carranca ainda estava lá, mas não tão séria e algo tinha aparecido nos seus olhos.

Não tinha tempo para decifrar o que era. Não tinha tempo, absolutamente, e precisava me trocar antes que tudo fosse abaixo. Eu não ia usar calças nesta reunião. Ia encontrar o meu tio, um rei e uma princesa, e precisava de uma roupa para lembrá-lo disso.

Então falei, um pouco alto.

— Kell!

Foi quando ele murmurou:

— Ele disse que você tinha espírito.

— O quê? — perguntei, impaciente e os olhos desfocados do Kell se focaram em mim.

— Nada — resmungou. — Vou enviar a mensagem, preparar o barco e reunir os homens. — Levantou um dedo e o apontou para mim. — Mas, mulher, *eu vou* ser um desses homens. Você vai ficar perto de mim, prestar atenção em mim e aprender bem rápido *a me ler*. Nós não temos escolha, você e eu, mas sairemos desta confusão maldita juntos. Não vá dar uma de princesa para cima de mim e não vá dar uma de doida também. Certo?

Meus ombros se levantaram com ressentimento e declarei:

— Eu nunca fui doida.

— Mulher, você se transportou para outro mundo sem saber onde a sua bunda ia pousar ou *no* que ia pousar. A maioria das mulheres tem, pelo menos, alguma doidice dentro delas, mas *você* é doida da cabeça aos pés — retrucou.

Isso era discutível, mas não tinha tempo para argumentar sobre isso, agora.

— Kell, o tempo está passando — o lembrei e a carranca voltou a ficar séria.

Então, explodiu:

— Bolas! Vejo isso nos seus olhos. Você vai dar uma de doida para cima de mim.

— Kell! — gritei.

— Tudo bem, tudo bem, se acalme, princesa — disse, as mãos para cima, mas pressionando para baixo. — Você tem uma hora, em seguida, quero você no convés.

— Certo — respondi.

Ele inspirou com força e me mostrou outra carranca. Em seguida, balançou a cabeça e saiu da cabine, batendo a porta atrás de si, porque era rabugento e não queria que eu esquecesse disso.

Olhei para a porta e, com aquele confronto encerrado, a vinda do outro surgiu na minha frente.

Eu tinha duas escolhas, entrar em pânico ou me recompor.

Corri para os baús escolhendo me recompor.



Em primeiro lugar, ficou claro quando tínhamos percorrido uma distância suficiente ao sul de Middleland que, ao contrário de Lunwyn, não

era encantadora com sua crosta de gelo e neve. Tinha notado isso olhando para a praia do navio. E, definitivamente, notei que o ar estava mais quente, não muito acima de zero grau, mas não abaixo disso.

Com Kell, eu mesma, Gunner, Stephan e três homens da tripulação de Frey atuando como guardas reais de improviso, fizemos o nosso caminho para o acampamento do meu tio em cavalos fornecidos para nós. Notei que Middleland não era tão charmosa, absolutamente.

Não era exatamente estéril, mas também não era colorida ou excessivamente fértil. Parecia sombria, escarpada e escura e, embora os dias fossem mais longos, não era exatamente uma benção porque Middleland provavelmente pareceria melhor à luz do luar.

Vendo isso, pensei que talvez o avô de Sjöfn tivesse um filho favorito, afinal, pois Atticus definitivamente ficou com a melhor parte quando seu pai distribuiu os reinos.

Uma vez que tínhamos atravessado as rochas escuras que compunham a costa e se espalhavam pelo interior, não demorou muito para as tendas ficarem à vista. O sol estava começando a ir embora, mas podia ver que tinham listras largas em vermelho e preto. Eram grandes, havia várias delas, cada uma tinha uma ponta aguda e em todas elas haviam flâmulas em vermelho e preto tremulando.

Fomos escoltados por homens do rei, que estavam em doze (minha opinião, mas achei isto um exagero). Todos eles estavam usando armaduras com dragões pretos e vermelhos pintados sobre elas, altas botas pretas que iam até suas coxas, calções pretos bufantes e também tinham tecidos com enchimento listrados de vermelho e preto em torno dos ombros, mas seus braços e antebraços estavam cobertos unicamente por preto. Em suas cabeças tinham reluzentes capacetes com um arranjo indígena com penas rígidas, pretas e vermelhas. Todas as suas armas (espadas em bainhas presas às selas e facas nos cintos) brilhavam, como se nunca tivessem sido utilizadas.

Vi, a partir do seu número e pelos seus trajes, que Baldur gostava de pompa e circunstância.

Os homens de Frey usavam o que usavam; não havia um uniforme do Drakkar ou, até mesmo, nos seus navios mercantes. Os homens do meu pai usavam um uniforme, mas era quente, resistente, confortável e prático. Todos os chefes das Casas que conheci no Gales tinham usado suas cores orgulhosamente, mas deixaram suas esposas exibirem a elegância que indicava sua riqueza. A roupa dos homens era de excelente qualidade e havia toques que indicavam riqueza, mas nenhum deles foi ostensivo sobre isso.

Esta pompa toda para receber sua sobrinha em uma barraca em uma planície desolada parecia um pouco demais e dizia muito sobre o meu tio.

Seus homens nos levaram direto para a maior tenda e, quando digo isso, quero dizer que era a maior tenda de longe, pelo menos, o dobro do tamanho de qualquer outra, talvez mais, e tão grande quanto uma casa pequena. A entrada tinha um longo toldo que se estendia por uns três metros, ao longo dos quais havia quatro guardas. Ficou claro que esses guardas eram mais importantes, pois as penas em seus capacetes eram maiores e cada um tinha um rubi no punho das adagas em seus cintos.

Imediatamente após a nossa chegada, houve uma pequena comoção quando paramos e Gunner (a maioria dos homens que conhecia bem, estava com o Frey, no entanto, ele tinha deixado Gunner e Stephan, provavelmente no caso de algo como isso ocorrer) desmontou imediatamente e veio me ajudar a descer do cavalo. Infelizmente, um dos homens do Baldur fez o mesmo e Gunner não mostrou amabilidade nenhuma.

Enquanto grunhidos eram trocados e peitos estufados, uma ideia me ocorreu e fiquei grata, tanto por tê-la, pois tinha forçado meu cérebro desde que o Kell deixou a cabine, quanto pelo que eu pretendia fazer (sem nenhum aval), e também esperava ter sucesso.

— Por favor — fingi rouquidão e soei tão perfeita que até mesmo eu fiquei surpresa com quão verdadeira ela soou.

Vi instantaneamente que o mesmo aconteceu com Gunner, que sabia que eu não estava com dor de garganta. Também surpreendi o guarda e Kell, que tinha parado seu cavalo perto do meu e senti seus olhos virados para mim.

— Estou confortável com a minha guarda. Se você permitir... — mantive a rouquidão, em seguida, parei, fiz uma falsa careta de dor e envolvi uma das minhas mãos delicadamente ao redor da garganta, como se essas simples palavras tivessem me causado mais do que um leve sofrimento.

O guarda olhou para mim e seu rosto se suavizou. Dei um sorriso, que esperava ser parecido com o de uma princesa benevolente para ele, seus lábios se curvaram para cima e percebi que tinha conseguido dar o sorriso de princesa. Ele fez uma pequena reverência, em seguida, deu um passo para trás, galantemente. Gunner estendeu a mão e me puxou para baixo, mas fez isso deixando que meu rosto ficasse paralelo ao dele por um ínfimo segundo e vi que seus olhos azuis estavam sorridentes.

Não sorri de volta porque ele estava de costas para o guarda, mas eu não, então revirei os olhos ligeiramente. Em seguida, me colocou de pé e me inclinei para ele como se não tivesse forças para me segurar. Ele aproveitou a deixa e entrelaçou meu braço firmemente no dele, antes de me acompanhar até o toldo, onde Kell se juntou a mim do outro lado. Eu o agarrei também (pode muito bem ter gostado) e eles me guiaram através do toldo e para dentro da barraca.

Se achei que as tendas, as flâmulas e os soldados uniformizados eram um espetáculo, não eram nada em comparação com a opulência que encontrei lá dentro. Tentei não parecer tão surpresa quanto estava diante do excesso de peles (o chão estava coberto por elas, sim, *coberto*), lençóis de seda vermelha e preta pendiam das paredes, os móveis de madeira ornamentados, fortemente esculpidos, candelabros de prata

brilhando por todo o lugar e os dois tronos, grandes, exagerados (sim, *tronos*) assentados bem no meio da tenda em uma ascensão coberta de peles.

Putá merda.

Podia dizer que não era avessa ao luxo e mergulhava nele com frequência, mas isto estava acima da escala.

Havia mais guardas no interior (oito para ser exata) e as penas em seus capacetes eram ainda maiores e elaboradas proteções nas mandíbulas e nos queixos envolviam a metade inferior do rosto deles.

E, sentados nos tronos (um muito maior do que o outro) estavam dois homens.

No maior estava um homem grisalho com uma papada, uma enorme barriga e uma coroa de ouro na cabeça. Esta era decorada com pele negra e rubis e diamantes. Usava seus próprios calções bufantes listrados em preto e vermelho e também um peitoral com um dragão pintado, mas parecia engraçado, considerando que teve que ser feito com uma protuberância para cobrir sua barriga grande.

Hilariamente (pensei), junto à sua bota havia um capacete com um enorme penacho de penas vermelhas e pretas saindo do topo, e entendi como uma indicação que estava pronto para a batalha em todos os momentos, o que ele, claramente, *não* estava.

Mas tão divertido quanto isto foi, não o achar bem-humorado porque seus olhos foram diretamente para os meus e vi que eram desprezíveis.

Ao seu lado estava um homem muito bonito, muito mais jovem, não usando uma couraça, calções bufantes ou, até mesmo, uma coroa, mas calções pretos, botas pretas brilhantes, uma camisa de mangas compridas e bufantes vermelha, com um laço na gola, e um colete de brocado preto. Seu traje, mesmo com a camisa vermelha bufante, era mais discreto, mas mais elegante.

Meu tio e meu primo.

E, a propósito, meu tio, claramente, *não* era gêmeo idêntico do pai.

Havia um homem em pé, à direita e atrás da cadeira do príncipe Broderick e ele também estava vestido como Broderick, mas sua camisa era de um branco imaculado e tinha um cachecol fino com uma franja de seda jogado em volta do pescoço.

A suposição não tão louca (considerando o lenço), o amante, Phobin.

Soltei Kell e Gunner e me curvei em uma reverência baixa e formal, que foi o meu palpite sobre o que ele esperava, independentemente que ele achasse que compartilhávamos sangue e status real.

— Levante, minha sobrinha — o ouvi comandar com uma voz tão pomposa quanto o seu entorno e fiz o que me foi dito.

Esperei por tudo o que era sagrado que tivesse mesmo entendido o menor indício dos sentimentos da Sjöfn para estes dois em suas cartas, e sorri obedientemente para seu tio, mas muito mais calorosamente para seu primo.

Baldur inclinou a cabeça.

Broderick sorriu calorosamente em retribuição.

Certo.

Ufa!

Tudo parecia ir bem.

— Venha, minha querida, abraçar seus parentes — Baldur ordenou.

Olhei para ele, vi que estava com as mãos nos braços do seu trono, parecendo que estava se preparando para levantar o corpanzil da cadeira. Então levantei a mão trêmula para a minha garganta.

— Mesmo que lhe agrade, sua graça — falei com bastante rouquidão e vi Baldur piscar antes das suas sobrancelhas levantarem e se sentar —, para o seu bem-estar, eu não vou. — Falei e movi a mão da minha garganta para a minha boca, tossi asperamente, ainda que delicadamente (sim, criei isso na hora e estava muito orgulhosa de mim

mesma ao fazê-lo), abaixei a mão e terminei. — Peguei um resfriado e estou com dor de garganta e não quero que você o pegue.

— Sua graça — Kell interrompeu e me virei para ele para ver que ainda estava curvado, os olhos nas peles aos nossos pés —, se pudéssemos ter sua licença para pegar uma cadeira para a nossa princesa. Ela está doente e não tem muita energia.

— Providencie uma cadeira para a princesa Sjöfn, Phobin — Baldur ordenou, o rosto do homem atrás do Broderick se tornou ligeiramente duro ao receber ordens, mas ele se afastou em direção a um mobiliário colocado no lado da tenda.

A boa notícia era, Phobin e Broderick estavam aqui, então não estavam onde o Frey estava.

A outra boa notícia era que, até agora, estava lidando bem com isso e Kell tinha entrado no plano.

E, felizmente, não houve más notícias.

Ainda.

— Guardas da Sjöfn, vocês também podem se levantar — Baldur murmurou distraidamente.

Olhei à minha esquerda para ver que Gunner também estava curvado para o rei todo esse tempo.

Que imbecil, deixando-os assim. Não era como se fossem horas, mas, ainda assim.

Sacudi esta irritação quando Phobin me trouxe uma cadeira. Sorri para ele, em seguida, desabei sobre ela, fingindo que não estava realmente desabando sobre ela, mas regamente tirando uma carga muito necessária dos meus pés de princesa.

Quando estava acomodada, Gunner e Kell tomaram seus lugares, Gunner à esquerda das minhas costas e Kell à direita.

— Se você está tão doente, sobrinha, por que fez essa viagem? Os meus homens podiam, facilmente, ter assistido você na embarcação do seu marido. — Baldur tinha razão e olhei para ele.

Merda. Isto era verdade.

Pensei rápido.

Em seguida, murmurei em tom rouco.

— Você é o irmão do meu pai, mas também é rei. — Ele estremeceu diante da rouquidão da minha voz, com a adição de um lábio curvado para mostrar seu desgosto, o que não gostei tanto assim. Quer dizer, não estava realmente doente, mas *e/e* não sabia disso e ninguém podia evitar de ficar doente. — É meu dever atendê-lo — concluí.

— Essa é a minha doce Sjöfn — Broderick falou suavemente em uma linda voz, profunda e gentil, e meus olhos foram até ele para ver os seus, macios e quentes, em mim. — Sempre colocando o dever acima de si mesma.

Bem, nem sempre.

Eu, obviamente, não mencionei isso, mas inclinei a cabeça para o lado e sorri para ele.

— E o seu novo marido? — Baldur perguntou, olhei para ele e abri a boca para falar.

— Em terra — Kell grunhiu antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, os olhos de Baldur semicerraram com aborrecimento e se voltaram para Kell.

— Eu o deixei falar pela minha sobrinha? — ele perguntou.

— Você não o fez, pai, mas devia — Broderick declarou com firmeza, mas suavemente. — É claro que a Sjöfn sente dor toda vez que ela fala.

Baldur fungou para comunicar que entendeu este ponto, então se dirigiu a Kell.

— E o que faz o seu senhor em terra?

Ah Jesus! Eu não tinha certeza de que Kell gostaria que chamassem Frey de seu senhor.

Kell, no entanto, não perdeu a compostura, mas também não compartilhou muita informação.

— Sua esposa está doente.

— Eu *ouvi* isto. E? — Baldur exigiu.

— Ela pegou um resfriado não muito tempo depois que partimos.

Não era ruim no começo, mas ficou pior. Presa na cama, soando engraçada e doente como um cão. Nenhum dos medicamentos que tínhamos a bordo estava fazendo a ela qualquer bem, então o Drakkar baixou âncora e veio à terra para encontrar um médico, conseguir alguma coisa para ajudá-la, para que possamos voltar para o nosso caminho e ela parar de sofrer.

— E vocês estão indo aonde? — Baldur perguntou.

— Chateau Hawkvale. Eles têm um bebê para fazer — respondeu Kell. — O Drakkar gosta de se empenhar nesse dever especial e não quer nenhuma distração.

Soltei um longo suspiro diante da resposta muito pessoal de Kell, por que geralmente é o que faço quando ele fala assim e também por que percebi que Sjofn faria o mesmo diante da resposta de Kell.

Baldur olhou para Kell com desgosto. Meus olhos deslizaram para Broderick para ver os dele em mim, e estavam brilhando. Ele achou engraçado e podia dizer, pelo jeito que estava olhando para mim, que Sjofn ia compartilhar seu humor, assim lhe dei um pequeno dar de ombros e um sorrisinho, e o seu brilho ficou mais radiante.

— Me parece que o Drakkar podia enviar um homem à terra para encontrar um remédio para sua esposa, para que ele pudesse ficar a bordo e atendê-la — Baldur observou, e meus olhos se voltaram para ele.

— E parece que você não conhece muito o meu mestre. Incumbência importante, ele não envia ninguém para fazê-la. Ele mesmo faz — Kell respondeu.

Baldur se endireitou na cadeira, obviamente, não gostando do tom do Kell.

— De fato — Baldur murmurou, franzindo o cenho para o Kell.

— Ele está sendo muito gentil — falei, ainda rouca, e levantei a mão delicadamente até a garganta quando a atenção do Baldur passou da sua contemplação com raiva de Kell, para mim. — Eu lhe disse que ficaria bem com o tempo. Mas ele está preocupado.

— Em se tratando dela, ele está — Kell acrescentou. — Não gosta de vê-la sofrer e também não gosta de não ter seus privilégios de marido porque ela está sofrendo, se você pegou o significado, sua graça.

— Peguei, na verdade, — Baldur fungou através de um lábio ondulado e, tanto quanto eu não gostava desse cara, tinha que admitir que ele era bom — *peguei o seu significado*, meu caro senhor.

— Tenho prazer em ouvir isso, Sjöfn — Broderick disse calmamente e eu olhei para ele. — Que o Drakkar se importa com você. Esta é uma adorável notícia.

Sorri para ele, que sorriu de volta e não estava entendendo, como se soubesse o segredo da Sjöfn e sentisse por ela; era genuíno, como se ele estivesse verdadeiramente satisfeito que o casamento arranjado estivesse dando certo.

— Nós nos entendemos — sussurrei, engasgando com a rouquidão porque estava sussurrando, mas também dizendo isso com sentimento, porque era verdade.

— Tenho o prazer de ouvir isso também, prima — Broderick respondeu com outro sorriso sincero e sorri em resposta.

— Bem, não posso dizer que isso venha a ser uma surpresa — Baldur declarou e olhei para ele. — Ele praticamente a arrastou da Morada dos Deuses. Vulgar, com toda a certeza, mas disse tudo. — Sorriu para mim, o que definitivamente *não* foi genuíno, e concluiu. — Mas quem não teria tomado a Princesa do Inverno de Lunwyn, de longe a beleza mais bela naquela terra frígida?

Não fiquei contente por ele chamar Lunwyn de frígida. Era, naturalmente, frígida, literalmente falando, mas havia palavras mais agradáveis para descrevê-la.

Foi então que pareceu haver alguma comoção do lado de fora. Os guardas do lado de dentro entraram em alerta, quatro se aproximando do seu rei e dois indo imediatamente para a entrada da tenda.

Me virei na cadeira, olhando para Kell, para ver o que estava acontecendo e não tive que esperar muito tempo, quando um dos guardas voltou correndo, se curvou e disse, olhando para as peles no chão.

— O Drakkar está aqui.

Oh, oh!

Meus olhos dispararam para cima, encontraram os do Kell e vi que a boca cercada pela espessa barba branca estava apertada.

Merda!

Então, me inclinei outra vez, para olhar para trás do Kell vendo o Frey, seguido pelo Thad, Orion, Max, Annar, Lund e o Oleg caminhando resolutamente para a tenda e Frey estava parecendo muito descontente.

Oh oh novamente.

— Qual é o significado disso? — exigiu saber antes de colocar os pés na enorme tenda e me levantei rapidamente, com a intenção de me voltar para ele e encontrar uma maneira de lhe dar uma dica sobre o que estava acontecendo.

— Você não se curva ao rei da terra cujo solo suas botas pisam?
— Baldur perguntou e parecia chateado demais, irritado e cheio de uma afronta indignada.

Frey parou ao lado de Kell, se curvou, rápida e superficialmente, sem se importar em esperar pelo seu comando para se erguer. Cheguei perto dele, coloquei minhas mãos no seu peito, pressionei tão forte quanto pude e inclinei a cabeça para trás.

Então, murmurei, mais rouca e muito mais asperamente.

— Marido, é meu dever atender um rei quando sou chamada a fazê-lo.

As sobrancelhas de Frey se ergueram e ele abaixou a cabeça para olhar para mim no instante em que a primeira palavra saiu da minha

garganta.

— Conseguiu o medicamento que foi procurar, *mestre*? — Kell perguntou casualmente e Frey tirou os olhos de mim para olhar para Kell.

Então, entendendo rapidamente, como era típico dele, respondeu:

— Não. Ouvi dizer que os homens do rei estavam na costa e, ao ouvir isso, estava certo de que chamaria minha esposa, assim, abandonei a busca e retornei imediatamente. — Seus olhos se moveram para Baldur enquanto seu braço se movia para envolver minha cintura e me puxou para mais perto dele. — E eu não estava errado, o rei convocou minha esposa.

— É claro — Baldur declarou. — Ela é minha sobrinha, o que significa que você é, agora, meu sobrinho e, no momento em que soube que seu navio estava ancorado no mar, nós montamos um acampamento para estender os cumprimentos familiares.

A mandíbula de Frey enrijeceu.

Em seguida, respondeu:

— Isso é atencioso, sua graça, mas se estivéssemos em Middleland para uma visita oficial, em vez de executar uma missão rápida, teríamos enviado um comunicado e vindo até você para estender as *nossas* saudações familiares. Agora, minha esposa deveria estar na cama, não aqui fora, no frio. — Ele olhou para Kell. — Por que você não informou à sua graça que Finnie estava doente?

— Finnie? — Broderick sussurrou, mas Kell falou sobre ele.

— Claro que informei, *mestre* — Kell respondeu, e pressionei meus lábios para me impedir de rir. — Ele disse que ia enviar homens a bordo, mas ela não quis saber de nada disso. Disse que era seu dever real e assim por diante. — Ele balançou a mão de forma eloquente (ou tanto quanto Kell podia ser) mostrando o que achava de um dever real. — Então, arrastou a carcaça para fora da cama, se arrumou toda e aqui estamos nós.

Com isso, tive que pressionar meus lábios com mais força. Lancei um olhar para Thad, que estava de pé à direita de Frey e vi sua mandíbula se contrair. Ele tinha um olhar irritado, mas meu palpite era que Thad achava que Kell estava muito engraçado, também.

— Minha esposa lhe informou que estava doente e você enviou um comunicado dizendo que pretendia perturbá-la em seu descanso, enviando homens para o meu navio se ela não viesse até você? — Frey perguntou, sua voz baixa, retumbante e, inequivocamente, enfurecida.

— Não aconteceu exatamente assim, Drakkar — Baldur declarou.

— Então, talvez você possa explicar *exatamente* como aconteceu — Frey sugeriu, imitando-o. Dito isso, não era uma sugestão, afinal.

— Dificilmente, se demora dois dias para procurar um medicamento, que é, pelo menos, o tempo que você está ancorado ao largo da costa de Middleland — Baldur atirou de volta e fiquei tensa quando compartilhou essa informação.

— Talvez você não conheça sua sobrinha muito bem, sua graça, ela não gosta de ficar doente, se recusou a admitir que estava mal e tem uma aversão a ser cuidada. Levei muito tempo para convencê-la de que eu deveria partir — Frey mentiu completamente.

— Isso é verdade, pai. Sjöfn sempre foi uma paciente ruim, como você sabe quando ela pegou uma gripe durante aquela visita, quando tinha dezesseis anos — Broderick falou suavemente, em seguida, sorriu para mim. — Lembra-se, prima, eu tive que recorrer aos medicamentos colocando-os, sorrateiramente, no seu chá.

— Eu me lembro — respondi suavemente, retribuindo seu sorriso, pensando que gostava bastante de Broderick. Ele parecia muito fofo.

Baldur estufou o peito para cima e ignorou nossa conversa.

— Bem, então, vendo a sua proximidade com a nossa costa, e que já estava aqui há dois dias, você devia ter enviado uma missiva. É, como você bem sabe, minha função como rei.

— Minhas desculpas, sua graça, e espero que você não ache isso ofensivo quando o lembrar que não esperávamos ficar na sua costa todo este tempo, e eu estava lidando com uma noiva obstinada e indisposta. Minha atenção ficou presa a ela, não em enviar uma mensagem sem sentido, um esforço que seria um desperdício de tempo ridículo para um dos meus homens — Frey respondeu.

— Veja bem — Baldur disse calmamente, agora a voz *dele* retumbante —, vou lembrá-lo novamente em cujo solo suas botas descansam.

— E eu vou lembrá-lo que minha esposa não está claramente bem, e a curiosidade e a desconfiança, a última das quais é imerecida, devo acrescentar — Frey, mentiu de forma muito impressionante, falando entre os dentes —, são as verdadeiras razões para você estar aqui com tendas e tronos — ele disse isso com desgosto —, me atrasando na incumbência de cuidar da saúde dela.

— Cuidado, Drakkar, você não tem permissão para falar com este rei do jeito que fala com o meu irmão. Os elfos não deixam a neve e você não pode chamar os dragões, daqui — Baldur retorquiu.

— Se importa de testar isso? — Frey rebateu.

Ah, droga.

Hora de intervir.

Rápido.

— Ah, querido — sussurrei na minha rouquidão e levei a mão até minha cabeça, virando no círculo do braço de Frey para o tio da Sjofn. — Você, em todas estas tendas, tem algum lugar no qual eu posso me deitar, tio? Estou me sentindo tonta.

Diante das minhas palavras, fui levantada instantaneamente pelos braços de Frey, que me segurou perto do seu peito.

— Você vai descansar na nossa cabine — Frey cerrou os olhos, em seguida, encarou Baldur. — Posso ter sua licença para cuidar da minha esposa?

— É claro — respondeu Broderick pelo pai. — E, para lhe poupar o trabalho, vou enviar o meu médico pessoal com alguns remédios. Pode demorar até amanhã de manhã, mas vamos enviar uma mensagem no momento em que ele chegar para que você possa enviar um barco para pegá-lo. Dessa forma, você pode cuidar da sua... — ele hesitou, seus olhos vieram até mim e se aqueceram, porque confundiu claramente a razão para o Frey ter usado o nome pelo qual me chamou, e gostei, antes dele terminar — *Finnie*.

— Meus agradecimentos, Broderick, mas não precisa ter este trabalho. Vamos seguir nosso caminho — Frey declarou, acenou com a cabeça para Baldur, girou sobre as botas e saiu da tenda.

Da minha parte, passei os braços em volta dos ombros de Frey, olhei sobre um deles e sorri regamente (esperava) para pai e filho, vendo que o rei parecia ter que se conter, mas Broderick estava sorrindo tão abertamente, que parecia estar tentando não rir.

Sim, eu definitivamente gostava de Broderick.

Então, não os vi mais, pois estávamos fora da tenda, eu estava em cima de um cavalo, Frey montou atrás de mim, se inclinou, cravou os calcanhares nos flancos do cavalo e gritou:

— *Yah!* — E estávamos galopando.

Depois de alguns minutos, senti que era seguro falar.

Então o fiz, começando com:

— Frey...

Estava errada sobre ser seguro falar. Soube disso quando Frey grunhiu.

— Quieta, Finnie, vamos esperar até eu ter você e o Kell sentados, para que possa me explicar porque um de vocês teve a espetacularmente *estúpida* ideia de ir sozinha, com uma guarda mínima, dos quais apenas dois homens são treinados, e sem *mim*, para atender um homem que pode querer você morta.

Ah, caramba.

Fiquei quieta como recomendado, pensando que era minha melhor aposta nesse momento e vi o mar, o belo galeão de Frey à deriva sobre ele, com o sol por trás dele, se aproximando.

Capítulo 23

Casamento é Casamento

— Por favor, me diga que você não voltou mais cedo por causa dessa desculpa esfarrapada de um rei que montou seu trono em uma tenda maldita.

Kell escolheu estas palavras para abrir, talvez não muito sabiamente, a nossa conversa quando entrou na cabine de Frey parecendo mais mal-humorado que o habitual.

Estávamos todos em volta da mesa, Frey sentado na cabeceira da mesa, eu à sua esquerda, Thad à direita, e Orion, Max, Lund, Oleg, Annar, Gunner e Stephan rodeando a mesa, com Oleg de pé, atrás da cadeira vazia, as pernas musculosas plantadas afastadas, os braços cruzados sobre o peito. Orion e Stephan também estavam de pé porque não havia cadeiras suficientes e fiz uma nota mental para visitar a loja de móveis para navios da próxima vez que estivesse em Sudvic.

Skylar estava se espremendo entre os homens grandes, colocando bandejas com queijo, carne, biscoitos e pickles sobre a mesa. Ele já tinha se assegurado que todos os homens tivessem canecas de cerveja, menos o Frey, que tinha pedido, e já havia recebido, um copo e uma garrafa de uísque da qual ele bebeu de imediato, e não achava que isso pressagiava um bom sinal.

Como era evidente, já que as bebidas haviam sido preparadas e servidas por um menino de onze anos, Kell demorou algum tempo para aparecer na nossa reunião o que me deixou, enquanto os segundos se tornavam um minuto. Esse minuto virava mais minutos (e não poucos deles), muito desconfortável. Os homens não pareciam se importar embora mantivessem o silêncio enquanto a raiva acumulada de Frey enchia o espaço.

— Não, meu velho, voltamos mais cedo porque Broderick e Phobin estavam, ambos, com o Baldur e descobrimos que Phobin não é tão esperto quanto pensa. Chegamos, examinamos a situação, entramos e saímos em um dia — Frey respondeu.

As sobrancelhas de Kell se levantaram quando se sentou em uma cadeira e, imediatamente, pegou um pedaço de queijo.

— Você pegou o ramo? — perguntou.

— Sim — Frey respondeu entre os dentes, meu coração pulou e me virei para olhar para ele.

— Você conseguiu? — Suspirei.

Os olhos irritados de Frey se viraram para mim.

Apertei os lábios e ele grunhiu.

— Consegui.

Decidi, considerando sua expressão, que agora não era o momento de saltar em cima dele e lhe dar um beijo molhado, em um esforço para recompensá-lo por ter sucesso em uma missão onde outros, durante séculos, tinham falhado.

— Vamos celebrar — Kell afirmou, em seguida, olhou para o Skylar.
— Rapaz, me dê uma caneca.

— Kell, não estamos comemorando — Frey falou entre os dentes, os olhos enfurecidos trancados no amigo, então declarou com raiva: — Pelos deuses, você mandou a minha mulher para dentro da tenda de um homem que pode estar planejando seu assassinato.

Kell recostou e concordou.

— Sim. — Então, colocou o pedaço de queijo na boca.

Ah, Jesus.

A fúria que se derramava de Frey aumentou cerca de sete níveis. Senti isso, imaginei seu calor queimando a minha pele, mordi o lábio e evitei olhar para ele.

— Gun, Steph, vocês gostariam de me explicar por que não só não impediram este empreendimento, mas participaram dele? — Frey

perguntou, obviamente desistindo do Kell.

Observei Gunner olhar para Stephan, que o olhou de volta, então ambos olharem para Frey.

— Você deixou o Kell no comando, Frey, e foi bastante claro sobre isso — Gunner respondeu.

— De fato. E este será um erro que não cometerei de novo — Frey declarou em voz baixa e vi Kell revirar os olhos, mas, fora isso, não parecia muito chateado.

Houve mais silêncio, mais ondas de fúria vindas de Frey e, em seguida, Frey falou.

— Esposa.

Ah, Jesus.

Dei uma olhada para Kell levantando a sobrancelha, indicando que poderia precisar da sua ajuda. A resposta de Kell foi pegar outro pedaço de queijo e colocá-lo na boca. Meu olhar se tornou um olhar mortal quando percebi que o Kell estava me jogando direto na frente do trem.

Inspirei, recompus minha expressão e me virei para o meu marido.

Quando teve o meu olhar, perguntou em voz baixa, que não era aquela suave e gentil, mas um tipo completamente diferente de voz baixa.

— Gostaria de me dizer, quando acredito que enquanto você estava tremendo nos meus braços, depois de ver três homens morrerem, lhe informei especificamente que o seu tio é uma ameaça, por que você embarcaria em um barco, se sentaria nele enquanto remavam até a terra firme para atender a um homem que, é altamente provável, se ele agiu sobre isso ou não, que deseja vê-la morta?

Na verdade, não, eu não gostaria de dizer a ele que achava que não tive escolha.

— Humm... — comecei, os olhos de Frey semicerraram e mantive a boca fechada.

Ele continuou.

— Finnie, você viu uma mulher vomitando sangue e aquela mulher devia ser *você*.

Me recompus e comecei:

— Eu sei, Frey, mas...

— Você tinha ideia, completamente, do que estaria enfrentando quando entrou naquela tenda — Frey me interrompeu.

— Escute, eu...

Frey me interrompeu novamente e podia afirmar, pelos seus olhos, seu tom de voz e a maneira como mantinha o corpo, que estava ficando mais irritado e eu não precisava da nossa tarde com a xícara de chá de adela para ver isso.

— Eu podia ter voltado com o ramo maldito e me encontrar sem uma maldita *esposa*.

Me inclinei para ele e disse:

— Frey, ouça — mas fui cortada novamente.

Desta vez, pelo Kell.

— Tem um humor afiado, essa aí — ele afirmou e os olhos de Frey voaram para ele e para os meus, também. — Estávamos em uma posição ruim Frey, você fora fazendo o que tinha que fazer e o Baldur suspeitando. Tem coragem, a sua mulher — ele virou a cabeça para o meu lado —, tem inteligência também. Foi ideia dela fingir uma doença e como fazer isso. Nós já tínhamos usado essa tática para cancelar tudo, mas eles não caíram. Mas, sua atuação foi tão boa, homem, que até mesmo eu pensei que a nossa mentira era verdade. E o jeito que ela fingiu estar doente, significava que não podia falar muito para que eu pudesse fazer toda a falação por ela, o que ajudou a esconder quem ela é. No final, ela fez um show de sentir dores pagando seu respeito a um homem que não merece, mas com certeza exige isso e ele fez isso parecendo como um idiota. Um jogo completo, tudo, tudo, mas funcionou bem. Tudo tranquilo, homem, vamos puxar a âncora e sair daqui.

Pensei que esta era uma excelente sugestão, sem mencionar que estava satisfeita por ter impressionado o Kell.

Frey não concordou.

— Isso funcionou bem por puro acaso — grunhiu e, quando me virei para ele e abri a boca para falar, seus olhos me cortaram e continuou grunhindo. — E não, Finnie, não me diga que valeu a pena o risco. Três vezes — ele levantou três dedos —, a fortuna sorriu para você e, esposa, se você continuar a montar essa lâmina especial da sorte, você vai ser fatiada, completamente.

Caramba!

Tudo bem, claramente, estava na hora de acalmar o Raider irritado.

— Querido — sussurrei, esperando que meu tom fosse acalmá-lo —, o que você esperava que fizéssemos?

— Não entrar em uma maldita tenda com apenas dois guardas treinados quando o Baldur tinha vinte e quatro deles, e se sentar para um maldito *bate-papo* — Frey respondeu, nem um pouco mais calmo pelo meu tom suave.

Infelizmente, parecia que eu ia ficar louca.

— Precisávamos ganhar tempo — informei a ele.

— Como a missão funcionou, amor, você não precisava — ele respondeu.

— Bem, nós não sabíamos disso! — respondi.

— Você esperou uma hora, não esperou? — ele retrucou.

Olhei para ele e, em seguida, me virei na cadeira para encará-lo.

— Ouça, Frey, nós estávamos em um dilema. Eles não estavam caindo em nossos esforços para impedi-los. Você estava lá fora — apontei um braço para a vigia — fazendo uma coisa que *eu* não queria que *você* fosse pego fazendo. Nós achávamos que você só ia voltar dentro de alguns dias, não de algumas horas e, pelo amor de Deus, eu não podia ficar na cabine roendo as unhas e esperando por um resgate milagroso!

— Finnie... — começou, mas o interrompi, me inclinando na direção dele.

— Você sabe, casamento é casamento, uma parceria. Você não é o único que precisa se esforçar e manter um de nós seguro. Meu trabalho como sua *esposa*, é fazer o mesmo e, se essa hora chegar, quando tiver que fazer o meu trabalho, talvez seja necessário agir. Nós estávamos expostos e eu não queria que você fosse exposto, assim, fiz o que fiz me esforçando para mantê-lo seguro. Era perigoso, sim, vou conceder isso. Mas ficamos *sem escolha*.

— Fin... — ele tentou falar o meu nome, mas continuei direto em frente.

—Você está com raiva porque eu estava em perigo, *novamente*. Bem, você estava em perigo também! Você foi até aquelas tendas e foi com tudo para me manter segura. O quê? Eu não posso fazer o que fiz para retribuir o favor?

— Amor... — Frey começou, mas sim, continuei a falar.

— Entendo que você está com raiva porque era perigoso e você está preocupado. Me desculpe por isso. Mas vou te dizer, se tivesse chance, faria tudo de novo, sem brincadeira. Faria em um piscar de olhos.

Frey ficou em silêncio depois disso e eu também, mas estava me comunicando através do meu olhar zangado. Frey, por outro lado, não estava se comunicando, estava simplesmente encarando o meu olhar.

Então, perguntou:

— Você já terminou?

— Não sei. Preciso prosseguir? — respondi de volta.

Seu tom era calmo quando disse:

— Acho que você encerrou o seu caso, pequena.

— Eu disse que ela tinha uma inteligência afiada — Kell colocou e Frey e eu olhamos para ele vendo-o cortar metade de um pedaço de carne com os dentes e começar a mastigar. Em seguida, com a boca cheia, continuou. — E ela tem coragem, cabeça a cabeça com você? —

Ele balançou a cabeça e enfiou o resto da carne na boca, embora não tivesse engolido o último. Depois, ainda com a boca cheia, mas com um tom de voz diferente, disse: — Mas você sabe disso, não sabe? Foi você que me disse que ela tinha espírito e, pelos deuses, homem, nós descobrimos hoje que você *não* estava errado.

Estava interessada neste negócio de espírito e estava me sentindo aquecida por dentro porque eu, obviamente, ganhei o respeito do Kell. Igualmente óbvio, o Frey estava me elogiando para ele, mas, tão boas quanto eram, essas duas coisas me fizeram sentir um pouco envergonhada.

Portanto, adverti:

— Kell, há uma dama na mesa. Não fale com a boca cheia.

Seus olhos se voltaram para mim e em seguida, ele sorriu abertamente, expondo a carne entre os seus dentes.

Balancei a cabeça e não consegui impedir a risada baixa que se misturou com as que vinham dos homens de Frey em volta da mesa.

Em seguida, Kell estendeu a mão para pegar outro pedaço de carne enquanto gritava:

— Menino! Onde está minha caneca?

Meus olhos se moveram para o Skylar e fiquei chocada ao ver que estava olhando para mim e, enquanto fazia isso estava, claramente, em outro mundo. Seu rosto de menino era suave, seus olhos ativos e sua mente estava a todo vapor.

— *Garoto!* — Kell gritou novamente. Skylar pulou, então correu para a mesa, onde colocou o jarro de cerveja e as canecas.

Olhei para o Frey e vi que ele também estava estudando o Skylar, então o chamei.

— Marido — ele se virou para mim —, ainda está com raiva? — perguntei.

Ele balançou a cabeça e levantou a mão para deslizar os dedos ao longo do meu queixo enquanto seus olhos percorriam meu rosto e

murmurou:

— Não, está tudo bem. — Então, abaixou a mão, olhou em volta da mesa, seu olhar percorrendo os homens e parou no Gunner. — Não que isso vá acontecer de novo, mas, se acontecer, Finnie não vai a lugar nenhum sem uma guarda pesada. Não me importa se você tiver que armar metade da tripulação e levá-los para terra firme.

— Essa foi uma ideia que eu tive, Frey — Stephan falou e olhei para ele. — Gunner, Kell e eu discutimos isso e pensamos que, considerando que era simplesmente uma visita ao seu tio, se fôssemos com três botes carregados de homens, nos exporíamos demais. Uma visita de uma sobrinha ao seu tio normalmente não exige toda essa precaução. Decidimos que era provável que ele estava lá, porque suspeitava sobre o navio ancorado no mar e o que você estava fazendo, e não para tomar medidas contra a Finnie. E esperávamos que ela e o Kell pudessem arranjar algo para lhe fornecer cobertura. Com isso, não acho que você ia querer deixar vazar o fato de que o considera uma ameaça, fazendo todo esse show.

— Foi um risco compreensível que você tomou, Steph — Frey admitiu — mas é provável que, se não estiver por trás disso, neste momento, a notícia já chegou ao Baldur, que foi feita, pelo menos, uma tentativa contra a vida da Finnie. Portanto, ele entenderia por que, mesmo sendo uma visita a um tio, sua guarda estaria intensificada.

Stephan inclinou a cabeça, Frey acenou para ele e observei com fascínio, principalmente porque Frey achava que Stephan, Gunner e Kell tinham feito merda e que essa merda poderia ter sido enorme. Frey estava zangado sobre isso, mas não lançou sua ira sobre eles ou os amarrou a um mastro e os açoitou. Ele ouviu, discordou, explicou o porquê e tornou seus desejos conhecidos.

Era uma forma legal de comandar e eu gostei.

— Uh... você acha que podíamos parar de tagarelar como um bando de mulheres, puxar âncora e sair desse maldito lugar? — Kell

perguntou, os olhos mal-humorados sobre Frey.

— Sim — Frey concordou e se virou para Thad. — Assuma o comando, Thad. Estamos a caminho de casa, rumo a Lunwyn.

— Uh... não acho que seja uma boa ideia — Kell afirmou rapidamente e Frey e eu olhamos novamente para ele. — Nós meio que dissemos ao rei que estávamos a caminho de Hawkvale. Provavelmente, não é loucura imaginar que ele já despachou homens para o litoral, para ver onde estamos indo, se ainda não içou as velas dos navios para nos seguir. Melhor irmos naquela direção.

Frey estudou Kell, em seguida, suspirou e olhou para mim.

— Gostaria de uma estadia no Chateau? — ele perguntou e abriu um sorriso... *enorme*.

Os olhos de Frey se moveram para a minha boca, seus lábios se contraíram, em seguida, se virou para o Thad.

— Levante a âncora e navegue para Hawkvale. No minuto em que estivermos fora das águas de Middleland, envie um homem à terra para se dirigir até Lunwyn para se encontrar com o Ruben. E dizer ao Ruben para se apressar a ir para o Chateau. Certo?

— Certo, Frey — Thad murmurou, bebeu o que havia sobrado na sua caneca, deixou-a sobre a mesa, se levantou e saiu da sala.

O resto dos homens caiu sobre a comida.

De repente, morrendo de fome, eu também.

— Sky, reabasteça a caneca da sua senhora — Frey ordenou e olhei para o meu marido, colocando um biscoito com queijo na minha mão.

Seus olhos me prenderam, em seguida, sua mão veio até mim, se curvando em volta do meu pescoço. Me puxou para ele enquanto se inclinava e encostava sua boca na minha.

Quando se afastou um pouco, sorri para ele e soube que meu rosto havia suavizado, porque vi seus olhos se moverem sobre ele e ficarem suaves, também.

— Essa, esposa — sussurrou — são as boas-vindas que prefiro, no futuro.

— De jeito nenhum — sussurrei de volta. — Assim que ficar boa com o arco e as adagas e aprender algumas táticas furtivas, vou com você... — Fiz uma pausa, em seguida, terminei — no futuro.

Frey olhou para mim.

Então me puxou para muito perto, tão perto, que quase saí da cadeira. Quando ele me tinha onde queria, empurrou meu rosto no seu pescoço e começou a rir.



Os homens foram embora, incluindo o Frey, para verificar o leme com o Thad.

Estava enrolada em um cobertor na cadeira de leitura, sob a luz de um lampião, lendo um livro que minhas meninas tinham embalado para mim.

Skylar estava arrumando a mesa e fingindo que não estava lá para que eu pudesse ler confortavelmente.

Portanto, quando Skylar falou:

— Ah... milady? — Fiquei surpresa.

Movi os olhos do livro para ver que ele tinha uma pilha de bandejas sujas, mas, sem dúvida, sem restos de comida em suas mãos e seus olhos estavam em mim.

— Sim, Skylar? — respondi calmamente.

Ele passou a língua nos lábios, em seguida, preocupado, os apertou.

Esperei.

Então, ele disse:

— Você podia ter morrido hoje? Uh... fazendo aquela viagem até o rei e tal?

Mais surpresa com a pergunta dele e que ele fosse perguntar isso, rapidamente o assegurei:

— Acabou por não ser tão perigoso.

— Mas... — ele hesitou — você não sabia disso?

— Não — falei baixinho, estudando-o e tomando cuidado com a primeira conversa que ele tinha dado início entre nós. — Eu não sabia disso.

— E você o fez pelo capitão? — perguntou.

— Sim, fiz isso pelo capitão — respondi.

Ele assentiu e apertou os lábios novamente.

E sussurrou:

— E você faria isso de novo? Como você disse, em um piscar de olhos?

— Sim, querido — sussurrei novamente —, pelo meu marido, faria isso de novo. — Fiz uma pausa, em seguida, concluí. — Em um piscar de olhos.

Ele apertou os lábios novamente e seu rosto mudou da curiosidade cautelosa para temor e senti o coração doer, porque pensei que estávamos fazendo algum progresso.

Depois, deu um passo para a frente antes de, imediatamente, recuar e dar um passo para trás.

Então, deixou escapar.

— Mama costumava tentar me ensinar.

Pisquei. Então, perguntei:

— O quê?

Ele não repetiu. Em vez disso, falou:

— Ela ficava com muita raiva quando eu fazia coisas erradas.

Senti o fundo dos meus olhos começarem a arder e encarei seu olhar, enquanto sentia o meu ficar úmido, mas não disse nada.

— Tentei bastante, de verdade — sussurrou — para me assegurar que não fizesse nada de errado.

Aposto que tentou.

Não respondi.

— Mas sempre tinha algo errado — murmurou, a voz magoada por velhas feridas que, de modo algum, estavam curadas e as senti ferirem minhas próprias entranhas.

— Esta é a vida — sussurrei enquanto sustentava o olhar dele. — Skylar, saiba disso. É a vida, e as coisas dão errado. Acontece o tempo todo, com todo mundo. Nós cometemos erros, todos nós. Não há nenhuma vergonha nisso. Nenhuma mesmo. A única coisa que é importante entender é que, quando cometemos um erro, tentamos aprender com ele. Mas, querido, você vai cometer erros e está tudo bem. Uma coisa que eu posso prometer, e você pode demorar o tempo necessário para confiar em mim, é que se você cometer erros comigo ou com o Frey, não vamos ficar loucos como a sua Mama. Podemos ficar chateados ou decepcionados, mas não vamos ficar bravos com você, igual a ela. Você não tem que acreditar em mim agora, Sky, mas espero que, algum dia, acredite.

Olhou para mim enquanto apertava os lábios e encarei seu olhar.

Então, quando criou coragem para seguir em frente, disse calmamente:

— Eu gosto de estar aqui no navio com o capitão Drakkar.

— Fico feliz, Sky — respondi calmamente.

— Não quero que nada aconteça com ele — continuou.

— Nem eu — concordei.

— Você enfrentou coisas ruins para ter certeza de que isso não acontecesse — Skylar continuou.

— Sim — falei suavemente.

Ele mordeu o lábio. Em seguida, sussurrou rapidamente:

— Obrigado. — E antes que eu pudesse dizer uma palavra, saiu correndo da cabine.

Fiquei olhando para a porta depois que ele tinha saído. Então, coloquei a fita dentro do livro, o fechei e coloquei-o sobre a mesa, antes de inclinar o pescoço, levantar as duas mãos até o rosto e pressionar os dedos na testa.

— Finnie? — Frey me chamou, abaixei as mãos e olhei para a porta, para ver o meu marido caminhando na minha direção. — Deuses, amor, o que...

— Quero — comecei, com voz trêmula — que você me leve — fiz uma pausa, a fim de recobrar o controle — até aquela mulher — parei novamente para inspirar —, para que eu possa arrancar seu *maldito* cabelo pela raiz.

Frey se aproximou e ficou ao lado da cadeira, olhando para mim.

— Que mulher? — Perguntou em voz baixa.

— A *mãe* do Skylar — falei entre os dentes.

Ele me estudou por um momento e depois me vi sendo puxada para fora da cadeira apenas para ser colocada no seu colo quando se sentou nela.

Seus braços me envolveram quando inclinei a cabeça para olhar para ele e coloquei minhas mãos no seu peito.

— Estou falando muito sério, Frey — sussurrei.

— Eu sei que está, pequena — Frey sussurrou em resposta, me observando de perto e uma das suas mãos começou a acariciar minhas costas.

— Ele acabou de se abrir para mim — informei a ele.

— Imaginei isso — Frey murmurou, ainda me olhando.

— Estou com raiva — anunciei.

— Imaginei isso também — Frey respondeu.

Olhei para ele, de repente meus olhos se encheram com estúpidas, *estúpidas* lágrimas e cerca de um nano segundo depois, meu rosto estava

no pescoço de Frey porque o aconchegou lá e seus braços se apertaram à minha volta.

— E-eu não go-gos... gosto de cho-chorar — soluzei contra o pescoço dele.

Ouvi o seu suspiro e senti seu peito subir e descer, antes de murmurar:

— Minha pequena Finnie, você teve um dia difícil.

Ele estava certo sobre *isto*.

Inspirei profundamente, estremecendo, a respiração felizmente controlando minhas lágrimas, mas não tirei meu rosto do pescoço dele. Em vez disso, relaxei no colo de Frey, me acomodei nos seus braços e deixei sua força me envolver.

Quando me recompus, falei:

— Baldur, por sinal, é um *imbecil*.

— Isso eu sei — Frey murmurou.

Inspirei novamente, em seguida, levantei a mão para limpar o rosto e o inclinei para cima para olhar para ele.

— Desculpe — sussurrei e Frey sorriu.

Em seguida, ele disse suavemente:

— Prefiro seus sorrisos e gargalhadas, esposa, mas há coisas muito piores do que suas lágrimas molhando a minha pele.

Olhei para o belo e barbado rosto pensativo e, *Deus, eu realmente, amava este homem*.

Sorri para ele, levantei a mão para envolver o pescoço dele, me aproximei e decidi que estava na hora de mudar de assunto, portanto, perguntei.

— Alguma chance de você me dizer por que o Kell estava tão empenhado em *não* deixar os homens do Baldur subirem a bordo do seu navio?

Os lábios de Frey se curvaram e hesitou apenas um momento antes de responder.

— Enquanto estávamos resgatando a feiticeira Circe, alguns dos homens *podem* ter surrupiado algumas coisas, e é bem provável serem importantes o suficiente para perceberem que estão desaparecidas e as quererem de volta. Algumas dessas coisas *podem* ainda estar a bordo do *Finnie*.

Senti meus lábios se curvarem, também, então perguntei.

— O que é esse espírito sobre o qual o Kell está falando?

Frey ergueu a mão até a minha testa e a deslizou ao longo do meu couro cabeludo enquanto colocava o cabelo atrás da minha orelha, antes de empurrar uma mecha que estava no meu pescoço por cima do meu ombro. E antes dos seus olhos se desviarem dos movimentos da sua mão e voltarem para mim. Então, respondeu:

— Eu disse a ele que você tem o espírito do mar, o espírito de um Raider. Disse a ele que você é uma Voyager, como ele e como eu. Um Voyager não se acomoda, seus pés sentem coceira para se mover, seja no navio, em terra firme, nos estribos. Um Voyager age rápido e pensa mais rápido ainda. Tem coragem. Não espera para enfrentar os riscos que vêm no seu caminho. Em vez disso, corre para cumprimentá-los — ele fez uma pausa e seus olhos grudaram nos meus antes de finalizar suavemente. — Antes, o Kell não acreditava em mim, mas, hoje, ele acredita.

Ah, meu Deus.

Ah, meu *Deus!*

Senti as lágrimas nos meus olhos bem como o calor que inchou meu coração.

Então, reclamei.

— Você vai me fazer chorar novamente.

Frey sorriu e observou:

— Finnie, acho que posso não ter deixado claro, mas isso não me incomoda.

— Aposto que um Voyager não explode em lágrimas diante da queda de um chapéu — rebati entre inspirações profundas que estava tomando para controlar minha emoção.

— Eu não sei, pequena, nunca conheci uma beldade com cabelo loiro platinado e curvas suaves. Mas estou aprendendo que esse tipo faz um monte de coisas de forma diferente.

Suas palavras me fizeram rir baixinho e as lágrimas sumiram. Então deslizei meus braços em volta do pescoço dele e cheguei mais perto para sussurrar a mais pura verdade no seu ouvido:

— Estou satisfeita que você está em casa, marido.

Seus braços me deram um aperto e, no meu ouvido, perguntou:

— Quão satisfeita?

O agarrei mais apertado e respondi com sentimento.

— *Muito.*

Sua mão deslizou pelas minhas costas até envolver o meu pescoço e ele respondeu:

— Se é assim, pequena esposa, agora gostaria que você me mostrasse quanto.

Ergui a cabeça e olhei para ele, vendo que seus belos olhos verde oliva tinham mudado, de uma forma que gostei muito.

— Certo — suspirei.

Ele sorriu de forma maliciosa, em seguida, levantou da cadeira me levando com ele e me carregou para a cama, onde não demorei para mostrar o quão feliz eu estava por ele ter voltado.

Basta dizer que eu estava super feliz e basta dizer que fiz um grande esforço para convencer Frey desse fato.

E fiquei ainda mais satisfeita porque meus esforços foram bem-sucedidos.

Capítulo 24

Fogo e Sangue

Dois meses depois...

— Frey — Finnie sussurrou na sua boca e deuses, *deuses*, cada vez que dizia seu nome desta forma, desde a primeira vez que fez isso, quando sentiu a suavidade irreal do seu cabelo na cabana, Frey Drakkar sentiu o sussurro da voz da sua esposa dizendo isso direto no seu pênis.

Ela ofereceu o pescoço quando sua cabeça se arqueou para trás, os dedos agarraram seu cabelo, o outro braço o agarrou com força e estremeceu em torno do seu pau quando chegou ao orgasmo.

Frey a virou de costas, o cabelo longo estendido em sua cama, os quatro membros o segurando firme mesmo enquanto ela continuava ofegando através do seu orgasmo e os quadris dele bombeando entre suas pernas.

Ele lutou contra o clímax que ameaçava explodir para que pudesse ver seu belo rosto repleto de prazer, a visão do seu cabelo todo sobre os lençóis, a sensação dos seus braços e pernas segurando-o com força, a tortura radiante dos espasmos do seu sexo em torno do seu pau bombeando, então não conseguiu lutar mais e, depois de cinco estocadas, fortes e profundas, derramou sua semente dentro da sua esposa.

Frey abaixou a testa na cama ao lado dela e focou no corpo macio sob ele, no aperto molhado envolvendo seu pênis, as mãos à deriva ao longo das suas costas, o cheiro da sua pele e repensou seus planos de deixar Hawkvale no dia seguinte e voltar para Lunwyn.

Gostava exatamente de onde estava.

—Tem certeza de que quer ir para casa, esposa?

— Não — ela sussurrou e ele se apoiou sobre o antebraço para olhar para ela, a outra mão se movendo para o lado da sua cabeça, o polegar desenhando círculos na sua têmpora. — Mas há lugares para ir, pessoas para receber, coisas a *fazer*. — Ela terminou com um atraente sorriso saciado.

Essa era a sua Finnie. Seus pés coçavam.

— Esta cama é muito confortável — observou, mas mostrou seu ponto de vista movendo os quadris entre as pernas dela. Depois, observou com satisfação quando suas pálpebras cerraram e os lábios se entreabriram.

Ela levantou a cabeça para encostar os lábios na sua garganta e caiu para trás.

— Você está certo — concordou. — Ela é. Mas também é a cama do seu navio. — Ela sorriu novamente. — Eu gosto dos cobertores de veludo. — Seus quatro membros lhe apertaram, assim como o seu sexo, e um ruído baixo e curto deslizou por sua garganta, o que a fez sorrir um *muito* atraente, *muito* satisfeito sorriso. — E é estreita, por isso temos que nos abraçar — concluiu.

— Nos abraçamos mesmo nesta cama enorme — Frey apontou.

— Na verdade — sussurrou, seus olhos ficando sonolentos e se movendo sobre o seu rosto antes de dizer baixinho: —, se você deseja ficar, marido, estou bem em permanecer aqui.

— E se você quiser ir, esposa, estou bem em ir — respondeu e ela sorriu de novo.

— Então, vamos — ela decidiu.

Frey sorriu em resposta e baixou a cabeça para encostar seus lábios nos dela.

— Sim, minha pequena — disse suavemente depois que levantou a cabeça — nós vamos.

A mão dela subiu pela coluna dele e foi até o seu cabelo, enquanto seus olhos se desviaram para sua boca.

Encostou os lábios nos dele e repetiu baixinho:

— Vamos.

Em seguida, o beijou, desprendeu uma perna do seu quadril, apoiou o pé na cama e se apressou a virá-lo, para ficar deitado de costas.

Permitiu isso porque ela se moveu com ele.

Em seguida, permitiu que sua esposa fizesse o melhor uso da cama, grande e macia.

Mais uma vez.



Frey se moveu através do quarto para pegar as luvas. Após a aula de arco e flecha com Annar, ia levá-la para cavalgar através da sua propriedade e da aldeia uma última vez antes de saírem cedo na manhã seguinte.

De forma distraída, seus olhos se moveram através do quarto que tinha sido o cenário de algumas memórias muito felizes desde que chegaram, quase seis semanas atrás, depois de atracar o navio em Bellebryn, permanecendo naquela pequena cidade-estado por uma semana, porque Finnie estava encantada com seu charme e, em seguida, fazendo seu caminho para Hawkvale, para o seu castelo.

Finnie tinha sido ainda mais Finnie quando descobriu o apelo de Hawkvale (embora o surpreendesse, dizendo que preferia Lunwyn, sentia-se mais em casa lá e preferia as roupas de Fyngaard). Divertia-se a cada segundo que passava em Bellebryn, viajando para o seu castelo e, como sempre com Finnie, não o escondia.

E Frey estava encantado em dar isso a ela.

Mesmo assim, sem Finnie nos seus braços e Frey nos dela, teve que admitir que estava pronto para seguir em frente. Não conseguia se lembrar da última vez que se hospedaram em um lugar por tanto tempo, e

tão agradável quanto era com a Finnie, fazia questão de levá-la em sua próxima aventura.

Seu passo ficou mais lento e suas sobrancelhas se ergueram quando viu um dos pequenos baús da Finnie aberto sobre a cômoda. Joias e bobs de cabelo espalhados e, aparecendo no topo estava um pequeno envelope usado pelos herbalistas para carregar tinturas ou pós para preparar chás.

Frey se moveu para ele automaticamente, sentindo uma leve surpresa. Exceto pelo que ela disse sobre o mal-estar quando discutiram sobre Viola, Finnie nunca tinha se queixado de se sentir doente e sabia que a casca de árvore da adela, usada para o chá, era sempre ritualmente carregada em uma bolsa roxa como um aceno para a deusa, sem mencionar que ela lhe disse que só tinha o suficiente para uma xícara.

Quando chegou na cômoda, viu que havia mais do que um destes pequenos envelopes no seu baú. Na verdade, havia vários. Retirou um, abriu o topo, o levou ao nariz e cheirou uma pitada de citrus, alecrim e gengibre, tudo isso quase esmagado pelo aroma de hortelã.

Seu corpo congelou, mas mesmo assim, calor queimou nas suas entranhas, acendendo um fogo no seu peito.

Ele conhecia esse cheiro.

Pennyrium.

— Maldição! — sussurrou tremendo com fúria.

Sua esposa estava se medicando com o maldito *pennyrium* para evitar conceber sua *criança*, maldição dos deuses.

Sem o seu conhecimento.

E sem, com exceção de uma droga de conversa há muito tempo atrás, que de maneira nenhuma, tinha terminado com uma maldita decisão definitiva, discussão.

E mais, sem a sua permissão.

Inspirou profundamente para acalmar o fogo no seu peito.

Não funcionou.

Em seguida, se lembrou que a sua esposa era de outro mundo. Talvez, no seu mundo, as fêmeas fizessem isso, regularmente.

Mas não conseguia entender. Não podia imaginar qualquer mundo onde uma discussão tão fundamental entre toda esposa e seu marido, especialmente considerando que a maldita concepção de uma criança significava a continuidade das regras pacíficas de todo um bendito reino, pelos deuses e todos os santos, não só teria que acontecer entre uma esposa e o seu maldito marido, mas seria crucial.

E mais, foi ela quem introduziu o assunto em primeiro lugar, maldição. Claramente, em seu mundo, isso era discutido entre os parceiros e decisões tomadas antes de qualquer ação.

Olhou para o pacote em sua mão.

Pennyrium.

Tomado diariamente muito raramente não conseguia impedir uma mulher de ficar grávida. E quanto mais tempo era utilizado, mais tempo levava para os seus efeitos acabarem, depois que era deixado de ser tomado. Em alguns casos, quando as mulheres o tinham utilizado de forma imprudente, por vários anos, ele as tinha deixado estéreis.

Ela podia ter escolhido um método diferente, mas, novamente, se tivesse escolhido, isso significaria entrar em contato com uma bruxa para fazer um feitiço ou falar com ele para convencê-lo a usar uma bainha algo que, na verdade, não tinha intenção de fazer de modo algum com sua maldita esposa, especialmente desde que essa esposa era a Finnie e não estava disposto a proteger seu sexo do dela. Portanto, ter uma barreira maldita entre eles, sem mencionar diminuir o prazer que ela lhe dava.

Ela tinha optado pelo pennyrium.

Inferno!

Frey dobrou o envelope e o colocou de volta no seu baú.

Em seguida, pegou as luvas e saiu do quarto. Não foi, no entanto, lá para fora para assistir Finnie terminar de treinar com o Annar o uso do arco.

Não, encontrou o primeiro dos seus homens que pôde ver, que foi o Oleg, em seguida, ordenou laconicamente:

— Ache o Ruben e o mande até mim, no meu escritório, imediatamente.

Oleg grunhiu, ergueu o queixo e se afastou.

Frey foi para o escritório, que tinha uma janela que dava para o jardim dos fundos, onde Finnie parecia muito tentadora em sua calça justa, com a pele agora bronzeada pelo beijo do sol brilhante de Hawkvale. Ela estava com o arco, seu alvo, agora, há nove metros de distância em vez de seis, onde começou e, como havia melhorado, Annar sentiu que devia aumentar o desafio.

Annar estava atrás dela, Skylar ao seu lado, sua própria meta há seis metros de distância, o arco mais curto e mais fácil para ele manejar.

Frey jogou as luvas sobre a mesa e se voltou para a janela para observar sua esposa.

Ela estava prestando mais atenção ao Skylar do que em sua tarefa como sempre fazia e, ao ver isso a boca de Frey se contraiu ainda mais.

Ela era brilhante com o menino e se recusou a deixá-lo para trás, com a tripulação em seu navio, como Frey normalmente fazia. Disse que queria continuar com suas lições, mas isso era um absurdo. Ela queria tempo para iluminar os lugares escuros que assombravam a alma do menino.

E ela conseguiu. Não fazia milagres, mas cuidava dele com gentileza, cautelosamente e regularmente, lhe dando distância suficiente e se aproximando apenas quando Skylar lhe mostrava um sinal que estava confortável com isso.

Não muito tempo atrás, todo o seu cuidado o convenceu e o menino floresceu.

Inferno, Frey ouviu suas risadas enquanto estavam nesta mesma maldita sala, nem duas malditas horas atrás, enquanto ela estava trabalhando com ele em sua ortografia e números.

Ela seria uma mãe excelente, maldição. Por que estava tomando o pennyrium?

— Frey? — Ruben chamou o seu nome e Frey se afastou da janela para ver o seu homem entrando na sala.

— A porta, Ben — Frey ordenou, Ruben parou, Ihe lançou um olhar e se virou para fechar a porta antes de atravessar o aposento e parar bem perto de Frey.

— Você não parece feliz — Ruben observou.

— Deve ser porque eu *não* estou — Frey respondeu.

Ruben não disse nada.

Frey disse.

— Lá em cima, no baú da Finnie sobre a cômoda, você vai encontrar vários envelopes de pennyrium. — Ruben piscou, seu peito se expandiu com a grande inspiração e cruzou os braços sobre ele, mas Frey continuou falando. — Conte-os. Depois, vá até o herbalista na aldeia. Peça para criar um pó que se assemelhe bastante com a aparência, o cheiro e o gosto do pennyrium, mas não tem nenhuma das suas propriedades medicinais. Compre a quantidade exata do mesmo número exato de envelopes e depois os troque pelos que estão no baú da Finnie. Em seguida, se desfaça imediatamente dos que estão naquele baú.

Ruben não se moveu e também não falou.

— Ben, isso tem que ser para hoje. Partimos no dia seguinte — Frey solicitou.

— Acho que você não sabia que a Finnie usava pennyrium — Ruben comentou.

— Você presumiu corretamente.

Ruben acenou com a cabeça, mas ainda não se moveu.

— Ruben — Frey grunhiu.

— Você se lembra da Olivia — Ruben afirmou.

Frey lembrava, por isso sua mandíbula se contraiu e cruzou os braços sobre o peito, também.

— Não chamei você aqui para uma palestra, Ben, o chamei para lhe dar uma ordem.

— Sou um dos seus homens, Frey, mas também sou seu amigo — Ruben respondeu. — E, como seu amigo, o conselho a chamar sua esposa para uma conversa, em vez de mudar seus planos às escondidas.

O calor no peito de Frey se intensificou.

— Aprecio você tomar seu tempo para me dar sua opinião, independentemente que não a pedi — Frey disse suavemente, seu tom de voz inconfundível e Ruben não o confundiu, se conheciam há mais de uma década e o ouviu muitas vezes.

Ainda assim, o ignorou.

— Frey — Ruben respondeu suavemente — Olivia tomou essa decisão por nós. Sim, se ela não tivesse tomado, eu não teria o Lincoln. E sim, agora, sete anos mais tarde, não posso imaginar minha vida sem o Linc. O que posso dizer é, quando assumi que estava tomando pennyrium, como disse a ela para fazer e ela não estava, ela fez essa escolha por conta própria, agiu sem o meu conhecimento e me disse que estava carregando o meu filho, fiquei longe de estar feliz. Você sabe disso. Você e o Thad foram chamados para me tirar do chalé dela quando o nível da minha raiva apagou meu bom senso depois que a notícia me foi entregue. Exorto-o a pensar sobre como a Finnie vai se sentir se souber que você fez, essencialmente, o mesmo.

— Eu lembro disto, Ruben, e sua raiva era justificada — Frey retornou. — Ela era sua mulher, você é homem e você tinha o direito de tomar essa decisão, não ela. Você a tinha informado da sua decisão sobre o pennyrium e ela não se curvou a essa decisão. Sua reação não foi errada e sua raiva, *sim*, apagou o seu bom senso na hora, embora ela não tenha sentido o poder da sua mão e muitos dos homens acharam que ela devia ter sentido. No entanto, você também não levou as coisas como devia. Respeitei sua decisão e entendi que você não queria que a mãe do seu filho passasse o período da gravidez em serviço vinculado ao reino

dela. Sua clemência salvou Olivia dessa sentença, mas a decisão de Olivia a fez perder *você* pois nunca voltou para sua cama e, ouvi dizer que nenhum homem o faz com medo do mesmo acontecer a ele.

O peito do Ruben se expandiu novamente quando admitiu este ponto, não verbalmente.

Frey continuou.

— *Minha* mulher é uma princesa, cujo dever é com o nascimento do futuro rei do nosso país. Ela não nasceu assim, mas não significa que não saiba disso. Ela sabe. Ela sabe disso muito bem. Sou o pai do futuro rei, mas mesmo que eu não existisse, sou homem e a decisão de esperar ou não, é *minha*. Ela deve entender isso, porque discutimos isto logo após o casamento, foi ela quem introduziu a discussão, mas nenhuma decisão foi tomada. *Ela* usa o pennyrium às escondidas, pois nunca o tomou diante de mim e é meu direito fazê-la desistir de usá-lo e é minha escolha a maneira como faço isso.

Ele parou e encarou o olhar do amigo antes de terminar.

— E esta é a minha escolha, Ben. Vá para o herbalista na aldeia e faça com que o pennyrium da Finnie seja destruído.

— A Finnie é de outro mundo, Frey, e, embora esteja aqui há algum tempo, ainda está se acostumando ao nosso. Ela está errada em sua decisão, mas essa decisão é compreensível. — Ruben disse calmamente e quando Frey não deu nenhuma resposta, ele continuou calmamente. — Companheiro, não posso evitar, mas acho que isso é uma má ideia.

— A má ideia foi da Finnie, estou retificando — Frey respondeu.

Ruben hesitou. Frey perdeu a paciência.

Portanto, ordenou:

— Ben. *Vá*.

Ruben respirou fundo novamente, acenou com a cabeça, em seguida, se virou e saiu da sala.

Frey se virou para a janela e viu sua esposa puxar a flecha para trás e atirá-la.

Com a prática diária, não só teve seu alvo colocado mais distante, mas seu objetivo tinha aumentado de verdade. Todas as suas flechas estavam cravadas no círculo do alvo e a última que ela acabou de lançar não foi diferente.

Respirou profundamente, uma inspiração calmante que, com o Ruben em sua missão, na verdade, o acalmou.

Sua Finnie, ele sabia, teria algum motivo para fazer o que fez. Podia ser uma razão temerária, mas era provável que *ela* não achasse isso.

E ele se determinou a conversar com ela em alguma data posterior, quando a sua ira não estivesse tão perto da superfície.

E essa data posterior seria por volta da época em que ela perdesse seu primeiro ciclo e ele soubesse que sua semente tinha semeado seu ventre, e ela estaria ainda mais ligada a ele por meio do seu filho e o futuro do reino estaria assegurado.

Ouviu uma batida na porta, se virou para ela e falou:

— Entre.

Em seguida, observou a governanta da mansão entrar, parar e anunciar:

— Há uma mulher aqui que diz que precisa falar urgentemente com a princesa.

Frey respirou fundo novamente.

Disso, ele não tinha dúvida. Como em Houllebec, Finnie não perdeu tempo fazendo amizade com quase todos na aldeia. Não era incomum que uma mulher viesse chamá-la para tomar um café ou vinho, e sua esposa e ela podiam cacarejar sobre o que quer que seja que as mulheres cacarejavam.

A urgência da mensagem, no entanto, o surpreendeu um pouco.

— E ela é? — Perguntou Frey, embora realmente não se importasse.

— Diz que seu nome é Agnes. Ela é da terra dela, meu senhor — a governanta respondeu, mas diante das suas palavras, a queimadura nas entranhas e no peito de Frey sumiu, enquanto o gelo envolvia suas entranhas e depois se alastrou por suas veias.

— Traga-a até mim imediatamente, e ela não pode ser vista nem ver a minha princesa — Frey ordenou.

A governanta assentiu e correu para fora.

Frey levou a mão ao pescoço e seus dedos o apertaram. Não voltou a olhar para a janela. Esperou que a bruxa entrasse pela porta.

Quando o fez, abaixou a mão e esperou a governanta fechá-la atrás dela.

— Pensei que tinha sido claro — declarou em voz baixa, os olhos presos aos olhos azuis desbotados dela.

— Você deixou, Drakkar — ela respondeu bem tranquilamente.

— Se isso é verdade, você está aqui por quê? — perguntou.

— Tenho uma mensagem urgente para a sua Finnie — disse a ele.

— E você fez isso na última vez que nos falamos, em Lunwyn. E minha mensagem para você é que não verá ou falará com a minha esposa — Frey respondeu.

O que, agora, já haviam se passado meses, poucos dias depois de Frey e Finnie discutirem sobre Viola, Stephan tinha interceptado a bruxa Agnes quando visitou o Palácio de Inverno e pediu para falar com a princesa. Por razões óbvias, seus homens vetaram quem fez tal demanda. Ao ouvir que ela estava lá Steph sabiamente a levou até Frey.

Demorou algum tempo, mas Frey finalmente a tinha convencido de compartilhar a mensagem que ela tinha para Finnie e esta era uma mensagem que Frey não tinha, desde aquela época, entregue à sua esposa, ainda. A mensagem era que a bruxa do mundo da Finnie, uma mulher chamada Valentine, tinha descoberto que os elfos a enfeitiçaram e tinha se comunicado com esta Agnes para avisar a Finnie que isso tinha

acontecido e aguardava instruções sobre o que deveria fazer no seu mundo para regularizar a situação.

Frey tinha, na época, mentido para Agnes dizendo que Finnie estava bem ciente que isso tinha acontecido e estava feliz em permanecer no seu mundo. E tinha pago a ela para comunicar o mesmo para a tal Valentine.

Também tinha avisado para não a ver ou tentar falar com a Finnie, sem vê-lo primeiro. Pagou por isso também. Também deixou muito claro o que aconteceria se ela quebrasse o acordo.

Desde então, é claro, ele e a Finnie tinham conversado sobre de onde ela veio e sua mentira tinha virado realidade.

Frey sabia, no mais profundo do seu ser, mais e mais, a cada momento passado com sua esposa, que ela estava satisfeita por ter se arriscado nessa aventura e, no final, estava ligada a ele como esposa e, portanto, ao seu mundo.

O que faria Agnes viajar para Hawkvale e se arriscar a comunicar, não conseguia entender nem queria saber.

Mas não tinha escolha, a não ser descobrir.

E sua preocupação era que algo tivesse acontecido a um dos amigos de quem sua esposa falava tão amorosamente. Isso era algo que faria com que a Finnie sofresse pois ela era muito emotiva, especialmente quando vinha a se preocupar com alguém, mesmo quando mal conhecia.

E se houvessem problemas, Finnie sofreria. E se sentiria pior por não poder retornar e fazer alguma coisa para ajudar.

E ele não queria que a sua mulher se sentisse desconfortável, mas se isso tivesse acontecido, era impotente para ajudá-la, exceto oferecer o pescoço para ela soluçar, embora soubesse que sua presença acalmava, também sabia que, nesse caso, isso não ajudaria em nada.

— Sim, Drakkar, mas são tantas notícias — Agnes respondeu.

— E essas notícias são? — Frey perguntou.

— A princesa Sjöfn, do nosso mundo — fez uma pausa — muitas coisas estão acontecendo.

O corpo de Frey enrijeceu, enquanto os fragmentos irregulares do gelo que deslizavam por suas veias começaram a perfurá-lo.

— E o que foi que a princesa Sjöfn do nosso mundo fez? — Frey perguntou.

A bruxa deu dois passos na direção dele, se inclinou e sussurrou:

— Drakkar, a princesa é uma *guenipe* — a mulher falou, pronunciando a palavra que usavam para descrever lésbica.

Frey relaxou instantaneamente.

— Estou ciente disso.

As sobrancelhas da bruxa se ergueram, então ela falou:

— A princesa Finnie...

Ele a cortou.

— Minha esposa também está ciente disso.

Ela se inclinou para trás, visivelmente surpreendida com esta notícia e o examinou.

Em seguida, declarou:

— Pode ser possível e a Valentine relata que os flertes são discretos, mas, no entanto, está vivendo a vida da sua esposa nesse outro mundo e não importa quão discreta seja, o segredo tem uma maneira de escapar. Valentine me disse que lá não é como aqui. Há pessoas que não aceitam as *guenipes*. Há até mesmo aqueles que são contrários a elas de forma violenta.

Finnie lhe contara este fato curioso sobre o seu mundo, algo que não compartilhava por si mesmo. Frey não tinha nenhum problema com *guenipes*, a não ser, é claro, que tivesse prometido se casar com uma.

— Isso é verdade, bruxa, mas como a Finnie nunca vai voltar para aquele mundo, não importa.

— Talvez, ela não vá concordar — Agnes sugeriu.

— Posso lhe assegurar que ela já sabe e não se importa — Frey declarou, em seguida, cruzou os braços sobre o peito e suas sobrancelhas se ergueram. — Você viajou esse caminho todo desde Lunwyn para isso?

Ela balançou a cabeça.

— Não. Esta não é a única notícia. Não é nem a metade disso.

Maldição, pelos deuses.

— Desembuche — ele cortou.

— Houve muitas comunicações, para lá e para cá. *Muitas* comunicações — ressaltou. — E a princesa Sjöfn está ciente dos perigos que a princesa Finnie enfrentou, incluindo as tentativas de assassinato.

— E? — Frey solicitou.

— E ela está se sentindo muito culpada sobre estes perigos — seu rosto ficou um pouco duro antes de continuar —, como deveria. Através das nossas comunicações, tanto Valentine quanto eu, nos tornamos cientes de que a princesa Sjöfn está longe de ter sido franca com a sua Finnie.

Depois disso, a bruxa não disse mais nada.

— E isso é importante porque ... — Frey perguntou, perdendo a paciência.

— É importante porque a culpa está crescendo. Ela está se tornando frenética sobre estes perigos sob os quais colocou Finnie. Está seriamente preocupada que algo vai acontecer com ela. A princesa Sjöfn é altamente treinada e, com razão, sente que está melhor equipada para lidar com essas ameaças, como já provou no passado. E posso lhe garantir, Drakkar, que a comunicação não é fácil para mim, e não é barata para a princesa Sjöfn. Toda vez que envia uma mensagem através da Valentine, paga caro por isso e as mensagens estão chegando, uma atrás da outra.

Quando ela parou de falar, Frey levantou as sobrancelhas, ao ponto de não precisar perguntar novamente.

— Drakkar — ela retrucou — não é a moeda *dela*, que a princesa Sjöfn está usando. É a da sua Finnie.

— Mais uma vez, isso não importa — Frey respondeu. — Finnie não faz mais uso dessa moeda. Ela é minha e minha moeda e minhas propriedades são dela. E, mulher, vou lembrá-la que ela ocupou o lugar de Sjöfn e é agora uma princesa, com seus próprios fundos e bens e proprietária do seu maldito palácio.

— Isso pode ser verdade, Drakkar, mas estou dizendo a você, a culpa da Sjöfn está aumentando. Ela, agora, está falando em pagar à Valentine para mandá-la *de volta*.

Frey sentiu o gelo se desintegrar quando o fogo voltou.

— Pelos deuses, você está brincando — sussurrou.

— Não — ela balançou a cabeça. — Valentine está se recusando, até ouvir a opinião da Finnie. Mas a princesa Sjöfn está tornando a recusa difícil para ela, pois está oferecendo três milhões do que eles chamam de “dólares” e, pelo que descobri através da Valentine, esta moeda é suficiente para sustentar um único ser em uma vida de opulência por *décadas*.

— Minha princesa está presa aqui e Sjöfn está presa lá pela magia dos elfos — Frey lembrou.

— Valentine é poderosa, Drakkar. Não posso afirmar com certeza se ela pode contornar uma magia élfica. O que posso dizer é que eu sinto o seu poder e se alguém pode, esse alguém é *ela*.

Deuses, *maldição*.

— E se ela fizesse a Sjöfn voltar para cá, isso significaria que a minha princesa iria para lá? — Frey perguntou.

A bruxa balançou a cabeça.

— A oferta não é para a princesa Finnie retornar ao seu mundo, mas apenas da Sjöfn voltar para cá.

— Ela não pode voltar — Frey declarou.

— Eu *sei* disso, Drakkar, mas ela está determinada.

— Então, diga a esta Valentine para dizer à Sjöfn que se ela voltar, vou fazer com que ela se sente em um tribunal secreto para ouvir o depoimento da sua traição após o qual, quando o julgamento for aprovado, ela vai enfrentar uma execução privada. Seus pais concordam que suas ações egoístas a marcaram como traidora do reino e da coroa e, se eles fizerem isso, qualquer cabeça de uma Casa escolhida para ser juiz no tribunal, também o fará. Tudo isso será feito sem qualquer problema e as quatro pessoas envolvidas saberão o que foi feito, além, é claro, do seu carrasco. Sjöfn será enforcada por seus crimes, mas ninguém ficará confuso, pois Finnie continua sendo a princesa, e então será a mãe do rei. Suspeito que essa notícia acalmará suas tentativas desesperadas de voltar e fazer as pazes com suas ações traiçoeiras.

— Concordo — Agnes disse baixinho, os olhos de novo levantados para ele —, mas você não acha que a sua esposa deve ter algo a dizer em questões de tão grande importância?

— Não — Frey respondeu de imediato.

Ela o examinou de perto e, novamente, sentiu que ela não concordava.

Ele não se importava.

Então, agindo com sabedoria, ela declarou:

— Há mais uma coisa que você precisa saber.

Frey esperou.

Ela respirou fundo e declarou:

— Valentine é uma bruxa poderosa.

— Você já explicou isso — Frey respondeu e, assim como ela, os elfos também eram.

Agnes continuou.

— Ela é uma bruxa, não vidente — fez uma pausa, em seguida, anunciou —, mas eu sou as duas coisas.

Com um olhar para o seu rosto, o fogo morreu e o gelo retornou.

— Fale — ordenou.

Ela inspirou profundamente, em seguida, exalou em um sussurro:

— Drakkar, vejo fogo e sangue e vejo isso em torno da sua Finnie.

O corpo de Frey ficou paralisado, assim não pôde nem recuar, diante dessa notícia.

— Fogo e sangue? — perguntou em voz baixa.

— Fogo do dragão — sussurrou —, o calor tão intenso, que construções estão derretendo. E o sangue, é tanto, que suas botas estão sobre rios do mesmo. Sonho com isso, sonho com isso todas as noites, não consigo parar de sonhar com isso.

— Eu controlo os dragões — Frey lembrou a ela, em voz baixa.

— E, nos tempos antigos, quando o Drakkar chamou os dragões para o seu dever, nos foi dito, e todos sabem, que nenhum inocente pereceu na linha do seu fogo.

Frey ficou em silêncio enquanto o gelo, novamente, gelava suas veias.

Agnes continuou.

— É um pensamento terrível, horrível de se falar e pior ainda para você, que tem que tomar a decisão, mas acredito que deve repensar no retorno da Sjöfn e que seja ela enfrente este futuro, e não a sua Finnie.

— Você está falando de assassinato — Frey respondeu, suas estranhas se retorcendo com nojo.

— Você mesmo disse que se ela voltasse iria enfrentar uma execução certa — Agnes retorquiu.

— Execução, bruxa, não é assassinato — Frey a interrompeu.

Ela ergueu o queixo lhe dando razão, em seguida, disse:

— Eu tenho essa visão, eu sonho esse sonho, não sei se é Sjöfn ou Finnie que está no fogo e no sangue. Também não sei o resultado. O fogo a rodeia, o sangue flui sob suas botas. Mas sei que isso vai acontecer, Drakkar. Nunca, nem uma vez desde que comecei a sonhar com as visões, desde que era uma menina, não se tornaram realidade. — Ela suspirou ruidosamente e concluiu. — Lamento, mas esta é uma

escolha sua. Se você impedir o retorno de Sjöfn a este mundo, deve orar para Keer tomar a princesa Finnie e *seus* destinos em suas mãos ou tomar a decisão terrível de colocar a Sjöfn naquele fogo. Mas a escolha é sua.

Frey a estudou.

Então, perguntou:

— Você diz que não vê o resultado?

Balançou a cabeça e confirmou.

— Não.

— E como é que a Finnie ou a Sjöfn chegaram neste lugar?

— Não vejo isso também, Drakkar.

— Ela está sozinha ou cercada por homens, guardas, soldados?

Balançou a cabeça novamente e repetiu:

— Não vejo isso, também.

Frustração se arrastou até sua garganta e grunhiu.

— Esta visão não é muito útil.

As costas dela se empertigaram imediatamente.

— Não sou uma cartomante, assim como elas não existem — retrucou. — Sou uma vidente. Não controlo as visões, elas vêm até mim. Isto foi o que eu vi, isso é grave e, por isso, viajei muito para informá-lo, mas isto foi *tudo* o que vi.

Naquele momento, um alto clamor feminino de prazer atravessou o aposento e Frey se voltou para as janelas.

Finnie estava pulando para cima e para baixo, com os braços ao redor do pescoço do Annar, com uma mão ainda segurando o arco. Seus movimentos eram tão animados que as flechas na aljava amarrada às suas costas estavam cascadeando na grama verde sob os seus pés. Annar estava parado com os pés plantados firme no chão, as mãos na cintura, mas a exuberância dela sacudia seu corpo. Ele estava de perfil, mas Frey podia ver o largo sorriso do seu homem.

Finnie se separou rapidamente do Annar, se virou para encarar um Skylar animado, jogou ambos os braços no ar ainda segurando o arco e gritou seu prazer novamente, antes de se curvar e pegar o Skylar em um abraço apertado, sacudindo-o de lado a lado enquanto Frey a ouviu gargalhar.

O riso juvenil do Skylar se misturou ao dela.

Os olhos de Frey se moveram para o alvo da Finnie e viu que as flechas tinham sido retiradas. Agora, havia apenas duas.

Uma no círculo do alvo.

Outra bem no meio dele.

Ele sentiu seus lábios se curvarem em um sorriso.

Ela tinha conseguido.

Fogo e sangue.

O sorriso de Frey morreu. Em seguida, se virou para a bruxa.

— Você já comeu?

Ela piscou, em seguida, perguntou:

— O quê?

Seus olhos se moveram sobre ela, sobre o vestido desgastado e empoeirado.

— Você viajou muito, já comeu?

Balançou a cabeça e disse:

— Estava com pressa, comecei minha jornada na hora que descobri pela Jocelyn da Finnie, que você estava no castelo. Cavalguei muito, comi pouco e dormi menos ainda devido à minha pressa e essa visão. Então, não, Drakkar, desde ontem não tenho uma refeição.

Ele assentiu e declarou:

— Vou pedir uma refeição para você. Você tem três horas para comer, se lavar e descansar. Então, vai partir com um dos meus homens. Você vai cavalgar rápido para Bellebryn e embarcar no primeiro navio com destino a Lunwyn. Você vive em Fyngaard?

— Bem do lado, sim.

Frey assentiu novamente.

— Você vai voltar para casa, meu homem vai acompanhá-la e vai se preparar para ficar afastada por algum tempo. Finnie e eu partiremos ao amanhecer, voltaremos para Lunwyn. Vamos primeiro ao Rimée Keep para ela poder ver seus pais. Meu homem vai levá-la até lá. Vamos ficar lá uma semana, talvez duas, então vamos para minha casa da montanha, em Kellshorn. Você vai nos seguir.

Suas sobrancelhas se ergueram:

— Mas, eu não enten...

Frey impacientemente antecipou a pergunta dela e, portanto, respondeu antes que terminasse de perguntar:

— Para que eu saiba de tudo imediatamente, quero você por perto em todos os momentos, se receber mais comunicações do outro mundo, tiver algum sonho que lance mais luz sobre uma situação que tema que recairá sobre minha Finnie ou algum sonho que você tenha sobre a Finnie, afinal. E quero que você use seus poderes para proteger a minha esposa. — Ele fez uma pausa e acrescentou. — Por estes esforços, você será paga.

— Não há nenhuma proteção contra o fogo do dragão, Drakkar, você sabe disso — Agnes afirmou calmamente.

— Finnie enfrenta uma variedade de perigos, bruxa, e *há* proteção para esses — Frey respondeu.

A bruxa assentiu.

Em seguida, deu um passo na direção dele, seu olhar ficou cauteloso, mas sua boca se abriu para falar.

— Não há dragões no outro mundo, Drakkar.

O corpo de Frey ficou rígido e fez isso porque entendeu o seu significado.

— Você fala de traição — ele sussurrou.

Ela apertou os lábios, claramente hesitante, mas continuou.

— Sim, e o faço por um motivo. Há alguns casais como você e a sua Finnie neste mundo *ou* no dela. Tão poucos, são tão raros, são preciosos e precisam ser protegidos a todo custo. Valentine pode ser capaz de quebrar o feitiço dos elfos e pode levar a sua Finnie e você para o outro mundo, onde estarão seguros. Se a princesa Sjöfn não acabar com tudo, sua princesa tem os meios para vocês viverem lá confortavelmente a totalidade dos seus dias e...

Frey se inclinou na direção dela e a interrompeu.

— Bruxa — cortou, seu tom feroz — você... fala... em... *traição*.

Ela se inclinou ligeiramente para trás e apertou os lábios, mas Frey continuou.

— E a traição é hedionda, mas o que você fala é pior. Se eu remover a Finnie deste mundo, uma criança meio elfo, meio dragão, não vai se sentar no trono de Lunwyn como nossos deuses desejam, nossa terra coberta de geada voltaria a desabar em tumulto, os dragões perderiam seu Drakkar e permaneceriam no sono em suas cavernas só os deuses sabem por quanto tempo. O fato de que eu *sou* O Drakkar significa que há uma ameaça iminente para todos em Lunwyn, a qual fará com que seja necessário despertar os dragões. E, por último, os elfos seriam novamente traídos pelo Frey e, por isso, pode desaparecer por mais sete séculos ou pior, podem nunca mais aparecer novamente. E você sabe que quebrar o feitiço significaria um sacrifício, os elfos vão exigir isso como lhes é devido, antes de se retirar para o seu reino. Não sei qual sacrifício vai ser, mas *sei* que vai ser terrível. Os deuses escolheram Finnie para mim, e eu para Lunwyn. Nossos destinos estão ligados e esta ligação é para o futuro de Lunwyn. Não podemos abandonar nossa terra. Isto *não vai* acontecer.

Ela deu um passo para trás, seus olhos se moveram para o tapete e balançou a cabeça, mas ele viu suas mãos tremendo de medo, como deviam. Era necessário ter muita coragem para sugerir que traísse seu país, suas responsabilidades e os elfos.

Mas fez isso para defender um porto seguro para sua esposa.

— Vou esquecer que sugeriu isso —Frey falou calmamente.

— Obrigada, Drakkar.

Frey continuou falando baixo e quando o fez seus olhos se moveram de volta para ele.

— Como você pode ver, temos que fazer tudo o que pudermos para manter a minha princesa segura.

Agnes assentiu.

— Vai ser uma honra servir o Drakkar e sua noiva do gelo.

— Meus agradecimentos — Frey respondeu, observou-a suspirar, em seguida, declarou: — Vou providenciar sua refeição e um banho. Você partirá em três horas.

Agnes assentiu novamente.

Frey se moveu para a porta murmurando:

— Tenha uma viagem segura, te vejo em Snowdon.

Ele não esperou pela resposta dela.

Foi em busca da governanta.

Em seguida, foi direto para sua esposa.

Capítulo 25

Acertando o Sino de Forte Tinido

Dois dias depois...

Eu estava no parapeito do deque da ponte, na popa do *Finnie*, e olhei para o azulejo de terracota que cobria as construções de tijolos com seus toldos de cores vivas, vasos de flores profusas, lampiões multicoloridos de ferro forjado com capricho, todas ao longo do caminho até a colina onde, no topo, havia um castelo de conto de fadas inacreditável.

A cidade-estado de Bellebryn.

Eu observava tudo lentamente ficar menor à medida que navegávamos.

Era a primeira vez que a via há quase dois meses e, naquele momento, era o lugar mais bonito que já tinha visto na vida. Não existia nada como isso no meu mundo, nem mesmo chegava perto.

Exceto em filmes de animação para crianças.

Sim, sério, era uma cidade que apenas as mentes mais lunáticas e artísticas podiam criar.

Era incrível.

Mesmo tão surpreendente quanto era, estava satisfeita por estarmos indo para casa, para Lunwyn, o prazer de virar a página para uma nova aventura, o prazer de voltar para os meus pais, mas acima de tudo, o prazer de embarcar porque algo estava incomodando Frey.

Podia lê-lo facilmente, mas por alguma razão, seu estranho, suave e sombrio humor que mostrava há mais de dois dias, não conseguia ler. E depois de perguntar (quatro vezes) e receber a resposta “Nada está

errado, minha pequena” (quando algo *estava*) meu único palpite era que meu Raider, assim como eu, estava louco para estar em movimento.

— Sky. — Ouvi e olhei para o Skylar que estava de pé ao meu lado no parapeito, com os olhos na bela Bellebryn desvanecendo. Mas ele, assim como eu, se virou para ver o Orion caminhando na nossa direção. — Espada, garoto, agora. O sol vai se pôr em breve e você não praticou nada hoje. Deque do meio, quinze minutos — Orion ordenou.

Sky assentiu para ele. Orion acenou com o queixo para Sky, olhou para mim e sorriu, se virou e deixou o deque da ponte.

Skylar olhou para mim com olhos brilhantes, animados e perguntou:

— Alguma coisa que você precisa na cabine, senhorita Finnie?

Balancei a cabeça e sorri para ele.

— Não, querido, pode ir. Estou bem.

Sorriu amplamente, então partiu correndo.

Meu sorriso desapareceu enquanto o observava sair. Frey tinha me informado que a espada e o trabalho com a faca estavam sendo adicionados às aulas de arco e flecha, de matemática, de ler e escrever do Skylar. Punhais e espadas de madeira que podiam causar pouco dano se ocorressem erros, tinham sido comprados para este fim.

Não gostava disso e disse ao Frey. Arco e flecha era uma coisa; Sky era jovem demais para estar lidando com armas, espadas e adagas, que definitivamente eram armas, mesmo de madeira.

Diante disso, Frey me informou que nas próximas semanas Skylar faria doze anos e, em seguida, me informou que isso não era muito jovem. Discordei disso também, pensando que tais lições deveriam começar quando tivesse quinze ou dezesseis anos.

Ou trinta.

Quando compartilhei essa opinião, Frey riu até quase cair da cadeira. Infelizmente, Thad e Stephan estavam com ele e riram até quase caírem, também. Irrompi para fora em um acesso de raiva depois de

lançar um olhar soltando faíscas para eles, o que não foi uma boa escolha, porque fez com que todos *continuassem* a rir, ainda mais.

Skylar, no entanto, concordava com o Frey e estava animado além da razão para começar suas aulas como qualquer outro garoto estaria, aprender coisas de garoto legais pra caramba, de heróis de ação do tipo treinados, experientes, habilidosos, altos, sarados e quentes.

Assim, eu era minoria.

Ouvi o som de botas na madeira e torci o pescoço para ver Frey vindo na minha direção, do outro lado do deque. Sorri para ele e seu olhar desceu para a minha boca, em seguida, voltou para os meus olhos. Comecei a me virar para ele, mas ele me impediu quando chegou perto de mim, suas mãos me virando suavemente para encarar a bela Bellebryn sumindo, com os braços à minha volta, um sobre o meu peito, outro na minha cintura.

Então sua boca foi até o meu ouvido e soube que conhecia meus pensamentos, porque sussurrou:

— Como expliquei, amor, garotos da sua classe, por vezes, nem sequer aprendem sobre letras e números. Saber isso, sobre o funcionamento de um navio e ter habilidade com facas, espadas e arco e flecha vai iluminar o seu futuro. Quando for velho o suficiente para tomar decisões sobre o caminho de vida que deseja seguir, essas lições irão fornecer uma escolha dos caminhos, caminhos que a maioria dos garotos da sua classe nunca poderiam esperar seguir. É bom que os homens desejem aproveitar este momento com ele. É uma bênção e ele sabe disso. — Os braços de Frey me deram um aperto. — E eles são hábeis; nenhum dano acontecerá a ele enquanto treina.

Ele já *tinha* explicado isso. E fazia sentido.

Ainda assim, eu não gostava.

E era mais do que a minha opinião de que meninos com a idade do Skylar eram jovens demais para começar a treinar a sério com armas, outra coisa que expliquei ao Frey antes.

Assim, já que ele se repetiu, também fiz o mesmo.

— Ele tem onze anos e ainda é vulnerável, Frey — sussurrei. — Annar tem treinado com ele e ainda se assusta quando ele se move. Fica tão tenso ao menor erro que leva dias para acalmá-lo.

— Isso vai passar, Finnie — Frey sussurrou de volta.

— Mas...

Seus braços me apertaram suavemente, me interrompendo e sua voz soou no meu ouvido.

— Isso vai passar, pequena. A única maneira de fazer passar é trabalhar nisso.

Respirei fundo. Então soltei a respiração.

Isto fazia sentido também, danação do inferno.

Desisti (novamente), sussurrando:

— Tudo bem.

Senti os lábios de Frey tocarem de leve o meu pescoço e em seguida, no meu ouvido, ouvi:

— Tudo bem.

Relaxe em seu grande e poderoso abraço e corri minhas mãos ao longo dos seus braços até que meus dedos se entrelaçaram nos dele e observei Bellebryn tornar-se minúscula enquanto *O Finnie* se afastava.

— Estou feliz por estar a bordo novamente. Isso significa que vou ter sua barba de volta — falei.

Senti o corpo de Frey enrijecer atrás do meu e a diversão na sua voz quando perguntou:

— O quê?

Mantive meus olhos à distância quando repeti:

— Vou ter sua barba de volta. Ainda não decidi se acho que você é mais bonito com a barba ou sem ela. Estou feliz que vou tê-la de volta, então vou ter outra oportunidade para tentar descobrir isso.

Isto era verdade, mas também era uma mentira, porque nunca ia descobrir.

Isso me fez receber outro aperto e uma risada baixa e curta, em seguida, falou:

— Sempre que você a quiser de volta, minha Finnie, só precisa dizer. Fazer a barba é um pé no saco e tenho o prazer de ter um descanso.

— Tudo bem então — concordei. — Vou lhe avisar quando estiver no clima para bigodes.

— Meus agradecimentos — murmurou, a voz ainda divertida, mas algo pesava sobre ele, podia ouvir, ainda podia sentir isso.

Só não sabia o que era.

Exceto que sabia que tinha a ver comigo.

Os últimos dois meses tinham sido perfeitos, navegando para o sul sobre as águas cor de esmeralda do Mar Verde. Os dias cada vez mais e mais quentes, sentindo o sol brilhar na minha pele, experimentando a beleza de conto de fadas de Bellebryn e a terra da fantasia de tirar o fôlego que era Hawkvale, fazendo novos amigos, comendo alimentos novos, trabalhando com Skylar e vendo o progresso quando sua tensão diminuiu e sua personalidade começou a fluir.

Sem falar que tinha acertado meu primeiro alvo bem no meio.

E tudo isso aconteceu com o meu belo marido gentil, rápido em sorrir, rápido em gargalhar, que gosta assim como eu, do calor do sol, dos dias mais longos, da comida, das paisagens, das pessoas e de estar comigo.

E não reclamou sobre isso.

Como sempre, saiu muitas vezes em suas próprias tarefas, mas estas eram rápidas quando não me tinha por perto. E como os nossos dias deslizaram e, com eles, nosso tempo, nada havia esfriado, nada havia desaparecido, na verdade, tudo, incluindo o tempo que passamos sozinhos e nus, aquecidos, ficou mais brilhante, mais intenso.

Tudo isso, disse a mim mesma, significava que Frey devia me amar.

Tinha que ser.

Só não tinha me dito.

Portanto, eu também não tinha contado a ele.

E, considerando que estávamos de novo em alto mar, estávamos novamente em movimento, estávamos prontos para enfrentar o que viesse a seguir e aquele peso ainda estava no seu tom, me perguntava se era porque estava me esperando dizer para que ele pudesse dizer.

Era um cara viril, quente, um cara de ação e, embora nunca tenha se esquivado de demonstrações de afeto tanto físicas quanto verbais, talvez declarar seu profundo e permanente (pois da minha parte era ambos e da parte dele *tinha* que ser também) amor era um pulo muito longe e ele precisava que eu garantisse a ele que esse sentimento era mútuo.

Mas estava nervosa com a ideia de colocar isso para fora, mesmo que Frey não me desse nem uma única indicação de que devia estar.

Ainda assim, estava.

Mas não devia.

No entanto, estava.

Merda.

Merda!

Prendi a respiração e deixei o verde esmeralda do mar e o verde da costa encherem minha visão.

Sussurrei para o meu marido:

— Estamos quebrando a regra fundamental.

— O quê?

— A regra fundamental, a regra mais importante que existe e que você nunca, nunca pode quebrar — expliquei.

— E qual é a regra importante que estamos quebrando, pequena Finnie? — Frey perguntou.

Estudei a vista e respondi:

— Papai sempre disse: nunca olhe para trás. Sempre olhe para a frente. Sempre olhe onde está indo; nunca perca tempo com o lugar que você esteve. Você já esteve lá, então não precisa fazer isso e desperdiçar qualquer momento, mesmo um sopro é um erro. As memórias dos bons tempos podem ser compartilhadas, mas precisam ser compartilhadas enquanto seus olhos estão no horizonte, olhando para a frente. Não importa aonde vamos, mas quando sairmos não olhamos para trás. Quando eu era jovem, ele transformou isso em um jogo. No momento em que cresci, fiz disso um hábito, nunca olhando para trás, nem mesmo um piscar de olhos. — Suspirei suavemente e concluí. — E agora estamos olhando para trás. Papai ficaria desapontado.

Mal tinha terminado de falar antes de Frey me mover do corrimão, me virar para o leme e o ouvi dizer baixo:

— Thad.

Thad que estava na enorme roda de madeira, olhou por cima do ombro para o Frey, ergueu o queixo, em seguida olhou para mim e sorriu. Sorri de volta, então ele se afastou e Frey se moveu posicionando-me a sua frente, em seguida, suas mãos estavam no leme e o azul do céu sem nuvens encontrava o brilhante verde esmeralda do mar, com as luxuriantes ilhas verdes se erguendo sobre a água e *O Finnie* deslizando, era tudo o que eu podia ver.

Em seguida, a boca de Frey veio junto ao meu ouvido.

— Melhor, minha pequena Finnie?

Pressionei os lábios quando minha garganta travou porque Frey, mais uma vez, sem uma palavra, sem hesitação, me deu exatamente o que eu precisava e, percebendo isso mais uma vez, finalmente, tomei uma decisão enorme.

la dizer ao meu marido que o amava.

Engoli o nó na minha garganta, relaxei contra ele e sussurrei:

— Melhor, meu belo marido.

A cabeça de Frey se moveu de modo que seus lábios pudessem tocar o cabelo na lateral da minha cabeça, então se foi, mas não se afastou.

Como sempre, seu corpo grande e forte apoiava o meu pequeno.
E juntos, olhamos para a frente, para o nosso futuro.



— Finnie — Frey chamou com voz rouca e tentei me concentrar nele.

Estava de costas na cama da sua cabine, minhas mãos se movendo febrilmente sobre sua pele, minhas pernas bem abertas com Frey empurrando entre elas, lenta e suavemente, seu quadril inclinado ligeiramente indo de encontro ao meu. Ele se apoiava em um antebraço e a outra mão estava livre para vagar sobre a pele da minha lateral, da barriga, das costelas e exatamente naquela hora, estava se aproximando do meu seio.

Estava perto. Muito perto.

— Estou quase, baby — murmurei com o olhar fixo no dele.

— Eu sei, amor — ele sussurrou, o pescoço flexionado, sua boca tocando a minha, suave, doce, leve, então se afastou um pouco. — Espere, goze comigo.

Levantei os quadris, ele deslizou mais profundamente, o que parecia bom para caralho e disse a ele a verdade.

— Não sei se consigo.

Seu quadril girava quando deslizava lentamente para fora, em seguida, girou novamente quando deslizou vagorosamente para dentro, mordi o lábio, arqueei as costas e minhas unhas arranharam a sua pele.

— Fique comigo, pequena — grunhiu baixo, expondo que gostou muito e exatamente o quanto. — Quero que nós gozemos juntos.

Ah, sim!

Queria isso, também. Queria isso, muito!

— Ok — murmurei e sua boca voltou para a minha que se abriu com a invasão, enquanto seu polegar deslizava sobre o mamilo rígido, sensível e eu gemia em sua boca. — Baby — sussurrei contra seus lábios, a palavra saindo trêmula, com um prazer agonizante.

Ele se retirou e deslizou novamente para dentro.

— Fique comigo.

— Frey...

— Olhe para mim — insistiu— Sinta-me. Você vai saber quando gozar. Espere por isso, Finnie.

Meus quadris se moveram junto com os dele e o prazer rolou através de mim, então, novamente e novamente.

Lindo.

Torturante.

Caramba, ele precisava se apressar!

Minha mão deslizou pelo seu peito até a sua mandíbula, meu polegar se movendo para deslizar sobre o seu lábio inferior enquanto ele segurava meus olhos, os dele aquecidos, os quadris em movimento, seu pênis me acariciando profundamente, sua mão deslizando ao longo da pele das minhas costelas e tudo isso foi melhor do que qualquer coisa que já tive, que já *tivemos*.

Mesmo com o chá de adela.

Movi meus quadris com os dele, deslizei o polegar sobre o seu lábio e segurei seu olhar quando sussurrei um pensamento que saiu da minha boca direto do meu coração:

— Deus, você é lindo.

Diante das minhas palavras, Frey gemeu tão profundamente que o senti diretamente, em uma linha que ia da minha garganta até o meu sexo. Ele abaixou a cabeça, as estocadas saindo ritmadas, golpeando mais profundamente e mais rápido, a mão grande segurando o meu

quadril, manipulando os movimentos para envolvê-lo, encontrá-lo em cada estocada.

Segurei seus ombros, pressionei com força contra ele, enrolei a perna em volta da sua coxa e o senti todo, em sua pele, ele estava pronto, eu estava pronta e nós íamos gozar juntos. Foi quando virei minha cabeça e sussurrei:

— Eu te amo, Frey Drakkar.

Ele se enterrou até a base dentro de mim e se deixou levar, deixei-me levar também, arqueei para trás soltando um gemido profundo e baixo. Seus dentes fortes afundaram na carne onde meu pescoço encontrava o meu ombro, seu grunhido soando através dos seus dentes, batendo contra a minha pele e meu gemido virou um grunhido quando seu braço me envolveu e me segurou tão apertado, que tirou o fôlego dos meus pulmões.

Sim, gozar junto com o Frey era melhor do que qualquer coisa, até mesmo que o chá de adela. Perfeição.

Quando me acalmei, segurei nele, lutando para respirar, mas, excepcionalmente, o braço de Frey não afrouxou.

— Frey... — sussurrei.

— Diga isso de novo — grunhiu contra a minha pele, tão feroz que meu corpo estremeu, mas seu braço tenso, endureceu ainda mais até no limite da dor. — Diga isso de novo — repetiu, a voz dura, agora.

— Eu te amo — sussurrei, sem fôlego, mas seu abraço ficou ainda mais apertado, seu pênis ainda plantado profundamente, seus quadris empurraram ainda mais profundamente e sacudiu meu corpo quando uma onda de calor residual queimou através de mim.

— Mais uma vez. — Sua voz agora estava além de dura, sua demanda era abrasiva.

— Baby.

Outro aperto, outro empurrão dos seus quadris e choraminguei.

— Diga, Finnie — falou com voz rouca.

Fechei os olhos com força, lutei por ar e falei:

— Eu te amo, Frey. Estou apaixonada por você. Te amo tanto que nunca vou parar de amar você. Nunca. Você, tudo sobre você está além dos meus sonhos mais selvagens.

Ele enfiou o rosto no meu pescoço enquanto seu braço me apertava ainda mais apertado por um segundo, em seguida, me liberando e seus quadris pressionaram os meus na cama quando se apoiou sobre os antebraços, assim suas mãos grandes podiam segurar meu rosto de cada lado. Sua cabeça se ergueu e ele olhou para mim, o rosto suave, os amados olhos verde oliva vivos, o olhar intenso.

E fez isso por algum tempo. Muito tempo, na verdade o que pareceu anos, e fez isso sem falar ou se mover. Apenas ficou deitado com o grande corpo cobrindo e ligado ao meu e olhou para mim.

Humm... não estava certa de que isso era bom.

— Você... — respirei fundo e criei coragem — uh... você... humm, sente o mesmo? Q-querer dizer — me apressei para terminar —, assim, não *o mesmo*, mesmo, mas... humm, pelo menos um pouquinho? — perguntei.

Ele me encarou por mais um segundo que se tornou dois, que virou três, o que levou a quatro (contei) antes de perguntar:

— Você está louca?

Eu não sabia como interpretar essa resposta.

— Humm... não? — perguntei de volta, porque agora ele estava olhando para mim como se estivesse convencido que eu estava e sua convicção me fez questionar a minha.

Então seu rosto se aproximou, suas mãos colocaram uma leve pressão sobre a minha cabeça e sussurrou:

— Finnie Drakkar, me apaixonei por você quando me disse que tinha uma regra sobre jogar coisas mortas na mesa da cozinha.

Pisquei e meu corpo estremeceu com surpresa.

Ele não podia...

Podia?

Sério?

— Sério? — Sussurrei.

Ele não respondeu minha pergunta.

Em vez disso, declarou:

— Não, foi antes disso, quando entrei na cabana para ver a minha mulher em um vestido rosa e fita rosa no cabelo, mais bonita simplesmente mexendo uma massa em uma vasilha, do que a maioria das mulheres depois das suas criadas passarem cinco horas cuidando da sua aparência.

Ah, meu Deus.

Ah, meu Deus!

Que homem se lembraria de um vestido cor de rosa e fitas cor de rosa? Que homem?

Nenhum homem. Nenhum deles. Nenhum mesmo.

Exceto aqueles que testemunharam estas coisas quando se apaixonaram.

Oh. Meu. Deus.

— Cala a boca — sussurrei, mas não sei como fiz isso já que a minha garganta estava fechando.

Frey sorriu e respondeu:

— É verdade.

— Isso é loucura — ainda estava sussurrando.

— De fato é, minha pequena, mas ainda é verdade.

Meu Deus.

— Vou chorar — anunciei, minha voz trêmula com a evidência que tornava a minha afirmação verdadeira.

O sorriso de Frey se alargou e seus olhos aqueceram.

— Estou vendo, amor.

Minha respiração travou e uma lágrima deslizou pela lateral do meu olho antes de dar um cutucão fraco no ombro dele.

— Você tem que parar de me fazer chorar.

Ele abaixou a cabeça e deslizou o nariz ao longo do meu enquanto murmurava:

— Vou trabalhar nisso.

Observei seus olhos verde oliva se fechando, sabendo, sem dúvida, de que ele não ia trabalhar nisso de forma alguma. Eu o segurei firme e levantei a cabeça, pressionando-a no seu pescoço. Ele rolou, desengatando nossos corpos, mas me puxou para cima onde um de seus braços permaneceu em torno de mim e a outra mão acariciava minhas costas enquanto eu chorava baixinho contra o seu pescoço.

Não chorei por muito tempo porque pensei em uma coisa, me recompus, apoiei em um antebraço sobre o seu peito e olhei para ele.

— Por que não me contou? — perguntei.

— Você não sabia? — Perguntou Frey de volta e pisquei.

— O quê?

Suas sobrancelhas se ergueram e ele me observou.

— Pequena, como você poderia não saber?

— Eu... — comecei.

— Estava claro como o dia — declarou e tive que admitir, isso era verdade. A maior parte.

— Você ainda podia ter me dito — informei a ele.

— De fato — firmou o braço e me deu um aperto — como *você* podia ter feito. Por que *você* não *me* disse que se importava tão profundamente comigo?

Merda. Ele sabia que eu estava me segurando.

— Bem... — comecei — estava claro como o dia.

Ele sorriu e murmurou.

— Certo.

— Bem, estava! — rebati, porque na verdade *estava*, e seu sorriso se transformou em uma gargalhada que sacudiu seu corpo, enquanto me

virava novamente para que eu ficasse de costas e ele pressionado do meu lado, olhando para mim.

Quando controlou a gargalhada, comentou:

— Bem, foi falado agora, graças aos deuses.

— Sim. — Mordi o lábio e olhei para o rosto bonito. — Foi dito — continuei em um sussurro. — E é engraçado porque a primeira vez que o vi, você me aterrorizou. — Vi uma sombra passar sobre o seu rosto e instantaneamente levantei a minha mão para afagar sua bochecha e continuei: — Mas, olhando para você agora, não posso, pela minha vida, entender o porquê. — Deslizei o polegar ao longo da maçã do seu rosto, puxei uma respiração leve e disse novamente: — Eu te amo, Frey Drakkar.

Seus olhos se fecharam, sua testa se virou para descansar contra a minha antes de abrir os olhos novamente, quando o fez, respondeu:

— E eu a você, Finnie Drakkar.

Eu o envolvi com meus braços e rolei para perto dele, para que ficassemos de lado, cara a cara. Então o segurei com força quando ele retornou o favor.

— Muito — ele murmurou tardiamente. — Nunca vou parar de te amar, minha noiva do inverno. Nunca. Você, tudo sobre você está além dos meus sonhos mais selvagens.

Fechei os olhos com força quando essas palavras se estabeleceram no meu coração, acomodei meu rosto na sua garganta e pressionei meu corpo profundamente apertando-o com mais força e meu forte marido absorveu meu abraço feroz.

Então, sorri contra a sua pele, porque naquele momento, disparei para cima e acertei o sino de forte tinido no final da escala para felicidade, me encaixando de uma forma que sabia que seria para sempre.



Os olhos de Valentine Rousseau se abriram e olharam para o teto escuro.

Então, ela deslizou para fora da cama, deixando o homem adormecido, duro e nu, nela.

Curvando-se graciosamente, seus dedos com unhas pintadas de vermelho escuro alcançaram o pedaço de seda verde e o pegaram do chão. Enfiou-o sobre a cabeça e o tecido macio deslizou pelo seu corpo.

Em seguida, saiu do seu quarto e caminhou pelo corredor até a sala com paredes cor de salmão. Não se preocupou em acender a luz, mas deslizou pelo aposento e se pôs diante da mesa pequena e redonda em que o grande cristal claro, liso e redondo estava assentado sobre um tecido de seda verde jade.

As pontas dos seus dedos descobriram a bola e, instantaneamente, uma coluna de fumaça verde jade apareceu no interior do cristal.

Olhou para o seu brilho através da escuridão e sentiu a boca se contrair.

Assim como pensava.

O que não entendia era por que se importava. Se importava tanto que isso a despertou.

— Nojento — murmurou enquanto a fumaça se retorcia, ondulava e curvava. — Por que os amantes são assim... tão... *obtusos*? — ela perguntou para a bola, não teve resposta para isso e continuou. — Especialmente os *homens*.

Valentine exalou delicadamente uma respiração descontente.

Sempre mal-entendidos, comunicação insuficiente, expectativa, orgulho, fé cega.

Sem mencionar a tomada de decisões que mudam uma vida, mesmo sem considerar a vida que estaria alterando.

Era ridículo!

Valentine estudou a fumaça, suspirou e pensou em Seoafin, sua deusa do amor.

Realmente, devia simplesmente deixar acontecer, lavar as mãos. Não havia nada que pudesse fazer. A magia prendendo Seoafin lá era tão forte que nem mesmo Valentine podia quebrá-la e, usualmente, dedicava algum esforço para encontrar uma resposta para esse dilema, embora, na verdade, não muito. Valentine Rousseau raramente dedicava esforços em qualquer coisa ou em alguém que não a compensasse, exceto, é claro, em um dos seus brinquedos.

Ela *definitivamente* dispendia esforços com seus brinquedos.

E, de qualquer maneira, Seoafin Wilde não significava nada para ela.

Não significava nada para ela.

E, no entanto, não uma, mas muitas vezes nestes últimos cinco meses, as aventuras de Seoafin Wilde atravessavam os mundos e tiravam Valentina do seu sono.

Olhou para a fumaça e ao fazê-lo, lhe ocorreu que já fazia algum tempo desde que ela mesma teve uma aventura.

E ainda mais tempo desde que tinha se encantado no passatempo prazeroso da intromissão.

E sinceramente, este Raider, Valentine pensou, estava merecendo.

Embora, tinha que admitir, queria que tal espécime estivesse aberto às suas inclinações. Um brinquedo como ele seria... suspirou, melancólica... *delicioso*.

Infelizmente, descobriu que espécimes como ele não tendiam a gostar da maneira que Valentine jogava.

Olhou fixamente para a bola de cristal, deliberando.

E, decidiu que ia lhe dar um tempo, não muito, mas talvez o suficiente para corrigir seus erros e fez isso tendo pouca dúvida de que a linda criatura ia fazê-lo.

Se não fizesse...

Bem, Valentina faria.

Toda garota merecia a felicidade verdadeira. Não, isso não era verdade. Muitas das meninas tediosas de hoje não mereciam. A mera existência de bandas de garotos tornava este fato irrefutável.

Mas, garotas como Seoafin Wilde mereciam.

Valentine suspirou enquanto afastava os pensamentos estranhamente suaves e românticos.

Estava perdendo o seu toque. Precisava encontrá-lo novamente.

Seus pensamentos foram para a forma masculina jovem, nua, firme, adormecida na sua cama e, no escuro, Valentine sorriu.

Em seguida, as pontas dos dedos deslizaram pelo cristal frio, novamente, e a fumaça desapareceu.

Capítulo 26

A Medida de uma Princesa

Três semanas mais tarde...

Com o nosso grupo usual de homens de Frey, Tyr galopou através de Snowdon, comigo sentada segurando firmemente na frente do meu marido, assistindo a cidade passar e percebi que estava errada.

Bellebryn não era o lugar mais bonito que já vira.

Snowdon era.

Snowdon, a capital de Lunwyn e onde minha mãe e meu pai viviam, era uma cidade como Sudvic, enorme e esparramada. Mas não contornava a baía e se aninhava nas colinas.

Se espalhava através de um vale até os lados das brancas montanhas nevadas. Seus numerosos prédios altos eram feitos de pedras brancas cobertas pela neve, os telhados pingando pingentes de gelo brilhantes, as portas pintadas em tons de cinza claro, creme, ou nos tons mais claros de azul ou lilás. Suas estradas sinuosas eram pavimentadas com pedras claras que, assim como Sudvic, tinham sido limpas da neve.

Enquanto seguíamos pela cidade, passamos por vários parques grandes e desmedidos cobertos de neve, até os pequenos e quadrados nos quais havia fontes cintilantes, monumentos brancos, grandes estátuas de cor creme de deuses, dragões ou antigos reis, rainhas, Drakkars ou Freys.

Em um deles que tinha gelo sobre o lago, vi pessoas patinando.

Frey me disse (e notei que estava certo quando cruzamos mais de quatro pontes) que havia três rios que serpenteavam a cidade. E enquanto cavalgávamos sobre eles ou ao lado deles, vi a água cintilante e clara, as margens brilhando com o gelo e as rochas reluzentes como se

cobertas com pó de fada. Ao longo desses rios havia pontes arqueadas, ornamentadas, de cor creme com altos postes pintados de branco subindo das balaustradas. Um dos rios era muito maior do que os outros dois, e fluía de um vale entre duas montanhas indo para o Mar do Inverno, Frey disse-me.

Ao contrário de Sudvic que parecia composta pela classe trabalhadora pelo que tinha visto, e Fyngaard que era totalmente cosmopolita, Snowdon tinha áreas para a classe trabalhadora e bares, lojas e empresas que atendiam a essas classes, assim como áreas mais chiques com cafés, restaurantes e lojas que atendiam os mais abastados. Você podia, facilmente, avaliar a classe daqueles que viviam nas habitações das diferentes áreas, os prédios altos e estreitos que eram prováveis apartamentos ou casas geminadas das classes mais baixas. Em seguida, quando saímos da periferia para o centro mais elitista da cidade, as extensas casas senhoriais e até mansões com gelo nas janelas cristalinas e jardineiras cheias de sempre-vivas em miniatura, bem cuidadas.

E o melhor de tudo, construído na lateral da montanha e com vista para toda a cidade, estava Rimée Keep, um castelo cor de geada que, de alguma forma, brilhava ao sol. Tinha uma abundância de telhados cônicos que sustentam finas flâmulas em forma de diamantes vermelhos e dourados tremulando no céu. Havia também, torres circulares e flâmulas em abundância.

A fachada tinha balcões com a balaustrada feita de pedra e janelas de vidro cristalino em formato de diamante com venezianas pintadas de um cinza tão claro que era quase, indecifavelmente, branco.

A frente do Keep era decorada com altos lampiões pintados de branco, pinheiros altos e exuberantes de caule longo. Levando ao prédio que parecia ter três andares, uma escadaria que parecia ser esculpida em gelo, terminava em portas duplas em forma de arco, e em ambos os lados da escadaria com pinheiros verdes e cônicos, em miniatura.

E na frente de tudo, mesmo de longe eu conseguia enxergar a fonte de cinco níveis, maciça e cintilante, com seu fluxo de águas cristalinas.

A cidade inteira com suas pedras brancas e cor de creme, as cores suaves e as sempre-vivas toda coberta pela neve brilhante. Pingentes de gelo pendurados que pareciam ter surgido magicamente da neve.

Era incrivelmente *fantástica*!

Chegamos no Keep (eu, de boca aberta em choque diante da sua beleza, e o Frey provavelmente não notando nada). Frey guiou Tyr em torno da fonte enquanto seus homens, em seus cavalos, se posicionaram ao redor da entrada. Foi então que parei de olhar para o Keep e vi minha mãe e meu pai emergindo das portas duplas, seguidos pelas minhas garotas.

Meu coração apertou e minha boca se abriu em um sorriso enorme.

Frey parou o Tyr e desmontou. Levantando as mãos até agarrar minha cintura, me puxou para baixo e, no minuto que meus pés tocaram o chão, subi os degraus gelados que aliás, não eram de gelo, só não sabia do que eram.

Dois degraus abaixo dos meus pais, me abaixei em uma reverência completa e esperei até ouvir o meu pai murmurar.

— Levante, filha. — Me levantei, subi correndo os dois últimos degraus e joguei meus braços em torno dele.

Com o impacto, ele balançou e colocou um pé para trás e soube que havia ficado surpreso porque hesitou antes dos seus braços se fecharem em torno de mim. Mas quando o fizeram, fizeram isso apertado.

— Senti sua falta — sussurrei no seu pescoço, segurando-o apertado.

— E eu a sua, minha Finnie — sussurrou em resposta com um leve aperto.

Então, ainda sussurrando, lhe disse:

— Consegui acertar o centro do alvo.

Seu corpo ficou imóvel por um momento. Depois, se afastou um pouco, eu também e olhei nos seus olhos surpresos, mas felizes, e senti minha barriga aquecer.

— Verdade? — perguntou.

Assenti, em seguida me inclinei e disse calmamente:

— De dez metros. — Seus olhos se arregalaram e sorri, em seguida, continuei. — Só acertei uma vez, mas estou definitivamente melhor. Mal posso esperar para lhe mostrar.

Vi uma sombra passar sobre o seu rosto antes que a escondesse.

Senti uma sombra correspondente passar pela minha mente, mas ele rapidamente disse:

— E mal posso esperar para ver, minha filha.

Antes que pudesse perguntar sobre a sombra, ouvi “Finnie” e virei minha cabeça para minha mãe, que nos olhava com um rosto inexpressivo, mas olhos suaves.

Me movi dos braços do Atticus para Aurora e ouvi as saudações murmuradas entre o Frey e meu pai.

O abraço da mãe não foi tão apertado, mas foi igualmente caloroso. Não podia dizer de onde ela tirou isso. Podia apenas dizer que ela o fez.

— Pelo que pude ver enquanto cavalgava — sussurrei no ouvido dela — nós temos *toneladas* de compras para fazer.

Seus braços deslizaram de mim, mas não me soltou. Segurando meus braços em um aperto firme, olhou nos meus olhos, os lábios se curvaram e apertou os dedos.

— Há muitas coisas que gostaria de mostrar a você — disse baixinho. — Estou ansiosa por isso.

Sorri para ela, seus lábios se curvaram ainda mais, em seguida, seus olhos esvoaçaram do Atticus para o Frey e vi uma sombra passar sobre o rosto dela também, quando me soltou e me movi para fora do caminho para Frey poder se inclinar e tocar seu rosto com os lábios envoltos pela barba.

— Temos que entrar, mantê-la aquecida — meu pai murmurou.

Minha mãe assentiu e não perderam tempo em se virar e subir os degraus. E quando digo não perderam tempo, quero dizer que pareciam estar correndo.

Frey deslizou um braço ao longo dos meus ombros e me guiou até as escadas. Olhei para o seu perfil e vi seu olhar grudado nas costas do rei e da rainha e sabia que ele, também, achava que algo estava acontecendo. Desviei o olhar quando chegamos no topo da escada porque Jocelyn, Bess, Alyssa e Esther estavam todas de pé ao lado das altas portas duplas e estavam todas sorrindo para mim.

Sorri de volta, lhes dei um aceno e sussurrei baixinho:

— Oi, garotas. — Quando nos aproximamos e seus sorrisos se ampliaram. Em seguida, fizeram medidas quando passamos.

Atravessamos as portas duplas, que foram fechadas por um lacaio contra o frio, no minuto que minhas meninas passaram. Então, dei uma olhada ao redor e tentei não reagir à beleza do interior de Rimée Keep que, impossivelmente, rivalizava com o exterior.

Não havia madeira escura aqui.

Não havia nem mesmo escuridão.

Havia toneladas de janelas através das quais o sol brilhava. As paredes e os pisos do interior eram feitos da mesma pedra fosca que, estranha e magnificamente, brilhava. Lá dentro esculturas de ramos de pinheiro e cones na pedra, podiam ser vistas em torno das vigas em arco e nos caixilhos das janelas.

As vastas lajes de pedra que formavam os andares eram forradas com tapetes grossos, mas macios, todos de cores suaves, as quais tinham um brilho que sabia que significava que eram feitos de seda.

Muitas das paredes estavam cobertas com enormes e intrincadas tapeçarias descrevendo cenas de montanha ou paisagens de Snowdon ou do Keep.

A mobília não era pesada e escura como no Palácio, mas como se fosse laqueada por uma casca fina como a do ovo, branca com rendilhados esculpidos parecendo elegante e refinada.

E uma escadaria de pedra enorme com uma passadeira grossa e uma balaustrada de pedra esculpida, tudo isso curvado ao lado de uma torre circular que se erguia bem no meio do Keep.

Não tive a chance de observar muito, no entanto, pois Atticus e Aurora estavam caminhando rapidamente pelo vasto hall de entrada que parecia varrer a mansão de lado a lado (e estava certa sobre as portas dianteiras, o teto estava a pelo menos três andares de altura e era abobadado, com arcos esculpidos e treliças que eram extraordinárias, mesmo de relance).

No final do corredor, meus pais se viraram e atravessaram outro conjunto de portas duplas.

Frey e eu os seguimos e então estávamos em uma enorme e elegante sala de estar decorada em branco, creme e o mais pálido dos amarelos. Havia uma lareira com o exterior talhado que era tão grande que podia deitar dentro dela com os braços estendidos sobre a cabeça com os dedos esticados e meus dedos dos pés nem tocariam nas paredes e, certamente, podia ficar de pé sem tocar a parte superior. Um fogo enorme estava aceso lá, bem como três aquecedores que foram espalhados pela sala, estes feitos de ferro como os da cabine de Frey no *Finnie*, exceto que eram esmaltados na cor creme, maiores e muito mais ornamentados. Com os aquecedores e a lareira todo o aposento estava aconchegante e confortável.

Pessoas entraram conosco e os mantos da minha mãe e do meu pai foram levados por servos, Jocelyn e Bess tinham me seguido para retirar meu manto de lã, o chapéu e as luvas. O cavalheiro que retirou o manto do Atticus esperou ao lado de Frey enquanto ele desamarrava o seu, pois não tinha necessidade de afastar o frio e o entregou ao homem.

— Café, por favor, e bolos. — Minha mãe ordenou, seu servo assentiu com a cabeça, em seguida, continuou. — Feche a porta ao sair.

Olhei de lado para Jocelyn e Bess que, ao ouvir isso, vacilaram sorrisos e então começaram a sair da sala. Virei meus olhos para Atticus e Aurora que pareciam tensos. Olhei para o Frey que senti estar tenso ao meu lado. Então senti sua mão na parte inferior das minhas costas me impulsionando na direção dos dois graciosos sofás estofados com um tecido amarelo damasco pálido que estavam de frente um ao outro, mas perpendiculares à lareira e separados por uma reluzente mesa baixa, oval, da cor da casca de ovo.

— Há algo errado? — Frey perguntou em voz baixa depois que ouviu a porta fechar.

— Por favor, sentem-se — meu pai murmurou e olhei para o Frey, que estava observando o meu pai.

Ele me guiou até um sofá e nos sentamos juntos, o braço de Frey em volta dos meus ombros, me puxando ainda mais perto e me aconchegando ao seu lado. Me inclinei para ele quando se sentou e colocou um tornozelo sobre o outro joelho e minha mãe e meu pai afundaram no sofá à nossa frente. Mas, mesmo perto do calor sólido do meu marido, o comportamento dos meus pais estava começando a me assustar.

— Você está nervoso, Atticus — Frey disse o óbvio — e seu mal-estar está causando o mesmo na minha esposa. Diga-nos o que está acontecendo.

— Você se apressou para partir de Sudvic — meu pai respondeu de um jeito estranho e Frey assentiu.

— De fato — confirmou. — Nós ancoramos bem tarde ontem, e partimos rapidamente, passando a noite em Dalehavre e saindo mais cedo. Finnie estava ansiosa para ver seus pais.

Os olhos do meu pai se moveram para mim. Então me deu um sorriso caloroso antes de voltar seus olhos para Frey.

O calor fugiu e ele o estudou por um momento antes de dizer:

— Recebemos um recado esta manhã do mensageiro que enviou à frente, dizendo que chegariam em Snowdon em breve. Como você realmente chegou, posso ver que o nosso mensageiro com a resposta não o encontrou.

O corpo de Frey ficou tenso quando respondeu:

— Nós tomamos as trilhas da floresta; são mais rápidas.

Isto era verdade. Percebi que Frey não se incomodava com as estradas. Não era um homem de perder tempo que não precisava ser desperdiçado e, a menos que houvesse trenós envolvidos, sempre pegava as rotas mais diretas. E a nossa viagem não envolvia trenós. Meus pertences iriam nos atrasar e, provavelmente, demorariam horas para chegar, se não chegassem somente na manhã seguinte. Embora o Kell estivesse encarregado dos trenós, percebi que, com o homem em terra firme, qualquer coisa podia acontecer.

— Isso é lamentável — Aurora murmurou.

Senti a impaciência de Frey aumentar e minha ansiedade também.

— Talvez possamos dispensar o mistério e você possa explicar o porquê — Frey sugeriu por sua vez, onde estava claro que sua sugestão não era uma sugestão, absolutamente.

Meu pai olhou para Frey diretamente nos olhos e fez isso de uma maneira que podia dizer que estava evitando os meus, obviamente, o que fez minha ansiedade aumentar ainda mais. Em seguida, anunciou:

— As execuções têm início ao anoitecer.

Pisquei e o corpo de Frey enrijeceu. Em seguida, murmurou:

— Puta merda!

— Execuções? — perguntei em um sussurro e senti os olhos da Aurora em mim, então olhei para ela.

— Os traidores, minha querida — disse suavemente. — Berg Enger, Hernod Greig e Viola Milstrom. Em sua ausência foram julgados, considerados culpados e condenados a serem enforcados esta noite.

Ah, *merda!*

— Nosso mensageiro partiu para avisá-los que isto era iminente e sugerindo atrasar sua chegada por alguns dias — prosseguiu. — É lamentável que não teve êxito nessa tarefa.

Lamentável não era exatamente a palavra que eu usaria. Ainda assim, não estava muito certa do porquê essa era uma notícia tão terrível. Claro, era uma notícia terrível saber que haveria execuções. Mas, considerando que não estava previsto que eu as assistisse, fiquei um pouco preocupada porque estavam sendo tão cuidadosos comigo.

— Vocês cavalgaram pela cidade? — Atticus perguntou.

Frey resmungou:

— É claro.

O que levou meu pai a respirar fundo e soltar um xingamento.

— Inferno.

— O quê? — perguntei, mas ninguém parecia querer responder, até mesmo o Frey, o que não tomei como bom. Minha mãe e meu pai estavam evitando meus olhos e quando olhei para o Frey vi sua mandíbula apertada, como se estivesse cerrando os dentes. Então repeti. — O quê?

Meu pai finalmente olhou para mim e seu rosto suavizou antes de baixar a voz.

— É nossa responsabilidade, minha filha, como soberanos, assistir as execuções dos traidores da coroa.

Foi minha vez de respirar fundo e enrijecer enquanto olhava para o rei.

Pode-se dizer que esta não era, de forma alguma, a próxima aventura que esperava. Compras com minha mãe em uma nova cidade, sim. Assistir a uma peça em um dos teatros aclamados de Snowdon sobre os quais Frey havia me falado, certamente. Aceitar a oferta do Gunner de me ensinar manobras avançadas em um cavalo, definitivamente. E patinar no lago do parque era uma que tinha acabado de acrescentar.

Testemunhar uma execução?

Hum... *não*.

— Eles conspiraram contra a coroa — minha mãe falou suavemente e meus olhos horrorizados deslizaram para ela. — Nós usamos essas coroas, Finnie, e cada lufada de ar que inspiramos é uma lufada de ar para Lunwyn. Eles conspiraram contra você o que significa que conspiraram contra o seu país. A coroa sobreviveu e é nosso dever sentar e assistir, como um símbolo do seu fracasso e da força de Lunwyn, enquanto são enforcados.

Ah, Deus. Não gostei disso.

— Se você estivesse longe com o seu marido, teria sido uma desculpa para não participar — meu pai afirmou, neste momento, com os olhos em Frey. — Mas agora você está aqui e, como você cavalgou pela cidade, sem dúvida, a notícia está se espalhando como fogo. Com as pessoas sabendo que Finnie está aqui, vão esperar que ela participe, na verdade, muitos vão assumir que ela está aqui apenas para isso.

O braço de Frey apertou os meus ombros enquanto murmurava:

— Maldição.

— Há mais coisas que você deve saber. — Aurora disse baixinho.

Frey e eu enrijecemos outra vez, mas a porta se abriu, um servo entrou com um serviço de café de prata ornamentado, porcelana requintada e um prato lindamente decorado com o que pareciam deliciosos *petit fours*^[1] que teria comido sem demora em qualquer outro momento. Mas, obviamente, não depois de ter recebido a notícia de que teria que assistir a três pessoas serem enforcadas até a morte.

Esperamos o café e os bolos serem dispostos em cima da mesa, o servo se retirar da sala e fechar a porta antes da Aurora se inclinar e começar a servir o café, ao mesmo tempo em que falava.

— Em sua ausência, especialmente considerando que essa ausência foi exatamente após um enredo hediondo cujo desdobramento fez com que uma mulher perdesse a vida de forma horripilante e que,

supostamente, essa mulher devia ser a Finnie, os boatos têm corrido por toda Lunwyn.

— Sobre o que falam? — Frey perguntou e Aurora levantou os olhos para ele quando lhe entregou uma xícara sobre um pires.

— Sobre você e a Finnie — ela respondeu, voltou a servir o café, mas não falou mais nada.

— Aurora — Frey grunhiu, claramente insatisfeito por precisar pedir a ela.

Ela suspirou e respondeu:

— Como você sabe, Drakkar, tudo começou com o beijo no seu casamento, então você arrastou a Finnie para longe apenas para desaparecer durante semanas. Em seguida, o seu reaparecimento para o Gales e o comportamento de vocês dois, lá. — os olhos dela se moveram para mim quando começou a listar os exemplos. — Finnie saudando você com entusiasmo aberto após a caça.

Os olhos dela se moveram novamente para o Frey.

— A proximidade dos dois no Gales. E vocês desaparecendo novamente após a tentativa que foi feita contra a vida da Finnie é uma indicação clara que você se importa profundamente com ela e não hesitará em garantir a sua segurança. Tudo isso, cada momento em que ambos estavam juntos em público, foi reparado avidamente e depois transferido para qualquer ouvido que o ouviu ainda mais avidamente.

— Não é inédito espalharem fofocas sobre a realeza — Frey observou. — De fato, é comum para esse tipo de conversa.

— Você está correto. — ela assentiu e entregou a minha xícara após deixar cair um respingo de leite. — Mas, considerando a dramaticidade das tentativas de assassinato e sua franqueza sobre o seu respeito um pelo outro, a fofoca se tornou extrema.

— Extrema como? — perguntei e minha mãe entregou café a Atticus, em seguida, se virou para continuar a servir e responder.

— Menestréis cantam sobre vocês, contadores de histórias tecem contos, não é apenas uma fofoca que está varrendo a terra. Isso tudo está aumentando a extremos, criando uma lenda.

Ah, caramba!

— Não entendo porque isso iria lhe causar tanto alarme — Frey observou. — Isto, também, não é incomum.

Minha mãe se recostou com o seu café e meu pai continuou.

— Você está correto, Drakkar — afirmou. — Mas você é o Frey, O Drakkar e, portanto, reverenciado. Sua união com a Finnie profetiza a continuidade da paz e da prosperidade para Lunwyn, e já foi muito antecipada. O fato que sua união aparece esplendidamente fundada em profunda afeição tem servido, em um curto espaço de tempo, para romantizar sua história a extremos. E... — fez uma pausa e estendeu os olhos para o Frey — faz aqueles que conspiram contra você e a Finnie, não tanto contra Lunwyn, mas em vez disso, contra uma união de amor que já está, mesmo depois de apenas alguns meses casados, quase uma lenda, torna-os indivíduos que inspiram mais do que nojo e raiva, mas extrema repugnância.

— As pousadas estão cheias — Aurora falou e olhei para ela. — Os cidadãos com quartos desocupados os têm alugado e foi relatado que há um grande acampamento se formando em torno da forca bem do lado de fora de Snowdon, cheios de pessoas que vieram de longe, mas que não conseguiram encontrar alojamento dentro da cidade.

— Maldição — Frey grunhiu, erguendo o braço do meu ombro, descruzando a perna e se inclinando para deixar a xícara e o pires em cima da mesa com um barulho alto.

— Não entendi — falei calmamente e meu pai olhou para mim.

— Execuções são públicas, filha — respondeu calmamente.

Olhei para ele quando entendi.

— Ah, caramba — sussurrei.

— De fato — Aurora afirmou, levantou a xícara e tomou um gole, os olhos em mim sobre a borda. Em seguida, abaixou a mão e continuou segurando meu olhar. — Seu pai convocou uma guarda extra. Há preocupações de que as coisas vão ficar fora de controle. E, minha querida, você vai estar em exposição para um grande número de pessoas. — Ela hesitou, em seguida, continuou suavemente enquanto *umentava* a bomba. — Estimam que sejam milhares.

Ótimo.

Simplesmente ótimo.

— A Finnie não vai — Frey declarou e os dois olharam para ele.

— Sinto muito, Drakkar, mas ela deve ir — Atticus respondeu.

Frey balançou a cabeça e respondeu:

— Faça um anúncio de que ela está indisposta.

— Infelizmente, quando o dever real chama, indisposição não é uma desculpa. Ela não está faltando a um café da manhã ou a uma caçada real, mas a uma execução de traidores — falou Atticus calmamente.

Seus olhos se voltaram para mim e ele continuou a falar em voz baixa.

— Sinto muito, Finnie, mas como princesa desta terra, futura mãe do rei e alvo desses atentados, agora que as pessoas sabem que você está aqui, esperam sua presença. Não há maneira de contornar isso. É uma demonstração da força da coroa. — enquanto eu segurava seu olhar e prendia a respiração, ele continuou: — Esperávamos atrasá-los, mas já que isso não aconteceu, é seu dever assistir. — ele respirou fundo e finalizou. — Sinto muito, minha filha.

Recostei-me, olhei para o fogo, tomei um gole do meu café e tentei me recompor.

Certo, bem, eu era uma princesa agora e, talvez, para sempre. Este era o show. Era um show de merda, mas um show. Aparentemente, ser princesa não era só sobre belos palácios, castelos fantásticos, compras,

aulas de arco e flecha, usar coroas impressionantes, roupas íntimas incríveis e ser casada com um cara quente que batizava o navio dele com o seu nome. Aparentemente, havia inconvenientes. E este era um dos grandes.

Que droga.

Aurora falou e meus olhos foram para ela, quando o fez.

— Você precisa ser forte, minha querida. Se estivesse aqui, Sjöfn não piscaria. Você vai precisar aparecer, mostrar força e nenhuma reação.

— Fez uma pausa, em seguida, seus olhos suavizaram antes de terminar.

— Não leva muito tempo e nós, em breve, poderemos ir embora.

— Certo — sussurrei.

O braço de Frey novamente deslizou sobre os meus ombros e me puxou para o seu lado.

E mudou um pouco o assunto.

— Explique por que Grieg está entre os condenados hoje — Frey exigiu e eu sabia quem eram Hernod Grieg e Berg Enger. Frey tinha me atualizado.

Os olhos do Atticus se moveram entre o Frey e eu rapidamente, claramente entendendo que o Frey tinha me atualizado antes de perguntar:

— O mensageiro não chegou até você em Hawkvale? — diante do balançar da cabeça de Frey, meu pai continuou: — E, quando retornou, não recebeu uma atualização?

Frey continuou balançando a cabeça.

— Ruben chegou a Hawkvale com a notícia que o Grieg tinha sido preso e estava sendo interrogado, mas não julgado e condenado. E, como expliquei, nos apressamos para Snowdon pois Finnie desejava vê-los. Estas notícias não chegaram antes de sairmos de Hawkvale e ninguém foi até *O Finnie* com um relatório.

Os lábios do meu pai se contraíram antes de responder:

— Seus homens o pegaram, trabalhei com ele e confessou ser o homem por trás dos atentados.

— Simples assim? — Frey perguntou, parecendo incrédulo.

— Aparentemente — meu pai respondeu com cautela, comunicando-se com Frey com os olhos, algo que não consegui ler, mas podia afirmar que ele não acreditava nisso também.

— Vou querer falar com o Balthazar e o Quincy — Frey declarou.

— Quincy não está longe — papai disse a ele. — Uma vez que recebemos sua mensagem, enviei uma mensagem a ambos informando que você estava chegando e ouvi que o seu homem, Balthazar, está longe, não sei onde. Quando o mensageiro chegou, tinha presumido que tinha ouvido que você estava de volta em Lunwyn e procurou por você. Mas Quincy está próximo. Vou fazer com que o tragam até você. — Fez uma pausa antes de continuar: — Mas Drakkar, o nome do Grieg está na proclamação. As pessoas esperam que ele esteja lá. Não há como contornar isso. Vai ser enforcado hoje à noite. — Atticus se inclinou um pouco, os olhos intensos e disse calmamente: — Portanto, se você deseja ter uma conversa, seu tempo é curto.

Eu tinha a sensação de que algo estava acontecendo e eu não havia entendido, mas também não tive oportunidade de perguntar.

Frey não hesitou em ficar de pé, dizendo:

— Então, tenho pouco tempo e devo me apressar.

Papai assentiu e levantou, também, depositando a xícara antes de se endireitar. Foi então que ouvi minha xícara fazer barulho no pires e olhei para a minha mão e a vi tremer.

Mais ou menos ao mesmo tempo, a xícara e o pires foram tirados da minha mão pelo Frey. Observei vagamente quando ele a colocou sobre a mesa e, em seguida, não vi mais nada, só o rosto dele, pois havia se inclinado para mim e levantado a mão até o meu queixo.

— Vou estar com você — ele sussurrou e assenti, sabendo que ele se referia às execuções e seus olhos se moveram sobre o meu rosto antes de observar: — Eles não fazem isso no seu mundo?

Balancei a cabeça e disse baixinho:

— Fazem, só não é público e os criminosos não são enforcados. Injetam veneno neles e, bem... o que for, mas é privado e até que isso aconteça é tudo controverso. Muitos do meu mundo não acreditam em pena de morte e alguns são veementemente contrários a ela.

— E a sua opinião sobre isso? — ele perguntou e mordeu o lábio.

Então respondi:

— Não sou uma grande fã.

Os olhos de Frey suavizaram antes de me assegurar.

— É raro aqui, meu amor, e as únicas vezes em que é realizada é para traidores, estupradores e assassinos. E a sua presença é esperada apenas nas execuções de traidores.

Bem, esta era uma boa notícia, exceto pelo fato de que havia três traidores que precisavam de enforcamento.

— Fabuloso — murmurei.

— Isso é mais raro ainda, minha Finnie — Frey sussurrou, seus dedos apertando minha mandíbula brevemente. — Só me lembro de uma outra na minha vida e foi há décadas.

Assenti e isso me fez sentir melhor, apenas não muito.

Frey se inclinou, encostou a boca na minha e me fez sentir muito melhor, desta vez muito mais.

— Vai ser rápido e nós estaremos longe — disse suavemente.

Assenti e ele, mais uma vez, pressionou os dedos na minha mandíbula enquanto dizia:

— Tenho que me apressar para falar com o conspirador.

Assenti de novo.

Frey continuou.

— Voltarei assim que puder.

Foi quando percebi que ele estava ansioso para sair, mas estava preocupado comigo e só ficou para se certificar que eu estava bem antes de sair.

Foi quando levantei a mão, meus dedos se curvaram ao redor do seu pulso, o apertaram e lhe dei um pequeno sorriso.

— Ficarei bem — assegurei a ele.

Ele ainda não havia se movido quando respondeu:

— Não gosto da luz que vejo em seus olhos.

— Bem, querido, você provavelmente não gostará por algum tempo, porque esta é uma aventura, se me fosse dada uma escolha, gostaria de dizer um grande não, mas vou passar por isso, e vou superar.
— Dei outro aperto no seu pulso e terminei. — Prometo.

Seu polegar acariciou minha bochecha, em seguida, se inclinou e deslizou seu nariz ao longo do meu enquanto puxei um fôlego fortificante. Em seguida, deve ter se assegurado que não ia me desfazer pois, se endireitou e acenou para minha mãe, empurrou o queixo para meu pai que sorriu sua aprovação para mim brevemente (e isso me fez sentir melhor, também) e se encaminharam para fora da sala.

Minha mãe me olhou por cima da borda da sua xícara de café enquanto tomava outro gole, antes de ouvirmos as portas se fecharem atrás do pai e de Frey.

Ela baixou a xícara novamente e, secamente, observou:

— Me perturba notar que parece que o seu marido não gosta muito de você, minha filha.

Pisquei para ela, em seguida, vi sua boca se curvar enquanto observava seus olhos brilharem.

Então me inclinei para frente, peguei minha própria xícara, me recostei e observei.

— É terrível. Nós simplesmente não nos damos bem — então tomei um gole.

— Posso ver isso — murmurou Aurora.

— Ele é insuportável — acrescentei.

— Humm. — Isso ela murmurou dentro da xícara, enquanto seus olhos dançavam.

— E ele acha que eu sou uma megera — informei.

— Ele deixou isso bem claro — ela respondeu.

— Os últimos meses têm sido um pesadelo — compartilhei.

Ela ergueu o queixo ligeiramente.

— O meu profundo pesar, minha querida, porque você está sofrendo muito com isso — ela respondeu e não pude me conter, sorri, esse sorriso aumentou para um riso, em seguida, comecei a gargalhar.

Aurora da Casa de Wilde, não gargalhou comigo, mas sorriu.

E quando parei de gargalhar, ela se inclinou para a frente, pegou o prato de porcelana delicada com *petit fours* e o estendeu-o para mim, incentivando:

— Conte-me tudo sobre suas aventuras com o seu Raider, minha Finnie.

E, portanto, minha mãe habilmente tirou minha mente dos próximos eventos e me levou a lugares melhores, algo que não só a deixei fazer, mas fiquei extremamente grata. Nós nos sentamos, bebemos café, comemos bolos e tive um longo bate-papo fabuloso de mãe e filha em uma bela sala ao lado de uma lareira flamejante.

Teria preferido que as nossas boas-vindas não incluíssem notícias da minha presença ser necessária em uma execução tripla.

Mas, no fim, acabaram sendo ótimas.

E, a propósito, os *petit fours* tinham um gosto ainda melhor do que parecia.



— Não seja malvada, Penelope — sussurrei enquanto abraçava minha gata, com quem havia me encontrado algumas horas mais cedo e que vi portando um belo e significativo rancor por ter sido deixada para trás.

Esticou o pescoço por cima do meu braço e olhou para o lado, desejando claramente sair do meu colo e não receber carinhos e palavras suaves da sua mamãe, que ela achava que a abandonou.

— Você me disse que não queria viajar em um navio — lembrei.

— *Miauu*, isso foi antes de você, *miau*, ficar longe, *miau* por décadas — respondeu.

— Da próxima vez, vou levá-la conosco — prometi.

— *Miauuu*, me solte — pediu.

— Você não pode dizer que as garotas não cuidaram de você — disse.

— *Miauuu*, elas não me deixaram ir, *miau*, lá fora — respondeu.

— Não, você quer dizer que elas não a deixaram ir lá para fora a cada dez minutos e depois correram para deixá-la entrar dez minutos depois — emendei.

Ela piscou à distância, concedendo este ponto com mau humor, repetindo:

— *Miauuu*, me solte.

— É só dar um abraço na Mama que eu a solto — insisti.

Ela virou a cabeça e piscou para mim, em seguida, se virou novamente para olhar por cima do meu braço.

Ela estava sendo ranzinza e sabia que ela não ia ceder (ainda) então caminhei até a cama e a soltei. Ela cambaleou até os travesseiros, lançando um olhar de desdém para mim, deitou no edredom, sobre a beirada dos travesseiros e olhou para mim um segundo antes que se enrolasse em si mesma e começasse a lambar sua grande barriga.

Suspirei. Olhei ao redor do quarto que tinha a mais elegante mobília, tapeçarias, paredes de pedra e pisos reluzentes, mas era decorado em branco e os mais claros tons de verde e lavanda. Era fantástico.

Outra coisa que foi fantástica, foi que os trenós com as nossas coisas, conduzidos pelo Kell, chegaram cerca de uma hora atrás. Incluíam

nossos baús e uma carga muito mais preciosa, Skylar.

E, por último Skylar tinha trazido o dragão de vidro jateado de Frey que, agora estava de pé, as asas abertas sobre uma cama de seda, sobre uma cômoda.

Minhas criadas tinham sido trazidas para cá depois que receberam a mensagem que Frey e eu estaríamos chegando, arrumaram os baús para si mesmas e para mim, e se apressaram a deixar o Palácio de Inverno rumo a Rimée Keep. Alyssa disse-me que chegaram apenas vinte minutos antes de Frey e eu. Portanto, ao lado do dragão, Esther tinha colocado o meu buquê de casamento em um belo vaso de cristal.

Estudei a beleza dos galhos da adela e a besta de vidro de Frey e decidi, naquele momento, que aonde quer que fôssemos, as duas coisas iriam com a gente. Não importa onde estivéssemos, sempre estariam conosco.

Sempre.

Então, a porta se abriu e Frey a atravessou seguido de Alyssa e Bess.

As garotas caminharam para o guarda-roupa, Frey veio até mim e podia dizer pelo olhar no seu rosto que estava na hora.

Ele parou a minha frente, ambas as mãos seguraram o meu pescoço e ele se inclinou para que o seu rosto ficasse perto do meu, antes de sussurrar:

— Devemos ir.

Sabia disso, portanto, assenti.

Ele respirou fundo e declarou:

— Finnie, o último traidor a ser condenado à pena de morte foi enforcado quando a Sjöfn era uma jovem garota. Ela não compareceu devido à sua juventude. Embora você seja uma princesa e as pessoas pensem que tenha sido treinada para isso desde o nascimento, e sabem muito sobre a Sjöfn, ninguém pode saber como é que alguém vai reagir ao que você vai ver esta noite. — seus dedos me deram um leve aperto

antes de sussurrar. — Será difícil, amor, portanto, você não deve aumentar essa dificuldade sentindo a responsabilidade de resguardar sua reação e exibir uma que não é a sua própria.

Uh... o quê?

— O quê? — perguntei.

— O que estou dizendo é para você não se preocupar com o que as pessoas vão ver, Finnie — disse suavemente — apenas seja você mesma.

Fechei os olhos, porque amava que ele me conhecesse tão bem e, portanto, sabia o que ia pesar na minha mente (ou, uma das duas coisas).

Abri os olhos, encarei os seus e falei.

— Não quero decepcionar meus pais.

— Sei que não quer, mas também não estou certo que você conseguiria fazer isso — Frey respondeu.

Fechei os olhos novamente, porque suas palavras me fizeram sentir bem e senti seus lábios na minha testa, o que me fez sentir melhor ainda, então abri os olhos e ele olhou novamente para mim.

— Temos que ir — repetiu em um sussurro.

Assenti.

Alyssa e Bess estavam esperando do lado de fora da porta segurando um par de luvas de camurça cinza claro e um manto feito de pele branca e macia salpicado com pele cinza claro e me deram olhares compreensivos antes de Frey me guiar pelo corredor, descendo as escadas curvas e indo até o grande salão onde Aurora e Atticus estavam tendo seus mantos colocados sobre seus ombros.

Ambos estavam usando suas coroas e vi Jocelyn e Esther correrem para mim quando alcançamos minha mãe e meu pai, Jocelyn carregando uma caixa de madeira. Bess e Alyssa colocaram meu manto sobre os meus ombros e enfiaram as luvas nas minhas mãos enquanto Jocelyn revelava minha coroa com pingentes de gelo fabulosa, em sua cama de

seda azul gelo que Esther pegou e trouxe para a frente, acomodando-a na minha testa.

— Você está pronta, Finnie — ela sussurrou antes de dar um passo para trás.

Assenti e Bess apertou a minha mão antes das quatro meninas se afastarem.

Frey colocou a mão nas minhas costas e seguimos minha mãe e meu pai para fora das portas da frente. Uma vez lá fora ao pé da escada, vi dois trenós, cada um liderado por equipes de quatro cavalos e ao redor da fonte, uma série de guardas reais e, ao que parecia todos os homens de Frey em montarias e isto incluía Kell e Skylar.

No minuto em que vi Skylar, meus passos vacilaram e minha cabeça se virou para olhar para o Frey.

— Querido, Sky... eu não...

Frey me cortou com um murmúrio.

— Ele pediu para vir.

Balancei a cabeça e agarrei seu braço, arrastando meus pés e sussurrando:

— Ele poderia pedir para lutar com uma cascavel por diversão, mas nós não iríamos deixá-lo fazer isso.

Frey olhou para mim, as sobrancelhas levantadas.

— Uma cascavel?

— Vocês não têm isso aqui? — perguntei quando paramos no último degrau.

— Temos, mas por quê, pelos Deuses, ele pediria para lutar com uma cascavel?

— Exatamente! — falei, minha voz ficando mais alta.

— Finnie...

— Eu não quero que ele vá.

— Pequena...

— Frey, diga a ele que não pode ir. É macabro, este interesse na morte. Não é saudável. E é muito errado. No meu mundo, tivemos execuções públicas, mas elas acabaram há séculos. Quer dizer, acho que algumas terras ainda o fazem, mas a maioria delas não, porque é desumano. E sinto que o Sky tem que aprender que não deve ser assim.

Frey ergueu as sobrancelhas e inclinou o pescoço para poder encarar meus olhos.

— Minha pequena Finnie, ele não deseja ir para ver os condenados serem enforcados. Ele deseja fazer parte da sua guarda.

Pisquei para ele, meu coração palpitando.

— O quê?

— Todos os meus homens estão aqui como sua guarda pessoal e Skylar pediu para estar entre eles. Por isso, sua presença será unicamente cerimonial, portanto, concordei.

Diante disso, meu coração saltou.

— Ele queria...?

— Sim.

Pisquei e sussurrei:

— Sério?

— Gostaria de perguntar por que você acha isso tão intensamente surpreendente, meu amor, considerando o fato de ele acha que o sol brilha através de você e você segura a lua? Só que quanto mais tempo demorarmos, mais tempo levará para isso tudo terminar, para você e para eles.

Ah, caramba. Ele estava *muito* certo.

Ainda assim, era incrível Frey pensar que o Skylar achava que o sol brilhava através de mim e eu segurava lua.

— Certo — falei com um aceno de cabeça, me concentrando novamente na tarefa (não tão maravilhosa) em minhas mãos.

Frey retribuiu meu aceno. Em seguida, olhou por cima da minha cabeça e acenou com a cabeça para alguém.

Então, Tyr foi trazido para ele, Frey me levantou na sela e montou atrás de mim.

— Drakkar — Atticus chamou da parte de trás de um trenó —, um trenó foi preparado para você e a Finnie.

— Ela vai comigo — Frey respondeu.

— Mas, ela é a Noiva de Inver... — meu pai começou, mas Frey o interrompeu.

— Ela é, de fato. Também é minha mulher, cuja vida está em perigo. Ela cavalga sob a minha proteção e em um transporte que fornecerá uma fuga muito mais rápida, se for necessário — Frey respondeu e suspirei profundamente diante da lembrança de outra das muitas coisas que estavam no meu pensamento desde que deixei minha mãe e fui até minhas meninas me preparar para este evento terrível.

Papai considerou isto, em seguida, assentiu.

E reconsiderarei a sugestão de Frey, tempos atrás, de não deixar sua cama grande e macia em seu grande e impressionante castelo na terra da fantasia banhada pelo sol de Hawkvale.

Mas, infelizmente, era *muito* tarde para isso.

Então, papai ordenou ao seu condutor:

— Avante. — Seu trenó se moveu para a frente.

Frey guiou Tyr atrás dele e os homens da guarda e os de Frey nos cercando.

Essa, percebi logo depois que contornamos a fonte, não ia ser uma procissão real imponente e tranquila. Todos os cavalos foram instigados a um galope rápido e ia se tornar evidente o porquê. Isso era porque onde estávamos indo não era perto da cidade, mas longe.

No nosso ritmo, Snowdon foi rapidamente deixada para trás, subimos e contornamos o cume baixo de uma montanha e saímos em outro vale, este pontilhado generosamente com tendas escuras e fogueiras acesas.

Mas a cidade de tendas era uma cidade fantasma, pois além dela havia um mar de gente seguido por cavalos e trenós, todos espalhados na frente de uma plataforma de madeira. Tudo estava iluminado contra a noite que caía por uma abundância de tochas, especialmente em torno da plataforma.

À medida que nos aproximamos, começamos a cavalgar através de uma avenida de curiosos que estava sendo contida pela guarda do pai, bem como membros da guarda que já conhecia, que estavam lá a patrulhar as multidões a cavalo. Vi que a plataforma era um tablado e atrás dela havia um estrado elevado, no qual havia três tronos que eram levemente ornamentados, comparados ao do rei Baldur.

Se os eventos que estavam prestes a ocorrer, não ocorressem, teria pensado que eram legais. Obviamente, temendo o que estava por vir, nem pensei nisso.

Meus pensamentos foram desviados dos tronos (mas, na maior parte do andaime com seus três laços de corda balançando) quando aplausos começaram a eclodir pelo ar, trazendo uma mensagem que aumentou para um canto ensurdecedor.

— O Dragão e a Gélida!

Comecei a olhar em torno enquanto cavalgávamos através da massa de pessoas e vi um grande número de saudações destinadas ao Frey, braços levantados no ar, enormes sorrisos radiantes e muitas bocas gritando quando os olhos ficaram colados no Frey e em mim, e o canto se manteve alto enquanto prosseguíamos.

Era como se fôssemos estrelas do rock que chegavam a um concerto e isso seria, suspeitava, desconcertantemente normal. Considerando os acontecimentos daquela noite, era macabro.

Para desviar a minha mente disso, me virei, olhei para o Frey e perguntei:

— A Gélida?

Seus olhos, que estavam focados acima da minha cabeça, alertas e escaneando a multidão, desceram para mim.

— Não sei, pequena. Nunca ouvi isso antes, mas parece que você ganhou um apelido.

— Ótimo — murmurei, olhando para a frente novamente.

Quer dizer, “A Gélida” era muito legal, suponho. Só não sentia que combinava.

Não tive a chance de considerar meu novo assunto porque não demorou muito para chegarmos à plataforma e ninguém hesitou em avançar rapidamente para ela, incluindo Atticus e Aurora que saltaram do trenó quase no instante em que parou. Meu pai nem mesmo esperou alguém se aproximar para abrir a porta do trenó.

Frey desmontou um pouco antes do Tyr parar. Depois, imediatamente, estendeu a mão para me puxar para baixo. O que me fez sentir muito melhor foi quando a totalidade dos seus homens, incluindo Kell e Skylar, também desmontou e subiu na plataforma. Então nos alinhamos na parte de trás, nos nossos tronos, com o Frey em pé do meu lado direito, Thad à minha esquerda, Skylar na frente do Thad e o Kell nas minhas costas.

Verdade seja dita, não me fazia sentir melhor... isso me fazia sentir ótima; sua demonstração de apoio era incrível.

Até que a multidão absorveu isso, O Drakkar e seus homens flanqueando sua noiva, e ficou completamente frenética.

Merda.

Sentada no meu trono, estendi a mão para pegar a mão de Frey, a puxei e ele se inclinou para que sua orelha ficasse perto da minha boca, o que também causou uma onda de gritos.

— Talvez, os caras estando aqui... — comecei e o Frey virou a cabeça para olhar nos meus olhos.

— Eles vão ficar com você — declarou implacavelmente.

— Mas, todas essas pessoas estão... — comecei de novo e Frey me interrompeu novamente.

— Todas essas pessoas são uma multidão de desconhecidos com intenções desconhecidas. Você está exposta. Meus homens vão ficar com você.

Oh. Certo. Isso fazia sentido.

Portanto, não era tanto uma demonstração de apoio, e sim, de proteção.

Isso funcionou, também.

— Ok — sussurrei.

Os lábios de Frey se contraíram, em seguida se endireitou, ficando de frente para a multidão, apertou minha mão tranquilizadamente uma vez, em seguida, a soltou para cruzar os braços sobre o peito.

Peguei a dica.

Hora de ser princesa.

Então coloquei as duas mãos no colo, entrelaçando-as com força.

Uma onda de murmúrios atravessou a multidão, mudando a excitação eufórica para outra coisa que não parecia ser muito boa.

Meus olhos se voltaram para trás do mar de pessoas. Lá, vi um trenó negro coberto, puxado por quatro cavalos negros que tinha entrado na avenida que tínhamos atravessado há pouco tempo atrás e era guardado por uma grande fileira de soldados armados do meu pai.

Os condenados haviam chegado e, quase que imediatamente, a multidão que já estava em frenesi ao ver Frey e eu, não tardou a gritar zombarias e lançar bolas de neve que atingiram o lado do trenó coberto, os cavalos e até mesmo a guarda que, por sorte, trazia grandes escudos em seus lados.

— Ah, não — sussurrei, meu corpo ficou tenso e senti, em dois lugares, apertos tranquilizadores. Um deles no meu ombro direito, que era de Frey. O outro no esquerdo e, para minha surpresa, era do Kell,

alcançando a parte de trás do meu trono para fazê-lo rapidamente, em seguida, retirando a mão.

Meu pai se levantou e caminhou, determinado, através da plataforma, desceu as escadas até o cadafalso onde falou com um guarda.

Em seguida, caminhou de volta, o rosto rígido como pedra, o guarda saindo da formação e entendi sua intenção, mas já era tarde demais. O trenó estava agora sendo balançado para trás e para a frente por causa do número de bolas de neve que o acertava e as vaias haviam se intensificado a tal ponto que o ar parecia estar carregado com ácido. Uma vez que o trenó parou diante das forcas, mais guardas avançaram para formar um escudo de cavalos em torno dela, bem como outros guardas a pé marcharam para ficar na frente dos cavalos, os homens desembainhando as espadas em advertência.

Mas já era tarde demais.

Tarde demais.

E os guardas sabiam disso, então não desperdiçaram ainda mais tempo. Os prisioneiros foram tirados do trenó e guiados rapidamente para o andaime para se posicionarem junto ao seu laço. Os dois homens primeiro, depois Viola, parecendo magra, pálida e aterrorizada, aumentando as vaias.

Foi Viola ou, talvez, a violência e a maneira pública do esquema que tinha planejado que invocou a força pura do fervor cortante da multidão e, no minuto em que ela se tornou visível para os espectadores, bolas de neve foram lançadas com tal violência e quantidade, que seu corpo balançava a cada míssil que o acertava. Ficou claro, rapidamente, que esses projéteis tinham sido preparados com antecedência e recheados com pedras ou, talvez, algo pior, pois só a neve não rasgaria sua roupa grossa ou cortaria sua pele.

Então ela escorregou na neve e caiu de quatro, o cabelo encharcado gotejando, as roupas em farrapos em poucos segundos, os

mísseis gelados vindo rápido, mesmo com os guardas ficando na frente dela, levantando os escudos tentando protegê-la e sendo alvejados em sua tentativa, a multidão ficou selvagem com sua queda e uma nova onda de gritos chegou até mim, então perdi a cabeça.

Sem pensar, me lancei para fora do trono, gritei:

— *Parem!* — E corri para a escada que levava ao cadafalso. Não consegui. Stephan me pegou primeiro e depois senti que fui transferida para os braços de Frey, mas continuei a gritar. — *Parem! Parem agora! Parem agora!* — enquanto lutava contra o aperto dele.

— Finnie, pequena — grunhiu no meu ouvido com um aperto firme —, acalme-se.

Eu o ignorei completamente, me mantive lutando e me mantive gritando.

— *Parem agora!*

E foi então que notei, e Frey também, pois parou de tentar me puxar de volta para o meu trono. Parado, olhando para aqueles mais próximos à plataforma, que me viram e ouviram, pararam de jogar as bolas de neve e começaram a olhar para mim em estado de choque. Isto, também, se deslocou no meio da multidão com uma velocidade incrível e todos eles rapidamente ficaram imóveis e em silêncio enquanto eu gritava.

— *Parem!*

Levaram apenas alguns segundos para a multidão inteira parar e olhar.

Fiquei ali, na curva do braço de Frey, meu peito subindo e retribuindo os seus olhares.

Não sei o que deu em mim, comecei a gritar. Ou, mais precisamente, dar um sermão nos meus súditos como se eu fosse uma verdadeira princesa.

— É a medida de uma nação, a sua astúcia! É a medida de uma nação, a sua força! E é a medida de uma nação — me inclinei para a frente e gritei: — *sua misericórdia!*

Me inclinei para trás e observei a multidão e, por algum motivo bizarro, continuei a gritar.

— Os condenados que estão diante dos seus olhos foram julgados com justiça e tiveram uma sentença justa. Erraram e vão pagar por isso. Mas não sou a Princesa do Inverno de uma nação que não vê que, mesmo os condenados merecem ser tratados com respeito quando enfrentam a morte. Vocês podem pensar que não merecem isso, mas é seu dever como Lunwynianos estarem acima das suas ações e *não* caírem na escuridão. Eles vão cair por seus crimes e vocês vão assistir esta sentença ser cumprida. Como isso não pode ser suficiente para vocês?

Desviei os olhos da multidão, agora, murmurando minhas palavras para aqueles que estavam mais próximos, sentindo o braço de Frey ainda apertado em volta da minha cintura, mas o ignorei e olhei para o cadafalso.

— Coloquem-na de pé — ordenei aos guardas que estavam próximos à Viola, que se viraram, olharam para mim com estupefação e gritei: — *Coloquem-na de pé!*

Eles pularam na direção da Viola a quem evitei olhar enquanto a ajudavam a se levantar e a levaram até o seu laço. Em vez disso, olhei novamente para a multidão e, sim, você adivinhou, continuei a gritar.

— Hoje, vocês testemunham algo infinitamente triste. Três pessoas que deram um passo errado em algum lugar em suas vidas, agiram errado e, por causa disso, pagarão um alto preço. Não fiquem aí gritando e zombando, demonstrando que eles tinham razão para agir contra esta grande nação, aqueles afortunados o suficiente para habitar sua terra gelada e aqueles privilegiados em usar suas coroas. Fiquem firmes e, como os Lunwynianos que sei que vocês são, permaneçam fortes, permaneçam orgulhosos e permaneçam plenos de misericórdia. — Me virei nos braços de Frey, olhei para ele e retruquei: — Terminei.

Ele estava olhando para mim com uma expressão que eu não estava com nenhum humor para ler e, felizmente, não me deu tempo para fazê-lo. Rapidamente, me guiou de volta para o trono, me sentei e olhei novamente para a multidão, agora silenciosa, as mãos cruzadas no colo, tentando respirar fundo.

— Comecem imediatamente — Atticus bradou do meu lado esquerdo.

Assisti em silêncio (assim como a multidão) enquanto cada um dos condenados foi autorizado a dizer suas últimas palavras. Berg Enger e Viola Milstrom, ambos declinaram, Enger claramente abalado pelos acontecimentos e Viola obviamente, do mesmo jeito. Hernod Grieg estranhamente levantou o punho e gritou:

— Unam-se Lunwynianos! — E estava pronto.

Suas cabeças foram cobertas com sacos de pano preto, os laços puxados sobre suas cabeças e apertados em torno dos seus pescoços, um homem com uma túnica branca com uma faixa mostrando todas as cores dos deuses pendurada disse algumas palavras na língua antiga.

Finalmente, meu pai gritou:

— Lunwyn! — E o carrasco desceu o corpo deles chutando uma alavanca de madeira alta atrás de cada um dos condenados e para baixo foi Enger, para baixo foi Grieg e não pude me conter, fechei os olhos, mas foi ruim o suficiente só ouvir o grito afiado e curto, de partir o coração que foi silenciado abruptamente quando Viola desceu.

Em seguida, o carrasco se virou e gritou:

— Está feito, meu rei!

Frey me tirou do trono tão rápido que fiquei tonta. Descemos a plataforma com as solas das botas dos seus homens soando atrás de nós. Logo, estava sobre o Tyr com Frey atrás de mim apertando o seu braço ao meu redor, ele nos inclinou sobre as costas do cavalo e cravou os calcanhares no flanco, gritou:

— *Yah!*

Não havia mais avenida e, diante de nós a multidão se afastou para longe por conta própria quando Frey, eu, Tyr e todos os seus homens, galopamos através deles diretamente a Rimée Keep.



Levou metade do tempo para voltar ao Keep do que para chegar à plataforma, porque Frey cavalgou Tyr duramente por todo o caminho até lá. Uma vez que chegamos, desmontou e ao fazê-lo, arrastou-me para baixo junto com ele.

Me arrastou pelas escadas.

Me arrastou através das portas que foram abertas por um lacaios, antes de chegarmos.

Me arrastou direto pelas minhas criadas que estavam me esperando, pois todas correram para a frente ao me ver chegando.

Então, me arrastou pelo corredor até a sala onde tinha estado mais cedo com meus pais.

Pelos farfalhares de tecidos, sabia que as minhas criadas e cada um dos seus homens nos seguiram enquanto ele me puxou para dentro e se virou para mim.

Dei uma olhada no seu rosto, soube que estava chateado e *não* me importei.

Então levantei a mão livre, virei a palma para cima na direção dele e gritei:

— *Nem comece!*

Ele olhou atrás de mim (e da minha mão) e bradou:

— *Vão!*

Olhei por cima do meu ombro e gritei:

— *Fiquem!*

Tanto os homens quanto as mulheres olharam para nós, e Frey repetiu:

— *Vão!* — Então dispararam para fora.

— *Não se atrevam a sair! Fiquem!* — ordenei.

— Deuses! Droga, Finnie — Frey grunhiu e olhei para ele.

— Eles a estavam acertando com bolas de neve, Frey, *bem antes de ser pendurada pelo pescoço até a morte!* — gritei. — Ela errou, mas sua sentença tal como foi, já não era ruim o suficiente? Será que ela tinha que suportar...

Parei de falar porque de repente estava sendo esmagada nos braços de Frey, sua boca quente e pesada descendo sobre a minha.

Estava segurando seus ombros e piscando para ele aturdida. Ele levantou a cabeça e começou a falar:

— Teria sido bom ter privacidade quando eu lhe dissesse como fiquei orgulhoso da minha esposa esta noite, deuses, mas já que você parece desejar uma audiência contínua para o seu desempenho da noite, que assim seja.

Pisquei novamente, percebendo vagamente que ele não estava chateado, a intensidade da emoção que li em seu rosto era algo completamente diferente.

Ele me deu um aperto e declarou:

— Estou orgulhoso de você, Finnie Drakkar. O que você fez demanda coragem e mostrou compaixão, e se o seu povo ainda não te amava, testemunhando isso, eles vão.

Pisquei novamente, em seguida, perguntei:

— Você acha?

— Com certeza — respondeu.

Senti meu corpo derreter em seus braços.

— O que ela fez? — Ouvi Jocelyn sussurrar atrás de mim.

Então ouvi a resposta do Thad.

— Vou te dizer, mas vou fazê-lo lá fora.

Depois disso ouvi o arrastar de corpos em movimento bem antes de ambos, Frey e eu, balançarmos para o lado quando braços envolveram nossas coxas. Olhei para baixo e vi que era o Skylar nos dando um abraço e derreti ainda mais profundamente no abraço de Frey quando movi a mão para tocar o cabelo do Skylar. Mas Skylar, sendo Skylar, não esperava por isso. Sem dizer uma palavra ou olhar, nos soltou e correu para fora da sala. Me virei nos braços de Frey para observá-lo correr e vi que o único que sobrou foi o Kell.

Estava de pé, as pernas separadas, os braços cruzados sobre o peito, os olhos grudados no Frey.

— Não sei se é o espírito que ela tem — comentou. — Não sei que maldito inferno é. Nunca vi algo assim em uma mulher. — Seus olhos se voltaram para mim antes de terminar bruscamente. — Só sei que o que quer seja, é bom.

Ele descruzou os braços, marchou para fora da sala como se chegar a esta conclusão fosse além de chato e certamente abalasse o seu mundo em suas próprias bases e ele não gostava disso, tanto assim que bateu a porta atrás de si.

Me virei para o Frey me sentindo aquecida por dentro e por fora.

— Acho que o Kell gosta de mim — sussurrei.

— Acho que você está pensando de maneira correta — Frey não sussurrou.

Meus olhos foram para o seu peito enquanto meus dedos faziam o mesmo, para mexer na alça do seu manto.

— Então, uh... você não está com raiva de mim por não me segurar, você está, humm... orgulhoso de mim?

Me deu uma sacudida suave e parei de mexer os dedos enquanto meus olhos se erguiam para os dele.

Em seguida, declarou:

— Você não nasceu princesa, Finnie Drakkar, mas isso não significa que você não seja uma.

Fechei os olhos e encostei a testa no peito dele enquanto suas palavras tomavam conta de mim. E, quando o fiz, minha coroa caiu na minha testa, então, imediatamente puxei-a para trás.

— Preciso me livrar da minha coroa — sussurrei.

Ele assentiu, mas não se moveu. Em vez disso, perguntou:

— Você está bem?

Respondi honestamente:

— Não, aquilo foi hediondo e espero que ninguém mais tente me matar, porque não é muito divertido, absolutamente, e vê-los sendo pendurados não é muito melhor.

Sua boca se curvou e ele concordou.

— Espero que sim, também.

Me inclinei para ele e disse:

— Agora preciso de comida e depois preciso do meu marido para me levar para a cama e me abraçar para que eu possa esquecer tudo isso e pensar sobre aonde a minha mãe vai me levar às compras, amanhã.

Seus braços me apertaram e respondeu:

— Minha pequena Finnie, quando estivermos na cama espero que você não esteja pensando sobre aonde sua mãe vai levá-la para fazer compras.

Sorri para ele, então o desafiei:

— Bom, então, parece que o seu trabalho foi dificultado, porque algumas das lojas pelas quais passamos hoje... — Dei de ombros e terminei — Apenas dizendo.

Ele sorriu de volta, seu corpo tremendo com o riso e aceitou o meu desafio, abaixando a cabeça e me beijando.

Aliás, várias horas mais tarde, depois do jantar quando estava nos braços de Frey na nossa cama quente e macia em Rimée Keep, nenhuma vez pensei em fazer compras.

Ou em execuções.

Capítulo 27

Conjectura

Duas semanas depois...

Frey Drakkar estava entre Max e Thad, observando Gunner colocando Finnie e Sky em movimento. Finnie estava em cima da sua nova montaria, Caspia.

Drakkar havia presenteado sua esposa com uma égua dois dias depois que chegaram a Snowdon. Era uma égua malhada de cinza; suas manchas de uma cor extraordinária que beirava o lilás e, quando a viu, Drakkar decidiu que seria da Finnie.

Ele estava certo. Finnie ficou em transe no momento em que a conheceu, lhe deu um nome em um segundo e se apaixonou por ela um segundo depois.

Quanto ao Drakkar, foi abraçado no momento em que sua esposa descobriu e se lembrou de presenteá-la com muito mais frequência.

Agora, todos os dias, assim como o arco e a flecha e o treino com facas, ela e Sky passavam uma hora ou mais com o Gunner aprendendo o que a Finnie denominou “Manobras a cavalo de Raiders”. E, naquele momento, estava inclinada sobre o pescoço da Caspia, serpenteando sua malhada em um galope, bem próxima de obstáculos que Gun tinha montado, após o que, ela (e Sky) encontrou uma cerca que tinham que saltar. Uma vez que conseguiram, manobraram suas montarias em torno dos obstáculos bruscamente, saltaram novamente a cerca e serpentearam novamente através dos obstáculos, desta vez pegando flâmulas no topo deles (Finnie as azuis, Sky as pretas) para terminar tendo que saltar outra cerca.

Sua noiva, Drakkar observou, estava aprendendo as “manobras a cavalo dos Raiders” muito mais rápido do que tinha feito com o arco e a flecha ou com os punhais e sabia porquê. Em primeiro lugar, tinha experiência em montar. Em segundo lugar, era destemida. A velocidade, as manobras, a posição na sela, nem os saltos a perturbaram. Encarou tudo sem piscar e caminhava para a excelência. Hipismo era parte habilidade, parte finesse e parte ousadia e ela tinha a última em abundância.

Dito isto, estava começando a se destacar no tiro ao alvo, tendo acertado mais três alvos bem no meio. Portanto, Annar tinha avançado com ela, para perseguir funcionários jovens, do sexo masculino que se ofereceram como voluntários para vestir casacos acolchoados e gorros triplos de lã, e foram orientados a se esconder no meio de uma floresta local, onde Finnie deveria, se os encontrasse, atirar neles com flechas que não tinham pontas, mas, em vez disso, almofadas de algodão acolchoadas. Seus voluntários, Annar informou, apreciavam isto tremendamente, vendo como um jogo, mesmo quando a flecha da Finnie deixava seu alvo ileso. Isso porque, Annar disse a ele, Finnie encarava como um jogo.

Ela estava, também, de acordo com o Annar, se destacando nisso também.

Embora orgulhoso da sua esposa, Drakkar não conseguia conter um sentimento de inquietação divertida por ela parecer tão determinada a reunir todas as habilidades exigidas de um Raider.

Seria bom quando ficasse grávida do seu filho. Isto, esperava, ia fazê-la mudar de ideia sobre se aventurar com ele e os seus homens, algo que estava tendo a impressão não tão vaga que ela tinha intenção de fazer, para cuidar de si mesma e do filho deles.

Drakkar observou quando Finnie saltou novamente a cerca e contornou os sete obstáculos, faltando apenas duas bandeiras, com Sky

seguindo muito mais lento, enquanto faltavam cinco das dele e uma das que tinha pego, deixou cair.

— Finnie leva jeito para isso — Max murmurou, seus olhos na Finnie que tinha saltado o último obstáculo e freado a Caspia, para trotar até onde o Sky estava, em cima da sua montaria, os ombros caídos em abatimento, por ter desistido, portanto, parou o seu cavalo e não fez o salto final. — Gun terá que aumentar o desafio em breve — finalizou.

— Ele vai — Thad concordou. — Mas Sky está longe de se igualar a ela, e ela não vai avançar até o Sky poder avançar com ela.

Drakkar observou quando Gun trotou até sua esposa e o rapaz e ambos começaram a falar com Sky, que estava obviamente insatisfeito com o seu desempenho.

Thad estava certo, não havia possibilidade da Finnie deixar o Sky para trás, o que Drakkar achava bom. Precisava desacelerar. Estavam deixando Kellshorn no dia seguinte, mas era provável que a estadia não durasse mais do que em Snowdon. O degelo de verão já tinha começado e as águas resultantes, favorecidas pela opulência em todas as partes das Northlands seria engarrafada. E, todos os anos, no degelo, todos os navios de Drakkar eram carregados até sua capacidade máxima com a água de Lunwyn e, em seguida, partia para Middleland, Bellebryn, Hawkvale e Fleuridia onde a vendiam por preços ridículos e era, de longe, sua carga mais lucrativa, independentemente do fato de ser simplesmente água.

Portanto, precisava estar em Sudvic para ajudar o Kell a gerir tudo isto, bem como discutir com os seus capitães com o que seus porões de carga seriam preenchidos, no seu regresso. Ele e a Finnie estariam, então, a bordo do *Finnie* rumo a Fleuridia e não queria a cabeça da Finnie ocupada com novas aventuras e treinamentos quando estivessem em curso, simplesmente, para descarregar a água em Fleuridia.

Ele queria a cabeça da Finnie ocupada com o nome que daria ao filho deles e como o criaria.

E, com sua noiva treinando para se tornar uma Raider Drakkar, o que nunca permitiria que ela fosse, Drakkar estava colocando uma quantidade razoável de esforço em conceber a criança que a faria diminuir o ritmo.

Ele ouviu batidas de casco na neve atrás dele, se virou para ver Oleg indo na sua direção e ficou tenso.

Tirando a execução, seu tempo em Snowdon tinha sido bom. Finnie gostou da cidade, ainda mais do que Bellebryn ou Hawkvale. Quando não estava com ele, em treinamento ou tutoreando o Sky, estava enfurnada com suas meninas rindo, ou estava na cidade fazendo compras com a sua mãe, comendo em restaurantes e simplesmente se acabando em pastelarias e cafés. Ele tinha, infelizmente, sido convocado para ver duas peças de teatro com ela, uma na qual adormeceu, só para ter a Finnie o cutucando com muita força nas costelas para acordá-lo, a tempo de ouvi-la dar uma gargalhada, o que fez com que os espectadores perto do camarote real os encarasse, o que fez o Drakkar dar risada e a Finnie rir ainda mais.

Sua conversa com Hernod Grieg tinha extraído não mais do que aquilo que o Quincy e o Balthazar tinham conseguido e, infelizmente, não havia tempo para ser criativo. Grieg foi inflexível em dizer que era o homem por trás da trama e seu desejo, ele disse, era unir Lunwyn e Middleland, já que nunca deveriam ter sido divididas pelo pai do Atticus e do Baldur, o rei Halldor.

Drakkar não podia argumentar com isso. Entretanto, obviamente, nunca considerou assassinato um jogo de covardes, sem mencionar, nas presentes circunstâncias, que o alvo era a sua esposa.

E sabia que havia uma não tão pequena facção de Lunwynianos e Middlelandianos que concordava que Lunwyn nunca devia ter sido dividida. Aqueles Middlelandianos que não gostavam de Baldur como seu rei e os Lunwynianos que estavam descontentes com a perda da terra concedida a Baldur. Sem mencionar os cidadãos de ambos os países

havia sido separados de membros da própria família, e foram forçados a viver em diferentes fronteiras com a decisão do Halldor que foi, indiscutivelmente, justo com seus filhos, mas não tão indiscutivelmente justo com o seu povo.

E, apesar de Atticus e Baldur terem assumido seus tronos em idades muito jovens, a passagem das décadas não havia mudado estes sentimentos.

Atticus tinha feito duas tentativas durante o seu reinado para fechar algum tipo de compromisso com o Baldur, em um esforço para resolver essa insatisfação permanente. Ambas as tentativas foram ofertas para construir uma aliança entre as nações, incluindo fornecer a todos, de ambos os países, dupla cidadania e unificar seus impostos, tesouros e moeda.

Mas Baldur nem quis ouvi-lo. Isto, provavelmente, porque seus impostos altos eram cobrados em ouro, prata ou cobre, mas a moeda impressa pelo tesouro queria que os cidadãos usassem em qualquer coisa que não tivesse imposto. Ele a imprimiu em grandes quantidades, além do que havia nos cofres do seu país, tornando a moeda impressa em sua maior parte inútil, mas Baldur, extraordinariamente rico.

Seu povo estava, com razão, inquieto. Se Atticus, ou o Rei Ludlum de Hawkvale e o seu filho, o príncipe Noctorno, que governava Bellebryn fossem tipos diferentes de governantes, isso tornaria Middleland apta a uma invasão.

Infelizmente, eles não eram.

Com isso, Drakkar sabia que havia agitação, mas Finnie ser o alvo disso fazia pouco sentido e, de fato, parecia contraproducente, a menos que Baldur ou o líder de uma Casa que desejasse assumir o trono como seu, estivesse realmente por trás da trama.

Além disso, Grieg era movido pela moeda, não pelo patriotismo e não agiria de forma a provocar sua execução, a menos que houvesse algo excepcional nisso para ele.

No entanto, o que quer que fosse, tinha ido para a forca sem compartilhar.

Portanto, Drakkar não sentia que a Finnie estava segura, ainda.

Quincy e Balthazar concordavam com o Drakkar. Quincy ficou para trás, para continuar a investigar localmente, pois ambos tinham suspeitas sobre o rápido julgamento e condenação do Grieg para ser enforcado com a Viola e o Enger. Enger e Viola eram apenas peões enquanto o Grieg era, claramente, um jogador e devia haver mais tempo para recolher informações do homem.

Drakkar tinha descoberto que esta ação não tinha sido instigada pelo Atticus, mas pressionada pelo seu pai, o chefe da Casa do Drakkar (com a desculpa que a Finnie era uma Drakkar e queriam punição imediata).

Isso foi apoiado pelas Casas de Lazarus e Ravenscroft (ambos também reivindicaram Finnie como sua pelo sangue que, eles pensavam, corria em suas veias, e isso era verdade, pois Sjöfn assim como Aurora eram de ambas as Casas).

Mas também foi pressionada por Apollo, o jovem chefe da Casa de Ulfr e primo de Drakkar, pois Ulfr era da Casa da sua avó, Eugenie. O raciocínio de Apollo era que ele sentiu que Baldur estava claramente por trás da trama e seu ato de represália devia ser rápido, a fim de dissuadir futuros atentados contra a vida de Finnie.

Isso não era surpreendente. Drakkar conhecia bem o Apollo, era querido e respeitado, e sabia que seu primo retribuía estes sentimentos. Mas também sabia que seu primo era, mais seguramente, um homem que ninguém gostaria de desafiar e, por Lunwyn e pelo primo, Apollo exigiria vingança, ficaria imensamente descontente e não teria medo de demonstrá-lo de maneiras que ninguém na Corte ousaria deixar sua demanda passar despercebida. Considerando que o poder, a influência e a riqueza da Casa de Ulfr só eram rivalizados pela riqueza e influência pessoal das Casas de Wilde e Drakkar, Atticus cedeu ao Apollo e às

pressões das Casas ainda mais familiares de Lazarus, Ravenscroft e Drakkar.

Era chato, mas compreensível e Quincy, até agora, não tinha descoberto quaisquer razões nefastas por trás da execução rápida do Grieg.

Balthazar não tinha ficado para trás, mas saiu para ver se conseguia colher mais informações para refutar as alegações do Grieg, que ele era o mentor de tudo. No entanto, as três mensagens que enviou para Drakkar desde o seu retorno e da Finnie para Lunwyn, tinham compartilhado que os esforços do Balthazar ainda não tinham dado frutos.

E agora, vendo a expressão do Oleg quando parou o cavalo ao lado do seu agrupamento, Drakkar não achou que fosse um bom presságio. Oleg exibia poucas expressões e esta não era uma daquelas boas.

Oleg não hesitou em compartilhar a notícia e anunciou com um grunhido:

— Valeria e Franka Drakkar estão no Keep esperando por você, para atendê-las.

Imediatamente, a boca do Drakkar se contraiu com a informação de que sua mãe chegou à mansão dela em Snowdon dois dias antes. Não iria visitá-la e ela não enviou um comunicado oficial que estava na cidade. Tinha esperança que ela estivesse lá para fazer compras. Agora, sabia que estava aguardando Franka, pois esta era a primeira notícia que recebia que sua prima estava por perto e era altamente provável que tivesse acabado de chegar.

Acenou com a cabeça, levantou o queixo para o Thad e o Max, se encaminhando para Tyr e montando-o. Levantou a mão para Finnie que observava seus movimentos e ela acenou de volta, seu sorriso para ele ensolarado, embora soubesse que estava distraída e sabia disso porque quase imediatamente inclinou a cabeça novamente para o Skylar, depois que acenou. Ele e Oleg galoparam para Snowdon, através da cidade e

para o Keep. Desmontou na frente fonte, jogou as rédeas do Tyr para um menino que estava à espera e subiu rapidamente os degraus de mármore de gelo, entrando no castelo.

Uma serva estava por perto e se aproximou dele no momento em que entrou.

— A rainha Aurora está recebendo as damas Drakkar na sala de Estado — informou e Frey assentiu.

Aurora tinha intervindo e Drakkar descobriu como estava fazendo mais e mais a cada dia, nas duas últimas semanas, enquanto a observava com sua esposa, que gostava bastante da sua sogra.

Se afastou da serva e caminhou para a sala de Estado, uma dependência oficial que era elegante, mas grande, fria e nunca usada quando eram simplesmente pessoas da família.

Uma declaração. Aurora não gostou da visita surpresa e não tinha medo de deixar isso claro. Também estava feliz por Finnie mostrar lealdade aos Drakkars, incentivando-a a vestir o vermelho da sua Casa, mas não estava feliz com a forma como Finnie foi tratada pelo seu pai e sua mãe no Gales e carimbando esta visita como oficial e não familiar era sua forma de mostrar isso.

Sim, estava definitivamente vindo a gostar da sua sogra.

Abriu a porta e caminhou através dela para ver, tanto sua mãe quanto sua prima, vestidas com esplendor, a profusão de joias da Franka beirando a ostentação, e sua mãe passando disso. Aurora, com sua roupa elegante e refinada, sua forma graciosa ao lado das figuras das duas outras mulheres, ainda assim, parecia uma mendiga.

Todas as mulheres se viraram para ele no momento em que entrou, o rosto da Valeria se iluminando com um prazer falso, os lábios da Franka se curvando por motivos desconhecidos e Aurora com uma expressão benigna, mas ilegível.

— Filho! — Valeria exclamou enquanto se levantava. Drakkar fechava a porta e adentrava a sala.

— Vamos dispensar a sinceridade artificial — afirmou, sem demora — e, em vez disso, vamos chegar ao porquê de vocês duas estarem aqui.

Maldade inundou instantaneamente as feições da sua mãe e Drakkar descobriu que era muito mais fácil de suportar isso, pois era quase tudo o que tinha conhecido dela quando era uma criança.

— Sério, Frey — Valeria retrucou —, menestrelis estão cantando e as mães colocando suas filhas para dormir com histórias sobre o belo Drakkar e sua profunda adoração por sua bela Noiva do Inverno. Já se passaram meses desde que vi você e sua adorável esposa e você não permite à sua mãe um momento para relaxar sob o brilho de felicidade extrema do seu filho?

Drakkar parou, cruzou os braços sobre o peito e nivelou o olhar com o da sua mãe.

— Antes do Gales, e, claro, a sua presença no meu casamento a qual não combinamos, já não a via há mais de um ano e, quando o fiz, foi de passagem. Você não me deu nenhuma abertura nos anos anteriores e a única abertura que dei a você desde que tinha treze anos foi convidá-la para a minha cerimônia de casamento e não fui eu quem fez isso, mas a secretária da rainha Aurora. Você não está aqui para aproveitar o brilho de qualquer coisa. Então, vamos dispensar esta farsa e me diga por que vocês realmente *estão* aqui.

Valeria olhou para o filho e, em seguida, se sentou novamente.

— Bem, da minha parte, apesar de você não ter perguntado, querido primo, estou cuidando da minha garganta — Franka tocou naquele ponto e os olhos do Drakkar se moveram para ela, enquanto se controlava para não mostrar nenhuma reação ao seu anúncio.

— Você tem novidades — afirmou suavemente.

— Verdade. — Ela abaixou a cabeça e se inclinou para a mesa, que continha um serviço de café, porcelanas e uma tigela de doces. Controlada e calculadamente, como era seu jeito, Franka tomou seu tempo selecionando uma amêndoa doce revestida de glacê branco que

colocou na boca, mastigou e engoliu sob o olhar impaciente do Drakkar antes de falar novamente. — Baldur partiu para Southlands com trinta mil homens.

Drakkar observou que Aurora não moveu um músculo com esta notícia extraordinária apesar de não poder saber isso porque sabia que Atticus lhe contava tudo e o rei também contava tudo para *e/e*. Drakkar não moveu um músculo, exceto por levantar as sobrancelhas.

— Isso me interessa por quê...

— Você talvez... — ela fez uma pausa, estudando-o de perto — ou não, pode saber que o Baldur tinha um brinquedinho. Um espécime delicioso chamado Circe. — com essas palavras, Drakkar continuou a observá-la impassivelmente, mas lutou para não cerrar os dentes. — Uma feiticeira poderosa, mas infelizmente para a encantadora Circe, Baldur encontrou uma quase igualmente poderosa bruxa para vincular seus poderes a ele, para que ela não pudesse usá-los para prejudicá-lo ou fugir dele. Infelizmente, para revolta do Baldur, ele não foi suficientemente perspicaz para uni-la a ele, para que ela não pudesse encontrar *outros* para ajudá-la a escapar dele. E fez isto há alguns meses.

— Fui chamado aqui para você me contar lendas sobre o rei Baldur? — Drakkar perguntou com ceticismo.

— Não — Franka respondeu. — Você foi chamado aqui porque Circe foi avistada e Baldur partiu para buscá-la.

Mais uma vez, Drakkar ergueu as sobrancelhas em vez de cerrar os dentes.

Não tinha passado muito tempo com a feiticeira Circe, mas no pouco tempo que passou, gostou dela. Baldur a havia maltratado insensivelmente por anos, aprisionando-a, usando-a de diversas maneiras repugnantes e, por tudo isso, por que tinha que ser um milagre, ela de alguma forma manteve sua dignidade, mesmo quando, anteriormente, quatro tentativas de fuga foram frustradas e Baldur a puniu por cada uma delas de maneiras que não suportava nem pensar.

Não era uma boa notícia que tivesse sido avistada e, pior ainda, que a notícia do seu avistamento tivesse alcançado os ouvidos do Baldur.

Drakkar tinha a sensação que não ia levar sua noiva para o chalé em Kellshorn ou carregar os porões do *Finnie* com água de Lunwynian e prosseguir para Fleuridia, mas em vez disso, ia navegar direto para as Southlands.

Mas, até lá, tinha que descobrir mais sobre isso, sem deixar que notassem que se importava.

Portanto, disse com resignação fingida:

— Mais uma vez, Franka, não sei bem por que você está transmitindo esta informação para mim.

— A linda, mas azarada Circe teve uma desventura desde a sua fuga, o que a levou a ser incluída na Caçada à Esposas de Korwahk — Franka respondeu.

Drakkar olhou com indiferença para sua prima.

Mas pensou, *droga*.

A Caçada à Esposas de Korwahk era bem conhecida e, apesar de acontecer há séculos em Korwahk, era considerada um ritual selvagem fora das Southlands.

As mulheres locais caçadas pelos guerreiros Korwahk se sentiam honradas por serem escolhidas para esta caçada. Mas as mulheres que não eram de Southlands que eram perseguidas, sequestradas e incluídas na caçada, definitivamente, não sentiam o mesmo.

Como não sentiriam, considerando que a participação na caçada significava que eram exibidas na frente dos guerreiros, soltas, então caçadas e “reivindicadas” como esposas, em outras palavras, no momento em que eram capturadas, eram estupradas.

Depois do que Circe já tinha sofrido, Drakkar ficou consternado ao saber que agora tinha que suportar isso.

Franka continuou:

— E dizem que ela chamou a atenção do seu rei. Ele a reivindicou e fez dela sua rainha. O fato é, depois de fazê-lo, declarou ter grande orgulho da sua natureza corajosa e imensa satisfação com sua beleza surpreendente.

Com isso, Drakkar relaxou.

Já havia ido até Southlands — para negociar, não para atacar. Conhecia vários comerciantes Korwahk e conhecia vários guerreiros da Horda Korwahk.

Não conhecia Lahn, o rei de Korwahk, mas sabia muito sobre ele. Embora Circe provavelmente fosse achar o ajuste à sua nova vida uma provação, não era inédito, de fato, que frequentemente as mulheres, mesmo as de fora das Southlands, se ajustassem à vida com seus guerreiros, bem como apreciá-la e considerar a si mesmas, Korwahks.

O Rei Lahn era muito admirado por seu povo, conhecido por ser honrado e qualquer noiva que escolhesse, sem dúvida, seria igualmente admirada. Sem falar que possuía grande riqueza e era sabido que seus guerreiros a derramavam sobre suas noivas e se o seu povo o achava honorável e ele havia declarado estar satisfeito com ela, Drakkar esperava que fosse se comportar como tal, com sua nova noiva.

E, por último, não havia absolutamente nenhuma chance do Baldur ter sucesso na recuperação da sua feiticeira. A Horda de guerreiros Korwahk era conhecida por proteger seu povo, sua nação, suas vastas riquezas, mas, mais especificamente, suas esposas. O rei Lahn, se o que falavam era verdade, era de longe, o mais poderoso de uma celebrada horda de guerreiros excepcionalmente qualificados e fortes, e ia dar trabalho ao Baldur se ele só tentasse.

— Franka, estou perdendo a paciência — Drakkar advertiu.

Ela o examinou por um momento, soube que ela não conseguiu descobrir nada e, finalmente, continuou.

— Isso faz com que Middleland esteja vulnerável.

— Sim —Drakkar concordou. — Qualquer governante tolo o suficiente para sair da sua terra e levar trinta mil dos seus soldados com ele em uma missão pessoal que não tem nenhuma esperança de sucesso, deixaria qualquer terra vulnerável. O que gostaria de entender é por que você acha que me importo?

— Porque... — ela respondeu instantaneamente — deixar a sua terra não apenas a torna vulnerável aos outros, tais como Ludlum e Noctorno que ainda podem estar se sentindo incomodados depois das invasões do Baldur anos atrás, independentemente que Noctorno tenha reassegurado as terras que Baldur arrancou deles. Mas, porque deixar sua terra a torna vulnerável a aqueles de *dentro* de Middleland que podem estar cansados das ordens de Baldur e se preparando para fazer algo sobre isso.

Aurora entrou na conversa neste momento com:

— Lunwynianos leais em Middleland estão planejando reunir os dois países?

Valeria olhou para a rainha e respondeu por Franka.

— Não, minha rainha, *Middlelandianos* leais planejando reunir os dois países.

Foi nessa hora que o corpo do Drakkar enrijeceu e exigiu:

— Explique.

Sua mãe olhou para ele.

— Meu filho, quem mais iria lucrar se sua nova noiva estivesse morta, além de Baldur?

Drakkar a encarou.

Broderick.

Maldito, *maldito* inferno.

Broderick.

Drakkar moveu seu olhar para Aurora e, quando o fez, viu que seus olhos estavam sobre ele e sua boca estava apertada.

— É bastante lamentável — observou Franka ao se recostar no sofá — que o príncipe Broderick e seu amante descobriram recentemente que foram roubados de algo pelo qual tinham muito carinho. Chegou ao meu conhecimento que o jovem Phobin é o mais irritado dos dois e que perdeu este artigo valorizado, e todo mundo sabe que quando Phobin está descontente, Broderick também está.

Maldito, maldito inferno.

— Broderick tem grande afeição pela prima, ele nunca... — Aurora começou, mas Valeria a interrompeu.

— Carinho se perde quando terra, poder e moeda estão na balança. — A mãe dele falou a verdade já que definitivamente sabia disso.

Ela olhou para o filho.

— Todo mundo sabe que Baldur levou a pior quando o rei Halldor dividiu Lunwyn. Independentemente do nosso gelo, a recompensa está dentro das fronteiras de Lunwyn, e Middleland é apenas um monte de rocha e vegetação esparsa, nenhuma das quais é útil, exceto pelas terras de Hawkvale. É tão desolada, mesmo quando a terra era de Lunwyn, que os elfos se recusavam a pisar lá.

— Sim —Drakkar concordou. — Mas a terra de Hawkvale é excepcionalmente fértil e a rocha que você desdenha, se forjada, faz pontas de flechas cobiçadas até mesmo nas Southlands. E, sob essas rochas há uma abundância de carvão que, se for utilizado para o país e não para forrar os cofres do Baldur, tornaria a nação rica. Broderick não é ganancioso e irresponsável como o seu pai e poderia, facilmente, aproveitá-lo para trazer prosperidade ao seu povo, em vez de aumentar seu tesouro pessoal. Se fizesse isso, não precisaria de Lunwyn.

— Talvez você devesse pedir para ser seu conselheiro, querida Frey, ao invés do Phobin — Franka sugeriu com um sorriso malicioso de desagrado nos lábios, deixando a implicação clara.

E com isso, Drakkar ficou farto e exigiu:

— Vamos dispensar este jogo e falar direto. Você tem certeza que Broderick está tramando contra Seoafin?

Franka balançou a cabeça, mas respondeu:

— Sei que Hernod Grieg, antes da sua recente morte prematura, negociava exclusivamente com Middleland. Sei que estava lá quase mais do que estava aqui, embora não sei com quem ele conviveu quando estava lá, só podemos adivinhar. E sei que suas últimas palavras foram “Unam-se Lunwynianos”, que pode ter sido um chamado de verdade ou pode ter sido uma tentativa final para lançar suspeita sobre aqueles que realmente estão por trás dos esquemas de acabar com a princesa que vai trazer ao mundo nosso futuro rei.

— Então você está juntando as peças baseada em uma suposição? — Drakkar perguntou e Franka balançou a cabeça novamente.

— A história de Circe e a partida de Baldur é verdadeira. A informação que um artigo valioso possuído pelo Phobin foi roubado também é verdadeira, assim como o fato de que ambos estão irritados com isso, também. O resto, na verdade, meu querido primo — ela inclinou a cabeça —, é, como você diz, suposição.

Estudou sua prima, em seguida, sua mãe.

Era uma suposição, mas uma boa suposição e informações importantes. Se Broderick quisesse passar a perna no seu pai, agora seria o momento. E, se quisesse ganhar impulso para esta campanha e ganhar a lealdade daqueles que desejavam ver Middleland reunida com Lunwyn, o tempo seria essencial.

Sem Finnie, Lunwyn acabaria por cair nas mãos do Broderick muito mais cedo, se ele tomasse o trono do seu pai agora se ele só esperasse a morte de Atticus, não dos dois irmãos. Seria uma coisa natural, que seria apoiada por muitos em ambos os países, o suficiente para que fossem incentivados a lutar, para Broderick se mover contra Atticus, assegurando ambos os tronos, reunindo Lunwyn e, com Finnie fora do caminho, fazê-lo

sem uma competição direta pelo reino. Inferno, metade das Casas de Lunwyn iria lutar para uni-la novamente a Middleland.

Maldito *inferno*.

Sem mencionar que Phobin podia não ser inteligente, mas Broderick não era tolo. Iria juntar o fato de Drakkar e seus homens estarem em Middleland ao momento em que o galho da adela foi roubado e isso só iria adicionar combustível ao fogo.

Maldito *inferno*.

Respirou fundo em um esforço para se preparar para dizer algo que teria que dizer, mas não queria dizer e soltou a respiração, murmurando:

— Embora seja só suposição, sou grato pelo seu tempo e as informações que compartilhou.

As sobrancelhas da Valeria se ergueram e, sem hesitar, perguntou:

— Grato o suficiente para, depois de regressar de entregar a água de Lunwyn através das Northlands, você partilhar os lucros de um galeão? Talvez... — hesitou — metade?

Drakkar olhou fixamente para sua mãe. E perguntou de volta:

— Então, você está aqui pela moeda e não pela sua preocupação com sua nora, uma mulher pela qual o seu primogênito veio a se importar profundamente que também vem a ser a sua Princesa do Inverno e a futura mãe do seu rei?

— Bem, Frey, se você colocar assim soa positivamente terrível — Franka murmurou através de um pequeno sorriso.

— Peço desculpas. Não quis que soasse terrível. Queria que soasse a descrença e sarcasmo — Drakkar respondeu e o sorriso da Franka ficou maior ainda, pois mordeu os lábios para escondê-lo, um esforço que não teve sucesso da forma que pretendia.

Os olhos duros da sua mãe ficaram mais duros ainda.

— Vejo, meu filho, que você não mudou.

— Sou um Drakkar — retrucou. — Isso não deve ser uma surpresa, especialmente considerando o fato de que o que você expôs não mudou

nada, assim, não espere *nenhum* pagamento, muito menos a quantidade que falou, que é para ajudar os meus esforços para fazer algo tão crucial, não só para o nosso país, mas para a minha felicidade, como manter a minha esposa viva.

Valeria abriu a boca para falar, mas Aurora falou antes dela.

— Vejo que há questões familiares aqui que são, provavelmente, mesmo com uma grande dose de conversa, possíveis de serem resolvidas neste momento. — Drakkar e Valéria olharam para a rainha, quando ela continuou. — Drakkar expressou sua gratidão verbalmente. Gostaria de expressar a minha, também e vocês vão receber um presente selecionado pessoalmente pela sua rainha a ser entregue na casa da Valéria amanhã. Pode ter certeza, embora não tenha o valor da metade dos lucros de um galeão lotado com águas Lunwynianas, você não vai se decepcionar com o meu presente, que vai indicar quão grata eu me sinto, qualquer que tenha sido o motivo por você ter se preocupado em ajudar a minha filha, a princesa do seu país e a mãe do nosso futuro rei.

As duas mulheres, sem nada a acrescentar, fecharam a boca e inclinaram a cabeça para Aurora.

Sim, agora tinha certeza. Drakkar gostava bastante da sua sogra.

— Agora, — Aurora se levantou, forçando as mulheres a se levantarem também — minha filha em breve estará em casa. Ela e o Frey vão partir amanhã e ela e eu temos planos hoje à tarde, para ir patinar no Ulfr Park. Estou ansiosa para passar tanto tempo com ela quanto puder, antes de perdê-la novamente e ao Frey para suas aventuras, assim... — ela se calou, estendendo a mão para a porta, Valeria e Franka entenderam o recado e começaram a andar.

Drakkar ficou onde estava enquanto Aurora as guiava através da porta e, em seguida, as deixou com um servo que estava por ali, com palavras murmuradas de despedida, que não estava disposto a oferecer, antes de voltar para a sala, fechar a porta e caminhar direto para ele.

E sabia que tinha a confiança dela quando deixou cair a máscara tempo suficiente para soltar:

— Sinto muito se você achar isto ofensivo, meu novo filho, mas sua família é repugnante.

Drakkar conteve o riso antes de responder:

— Eu, Aurora, não acho isso nem um pouco ofensivo, pois, infelizmente é verdade.

Seus olhos focaram os dele, viu a luz nos dela enquanto seus lábios se contraíam, em seguida, recuperou o controle do seu rosto e falou.

— Franka sabe do ramo de adela — observou ela.

— Isto não é surpreendente. Como lhe disse e ao Atticus, o *Finnie* foi detectado, Baldur forçou um confronto e Broderick claramente juntou dois mais dois, mas, ou ele, ou mais provavelmente o Phobin, não foi inteligente o suficiente para manter a boca fechada sobre isso.

Aurora assentiu e disse suavemente:

— Entendo o seu ponto de vista, embora tenha sido roubado de Lunwyn e conhecido por ser procurado, o que deviam saber, se não o mantiveram por perto, seria detectado e devolvido à sua legítima terra. — Seu olhar se intensificou ainda mais. — Mas, Drakkar, conheço o Broderick desde que nasceu. Tem muito mais da sua mãe nele, do que do seu pai. Ele adora a Finnie. Sempre adorou. Não posso imaginar, mesmo pelo poder e pela moeda...

Drakkar a cortou.

— Ele foi gentil com ela durante a nossa conversa com ele dele seu pai, e isto pareceu genuíno. — Aurora assentiu, mas Drakkar continuou. — Foi gentil com ela, Aurora, mas notei, como alguns dos meus homens, que Phobin não conseguia tirar os olhos dela e nós dois sabemos que não estava admirando sua beleza. — Os olhos da Aurora brilharam rapidamente, antes de balançar a cabeça novamente. — E Phobin, dizem,

mantém o Broderick enfeitado. Mostra ao príncipe Broderick uma face, e aos outros, uma totalmente diferente.

Aurora assentiu novamente e sussurrou:

— Devemos manter o olho no Phobin.

Drakkar devolveu o aceno de cabeça e respondeu:

— Vou enviar uma mensagem para o Balthazar. — Então, ele observou. — No entanto, podemos não precisar nos preocupar com isso se Ludlum e, especialmente, Noctorno ouvirem que Middleland está vulnerável...

Aurora o interrompeu.

— As notícias de Bellebryn são que Noctorno se reconciliou com sua esposa.

Drakkar não pôde evitar de piscar diante desta notícia, pois conhecia Tor muito bem, eram amigos, o tinha em alta conta e Drakkar sabia que Tor detestava sua esposa, independentemente do fato que estava destinada para ele, escrito no céu em cada um dos seus nascimentos pela Deusa das suas terras.

Estavam casados há algum tempo, Drakkar até foi ao seu casamento e a mulher do Tor era excepcionalmente bonita, mas visivelmente fria e não havia nada em suas maneiras que atraísse o Tor. Tinham ficado juntos apenas o tempo suficiente para consumir a união e viviam vidas separadas. O Tor não faria nada para mudar isso.

— Tínhamos, como você pode não ter sabido — Aurora continuou — programado uma viagem à Hawkvale para o casamento do irmão do príncipe Noctorno, mas tivemos que cancelar devido à situação com Finnie e, em seguida, as execuções iminentes. Ouvimos dizer depois disso que, por razões que não conheço, o casamento foi adiado, mas nesse meio tempo, Noctorno se reconciliou com a sua esposa e a instalou em seu castelo em Bellebryn.

— Interessante — Drakkar murmurou.

— De fato — Aurora respondeu. — E sabe-se que ele está trabalhando ativamente para gerar um herdeiro para Bellebryn e Hawkvale.

Drakkar sorriu e os lábios da Aurora novamente se curvaram.

O sorriso do Drakkar desapareceu e ele perguntou:

— Será que sabem se ele está feliz?

Ela balançou a cabeça, mas disse:

— Sabe-se que a princesa Cora está muito mudada e ela é o assunto em Bellebryn e Hawkvale, o suficiente para que a conversa chegasse até aqui. Estão chamando-a de Cora, a Graciosa.

Drakkar achava isso difícil de acreditar. Era conhecida como Cora, a Primorosa, por sua beleza. Durante seu breve encontro com ela no casamento com seu amigo, no entanto, estava longe de ser graciosa.

— Acho que a resposta à sua pergunta é, sim — Aurora continuou.
— Dizem que está muito apegado a ela... finalmente.

Drakkar assentiu.

Aurora continuou falando.

— Também é conhecido que vocês estão trabalhando ativamente para gerar um herdeiro.

O sorriso do Drakkar retornou, mas Aurora simplesmente o olhou mais de perto.

— Alguma coisa a relatar sobre isso? — ela perguntou.

— Ainda não, mas em breve, minha rainha, espero que Finnie e eu tenhamos uma boa notícia.

Seu olhar suavizou e seus lábios relaxaram antes de compartilhar em um sussurro.

— Eu a vejo com o seu menino, Skylar. Ela vai ser uma boa mãe, meu novo filho.

— Sim — Drakkar declarou —, ela vai.

Levantou a mão e tocou no seu braço levemente, antes de abaixá-la e dizer baixinho:

— Espero por boas novas.

— E eu espero ansioso para dá-las. — Drakkar respondeu suavemente e nesse momento, a porta se abriu e Finnie entrou correndo, o rosto corado, os olhos brilhantes, o sorriso firme.

Derrapou vários passos para dentro, compartilhou seu sorriso com os dois, em seguida, com os olhos fixos na sua mãe, gritou:

— Vamos... *patinar!*

Caramba, sua noiva ainda não tinha tirado o casaco que usava para treinar o contorno de obstáculos em seu novo cavalo e já estava pronta para sair em sua próxima aventura.

Estudou seus olhos brilhantes e as bochechas cor de rosa, pensando, *pelos deuses, eu amo essa mulher.*

Cruzou os braços sobre o peito e disse:

— Antes de sair e quebrar seu tornozelo, esposa, seu marido vai pegar um beijo.

Ela caminhou até ele rapidamente, respondendo:

— Não vou quebrar o tornozelo, Frey.

— Torcê-lo, então — respondeu quando ela chegou junto dele, fechou os dedos em volta do seu antebraço e inclinou o corpo contra o dele.

— Isso também não — retrucou.

— Deuses, não entre em delírio ao cair em si — implorou e ela riu e ficou na ponta dos pés.

— Não vou fazer isso, também. Sou uma boa patinadora — ela informou.

— E você já fez isso antes? — ele perguntou.

— Sim, duas vezes, com os meus pais quando era jovem — respondeu.

— Você não é mais uma juvenzinha, Finnie — ressaltou.

— Bem, não estou velha, cega, aleijada e trêmula também — rebateu e ele sorriu.

Em seguida, murmurou:

— Beijo — E inclinou a cabeça para ela, para ajudá-la.

Ela aceitou sua oferta, pressionando a boca na dele e a abriu, antes que as línguas se tocassem e quando o fizeram, Drakkar não só provou o gosto dela, sentiu a beleza do seu gosto até o seu sangue.

Levantou a cabeça e sussurrou:

— Divirta-se, pequena.

Ela sorriu para ele e sussurrou de volta:

— Eu vou, belo marido. Sempre me divirto.

Sim, essa era a sua pequena Finnie, sempre se divertia.

Ela deu um aperto no seu braço, se virou para a mãe, envolveu as mãos em torno do seu braço e a guiou para fora da sala, suas cabeças inclinadas em conjunto.

Frey olhou para Gunner, Max e Thad que estavam do lado de fora da porta e levantou o queixo para eles. Acenaram e seguiram Finnie e Aurora.

Ele respirou fundo, exalou e foi procurar Ruben que conseguiria um mensageiro de confiança e o enviaria até Balthazar com estas últimas notícias e mais instruções.

Capítulo 28

O Brilho da Árvore Adela

— Pequena, acorde. — Ouvi o Frey sussurrar no meu ouvido, a grande mão quente no meu quadril.

Meus olhos lentamente se abriram e vi a escuridão cortada apenas por velas fracas.

Virei de costas e vi que ele estava fora da cama, mas estava ao lado dela completamente vestido e senti meu corpo instantaneamente enrijecer.

— O que houve? — sussurrei.

— Nada, meu amor. — Sua mão, agora na minha barriga, apertou levemente. — Recebi uma mensagem dos Elfos. Achei que você gostaria de me acompanhar.

Olhei para ele apenas por um segundo antes de pular da cama mais rápido que um relâmpago.

Estava vasculhando o guarda-roupa quando ouvi o Frey dizer:

— Vou entender isso como um sim.

— Completamente — disse do guarda-roupa, em seguida, senti suas mãos nos meus quadris, seus lábios tocando o meu ombro e, em seguida, vieram até o meu ouvido.

— Vou selar o Tyr e trazê-lo para a frente. Te encontro lá, quando estiver pronta.

Assenti de dentro do armário e tirei um vestido de lã cor de creme.

Frey saiu do quarto. Me vesti tão rápido quanto podia considerando quantas roupas eu precisava colocar e quão difícil era colocar a lingerie. Peguei um manto de lã cor de creme com uma gola de pelo encaracolado,

um gorro cor de creme confortável e, afastando todo o meu cabelo para os lados e pegando luvas de couro cor de creme, saí para o corredor.

Como estava na calada da noite e não havia servos ao redor, demandou um pouco de esforço abrir as portas da frente, mantê-las abertas e depois fechá-las novamente, mas quando consegui, me virei e vi o Frey esperando por mim ao pé da escada junto com Thad, Orion e Ruben.

Desci as escadas correndo direto para o Frey, dando sorrisos rápidos para os caras e, no momento em que estava perto o suficiente, ele se inclinou para o lado na sela, curvou o braço à minha volta e me ergueu na frente dele.

Me sentou com a bunda encostada na sua virilha enquanto seu braço envolvia minhas costelas, nos inclinou para a frente, cravou os calcanhares nos flancos de Tyr e gritou:

— *Yah!*

E lá fomos nós visitar os elfos.



Cavalgamos para fora de Snowdon e entramos em uma floresta porque o Frey me contou que a mensagem dos elfos dizia que viriam até ele, mas que a mensagem que eles tinham que passar, tinha que ser entregue em uma árvore adela.

Então, como um bônus, eu ia conhecer uma árvore adela.

Na medida que avançávamos pela floresta, estava vendo que ia precisar praticar muito mais com a Caspia enquanto Frey e seus homens serpenteavam em um galope rápido através das árvores, às vezes chegando tão perto que podia sentir o vento quando passávamos zunindo por elas e todos os rapazes, tanto quanto podia ver, fizeram isso sem hesitação usando nada além de instinto.

Era super legal.

Eu a vi antes de alcançá-la, a névoa opaca que parecia um nevoeiro denso e brilhante que encobria as árvores e notei que estávamos indo direto para ela. Mas, quando chegamos perto, Ruben, Thad e Orion ficaram para trás e, no minuto que penetramos a névoa, os homens foram deixados para trás.

— O que... — comecei, me virei e olhei ao redor de Frey para ver as imagens nebulosas dos homens em suas montarias se afastando rapidamente.

— A névoa é criada pelos elfos, pequena — Frey disse e olhei para ele. — Só eu posso penetrá-la ... e você, já que está comigo.

Uau. Maneiro.

Olhei para a frente, meu coração batendo daquela maneira familiar, animado, meu sangue singrando através das minhas veias e isso só aumentou quando vi o indício de um brilho dourado que perfurava o nevoeiro. Foi aumentando à medida que cavalgávamos em direção ao brilho, se tornando mais brilhante e mais intenso até que, de repente, chegamos.

A árvore adela.

E era *magnífica*.

Não era alta, ela era fina, os galhos extremamente finos crescendo direto da terra para a árvore, que não tinha tronco. Mesmo que não fosse alta, era grande; seus milhares de galhos finos crescendo para o alto e para os lados. E sua casca brilhante e dourada reluzia, iluminando a grande clareira em torno dela quase como se fosse a luz do dia, exceto que era a mais irada, mais *fantástica* luz do dia.

E, como se isso não fosse impressionante o suficiente, com um flash azul gelo e uma faísca branca brilhante, minielfos estavam surgindo, parecendo que saíam da terra, na base do tronco da árvore. Uma vez que se formaram, imediatamente se viraram, tocaram um ramo reluzente e

cresceram para o tamanho de um humano normal... bem na frente... *dos meus olhos*.

Inacreditavelmente *maneiro*.

Enquanto eu olhava, Frey parou o Tyr na borda externa da clareira e desmontou, me puxando para baixo e me colocando de pé ao lado do Tyr.

— Fique aqui, Finnie, sim? — ele pediu em voz baixa.

Desviei os olhos dos elfos, agora em seis, com mais flashes e faíscas provenientes da árvore, todos os elfos sobre nós com os olhos azul gelo cheios de curiosidade sob os chapéus com penas, olhei para ele e balancei a cabeça em silêncio.

Ele sorriu para mim e se virou para o Tyr.

— Fique com a Finnie — ordenou.

A forte e elegante mandíbula do Tyr levantou e ele relinchou baixinho.

Frey se moveu pela clareira direto para um elfo macho que deu ao Frey a saudação dos elfos, o queixo se dobrando para o lado do seu pescoço. Uma vez que levantou a cabeça, começaram a falar em voz baixa, então não conseguia ouvir o que estavam dizendo e os flashes e faíscas pararam de aparecer. Contei nove elfos e nenhum, exceto o macho que falava com o Frey estava olhando para ele. Estavam todos olhando para mim.

Sorri e acenei.

Quando o fiz, pareceu haver um baixo e alegre gorjear, que encheu o ar, embora nenhum deles tivesse falado nem seus lábios tinham se movido. Olharam entre si e, em seguida, novamente para mim. Foi quando consegui sorrisos.

Enquanto isso, Frey continuou a falar com o elfo macho e que a discussão era intensa, mas não estava lendo más vibrações de Frey. Esta leitura provou ser precisa quando, de repente, pararam de falar e tanto Frey quanto o elfo se viraram para olhar para mim.

E, quando o fizeram, Frey sorriu, ampla e claramente, e meu coração gaguejou diante dessa visão.

Meu marido não escondia seus sorrisos de mim, mas nunca tinha visto nada igual a isso.

Nunca desse jeito.

Era exuberante.

Ele inclinou o queixo para mim e me deu um aceno com a mão, que me disse que podia me aproximar. Sem demora, caminhei rapidamente, me postando ao lado dele com Tyr ao meu lado, em um segundo.

Quando cheguei, o braço de Frey envolveu minha cintura e me puxou para perto dele antes de dizer em voz baixa:

— Minha pequena Finnie, é uma honra apresentá-la ao Nillen, Orador dos Elfos.

Olhei de Frey para o Nillen, que era da minha altura, e sorri antes de sussurrar:

— E é uma honra conhecê-lo, Nillen, Orador dos Elfos.

Nillen sorriu e respondeu:

— A honra é minha, Seoafin do outro mundo, noiva do nosso Frey.

Inclinei a cabeça como a minha mãe faria e disse baixinho:

— Obrigada por permitir que eu viesse.

— Foi um prazer, Seoafin, Noiva do Gelo — respondeu tão baixo quanto eu e continuou. — E esperamos que você esteja presente quando houver futuras mensagens felizes, que iremos compartilhar com o nosso senhor Frey.

Mensagens felizes.

Legal.

Era uma boa notícia. E isso me agradou. Com tudo o que estava acontecendo, podíamos desfrutar uma boa notícia.

— Eu também — concordei, sem saber qual era a mensagem, mas não me importava. Qualquer coisa que fizesse o Frey sorrir assim, estava bem para mim.

Inclinou a cabeça para mim, em seguida, olhou para o Frey e declarou:

— Voltaremos ao nosso reino agora, a fim de que você possa comemorar com sua Noiva do Gelo.

Comemorar?

Aparentemente, qualquer que a notícia fosse, *era* alegre.

Maravilha.

— Claro — Frey murmurou. Nillen lhe deu outra saudação, Frey ergueu o queixo para ele, em seguida, olhou para todos os outros elfos, que lhe deram uma saudação, todos sorriram, felizes, para mim. Depois, todos lentamente voltaram para a árvore, se curvaram para tocar onde a casca se encontrava com a terra e desapareceram em um flash azul gelo e uma faísca branca.

Quando o último deles desapareceu, olhei para a árvore incandescente e sussurrei:

— Isso é *muito maneiro*.

De repente, eu estava em movimento, mas não fui eu que me movi. Um dos braços fortes de Frey apertou minha cintura me arrastando contra o seu corpo, exatamente como fez durante nosso beijo no casamento, mas, desta vez, mais alto para que eu ficasse com a cabeça e os ombros acima dele, o outro braço se fechando em torno das minhas coxas, logo abaixo da minha bunda. Automaticamente, agarrei seus ombros e olhei para baixo, enquanto nos girava duas vezes, a cabeça inclinada para trás, os olhos nos meus, e o sorriso largo e lindo no rosto.

— Frey — disse suavemente, hipnotizada por aquele sorriso, e coloquei uma mão na sua bochecha. — O que está...

Mas não consegui dizer o resto. O braço que envolvia minhas coxas desapareceu, me colocou de pé e a mão em concha atrás da minha cabeça, puxando-a em direção a ele, esmagando minha boca na dele e me deu um beijo, forte, profundo, molhado, longo e, por último, mas, ah, por isso não menos importante... maravilhoso.

Quando terminou, moveu minha cabeça para acomodar o meu rosto na curva do seu pescoço e me segurou contra ele, meus pés balançando no ar, o abraço apertado e fez isso por algum tempo.

Meus braços tinham envolvido os ombros dele, meu coração ainda estava batendo forte por causa do beijo, minha respiração ofegante, mas virei a cabeça para que os meus lábios encostassem na sua orelha e perguntei:

— Frey, o que está acontecendo?

Ele virou a cabeça também, para sua boca encostar na minha orelha e respondeu:

— A mensagem dos elfos, minha noiva do inverno, é que você carrega o meu filho.

Pisquei contra o seu pescoço enquanto sentia a minha barriga se contrair.

O quê?

— O quê? — sussurrei.

A pressão da sua mão na minha cabeça desapareceu, eu a levantei e olhei para ele, para ver que ainda estava mostrando aquele belo sorriso alegre.

— Você carrega o meu filho, Finnie — ele sussurrou novamente, pressionando minha cabeça contra a sua de novo para um toque suave de lábios e me deslizou pelo seu corpo, me colocando de pé, mas não abaixou os braços. Na verdade, me apertou com força enquanto eu via, através do brilho da árvore adela, que seu olhar era afetuoso, carinhoso e iluminado com uma luz angelical que, sem outra maneira de descrever, era absolutamente apaixonante. — Você carrega o meu filho, os elfos não me disseram, mas sei, no fundo do meu coração que é um menino, vamos ensiná-lo a ser um governante forte, justo e se for menina, não tem outra esperança a não ser ter a enorme beleza da mãe.

Diante das suas palavras, minha barriga deu uma cambalhota e então derreteu.

Bem, certo. Merda.

Um monte de coisas estava acontecendo aqui. *Muitas*.

Uma delas foi que percebi que não tinha menstruado desde Hawkvale e, até aquele momento, não tinha sequer notado. Agora, obviamente, percebi. Estranhamente, a detecção da gravidez pelo elfo, ao que parece, foi precisa.

A outra era que o pó que as meninas tinham me dado não era tão completamente eficaz contra uma gravidez e disseram que era. Isso, agora, estava bem claro.

E terceiro, não era que não quisesse ter um bebê, mas não agora. Sim, queria ter um filho de Frey, realmente, na verdade, queria que tivéssemos mais de um. Mas também queria esperar um pouco, digamos, depois que soubesse que o meu futuro em Lunwyn estava garantido, tivesse viajado de volta para cuidar dos negócios em casa e depois de algumas aventuras com Frey e os rapazes.

Obviamente, isso não ia acontecer.

Quarto, era igualmente óbvio que o Frey estava em êxtase com esta notícia. Isso significava que não só me amava, mas estava completamente feliz por estar carregando seu filho e não ia deixar que eu partisse daqui a seis meses. De jeito nenhum.

O que significava que eu ia ficar.

Já sabia disso, mesmo com ele me amando, e do jeito que amava, mas era bom ter esta confirmação.

O que me levou à quinta questão, que isso deixava o Frey feliz, mesmo que ainda fosse muito cedo para mim; não podia evitar de compartilhar sua alegria.

Estávamos começando uma família mais cedo. Quem se importava? Íamos começar uma família, eu não tinha uma família há quinze anos e agora tinha uma e não só isso, aparentemente, estava ficando cada vez maior.

E eu ia ficar aqui. Ficou claro que não ia a lugar nenhum e se tivesse pensado nisso logicamente, saberia disso já, não só pela forma como o Frey lidava comigo, mas também Aurora e Atticus. A decisão foi tomada pelo Drakkar, esta era a minha família, esta era a minha vida, meu mundo e olhando para o belo rosto do meu marido, em um êxtase de felicidade, soube que tinha acertado a bem-aventurança com um tiro e estava explorando novas alturas no topo da escala da felicidade.

Deslizei uma mão pelo seu pescoço até sua mandíbula, onde deslizei o polegar para tocar seus lábios sorridentes enquanto meus olhos o observavam.

Em seguida, movi meu olhar até o dele e sussurrei:

— Nunca vi você tão feliz.

Instantaneamente, Frey sussurrou de volta:

— É porque nunca estive tão feliz.

Meu corpo derreteu contra o dele e eu continuei a sussurrar.

— De verdade?

Seus braços me deram outro aperto e ele também continuou sussurrando.

— De verdade, minha pequena Finnie. Nestes últimos meses com você, achei que não havia nada mais bonito do que a minha esposa. Agora, sei que isso está errado. Há. E é a minha esposa que carrega o nosso filho, uma criança que irá anunciar o início da nossa família.

Família.

Ah, sim. *Família*.

Gostava disso.

Apertei os lábios para reprimir a ferroadada das lágrimas nos meus olhos e então pressionei meu rosto no peito dele e meu corpo contra o dele. Quando o fiz, Frey me segurou mais forte e senti o queixo dele contra a parte superior do meu gorro.

— Amo você, baby — disse contra o peito dele que, com outro aperto dos braços.

Ele respondeu:

— E eu a você, minha Finnie.

Respirei fundo e inclinei a cabeça para novamente olhar para ele.

Então, perguntei hesitante.

— Você acha que, humm... meus pais, uh... ficarão felizes com isso também?

Ele sorriu aquele lindo sorriso de novo, abaixou a cabeça para encostar seus lábios no meu nariz e depois recuou um centímetro, antes de responder:

— Hoje mesmo, Aurora perguntou como estávamos com a criação do herdeiro do trono. Ela espera uma boa notícia e amanhã, vamos atrasar nossa partida para que possamos ter um café da manhã comemorativo com eles, antes de irmos. — Me deu outro aperto enquanto via minhas sobrancelhas se erguerem e concluiu. — Ela e o Atticus vão ficar encantados.

Certo, a boa notícia sobre isso era, eu estava certa. Atticus e Aurora também já estavam, obviamente, aceitando que eu tomasse o lugar da filha deles.

A notícia má era que não achava que Frey e eu estávamos tentando criar o herdeiro do trono, ainda não. Mas suas palavras indicavam que *e/*e achava.

Ou, talvez, apenas Aurora achava.

Não tive nenhuma oportunidade de pensar sobre isso quando o Frey me deu outro aperto e sua cabeça mergulhou, seus lábios tocaram os meus, em seguida, deslizaram pela minha bochecha até minha orelha, onde murmurou:

— Agora é hora de deixar a minha esposa e meu filho em casa e aquecidos. Posso ficar diante do brilho da adela e do brilho enorme desta notícia por uma década, minha pequena, mas devo cuidar da minha família.

Minha barriga deu um salto mortal de novo e virei o pescoço para olhar para ele.

Quando vi seus olhos, sorri e disse:

— Morando em Lunwyn, ele ou ela vai ter que se acostumar com o frio, marido.

Ao que Frey respondeu:

— Como vai ter que se acostumar com os cuidados dos seus pais amorosos, esposa.

Certo, lá estava ela novamente, outra cambalhota na barriga e não consegui evitar o enorme sorriso que se espalhou pelo meu rosto.

Diante disso Frey colocou a mão em concha atrás da minha cabeça novamente, e aninhou meu rosto na sua garganta e o outro braço me segurou firme por um momento antes de me soltar, pegar a minha mão e andar até o Tyr.

Eu estava em cima do Tyr, Frey atrás de mim manobrando o cavalo, quando perguntei com ar sonhador:

— Me pergunto se ela vai ser uma aventureira como sua mãe e seu pai.

Frey cavalgou pela floresta, desta vez muito mais devagar, a névoa tendo desaparecido e vi o brilho do luar na neve enquanto o ouvia rir, antes de murmurar:

— Se assim for, que os Deuses me ajudem.

Eu ri, porque ele estava certo sobre isso. Sorri novamente, só por isso.

Frey se inclinou sobre o pescoço do Tyr, apertou os calcanhares nos flancos do Tyr, que disparou para a frente e ri novamente enquanto observava as árvores passarem rapidamente e sentia o comando de Frey sobre seus animais enquanto o fazia, o poder do animal debaixo de nós, o cavaleiro e sua montaria como um só e experimentei um show de cavalgada tarde da noite, que foi melhor do que qualquer outra que havia tido antes.

E apesar de, finalmente, ter parado de rir, nunca parei de sorrir.
Nem uma única vez... por todo o caminho de casa.

Capítulo 29

Interferência

Uma semana depois...

Eu tinha um problema.

Estávamos na cabana de Frey em Kellshorn ou, mais precisamente, fora da grande cidade montanhosa que servia como destino de férias de esquiadores e pescadores que vinham pegar peixes no vasto lago que contornava a cabana de Frey e a cidade.

Minhas criadas não estavam exatamente corretas. A cabana não era apta para uma rainha, uma vez que não era o Palácio de Inverno e, definitivamente, Rimée Keep.

Mas isso não significava que não era muito legal.

Primeiro de tudo, ela contornava um grande lago, e que vinha a ser um *espetacular* e vasto lago.

Em segundo lugar, a cabana era linda. Era feita de madeira clara e pedra, tinha um nível inferior embutido no lado de uma colina e dois níveis superiores que tinham varandas, uma menor e uma mais larga, todas elas com grades de madeira feitas de tábuas planas que tinham sido esculpidas completamente, na forma de um pinheiro.

Nada dentro ou fora da cabana era gracioso, refinado ou ornamentado como o palácio e o Keep. Este não era um lugar para assuntos imponentes ou reuniões oficiais. Era um lugar para relaxar, descontrair e estar cercado pela natureza em toda a sua imensa beleza. Era confortável, aconchegante, acolhedora e calorosa. Havia muitas janelas, muitos espaços abertos, muitas madeiras bonitas e brilhantes, muitas pedras lindas, muito mobiliário que convidava você a se afundar nele e um monte de lareiras que pareciam manter cada canto quente.

Também vários quartos o que foi uma sorte, porque todas as minhas quatro meninas vieram comigo.

Isto significou uma viagem incluindo trenós, o que a tornou mais longa (dois dias em vez de um e o Frey me disse que teria sido assim se pudéssemos tomar a rota mais direta). Enquanto viajávamos, os homens de Frey cavalgavam em volta dos dois trenós carregados com os baús dele, os meus e os das meninas e, pela primeira vez desde que cheguei nesse mundo, viajei *em* um trenó com Esther e Bess (no primeiro dia) e Jocelyn e Alyssa (no segundo), porque Frey não queria que eu montasse a Caspia.

Este era o meu problema.

Estava grávida e Frey, como os sinais precoces estavam indicando, ia ser um daqueles pais ultracuidados, interessados, não exatamente paciente, mas, um futuro pai ansioso.

No caso em questão, Frey tinha batido o pé que, considerando a minha condição, não continuaria minhas lições sobre a Caspia e também ordenou a suspensão do treino de faca com o Lund.

Concordei em parar de treinar com facas e com a Caspia. Frey estava em êxtase por eu estar grávida, e tinha de ser dito (após o choque inicial), que eu estava em êxtase também, portanto, não faria nenhum bem cair de cima da Caspia e prejudicar a mim ou ao nosso filho.

E, aliás, quando contei à Aurora e ao Atticus, ambos ficaram (até mesmo Aurora) fora de si, de tão alegres.

Em outras palavras, tudo estava bem no meu mundo e não precisávamos que eu fizesse nada estúpido para mudar isso.

Mas o treino com facas não era perigoso. Lund sabia o que estava fazendo, nunca chegou perto de me machucar e tínhamos treinado juntos por tanto tempo, que eu sabia que não me machucaria.

E, de qualquer maneira, todo esse exercício, atacando, girando e agachando seria uma boa maneira de manter a forma durante a gravidez.

Frey, no entanto, não via desta forma e também pensei que era um pouco louco querer manter a forma durante a minha gravidez, quando ele afirmou:

— *Parte da beleza de uma mulher grávida são suas curvas, esposa, e você não vai me privar deste prazer por precisar “manter a forma”.*

Sim, foi o que ele disse.

Além disso, Frey tinha permitido que eu continuasse a praticar com o arco e a flecha, mas só atirar no alvo, não “me esgueira” (suas palavras) através das árvores caçando seres humanos.

Tínhamos discutido sobre tudo isso, nossa primeira discussão em muito tempo, nem me lembro quando tivemos a última.

Estava grávida, não inválida e compartilhei isso com o meu marido.

Não ia estar sobre um cavalo, manejando facas ou me escondendo em meio à mata fria e nisso, meu marido concordou comigo.

Meu problema era, para praticar com o Lund e me esgueirar por aí com o Annar, eu precisava dos seus homens e eles escutavam o Frey, não a mim.

Portanto, Skylar continuou a treinar com os homens de Frey e eu não (exceto pelo arco e a flecha, mas, sério, era mais divertido me esgueirar pela floresta e muito menos divertido ficar parada e atirar em um alvo fixo).

Isso me irritou.

Enquanto remoía meu mau humor, percebi que, se o Frey ia ser assim tão cauteloso comigo enquanto estava grávida, então não havia nenhuma maneira dele deixar que eu fosse ao encontro de uma bruxa, enviar uma mensagem para a Valentine, comunicar para ela o que estava acontecendo e que tinha que ir para casa, falar com a Sjöfn, resolver a minha vida ao voltar para casa, dizer adeus aos amigos e retornar.

De jeito nenhum!

E eu tinha que fazer isso. Minha viagem de volta estava marcada para acontecer em menos de seis meses. Estava presumindo que estava grávida, talvez, há um mês, talvez um pouco mais. Isso significava que estaria no terceiro trimestre e de maneira nenhuma o Frey ia me deixar viajar nessa época e não estava interessada em fazê-lo, também. Mas se não mandasse uma mensagem para a Valentine, ele não teria uma escolha e nem eu teria.

Meu marido e eu precisávamos ter uma conversa.

Mas estava evitando essa discussão porque, embora a minha raiva tivesse arrefecido para irritação, a de Frey tinha desaparecido completamente. Ele era novamente o meu doce e gentil Frey e não tinha ressentimentos (afinal de contas não precisava, pois conseguiu o que queria).

Mas quando estávamos brigando, fiquei chateada (tremendamente) por ele estar com raiva. Nós nos dávamos muito bem, e brigar com ele não era divertido, não me sentia bem, absolutamente, na medida em que nem sequer sentia que era certo, e não estava ansiosa para entrar em outra discussão com ele no momento, ou nunca, na verdade.

Precisava encontrar uma maneira de conversar sobre isso com o meu marido sem qualquer um de nós ficar chateado e com o Frey concordando em deixar eu ir para casa.

Algo que imaginei que seria impossível.

Estava pensando em tudo isso enquanto vagava ao longo da varanda superior, observando o lago, o mar de pinheiros subindo ao redor, as montanhas cobertas de neve se erguendo atrás das árvores, a bonita vila de Kellshorn a uma certa distância e tudo isto refletindo nas águas calmas e cristalinas do lago. E estava fazendo isso na esperança de que aquelas águas tranquilas me acalmassem quando eu vi Bess, Alyssa e Ester no final da varanda olhando para baixo e sussurrando umas com as outras.

Quando me aproximei, Bess me ouviu, se virou, pôs o dedo nos lábios e, em seguida, levantou a mão e acenou para si mesma com urgência, o rosto sorridente.

Sorri de volta e me movi em direção a elas, feliz por ter alguma coisa para me afastar dos meus pensamentos. Quando me aproximei, fiquei ao lado da Bess e olhei por cima do corrimão para ver o que prendia a sua atenção. Fiz uma varredura na área um tanto escura ao redor da casa, não vi nada. Depois, enxerguei.

Thad tinha a Jocelyn presa contra a parede do estábulo, os braços dela em torno dos seus ombros, as mãos dele na bunda dela e eles estavam mandando ver, sexy e com força.

Uau.

Quando isso aconteceu?

— Quando isso aconteceu? — sussurrei para a Bess.

— Ele a tomou na última noite — Bess sussurrou de volta. — O quarto dela é ao lado do meu. Eles foram muito barulhentos. — Depois que transmitiu esta informação, riu e tentou (sem sucesso) sufocar o riso, quando ouvi Alyssa dando uma risadinha e, em vão, tentando abafar a dela também.

— Eu os ouvi, também, então fui para o quarto da Bess para ouvi-los — Alyssa sussurrou enquanto Jocelyn e Thad estavam a menos de dois metros de distância, em vez de dezenas de metros de distância.

Meus olhos focaram ao redor para ver a Esther na outra extremidade olhando para mim e revirando os olhos. Quanto a mim, não podia evitar, estava sorrindo.

— Ele tem resistência também — Alyssa terminou e meu sorriso ficou maior.

— *Muita* — Bess acrescentou com um enorme sorriso.

Devolvi o sorriso para as duas, antes de provocá-las.

— Vocês duas precisam arranjar alguém para não ficarem bisbilhotando a Jocelyn.

Os olhos da Alyssa vagaram para onde Max e Stephan estavam conversando um com o outro, de alguma maneira se desviando dos acontecimentos com o Thad e a Jocelyn, e ela disse melancolicamente:

— Você está realmente certa sobre isso, Finnie.

— Absolutamente certa — Bess acrescentou, também melancolicamente, seus olhos tendo se desviado para o Orion que desmontava do seu cavalo, perto do lago.

Olhei novamente para a Ester que não estava olhando para mim, Bess, Alyssa ou qualquer um dos caras gostosos de Frey, mas para Thad e Jocelyn e vi que seu rosto estava pensativo.

Minha cabeça se inclinou para o lado antes de olhar novamente para o casal e ver que o Thad estava puxando a Jocelyn pela mão e a estava levando para dentro dos estábulos.

— Alguém vai ter as saias levantadas sobre o feno — Alyssa murmurou, então riu de novo.

Bess deu uma risadinha com ela, então declarou, os olhos ainda no Orion.

— Minha vez, agora — e se afastou do balcão com um rápido aceno, um grande sorriso e um: — Adeus, senhoras.

Humm. Parecia que o Orion estava prestes a ter sorte.

— Não é uma má ideia — Alyssa murmurou, me deu um sorriso malicioso e ambas, Esther e eu, acenamos quando ela também se afastou, dizendo: — Por favor, não precise de nada por, digamos... algumas horas.

Seu sorriso malicioso ficou maior ainda quando concordei com o seu pedido, em seguida, deslizou pela varanda e desapareceu lá dentro.

Agora, ou Max ou Stephan iam ter sorte.

Ou qualquer um dos homens de Frey com quem a Alyssa se encontrasse primeiro, pois não achava a Alyssa muito exigente. Então, mais uma vez, todos os caras de Frey eram quentes e agradáveis.

Sorri para mim mesma enquanto me perguntava se tudo isso era uma boa ideia, porque os homens de Frey eram os homens de Frey, minhas criadas eram as minhas criadas e era provável que seria sempre desta forma e não precisávamos de uma novela se desenrolando à nossa volta. Caminhei até a Esther que, como eu pensava, ainda estava imersa em seus pensamentos e os olhos ainda focados nos estábulos.

— Você está bem? — perguntei quando ficamos próximas, ela despertou, os olhos dela vieram até mim e a observei forçar um sorriso.

— Estou bem, Finnie — respondeu.

— Você não parece bem — observei, o falso sorriso vacilou e seus olhos deslizaram novamente para os estábulos enquanto me aproximava mais e perguntava delicadamente: — Será que isso vai ser ruim, vocês, meninas, terem flertes com os homens de Frey?

Os olhos da Esther vieram rapidamente para mim, suas sobrancelhas se ergueram, em seguida, seu rosto relaxou e ela balançou a cabeça.

— Não. Geralmente são só diversão e jogos, o coração não está envolvido. Flertes ocorrem frequentemente e aqueles envolvidos seguem adiante sem má vontade, mesmo com os amigos dos homens ou mulheres envolvidas — explicou isso, mas hesitou, os olhos à deriva, novamente, nos estábulos e murmurou: — Mas... — ela parou de falar.

— Mas, o quê? — perguntei e ela olhou para mim.

Em seguida, se aproximou e pegou a minha mão antes de dizer baixinho:

— Mas a nossa Jocelyn, admira o Thad do Drakkar e não apenas porque é um rapaz saudável, alto, com ombros largos e olhos agradáveis. Mas porque tem um raciocínio rápido, um sorriso fácil e, ela observou em mais de uma ocasião, um coração mole. E eu temo — seus olhos voltaram para os estábulos — que o coração dela está envolvido, mas o dele — seus olhos voltaram para mim — não.

Mordi o lábio, pois, isso podia ser verdade. Enquanto estávamos em Hawkvale, escrevi para as minhas meninas e elas escreveram para mim. O correio levava um tempo infinito para chegar onde estávamos. Não havia muita comunicação, mas tínhamos conseguido trocar algumas cartas e as atenções da Jocelyn estavam sempre voltadas para o Thad. Seu tom era casual, mas um casual forçado que pensei, na época, que era meio fofo.

Agora, pensando nisso, o tempo todo, minhas criadas tinham estado entre os rapazes de Frey e mudavam de favoritos quase diariamente, mas a atenção da Jocelyn sempre esteve voltada para o Thad e nunca se afastou. Thad, por outro lado, eu sabia que, ao contrário de Ruben, não tinha uma mulher firme e, de fato, como todos os outros homens de Frey, tinha uma constante *fileira* de mulheres.

Ah, droga.

Deixei meu lábio se abrir e apertei a mão da Esther, prometendo:

— Vou falar com o Frey e ver se ele tem uma conversa com o Thad, humm... para avaliar a situação. Se ele não conversar ou se conversar e a notícia não for boa, então vou ter uma conversa com a Jocelyn só para ver como ela está e lhe dar um pouco, humm... de orientação.

Os olhos da Esther suavizaram e ela assentiu:

— Isso seria bom, minha princesa. — Inclinei a cabeça.

Assenti de volta.

Ela apertou a minha mão, seu olhar ficou intenso, ela fez uma pausa, como se estivesse indecisa e esperei até que ela falou calmamente:

— Todas nós, bem... — ela hesitou. — Nós sentimos falta da Sjöfn.

Nós não tínhamos falado sobre isso, mas todas as minhas criadas sabiam que eu estava grávida (embora tenham ficado surpresas pois, eu havia sido informada por elas que o pó era, geralmente, muito confiável) e todas elas sabiam o que isso significava, que era o fato que sua amiga

não ia voltar. E sabia que todas estavam tristes com isso, mas também sabia que estavam tentando esconder isso de mim.

Segurei sua mão com força e sussurrei:

— Eu sei, querida.

— Mas, estamos todas, muito felizes por você ser tão doce.

Sorri para ela e, ainda sussurrando, disse:

— Obrigada, Esther. Isso significa muito para mim.

Ela retribui o meu sorriso, seus olhos vagaram de volta para a paisagem, parando em alguma coisa e murmurou:

— Melhor eu me mexer, não quero ficar de fora. — Então apertou minha mão novamente, a soltou e saiu correndo.

Eu a observei por um segundo, em seguida, olhei para fora e vi Oleg caminhando em direção à casa, enquanto mostrava uma carranca para o Orion, que agora estava sorrindo para a Bess, em seguida, mostrou a carranca para Max e Stephan que pareciam, ambos, flertar com a Alyssa e tive que admitir, fiquei um pouco surpresa com a escolha da Esther. Oleg não era ruim de se olhar, mas também não era descontraído e ria tão facilmente como todos os outros homens de Frey. Na verdade, não era parecido com nenhum deles, parecia que estava de mau humor uma grande parte do tempo.

Esperei, em seguida, observei a Esther se aproximar dele e, em seguida, o vi parar e fazer uma cara feia para ela, algo que achei um pouco assustador, mas não a afetou nem um pouco. Ela disse algo a ele, suas sobrancelhas se ergueram, então ele ergueu o queixo, em seguida, virou a cabeça para a casa. Ela virou na mesma direção, ele a seguiu e me perguntei o que disse a ele. Quando se moveu, seus olhos se voltaram para mim e ela sorriu.

Sorri de volta.

Oleg, se seu sorriso fosse qualquer coisa perto disso e conseguisse deixar de ser mal-humorado tempo suficiente para fazer uma jogada, estava prestes a ter sorte também.

Deixei a varanda e, ao fazê-lo, deixei minhas garotas com suas aventuras e me dirigi para o Frey e para o meu quarto, para pegar um livro e a Penelope.

Em vez de pensar em como ia conseguir que o meu marido concordasse em me deixar voltar para casa por um tempo para dizer adeus à minha antiga vida, queria me perder em um livro, enquanto me reclinava em uma das confortáveis espreguiçadeiras de madeira no deck. Tinham uma enorme lareira de ferro ao lado delas que irradiava tanto calor que, com isso e o degelo de verão sobre o qual o Frey me falou, estavam aquecendo o ar, tornando os dias mais longos, a neve estava derretendo, o gelo que recobria tudo gotejando e você não precisava vestir um manto.

Sabia disso porque testei ontem à noite, me aconchegando com o Frey em uma daquelas espreguiçadeiras com um grande e flamejante fogo ao nosso lado e ficando lá fora até que o Frey cansou e me levou para o nosso quarto para fazer muito mais do que podíamos fazer lá fora.

Mas, considerando as atividades das minhas criadas e dos homens de Frey, e o fato de que só tinha uma governanta em sua cabana, sem outros servos e provavelmente não gostaria da ideia de eu mesma acender a lareira, considerando que pensava que a gravidez necessitava severamente de atividades físicas limitadas (como nenhuma absolutamente, exceto andar, sentar, comer e fazer sexo), decidi que ficaria perto do fogo na sala de estar. Havia sofás confortáveis super macios e aconchegantes lá, muito confortáveis, portanto eram uma segunda escolha muito boa.

Ou, pelo menos, seria até o Frey voltar de tudo o que estava fazendo e poderia lhe pedir para acender uma lareira para mim.

Entrei no nosso quarto através das portas de madeira que levavam à varanda, fechei-as atrás de mim e alcancei a mesa de cabeceira do meu lado da cama onde meu livro estava, quando os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram.

Parei, minha respiração parou e me virei lentamente, em seguida, parei de novo, ficando completamente imóvel diante do que vi.

Na poltrona no canto das janelas encontrava-se a Valentine, usando um vestido de lã transpassado verde jade, fabuloso, e um igualmente fabuloso par de botas cinza chumbo de salto alto, o cabelo vermelho tremendamente fabuloso enquadrando as feições clássicas do rosto de alabastro.

Penelope estava enrolada em seu colo, ronronando, enquanto as unhas vermelho-sangue da Valentine se moviam através do espesso pelo ruivo.

Putá merda!

— Valentine? — sussurrei.

— Olá, minha deusa do amor — respondeu calmamente, meus olhos se alargaram e senti um sorriso tomar conta do meu rosto enquanto corria para ela.

— Valentine! É *tão* maneiro que você esteja aqui! — gritei, ela inclinou a cabeça para o lado, seus lábios se curvaram ligeiramente e seus olhos brilharam de uma forma que fez o meu entusiasmo, diante do que pensei ser um muito surpreendente, mas também muito feliz evento, desaparecer em uma preocupação hesitante.

Então ela concretizou essa preocupação quando falou baixinho:

— Temo, minha Seoafin, depois que eu disser o que eu vim dizer, você não vai se sentir da mesma forma.

Senti meu coração apertar e um milhão de pensamentos passaram pela minha cabeça, principalmente a Sjöfn querendo voltar e querendo fazer isso mais cedo.

Ok. Merda. Vamos começar pelo começo.

Precisava ir buscar o Frey.

— Por favor, sente-se — Valentine convidou, independentemente de que era realmente o meu quarto, e fez isso graciosamente acenando com a mão pálida para indicar a cama.

— Eu... — comecei, não sabia como prosseguir, então continuei de qualquer maneira. — Muita coisa aconteceu Valentine, você não pode imaginar. Muito. Mesmo. Preciso ir buscar alguém para apresentar a você e, em seguida, precisamos conversar.

— Por favor, Seoafin, sente-se — ela repetiu e pisquei para ela.

— Sério, tenho que... — comecei, mas ela me interrompeu.

— Me contar que está casada com Frey Drakkar e que está grávida do seu filho. Isto, *ma chérie*, eu sei — declarou. Respirei fundo, surpresa, e ela continuou. — Agora, por favor, considerando que você está, de fato, grávida, gostaria muito e preferia que você estivesse sentada quando eu falasse o que vim dizer.

Olhei para ela pensando que isto não soava bem.

Em seguida, caminhei até a cama e me sentei.

O que eu queria fazer, observando o rosto dela, era me jogar para a porta e correr.

Penelope, surpreendentemente, não deixou o colo da Valentine, mas ficou ronronando onde estava e ao fazê-lo, nem sequer se contorceu.

Minha gata, por sinal, ainda estava guardando seu rancor.

Uma vez que estava sentada, desabotoei o manto de lã leve, o puxei para fora dos meus ombros e o deixei cair na cama enquanto mantinha meus olhos sobre ela.

E, perguntei:

— Como você sabe sobre o Frey e eu?

Ela inclinou um pouco a cabeça antes de responder:

— Eu disse que não sou uma vidente e isso é verdade, não sou. Não tenho visões e não posso visualizar cenas do futuro. Isso não significa que não possa sintonizar as pessoas do nosso mundo, ou desse, e ver o que tem acontecido. E tenho feito isso com você, desde que partiu.

— Você tem mantido um olho em mim? — perguntei, não tão chateada com isso, apenas surpresa.

— Não foi por escolha própria. Você me atrai, Seoafin, não sei por quê. Mas você atrai. Então, sim, uma vez que você faz isso, tenho mantido um olho em você.

Era interessante, este negócio de “atraí-la”, mas decidi que, por agora, precisávamos nos manter focadas.

— Então, você sabe, quando cheguei aqui, que eu... — comecei.

— Eu sei de tudo — ela me interrompeu.

Inspirou delicadamente, seus olhos semicerraram um pouco sobre mim e, em seguida, continuou falando suavemente, mas, mesmo assim, as palavras que falou balançaram o meu mundo.

— Sei que a sua emoção corre profundamente pelo seu marido e a dele por você. No entanto, sinto que é importante que você saiba de tudo, de modo que a felicidade que você está experimentando seja verdadeira e rica em vez de sombreada por mal-entendidos. Então, estive observando e esperando que o seu marido afastasse essas sombras. Infelizmente, ele não o fez e assim, estranhamente, sinto-me compelida a fazê-lo.

Não tinha nada a dizer sobre isso e, já que estava concentrada em evitar que os músculos contraídos do meu pescoço estalassem, não dei um pio.

Valentine continuou.

— Portanto, devo informá-la que também sei que, antes de você sentir essa emoção por ele, e ele estar ciente da profundidade do seu sentimento por você, a fim de vinculá-la a esta terra e a ele, para o futuro deste país e para seus próprios fins, enquanto mantinha uma aversão extrema pela sua gêmea, ele ordenou que os elfos deste mundo a vinculassem à esta terra pelo resto dos seus dias, ao mesmo tempo que ordenou que a outra Sjöfn fosse vinculada ao seu mundo... e à sua vida... pelo resto dos dias dela.

Pisquei, mas não disse nada principalmente porque não tinha ar nos meus pulmões e, de repente, senti minha garganta ressecar.

Valentine continuou falando.

— O poder possuído por essas criaturas é imenso, inquebrável. É tão poderoso que nunca senti algo assim antes. Ainda assim, tenho procurado um feitiço ou algum meio de frustrá-lo, mas minha busca foi infrutífera e temo que este tipo de magia não exista. — Ela fez uma pausa, encarou o meu olhar e desferiu o golpe mortal: — Você nunca vai voltar para casa, Seoafin, nunca. E a sua gêmea nunca vai voltar para cá, nunca.

Olhei para ela, agora sem pestanejar, ela manteve o meu olhar e continuou.

— Seu marido tomou essa decisão sem consultá-la e fez isso na noite em que você soube da existência dos elfos.

Fiquei olhando para ela enquanto minha mente cambaleava.

Naquela noite... naquela noite...

Meu Deus. Nós mal nos conhecíamos naquela época. Ele tinha acabado de voltar de viagem com os seus homens. Embora tivesse me dito que se apaixonou por mim enquanto eu estava fazendo a massa da panqueca, e talvez quando ele tivesse olhado para trás, isto fosse verdade, naquela época ele não confiava em mim e eu não estava nem mesmo certa de que ele gostava de mim. Nem sabia quem eu era, até os elfos lhe dizerem. Na verdade, ele não começou a ser realmente doce e suave, a ser o meu Frey, até *depois* daquela noite.

Depois ele me cortou do meu mundo — completamente e para sempre.

E me cortou porque os elfos tinham dito a ele quem eu era. Me cortou porque Sjöfn era lésbica e eu não. Me cortou porque podia ter comigo, pelo resto da sua vida, o que não poderia ter com ela.

E fez tudo isso sem me perguntar.

Irrevogavelmente mudou a minha vida e me vinculou a este mundo, me afastando de pessoas que eu amava e do mundo que eu conhecia sem perguntar e em um momento em que não tinha intenção de ficar.

Ah, meu... *Deus*.

— E quando — Valentine continuou e minha atenção ferida e nublada se voltou para ela — mandei uma mensagem através da bruxa deste mundo, Agnes, para informá-la que isso aconteceu, o seu marido interceptou a mensagem, mentiu para mim através da Agnes sobre o seu desejo de permanecer aqui, dizendo que você estava ciente desta situação e que tinha concordado em ficar. Ele, então, anulou qualquer comunicação da Agnes com você, mesmo com tudo o que estava acontecendo neste mundo e no seu próprio.

Ah, meu *Deus*.

— E agora, *ma chérie* — continuou, sua voz uma carícia, indicando que não havia terminado de desferir seus golpes mortais —, apesar de sentir que você está satisfeita por ser obrigada a ficar neste mundo e mais ligada a ele por causa da criança que carrega, deve saber que seu marido orquestrou isso também. Fez isso sem o seu conhecimento e, até que acontecesse e você decidir que gostava disso, principalmente porque já tinha acontecido e não tinha escolha, ele também fez isso contra a sua vontade.

Foi então que, finalmente, pisquei.

— O quê? — sussurrei.

— Aquele pó que você tomava? — perguntou. Assenti lentamente e ela continuou. — É muito poderoso e quase infalível. No entanto, você não tem tomado há algum tempo. Ele descobriu e o trocou por um placebo com a intenção de gerar uma criança em você, a fim de entregar com segurança um herdeiro para o trono desta nação.

Senti cada centímetro do meu corpo travar.

Não.

Deus, não.

— Por que ele faria isso? — murmurei.

— Ele é um homem — Valentine respondeu gentilmente, estudou o meu rosto, que pude realmente sentir que estava pálido e, em seguida, continuou. — Portanto, minha deusa do amor, seu marido tem estado

muito ocupado. Seus pais deste mundo sabem de tudo isso desde que retornou a eles, após o tempo passado na cabana. Os três têm o conhecimento que você está presa a este mundo e a eterna Princesa Sjöfn nunca mais voltará. Mas foi só o seu marido, e um dos homens dele, que providenciou o placebo para você, que sabe que ele tem planejado pelas suas costas que você engravidasse.

Eu não podia acreditar nisso.

Isto era inacreditável.

Por que o Frey faria isso? Qualquer coisa dessa.

Por quê?

Memórias entraram em confronto na minha cabeça. Atticus parecendo tão desanimado quando eu não conseguia acertar o alvo, sabia agora que não era porque estava decepcionado com sua Sjöfn, mas porque estava de luto pela perda de sua filha. A fácil aceitação, tanto sua quanto da Aurora, a aceitação que não tinham outra escolha, apenas aceitar o que o seu Frey, o seu Drakkar havia ordenado aos elfos. Todos eles, incluindo a felicidade rápida e sem reservas de Frey ao saber que eu estava grávida, sem me deixar nenhuma opção quanto a permanecer neste mundo, trocar de lugar com Sjöfn e fornecer um herdeiro ao trono.

Deus, fui tão estúpida, tão cega, tão envolvida em me apaixonar, que nem percebi, não pensei, não juntei as peças - mas isso era porque todos sabiam que eu nunca partiria, bem antes de eu mesma saber, e bem antes de eu mesma saber que *queria* isso.

Senti meu queixo se contrair e uma película vermelha desceu sobre meus olhos.

— Dito isso... — A voz da Valentine veio até mim, mas tinha parado de ouvi-la, nada penetrava o ferido e enfurecido nevoeiro que enchia a minha cabeça.

Me levantei lentamente e me virei para contornar a cama.

— Seoafin — ela chamou, mas a ignorei e me movi, os passos lentos, minha cabeça confusa, meus olhos ainda vendo tudo vermelho.

— Seoafin — Ouvi de novo e então ouvi o miado de raiva da Penelope, o que só podia significar que Valentine tinha levantado, mas continuei andando, meu ritmo acelerando. — Seoafin, minha deusa do amor, não estou muito...

Mas ela não terminou porque eu estava correndo para a porta, para fora da porta, pelo corredor, descendo as escadas, até a próxima escadaria, fora da porta e na neve.

E, enquanto corria cegamente, corri direto para o Ruben, que me pegou nos seus braços.

— Finnie, o que está fazendo aqui fora sem um manto? — ele perguntou e minha cabeça disparou de volta, meu olhar se fixou no dele, que estremeceu diante do que viu.

— Onde está o Frey? — eu quis saber.

— Finnie... — Ruben começou, os olhos vigilantes enquanto observava meu rosto, suas mãos segurando os meus braços, os dedos os envolvendo com cuidado.

— Ben, onde... está... o Frey? — terminei minha pergunta com um grito e a cabeça de Ruben recuou novamente enquanto seus dedos se contraíam.

Em seguida, disse gentilmente:

— Vá para dentro, minha princesa, vou buscá-lo.

— Foda-se — respondi, me livrando do seu aperto e ignorando seu estremecimento com as minhas palavras. — Diga-me onde ele está.

— Fin... — começou, mas algo chamou sua atenção, olhou para trás de mim, seu grande corpo enrijeceu e seus olhos se estreitaram.

— Ben! — gritei e seus olhos voltaram para mim. — Onde está a *porra* de Frey?

— Bem aqui, pequena, o que está acontecendo? — Ouvi Frey perguntar e no momento que ouvi sua voz me virei para ele.

Então o observei enquanto se movia na minha direção, as botas rangendo na neve, e meu coração apertou, duro e tenso, ficando

congelado como se nunca fosse pulsar novamente.

Meu belo marido. Meu doce e gentil Frey. O homem que amava. O homem cujo filho estava carregando. O homem que havia mentido para mim emudado o curso da minha vida irrevogavelmente... *duas vezes...* sem se preocupar em discutir o assunto comigo.

— Frey, há uma mu... — Ruben começou a dizer em um tom baixo, mas o interrompi.

— Você é um *idiota* completo! — gritei.

As sobrancelhas de Frey se ergueram sobre os olhos apertados quando parou de andar, há cerca de um metro de mim e seu corpo ficou imóvel.

— Finnie, o que... — ele começou.

— Foda-se! — vociferei, me inclinando ao fazê-lo. — Foda-se, Frey! Não posso *acreditar* em você!

— Frey... — Ruben disse baixinho.

Os olhos de Frey desgrudaram dos meus, olhou à minha volta, se concentrou em algo distante e vi seu rosto ficar duro, mas ignorei tudo isso e continuei.

— Você ordenou aos elfos que me vinculassem a este mundo — acusei acaloradamente e seus olhos voltaram para o meu rosto. — Você fez isso há muito tempo. Fez isso sem me perguntar. Fez isso antes mesmo de saber que gostava de mim, muito menos me amar. E fez isso só para não ser obrigado a ter a Sjöfn pelo resto dos seus dias. Você fez isso por razões completamente egoístas. Você fez isso uma vez, sem pensar em mim. Fez isso pensando só em *você*.

Vi quando ele se encolheu, soube que isso provava que as palavras da Valentine eram verdadeiras e meu coração começou a bombear tão rápido que, em um instante meu sangue parecia que estava fervendo através da minha pele e isso me levou a continuar.

— Quem poderia fazer isso e como? — gritei. — *Como? Como você pode fazer isso?* — gritei com os braços esticados nos meus lados,

as mãos fechadas em punhos, meu torso se inclinando na direção dele.

— Finnie, amor, vamos entrar — disse suavemente, movendo-se em minha direção com a sua mão estendida, mas dei dois passos rápidos para trás e levantei a mão, a palma virada para ele e ele parou, mas apenas diante das minhas próximas palavras.

— Não se atreva a me tocar, Frey. Não ouse me tocar, porque isso é apenas o pior de tudo, mas não é tudo. Eu sei... *eu sei*, que trocou os meus pós sem falar comigo sobre isso, também.

Ouvi o Ruben inspirar ruidosamente, mas foi o rosto de Frey que ganhou minha atenção porque mudou, seus olhos brilharam e sua voz ficou baixa quando ordenou:

— Finnie, vamos entrar.

— Foda-se isso e foda-se *você!* — me inclinei para a frente, gritando. — Quem é capaz de fazer isso? Quem faz uma merda dessas? — gritei, jogando minhas mãos para o alto. — É o *meu* corpo, Frey! *EU* decido ou, no mínimo, *nós* falamos sobre quando gerar um bebê, mas, oh, não... — falei com sarcasmo, balançando a cabeça e dando mais um passo para trás. — Não o Drakkar. Não o Frey. Minha vida não é minha. Meu corpo não é meu. Ambos são claramente seus para fazer o que quer que você deseje, sem *nenhuma vez* me consultar.

— Esposa — Frey me interrompeu —, você está angustiada e há uma mulher que não conheço, de pé, atrás de você. Vamos entrar e...

—Uh-uh — balancei a cabeça. — De jeito nenhum. Não mesmo. Não vou *a porra de nenhum lugar* com você. A única coisa que sei, porque a Valentine me disse, é que onde quer que eu vá, tem que ser *aqui!* — gritei, apontando para o chão, percebendo tardiamente que tínhamos um público com todas as minhas criadas (menos, provavelmente, a Jocelyn, mas não estava em condições de verificar) e os homens de Frey.

Mas não me importava.

Nem mesmo um pouco.

E foi por isso que continuei gritando.

— Eu tinha amigos na minha casa, Frey, pessoas que amo. E nunca mais vou vê-los novamente, nem mesmo para dizer adeus. Não tinha família, mas tinha uma família de amigos e sem pensar em mim *nem uma vez*, você baniu a todos. Você varreu *todo o meu mundo para longe*. Como você pôde fazer isso? Como pôde o meu doce e generoso marido *fazer isso comigo*? — terminei com um grito.

O rosto de Frey estava sendo tomado pela preocupação diante da minha histeria crescente, e ele deu dois passos rápidos para mim, mas me afastei ainda mais, as mãos levantadas, as palmas para fora, contornando o Ruben e recuando, enquanto falava:

— Não se aproxime de mim. — balancei a cabeça. — Não se atreva a chegar perto de mim — sussurrei enquanto o desespero começou a me oprimir. — Você... você... não posso acreditar que não estou segura com você. Não posso acreditar que não posso confiar em você e não posso acreditar, agora que eu sei, que nunca *pude*.

O corpo de Frey se voltou junto com o meu e me seguiu enquanto eu recuava pela neve.

— Meu amor... — começou, mas balancei a cabeça com força.

— Eu não sou isso — disse a ele, as lágrimas deixando a minha voz rouca enquanto brilhavam nos meus olhos. — Não sou isso para você. Não sou seu amor e nunca fui. Não se trata alguém que ama assim. Não se faz isso. Nunca. Nunca.

Diante das minhas palavras, vi a expressão no seu rosto ficar devastado e ele sussurrou:

— Minha pequena Fin...

Mas não terminou de falar o nome que eu amava que ele me chamasse.

Isto foi porque ouvi um assovio encher o ar, um assovio que eu conhecia muito bem.

E então ainda estava de pé e horrorizada quando vi o poderoso corpo de Frey dobrar para a frente, ao mesmo tempo que vi a ponta sangrenta de uma flecha atravessar o seu ombro.

E, neste mesmo momento, ouvi Bess, Esther e Alyssa gritarem e seus gritos se misturaram aos meus.

E, então, aconteceu, por toda parte, ao meu redor, tudo ao redor de Frey, tudo em torno dos homens, da Valentine e das minhas criadas. Flechas assoviavam, voando por toda parte, caindo na neve, caindo na carne, grunhidos de dor dos homens, gritos das mulheres, pessoas correndo e cavalos, de repente, galopando através da neve ao redor, tantos que parecia que um exército tinha descido na cabana de Frey.

Permaneci paralisada e observei quando, mesmo ferido, Frey começou a correr na minha direção, mas depois, assisti em choque total, horror e com uma dor tão imensa que passou através das minhas entranhas, quando mais duas flechas penetraram o grande e belo corpo do meu marido e depois assisti o poderoso Drakkar cair de joelhos.

— *Não!* — gritei, meu corpo tardiamente saindo do estupor, destravando para correr para ele, mas não dei um passo antes de ser puxada para cima e plantada na frente de um homem, em um cavalo.

— *Peguem a bruxa!* — Ouvi a ordem do meu captor, em seguida, se inclinou para mim, cravou os calcanhares nos flancos da sua montaria e galopou para a floresta circundante.

Lutei, empurrando e grunhindo, minha visão preenchida com nada além do corpo poderoso de Frey alvejado por três flechas, o sangue encharcando a lã, caído de joelhos e meu organismo não sabia de mais nada além da necessidade crua de voltar para o meu marido.

— *Feitiço!* — meu captor gritou, lutando para conter meus chutes.
— *Agora!*

Me debati para trás e, ao mesmo tempo que empurrei o braço na minha cintura, senti a parte de trás da minha cabeça colidir com o seu

queixo, a dor penetrante reverberando através do meu crânio, ouvi o seu gemido e senti um comichão acertar o meu peito.

Então, não senti mais nada porque tinha apagado.

Capítulo 30

Até o Dia que Morri

Quatro dias mais tarde...

— Minha Princesa do Inverno, acorde, por favor, acorde — ouvi uma mulher falando e meus olhos se abriram lentamente, em seguida, se fecharam novamente. — Por favor, minha princesa, *acorde*.

Com esforço, abri meus olhos e foquei em uma mulher loira, olhos azuis, não muito jovem, não tão velha, talvez quarenta e tantos, cinquenta anos. Tinha um cabelo lindo, um monte dele e era muito bonita.

— Ei — sussurrei, me sentindo engraçada, não eu mesma, estranhamente fora do meu corpo.

— Ela precisa de comida e água, imediatamente, já faz vários dias. — Ouvi por trás dela e pisquei porque conhecia aquela voz.

Meus olhos se moveram da loira para a ruiva, que agora usava um vestido bem moldado ao corpo, amassado, empoeirado, rasgado em vários lugares, de lã verde-jade, e botas de camurça gastas, sujas, cinza chumbo.

E tudo voltou para mim.

Tentei me sentar, minha cabeça tonteou de forma alarmante e minha mão foi imediatamente para ela, mas mesmo assim, não parei de tentar me levantar de onde estava reclinada, mas dois pares de mãos me mantiveram deitada e eu não tinha muita força.

E, desde que não tinha, desde que a minha cabeça estava tonta e havia um vazio no meu estômago que não tinha nada a ver com fome e uma sensação assustadora em volta do meu coração na qual não queria pensar, cedi.

Mas cedi enquanto sussurrava.

— Frey.

A loira olhou para Valentine e não gostei do olhar em seu rosto assim agarrei o braço dela e fiz isso com força. Também o sacudi enquanto o segurava também com força.

Ela olhou para mim com olhos tristes. Olhos tristes que falavam palavras que realmente não queria dizer e palavras que eu nunca, nunca, *nem* imaginei que ia ouvir.

— Não — sussurrei, a bile enchendo minha garganta, agarrando a minha mão Valentine caiu de joelhos no chão, ao lado da loira.

— Sinto muito, minha princesa — ela sussurrou, apertando a minha mão. — Ele se foi deste mundo.

Ele se foi deste mundo.

Frey foi embora deste mundo.

Meu doce e gentil Frey tinha ido embora deste mundo.

Emoção surgiu através de mim, muita, e nem um pouco boa, era tanta que, de repente, senti como se estivesse prestes a explodir.

— *Não!* — gritei, empurrando-a para longe.

Fiquei de pé, dei alguns passos pelo aposento e parei quando vi que estávamos em um quarto feito de pedra e não havia nada nele, apenas altas janelas gradeadas, pelo menos, dois andares acima do chão, três estrados sujos no chão com finos, ásperos e esfarrapados cobertores de lã e uma mesa de madeira que parecia que as pernas estavam de pé por um milagre.

Estávamos em uma cela de prisão.

E não me importei.

Não, não me importei.

— Ele não está morto — disse à Valentine e à loira enquanto ambas, lentamente, se levantavam e se viravam para mim.

— Sinto muito, minha princesa — a loira murmurou.

Me inclinei para a frente e gritei:

— *Ele não está morto!*

Valentine se moveu na minha direção, sussurrando:

— Minha deusa do amor...

— *Ele não está morto! Ele não está morto! Ele não está morto!* —

gritei, em seguida, vi até mesmo o sempre calmo e composto rosto da Valentine cheio de tristeza e minhas pernas caíram em colapso debaixo de mim quando meu corpo começou a estremecer com soluços. — Ele não está morto — sussurrei através das lágrimas enquanto as duas mulheres vinham até mim, me colocaram de pé e me apoiaram enquanto voltava para o estrado.

— Ele não está morto — repeti, todo o meu corpo tremendo com a força da minha dor enquanto elas, gentilmente, me empurravam novamente sobre o colchão sujo.

— Ele não está morto — sussurrei enquanto me enrolava em uma bola, os braços ao redor das minhas pernas, balançando meu corpo para frente e para trás enquanto uma delas, não sabia qual, acariciava meu cabelo.

— Ele não está morto. — Estas palavras saíram roucas, ásperas, feias. Meu estômago vazio, meu coração realmente partido e isso doía. Muito. Demais. Tanto que não podia suportar.

Era insuportável.

— Por favor, Deus, faça com que ele não esteja morto — sussurrei, então virei a cabeça e pressionei o rosto no estrado imundo enquanto soluçava.



Chorei até esgotar as lágrimas, enquanto Valentine acariciava meus cabelos e murmurava baixinho. Quando havia terminado e virei o rosto para olhar para a parede de pedra, ela gentilmente me forçou a sentar sobre o estrado com as costas contra a parede enquanto a loira foi

até a mesa e voltou com um prato que continha algumas fatias de presunto e um copo de cobre trabalhado, cheio de água que, por sorte, estava clara limpa.

— Coma, *pour votre bébé* — Valentine pediu, olhei para ela vagamente, e assenti com a cabeça, peguei o prato, coloquei-o sobre as minhas coxas, peguei o copo, comecei a comer devagar e engolir o presunto salgado com água.

Pour votre bébé.

Nosso bebê.

Será que viveria para dar isso ao Frey?

Olhei ao redor da sala e duvidei.

Então meus olhos caíram sobre a loira.

— Quem é você? — Perguntei.

— Eu sou Lavinia de Lunwyn, serva de Alabasta — respondeu suavemente e assenti, porque sabia quem era. Frey me contou histórias sobre a bruxa mais poderosa de Lunwyn e serva da deusa Alabasta nesta terra.

E Frey as contou para mim enquanto estávamos jantando em sua mansão em Hawkvale.

Senti minha garganta estreitar, meus olhos arderem e olhei para longe, enfiando outro pedaço de presunto na minha boca e não tendo nenhuma ideia de como iria empurrá-lo para baixo.

— Você acha que... — Lavinia de Lunwyn começou, meus olhos se moveram para ela e engoli o presunto com esforço, antes dela terminar — que você pode ouvir sobre o que está acontecendo?

Diante disso, respondi:

— Considerando-se que meu marido está morto e que atingi, de 0 a 10 na escala de más notícias que você poderia me dar, em torno de 572, o quão ruim é o resto da notícia?

— Isso é ruim, não tão ruim assim — respondeu Lavinia.

Não. Não tão ruim assim. Fora o mundo chegando ao fim, não havia nenhuma notícia pior do que essa, ou até mesmo chegava perto.

Inspirei pelo nariz e assenti, dizendo:

— Bem, então, apenas fale.

Ela assentiu de volta e ela e a Valentina trocaram um olhar e ambas se acomodaram no estrado, uma de cada lado.

— Você tem estado sob um feitiço do sono durante quatro dias — Lavinia afirmou. Assenti. Ela tomou fôlego e continuou. — Fui capturada e presa aqui, há uma semana. Você e a Valentine chegaram ontem e quando o fizeram, Valentine estava amarrada, mas acordada.

Terminei o último pedaço de presunto, coloquei o prato de lado, tomei outro gole de água e disse:

— Certo.

— Estamos... — ela hesitou, olhou para a Valentine, em seguida, de volta para mim — estamos ambas ainda amarradas, embora não por cordas. Onde quer que estejamos há um poderoso feitiço. Nenhuma de nós tem o comando da nossa magia. Ela não se foi, nós duas ainda a sentimos, simplesmente não podemos comandá-la.

Meus olhos deslizaram para longe e sussurrei:

— Ótimo.

— É por isso que, estou certa, me trouxeram para cá, porque eu não aguentaria ver o que está acontecendo à minha Lunwyn — Lavinia disse e assenti.

Valentine continuou.

— Nós duas podemos, no entanto, sentir as coisas. Foi assim que soubemos... — ela parou e levantei o queixo, para que ela não precisasse continuar.

Não queria ouvir aquelas palavras novamente. Compreendi. Foi assim que elas souberam que o Frey tinha partido.

Lavinia falou em seguida:

— Nós também sabemos mais coisas, ou eu sei. Valentine percebe as coisas, mas como ela não é deste mundo, muito do que ela sente, não entende.

— E o que mais você sabe? — perguntei, mas realmente não me importava.

Queria saber sobre as minhas criadas e os homens de Frey. Queria saber sobre Aurora e Atticus. Queria saber sobre Skylar. E queria ter algum tempo para lamber minhas feridas e, em seguida, descobrir como dar o fora de lá, fora deste mundo e ir para casa, casa, *casa*.

— As árvores adela foram queimadas — Lavinia sussurrou, todos aqueles pensamentos voaram da minha cabeça e senti minha boca abrir, enquanto meu coração se apertava.

Então, sussurrei, horrorizada:

— Não.

Ela acenou com a cabeça, os olhos ficando mais brilhantes.

— Sim. As árvores queimaram, as nossas gloriosas e brilhantes adelas, o que já é ruim o suficiente, mas significa que os elfos não podem subir.

Fechei os olhos e virei a cabeça.

Os elfos não podiam subir.

E não tinham o Frey.

Eu não tinha o Frey.

Se vivesse para conceber, meu filho ou filha não teria um Frey.

Olhei para Lavinia e disse com sentimento:

— Isso é uma droga!

Sua cabeça inclinou para o lado.

— Uma droga?

— Droga, merda, ruim... é horrível. — Levantei uma mão e rudemente, admito, acenei para ela prosseguir. — O que mais?

— Aurora foi capturada — Lavinia disse suavemente e respirei fundo.

Então, soltei a respiração em um sussurro:

— Droga.

— Ela está viva e está mantida em cativeiro, como nós. Não aqui, mas muito longe, não posso sentir onde. Mas... sinto muito, minha princesa, não senti seu pai.

Fechei os olhos com força e virei a cabeça novamente quando o caroço na minha garganta se transformou em um soluço dolorido. Então, me forcei a falar, gaguejando, sem olhar para ela.

— Ele está... ele está... ele está morto?

— Sinto muito — sussurrou.

Levei a mão até a boca e dobrei os dedos ao redor dela.

Eu o tinha perdido novamente. Mais uma vez.

Inferno! Uma vez, já era ruim o suficiente.

Lágrimas escorreram pelos meus olhos e deslizaram pelo meu rosto enquanto lutava para me controlar, mas o meu peito arfava com o esforço e minha garganta queimava tanto que pensei que ia se desintegrar. Levou algum tempo e muito esforço da minha parte, mas me contive, limpei o rosto com a mão e olhei para Lavinia.

— O que mais? Minhas criadas? Os homens de Frey?

Ela balançou a cabeça, mas quando viu meu rosto e entendeu que a entendi errado, ela disse rapidamente:

— Não sei. Não os conheci, portanto, não posso senti-los. Só posso sentir aqueles que conheci ou pessoas de destaque, como o seu marido. Sinto muito, não tenho nenhuma notícia deles.

Olhei para Valentine.

— Você?

— Estava na presença deles, minha Seoafin, mas sinto muito, não houve tempo suficiente para conhecer as suas auras e ser capaz de senti-las — respondeu.

— Tudo bem — sussurrei, respirei fundo novamente, em seguida, olhei para as duas. — Vocês sabem de mais alguma coisa? Quem está

fazendo isso?

Perguntei isso quando uma chave raspou na fechadura, todas três olharam para a porta, em seguida, ela foi aberta e não pude acreditar nos meus olhos ou impedir minha boca de se abrir quando vi Broderick entrar calmamente, seguido pelo seu amante, Phobin. Não podia ser. Mas era. Estava ali e não estava entrando para ser preso. Broderick deu uma olhada em mim, seu rosto ficou duro, meu coração começou a pulsar e se virou para o seu amante.

— Qual é o problema com você? — ele retrucou. — Ela é do meu sangue, ela é uma princesa e se senta na imundície?

— Ela é uma prisioneira — Phobin respondeu friamente.

— Ela é uma *Princesa* — Broderick respondeu, em seguida, se virou para encarar os dois guardas que entraram com eles e ficaram parados na porta. — Levem a Princesa do Inverno para os meus aposentos. Encontre mulheres para lhe dar um banho, encontrem um vestido decente e alimentos adequados.

— Você não pode fazer isso, Broderick — Phobin afirmou e Broderick se voltou para ele.

— Não posso? Sinto muito, pensei que *eu* tinha me tornado rei de *duas* terras. Perdi alguma coisa? Ou foi você?

— Eu já lhe disse. Ela é uma dos elfos, a bruxa falou isso — Phobin falou. — Nós não podemos arriscar a chance que ela detenha qualquer magia e escape.

— Ela é minha prima e é uma princesa e não vai se sentar na imundície — Broderick respondeu e o rosto de Phobin ficou duro e seus olhos ficaram tão furiosos e tão cruéis que não só eu me encolhi, mas também Lavinia e Valentine o fizeram.

Em seguida, sussurrou estranhamente:

— Obedeça, Broderick.

A cabeça do Broderick se virou, seu rosto ficou branco por um momento antes dos seus olhos brilharem, olhou para o Phobin e declarou

com firmeza:

— Um rei não obedece a ninguém, Phobin.

Phobin chegou mais perto, sua voz ficou mais baixa e repetiu:

— Obedeça.

Broderick sorriu e, falando baixinho, retrucou:

— Seu idiota. Você acha, honestamente, que o nosso jogo na cama se estende a governar o meu vasto reino?

Broderick se aproximou também e sua voz ficou mais baixa, mas não tão baixa que não pudéssemos ouvir.

— Sim, meu amante, vou pedir para chupar o seu pau e vou te pedir para fazer outras coisas com ele, mas fora da nossa cama, Phobin, ouça isso e saiba disso, *eu* governo e *você* obedece, ou vou encontrar um amante que vai brincar como eu gosto na cama e saber o seu lugar fora dela.

O rosto aturdido do Phobin empalideceu, mas Broderick o ignorou e a nós três sobre o estrado, se virou e caminhou até os guardas, parando na frente deles. Em seguida, ordenou:

— Leve a minha prima para os meus aposentos, ela é uma princesa e será tratada como tal. Mantenha guardas na porta e pelo amor dos deuses, deem a essas bruxas alguns cobertores decentes, comida saborosa, vinho e água para se lavarem. Eu não governo como o meu pai, saibam disso agora, e parte do que vocês precisam saber é que este tratamento com as mulheres é inaceitável.

Passou pelos guardas, deixando a cela e deixando para trás um Phobin ainda chocado e imóvel.

Então, ouvimos do corredor:

— Phobin! Venha! — O corpo do Phobin vacilou, pareceu confuso por um momento, em seguida, correu para fora da cela.

— Venha! — um dos guardas grunhiu para mim e meus olhos foram até ele.

— Vá, Seoafin — Valentine sussurrou. — Nós ficaremos bem.

—Venha! — o guarda grunhiu novamente começando a se mover para a frente.

Rapidamente olhei para a Lavinia, que sorriu tranquilizadamente para mim, em seguida, Valentine fez o mesmo e deixei o cálice que eu ainda segurava de lado e comecei a me levantar.

Me virei para Valentine e Lavinia e sussurrei:

— Voltarei.

Fiquei de pé, endireitei os ombros, joguei meu cabelo para trás, assenti com a cabeça regidamente para o guarda e saí do quarto.



Eu me torturava.

Durante o banho, com as duas mulheres silenciosas me ajudando a colocar a roupa de baixo, puxar o macio vestido de lã sobre a minha cabeça, as botas até minhas panturrilhas e penteando o meu cabelo, durante toda a refeição solitária e depois, quando estava sozinha no luxuosamente decorado, mas frio quarto, eu me torturava mais.

Me torturava com as memórias da primeira vez que vi meu enorme e assustador marido no nosso casamento.

Da primeira vez que me beijou.

Me torturava com memórias dele jogando um bicho morto na mesa da cozinha, me puxando para o seu colo e dizendo que meu lugar era lá e tomar banho com ele em uma fonte termal.

E da primeira vez que fizemos amor e como foi gentil comigo.

Estava errada na minha ira. Tinha sido o meu gentil Frey, antes de me conhecer.

Me torturava com isso também, que tinha esquecido, e tudo o que disse a ele antes da sua morte.

Então, quando não aguentei mais suportar esses pensamentos específicos, me torturei com memórias de jogar cartas com os homens de Frey. Do pai orgulhoso, chorando, na primeira vez que me viu acertar o centro do alvo e seu abraço apertado na segunda vez que me viu fazê-lo. Do Skylar sentado em uma mesa, qualquer mesa, todas as mesas nas quais se sentou, sua língua aparecendo em sua concentração, parecendo tão bonito e tão novo. Dos risos e fofocas e o cuidado delicado das minhas meninas e como elas me aceitaram sem reservas. Do humor seco da minha mãe e dos pequenos sorrisos e olhares que diziam o que sentiam de uma maneira que você sempre acreditaria e nunca se esqueceria.

Me torturava com as memórias de um navio chamado *Finnie* e tudo o que tinha acontecido a bordo dele.

Me torturava com as memórias de mãos fortes me guiando em uma pista de dança, enquanto usava um vestido vermelho sangue em um baile.

Me torturava com as memórias dos toques, sabores e palavras sussurradas no meu ouvido.

Me torturava com cada lembrança que pude relembrar sendo as melhores, até agora, de longe, excessivamente a mais bela, a aventura mais perfeita que já tive. Revirei cada uma na minha cabeça, gravei-as no meu cérebro e quando o fiz, enquanto os segundos viravam minutos, minutos viravam horas, o guarda permanecia lá fora e eu ficava sozinha no quarto do príncipe, me preparei.

Quando a porta se abriu, estava pronta.

Estava pronta para fazer o que tinha que fazer pelo Frey, por Atticus, por Aurora e por Lunwyn, que era legitimamente *minha* para dar à criança que eu carregava. Filho de Frey. Filho do Drakkar. Filho dos elfos. Meu filho.

Filho de Lunwyn.

Pelo meu Deus e os deuses do meu marido, estava pronta para fazer isso.

Estando preparada, observei Broderick entrar e controlei meu rosto para não mostrar nenhuma reação quando seus olhos caíram, suaves, sobre mim e seu amante trotou obedientemente em seus calcanhares.

O guarda fechou a porta e Broderick continuou a se aproximar enquanto eu continuava sentada na cadeira, imóvel, as mãos escondidas nas dobras da saia e o observei.

— Você parece melhor, Sjöfn — disse em voz baixa.

— Você matou o meu marido — respondi e assisti com fascinação mórbida quando ele estremeceu.

Em seguida, sussurrou:

— Sjöfn.

— Você matou o meu marido — repeti, mantendo o seu olhar.

Ele parou na minha frente e olhou para mim.

— Sinto muito por ter precisado fazer isso.

— Você pode me dizer *por que* precisava fazer isso? — perguntei, minha voz branda e calma.

Foi Phobin que respondeu com um incrédulo:

— Por quê?

Meus olhos não deixaram o Broderick quando se virou para o seu amante e falou com voz baixa:

— Quietos. — Ele se virou para mim e sua voz era suave quando explicou. — Sjöfn, pude ver que você se apaixonou por ele e ele por você, mas ele é o Drakkar, o Frey, comanda o fogo dos dragões e a magia dos elfos e deixou muito claro que não hesitaria em chamar seus animais em sua defesa. — Sua voz se tornou ainda mais delicada quando concluiu. — Sinto muito, minha prima, mas ele era muito poderoso para deixá-lo viver.

— Você não acreditava nisso, naquela época — eu disse e ele piscou.

— O quê? — perguntou.

E, no que esperava ser uma boa imitação da Aurora, regamente inclinei meu queixo para indicar Phobin e declarei:

— Foi ideia dele. Quando nos encontramos em Middleland, você estava contente por mim.

— Estava — ele sussurrou, me observando de perto.

— Então, diga-me, por que matou o meu marido? — perguntei e ele suspirou levemente.

— Sjöfn... — ele começou, mas o interrompi com um aceno da mão.

— Não importa agora, Broderick, ele está morto. E meu pai está morto, presumo? — Esperei por um aceno cuidadoso dele. Levei o baque da confirmação desta notícia e o esforço maior foi me forçar a não reagir e continuei. — Mas você tinha ideias diferentes naquela época, estou errada?

— Sjöfn, não acho que... — começou, mas o interrompi mais uma vez.

E fiz isso falando suavemente.

— Você deve isso a mim.

Broderick segurou meu olhar. Então, assentiu.

— Pensei... — começou, em seguida, concluiu — em exílio.

— E por que não seguiu com esse pensamento? — pressionei. — Foi ele? — E novamente levantei meu queixo para o Phobin.

— Ele, tenho que admitir, apontou os erros no meu pensamento. — De repente, se agachou diante de mim, como se fosse pegar a minha mão, recuei levemente na cadeira, mas não suficientemente discreta para que ele não notasse. Percebeu, descansou os pulsos nos joelhos e continuou falando. — Phobin sabia, você sabia e eu também sabia, mas ao vê-la tão feliz, estava negando isso, mas sabia que o Drakkar não ficaria no exílio por muito tempo, não importa a magia ou guarda ou...

— O ramo de adela — falei, interrompendo-o novamente. — Você e o Phobin, vocês estavam coletando relíquias sagradas, artigos com poder

para utilizar para este fim. Não foi a única coisa que você fez, não é, Broderick? — perguntei, quando um palpite apenas saltou na minha mente.

Ele sorriu, um pequeno e realmente *orgulhoso* sorriso antes de sussurrar:

— Sempre tão inteligente, minha Sjöfn.

— Você tem relíquias, coisas com magia? — forcei.

— De fato — Broderick respondeu.

— Elas seriam mais poderosas se tivéssemos o ramo — Phobin murmurou, meus olhos deslizaram pelo seu rosto irritado e Broderick inclinou a cabeça para trás, para olhar para ele. Quando Broderick fez isso, ele fechou a boca e um músculo pulsou em sua mandíbula.

Olhei novamente para o Broderick, esperei seus olhos voltarem para mim e perguntei:

— Você tem uma bruxa que os controla?

— Tenho — respondeu.

Balancei a cabeça uma vez e depois declarei:

— Isso a torna muito poderosa.

Ele inclinou a cabeça.

Certo.

Bem, teria que lidar com isso mais tarde, e esperava, por tudo o que era mais sagrado, que Lavinia e Valentine pudessem vencer a vadia.

Continuando.

— Então, já que você estava pensando em exílio, o ataque em Houllebec, o veneno no Gales, não foi você? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— O ataque em Houllebec era para tirar a vida do Drakkar, mas você devia ser apreendida e mantida como refém, em seguida, soltá-la. No entanto, o rapto teria sido um ardil. Se tivesse sido bem-sucedido, teria significado que você estava segura e sem nenhum respingo entre nós, mas não haveria nenhum herdeiro ao trono iminente, até que você ou o

seu pai pudessem encontrar outro candidato adequado como marido para você e, nesse tempo, teria instigado a nossa campanha para unir Lunwyn e Middleland. — Com isso, sua boca se contraiu e seus olhos se moveram brevemente para o Phobin antes de voltarem para mim, quando continuou. — Deixei isso nas mãos de outros e aqueles escolhidos para esta ação, felizmente para você e o Drakkar, não eram muito qualificados.

Phobin obviamente estava por trás dessa manobra e Phobin, obviamente, estragou tudo. Broderick me estudou com os olhos novamente suaves, em seguida, disse:

— Isso foi antes de ver vocês dois juntos e considerar o exílio.

Fez uma pausa para eu falar, mas não respondi.

— O veneno — continuou —, não fui eu. Tenho aliados, chefes das casas de ambas, Lunwyn e Middleland. Até a nossa campanha atual, houve... — fez uma pausa, em seguida, terminou — algum desacordo sobre o que fazer com você e como lidar com o Drakkar. Havia aqueles que sentiam que sua influência, se não o seu poder, seria diminuído se ele não gerasse uma criança em você, o herdeiro do trono, e, portanto, sentiram, que se você já não vivesse, obviamente, isso não aconteceria. Também acharam que era um alvo mais fácil. E sabe-se que o Drakkar não tinha ambições ao trono e acreditavam que se você estivesse fora do caminho, ele continuaria com seus negócios e, como era de costume, deixaria a política para os outros. Durante seu noivado ele não mostrou grande interesse em você. Foi só depois, quando se tornou conhecido que ele... — parou de novo, continuando com cautela — veio a sentir uma boa dose de carinho por você, que nossos planos precisaram ser repensados.

Veio a sentir uma boa dose de carinho por mim. Uma maneira conveniente de colocar, o pequeno manipulador falso e insolente.

Olhei por cima do ombro como se estivesse absorvendo tudo isso, em seguida, olhei para ele e balancei a cabeça. Então, perguntei:

— Você o ama? — E, com a minha pergunta a cabeça do Broderick tremeu.

—O quê?

— Ele. — Acenei ligeiramente com o queixo para o Phobin e continuei. — Você o ama? — Quando o olhar do Broderick ficou neutro, expliquei: — Antes, você disse que iria substituí-lo e, veja bem, amei um homem e o perdi, e sei, no fundo da minha alma, onde queima tão forte que é um milagre que esteja respirando, e que ele nunca será substituído. — Hesitei, sustentei o olhar e sussurrei ferozmente. — Nunca. — Inspirei delicadamente e perguntei: — Então, você não pode amá-lo.

Os olhos do Broderick eram suaves sobre mim e ele sussurrou:

— Sjöfn, você está segura. Sei que você está ferida, mas está segura. Dói em mim, ver a tristeza nos seus olhos, saber que estou por trás dela, mas você me conhece, minha prima, deve saber que dói em mim. Com o tempo, espero que você vá entender minhas ações. Você vai ver a minha visão para Lunwyn e para Middleland. Meu povo não podia continuar sob o domínio do meu pai, você sabe disso. Todo mundo sabe. E Lunwyn nunca deveria ter sido dividida. Agora, está novamente intacta, vou governar e você estará ao meu lado enquanto o fizer. Vou escutar você. Prometo a você. Você é sábia e forte e sei que vai ser uma conselheira de confiança para mim quando seu coração se consertar. E vou ouvir você, como sempre fiz. E, mais tarde, vou encontrar uma maneira de gerar uma criança, mas se isso não acontecer, talvez possamos encontrar alguém... — ele hesitou e cautelosamente continuou — *apropriado* para você também...

Eu o interrompi antes de *realmente* ficar irritada.

— Eu perguntei, Broderick, você ama o Phobin?

Ele me estudou, em seguida, respondeu:

— Não entendo por que você deseja saber isso, minha prima.

— Não importa o porquê, só importa se você ama ou não ama — respondi.

Ele suspirou, em seguida, disse calmamente:

— Tenho afeição por ele, mas amor...

Ele parou e assenti novamente.

Uma vez.

Sabia o que precisava saber.

Já estava na hora.

Então, sussurrei:

— Então, você não vai se importar muito quando eu fizer isso.

Me lancei para fora da cadeira, acertando meu joelho no queixo do Broderick, quando o fiz. Ele caiu para trás e imediatamente investi contra o Phobin com a faca que tinham me dado para cortar a carne no jantar. A faca que tinha roubado e eles, extremamente estúpidos, não tinham verificado a bandeja para ver se estava lá quando a recolheram. Uma faca que, ao longo da nossa conversa, tinha escondido nas dobras do meu vestido.

Como o Lund me ensinou (ou me falou, uma vez que isto, obviamente, não podia ser demonstrado), plantei essa faca na jugular do Phobin e a deslizei pela sua garganta, cortando sua traqueia.

O sangue jorrou e ele começou a cair de joelhos, com as mãos ao pescoço, os olhos arregalados, o rosto ficando branco, mas imediatamente lancei a lâmina em outro espirro medonho de sangue, a torci, caí sobre os meus próprios joelhos e segurei a faca no pescoço de um ainda não recuperado Broderick. E ainda não estava recuperado porque estava olhando em choque enquanto Phobin morria, cujo corpo estava agora se contorcendo em agonia, atrás de mim, no chão.

— Não faça nenhum barulho — sussurrei, seu corpo ficou imóvel e os olhos aterrorizados vieram até mim enquanto balançava a cabeça e ouvimos o gorgolejar doentio do Phobin enquanto a força vital do sangue se derramava do seu pescoço e engasgava em vão, para puxar o ar. — Vire de barriga para baixo — pedi.

— Sjöfn... — começou, mas parou com um rangido quando pressionei a lâmina profundamente e sangue fluiu em sua borda.

— Eu disse para... não... *fazer nenhum barulho* — sussurrei novamente. — Agora, vire de barriga para baixo, *deuses malditos!*

Ele se virou, plantei um joelho nas suas costas, peguei os laços que tirei das cortinas e me sentei na cadeira.

— Mãos atrás das costas — exigi.

Broderick hesitou, e não havia mais nada a ser feito com ele, a não ser demonstrar a minha determinação. Portanto, mergulhei a faca no seu lado, ele gemeu de dor e esperei que não tivesse sido alto o suficiente para os guardas ouvirem.

— Mãos atrás das costas! — sussurrei, ele colocou as mãos atrás das costas.

Puxei a faca, limpei-a no meu vestido, coloquei o punho entre meus dentes, amarrei suas mãos, em seguida, me abaixei e amarrei seus pés.

Então voltei para a minha cadeira e peguei o lenço que roubei de um baú de echarpes do Phobin. Virei o Broderick de costas e ele gemeu de dor quando fiz isso. Rapidamente empurrei o lenço em sua boca e o prendi, amarrando o lenço apertado em volta da sua cabeça.

Desperdicei um tempo precioso e fiz isso não pelo Frey, não pelo nosso filho, meu pai, minha mãe ou Lunwyn.

Fiz isso por mim.

Tirei a faca dos meus dentes, fiquei de frente para o Broderick e sussurrei:

— Você sabe, primo, doeu em mim fazer isso. — Virei a cabeça na direção do corpo amortecido do Phobin. — Você me conhece; *doue* em mim, fazer isso. Mas você vê, não podia lutar contra vocês dois e amarrar a ambos, assim, um de vocês teve que ser neutralizado. Felizmente, você não vai sangrar até morrer antes que alguém saiba que alguma coisa está errada. — Me aproximei e minha voz abaixou ainda mais enquanto mantinha o seu olhar e sussurrei: — Obrigado por unir Lunwyn para o filho de Frey que eu já carrego dentro de mim. Ele vai ficar muito agradecido.

Com isso, me afastei dele e corri para a porta, esperando que houvesse apenas dois guardas. Um deles era demais, dois, só Deus sabia. Provavelmente, eu cairia no primeiro obstáculo.

Mas não ia desistir.

Tinha percorrido um metro quando ouvi grunhidos, aço se chocando e, em seguida, corpos batendo na pedra.

Pisquei para a porta.

Ah, merda!

Rapidamente coloquei as duas mãos nas costas.

A porta se abriu e olhei para dois homens, grandes, musculosos e extremamente bonitos.

Eles me encararam.

Em seguida, ambos os seus olhos foram para o quarto atrás de mim, então, voltaram para mim.

E, para minha surpresa, eles sorriram, viraram um para o outro e, para minha chocante *alegria*, afirmaram:

— Lund parece ser um bom professor.

Eram homens de Frey.

— Vocês são homens de Frey — sussurrei.

— Balthazar — o moreno disse.

— Quincy — o loiro disse.

Tinha ouvido falar muito deles, apesar de nunca ter me encontrado com eles.

— Ei, eu sou Finnie — ainda estava sussurrando.

— Nós sabemos — Quincy disse enquanto ainda sorria.

Sorri de volta para ele.

— Finnie, você acha que podemos salvá-la, em vez de demorarmos conversando no quarto de um rei ferido com seu amante assassinado ainda sangrando no tapete? — Balthazar perguntou.

— Essa é, provavelmente, uma boa ideia — respondi, pensei rapidamente e lhes disse: — Mas antes de fazermos essa, humm... coisa

toda de resgate, precisamos fazer algumas outras coisas.

Eles olharam um para o outro.

E depois olharam para mim.

Meu coração voou para o céu quando Oleg pisou através da porta e resmungou:

— Sim, e conheço uma delas.

— Oleg! — gritei, nunca na minha vida pensando que sentiria alegria completa e total diante da visão do Oleg mas, senti naquele momento. Eu *realmente* senti. Oleg, sendo o Oleg, nem sequer olhou para mim.

Ele passou por mim. Desembainhou a espada das costas, caminhou até Broderick, foi para cima dele e bem na frente dos meus olhos, cortou Broderick ao meio com sua espada, em linha reta através da barriga, puxando para cima.

O corpo do Broderick estremeceu no chão, o que tive que admitir, era triste, enquanto seus gritos de dor eram abafados pela mordança e Oleg puxou a espada, a embainhou e caminhou para mim, parando na minha frente e encarando meus olhos arregalados.

— Regra dos Raiders, minha princesa, nunca deixe um trabalho incompleto — grunhiu, em seguida, grunhiu de novo. — Lunwyn.

— Lunwyn — sussurrei, em seguida, senti uma mão no meu braço e outra mão que estava me puxando para a porta.

— Vamos — Balthazar, que tinha me segurado, falou e saímos.

Mas, na porta, me virei para trás e vi a carnificina, Phobin imóvel e morto pela minha mão, a cabeça do Broderick virada, o rosto pálido e horrível em sua dor, os olhos em mim.

E soube naquele momento que iria lembrar daquela cena, sangue, as feridas expostas, o olhar no rosto do Broderick. Me lembraria até o dia em que morresse.

Mas, pela vida dentro mim, não conseguia encontrar forças para me importar.

Corri para fora com os meus homens e sussurrei:

— Certo, rapazes, em algum lugar perto, há duas mulheres...

Capítulo 31

Dragões

Um mês depois...

— Finnie, Apollo solicita a sua presença.

Desviei os olhos da limpeza da ferida para o Lund e assenti.

— Deixe-me terminar aqui, Lund, e já vou falar com ele.

Lund olhou para o homem no qual eu estava trabalhando e depois, para mim. Seus olhos ficando suaves como todos os olhos dos homens de Frey ficavam, quando se deparavam com a sombra do luto vagando, constante e incansável, nos meus olhos e concordou. Então saiu.

Olhei para o homem sobre a cama estreita.

— Estou machucando você?

Ele balançou a cabeça, em seguida, mentiu por entre os dentes (literalmente, porque os estava apertando).

— Não, minha Princesa do Inverno.

Sorri para ele. Sabia que era um sorriso triste em vez de tranquilizador, mas tinha que tentar sorrir e não tinha nenhum outro sorriso que não fosse esse. Ele não retribui meu sorriso, principalmente porque estava cerrando os dentes e decidi terminar rapidamente para que ele pudesse relaxar. Inclinei a cabeça e retomei o trabalho na coxa, limpei-a com uma bebida forte, reprimindo o impulso de soprar sobre a queimadura quando o ouvi prender a respiração, então a limpei com algodão limpo, espalhei uma pomada de cicatrização sobre ela e a cobri.

Uma vez que terminei, enrolei os dedos em torno do seu tornozelo, dei um apertão e encontrei seu olhar.

— Está começando a curar, Joshua — disse suavemente. — Não devo ter que fazer isso de novo por algum tempo. — Diante disso, ele assentiu e finalmente vi alívio no seu rosto.

Dei um sorrisinho para ele, levantei da borda da sua cama e olhei para Lavinia e Valentine, que estavam vendo outros feridos. Encontrei seus olhos, indiquei a abertura da tenda, esperei por seus acenos e saí.

Para te atualizar — Lunwyn estava em guerra e se isso não fosse ruim o suficiente, uma facção estava em guerra consigo mesma.

Com a queda do Broderick, os conspiradores, que, de fato, incluíam chefes de Casas de ambas as nações, estavam lutando entre si sobre quem assumiria o trono das terras unidas, ao mesmo tempo lutando contra os meus homens que tinham a intenção de recuperar o controle do trono, a fim de mantê-lo e à Lunwyn seguros até o meu filho e de Frey poder assumir seu governo.

Minhas ilustres Casas incluíam Ravenscroft, Lazarus, Sinclair, Drakkar e Ulfr. A outra facção, as Casas de Njord, Roar, Andreas e Viggo. Estes eram de Lunwyn e não incluíam a população de Middleland, todos os chefes que tinha conhecido no Gales (todos eles tinham fingido respeito e simpatia, enquanto estavam tramando minha morte e/ou a do meu marido) e todos eles sentiam que suas cabeças deviam agora assumir o “trono da unida Lunwyn”.

A boa notícia era, com Baldur ainda em Korwahk com uma boa dose de soldados do país, as Casas de Middleland estavam fracas e as Casas de Lunwyn não eram as mais poderosas da terra do norte

A outra boa notícia era, a luta interna estava causando desordem e as escaramuças contra os meus homens estavam diminuindo, à medida que combatiam uns contra os outros.

Uma notícia melhor ainda, quando fomos resgatadas e tiradas do castelo altamente fortificado da Casa de Roar, que Broderick havia escolhido como seu reduto em Lunwyn, Lavinia e Valentine tinham recuperado a sua magia e a estavam usando para a cura, bem como nossa proteção, a camuflagem das nossas tropas e recolhimento de (ou “sentindo”) informações sobre o nosso inimigo.

E a última boa notícia era que Oleg, Lund, Ruben, Max e Skylar tinham saído ilesos do ataque à cabana de Frey. Stephan foi ferido superficialmente e já tinha se recuperado o suficiente para se juntar ao resto de nós. E Bess e Jocelyn também não tinham sido feridas.

A má notícia era que Orion, Gunner, Annar e Thad todos tinham sido alvejados, assim como Esther e Alyssa.

Avaliando a notícia, Orion, Gunner, Annar e Esther também tiveram ferimentos relativamente superficiais e foi relatado que acabariam se recuperando, apesar de que seria necessário mais tempo do que Stephan, então estava considerando esta uma *ótima* notícia.

A má notícia, definitivamente, foi que Alyssa tinha sofrido ferimentos graves e, fui informada, Thad tinha se movido para proteger Jocelyn (e conseguiu) e também sofreu ferimentos múltiplos dos quais não um, mas dois, eram críticos. Quando Stephan chegou, explicou que Bess e Jocelyn ficaram para trás para ajudar os médicos, curandeiros e feiticeiros em Kellshorn que estavam cuidando deles, bem como cuidando do Skylar, mas não parecia nada bom o estado do Thad e da Alyssa.

Além disso, Ruben me informou, que sem o meu conhecimento, mas, mais uma indicação de que meu marido faria tudo o que podia pela minha segurança, Frey havia contratado uma mulher chamada Agnes, a bruxa que conheci na primeira noite que cheguei, e atribuiu a ela a tarefa de me proteger com a sua magia.

Isto falhou e o ataque à cabana de Frey pôde acontecer porque os homens do Broderick a encontraram e a mataram, assim a sua magia de proteção morreu com ela. Portanto, a mulher com o manto de cor cereja que conseguia saltar do segundo andar de um edifício e tinha um rosto enrugado de uma forma que sabia que riu muito com a vida, também não estava mais neste mundo.

Embora minha mente muitas vezes retornasse para o que ocorreu na propriedade do príncipe e para o sangue em minhas mãos, meu coração revirava com as memórias, enquanto minha boca se enchia de

saliva quando essas lembranças me recordavam que eu era uma mulher capaz dessas ações. Receber todas estas notícias tornou este fenômeno muito menos angustiante.

A outra má notícia era que Aurora permanecia prisioneira na fortaleza de Njord e a bruxa que controlava as relíquias sagradas e implementos mágicos não tinha sido encontrada pelos soldados ou através da Lavinia tentando senti-la. Embora agora já não estivéssemos mais sob o domínio do Broderick e ela já não tinha mais Lavinia e Valentine sob controle, estar solta por aí não era uma coisa boa ao meu ver. Por outro lado, espiões nos informaram, que também corriam para encontrá-la, para que pudessem tentar controlá-la.

E, por último, a notícia curinga era que Kell tinha desaparecido. Ninguém sabia onde estava, nenhuma palavra, nenhum aviso. Tinha ido para Sudvic para preparar a frota de Frey para sair, mas não tinha sido visto ou ouvido desde que a rebelião começou. Quincy e Balthazar tinham, ambos, cavalgado para Sudvic e vários outros lugares em busca dele. Balthazar havia retornado há dois dias com zero informação e Quincy apenas naquela manhã, com o mesmo.

Valentine, com sua magia de volta e sob o seu controle, podia ter voltado para casa, mas surpreendentemente não o fez. Também não compartilhou porque não o fez e, embora trabalhasse comigo e com a Lavinia, com os médicos e curandeiros que viam nossos feridos, ela fazia isso com sua habitual calma, a postura serena que beirava a indiferença, e sabia que sentia remorso por se intrometer entre o Frey e eu.

Precisava discutir isso com ela e acalmá-la. Só não havia tido tempo e nas ocasiões não tão frequentes que tinha, ela não estava exatamente acessível.

Ela não devia ter feito o que fez, isso era verdade, mas fui eu quem disse as coisas que disse, então a responsabilidade era minha. Foram minhas as últimas palavras que o Frey ouviu e foram acusações gritadas e

a última coisa que ele ouviu sair da minha boca foi eu dizendo que ele não me amava.

Isso veio de mim.

Tudo isso fui eu que fiz.

Estes eram os meus pensamentos enquanto caminhava pelo acampamento ocupado por tendas erguidas na neve derretida e homens passavam por mim, abaixando seus queixos ou me dando uma reverência leve, os cavalos montados passavam e levantei o queixo para os outros em pé diante das fogueiras ou na saída das tendas.

Fiz o meu caminho para a tenda do Apollo e entrei.

Lá dentro vi todos os chefes das minhas casas e observei que incluía o Eirik, o pai de Frey, que estava ladeado pelos dois filhos sobreviventes, Calder e Garik, homens que conheci, homens que pareciam muito com o Frey (embora não tão bonitos), portanto, colocar os olhos sobre eles até por um momento feria minha alma e, portanto, evitava os dois homens.

Devido a esse fato, não os conhecia muito bem, mas o que sabia era que não eram repugnantes como o seu pai, malvados como sua mãe ou maliciosos como sua prima. Mas, mesmo assim, uma vez que eram Drakkars, fiquei desconfiada.

Minha atenção foi diretamente para o Apollo e meus pés me levaram até ele também, pois apontou com a cabeça para uma cadeira, indicando que devia me sentar.

Nessa tenda, o único em que eu confiava completamente era o Apollo. Isto porque sabia que Frey confiava nele, porque Frey tinha me falado sobre ele, me disse que gostava do seu primo, o respeitava e descobri que o sentimento por Apollo era retribuído. Além disso, sabia que, se nascesse uma filha, o resto deles iria facilmente pular nas gargantas uns dos outros para controlar Lunwyn, assim como nosso inimigo, mas entendi por experiência própria, em vez do Apollo me dizer,

que se Frey e eu tivéssemos um menino *ou* uma menina, Apollo ia sempre me apoiar.

E também confiava no Apollo porque olhava para mim com um olhar que sabia era espelhado pelos meus olhos.

Frey havia me dito que ele tinha perdido sua esposa, mas, no minuto em que conheci Apollo, li em seus olhos que a amava. Ele não havia se recuperado e soube que, vendo o olhar nos seus olhos, ele nunca o faria.

Nunca.

Acenei para ele enquanto me movia pela tenda, me sentei na cadeira e olhei em volta.

Calder, irmão de Frey, falou primeiro.

— Minha Princesa do Inverno, Apollo nos disse que você ainda está interessada em nos envolver em um esforço para resgatar a Rainha Aurora.

— Estou — respondi, e não era a única. Norfolk Ravenscroft e Olwen Lazarus, primo da minha mãe e irmão, respectivamente, sabia que sentiam o mesmo.

— Não seria uma melhor utilização dos nossos recursos concentrar nossa energia em esmagar a rebelião? — Eirik Drakkar perguntou, como sabia que ele faria. Tinha descoberto que o pai de Frey não se importava em enviar seus homens para a batalha, embora ele próprio não chegasse nem perto dela.

— Não sou nenhum general — respondi, contendo meu tom para soar respeitosa. — Simplesmente expressei meus desejos ao Apollo. Deixo os assuntos de guerra para vocês.

Neste ponto, Walter Sinclair colocou:

— Nossos batedores não encontraram a bruxa e vou repetir, sinto que devemos priorizar esta missão. Se ela tem o poder de conter a nossa Lavinia, e Lavinia me disse que a magia da sua companheira estrangeira

rivaliza com a dela própria, seria negligente não aproveitar esta bruxa e reivindicar seus instrumentos para o nosso próprio proveito.

— Você poderia enviar Balthazar e Quincy — sugeri. — Ambos retornaram e meu marido... — hesitei, porque, de repente, e contra a minha vontade, minha garganta travou deixando a minha voz rouca, em seguida, me forcei a me recompor, me recuperei e finalizei rapidamente — me disse que são muito qualificados.

— Eles são — Apollo adicionou, a voz suave. — Frey me disse a mesma coisa.

— Então, envie-os imediatamente — Eirik ordenou pomposamente.

— Você esquece, pai, que ainda estamos em batalha — Garik afirmou. — Precisamos de cada lâmina que podemos obter e os homens de Frey não são apenas hábeis em encontrar coisas, são igualmente hábeis com o aço.

— Sim, isso é verdade, Garik — Olwen Lazarus concordou. — Mas, se nós tivéssemos esses instrumentos e duas bruxas extremamente poderosas, pode ser que elas pudessem ser usadas para esmagar a rebelião sem mais nenhum sangue derramado em ambos os lados.

— Sem mais sangue, sim, sem mais perda de vidas, não — Apollo declarou calmamente, todo mundo olhou para ele e me preparei.

Apollo, da Casa de Ulfr era extremamente gentil comigo de uma forma que feria, uma vez que me fazia lembrar de Frey. Também era muito bonito de uma maneira que também me fazia lembrar de Frey, com seu cabelo escuro e espesso, o corpo grande e musculoso e a presença dominante (embora seus olhos tivessem um tom impressionante de verde jade puro).

No entanto, ao participar destes encontros, que exigiam que Apollo e eu fôssemos incluídos, tinha descoberto que ele podia ser gentil comigo, mas não era um homem gentil.

De modo algum.

— Apollo —Norfolk Ravenscroft disse em tom baixo e Apollo nivelou os olhos com o homem mais velho.

— Eles têm que ser enforcados, todos eles — declarou.

— Eles *são* os chefes das Casas — Eirik colocou. — Suas ações foram para unir Lunwyn e devemos...

Apollo se virou de repente, os olhos flamejantes sobre o pai de Frey e sua voz profunda era lacônica quando o interrompeu.

— Eles conspiraram para assassinar a filha da sua Casa, a sequestraram e aprisionaram. Mataram o rei. Mantêm em seu cativeiro a rainha. E senhor, talvez deva lembrá-lo, *assassinaram o seu filho*.

Tentei lutar contra isso, mas, diante das suas palavras, não consegui me impedir de abaixar o queixo e olhar para o tapete áspero que cobria a neve sob a tenda.

Apollo continuou:

— Ele era o nosso Frey. Era o nosso Drakkar. As adelas estão carbonizadas. Os elfos nunca vão voltar. Os dragões não podem nos ajudar com a nossa situação e não vão acordar, a menos que Finnie dê a luz ao Drakkar a partir da semente de Frey, e até mesmo se ela fizer, vai levar anos. E espero que não tenho que lembrá-lo das vidas já perdidas. Os chefes dessas casas são responsáveis por isso, *tudo* isso, e eles... vão... *pagar*.

Olwen Lazarus e Norfolk Ravenscroft imediatamente concordaram. Demorou a Walter Sinclair três segundos para concordar (eu contei). Mas Eirik Drakkar, de quem, a cada encontro eu não gostava mais e que tinha perdido mais do que ninguém naquela tenda além de mim, olhou para Apollo por longos momentos antes de finalmente erguer o queixo.

Mas o que mais me surpreendeu foi quando Calder Drakkar murmurou:

— Eu reivindico ser o carrasco.

Então fiquei novamente surpresa quando Garik devolveu com seu próprio murmúrio:

— Não, irmão, eu chuto a alavanca.

— Haverá o suficiente para vocês compartilharem — Apollo declarou, em seguida, ordenou a eles: — Vão buscar Balthazar e Quincy. Envie-os para encontrar a bruxa, explorar a situação e lhes dê liberdade para avançar com a captura se sentirem que é seguro, ou voltarem se precisarmos enviar reforços. — Virou os olhos para Ravenscroft. — O número de Raiders de Frey está reduzido e aqueles que permanecerem aqui se encarregarão da proteção da princesa, mas você tem Raiders qualificados entre as suas tropas. Escolha os mais furtivos para ir adiante e buscar a nossa rainha. Ela, assim como a nossa princesa, está de luto e é nosso dever cuidar para que ela lamente entre aqueles que podem lhe oferecer conforto, não sozinha e em um cativeiro de um acampamento inimigo.

— Muito bem, muito bem — Olwen Lazarus murmurou, meus olhos foram até ele, sorri e ao recebê-lo, meu (meio que) tio retribui meu sorriso.

Apollo deslizou os olhos através do grupo e afirmou calmamente:

— Não vamos nos atrasar. — O que eu estava descobrindo que era sua maneira de sugerir que as pessoas fizessem o que dizia quando dizia, e lhes dizer que não estava satisfeito quando não estava.

Outra coisa que me fazia lembrar de Frey.

Portanto, os homens na tenda não hesitaram mais, apenas saíram, Garik e Calder fazendo-o após acenar para mim. Sorri para eles, satisfeita com sua demonstração de lealdade para o seu irmão e Lunwyn, porém, triste por nunca poderem ter demonstrado isso. Eirik, como de costume, não olhou para mim, o que não me incomodava, não gostava dos seus olhos sobre mim, de qualquer maneira. Ravenscroft, Sinclair e Lazarus pararam para murmurar palavras educadas para mim antes de pedir licença.

Assisti as abas da entrada da tenda balançarem ao se fecharem atrás do Olwen, então fiquei de pé, olhei para os incríveis (o que tinha que ser dito, porque realmente eram) olhos verdes do Apollo e sussurrei:

— Tenho que voltar para os feridos.

Cruzou os braços sobre o peito e me estudou. Em seguida, disse suavemente:

— Finnie, nós não temos uma batalha há dias. Os ferimentos estão cicatrizando e nenhum deles requer sua atenção constante.

— Eles sangraram pelo meu filho — o lembrei.

— Eles sangraram por Lunwyn — me corrigiu.

Apertei os lábios e balancei a cabeça, porque ele estava certo.

Ele continuou a me estudar. Então, inspirou ruidosamente pelo nariz, fechou os olhos e virou a cabeça para o lado, e quando fez isso, o observei pois isso era incomum no Apollo. Ele raramente demonstrava emoção e a única emoção que já tinha visto ele mostrar, era gentileza comigo.

E, às vezes, raiva.

Mas, agora, ele parecia estar em conflito.

Então, abriu os olhos e olhou para mim.

— É cedo — falou suavemente — para você, demasiadamente cedo para esse tipo de conversa. Para Lunwyn, no entanto, não é e, portanto, deve ser dito. Mas tenho preocupações, preocupações que discuti com Lazarus e Ravenscroft, preocupações que também partilham.

Senti minhas sobrancelhas se erguerem, junto com um arrepio que percorreu minha espinha.

— Que preocupações?

Como era o seu jeito quando estava comigo, continuou falando suavemente.

— Você está vulnerável, Finnie, assim como o seu filho.

Eu sabia disso. Menino, disso eu sabia. Portanto, assenti. E, o lembrei.

— Tenho os homens de Frey. Eles vão me apoiar.

E sabia que iriam pois, Ruben me disse que o fariam, na verdade, prometeu isso.

— De fato — concordou. — E esta é uma alternativa para você considerar.

Pisquei.

Uma alternativa?

— Eu tenho outra escolha? — Perguntei, parecendo confusa.

— Eu acho, Ravenscroft e Lazarus concordam, que uma vez que isso estiver terminado, os traidores forem punidos e Lunwyn estiver novamente em paz, você deve se casar comigo.

Pisquei, ao mesmo tempo que respirava fortemente, mas Apollo não parou de falar.

— Me comprometo a manter você e sua criança seguras. Prometo ficar ao seu lado e ajudá-la enquanto você cria o rei. E ele vai ter um irmão e uma irmã que, não tenho nenhuma dúvida, vão se importar muito com ele.

Não disse nada, apenas olhei para ele.

Apollo se aproximou, abaixou a cabeça e encarou meu olhar, mas não me tocou.

Ele sussurrou:

— Nós compartilhamos uma coisa, você e eu, algo que ninguém além de nós entende. Eu não lhe ofereço juras de amor e acho que você entende porque nunca vou oferecer. Estou ciente de que não receberei o mesmo de você. Mas a nossa união proporcionaria estabilidade para o nosso país, uma mãe para os meus filhos, um pai para o seu filho e companhia para nós dois. Se o seu coração se curar, de tal forma que você perceba que eu lhe agrado, então talvez possamos criar nossa própria família. Se não, vou entender e vou levar minhas atenções a outro lugar.

Com os olhos arregalados e em choque, abri minha boca para falar, mas ele balançou a cabeça e levantou uma mão.

— Isto não é para agora. Isto é para você considerar. Isto é para muito mais tarde. É simplesmente uma opção, Finnie, nada mais. Não

haverá nenhuma animosidade se recusar e deixe esta tenda sabendo, não importa o que você decidir, vou te apoiar e sempre apoiarei.

Apertei os lábios com força novamente, desta vez por um motivo diferente.

Então os relaxei e forcei a saída de um sincero:

— Obrigada.

Apollo acenou com a cabeça, recuou ligeiramente, se afastando e sabia pelo olhar no seu rosto, que sua mente estava em outras coisas e havia terminado comigo.

Mas eu não tinha terminado com ele.

— Apollo — chamei, seus olhos se focaram em mim e, em seguida, hesitante, perguntei: — Será que... quero dizer, tenho a sensação que você, humm... — parei, suas sobrancelhas se levantaram e terminei em um sussurro. — Isso não melhora, não é?

Seu olhar ficou suave e suas pálpebras se fecharam ligeiramente, mas ainda vi o brilho de dor nos seus olhos, a mesma dor que sentia na minha alma. Em seguida, sussurrou a resposta:

— Não, doce Finnie, isso não acontece.

Assenti. Eu sabia disso. Eu sabia.

Só doeu ter essa confirmação.

Então o vi, de repente, ficar tenso, mover o tronco para que pudesse olhar pelas abas da tenda e ordenar:

— Fique aqui.

Quando se virou para atravessá-las, ouvi uma comoção inquieta que parecia vir de todos os lados antes que ele afastasse as abas para abri-las e Lavinia entrou, apressada, seguida pela Valentine.

Os olhos delas foram para o Apollo primeiro (ele era um cara grande e estava no caminho, então tinham que fazê-lo) e olharam para mim.

— Estamos presas — Valentine sussurrou, soando chateada e preocupada ao mesmo tempo, mas demonstrando estar apenas chateada.

Meu corpo ficou tenso.

— O quê? — Apollo interrompeu.

— Estamos presas — Lavinia repetiu, os olhos se movendo para o Apollo. — A bruxa está perto, ela nos conteve. Alguma coisa está...

Não havia terminado quando gritos foram ouvidos, pés correndo, cavalos a galope e Apollo virou para mim.

— Você e as bruxas, permaneçam aqui. Vou chamar os homens de Frey para guardá-las — ele ordenou. Em seguida, caminhou rapidamente para a mesa, enfiou sua espada na bainha e caminhou ainda mais rapidamente para fora da tenda.

Sem falar ou nos movermos, todas nós olhamos para as abas da barraca depois que ele saiu. O som de gritos, pés correndo e cavalos galopando aumentou significativamente alguns momentos depois da sua saída e isso me deu uma sensação muito ruim.

— Nós estamos sob ataque — sussurrei.

— Você acha? — Valentine murmurou sarcasticamente.

Olhei para ela; ela encarou meu olhar e ergueu as sobrancelhas.

Afastei os olhos.

Porra, merda, merda, merda, merda, merda, merda, *merda*.

Olhei ao redor da tenda do Apollo e vi seus baús de guerra, as aljavas abarrotadas com flechas e o arco encostado na parede da tenda e corri para eles.

— Finnie, o que está fazendo? — Perguntou Lavinia.

— Me armando — respondi, caindo de joelhos e abrindo um baú para remexer dentro dele.

— Os homens do Drakkar vão... — Lavinia começou.

Mas a interrompi, encontrando o que precisava e puxando-o para fora, me levantei enquanto falava.

— Os homens de Frey vão colocar suas vidas na reta para nos manter seguras. Isso não significa que não podemos ajudar.

— Seoafin, não acho que... — Valentine começou, mas me virei para elas e a interrompi também enquanto afivelava o cinto carregado de facas.

— Venham depressa para esses baús e encontrem adagas com um tamanho e peso que as deixem confortáveis. Não se preocupem com um cinto, basta levar a adaga — terminei dizendo isso para as duas bruxas de olhos arregalados, quando os ruídos do lado de fora ficaram mais altos, uma vibração cada vez mais alarmante penetrou a tenda e estendi a mão para a aljava para colocá-la, ordenando: — Agora, senhoras.

Lavinia balançou a cabeça para sair do seu estupor e correu para o baú. Valentine olhou para mim repensando claramente seu remorso e em correr para sua própria casa antes da sua magia ficar presa novamente, desta vez durante o que estava parecendo, mais e mais, uma zona de batalha.

— Valentine — disse em advertência, assim que terminei com a alça da aljava e pegava o arco.

— *Merde* — resmungou e pisou para a frente.

Elas pegaram suas adagas e ficamos perto das abas da entrada da barraca esperando, esperando e esperando, em seguida, pirando sobre esperar um pouco mais até um dos homens de Frey chegarem.

Mas o barulho aumentou fora da tenda, grunhidos e choques de aço, flechas zunindo, gritos masculinos de surpresa ou de dor, galope de cascos.

Nada disso era bom.

Tudo isso era muito assustador.

Então, todas nós saltamos quando uma espada rasgou o lado da tenda e o cortou completamente. Me virei para a espada, erguendo o braço para puxar uma flecha da minha aljava, prendendo-a no arco e

puxando-a para trás em sequência, mas a espada desapareceu e ouvimos o estalar do aço contra aço.

Uma brecha.

Liberei a tensão no arco, mas nenhuma tensão deixou meu corpo e me virei para encarar as abas da barraca com a flecha pronta e foi então que percebi que a minha respiração não era constante.

Nem mesmo chegava perto disso.

— Minha princesa — Lavinia sussurrou: — Os homens do Drakkar são leais ao seu Drakkar e a você. Se eles pudessem ter vindo até nós...

— Eles virão — murmurei, olhando para as abas da entrada da barraca, me recusando a acreditar no que teria que acreditar se não o fizessem e porque não poderiam, e a única coisa que poderia impedi-los era algo no que preferia *não* pensar.

Não, me recusei a acreditar nisso, mesmo que a vibração acertando os lados da tenda se tornasse mais desesperada, os ruídos de guerra chegando tão rápido, um em cima do outro, que era impossível distingui-los e duas flechas atravessaram as paredes da tenda no lado oposto a nós, caindo no tapete e na neve, mas, se estivéssemos perto, teriam atravessado uma de nós.

Merda!

— Estamos vulneráveis, Seoafin — Valentine disse, irritada, e meus olhos voaram para ela.

Merda. Ela estava certa.

Então, tomei minha decisão.

— Certo, lutaremos para escapar, se for preciso — anunciei.

Valentine assentiu com a cabeça instantaneamente.

Olhei para Lavinia, que assentiu, embora não o fizesse de imediato e, em seguida, falei:

— Tive algum treinamento, não muito, mas o bastante para vocês ficarem comigo, as mãos em mim em todos os momentos, para que eu saiba que tenho vocês. Se virem uma ameaça, me digam, mostrem e vou

fazer o que posso. Se tiverem uma chance de furar alguém que parece nos desejar mal, vão em frente. Nós não estamos na ofensiva, senhoras. Eu carrego o futuro rei desta terra e todas nós devemos fazer o que pudermos para mantê-lo seguro. O nosso objetivo é simplesmente sair e fugir. Me entenderam? — Mais acenos, levantei a cabeça, olhei para as abas da entrada da barraca e sussurrei: — Certo, garotas, vamos embora.

Nos movemos e no minuto em que saímos da tenda vimos caos, sangue, homens feridos, mortos, cavalos mortos, flechas atravessadas na terra e nos corpos. As batalhas com espadas aumentaram para um ruído ensurdecer, os zumbidos das flechas zunindo, um em cima do outro.

Era medonho, extremo, mas senti as mãos da Valentine e da Lavinia em mim, pensei no pequeno ser na minha barriga, bloqueei tudo e nos movemos rapidamente. Liderando minhas bruxas, que contornavam homens degladiando, nos abaixando em torno de tendas quando os cavalos galopavam, abrimos caminho por cima de obstáculos, mas de forma constante, e tão rapidamente quanto podíamos nos mantivemos em movimento.

Por duas vezes tive que levantar o arco, mirar e lançar uma flecha quando chamamos a atenção de um soldado e soube que queria me fazer mal.

Por duas vezes atingi o alvo.

Mais sangue nas minhas mãos.

Ainda não me importava. A única coisa que pensava era que estava muito satisfeita por ter praticado bastante.

Me mantive em movimento, rapidamente, sempre vigilante, olhando para a esquerda e a direita, para cima e para baixo, por cima do meu ombro, em torno das barracas, minhas bruxas sempre comigo.

Saímos da área das tendas e fomos para a floresta, mas estava acontecendo uma batalha lá, também.

Deus, havia tantos deles. Homens por toda a volta, bestas, mortos, feridos, estavam por todos os lugares. O sangue manchando a neve que

derretia, no que parecia ser um rio vermelho e cor de rosa.

Mas o nosso caminho estava mais livre, só tinha que olhar ao redor das árvores e não para tendas, e nos movemos mais rapidamente, ganhando terreno. Estava esperançosa, até que senti a perda de um aperto no meu vestido. Ouvi a Valentine gritar e girei, puxei a flecha e olhei nos olhos de um homem. Ele estava segurando a Lavinia com um punhal na sua garganta enquanto as mãos dela estavam enroladas em torno do seu antebraço, as costas arqueadas, a cabeça pressionando com força o ombro dele para ficar longe da lâmina, os olhos cheios de terror.

Mirei minha flecha no seu rosto.

— Solte a faca.

A batalha se desenrolava à nossa volta, Valentine pressionando as costas dela nas minhas, nos protegendo.

— Largue o arco, Princesa do Inverno, ou ela morre, vou matá-la — respondeu, pressionando a lâmina mais profundamente e Lavinia choramingou.

Puxei o arco com mais força.

— Solte a faca — repeti.

— Sua vida pela dela ou eu tomo tudo — respondeu. Fechei um olho e mirei a seta no meu alvo.

— Solte a faca — sussurrei.

— Ouça, princesa, ouça tudo à sua volta. Os seus homens estão perdendo. Morrer agora, ou morrer na força. Não guardamos nenhuma afeição por você, como o príncipe também não tinha. Você vai cair através da força — sussurrou a resposta. — Você escolhe.

Ele estava errado.

Tinha outra escolha.

E me decidi.

Soltei os dedos e acertei bem no alvo, ele caiu para trás, morto instantaneamente, com minha flecha atravessando sua cavidade ocular e

perfurando seu cérebro, os braços afrouxando e Lavinia caiu para a frente, sobre as mãos e os joelhos.

— Vamos — ordenei.

De repente, a cabeça da Lavinia se ergueu abruptamente, então se virou como se estivesse ouvindo alguma coisa e Valentine sussurrou nas minhas costas:

— Oh, minha deusa!

Abri a boca para lhes dizer para começarem a se mexer, quando aconteceu.

Ouvi.

Bater de asas.

Um bater de asas alto, que acompanhou uma enorme sombra que estava passando rapidamente sobre nós, tão grande que ofuscou o sol.

Lavinia se levantou, de modo que estava de joelhos, inclinou a cabeça para trás para olhar para o céu, seus lábios se separaram em choque, quando senti Valentine enrijecer atrás de mim e os ruídos da batalha desapareceram quando os homens pararam para olhar.

Olhei para cima e foi quando os vi.

Dragões.

Um arrepio delicado e delicioso deslizou sobre cada centímetro da minha pele, enquanto observava as bestas enormes voando pelo ar, asa batendo contra asa, centenas delas, grandes como casas, as caudas pontudas serpenteando as ferozes cabeças com chifres inclinadas para baixo, os olhos pequenos varrendo a paisagem.

Então começou.

Eles expeliram fogo.

Córregos de fogo que jorravam das suas bocas, gritos de choque silenciados em nano segundos quando as chamas atingiam seus objetivos, um após o outro, após o outro.

Era aterrorizante. E...

Era inspirador.

— *Corra!* — Lavinia gritou, ficando de pé.

Agarrando minha mão e a de Valentine, nos puxou e correu quando os dragões voaram, chovendo fogo, incinerando os homens, não deixando nada além de cinzas e aço derretido em seu rastro, árvores queimadas instantaneamente, a neve derretendo direto na terra, e através dela, deixando uma cratera carbonizada.

Todas nós paramos inesperadamente quando um homem queimava, uns três metros à nossa frente, recuamos vários passos, nos movemos simultaneamente e corremos através dos poços aleatórios de chamas, nos esquivando delas, certas de que seríamos pegas, quando o fogo se espalhou em torno de todos nós.

Então chegamos a uma clareira, nos detivemos diante da visão à nossa frente e, instintivamente, nos amontoamos, todas nós olhando para uma fileira de dragões em pé, asas se curvando, os pescoços longos se arqueando e se contorcendo, as caudas estalando e se debatendo, garras marcando a neve e, em seguida, como um só, se viraram para correr, mas pararam estáticos em nosso caminho quando a próxima coisa aconteceu.

O que parecia ser um grande e brilhante meteoro branco, acertou a terra a uma certa distância, explodindo em uma combustão de luz branca a partir da qual um anel de gelo azul enevoado disparou, se movendo tão rápido, que se eu tivesse piscado, teria perdido.

E deixou em seu rastro dois tipos de homens. Aqueles congelados completamente, na posição que o anel azul de gelo os capturou e aqueles que ainda tinham a capacidade de se mover e o fizeram, correndo por suas vidas.

— Temos que ir. Nós *temos* que ir — Lavinia gritou, puxando a minha mão e senti Valentine pegar a outra e me arrastar.

Mas não conseguia me mover.

— Não consigo me mover — falei entre os lábios paralisados.

— Puxe-a! — Valentine gritou, parecendo estar em pânico e quando isso não funcionou, gritou: — *Arraste-a!*

Puxaram, puxaram, empurraram e puxaram, mas meu corpo estava enraizado à neve. Estava presa no ringue de gelo e podia dizer, pelos sons terríveis e inquietos dos dragões atrás de mim, que estavam prestes a explodir.

— Vão! — gritei por entre os lábios congelados.

— Minha princesa...

— Vão, vão, *vão!* — gritei, mas saiu fraco, pois não conseguia gritar mais forte.

— Seoafin... — Valentine sussurrou com urgência, seu corpo próximo, a boca no meu ouvido, sua mão ainda puxando a minha.

— Leve-a, Valentine. Você sabe que os animais estão se preparando e sabe cuidar do seu próprio pescoço. Pegue a Lavinia, deixe-a em segurança e no minuto que puder, volte para casa — implorei.

— Minha deusa do...

— Leve-a! — gritei, as palavras saindo de maneira estranha através dos lábios paralisados, mas o tom era entendido com facilidade.

— Deusa! — Valentine exclamou então, sussurrou: — Você deve saber, agora, que sinto muito, minha deusa do amor, desculpe por tudo.

— Vão!

Ela hesitou, então senti minhas duas mãos serem apertadas pelas delas e, em seguida, foram embora.

Estava sozinha.

Tinha pensado que quando os dragões chegassem...

Esperava...

Mas estava errada.

Eu estava sozinha.

Paralisada, mas meu sangue estava agitado pela adrenalina.

Era isso.

A minha última aventura.

E estava terminando-a sozinha.

Pelo menos meus pais tinham um ao outro.

Mas estava sozinha e aterrorizada.

Não conseguia nem fechar os olhos.

Merda.

— Estou indo até você, baby — sussurrei para o Frey, mas saiu naturalmente, meus lábios se moveram com minhas palavras e pisquei.

Eu pisquei. Na verdade, pisquei, minhas pálpebras se moveram e tudo o mais.

Puta merda!

— Não, meu amor, eu vim até você — ouvi uma voz linda, doce, dolorosamente familiar chegar até mim e, no controle do meu corpo, me virei e olhei, de boca aberta, os olhos arregalados, a barriga apertada, o coração na garganta, pois o meu marido estava a um metro de distância.

Então, ergueu um braço e os dragões foram soltos, os corpos maciços se curvando, os pescoços estendidos, as bocas abertas e as chamas irromperam, disparando para a frente e fiquei olhando enquanto éramos cercados por um inferno sobre as nossas cabeças, ao nosso lado, meu vestido esvoaçava com sua força, o calor me envolvendo, a neve ensanguentada correndo como um rio sobre as minhas botas, mas o corpo de Frey, para minha surpresa, era impermeável e agiu como um escudo contra as chamas.

Ele abaixou o braço e as chamas pararam imediatamente.

Sabia que tudo atrás de mim tinha sido reduzido a cinzas. Mas, na minha frente, estava o Frey apoiado por uma fileira de ferozes, colossais e assustadoramente belos dragões.

Não podia ser real.

— Você é um sonho? — sussurrei e seus lábios se curvaram.

— Não — respondeu.

— Um fantasma? — ainda estava sussurrando.

— Não, minha pequena.

Minha pequena.

Minha pequena.

Meu coração se contraiu.

— Você está vivo — murmurei.

— Sim — afirmou o óbvio pois, lá estava ele, alto, grande, forte, poderoso, bonito e o melhor de tudo... *respirando*.

— Você está vivo — repeti com um sussurro, meu nariz ardendo e meus olhos piscando, molhados, porque não queria que ficasse tudo nebuloso, eu os queria límpidos.

Queria vê-lo nitidamente.

— Sim — repetiu.

— Vivo — sussurrei.

Sua cabeça se inclinou para o lado, as sobrancelhas grossas se ergueram e ele perguntou:

— Você ainda está congelada pela magia élfica, minha Finnie, e é por isso que não vem até mim?

Olhei para ele.

Saltei sobre os meus pés, pulei nos seus braços e eles se fecharam em torno de mim, fortes, seguros, firmes e, definitivamente, *definitivamente* reais.

Segurei firme nos ombros dele, aninhei meu rosto no seu pescoço e comecei a chorar.

— E-eles... eles... — gaguejei contra o seu pescoço, meus braços tremendo, tentando puxá-lo para mais perto — eles me disseram que você estava morto.

— Eu não estou — a voz de Frey retumbou e apertou meus braços.

Inclinei a cabeça para trás e olhei para ele antes de gritar:

— *Onde você esteve?*

Ele olhou para mim e uma das suas mãos veio até o meu rosto, o polegar deslizando pela umidade que ainda estava vindo e disse gentilmente:

— Estava ferido gravemente, perto da morte. Convenci meus homens a me deixarem fazer minha passagem e cuidar dos meus

negócios, algo que tínhamos todos combinado, se algo assim ocorresse, que iríamos fazer. Os elfos sentiram minhas lesões e a extensão delas, felizmente, antes da adela queimar e, como tinha combinado com eles antes, procuraram o Kell e o levaram até mim. Kell estava com o ramo da adela, o usamos e ele e eu fomos para o reino élfico, onde me curaram.

Pisquei, em seguida, o encarei.

Então, perguntei:

— O quê?

Os olhos de Frey ficaram suaves e ligeiramente divertidos diante do meu piscar e explicou:

— As adelas se foram, mas a magia daquele ramo e a razão pela qual é tão importante, é que pode ser usado por mim para passar para o reino élfico e trazer os elfos para o nosso reino, isso, se algo acontecer com as adelas ou precisar deles urgentemente e não puder chegar a uma árvore.

— Uau — sussurrei e ele sorriu. — E eles te curaram? — Perguntei em voz baixa.

— A magia deles é forte, mas as minhas lesões foram graves, por isso demorou algum tempo, mas, sim, minha pequena Finnie, me curaram.

— Eles te curaram? — repeti.

— Sim, meu amor.

— Tipo, como novinho em folha?

Ele sorriu e respondeu gentilmente:

— Claramente não sou tão novo assim, mas estou como da última vez que você me viu.

Fechei os olhos diante da lembrança, minha cabeça recuou sob o poder dela, a mão de Frey que estava no meu rosto se moveu para a minha mandíbula e seu braço me apertou, antes de ouvi-lo declarar, em um murmúrio:

— Ou, alguns momentos antes de me ver pela última vez.

Mantive os olhos fechados e encostei minha testa no peito dele.

— Eu pensei que você estava morto.

— Sinto muito, meu amor, não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Não estava em condições e o Kell, nem os elfos, podiam se mover entre os reinos sem mim. — Frey sussurrou contra o meu cabelo

Balancei a cabeça enquanto meu corpo começava a tremer com novas lágrimas e repeti:

— Pensei que você estava morto.

— Finnie — murmurou enquanto eu o abraçava mais apertado, meu corpo pressionando o dele como se quisesse que ele me absorvesse.

— Eu falei coisas... — comecei, a voz rouca, a garganta obstruída pelas lágrimas.

— Nós não vamos falar sobre isso agora — disse em voz baixa, mas com firmeza. — Fui injusto com você, meu amor, mas vou explicar...

Minha cabeça recuou novamente e sussurrei fervorosamente:

— Você foi, mas fui eu... *eu* que disse coisas imperdoáveis e...

Parei quando seu polegar tocou meus lábios e o pressionou, enquanto seu rosto se aproximava.

— Eu é que tenho que ser perdoado, ou não, e você não disse nada mais do que eu merecia — afirmou, novamente suave, mas firme. — Mas tenho um inimigo para vencer. Apollo e os meus homens estão atrás de você, ficando cada vez mais impacientes a cada segundo, ficando emocionados pelos amantes que se reencontraram, cerca de cinco minutos atrás e agora desejam o meu comando. Vamos discutir isso mais tarde.

Olhei nos seus belos, *lindos* olhos verde oliva, com seus cílios grossos e exuberantes.

Então sussurrei:

— Certo.

Ele sorriu. Meus olhos desceram para sua boca.

Deus, eu amava o sorriso dele. Amava seus olhos. Amava a sensação dos seus braços em volta de mim.

E o amava.

Portanto, soltei:

— Eu te amo, Frey Drakkar.

Ele fechou os olhos, encostou a testa na minha e sussurrou:

— E eu a você, Finnie Drakkar.

Fechei os olhos também e suspirei, meu corpo relaxando contra o do meu marido.

Mas o corpo dele não relaxou contra o meu. Inclinou a cabeça, seus lábios encontraram os meus, os invadiram, foi correspondido e me beijou. Ele demorou, fez isso com maestria e foi o melhor beijo que já tive.

Exceto por um.

O que me deu no nosso casamento.

Esse estaria sempre no topo da lista.

Mesmo que, neste caso, os dragões *muito legais*, estivessem assistindo.

Capítulo 32

As Consequências

Uma semana e meia depois...

Minha mãe e eu estávamos de pé, ambas usando casacos de camurça preta, luvas de couro pretas, nosso cabelo solto caindo pelos ombros, as coroas no lugar, os pés calçados com botas sobre a costa rochosa e vimos o barco com sua vela estampada com diamantes vermelhos e dourados pegar o vento, navegando à deriva no Mar do Inverno.

Estava forrada com seda vermelha e dourada e no meio dela, em uma plataforma, o corpo do meu pai estava envolto em seda vermelho escuro e cercado por velas brilhantes protegidas do vento pelos vidros vermelhos das lamparinas.

Logo atrás de mim, à minha esquerda, Frey estava tão perto que senti seu peito roçar o meu ombro, mesmo através do manto.

Uma grande multidão de Lunwynianos silenciosos estava atrás de nós três. Ao longo da extensa colina que encontrava o mar gelado, suas geleiras à deriva, à distância.

Olhei para o barco e mantive os ombros em linha reta, a cabeça erguida e senti a ardência no meu peito enquanto o barco e sua preciosa carga flutuavam sobre o mar.

Frey ergueu a mão fechada e a abaixou.

Trinta segundos depois, ouvimos o bater de poderosas e enormes asas.

Dez segundos depois, observamos a aproximação de dois dragões, um de cada lado.

Dez segundos mais tarde, inclinaram seus pescoços e, em uníssono, expeliram um rio de fogo que atingiu o barco, incinerando-o em um piscar de olhos enquanto subiam, voando tão perto um do outro, que suas asas quase se tocavam.

Minha mãe estendeu a mão, seus dedos se entrelaçando com os meus e apertaram forte, mas fora isso, ela não se moveu.

Nem eu, exceto para apertar meus dedos nos dela.

Os dragões voaram para longe enquanto minha mãe, meu marido, eu e os súditos do meu pai olhávamos para as ondas tranquilas e as geleiras pacíficas, à deriva no Mar de Inverno.

Muitos momentos depois, ouvi minha mãe sussurrar ao vento, com uma voz cheia de tristeza:

— Adeus, meu amado.

Apertei os lábios, controlei meu corpo e quando a lágrima veio, só havia uma.

E desceu em silêncio.

Ainda assim, meu marido se aproximou para secá-la.



Quatro dias mais tarde...

Nos movemos pela floresta lentamente, a neve sumindo com o degelo, a relva verde e molhada em seu lugar, as árvores florescendo. Paramos diante da pequena pira funerária de mármore de gelo atrás da qual estavam dois dragões sentados, suas caudas pontiagudas balançando preguiçosamente, as asas dobradas e as longas e finas línguas bifurcadas à deriva.

E na pira, envolvida por seda azul gelo brilhante e reluzente, apenas o rosto bonito exposto ao sol brilhante, estava Alyssa.

Frey segurou minha mão e ficou ao meu lado, Aurora se moveu para o meu outro lado, Bess e Esther ficaram próximas a ela. Skylar se enfiou gentilmente entre minha mãe e eu, se apoiou contra minha lateral para que eu deslizesse o braço em volta dos seus ombros. Jocelyn se moveu para o outro lado de Frey e, ao lado dela, a passo lento, a mão que não estava em volta da Jocelyn, pois estava segurando uma bengala, estava Thad. Os homens de Frey, a família e os amigos da Alyssa se moveram dos seus lugares e pararam.

Quando o fizeram, Frey não hesitou em tocar a ponta retorcida do longo e cintilante galho que segurava, na terra. Na sua extremidade, um elfo diminuto surgiu da turfa, tocou o ramo e instantaneamente ficou da minha altura.

Sem demora, ela deu ao Frey sua saudação, em seguida, seus brilhantes olhos azuis gelo passaram por mim e, então, deslizaram sobre a multidão.

Ela caminhou até a pira e passou em torno dela, parando ao do lado dos dragões. Vimos quando ela olhou para Alyssa, sua cabeça se inclinou, sua boca suavizou e, em seguida, levantou as mãos em posição de oração até os lábios apenas por um momento, antes de abri-los para que seus dedos mindinhos fossem pressionados juntos e abaixou ambas as mãos, ligeiramente para frente.

E quando as abaixou, um clarão azul gelo cobriu o corpo de Alyssa e, ao mesmo tempo, um choque de faíscas brancas brilhantes subiu para o céu claro e o corpo dela desapareceu.

Frey levantou o punho e o abaixou. Os dragões endireitaram os pescoços longos, apontando suas bocas para o céu e enviaram uma corrente de fogo.

Me virei e pressionei o rosto no peito do meu marido com meus dedos fechados em sua malha.

Seus braços se moveram em torno de mim e ele me abraçou.



***Dois dias depois no Salão de Jantar Oficial,
Rimée Keep, Snowdon.***

— Você é *louco*? — Eirik Drakkar vociferou para o seu filho de onde estava, no meio da mesa, ladeado por seus dois outros filhos, os que não eram casados comigo.

Antes que Frey pudesse responder, Olwen Lazarus o fez.

— Vejo a sabedoria disto.

O olhar furioso de Eirik saltou para o homem e sussurrou:

— Claro que você veria, ela é sua *irmã*.

— Isto é altamente incomum — Walter Sinclair murmurou.

— Não é *incomum* — Eirik soltou. — É um absurdo!

— Não vejo nada de absurdo nisso — Apollo Ulfr declarou. Estava inclinado de maneira casual para trás em sua cadeira e seus olhos verdes estavam fixos em Eirik Drakkar. — A sugestão de Frey é, claramente, a melhor.

— Claramente? — Eirik balbuciou, depois bateu o punho na mesa.

— Claramente a melhor? — gritou.

— Uma mulher nunca governou Lunwyn!

— Se alguma mulher pode fazê-lo, essa mulher é a Aurora — Norfolk Ravenscroft apontou.

— É claro que você ia dizer isso — Eirik respondeu com veemência. — Ela é sua prima, vocês são próximos. Ela o ouviria.

— Ela o ouviria também, Eirik, se você não fosse um bundão — Apollo pontuou sem problemas e, sentada à direita de Frey, que estava na cabeceira da mesa, minha mãe à sua esquerda, tive que apertar os lábios para reprimir a risada.

Eirik olhou para Apollo, em seguida, declarou bruscamente:

— Posso lembrá-lo que Lunwyn acabou de ser unificada, acabamos de sair de um estado de guerra, metade dos chefes de metade das Casas de Lunwyn, em ambos os lados, foi *incinerada pelo meu filho* — apontou um dedo para Frey — a outra metade está presa aguardando o julgamento por traição e, se vocês todos tiverem algo a dizer sobre isso, o que vocês, infelizmente, têm, eles serão enforcados. Agora *não* é a hora de votar para colocar uma mulher na liderança.

— Dificilmente isso é uma votação, considerando que perguntei a todos aqui, na esperança de receber o seu parecer favorável, mas vou afirmar neste momento que realmente não preciso disso — Frey afirmou. — Até a minha princesa passar pelo nascimento do nosso filho e ele ser maior de idade e aceitar suas responsabilidades para com a sua coroa, Aurora da Casa de Wilde vai governar esta terra e fará isso com o meu apoio, do qual tenho certeza, não preciso lembrá-lo, inclui os dragões e os elfos. Se, entretanto, ela for incapaz de comandar o trono, nós voltaremos a nos reunir.

— Então, meu filho, tenho receio que você vá provocar novas reações como *nós* vimos, enquanto você dormia com os elfos — Eirik ameaçou, com os olhos semicerrados e brilhantes.

Perdi o bom humor e olhei para o homem odioso que não participou de nenhuma ação, mas não tinha problemas em ficar na sua tenda enquanto ordenava que os homens fossem para a batalha, alguns deles acabando por morrer enquanto seu filho, gravemente ferido, era curado pelos elfos.

Imbecil.

— Meu pai, tenho receio, se você ameaçar uma traição, que serei forçado a removê-lo como chefe da Casa de Drakkar e transferir esse privilégio para o meu irmão Calder, seu segundo filho, e lhe desejar tudo de bom na sua aposentadoria — Frey respondeu.

E assim, meu temperamento inflamado se desintegrou e estava apertando os lábios novamente enquanto observava Eirik saltar em fúria em seu assento.

Ele bateu os punhos na mesa e gaguejou, furioso

— Eu... você... você não pode... você não pode fazer isso!

— Receio que posso. Sou o verdadeiro chefe da Casa de Drakkar e, como se sabe, se eu não quiser assumir este papel, então é minha responsabilidade transferi-lo para quem eu achar melhor. Como eu não dava a mínima para quem dirigia a nossa Casa, não assumi essa responsabilidade. Agora eu me importo com isso e vou assumi-la. — Eirik abriu e fechou a boca como um peixe enquanto os olhos de Frey se moveram para Calder. — Você deseja esta responsabilidade, irmão?

— Certamente — Calder murmurou para Frey, em seguida, virou a cabeça para o seu pai. — Se puder, vou pedir que você e minha mãe apressem sua mudança para a casa da viúva. Melba me disse que acha que novas cortinas seriam muito agradáveis na sala de estar. — Eirik piscou para seu filho enquanto Calder terminava. — E no escritório.

Não pude evitar, um arquejo escapou e meus olhos voaram para Aurora, que eu vi olhando impassível para o brilho da mesa da sala de jantar, mas quando senti meus olhos, os dela se ergueram até os meus e os vi reluzindo.

— *Isso é ultrajante!* — Eirik gritou e olhei para ele.

— Não, isso está decidido — Frey declarou, ficando de pé e estendendo a mão para mim. — Senhores — inclinou o queixo para a mesa, em seguida, se virou para minha mãe enquanto meus dedos se entrelaçavam com os dele e me levantava. — Minha rainha — murmurou.

— Drakkar — ela murmurou.

Frey me afastou da mesa, em seguida, acenou com a mão para a cadeira que tinha desocupado, os olhos ainda na sua rainha.

— Seu assento — ele sussurrou.

Os lábios dela se curvaram ligeiramente, em seguida, se levantou com graça, se encaminhou para a cabeceira e se sentou, seus olhos se movendo sobre os homens ao redor da mesa e Frey me guiou pela sala.

Quando estávamos fora dela e do alcance dos seus ouvidos, me inclinei para o meu marido e apertei a mão dele, sussurrando:

— Muito bem, meu belo marido.

— Humm — ele murmurou, olhando para frente. — Estou feliz que você pense assim, minha esposa pequena, mas isso significa nenhuma aventura para você por um tempo. Temos notícias sobre o retorno de Baldur e vou precisar ficar por perto para mostrar meu apoio para a nossa nova líder.

Apontei meus olhos para a frente também, e murmurei:

— Tenho certeza de que vou encontrar algo que possa fazer.

Senti os olhos de Frey sobre mim, mas mantive o olhar para frente do salão. Ouvi Frey suspirar.

— Na verdade, sei que vai e isso me aterroriza — murmurou em resposta e foi então que me permiti rir.

O fiz, e ri alto.



Aquela noite, mais tarde...

Meu corpo pressionou e montou a estrutura longa e musculosa do corpo do meu marido, beijei sua garganta enquanto sentia suas mãos se movendo na pele das minhas costas, então levantei a cabeça e olhei para ele.

— Não acredito que vou dizer isso — falei. — Mas acho que gosto dos seus irmãos.

Seus braços me envolveram, apertados quando murmurou:

— Não fui só eu que sentei no joelho da minha avó Eugenie quando era pequeno.

Sorri para ele e deslizei a mão para envolver seu pescoço.

— Acho que a Franka não passou muito tempo com a sua avó.

— Franka estava ocupada roubando presilhas de cabelo e bobs das suas criadas, escondendo-os nas posses *de outras* criadas, sussurrando nos ouvidos certos e, em seguida, assistindo enquanto falsas acusações eram lançadas, sem o conhecimento do acusador que eram falsas e observando as chamas. Ela teve pouco tempo no joelho da nossa avó.

Podia acreditar nisso.

Os braços de Frey me deram um aperto e observei seu rosto ficar sério. E ele afirmou suavemente:

— Minha mulher não dorme profundamente.

Senti meu rosto suavizar, mesmo enquanto as pontas dos meus dedos se cravavam na pele do seu pescoço.

Ele ia notar, Frey o faria. Ia notar e se preocupar.

Deus, amava esse homem.

— Baby — sussurrei.

— Fale — Frey sussurrou sua resposta.

Minha mão deslizou para cima e meu polegar acariciou sua mandíbula quando perguntei:

— Sobre o quê?

— Sobre o que a impede de ter um sono profundo — respondeu pacientemente, sabendo que eu estava protelando.

Estudei seu rosto amado.

Não havíamos conversado sobre isso. Nada disso. Não houve tempo. Muita coisa estava acontecendo, estávamos viajando por toda parte, tinha muita coisa na minha mente e tinha o Frey de volta, tudo estava bem, não queria reviver isso, nada disso, e ele deixou isso passar. Mas, agora, vi que ele estava esperando por esse momento.

— Quais são as partes que você quer saber? — perguntei.

— Todas elas — respondeu.

Segurei seu olhar. Então suspirei.

— Pensei que você estava morto — sussurrei.

— Eu sei — ele também sussurrou.

Continuei a sussurrar:

— Pensei que havia dito palavras terríveis para você antes de morrer.

Ele também continuou sussurrando quando repetiu:

— Eu sei.

— Frey. — Suspirei, realmente sem querer continuar.

— Finnie. — Ele me deu um aperto, sem me permitir enrolá-lo.

Olhei para o travesseiro ao lado da sua cabeça e meus olhos voltaram para os dele.

— Eu tirei vidas — disse suavemente.

— Você tirou, pequena. Estou contente porque, se não tivesse feito isso, não poderia estar mentindo, nua, deitada em cima de mim.

Isto era verdade.

— Eu... — hesitei, em seguida, confessei o pior de tudo — depois que matei o Phobin não só esfreguei isso na cara de Broderick, esfreguei a derrota na cara dele.

Frey sorriu para mim.

Sim, sorriu.

E começou a rir, pressionando a cabeça para trás nos travesseiros, tudo isso antes de fazer com que rolasse e ele ficasse por cima.

E depois que fez isso, ainda estava rindo.

— Frey! — exclamei. Suas gargalhadas se transformaram em risadas e ele se concentrou em mim.

— Queria estar lá para ver isso — disse, morrendo de rir.

— Não foi o meu melhor momento — retruquei bruscamente.

— Vamos ver, minha pequena. Ele matou o seu pai, a Alyssa, quase matou o Thad e eu. Você passou mais de um mês achando que eu estava morto e se afogando em tristeza e culpa porque a última coisa que fez foi gritar comigo. Ele aprisionou sua mãe, arquitetou a morte de diversos soldados...

— Tudo bem, tudo bem — o interrompi. — Entendo isso, mas, alô? Frey? Se lembra, algum tempo atrás, quando dei um sermão em milhares de pessoas sobre misericórdia? E lá estava eu, jogando na cara de Broderick...

Ele ergueu a mão até o meu queixo, colocou o polegar nos meus lábios e apertou de leve.

Em seguida, disse suavemente:

— Você vai notar que não fui eu quem se levantou quando a Viola estava sendo bombardeada com mísseis de gelo e exigiu misericórdia para ela, e não fui eu, porque as ações dela me deixaram perto de perder você. Com o Broderick, você achava que tinha realmente me perdido e você que havia voltado a perder um pai. Acho que tendo sucesso em derrotá-lo, em apenas quatro dias e deixar a rebelião em desordem, você não pode se culpar por se regozijar.

Bem.

Tinha que admitir, ele tinha razão.

Decidi não responder.

Frey sabia o porquê e sorriu.

Seu sorriso desapareceu, sua mão escorregou para o meu pescoço e disse em voz baixa:

— Temos que falar sobre o que fiz com você.

Balancei a cabeça.

— Não — respondi. — Tudo está bem quando acaba bem e, graças a Deus, terminou bem. Não, Frey, nós não precisaremos falar sobre isso.

— Você diz isso, Finnie, porque ainda carrega a culpa, todo o tempo que achava que eu estava perdido. Essa sombra escura corre profundamente em você, minha pequena. Vejo isso, às vezes, à deriva, através dos seus olhos quando olha para mim.

— Frey...

— Mas se nós não tivéssemos sido atacados no meio daquele episódio, você teria direito a uma explicação, esposa, e ainda tem.

Tentei atacá-lo de surpresa, explicando:

— Eu sei que é, humm... lei, uh... aqui neste mundo, o homem decidir se o controle de natalidade deve ser usado ou não e se a mulher não aderir à sua, uh... decisão, ela pode ser condenada a servir ao reino. — Frey olhou para mim e terminei. — Humm... Contei tudo à Aurora na noite após meu pai... após colocarmos meu pai... em seu barco... — Respirei fundo. — Bem, naquela noite a minha mãe bebeu duas garrafas de vinho sozinha e caí no sono enquanto ela fazia isso, e ela também, e você teve que carregar nós duas para a cama, eu contei a ela o que aconteceu e ela me explicou tudo.

— Não é assim no seu mundo — adivinhou.

Mulheres decidindo ou não fazer controle de natalidade contra os desejos do seu parceiro, sentenciada a fazer trabalhos leves em castelos, hospitais ou orfanatos durante nove meses?

Uh... louco!

— Não — confirmei. — É escolha da mulher, a menos que ela seja casada e então decidem juntos e até que o façam... bem, ela decide sozinha. Eu não sei, eu, uh... nunca fui casada até, bem... agora.

Cuidadosamente, Frey afirmou:

— Você escondeu de mim que estava se medicando.

Pisquei em confusão e tive cuidado para responder:

— Não, querido, não escondi. Não sei porque você pensaria isso, mas acho que nunca estava perto quando eu o tomava.

Ele acenou com a cabeça antes de me lembrar suavemente:

— Tudo bem, Finnie, mas nós discutimos isso quando você abordou o assunto, vinte e quatro horas depois que retornei para você, depois que estive no mar.

— Eu sei, Frey, porque estávamos prontos para ter relações sexuais vinte e quatro horas após o seu regresso para mim e, naquele momento, pensei que ia voltar para casa e não queria fazer isso grávida ou com um recém-nascido que nunca veria seu pai de novo.

Ele me estudou por um longo momento.

Em seguida, murmurou:

— Eu interpretei mal isso — mas enquanto falava, sustentou meu olhar.

Sorri para ele e disse baixinho:

— Deduzi que sim.

Seus olhos desceram para a minha boca, em seguida, sua mão se moveu, então o polegar pôde acariciar minha bochecha enquanto seus olhos se levantavam de volta para os meus.

— Estava apaixonado por você quando pedi aos elfos para a vincularem a mim — ele sussurrou.

Meu corpo enrijeceu ligeiramente sob o dele, balancei a cabeça e sussurrei:

— Frey...

— É verdade que não sabia disso — me interrompeu. — Tudo o que eu sabia era que, quando o Nillen me disse que estava previsto que você partiria, não pude suportar. Nillen me avisou que haveria consequências, mas decidi que aceitaria o que quer que fosse, desde que soubesse que você nunca poderia me deixar. — Seu rosto se aproximou e sua voz baixou quando prosseguiu: — Você já tinha um lugar no meu coração, Finnie. Tem que acreditar que não teria feito o que fiz, se isso não fosse verdade.

— Você mal me conhecia — apontei baixinho.

— Sabia que você era bonita. Sabia que você cheirava bem. Sabia que preenchia um vestido muito bem. Sabia que podia cozinhar. Sabia que seu rosto ficava rosado e seus olhos brilhavam quando estava animada. Sabia que, em apenas algumas semanas você fez amigos, vocês conversavam alegremente, estava interessada em mim, sorria com facilidade, ria prontamente, você iria em minha defesa quando achasse que eu estava enfrentando um perigo, você respondia ao meu toque e — sorriu — você fazia isso descontroladamente.

Revirei os olhos.

Frey continuou falando, então os revirei novamente.

— Deixei você sozinha na minha cabana e você não apenas sobreviveu, você prosperou e sabia que você era uma mulher incomum, uma mulher rara, que me correspondia. Então, conhecia você, Finnie. A vinculei a mim sabendo que queria saber mais a seu respeito e sabia que queria fazer isto pela vida toda.

Ah, meu Deus, ele realmente disse isso?

Olhei para ele, o coração na garganta.

Ele disse aquilo.

Com a voz rouca, comecei a ameaçar.

— Frey Drakkar, se você me fizer chorar...

Ele me interrompeu.

— Mas o que não soube até bem mais tarde, foi que, quando os elfos vincularam você a este mundo, também vincularam você a mim. Quando voltei do reino deles, sabia onde você estava, eu a senti, eu pude encontrá-la, fui direto para você, levando os dragões comigo. Enviei um mensageiro para levar os homens até mim, para que estivessem a salvo do fogo do dragão. Depois, como você correu com suas bruxas pela floresta, sabia exatamente onde estava, para que o fogo dos meus animais nunca chegasse perto de você.

Então pisquei e respirei fundo.

— Sério?

Ele sorriu novamente e sussurrou:

—Sério.

— Legal — sussurrei de volta, ainda respirando profundamente e vi o sorriso do meu marido ficar maior.

O seu rosto suavizou e seus olhos quentes percorreram os meus enquanto murmurava:

— Pelos deuses, espero que você nunca perca a admiração por tudo o que é a vida, minha pequena Finnie.

— Bem, já que estou em um mundo com dragões que cospem fogo, elfos mágicos, rapazes gostosos que são imunes ao calor extremo e navios fantásticos que parecem saídos de um filme que são batizados em minha homenagem. Não acho que isso vá acontecer — disse a ele e sua cabeça inclinou para o lado.

— Saídos do quê?

Segurei seu queixo, levantei a cabeça e encostei minha boca na dele.

Deixei minha cabeça cair no travesseiro e sussurrei:

— Vou explicar mais tarde.

O olhar nos seus olhos mudou, essa mudança resultou em um formigamento em um lugar realmente bom e sua mão deslizou do meu queixo para o meu pescoço, meu peito e por minha lateral enquanto murmurava:

— Vai?

— U-hum — concordei, empurrando meu corpo contra o dele enquanto minhas mãos se moviam sobre ele e sua cabeça se aproximou mais, o nariz deslizando ao longo meu.

— Quando? — perguntou em voz baixa.

— Mais tarde — respondi, enganchando uma perna em volta do quadril dele.

Seus lábios estavam tão perto que podia sentir sua respiração na minha, mas os olhos permaneceram abertos e mantiveram os meus

cativos.

— O que vamos fazer agora? — Perguntou.

— Não sei — falei, sem fôlego. — Você tem alguma ideia?

— Algumas — respondeu, com a voz ligeiramente rouca, a mão deslizando pela minha lateral até segurar meu seio.

Inspirei suavemente.

— Acho que posso gostar das suas ideias — disse a ele.

— Sei que você vai gostar — ele disse.

— Seguro de si mesmo? — provoquei, o polegar deslizou sobre meu mamilo, minhas costas arquearam e respirei de forma não inteiramente relaxada.

— Sim — ele respondeu, com os olhos sorridentes, mas ainda iluminados com o brilho lânguido e sexy.

Uma das minhas mãos deslizou até a pele macia das suas costas, até o seu cabelo.

— Você podia me contar como é no reino dos elfos — sugeri.

— Mais tarde — sussurrou, seus lábios ainda perto, o polegar agora circulando meu mamilo.

Mordi o lábio enquanto as sensações rolavam através de mim, e esperei, sem fôlego, sua boca tomar a minha.

Quando não consegui, pedi em um sussurro:

— Sério, baby, você vai me beijar, ou o quê?

Meu marido me fez esperar meio segundo, enquanto, super perto, olhou no fundo dos meus olhos.

E, do jeito de Frey, me deu o que eu queria.

Me beijou.



Aliás, dormi profundamente naquela noite e, exceto em uma ocasião rara, todas as noites depois dessa.



Um mês depois...
No escritório da Rainha, Rimée Keep, Snowdon

Fiquei em silêncio na janela do escritório da minha mãe, meu corpo virado para ela, mas minha cabeça virada para poder ver as pessoas na recepção.

Frey, Calder, Apollo, Olwen, Norfolk e Walter estavam de pé em um lado, os chefes de três Casas Lunwynianas uma vez, então Middlelandianas, e novamente Casas Lunwynianas, estavam do outro lado. Nenhum dos três tinha participado da rebelião e, por sua recusa em apoiar essa campanha, todos tinham sido presos, durante toda a breve batalha do Broderick e, em seguida, pelos outros chefes.

Agora, não estavam.

Minha mãe estava atrás da mesa, inclinada sobre ela, assinando um enorme pedaço de pergaminho.

Baldur estava ao lado dela, olhando para ela com um rosto de pedra.

Ela se endireitou e lhe ofereceu a pena de prata.

Os lábios dele se curvaram enquanto olhava para a caneta.

— Não demore, Baldur — Apollo disse, com voz baixa. — Sua carruagem espera e o resto de nós tem o que fazer.

Baldur olhou para Apollo, em seguida, olhou para minha mãe.

— É do meu entendimento, que meu filho mostrou bondade para com sua filha antes que ela o liquidasse — observou friamente.

Mamãe não mostrou nenhuma reação a este comentário inútil, o que foi um milagre, considerando todas as outras coisas que *não* eram

bondosas que Broderick fez, inclusive ordenando o assassinato do seu (e do meu) marido, e ela declarou suavemente:

— E é do meu entendimento que ela realmente não o matou, ela o feriu de forma não letal, mas, em vez disso, foi um dos homens do Drakkar, agindo corretamente sobre o que achava que seria a vontade do seu comandante ausente, que dilacerou seu filho. — ela fez uma pausa, então, concluiu, nem mesmo tentando esconder o orgulho. — Mas ela tomou, é claro, a vida do amante dele.

A boca do Baldur ficou tensa e seus olhos deslizaram através das cabeças de ambos os lados, evitando o meu olhar quando o fez e, em seguida, sussurrou:

— Isso é absurdo. Esta mulher não tem nem mesmo o sangue de um Wilde, e é uma *mulher*, por todos os deuses.

— Suas opções foram explicadas, Baldur — Frey o lembrou em voz baixa. — Você fez a sua escolha. Com este atraso, está dizendo que está indeciso? — Os olhos do Baldur foram até o Frey, e Frey concluiu: — Porque, se está, vou ficar feliz em fazer a escolha por você.

— Minha escolha não mudou — Baldur rebateu.

Eu estava presumindo que não ia, pois suas escolhas eram abdicar da reivindicação do seu trono ao assinar esse papel e imediatamente, partir em uma viagem para se exilar em uma ilha pequena em algum lugar ao sul, distante daqui, ou um julgamento por impeachment que podia acabar em exílio por toda a vida, não em uma ilha ensolarada, mas em uma masmorra fria.

Ele seguiu em frente.

— Mas é minha função e desejo que seja conhecido que você e os seus chefes agiram muito além dos limites da decência e do respeito. Dragões cuspidos fogo e julgamentos por traição dos chefes das casas? É ridículo. Estes são os jogos da política, como têm sido jogados há séculos.

— Estamos caminhando para uma nova era — Aurora anunciou suavemente, os olhos sobre Baldur — onde a política não inclui assassinatos e confrontos de espadas, mas diplomacia. E as cabeças que permanecem estão entusiasmadas com o futuro brilhante de Lunwyn.

Os olhos do Baldur se estreitaram sobre ela e retrucou:

— Ao seu comando, você vai liderar a nova Lunwyn para a miséria e o meu povo vai se revoltar.

— Veremos — Aurora murmurou, em seguida, seu rosto se iluminou um pouco. — Embora, diante da abertura da sua tesouraria, abolindo o seu papel-moeda e permitindo que os nossos cidadãos se reunissem para trocar a sua moeda de papel pela nossa moeda, eles parecem estar bastante contentes, no momento.

O rosto do Baldur ficou vermelho e apertei os lábios para me impedir de sorrir e olhei para fora da janela para não ver o Baldur arrancando a caneta da mão da Aurora. Ouvi o rabisco da caneta sobre o pergaminho e também ouvi seus movimentos quando caminhou para fora. Não olhei para trás até que minha mãe falou.

— Senhores, se fizerem a gentileza — convidou, e a observei se mover regamente para a mesa oval no canto da sala.

Os chefes se moveram para lá com a minha mãe. Frey e Apollo caminharam até mim. Quando chegaram, pararam perto de mim e a mão de Frey deslizou para a parte inferior das minhas costas.

— Você gostaria de ficar, minha Finnie? — ele perguntou em voz baixa e franzi o nariz.

— Participar de uma *reunião*? — perguntei de volta e ele sorriu para mim antes de virar seu sorriso para um Apollo abertamente divertido.

— Não é excitante o suficiente para a minha pequena esposa — murmurou para Apollo.

A resposta de Apollo foi um divertido e retumbante:

— Humm.

— Vocês dois, divirtam-se — murmurei.

— Certo — Apollo murmurou, parecendo querer participar desta reunião tanto quanto eu.

— E os seus planos? — Frey perguntou e meus olhos foram até os dele.

— Checar o Sky. Está fazendo um teste, deve ter terminado, agora. E a Bess está partindo.

Ele assentiu.

— Então você devia estar longe.

— Eu devia estar longe — concordei.

Seus olhos aqueceram, sua cabeça abaixou e encostou a boca na minha antes de voltar a levantar a cabeça.

— Te vejo mais tarde — murmurou, olhando por cima do ombro, para a mesa de conferência.

— Tudo bem, querido — sussurrei, levantei a mão, toquei seu peito e seus olhos voltaram para mim, então sorri.

Sua mão ficou tensa nas minhas costas e ele se afastou.

Me virei para o Apollo e sorri para ele também. Meu sorriso vacilou enquanto ele devolvia meu olhar, mas pegou minha mão e a ergueu, levando-a aos lábios. Vi quando a roçou de leve com os lábios e deixou cair nossas mãos, mas manteve a minha firmemente segura.

— Até que nos encontremos novamente, doce Finnie — sussurrou suavemente e senti minha boca suavizar.

— Até que nos encontremos de novo, Apollo — sussurrei de volta, apertando os dedos.

Ele ia me soltar, mas o segurei firme e me aproximei mais um pouco.

Então, disse baixinho:

— Uma mulher sábia me disse uma vez que a felicidade é uma linha com contentamento em uma extremidade e felicidade na outra. — Apertei os dedos dele novamente e continuei com fervor: — Espero que

você, pelo menos, encontre uma maneira para ficar no meio dessa linha, Apollo.

Seus lábios se inclinaram um pouco antes da sua cabeça virar e soube que estava olhando para o Frey, quando olhou de volta para mim e vi seus notáveis olhos brilharem com uma luz atraente, antes de responder:

— Já fiz isso, minha princesa, bastou saber que você estava acima da linha da felicidade.

Minha barriga aqueceu.

— Apollo — sussurrei.

— Se segure firme a isso, meu doce — respondeu suavemente. — Cada dia é um presente.

Ele sabia e eu também, nós sabíamos que isso era verdade. Só gostaria que houvesse alguma forma deste homem maravilhoso abrir seu coração para uma mulher que fosse generosa com ele. Mas sabia, como soube quando pensei que tinha perdido o Frey, que isso era impossível.

Assenti, seus lábios se curvaram mais, seus dedos apertaram os meus, então me soltou e se afastou.

Eu o olhei e vi que o Frey estava nos observando. Sorri para ele enquanto seus olhos deslizavam para o Apollo, e depois, voltaram para mim, os dele aquecidos e sorriu suavemente de volta. Olhei para a minha mãe que inclinou o queixo para mim, seus lábios se curvaram ligeiramente, em seguida, olhou para a mesa.

Saí da sala e corri para a entrada lateral de Rimée Keep, esperando que Bess ainda não estivesse longe.

Quando saí, vi que não estava, mas a carruagem já estava carregada, os cavalos atrelados e ela estava de pé ao lado deles, preocupada. Sua cabeça se virou e seu rosto se iluminou quando me viu.

— Ah, Finnie! Aí está você!

Correu para mim enquanto me movi até ela e nós pegamos a mão uma da outra.

— Seus baús estão embalados, tudo está pronto e... — ela começou, mas a interrompi.

— Bess, vou ficar bem — disse a ela.

— Eu sei, mas, as outras garotas...

— As outras meninas, espero, irão desfrutar de uma pausa tão necessária quanto você está prestes a desfrutar.

Ela olhou para mim e sorriu, então sorri em resposta, porque nós duas sabíamos que Jocelyn e Esther iriam, sem dúvida, aproveitar as pausas, pois ambas estavam em Houllebec na companhia dos seus homens, Thad e Oleg.

Para onde Frey e eu estávamos indo na manhã seguinte, e estava feliz com isso.

Meus pés, mais que definitivamente, coçavam.

Em seguida, seu sorriso desapareceu e sussurrou:

— Vou sentir sua falta, minha doce princesa.

Abaixou as mãos, mas a puxei para os meus braços para lhe dar um abraço e sussurrei no seu ouvido:

— E eu vou sentir sua falta, minha doce Bess, mas é apenas por um curto período de tempo e, em breve, estaremos todas juntas novamente e prontas para enfrentar nossa próxima aventura. — A apertei com força, então a soltei e recuei. — Agora vá. Passe algum tempo com sua família e vou ver você em breve.

Ela assentiu, sorriu para mim novamente e pulou, correu para a carruagem, segurando a mão do lacaios que esperava por ela. Ele a ajudou a entrar, fechou a porta e ela se inclinou para fora da janela. E acenou para mim quando o lacaios ordenou ao condutor:

— Em frente.

— Adeus, Finnie! — gritou, acenando enquanto a carruagem seguia em frente.

— Adeus, Bess! — gritei de volta, acenando também.

Olhei e acenei enquanto a carruagem continuava a se mover até que desapareceu ao redor do castelo. E estava olhando nessa direção, vendo a cidade gelada de Snowdon, agora incorporando o verde profundo do curto verão de Lunwyn. O gelo e a neve se foram, a terra estava exuberante e vibrante e, Frey me disse, ficaria assim por mais um mês, mais ou menos, antes da neve voltar e cobrir a nação em gelo.

Me virei para as portas, as atravessei e imediatamente encontrei um Kell carrancudo que estava marchando na minha direção.

— Ei, Kell — o cumprimentei quando chegou perto e nós dois paramos.

— Onde está o Frey? — ele grunhiu, não me cumprimentando quando nós dois paramos.

— Em uma reunião — informei a ele, suas sobrancelhas se ergueram e, em seguida, seu rosto voltou a mostrar uma carranca.

— Uma reunião? — perguntou como se este conceito fosse estranho para ele, estranho e revoltante.

— Sim, você sabe, onde as pessoas se sentam, discutem questões importantes, bebem café, comem doces e decidem o futuro de centenas de milhares de pessoas — disse. — Uma reunião.

Ele continuou a exibir a carranca. Em seguida, resmungou. E se virou sem dar outra palavra e marchou para fora.

Ri comigo mesma. Depois, me movi pelo corredor só para encontrar outra pessoa e ver uma serva que vinha até mim.

— Minha princesa — falou suavemente, em seguida, se abaixou em uma rápida reverência antes de se endireitar e oferecer um envelope cor de creme para mim. — Isto veio no correio de hoje.

— Obrigada, Michelle — disse suavemente, pegando o envelope.

Ela fez outra medida rápida e correu para longe.

Virei o envelope e vi um selo de cera verde brilhante, selado com um duplo L rabiscado em círculo.

Lavinia.

Sorri, deslizei a unha sob o selo, abri o envelope e tirei o papel grosso, cor de creme de dentro, abrindo-o e lendo:

Princesa do inverno.



A adela criou raízes!

Não posso te dizer como estou satisfeita. Como você sabe, plantei três galhos e todos os três começaram a brilhar. Estão crescendo dentro da terra, chegando ao reino élfico. É muito emocionante ter este sucesso precoce.

Estou partindo através da minha bela Lunuvyn para plantar mais galhos antes das geadas chegarem. Vai demorar décadas para as árvores se espalharem, mas a nossa grande terra será agraciada pelo brilho da adela, mais uma vez, vou me assegurar de que isso aconteça.

Recebi a sua carta e é bom saber que a sua gravidez não lhe causa problemas como outras mulheres suportam.



Desjo isto para você pelo resto dela e estarei ao seu lado quando chegar a hora de você entregar o nosso próximo rei ou a nossa próxima Princesa do Inverno a este mundo. E aguardo histórias da sua próxima aventura, minha princesa.

Com amor,

Lavinia.

Sorri para o papel, dobrando-o e deslizando-o de volta em seu envelope. Me movi para antigo escritório da minha mãe, uma sala menor, mais feminina e agora não utilizada.

A porta estava aberta e parei para observar Skylar atrás da mesa, Penelope deitada em cima dela. Ele estava inclinado sobre ela com um lápis na mão. Ela estava abanando a cauda de forma ampla, bagunçando seus papéis.

— Pare com isso, gato — ele murmurou.

Penelope afastou a cauda para longe, em seguida, a lançou sobre os seus papéis.

Ele virou a cabeça e olhou para o felino.

— Pare com isso, gato!

Ela fez isso mais duas vezes.

Skylar emitia um grunhido de menino que, de forma alarmante, era parecido com os que tinha ouvido os homens de Frey emitirem em várias ocasiões e puniu meu gato ao pegá-la na mesa, colocá-la nos braços e torturá-la com afagos atrás das orelhas.

Pude ouvir o ronronar da Penelope por todo o caminho através da sala.

Quando ouvi os dois, sorri.



Duas semanas depois, Houllebec.

Me sentei no colo de Frey embaralhando as cartas, meus olhos sobre os ocupantes da mesa.

Esther se sentou no colo do Oleg e não fiquei surpresa ao ver isso, porque já os tinha visto juntos antes. Ele era tão gentil quando estava com

ela como quando o Frey estava comigo.

Mas, mesmo assim, ainda não falava muito e quando falava, era principalmente com grunhidos.

Jocelyn se sentou, radiante, no colo do Thad e, embora Esther e Oleg estivessem testando as águas, claramente se divertindo juntos, estavam se tornando próximos. Não precisou de um doutor do amor para ver que Jocelyn tinha se apaixonado e quando digo isso, quero dizer, *profundamente*.

Thad também. Não era muito de mostrar isso, embora ele, assim como o Frey, não tivesse medo de demonstrar afeto e muitas vezes brincava com ela de uma maneira que achei ser super doce. Foi isso que o Thad disse ao Frey e Frey me disse, assim tinha informações privilegiadas que o Thad tinha se apaixonado, e profundamente, pela minha Jocelyn.

Thad também estava recuperado, ou tanto quanto jamais ficaria. Havia sofrido uma lesão na perna, o que significava que sempre mancaria um pouco. Mas tinha notado que não estava deixando isso atrasá-lo. Também notei que nenhum dos outros homens falou nada sobre isso, chamou atenção para isso ou tratou o Thad de forma diferente.

Ruben estava conosco também, mas sua mulher não estava lá, como a do Laurel, Ulysses e do Frederick.

Parei de embaralhar, sorri e conversei enquanto dava as cartas, cada carta que jogava na pilha do meu marido eu tirava do fundo do baralho.

Então, virei as que sobraram para baixo, peguei minhas cartas e comecei a mexer com elas na minha mão, mas não fui muito longe.

Frey jogou a mão em cima da mesa e anunciou:

— Finnie roubou.

Olhei para a mesa, para a fantástica mão que havia dado a ele, em seguida, levantei a mão para tocar meu peito e meus olhos se moveram para o meu marido.

— Eu? — perguntei com fingida inocência.

Frey sorriu.

— Você — respondeu.

— Bem, eu nunca... — murmurei.

— Sim, você roubou, Finnie. Todo o tempo — afirmou Thad.

Ele não estava errado.

— Finnie? — Ouvi uma voz que me era familiar, uma voz que não ouvia há muito tempo, uma que pensei que nunca ouviria de novo, e me virei lentamente no colo de Frey e olhei para a mulher de pé atrás dele e meu coração pulou na minha garganta.

— Claudia? — sussurrei, observando minha amiga usando um vestido estilo Lunwyniano, seu cabelo preso para trás, uma ruiva, também em um vestido Lunwynian, em pé atrás dela, seus lábios curvados em um sorriso de gato.

— *Claudia!* — gritei, pulei para fora do colo de Frey, contornando-o e me joguei nos braços da minha amiga. — Ah, meu Deus. Meu Deus. Ah, meu Deus, *Deus, Deus!* — gritei, segurando-a firme e balançando-a de um lado para o outro.

— Ah, Finnie, querida, ah, Deus — Claudia murmurou no meu ouvido, em seguida, começou a chorar, soluçando com os braços em volta de mim.

— Ah, Claudia, querida — murmurei de volta, em seguida, desatei a chorar.

Depois que fizemos isso por algum tempo, me afastei, emoldurei seu rosto com as mãos, sorri para os olhos molhados e brilhantes. Eu a soltei e me joguei para a Valentine.

— Valentine — sussurrei, segurando-a com força.

— Minha deusa do amor — sussurrou de volta, me dando um aperto.

Nós não dissemos mais nada, apenas nos abraçamos. Não a via há muito tempo, ela partiu logo após Frey e seus dragões exterminarem o

inimigo e não tive notícias dela desde então.

Finalmente, me afastei, sorri e estendi os braços para cima. Meus olhos pegaram um brilho na sua garganta, eles foram para lá e vi um muito, *muito* grande diamante de gelo da Sjöfn, que tinha confundido com águas-marinhas na minha coroa e nas joias que usava na minha noite de núpcias, mas que eram realmente diamantes muito procurados, muito caros e encontrados apenas nas profundezas de Lunwyn. Diamantes que a lenda contava serem tingidos de azul pelos elfos.

Olhei para o diamante, em seguida, para ela.

Quando notou meu olhar, ela sussurrou:

— Eu te disse. O amor é tudo e seu marido sabe disso.

Pisquei.

Frey deu a ela esse diamante. Em algum lugar ao longo da linha, Frey deu a ela um diamante caro, em um outro mundo, em pagamento para ela trazer a Claudia até mim. Em pagamento para trazer coisas que amava do meu antigo mundo para o meu novo mundo.

Eu a soltei e lentamente me virei para o Frey, que estava me observando.

— Você fez isso — sussurrei.

— De fato — respondeu.

Olhei dentro dos seus olhos verde oliva.

Comecei a chorar.

Cerca de meio segundo mais tarde, estava nos braços do meu marido, meu rosto aninhado no seu pescoço.

— Esse é o marido dela? — Através das minhas lágrimas ouvi a Claudia sussurrar para a Valentine.

— Sim, querida Claudia — Valentine respondeu com um suspiro. — Como, em sua perspicácia infinita, você imaginou isso?

— Bem, ele é um gato — Claudia disparou de volta. — Quero dizer, como, *gato*, gato. Como *transcendentalmente* gato. Não que a Finnie não conseguisse um cara quente, mas... nunca vi esse nível de quente.

— Gato de outro mundo — Valentine murmurou, suas palavras que soaram vagamente irritadas, de uma forma que declarava que Valentine realmente achava isso bastante chato, mas não estava disposta a gastar nenhum esforço para ficar *demasiadamente* irritada com os gostos da Claudia.

Humm. Parecia que as coisas não tinham mudado entre a Valentine e a Claudia.

Me afastei um pouco de Frey, limpei o rosto e sorri como uma lunática para as minhas amigas.

— Peguem cadeiras, sentem-se, nós estamos jogando cartas. Vou apresentá-la a todos.

Claudia sorriu para mim.

Valentine olhou horrorizada para a mesa como se sentar em um pub e jogar cartas fosse semelhante a passar a noite em um hotel que tivesse menos de cinco estrelas.

Eu ignorei isso totalmente e gritei:

— Lindy! Precisamos de canecas!

— Entendi, Princesa Finnie — Lindy gritou de volta.

— Que incrível. *Princesa Finnie* — Claudia sussurrou e sorriu para mim.

Sorri de volta.

Minha amiga, do meu velho mundo se sentou com os meus amigos do meu novo mundo, a apresentei a todos, jogamos cartas e bebemos cerveja.

Bem, com exceção de mim, eu joguei cartas, mas Lindy trouxe suco de maçã na minha caneca.



Mais tarde naquela noite...

— O que é isso? — Frey perguntou quando nos sentamos no colchão à luz do fogo e das velas no sótão da sua cabana, Penelope enrolada em uma bola sonolenta nos pés da cama, todos os nossos amigos foram para casa, para suas camas macias e corpos quentes, a Claudia e a Valentine se hospedando em uma pousada na cidade.

Peguei um pouco de manteiga de amendoim, deixei o frasco de lado e mergulhei o marshmallow nele.

Claudia tinha convencido a Valentine a me trazer presentes.

E trouxe bons presentes.

Olhei para o meu marido que estava, cautelosamente, inspecionando os meus movimentos.

— O paraíso em uma colher — disse para ele e virei a colher cheia na sua direção. — Experimente — o encorajei e seus olhos viraram para mim.

Sua boca se abriu e lhe dei o paraíso em uma colher.

Quando estava engolindo o delicioso creme e eu tinha começado a mergulhar a colher de volta no pote, perguntei:

— Você gostou?

— É... interessante — ele respondeu.

Olhei para ele, sorri, então enfiei uma colher gigante de manteiga de amendoim e marshmallow na minha boca.

Meus olhos se fecharam lentamente, em êxtase e abandono, enquanto eu lambia a colher até deixá-la limpa.

— Deuses — Frey murmurou e, de repente, me vi sem colher ou copo e de costas na nossa cama com o meu marido em cima de mim.

— Frey, não terminei — falei enquanto seus dedos puxavam minha camisola para cima.

— Você terminou — ele me disse enquanto minhas mãos deslizavam em torno dele.

— Não, sério, eu não tinha...

Seus lábios macios vieram até os meus, seus quadris duros pressionaram os meus, e grunhiu:

— Você pode terminar mais tarde.

— Certo — respirei contra sua boca.

Senti seus lábios sorrirem, e ele inclinou a cabeça e me beijou.

Meu belo marido tinha sabor de manteiga de amendoim e marshmallow.

Beijo número três na lista dos nossos melhores beijos.

Beijos, todos eles, melhores que todos... absolutamente todos... meus sonhos mais selvagens.



***Muito tarde naquela noite, na floresta
nas cercanias de Houllebec.***

Valentine Rousseau se moveu através da noite escura até que viu a figura emergir de trás de uma árvore e parou.

Não havia uma nuvem no céu, a luz da lua era brilhante e viu o corpo grande, firme, musculoso, o espesso cabelo escuro, a mandíbula forte e os olhos verde jade.

Delicioso, pensou como sempre pensava quando via este espécime lindo.

— Você é uma bruxa poderosa — sua voz profunda e atraente retumbou.

— Sou — ela respondeu.

Ele hesitou.

Em seguida, perguntou:

— É verdade o que me disse o Frey?

— Sobre cada mundo ter seu gêmeo? — ela perguntou.

Ele não se incomodou em responder, mas ela sabia.

Ela sabia.

Teve o prazer de trazer para sua deusa do amor potes de manteiga de amendoim, marshmallow e até mesmo sua amiga tediosa, para que tivesse seu delicioso diamante azul gelo do Drakkar.

Mas Valentine era multitarefa.

— É — ela respondeu.

Ele se moveu um passo mais perto e ela jogou a cabeça para trás, mantendo controle sobre aqueles notáveis olhos verdes.

E o que viu ali a fez inspirar delicadamente.

Então, estendeu uma pequena bolsa de couro para ela, ela levantou a mão com a palma para cima e ele a deixou cair.

— O nome dela é Ilsa Ulfr — grunhiu, em seguida, se virou e se afastou.

Ela olhou para os ombros largos que se afastavam.

Em seguida, abaixou a cabeça, puxou a faixa de couro da bolsa para abri-la e derrubou as pedras na palma da mão.

Elas brilhavam à luz do luar.

Sorriu o seu sorriso de gato.

E, olhou para longe e viu que ele tinha sumido.

— O amor — sussurrou para a noite — é tudo.

FIM.

Glossário do Universo Paralelo

Lugares, mares, regiões da série Fantasyland de

Kristen Ashley

Bellebryn — (lugar) Pequeno principado pacífico e do tamanho de uma cidade, localizado nas Terras do Norte e totalmente dentro dos limites de Hawkvale e do Mar Verde (oeste)

Fleuridia — (lugar) Uma nação pacífica e avançada, localizada nas Terras do Norte; com limites para Hawkvale (norte e oeste) e Mar Marhac (sul)

Mar Verde — (mar) Corpo de água parecido com o oceano, com costas próximas a Bellebryn, Hawkvale, Lunwyn e Middleland

Hawkvale — (lugar) Uma nação pacífica e avançada, localizada nas Terras do Norte; fronteiras com Middleland (norte), Fleuridia (sul e leste) e o Mar Verde (oeste) e Mar de Marhac (sul)

Keenhak — (lugar) Nação primitiva guerreira, localizada nas terras do sul; limites com Korwahk (norte) e Maroo (oeste)

Korwahk — (lugar) Nação primitiva guerreira, localizada nas terras do sul; limites com o Mar de Marhac (norte) e as nações de Keenhak (sudeste) e Maroo (sudoeste)

Korwahn — (lugar) Grande capital de Korwahk

Lunwyn — (lugar) Uma nação pacífica e avançada, localizada nos lugares mais distantes das Terras do Norte; limites com Middleland (sul), Mar Verde (oeste) e Mar de Inverno (norte)

Mar de Marhac — (oceano) Separa Korwahk, Hawkvale e Fleuridia

Maroo — (lugar) Nação primitiva guerreira, localizada nas Terras do Sul; limites com Korwahk (norte) e Keenhak (leste)

Middleland — (lugar) Uma nação um tanto avançada com um rei tirano, localizado nas Terras do Norte; Limites com Hawkvale (sul), Fleuridia (sul), Lunwyn (norte) e Mar Verde (oeste)

Mar de Inverno — (oceano) Corpo de água no Ártico, que forma a costa norte de Lunwyn, cheia de grandes geleiras.

Northlands — (região) A região ao norte do equador na terra alternativa

Southlands — (região) A região ao sul do equador na terra alternativa

Sobre a Autora

Kristen Ashley cresceu em Brownsburg, Indiana, mas viveu em Denver, Colorado e no oeste da Inglaterra. Assim, ela foi abençoada por ter amigos e familiares em todo o mundo. Sua legião é louca (para dizer o mínimo), mas a maluquice é boa quando se quer escrever.

Kristen foi criada em uma casa com uma família grande e multi-geracional. Eles viviam em uma fazenda muito pequena em uma pequena cidade no centro e viviam ao som de Glenn Miller, The Everly Brothers, REO Speedwagon e Whitesnake (e guarda-roupas que combinavam).

Não é preciso dizer que crescer em uma casa cheia de música, roupas e amor foi um bom jeito de crescer.

E enquanto ela continua crescendo, continua melhorando.

^[1] *Petit four é uma massa fina, de tamanho pequeno, que pode ser doce, como massa folhada, biscoito, suspiro ou macarons – ou salgado, como mil-folhas de queijo, pizza de tamanho pequeno ou quiche.*